

PSICANÁLISE DA CRIANÇA



MELANIE KLEIN


EDITORA
MESTRE
JOU

PSICANÁLISE DA CRIANÇA

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Klein, Melanie, 1882-1960.

K72p Psicanálise da criança / Melanie Klein ; tradução Pola Ci-
3. ed. velli. — 3. ed. — São Paulo : Mestre Jou, 1981.

Bibliografia.

1. Psicanálise infantil I. Título.

81-1438

CDD-618.928917
NLM-WS 350

Índices para catálogo sistemático:

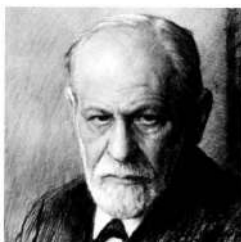
1. Crianças : Psicanálise : Medicina
618.928917
2. Psicanálise infantil : Medicina
618.928917

MELANIE KLEIN

PSICANÁLISE DA CRIANÇA

Tradução:

POLA CIVELLI



Biblioteca Freudiana



EDITORA MESTRE JOU

SÃO PAULO

Terceira edição em português1981

Título original:

Die Psychoanalyse des Kindes

The Psycho-analysis of Children

Capa:

Wilson Tadei

© The Hogarth Press Ltd. — Londres

Direitos reservados para os países de língua portuguesa pela

EDITORA MESTRE JOU

São Paulo. SP

À MEMÓRIA DE
KARL ABRAHAM

COM GRATIDÃO E ADMIRAÇÃO

"Sentimo-nos, às vezes, desalentados face ao vulto de fenómenos com que nos deparamos no vasto campo do psiquismo humano: desde os folguedos infantis e outros produtos típicos das primeiras atividades ou fantasias, através do desenvolvimento inicial dos interesses e aptidões da criança, até às mais altas realizações dos seres humanos maduros, e que se manifestam com as mais extremas diferenciações individuais. Devemos, porém, lembrar-nos que Freud nos deu, na prática e teoria da psicanálise, um instrumento com o qual investigar este amplo tema, desbravando o caminho da sexualidade infantil, essa inexaurível fonte de vida."

ABRAHAM, *Selected Papers*, pág. 406



PREFÁCIO

Pede-me a Editora Mestre Jou que prefacie a tradução brasileira do livro de Melanie Klein. Imagino que apresentar a Autora ao público brasileiro é tarefa absolutamente desnecessária. Figura realmente ímpar no movimento psicanalítico dos nossos dias, reformuladora de conceitos e criadora de novas linhas de pesquisa, Melanie Klein não precisa ser apresentada a um público já maduro, de certa forma, para as novas aquisições da psiquiatria infantil atual. Aprendi com Pedro de Alcântara que (o leitor me perdoe a irreverência) não se apresenta uma figura sobejamente conhecida. Seria o caso de apresentar o leitor à Autora. O livro de Melanie Klein, que a Editora Mestre Jou vem de traduzir e publicar, é um livro clássico da psicoterapia infantil. É mais uma contribuição da Editora ao público brasileiro, já habituado a ler Klein em todas as línguas e agora traduzido ao vernáculo o que, certamente, virá facilitar o manejo de problemas clínicos expostos no texto e dificilmente “internalisáveis” em língua estrangeira, por mais próxima que seja. É um livro para ser lido, estudado e meditado. Atravessamos, no Brasil, uma fase “caótica” da psicoterapia infantil. Velhos padrões vêm sendo substituídos, em uma verdadeira crise de adolescência, na qual, cada um se julga capaz de fazer “análise” e orientar os filhos dos outros, muitas vezes sem saber para onde se encaminha a nossa sociedade e como se estruturam nossos padrões de vida emocional e comunitária. É natural que assim seja em um País que vai “cobrindo distâncias” sem a estruturação e a sedimentação necessárias e imprescindíveis para um trabalho de profundidade. Vale o nosso entusiasmo e a nossa capacidade criadora.

O livro de Melanie Klein, embora de certa forma “maduro” é extremamente atual nesta fase do nosso desenvolvimento. Vale por uma experiência pessoal com a seriedade da Autora, vale como uma advertência para os perigos das aventuras psicoterapêuticas”. A psicoterapia infantil é algo muito sério que somente pode ser realizada seriamente. Para isso este livro é indispensável. Quase se poderia dizer que constitui uma das “cartilhas” obrigatórias. Quem o desconhecer não tem condições de prosseguir. Daí o mérito da Editora em oferecer ao leitor brasileiro esta tradução.

Os muitos anos de psicoterapia da infância permitem-me prevenir o leitor para uma leitura aparentemente fácil porém profundamente “meditativa” e difícil. Melanie Klein foi (e fica difícil esta colocação no passado de uma figura que tanta coisa ainda poderia fazer pela especialidade) uma criatura privilegiada que descortinou novos horizontes e criou, porque não dizer, tantas controvérsias. O movimento prossegue. A sedimentação, a procura da verdade, pertencem ao futuro. Aqui estão, para os que quiserem ler, experiências e “vivências” pessoais para serem analisadas e aceitas, reformuladas se necessário. O que não podemos negar, de forma alguma, é que a contribuição de Melanie Klein a coloca em um plano invulgar na pesquisa, na análise e na procura de uma melhor compreensão da criatura humana. Dizia Vitor Fontes que o grande problema da Psiquiatria Infantil era visualizar a criança “em devir” — aquilo que ela iria ser no futuro e como iria, por isso mesmo, contribuir para o estabelecimento dos futuros padrões sociais. Vale ainda a verdade socrática do conhecer-se melhor a si mesmo para que a humanidade “em devir” seja um pouco melhor.

Transfiro um pouco desta responsabilidade ao leitor. É um livro extremamente sério, merecedor de uma leitura atenta e de uma meditação profunda. Nem todos, como eu mesmo, estarão de acordo com tudo. Mas, é inegável sua contribuição para o aprimoramento dos ideais da humanidade. Fazer com que os homens se conheçam melhor e por isso se entendam mais.

Ao entregar ao público brasileiro esta tradução, enalteço o esforço da Editora em prol da cultura especializada de nosso País e agradeço a honra que me permitiram — dupla — de apresentar Melanie Klein ao leitor brasileiro e de apresentar o leitor brasileiro — sedento de conhecimentos e de cultura

a uma das personalidades mais interessantes, dentro de um campo de pesquisa dos mais importantes, em um mundo de investimentos, no qual (felizmente) o maior “investimento” começa a ser a Criatura humana.

São Paulo, fevereiro de 1969.

Stanislau Krynski

Ex-Presidente da Associação Brasileira
de Neuropsiquiatria Infantil

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

ESTE LIVRO baseia-se em observações feitas por mim no curso de meu trabalho psicanalítico com crianças. Pretendia, originalmente, dedicar a primeira parte à descrição da técnica que elaborei e a segunda, à exposição das conclusões teóricas a que meu trabalho prático gradualmente me levou e que hoje se revelam de grande utilidade na aplicação da técnica que emprego. Mas, à medida que ia escrevendo o livro — tarefa que me levou diversos anos — a segunda parte prolongou-se para além do que fora previsto. **Em adição às minhas experiências com análise infantil, as observações que fiz analisando adultos induziram-me a aplicar meus pontos de vista concernentes aos estádios iniciais de desenvolvimento da criança, também à psicologia dos adultos.** Certas conclusões a que cheguei serão expostas nestas páginas como contribuição à teoria geral psicanalítica dos primeiros estádios evolutivos do indivíduo.

Essa contribuição baseia-se no acervo de conhecimentos que **Freud** nos transmitiu. Foi aplicando suas descobertas que pude ter acesso à mente de crianças muito pequenas e foi assim que pude analisá-las e curá-las. Isso, ademais, me deu a oportunidade de observar diretamente os primitivos processos de desenvolvimento que me levaram às atuais conclusões teóricas. Essas conclusões confirmam plenamente o conhecimento que Freud adquiriu analisando adultos e constituem uma tentativa para estender esse conhecimento em uma ou duas direções.

Se este intento for de alguma forma bem sucedido, e se este livro realmente acrescentar algumas pedras ao crescente edifício do conhecimento psicanalítico, meus maiores agradece-

mentos serão devidos, antes de mais nada, ao próprio Freud. Ele não apenas erigiu o edifício sobre bases que permitiram sua elaboração posterior, como sempre dirigiu nossa atenção para os pontos em que novas alas poderiam ser acrescentadas.

Cabe-me aqui mencionar a participação que tiveram meus dois mestres, dr. Sándor Ferenczi e dr. Karl Abraham, em meu trabalho psicanalítico. Foi Ferenczi quem me introduziu na psicanálise. Foi ele quem me fez compreender sua verdadeira essência e significado. Sua extraordinária sensibilidade para o inconsciente e o simbolismo e sua notável intuição no que se refere à mente infantil influenciaram profundamente minha compreensão da psicologia da criança pequena. Foi ele também o primeiro a notar minha aptidão para a análise infantil, por cujo progresso tomou um interesse pessoal, encorajando-me a me dedicar a esse campo da terapia analítica, ainda muito pouco explorado até então. Fez tudo o que pôde para ajudar-me a trilhar esse caminho, dando-me grande apoio em meus primeiros passos. É a ele que devo meus trabalhos iniciais como analista.

Na pessoa do dr. Karl Abraham tive a sorte de encontrar um segundo mestre com a faculdade de despertar em seus alunos o desejo de aplicarem o melhor de suas energias a serviço da psicanálise. Na opinião de Abraham, o progresso da psicanálise dependia de cada analista em particular — do valor de seu trabalho, da qualidade de seu caráter e do nível de suas conquistas científicas. Esses elevados ideais apresentaram-se ao meu espírito quando, neste livro de psicanálise, procurei resgatar, em parte, a grande dívida que tenho para com essa ciência. **Abraham anteviu claramente as grandes possibilidades práticas e teóricas da análise infantil. No Primeiro Congresso de Psicanalistas Alemães em Würzburg, em 1924, ao comentar uma comunicação minha sobre a neurose obsessiva de uma criança,¹ ele declarou, em palavras que jamais esquecerei: “O futuro da psicanálise está na análise lúdica.”** Meus estudos sobre o psiquismo da criança pequena evidenciaram-me certos fatos que me pareceram estranhos à primeira vista. Mas a confiança que Abraham depositou em meu trabalho estimulou-me a prosseguir. Minhas conclusões

¹ Esse trabalho constitui a base do capítulo 3 deste livro.

teóricas são um desenvolvimento natural de suas próprias descobertas, como espero demonstrar neste livro.

Nos últimos anos, meu trabalho recebeu o mais caloroso apoio por parte do dr. Ernest Jones. Numa época em que a análise infantil ainda se encontrava em seus primórdios, ele previu o papel que desempenharia no futuro. Foi a convite dele que dei minha primeira série de conferências em Londres em 1925, perante a Sociedade Britânica de Psicanálise; e essas conferências deram origem à primeira parte do presente livro. (Um segundo curso, intitulado "A psicologia dos adultos encarada à luz da análise infantil", ministrado em Londres em 1927, forma a base da segunda parte.) A profunda convicção com que o dr. Jones advogou a análise infantil abriu as portas para esse campo de trabalho na Inglaterra. Ele próprio fez importantes contribuições ao problema das primitivas situações de ansiedade, ao significado das tendências agressivas nos sentimentos de culpa, e aos estádios iniciais do desenvolvimento sexual da mulher. Os resultados de seus estudos coincidem com os meus em todos os pontos fundamentais.

Gostaria também de agradecer a outros colegas ingleses pela simpatia, compreensão e apoio que dispensaram à minha obra. Minha amiga srta. M. N. Searl, cujos pontos de vista coincidem com os meus e que trabalha na mesma linha que eu, contribuiu grandemente para a propulsão da análise infantil na Inglaterra, tanto do ponto de vista prático como teórico, e para a formação de analistas infantis. Estendo meus agradecimentos também à sra. James Strachey pela hábil tradução do livro para o inglês, e tanto a ela quanto ao sr. Strachey pela grande assistência que me prestaram com seu estímulo e valiosas sugestões para a composição do mesmo. Agradeço também ao dr. Edward Glover pelo ardoroso e incessante interesse demonstrado por meu trabalho e pela maneira com que me auxiliou com suas simpáticas críticas. Foi ele quem chamou minha atenção para os pontos em que minhas conclusões concordam com as teorias já existentes e aceitas da psicanálise. Tenho, ademais, uma profunda dívida de gratidão para com minha amiga, sra. Joan Riviere, que tanto me apoiou em meu trabalho, mostrando-se sempre pronta a auxiliar-me em todos os sentidos.

E, *last but not least*, quero agradecer de coração à minha filha,

dra. Melitta Schmideberg, pela dedicação e colaboração inestimáveis na preparação deste livro.

MELANIE KLEIN

LONDRES, *julho* de 1932.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO INGLESA

NOS ANOS decorridos após a publicação deste livro cheguei a novas conclusões — principalmente no que se refere ao primeiro ano de vida — e estas me levaram a elaborar algumas das hipóteses fundamentais aqui apresentadas. O propósito deste prefácio é dar uma idéia da natureza das modificações dessas hipóteses, e que são, em resumo, as seguintes: nos primeiros meses de vida, as crianças passam por estados de angústia persecutória ligados à “fase de exacerbação do sadismo”; o bebê também experimenta sentimentos de culpa por seus impulsos destrutivos e fantasias, que são dirigidos contra seu primeiro objeto, sua mãe, e, em primeiro lugar, o seio de sua mãe. Desses sentimentos de culpa surge a tendência a fazer reparações ao objeto injuriado.

Ao tentar completar com maiores detalhes o quadro deste período, verifiquei que certas mudanças de ênfase e de relações cronológicas eram inevitáveis. Assim, cheguei a diferenciar duas fases principais nos primeiros seis a oito meses de vida, e descrevi-as como a “posição paranóide” e a “posição depressiva”. (O termo “posição” foi escolhido porque, muito embora os fenômenos implicados ocorram, em primeiro lugar, durante os primitivos estádios evolutivos, não estão confinados a esses estádios, mas representam agrupamentos específicos de angústias e defesas que aparecem e reaparecem durante os primeiros anos da infância.)

A posição paranóide é o estádio em que predominam os impulsos destrutivos e as angústias persecutórias, e ele se estende desde o nascimento até os três, quatro e até cinco meses de idade. Isto torna necessário alterar as datas atribuídas à fase de exacerbação do sadismo, mas não implica numa mudança

de ponto de vista no que se refere à estreita interação entre o sadismo e a angústia persecutória em seu ponto culminante.

A posição depressiva, que se segue a esse estágio e está ligada a passos importantes no desenvolvimento do ego, estabelece-se por volta da metade do primeiro ano de vida. Nesta etapa, as fantasias e impulsos sádicos, assim como a angústia persecutória, diminuem de intensidade. A criancinha introjeta o objeto total e se torna, simultaneamente, capaz, até certo ponto, de sintetizar os vários aspectos do objeto e suas emoções com relação ao mesmo. O amor e o ódio unem-se em sua mente e isso produz angústia, por temor de que o objeto, tanto interno quanto externo, seja danificado ou destruído. Os sentimentos depressivos e de culpabilidade suscitam o anseio de preservar ou ressuscitar o objeto amado e, destarte, a fazer reparações pelas fantasias e impulsos destrutivos.

O conceito da posição depressiva não só nos obriga a retificar a cronologia das primeiras fases evolutivas como aumenta o nosso conhecimento da vida emocional dos bebês, influenciando vitalmente nossa compreensão de todo o desenvolvimento da criança.

Esse conceito também faz jorrar nova luz sobre os estádios primitivos do complexo de Édipo. Continuo mantendo que estes principiam por volta da metade do primeiro ano. Mas como, atualmente, não mais situo neste período a fase de exacerbação do sadismo, encaro diferentemente o começo das relações emocionais e sexuais com ambos os pais. Consequentemente, ao passo que em algumas passagens (vide capítulo 8) sugeri que o complexo de Édipo se inicia sob o domínio do sadismo e do ódio, eu diria agora que a criancinha se volta para o segundo objeto, o pai, com sentimentos tanto de amor como de ódio. (Nos capítulos 9, 10 e 12, porém, esses pontos foram considerados por outro ângulo e lá aproximo-me de meu ponto de vista atual.) Vejo nos sentimentos depressivos, derivados do medo de perder a mãe amada — como objeto externo e interno — um impulso importante para os primeiros desejos edípicos. Isto significa que atualmente relaciono os estádios primitivos do complexo de Édipo com a posição depressiva.

Há também neste livro várias afirmações que eu hoje, passados dezesseis anos, gostaria de reformular. Tal reformulação, todavia, não implica em nenhuma alteração essencial das conclusões aqui apresentadas, pois este livro, assim como está,

representa fundamentalmente minha opinião atual. Além disso, as mais recentes evoluções de meu trabalho derivam organicamente das hipóteses aqui apresentadas: processos de introjeção e projeção operando desde o começo da vida; objetos internalizados constituindo o ponto de partida da evolução do superego, em todos os seus aspectos; a relação com objetos internos e externos interagindo desde a primeiríssima infância e influenciando, vitalmente, tanto o desenvolvimento do superego como as relações objetais; o despontar precoce do complexo de Édipo; angústias infantis de natureza psicótica fornecendo pontos de fixação para as psicoses. E, ademais, a técnica lúdica — que comecei a desenvolver em 1922 e 1923 e que é apresentada neste livro — continua essencialmente válida; ela foi elaborada mas não alterada pelo desenvolvimento subsequente de meu trabalho.

M. K.

LONDRES, maio de 1948.

NOTA DA TRADUTORA INGLESA

Este livro, com o título *Die Psychoanalyse des Kindes*, foi publicado em Viena, em 1932, pelo *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*. Na tradução de certos capítulos estou em dívida com a srta. I. Grant Duff, com o sr. Adrian Stephen e com meu marido, pelo uso do manuscrito de suas traduções da primeira versão do original. O índice analítico baseia-se no planejado pela dra. Melitta Schmideberg para a edição alemã.

Detalhes sobre todas as obras mencionadas nas notas ao pé de página serão encontrados, sob o nome de seus autores, na bibliografia constante do final do volume.

ALIX STRACHEY

INTRODUÇÃO

O INÍCIO DA análise infantil remonta a mais de duas décadas, à época em que Freud efetuou a análise do “Pequeno Hans”.¹ Esta primeira análise de uma criança foi de grande importância teórica, por dois motivos. O êxito obtido no caso de uma criança de menos de cinco anos demonstrou que os métodos psicanalíticos podiam ser aplicados a crianças pequenas; e, o que é, talvez, ainda mais importante, demonstrou amplamente, através do contato direto com a criança, a existência, até então muito discutida, das tendências infantis instintivas que Freud descobrira no adulto. Além disso, pelos resultados obtidos, surgia a esperança de que, a continuar-se com a análise de crianças pequenas, pudéssemos adquirir um conhecimento mais profundo e mais preciso de sua psicologia do que fora possível através da análise de adultos; e daí poderiam advir contribuições importantes e fundamentais à teoria da psicanálise. Mas, durante muito tempo, essa esperança não se realizou. Por muitos anos a análise infantil continuou a ser uma região relativamente inexplorada no domínio da psicanálise, como ciência e como terapêutica. Embora diversos analistas, principalmente a dra. H. Hug-Hellmuth,² tenham, desde então, empreendido a análise de crianças, não se elaborou nenhuma regra fixa quanto à sua técnica ou aplicação. É a isso que se deve, indubitavelmente, o fato de não terem, até agora, sido geralmente reconhecidas as grandes possibilidades práticas e teóricas da análise infantil, e que aqueles princípios fundamentais e aspectos da psicanálise, que foram, de há muito,

¹ “Analysis of a Phobia in a Five-Year-Old Boy” (1909).

² “Zur Technik der Kinderanalyse” (1921).

adotados no caso de adultos, ainda tenham de ser assentados e provados, no que se refere à criança.

Foi somente nos últimos doze ou treze anos que se efetuou um trabalho mais considerável no campo da análise infantil. Esta seguiu duas linhas principais de desenvolvimento: uma, representada por Anna Freud e a outra, por mim.

Anna Freud foi levada, por suas descobertas, no que se refere ao ego da criança, a modificar a técnica clássica, e elaborou seu método de analisar crianças no período de latência independentemente de meu processo. Suas conclusões teóricas diferem das minhas em vários pontos fundamentais. Em sua opinião, as crianças não desenvolvem uma neurose transferencial,³ de forma que não existe a condição fundamental para o tratamento analítico. Além do mais, ela acha que não se deve aplicar às crianças um método análogo ao empregado para adultos, pois o ideal do ego infantil ainda é muito débil.⁴

Essa opinião difere da minha. A experiência ensinou-me que as crianças podem, perfeitamente, produzir uma neurose de transferência e que, exatamente como no caso dos adultos, surgirá uma situação transferencial desde que empreguemos um método equivalente à análise de adultos, i. e., que evitemos qualquer medida pedagógica e que analisemos a fundo os impulsos negativos dirigidos contra o analista. Constatei, também, que, com crianças de todas as idades é muito difícil, mes-

³ "Diferentemente do adulto, a criança não está preparada para produzir uma nova edição, por assim dizer, de suas relações amorosas porque, continuando a metáfora, a edição original ainda não foi esgotada. Seus primeiros objetos, os pais, ainda são seus objetos de amor na vida real e não somente na imaginação, como no caso dos neuróticos adultos." É mais adiante: "A criança não tem necessidade de trocá-lo" (o analista) "por seus pais, pois o analista não lhe oferece todas aquelas vantagens — em comparação com seus objetos originais — que o paciente adulto recebe ao trocar os objetos de sua fantasia por uma pessoa real" (*Einführung in die Technik der Kinderanalyse*, 1927, págs. 56 e 58).

⁴ As razões que ela aduz são: "a debilidade do ideal do ego da criança, a dependência para suas necessidades e, portanto, para sua neurose, do mundo externo, sua incapacidade de controlar os instintos que foram liberados dentro dela e, em consequência, a necessidade de que o analista a mantenha sob sua orientação educacional" (pág. 82). E acrescenta: "Nas crianças, as tendências negativas dirigidas contra o analista, apesar de frequentemente reveladoras em muitos aspectos, são essencialmente inconvenientes e devemos reduzi-las e debilitá-las o mais rapidamente possível. É, em sua relação positiva com o analista, que se realizará sempre um trabalho realmente valioso" (pág. 51).

mo com a análise em profundidade, atenuar a severidade do superego. Além do mais, se for efetuada sem se recorrer a qualquer influência pedagógica, a análise não somente não debilita o ego da criança, como ainda o fortalece.

Seria, sem dúvida, uma tarefa interessante comparar detalhadamente essas duas linhas de procedimento e, no que se refere aos dados experimentais, computá-las teoricamente. Mas devo limitar-me, nestas páginas, a expor minha técnica e as conclusões teóricas a que a mesma me levou. Conhece-se, relativamente, tão pouco, hoje em dia, sobre análise infantil, que nossa primeira tarefa deve ser a de lançar luz sobre os problemas da análise infantil de todos os ângulos possíveis, unificando os resultados até agora obtidos.

PARTE I

A TÉCNICA DA ANÁLISE INFANTIL

FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA ANÁLISE INFANTIL¹

DAS DESCOBERTAS da psicanálise resultou a criação de uma nova Psicologia Infantil. Por meio delas aprendemos que, já nos primeiros anos de vida, as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e angústia, como também sofrem grandes decepções. Juntamente com o mito da assexualidade da criança sucumbiu o mito do “paraíso da infância”. Essas conclusões, a que chegamos através da análise dos adultos e da observação direta das crianças, foram depois confirmadas e ampliadas pela análise de crianças de tenra idade.

Apoiados em exemplos, vamos, primeiramente, formar um quadro da mente da criança, de acordo com o que nos revela a análise. Minha paciente Rita, que ao principiar o tratamento contava dois anos e nove meses, manifestou preferência pela mãe até o final de seu primeiro ano de vida. Posteriormente, passou a demonstrar acentuada predileção pelo pai e fortes ciúmes da mãe. Aos quinze meses, por exemplo, manifestava freqüentemente o desejo de ser deixada a sós no quarto com

¹ Este capítulo é uma versão ampliada de meu trabalho “The Psychological Principles of Infant Analysis” (1926).

o pai, folheando livros em seu colo. Aos dezoito meses sua atitude tornou a modificar-se e a mãe voltou a ser a favorita. Na mesma época começou a sofrer de pavor noturno e a ter medo de animais. Nos meses seguintes, sua fixação à mãe foi se tornando cada vez maior, e ela desenvolveu intensa aversão pelo pai. Aos dois anos começou a tornar-se cada vez mais ambivalente e difícil, até que, finalmente, aos dois anos e nove meses, trouxeram-na a mim para que a analisasse. Nessa ocasião apresentava acentuada neurose obsessiva. Produzia cerimoniais obsessivos em que uma "maldade" incontornável se alternava com uma "bondade" exagerada, acompanhada de sentimentos de remorso. Tinha crises de paratímia, com todos os sinais de depressão melancólica. Além disso, era muito inibida ao brincar e sofria de grave angústia, incapacidade total para tolerar frustrações e uma disposição de ânimo excessivamente lamuriosa. Essas dificuldades tornavam quase impossível o ato de se lidar com a menina.²

O caso de Rita demonstrava claramente que o *pavor nocturnus* que surgira aos dezoito meses de idade era uma elabora-

² Rita compartilhara do quarto dos pais até quase a idade de dois anos, e em sua análise demonstrou as conseqüências de haver testemunhado a cena primária. O nascimento de seu irmão, quando tinha dois anos, provocou o desencadeamento de sua neurose. Após oitenta e três sessões, seus pais mudaram-se para o exterior e sua análise foi interrompida. Mas em todos os pontos importantes resultou numa melhora considerável. A angústia da menina diminuiu, seus cerimoniais obsessivos desapareceram e seus sintomas depressivos, juntamente com sua incapacidade de tolerar frustrações, foram em grande parte moderados. Ao mesmo tempo que a análise diminuía sua ambivalência em relação à mãe e melhorava suas relações com seu pai e seu irmão, as dificuldades de sua educação foram reduzidas a um nível normal. Tive ocasião de convencer-me pessoalmente da natureza duradoura dos resultados de sua análise, alguns anos mais tarde. Pude, então, verificar que ela entrara no período de latência de maneira satisfatória, e que seu desenvolvimento intelectual e caracterológico eram satisfatórios. Não obstante, quando tornei a vê-la, tive a impressão de que teria sido aconselhável haver prosseguido com sua análise por mais algum tempo. Todo o seu caráter e natureza revelavam traços inequívocos de disposição obsessiva. É de notar-se, porém, que sua genitora sofria de grave neurose obsessiva e tivera uma relação ambivalente para com a menina desde o início. Um dos resultados para melhor, que a análise efetuou em Rita, foi que a atitude de sua mãe para com ela também melhorou grandemente; mas, mesmo assim, foi um grande empecilho para o desenvolvimento da menina. Tenho certeza de que se a análise tivesse prosseguido até o final, aliviando suas características obsessivas, ela teria gozado de imunidade ainda maior ao ambiente neurótico e indutivo à neurose no qual vivia. Sete anos após o fim de seu tratamento, soube, por sua mãe, que ela estava se desenvolvendo satisfatoriamente.

ção neurótica de seu conflito edípico. Suas crises de cólera e de angústia, que não passavam de uma repetição de seus terrores noturnos, assim como suas outras dificuldades, estavam intimamente relacionadas com fortes sentimentos de culpa, resultantes desse conflito primitivo.³

Consideraremos agora o conteúdo e as causas desses precoces sentimentos de culpa, referindo-nos a um outro caso. Trude, de três anos e nove meses,⁴ costumava amiúde fazer de conta, em sua análise, que era noite e que ambas estávamos dormindo. Ela então vinha avançando para mim do canto oposto da sala (onde se supunha estaria o seu quarto de dormir) e ameaçava-me de várias maneiras, como, por exemplo, de que ia me apunhalar na garganta, me atirar pela janela, me queimar, me levar à polícia etc. Queria amarrar minhas mãos e meus pés, ou então erguia a cobertura do divã e dizia que estava fazendo "Po--Kaki--Kuki". Isto, conforme comprovei mais tarde, significava que ela queria procurar "Kakis" (fezes), que para ela significavam crianças, dentro do traseiro de sua mãe. Em outra ocasião quis me agredir no estômago e declarou que estava tirando meus "A-as" (fezes) para me empobrecer. Agarrava, então, as almofadas, que muitas vezes para ela significavam crianças, e agachando-se com as mesmas por trás do divã, manifestava todos os sintomas de medo, cobrindo-se, chupando os dedos e urinando. Costumava repetir o processo inteiro todas as vezes que me atacava. Isso correspondia, em todos os detalhes, à maneira como ela se comportara em seu leito quando, com dois anos incompletos, fora acometida de graves terrores noturnos. Naquela época também corria muitas vezes à noite para o quarto dos pais, sem conseguir explicar o que desejava. A análise revelou que o ato de molhar-se e sujar-se eram ataques contra os pais em cópula, e assim os sintomas foram suprimidos. Trude queria roubar os bebês do ventre de sua mãe grávida, matá-la e substituí-la no coito com seu pai.⁵ Esses impulsos de ódio e agressão haviam produzido, em seu segundo ano de vida, forte fixação à mãe e um sentimento de

³ No capítulo 8, darei razões mais amplas para o fato de presumir que nessas emoções o conflito de Édipo, ou os primitivos estádios do mesmo, já estavam se manifestando.

⁴ Aqui, como em outras partes, a idade mencionada refere-se à idade com a qual a criança iniciou a análise.

⁵ Sua irmã nasceu quando tinha dois anos de idade.

culpa que se manifestava, entre outras coisas, em seus pavores noturnos. Vemos, assim, que as primeiras angústias e os sentimentos de culpa da criança têm sua origem nos impulsos agressivos relacionados ao conflito edípico.⁶ Na época em que Trude se comportava da maneira acima descrita, dava quase sempre um jeito de se machucar pouco antes de comparecer à sua hora de análise. Evidenciou-se que as coisas com as quais ela se feria — uma mesa, um armário, uma lareira etc. — significavam, de acordo com processos primitivos e infantis de identificação, sua mãe ou seu pai, que a estavam punindo.⁷

Os folguedos infantis nos permitem inferir claramente a origem desse sentimento de culpa em tenra idade. Retornando ao nosso primeiro caso, verificaremos que Rita, em seu segundo ano de vida, sentia remorsos por qualquer pequena travessura cometida e era hipersensível às reprimendas, como uma vez, em que irrompeu em lágrimas porque seu pai ameaçou, brincando, um ursinho de seu livro de gravuras. Seu medo ao descontentamento do pai foi suficiente para fazê-la identificar-se com o urso. Sua inibição no jogo procedia igualmente de seu sentimento de culpa. Quando, aos dois anos e três meses, ela brincava com sua boneca — brinquedo que, aliás, lhe dava

⁶ No trabalho em que se baseia este capítulo ("The Psychological Principles of Infant Analysis", 1926) já havia eu manifestado o ponto de vista de que os impulsos de ódio e agressão constituem a causa mais profunda e a base dos sentimentos de culpa; desde então, venho trazendo novas evidências em apoio dessa opinião em numerosos outros escritos. Em meu trabalho "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", lido perante o Congresso de Oxford em 1929, tive oportunidade de fazer uma formulação mais extensa. Eu disse: "É somente nos estádios posteriores do conflito edípico que surge a defesa contra os impulsos libidinais; nos estádios primitivos, é contra os impulsos destrutivos que os acompanham que a defesa é dirigida." Esta afirmação concorda em alguns pontos, creio eu, com as conclusões a que Freud chegou em seu oportuno livro *Civilization and its Discontents* (1929), onde diz: "Portanto, afinal de contas, é apenas a agressão que se transforma em culpa, ao ser suprimida e transferida para o superego. Estou convencido de que muitos processos permitirão explicações mais simples e mais claras se restringirmos as descobertas da psicanálise, no que se refere ao sentimento de culpa, aos instintos agressivos" (pág. 131). E mais adiante: "Estamos inclinados a sugerir o seguinte, como possível formulação: quando uma tendência instintiva sofre repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa".

⁷ Uma disposição um tanto lamuriosa e a tendência a cair ou ferir-se, coisas tão comuns, principalmente em crianças pequenas, são, de acordo com minha experiência, conseqüência do sentimento de culpa.

muito pouco prazer — sempre declarava não ser a mãe da boneca. A análise revelou que ela não podia ser sua mãe, porque a boneca, entre outras coisas, representava seu irmãozinho, a quem ela quisera roubar da mãe durante a gravidez da última. A proibição, todavia, não procedia de sua genitora real, mas de uma mãe introjetada, que a ameaçava com muito mais rigor e crueldade do que a verdadeira o faria. Outro sintoma que Rita começou a manifestar aos dois anos, este de natureza obsessiva, era um ritual na hora de deitar, que ocupava um tempo considerável. O ponto principal consistia em fazer com que a enrolassem apertadamente nos lençóis e nas cobertas, porque senão um “rato ou um *Butzen*” entraria pela janela e arrancaria seu próprio “*Butzen*” a mordidas.⁸ Sua boneca também deveria ficar firmemente enrolada, e este ritual duplo foi se tornando cada vez mais elaborado e complicado, e era efetuado com todos os sinais da atitude compulsiva de que seu psiquismo se achava impregnado. Em certa ocasião, durante uma sessão de análise, ela colocou um elefantinho de brinquedo junto à cama da boneca, para evitar que esta se levantasse e fosse ao quarto dos pais “fazer alguma coisa a eles ou tirar alguma coisa deles”. O elefantinho estava assumindo o papel de seus pais internalizados, cuja influência proibitiva passou a sentir desde que, entre a idade de quinze meses e dois anos, desejou substituir a mãe junto ao pai, roubar-lhe o bebê que estava dentro dela e prejudicar e castrar a ambos os genitores. O significado do cerimonial tornou-se, então, claro: o fato de enrolar-se nas cobertas impedia-a de levantar-se e descarregar seus desejos agressivos contra os genitores. Como, porém, receava ser castigada por esses desejos mediante um ataque análogo de seus pais contra ela, envolver-se nas cobertas servia também como defesa contra esses ataques. Estes seriam efetuados, por exemplo, pelo “*Butzen*” (o pênis de seu pai), que prejudicaria seus genitais e arrancaria seu próprio “*Butzen*” a mordidas, como castigo por desejar castrar o pai. Nesse brinquedo ela costumava castigar a boneca e depois entregar-se a um acesso de fúria e de medo, demonstrando, assim, estar re-

⁸ O complexo de castração de Rita manifestava-se em toda uma série de sintomas, assim como em seu desenvolvimento caracterológico. Sua maneira de brincar também demonstrava claramente a intensidade de sua identificação com o pai e seu temor — resultante do complexo de castração — de fracassar no papel masculino.

presentando ambos os papéis: o da autoridade que infligia o castigo e o da criança punida.

É evidente que essa angústia era causada não apenas pelos genitores reais da menina, como também, e principalmente, pela imagem excessivamente severa de seus pais introjetados. Encontramos aqui o correspondente ao que denominamos o superego nos adultos.⁹ Os sinais típicos do complexo de Édipo — que se tornam mais pronunciados quando este atinge a intensidade máxima, que precede imediatamente o seu declínio — constituem apenas o estágio final de um processo que durava há anos. A análise das crianças pequenas revela que o conflito edípico se estabelece já na segunda metade do primeiro ano de vida e que a criança começa simultaneamente a modificá-lo e a edificar o seu superego.

O fato, portanto, de acharmos que até mesmo criancinhas muito pequenas sofrem o peso de sentimentos de culpa, dá-nos, ao menos, uma boa base para podermos abordar sua análise, embora muitas das condições para o sucesso do tratamento pareçam estar ausentes. A relação da criança com a realidade é fraca; não existe, aparentemente, nenhum incentivo para que elas se submetam à provação de uma análise, já que, via de regra, não se sentem doentes; e, o que é ainda mais importante, ainda não são capazes de nos fornecer, pelo menos não em grau suficiente, aquelas associações verbais que constituem o principal instrumento para o tratamento analítico de adultos.

Examinemos primeiramente esta última objeção. Foram justamente as muitas diferenças entre o psiquismo infantil e o do adulto que me indicaram, desde o princípio, a maneira de chegar às associações da criança e compreender seu inconsciente. Essas características especiais da psicologia infantil forneceram-me as bases da técnica lúdica que elaborei. A criança expressa suas fantasias, desejos e experiências de uma forma simbólica, através de jogos e brinquedos. Ao fazê-lo, utiliza os mesmos modos arcaicos e filogenéticos de expressão, a mesma linguagem com que já nos familiarizamos nos sonhos; a plena compreensão dessa linguagem só será obtida se dela nos acercarmos da maneira que Freud nos ensinou a nos acercarmos dos sonhos. O simbolismo constitui apenas uma parte dessa

⁹ Na opinião da autora as primeiras identificações da criança já deveriam ser chamadas de superego. As razões para esse ponto de vista são expostas no capítulo 8.

linguagem. Se quisermos compreender corretamente o brinquedo da criança em relação a todo o seu comportamento durante a hora de análise, não devemos contentar-nos em desvendar o significado de símbolos isolados, por mais reveladores que sejam; é preciso levar em consideração todos os mecanismos e métodos de representação empregados no trabalho onírico, jamais perdendo de vista a relação de cada fator isolado com a situação global. A análise infantil tem-nos demonstrado repetidas vezes quantos significados diferentes um simples brinquedo ou a simples peça de um jogo podem ter. Só chegaremos a compreender plenamente o seu significado quando conhecermos suas conexões ulteriores e a situação analítica geral dentro da qual se situam. A boneca de Rita, por exemplo, às vezes representava um pênis, outras vezes um bebê que ela roubara de sua mãe e ainda outras vezes, a ela mesma. Somente poderemos obter resultados analíticos completos quando colocarmos esses elementos lúdicos em sua verdadeira relação com o sentimento de culpa da criança, interpretando-os em seus mínimos detalhes. O quadro caleidoscópico global, amiúde sem significado aparente, que as crianças nos apresentam numa única hora de análise: o conteúdo de seus jogos, a maneira como brincam, os meios de que se utilizam (pois às vezes atribuirão papéis diferentes a seus brinquedos ou a elas mesmas), e os motivos que se ocultam por trás de uma mudança de jogo — por que, por exemplo, param de brincar com água e começam a recortar papel ou a desenhar — todas essas coisas seguem um método cujo significado poderemos captar se as interpretarmos como interpretamos os sonhos. As crianças, frequentemente, expressam, em seus brinquedos, a mesma coisa que acabaram de nos contar em um sonho; ou fazem associações a um sonho no brinquedo que se lhe segue, pois brincar é o meio de expressão mais importante da criança. Ao utilizarmos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos. Cada um desses elementos lúdicos é uma indicação para o observador experimentado, já que, enquanto brinca, a criança também fala e diz toda sorte de coisas que têm o valor de associações genuínas.

É surpreendente a facilidade com que as crianças aceitam a interpretação que lhes damos, por vezes até mesmo com acen-

tuado prazer. Isto se deve, indubitavelmente, ao fato de, em certos estratos de seu psiquismo, a comunicação, entre consciente e inconsciente ser ainda comparativamente fácil, de sorte que a via de retorno para o inconsciente é muito mais simples de encontrar. A interpretação tem quase sempre efeitos rápidos, mesmo quando parece não ter sido assimilada conscientemente. Tais efeitos evidenciam-se na maneira como a criança retoma um jogo que interrompera em consequência de uma inibição, e começa a modificá-lo e ampliá-lo, nele deixando transparecer as camadas mais profundas de seu psiquismo. Solucionada, assim, a angústia, e restaurado o prazer de brincar, também o contato analítico torna a se estabelecer firmemente. A interpretação aumenta o prazer da criança no brinquedo, tornando desnecessário o dispêndio de energia até aqui empregado para manter o recalcarmento. Por outro lado, às vezes encontramos resistências muito difíceis de vencer. Isso geralmente significa que esbarramos num sentimento de culpa e angústia da criança, pertinente a camadas mais profundas.

As formas de representação arcaico-simbólicas que a criança emprega estão associadas a outro mecanismo primitivo. Ao brincar, ela age ao invés de falar. A ação, mais primitiva que o pensamento ou as palavras, constitui a parte principal de sua conduta. Em sua "History of an Infantile Neurosis", diz Freud: "A análise que se efetua na criança neurótica, desde logo parecerá mais digna de confiança, mas não pode ser muito rica em conteúdo. Temos de emprestar à criança demasiados pensamentos e palavras e, ainda assim, as camadas mais profundas podem se revelar impenetráveis à consciência" (pág. 475). Se abordarmos o paciente infantil com a técnica da análise para adultos, certamente não conseguiremos penetrar nesses níveis mais profundos; e, não obstante, é disso que depende o sucesso e o valor da análise, tanto para a criança quanto para o adulto. Mas, se tomarmos em consideração as diferenças existentes entre a psicologia da criança e a do adulto — o fato de que seu inconsciente ainda se acha em estreito contato com seu consciente e que os seus impulsos mais primitivos atuam paralelamente a processos mentais altamente complicados — e se conseguirmos captar corretamente o modo de pensar e de se expressar da criança, todos esses inconvenientes e desvantagens desaparecerão e poderemos esperar fazer uma análise da criança tão ampla e profunda quanto a do adulto. E ainda

com a vantagem de que a criança pode recuperar e apresentar-nos de maneira direta certas experiências e fixações que o adulto só pode produzir como reconstruções.¹⁰

Num trabalho lido perante o Congresso de Salzburgo em 1924,¹¹ expus a tese de que, por trás de qualquer forma de atividade lúdica existe um processo de descarga de fantasias masturbatórias, operando em forma de um impulso contínuo para brincar; que este processo, agindo como uma compulsão à repetição, constitui o mecanismo fundamental dos folguedos infantis e de todas as suas sublimações subseqüentes; e que as inibições no brinquedo e nos estudos surgem de uma repressão indevidamente vigorosa dessas fantasias e de toda a vida imaginativa da criança. Suas experiências sexuais estão relacionadas com suas fantasias de masturbação e o jogo oferece tanto a umas como às outras, um meio de expressão e de ab-reação. Nessas experiências repetidas, a cena primária tem um papel muito importante e geralmente ocupa o primeiro plano do quadro na análise da criança pequena. Via de regra, somente após um bom número de sessões analíticas e depois que tanto a cena primária como as inclinações genitais da criança tiverem sido, até certo ponto, postas a descoberto, é que chegaremos às representações de suas fantasias e experiências pré-genitais. Ruth, por exemplo, de quatro anos e três meses, fora insuficientemente alimentada quando lactante, pois sua mãe não dispunha de leite suficiente. Ao brincar comigo sempre chamava a torneira de água de "torneira de leite". Quando a água escorria para o ralo de escoamento, ela dizia que o leite estava entrando nas "bocas", mas em quantidade muito pequena. Demonstrava seus desejos orais insatisfeitos em numerosos jogos e brinquedos e em toda sua atitude mental. Dizia, por exemplo, que era pobre, que só possuía um casaco, que não lhe davam bastante alimento, o que absolutamente não correspondia à verdade.

¹⁰ Na opinião da autora, a análise da criança pequena oferece um dos campos mais frutíferos para a terapia psicanalítica. E isso, precisamente, porque a criança tem a capacidade de representar seu inconsciente de uma maneira direta, e de experimentar, assim, não somente uma ab-reação emocional mais total, como a possibilidade de viver, realmente, a situação original em sua análise; de sorte que, com o auxílio da interpretação, suas fixações podem ser consideravelmente dissipadas.

¹¹ Trabalho não publicado.

No caso de Erna, paciente obsessiva de seis anos, as impressões recebidas durante seu aprendizado de limpeza¹² desempenharam importante papel em sua neurose e surgiram à tona com todos os detalhes durante a análise. Ela, por exemplo, sentou uma bonequinha num tijolo e a fez defecar perante uma fila de outras bonecas que a olhavam com admiração. Depois repetiu o mesmo tema, mas desta vez éramos nós a representar os papéis. Eu era o bebê que se sujava e ela era a mãe. Erna admirava e mimava o bebê pelo que fizera. Depois ficou zangada e repentinamente passou a fazer o papel de governanta severa a ralar com a criança. Nesta cena ela estava representando para mim o que sentira em sua primeira infância quando começaram a lhe impor disciplina e ela acreditou estar perdendo o excessivo amor de que gozara como bebê.

Na análise infantil, jamais atribuiremos demasiada importância às ações e fantasias da criança como produtos da compulsão à repetição. A criança pequena, naturalmente, emprega a ação mais do que qualquer outra coisa, mas mesmo crianças maiorzinhas recorrem constantemente a esse mecanismo primitivo. O prazer que sentem com isso lhes dá o estímulo necessário para prosseguirem com a análise. Mas esse prazer nunca deve ser mais do que um meio para se chegar a um fim.

Depois de iniciada a análise e resolvida boa parte da angústia do pequeno paciente através da interpretação, a sensação de alívio que ele experimenta em consequência — geralmente logo após as primeiras sessões — ajudá-lo-á a prosseguir com o trabalho; pois se até então ele não tinha incentivo para ser analisado, agora começa a ter um “insight” da utilidade e do valor do procedimento. E esse “insight” lhe será um motivo quase tão eficiente para se submeter à análise quanto o “insight” que o adulto tem de sua enfermidade. Sua capacidade de compreender a situação é uma prova do surpreendente grau de contato que a criança tem com a realidade. Eis um ponto que merece ser mais aprofundado.

A medida que o trabalho analítico prossegue, descobrimos que a relação da criança com a realidade, a princípio tão tênue, vai ganhando em força e plenitude. O pequeno paciente começará, por exemplo, a distinguir entre sua pretensa mãe e a verdadeira ou entre seu irmão real e o brinquedo que o repre-

¹² No capítulo 3, fazemos um relato mais detalhado do caso de Erna.

senta. Ele insistirá em que apenas quis fazer isto ou aquilo ao seu irmão de brinquedo, mas que gosta muito de seu irmão real. Somente depois que as resistências mais fortes e obstinadas tiverem sido vencidas é que ele estará em condições de reconhecer que seus atos agressivos eram dirigidos contra o objeto humano e real. Mas, por menor que seja a criança, quando ela tiver chegado a compreender este ponto, terá feito um progresso muito importante em sua adaptação à realidade.

No que concerne às relações da criança pequena com a realidade, quero referir-me uma vez mais a Trude, minha paciente de três anos e nove meses. Após uma única sessão ela fez uma viagem de seis meses para o exterior com sua mãe, finda a qual reencetei a análise. A única ocasião em que ela fez um comentário sobre o que viu e fez durante a viagem foi algum tempo depois, quando me contou o seguinte sonho: *"Ela e sua mãe encontravam-se na Itália em certo restaurante que conhecia muito bem e a garçonete não lhe servia xarope de framboesa porque não havia mais"*. A interpretação deste sonho demonstrou que, entre outras coisas,¹³ ela não superara a inveja que sentia de sua irmã menor e tampouco o desgosto sofrido com o desmame. Embora se referisse a inúmeros fatos aparentemente sem importância de sua vida cotidiana e muitas vezes relembrasse pequenos detalhes de sua sessão de seis meses atrás, o único interesse que demonstrou por sua viagem foi nesta alusão — surgida da situação analítica — à frustração que sofrera na infância.

Crianças neuróticas não toleram bem a realidade, porque não podem tolerar frustrações. Procuram proteger-se da realidade, negando-a. Mas, o que é mais importante e decisivo para sua futura adaptação à realidade, é a maior ou menor facilidade com que toleram as frustrações provenientes da situação edípica. Mesmo em crianças muito pequenas, portanto, uma rejeição muito enfática da realidade (normalmente disfarçada sob aparente docilidade e adaptabilidade) é indicativa de neu-

¹³ Era um sonho punitivo. Constatei que se baseava em desejos de morte derivados de sua frustração oral e de sua situação edípica e dirigidos contra sua irmã e sua mãe, acompanhados do sentimento de culpa resultante desses desejos. Analisando sonhos de crianças muito pequenas, constatei que neles, em grau não menor do que nos folguedos, estão sempre presentes desejos e tendências contrárias provenientes do superego, e que mesmo no mais simples sonho de desejo o sentimento de culpa se acha latente.

rose e difere da fuga neurótica do adulto à realidade, apenas em sua forma de expressão. Esta a razão porque um dos resultados da análise da criança pequena deveria ser o de capacitá-la a adaptar-se à realidade. Se isto for conseguido, diminuirão suas dificuldades educacionais, pois ela se tornará capaz de tolerar as frustrações impostas pela realidade.

Já vimos que na análise infantil o ângulo de abordagem deve ser diferente do empregado na análise de adultos. Tomando-se o atalho mais curto possível através do ego, dirigimo-nos em primeiro lugar ao inconsciente da criança para de lá irmos entrando gradualmente em contato também com o ego. A análise contribui em muito para fortalecer o ego ainda frágil da criança e o ajuda a desenvolver-se, aliviando o peso excessivo do superego, que o pressiona muito mais severamente do que ao ego dos adultos.¹⁴

Já citei o rápido efeito que a interpretação tem sobre as crianças e de como podemos observá-lo de diversas maneiras: através da expansão de seus folguedos, da intensificação de sua transferência, da diminuição de sua angústia etc. Não obstante, durante algum tempo, a criança parece não assimilar essas interpretações conscientemente. Essa tarefa, conforme tenho constatado, é realizada mais tarde e está em conexão com o desenvolvimento de seu ego e com o aumento de sua adaptação à realidade. O processo de esclarecimento sexual segue o mesmo curso. Durante muito tempo a análise se limita a fazer ressaltar material relacionado com teorias sexuais e fantasias de nascimento. Só gradualmente é que ela vai trazendo conhecimento, ao ir removendo as resistências inconscientes. Portanto, uma das conseqüências de uma análise completa é o total esclarecimento sexual, assim como a plena adaptação à realidade. Sem isso, não se pode dizer que a análise tenha sido concluída com êxito.

Assim como os meios de expressão da criança são diferentes, também o é toda a situação analítica, embora tanto na criança

¹⁴ Diferentemente do paciente adulto, a criança não pode, após sua recuperação, alterar as circunstâncias de sua vida. Mas a análise lhe terá prestado um grande auxílio se a tiver capacitado a se adaptar e a sentir mais alegria no ambiente em que vive. Além do mais, o próprio desaparecimento de sua neurose costuma ter o efeito de melhorar o comportamento das pessoas que a cercam. Tenho notado que as mães reagem de maneira muito menos neurótica depois que a análise começa a efetuar mudanças favoráveis na criança.

como no adulto os princípios fundamentais da análise sejam os mesmos. A interpretação sistemática, a análise contínua das resistências, o paralelo constante entre a transferência — quer positiva, quer negativa — e as situações anteriores, tais são os meios de estabelecer e manter uma situação analítica correta, tanto para a criança como para o adulto. A condição essencial para se conseguir isso é que o analista se abstenha, como o faz com os pacientes adultos, de exercer qualquer tipo de influência pedagógica e não analítica sobre a criança. Ele deve lidar com a transferência exatamente como o faz no caso de adultos. Verá então que os sintomas e dificuldades da criança são trazidos para a situação analítica exatamente da mesma maneira. Os sintomas anteriores da criança, ou as dificuldades e “malvadezas” que lhes correspondem, tornarão a surgir. Ela, por exemplo, recomeçará a molhar a cama; ou, em certas situações que repetem uma situação anterior, mesmo que tenha três ou quatro anos de idade, recomeçará a falar como uma criancinha de um ano ou dois.

Visto que a maior parte das crianças assimila os novos conhecimentos de forma inconsciente, não se pode exigir delas que modifiquem imediatamente sua atitude com relação aos pais. Essa modificação consistirá, inicialmente, numa mudança de sentimentos. Por experiência própria, posso afirmar que o conhecimento ministrado dessa forma gradual sempre constitui um grande alívio para a criança, melhorando em muito suas relações com os pais e tornando-a socialmente mais adaptável e mais fácil de educar. Tendo as exigências de seu superego sido moderadas pela análise, seu ego, agora menos oprimido e conseqüentemente mais forte, tem mais facilidade para satisfazê-las.

A medida que a análise vai prosseguindo, as crianças vão se tornando cada vez mais capazes de, até certo ponto, substituírem o processo de repressão pelo de rejeição crítica. Isso pode ser verificado especialmente quando, numa etapa posterior de sua análise, elas se afastaram tanto dos impulsos sádicos que as dominavam e a cuja interpretação impunham as mais fortes resistências, que às vezes chegam a achar graça delas. Já vi crianças muito pequenas rirem-se da idéia de uma

vez terem querido engulir a mamãe ou picá-la em pedacinhos.¹⁵ A diminuição do sentimento de culpa que acompanha essas mudanças também permite a sublimação dos desejos sádicos que até agora estavam totalmente recalcados. Isto se verifica na remoção das inibições, tanto no brinquedo como nos estudos, e no surgimento de numerosas atividades e interesses novos.

Neste capítulo, tomei como ponto de partida minha técnica da análise da criança pequena, porque nela se apóiam os métodos analíticos que adotei com crianças de todas as idades. Já que as características mentais da criancinha quase sempre continuam persistindo fortemente nas crianças maiores, julguei necessário empregar a mesma técnica também para as últimas. Por outro lado, estando o ego da criança maior mais desenvolvido, é óbvio que a técnica deva sofrer algumas modificações quando aplicada a meninos e meninas no período de latência e na puberdade. Como este assunto será aprofundado mais adiante, não me deterei sobre ele aqui. Dependendo da idade da criança e do caráter especial do caso, esta técnica modificada se aproximará mais da análise da criança pequena ou da análise do adulto.

Na escolha do método analítico para todos os períodos da infância, baseio-me, geralmente, nas seguintes considerações. Crianças e jovens sofrem de um grau de angústia mais agudo do que os adultos. Por conseguinte, devemos ter acesso à sua ansiedade e ao seu sentimento de culpa inconsciente e estabelecer a situação analítica o mais rapidamente possível. Nas crianças pequenas essa ansiedade geralmente encontra uma via de escape nas crises de angústia. No período de latência ela costuma assumir a forma de desconfiança e reserva. Ao passo que a idade intensamente emotiva da puberdade conduz novamente a uma liberação aguda da angústia que, agora, entretanto, em conformidade com o ego mais desenvolvido da criança, normalmente se manifesta por resistências obstinadas e violentas que podem facilmente provocar a interrupção da aná-

¹⁵ Esta observação, de que quando o superego das crianças se torna menos severo elas desenvolvem o senso de humor, está, penso eu, de pleno acordo com a teoria de Freud sobre a natureza do humor, o qual, segundo ele, é consequência de um superego amável. Concluindo seu ensaio sobre "O Humor" (1928), diz ele: "Finalmente, se o superego tenta confortar o ego com o humor e protegê-lo do sofrimento, este não entrará em conflito com sua derivação da instituição parental."

lise. Segundo minha experiência, a maneira de resolver rapidamente uma parte dessa angústia em crianças de todas as idades é tratar imediata e sistematicamente da transferência negativa. A fim de obter o necessário acesso às fantasias e ao inconsciente da criança, devemos voltar nossa atenção para os métodos de representação simbólica indireta que ela emprega em qualquer idade. Uma vez que a imaginação da criança se tornou mais livre, graças à diminuição da angústia, não somente obtivemos acesso ao seu inconsciente, como também pusemos em movimento os meios, cada vez mais eficazes, de que ela dispõe para representar¹⁰ suas fantasias. E isso é válido mesmo nos casos em que temos de começar com um material aparentemente destituído de imaginação.

Concluindo, gostaria de fazer um resumo do que foi dito neste capítulo. O caráter primitivo do psiquismo infantil requer uma técnica analítica especialmente adaptada à criança, e vamos encontrá-la na análise lúdica. Por meio desse método obtemos acesso às fixações e experiências mais profundamente recalcadas da criança, o que nos possibilita exercer uma influência radical em seu desenvolvimento. A diferença, porém, entre os nossos métodos analíticos e a análise dos adultos é puramente de técnica e não de princípios. A análise da situação transferencial e das resistências, a remoção das amnésias infantis e dos efeitos da repressão, assim como a revelação da cena primária, fazem parte da análise lúdica. Portanto, ela não somente está em conformidade com as normas do método de psicanálise para adultos, como também leva aos mesmos resultados. A única diferença é que adaptamos o processo ao psiquismo da criança.

¹⁰ Assim fazendo, conseguiremos converter a linguagem — desde que a criança possua essa faculdade — em instrumento de sua análise. Mesmo com crianças muito pequenas, a razão pela qual devemos trabalhar durante longos períodos sem associações verbais deve-se não somente ao fato de não poderem falar com desenvoltura, mas porque a angústia aguda de que padecem não lhes permite empregar uma forma mais direta de representação. Visto que o modo primário e arcaico de representação por meio de brinquedos e de ação é o modo fundamental de expressão da criança, jamais poderemos empreender uma análise completa unicamente por meio da linguagem. Não obstante, creio que nenhuma análise infantil, seja qual for a idade da criança, pode ser dada por realmente concluída enquanto a criança não tiver empregado na análise toda a sua capacidade de falar, pois a linguagem constitui um dos pontos de contato do indivíduo com o mundo externo.

A TÉCNICA DA ANÁLISE INICIAL

N^o PRIMEIRO capítulo deste livro procurei demonstrar que os mecanismos psicológicos especiais que encontramos operando na criança pequena são muito diferentes dos que encontramos na análise do adulto. Por outro lado, demonstrei também os paralelos existentes entre ambos, e expliquei que foram essas diferenças e similitudes, que necessitam de uma técnica especial, o que me levou a desenvolver meu método de análise lúdica.

Sobre uma mesinha baixa em minha sala de análise há vários brinquedos de tipo primitivo: pequenos homens e mulheres de madeira, carroças, carruagens, automóveis, trenzinhos, animais, cubos e casas, além de papel, tesouras e lápis. Mesmo uma criança normalmente inibida no jogo lançará pelo menos um olhar aos brinquedos ou tocará neles, permitindo-me um primeiro vislumbre de sua vida complexiva, pela maneira como começa a brincar com eles ou os deixa de lado, ou por sua atitude geral em relação aos mesmos.

A fim de termos uma idéia clara dos princípios da técnica lúdica, vejamos um caso preciso. Peter, de três anos e nove meses, era um garoto muito difícil. Tinha forte fixação à mãe

e era muito ambivalente. Incapaz de tolerar frustrações, era totalmente inibido no jogo e dava a impressão de ser um menino extremamente tímido, choramingas e afeminado. Seu comportamento era, por vezes, agressivo e prepotente e ele se dava mal com as outras crianças, principalmente com seu irmão mais novo. Sua análise fora recomendada principalmente como medida profilática, uma vez que havia diversos casos de neurose grave na família. Mas, no decorrer da análise, verifiquei que ele próprio sofria de uma neurose tão grave e de um grau de inibição tal, que provavelmente teria sido incapaz de enfrentar os problemas da vida escolar, e que mais cedo ou mais tarde cairia doente.¹

Logo no princípio de sua primeira sessão, Peter pegou os veículos e os carrinhos de brinquedo, colocando-os primeiramente um atrás do outro e depois lado a lado, alternando a disposição várias vezes. Pegou também uma carroça a cavalo e fê-la colidir com outra, de modo que as patas dos cavalos se chocassem e disse: "Tenho um novo irmãozinho chamado Fritz." Perguntei-lhe o que estavam fazendo as carroças. Ele respondeu: "Isso não fica bem", e parou de embater uma na outra, para recomençar logo a seguir. Depois fez dois cavalinhos colidirem da mesma maneira e eu disse: "Olhe aqui, os cavalos são duas pessoas que estão se chocando uma com a outra." No início ele retrucou que isso não ficava bem, mas logo depois admitiu: "Sim, são duas pessoas se chocando" e acrescentou: "Os cavalos também se chocaram e agora vão dormir." Após havê-los coberto com cubos, concluiu: "Agora estão mortos; eu os enterrei." Na segunda sessão, dispôs imediatamente os carros e carroças das duas maneiras que usara anteriormente,

¹ Devo acrescentar que ao término de sua análise, que durou 278 sessões, suas dificuldades desapareceram e houve grande mudança para melhor em todo o seu caráter e disposição. Seus temores mórbidos e sua timidez geral desapareceram e ele se tornou um garoto feliz e vivaz. Havia vencido sua inibição no jogo e começou a dar-se bem com outras crianças, principalmente com seu irmão menor. Seu desenvolvimento desde então foi excelente. De acordo com as últimas notícias que tive a seu respeito, seis meses após o término da análise ele estava indo bem na escola, demonstrava muito interesse pelas coisas, aprendia bem e brincava normalmente. Era fácil de se lidar e estava apto a cumprir com todos os requisitos sociais de sua idade. Ademais, vale a pena ressaltar que tanto durante sua análise como nos anos subseqüentes ele foi submetido a tensões muito fortes, devido a várias ocorrências graves em sua vida familiar.

isto é, em fila indiana e um ao lado do outro. Depois tornou a colidir duas carroças e a seguir, duas locomotivas. Colocou então dois balanços um ao lado do outro e apontando para os bancos internos pendentes e oscilantes, disse: “Veja como balançam e se chocam.” Continuei interpretando e, apontando para os balanços oscilantes, para as locomotivas, as carroças e os cavalos, expliquei que em cada caso se tratava de duas pessoas — seu papai e sua mamãe — embatendo seus “negocinhos” (nome que dava aos órgãos genitais).² Ele protestou, dizendo: “Não, isso não fica bem”, mas continuou a embater os carros e disse: “Foi assim que eles ficaram batendo os seus ‘negocinhos’ um no outro”. Imediatamente após tornou a falar em seu irmãozinho. Como vimos, também em sua primeira sessão a colisão das carroças e dos cavalos fora seguida por sua observação de que tinha um novo irmãozinho. Portanto, prossegui com minha interpretação e disse: “Você pensa que o papai e a mamãe ficaram batendo os ‘negocinhos’ um no outro e que isso fez nascer seu irmãozinho Fritz.” Ao que ele tomou mais um carrinho e fez os três colidirem. Expliquei: “Este é o seu próprio ‘negocinho’”. Você também queria dar uma batida nos ‘negocinhos’ do papai e da mamãe”. Ao que ele acrescentou um quarto carrinho e disse: “Este é Fritz.” A seguir pegou dois dos vagões menores e os enganchou a duas locomotivas. Apontando para uma carroça atrelada a um cavalo, disse: “Este é o papai” e para uma outra: “Esta é a mamãe.” Tornou a apontar para a primeira carroça a cavalo e disse: “Sou eu” e para a segunda, dizendo: “Também sou eu”, ilustrando, assim, sua identificação com ambos os genitores em coito. A seguir fez colidir repetidas vezes os dois vagõezinhos e me contou como ele e seu irmãozinho haviam levado duas galinhas para o quarto de dormir a fim de fazê-las ficar quietas, mas que ambas haviam brigado, batendo uma na outra e cuspiendo. Acrescentou que ele e Fritz não eram moleques de rua mal-educados e não cuspiam. Quando eu lhe disse que as galinhas eram os “negocinhos” dele e de Fritz chocando-se e cuspiendo — isto é, se masturbando — ele concordou após uma pequena resistência.

² Sempre procuro saber com antecedência com a mãe da criança quais as palavras especiais que ela emprega para os órgãos genitais, excrementos etc., e as adoto ao falar com a criança. Todavia, para maior clareza, não reproduzirei essas palavras especiais ao relatar os próximos casos.

Só posso referir-me brevemente à maneira como as fantasias do menino, à medida que iam sendo reproduzidas no jogo, se tornavam cada vez mais livres sob a influência da interpretação contínua; como o campo de seus folguedos gradualmente se ampliava; e de como certos detalhes eram repetidos inúmeras vezes até serem esclarecidos pela interpretação, dando lugar a novos detalhes. Assim como as associações aos elementos do sonho levam à descoberta do conteúdo latente do mesmo, também os elementos do jogo da criança, que correspondem a essas associações, permitem uma visão de seu significado latente. E a análise lúdica, assim como a análise de adultos, ao tratar sistematicamente a situação presente como situação transferencial e ao estabelecer suas conexões com a situação originalmente experimentada ou imaginada, dá à criança a possibilidade de liberar e elaborar a situação original na fantasia. Assim, ao pôr a descoberto as experiências infantis e as causas originais de seu desenvolvimento sexual, a análise resolve fixações e corrige erros evolutivos que haviam perturbado toda a linha de crescimento da criança.

Um outro fragmento do caso de Peter mostrará que as interpretações feitas nas primeiras sessões foram confirmadas pela análise posterior. Certo dia, algumas semanas mais tarde, quando um dos bonecos caiu por acaso, Peter se pôs furioso. Logo depois perguntou-me como era feito um motor de brinquedo e o que é que o fazia parar. A seguir mostrou-me um veadinho caído e disse que queria urinar. No banheiro disse: “Estou fazendo pipi — eu *tenho* um ‘negocinho’.” Ao voltar à sala pegou um boneco, a quem chamou de rapaz, que estava sentado numa casinha, que ele chamou de banheiro, e o colocou de tal forma que um cachorro que postou a seu lado “não pudesse vê-lo nem mordê-lo”. Mas colocou uma boneca de madeira num lugar de onde pudesse vê-lo e disse: “Só seu papai não deve vê-lo.” Tornava-se assim evidente que ele identificava o cachorro, normalmente um objeto de quem tinha muito medo, com seu pai, e o rapaz que defecava, consigo mesmo.³

³ No capítulo 1, expliquei os motivos que me levam a julgar que com crianças, da mesma forma que com adultos, a situação analítica só pode ser estabelecida e assegurada quando se mantém uma atitude puramente analítica com o paciente. Mas ao lidarmos com crianças, certas modificações desse princípio se tornam necessárias, sem, porém, nos afastarmos inteiramente de suas bases. Por exemplo, se um paciente muito pequeno quer ir ao banheiro

Depois disso continuou a brincar com o carrinho cuja construção já havia admirado e o fez movimentar-se. De repente perguntou, zangado: "Quando é que ele vai parar?" A seguir disse que alguns dos bonecos que estivera usando não deviam viajar nele, derrubou-os e os colocou novamente sentados, de costas para o carro, após o que tornou a enfileirar os carros e carroças, mas lado a lado, desta vez. Então, subitamente, manifestou vontade de defecar, mas contentou-se em perguntar ao boneco sentado (o rapaz que defecava) se já havia terminado. Voltou novamente para o automóvel, manifestando alternadamente admiração e raiva por seu movimento contínuo, querendo defecar e perguntando ao "rapaz" se já havia terminado.

Na sessão acima descrita, Peter havia simbolizado as seguintes coisas: o boneco e o veadinho, que tombavam continuamente, representavam seu próprio pênis e sua inferioridade em comparação com o membro ereto de seu pai. O ato de ir urinar imediatamente após foi para demonstrar o contrário a si mesmo e a mim. O automóvel que não parava de se movimentar e que despertou tanto sua admiração quanto sua raiva, era o pênis de seu pai, executado de coitos intermináveis.

e ainda não está habituado a fazê-lo sozinho em casa, costume acompanhá-lo. Mas faço o menos possível para ajudá-lo e espero do lado de fora da porta até que haja terminado, tomando o máximo cuidado, como em todas as outras ocasiões, de manter a atitude de amistosa reserva que parece tão necessária para o estabelecimento e preservação da situação analítica com crianças, tanto quanto o é na análise de adultos. É também essencial submeter a uma interpretação analítica a satisfação que a própria análise produz no paciente, assim como os motivos mais profundos que se acham na raiz de seu desejo de tal satisfação, colocando-a em alinhamento com as associações ou jogos que imediatamente a precedem ou sucedem. No caso de Peter, por exemplo, depois de haver urinado é dito: "Estou fazendo pipi — eu *tenho* um 'negocinho'", continuou com o brinquedo do rapaz na privada do banheiro. Por mais instrutiva que tenha sido sua observação, os detalhes do jogo que se seguiu foram de interesse ainda maior: o pai substituto (o cachorro) *não devia ver* o rapaz no banheiro, mas a mulher *devia* vê-lo. E assim compreendemos por que Peter quis urinar imediatamente antes e o desejo de que eu estivesse presente enquanto o fazia. Da mesma forma, costume sempre analisar a fundo os motivos por que uma criança me atribui este ou aquele papel em seus jogos de faz-de-conta ou pede uma ajuda qualquer para si, para os bonecos ou para os animais. Até que ponto podemos estabelecer a situação analítica ao tratar de crianças, pode ser visto, por exemplo, no fato de que constitui uma exceção, mesmo para as crianças mais pequeninas, realizar atos de exibicionismo na realidade. Mesmo nos períodos de maior transferência positiva, raramente acontece que uma criança suba ao meu colo, ou me beije ou abrace. A incontinência também é um acontecimento muito raro durante a sessão, mesmo com crianças muito pequenas.

A admiração sucedeu-se a raiva e a vontade de defecar. Isto era uma repetição do que fizera ao assistir à cena primária. Defecara para perturbar seus pais em cópula e, em sua imaginação, para prejudicá-los com seus excrementos. Ademais, o bastão fecal significava para o menino um substituto de seu próprio pênis.

Tentaremos agora fazer uma idéia aproximada do significado geral das primeiras sessões de Peter, à luz dessas últimas interpretações. Ao dispor os carros em fila durante sua primeira sessão, ele fazia alusão ao pênis poderoso de seu pai; ao colocá-los lado a lado, simbolizava a freqüente repetição do coito — isto é, a potência de seu pai — e tornou a fazê-lo depois, por meio do carro em movimento contínuo. A raiva que sentira ao presenciar o coito dos pais já havia sido expressa em sua primeira sessão, ao desejar que os dois cavalos que iam dormir estivessem “mortos e enterrados”, assim como no afeto que acompanhava esse desejo. Que esses quadros da cena primária com que iniciou sua análise referiam-se a experiências reais recalcadas na infância, foi comprovado pelo que seus pais me contaram. Segundo eles, o garotinho compartilhara de seu quarto de dormir durante um único período, aos dezoito meses, quando seus pais se encontravam em férias. Durante esse período, ele se tornou extremamente difícil. Dormia mal e recomeçou a sujar-se, coisa que deixara de fazer vários meses antes. Parece que embora as grades de seu berço não o tenham impedido de observar a relação sexual dos pais, dificultaram bastante, e isso era simbolizado pelos bonecos que eram derrubados e colocados de costas para a fila de veículos. A queda dos bonecos também representava seus próprios sentimentos de impotência. Antes dessas férias, ao que parece, ele brincava excepcionalmente bem com os brinquedos, mas depois disso só conseguia quebrá-los. Já em sua primeira sessão ele ilustrou a conexão entre a destruição dos brinquedos e sua observação do coito. Certa feita, ao colocar os carros motorizados, que simbolizavam o pênis de seu pai, em fila lado a lado, fazendo-os correr, ficou irritado e atirou-os ao chão, dizendo: “Sempre quebramos logo os nossos presentes de Natal; não os queremos.” Quebrar os brinquedos significava, para o seu inconsciente, destruir os genitais do pai. O prazer de destruir e a inibição no jogo, que se evidenciaram em sua aná-

lise, foram pouco a pouco superados e desapareceram, juntamente com suas outras dificuldades.

Ao reconstituir, pouco a pouco, a cena primária, pude ter acesso à forte atitude homossexual passiva de Peter. Após haver figurado o coito dos pais, ele teve fantasias de coito entre três pessoas. Estas originaram nele uma violenta angústia e foram seguidas por outras fantasias, nas quais era sodomizado por seu pai. Essas fantasias eram representadas num jogo em que o cachorro, ou o carrinho motorizado, ou a locomotiva — todos simbolizando seu pai — subiam sobre uma carroça ou um homem, que era ele mesmo. Nesse processo a carroça era danificada ou o homem era mutilado; e Peter, então, manifestava muito medo ou grande agressividade contra o brinquedo que representava seu pai.

Passarei agora a discutir alguns dos aspectos mais importantes de minha técnica, à luz dos fragmentos de análise acima descritos. Assim que o pequeno paciente tiver me deixado entrever seus complexos — quer através de seus jogos, desenhos ou fantasias, quer simplesmente por seu comportamento geral — considero que a interpretação pode e deve ter início. Isto não contradiz a regra aprovada de que o analista deve esperar que a transferência se efetue antes de começar a interpretar, porque nas crianças a transferência se efetua imediatamente, e o analista muitas vezes terá provas imediatas de sua natureza positiva. Mas quando a criança manifesta timidez, ansiedade ou mesmo apenas uma certa desconfiança, sua conduta deve ser considerada como um sinal de transferência negativa. E isso torna ainda mais imperioso que a interpretação se inicie o mais depressa possível, pois a interpretação reduz a transferência negativa do paciente, fazendo os afetos negativos retrocederem à situação e objetos originais. Quando Rita,⁴ por exemplo, que era uma menina muito ambivalente, sentia uma resistência, queria abandonar a sala e eu tinha de fazer uma interpretação imediata, a fim de solucionar essa resistência. Assim que lhe explicava a causa de sua resistência — relacionando-a sempre com a situação e o objeto originais — esta era solucionada e a garotinha tornava a se mostrar confiante e amistosa comigo e continuava o jogo que havia interrompido,

⁴ Vide capítulo 1.

propiciando-me, através de vários detalhes do mesmo, a confirmação da interpretação que eu acabara de fazer.

Em outra oportunidade, pude constatar com impressionante clareza a necessidade da interpretação rápida. Foi no caso de Trude que, como o leitor recordará, me foi trazida por uma única sessão quando contava três anos e três meses,⁵ tendo, depois, de adiar o tratamento por circunstâncias externas. Essa garotinha era muito neurótica e estava fortemente fixada à sua mãe. Entrou em minha sala angustiada e mal disposta e vi-me obrigada a analisá-la em voz baixa e com a porta aberta. Mas ela não tardou a me dar uma idéia da natureza de seus complexos. Insistiu para que as flores de um vaso fossem retiradas; arrancou um bonequinho de um carro onde o havia previamente colocado e maltratou-o; quis arrancar a figura de determinado homem de chapéu alto de um livro de gravuras que havia trazido consigo; e disse que as almofadas da sala haviam sido desarrumadas por um cachorro. Minha interpretação imediata dessas declarações, no sentido de que desejava eliminar o pênis de seu pai⁶ porque estava causando estragos a sua mãe (que era representada pelo vaso, pelo carro, pelo livro de gravuras e pelas almofadas), diminuiu instantaneamente sua angústia. Ao retirar-se, mostrou-se muito mais amistosa comigo do que ao chegar e em sua casa comentou que gostaria de voltar a me visitar. Quando, seis meses mais tarde, pude reencetar sua análise, verifiquei que ela se recordava dos acontecimentos dessa única sessão e que minhas interpretações haviam provocado uma certa transferência positiva, ou melhor diminuído sua transferência negativa.

Outro princípio fundamental da técnica lúdica é que a interpretação deve ser conduzida a uma profundidade suficiente para atingir a camada psíquica que está sendo ativada. Para citarmos um exemplo, Peter, em sua segunda sessão, após haver movimentado os carrinhos, deitou um boneco sobre um banco a que chamou de cama e, a seguir, o derrubou ao chão, dizendo que estava morto e líquido. Em seguida fez o mesmo

⁵ Vide capítulo 1.

⁶ O complexo de castração invulgarmente forte de Trude teve um papel proeminente, dominando o quadro de sua análise por algum tempo. Por trás desse complexo a análise trouxe à luz outra angústia, ainda mais fundamental: a de ser atacada por sua mãe, que lhe roubaria o conteúdo e os bebês de seu corpo, machucando-a de forma grave internamente. (Vide capítulo 1).

com dois homenzinhos, escolhendo para essa finalidade dois bonecos que já estavam danificados. Em conformidade com o material em curso, a interpretação que lhe dei foi a de que o primeiro boneco era seu pai, a quem ele queria expulsar da cama de sua mãe e matar, e que o segundo homem era o próprio Peter, a quem seu pai faria o mesmo.⁷ Posteriormente, quando eu estava reconstituindo a cena primária nos seus menores detalhes, Peter recorreu de várias formas ao tema dos dois homenzinhos quebrados; só que agora evidenciava-se que esse tema era determinado pela angústia que sentira em conexão com a cena primária, com referência à mãe como castadora. Na fantasia de Peter, ela havia recebido o pênis de seu pai no interior de si mesma sem devolvê-lo; destarte, transformara-se em objeto de angústia, pois na imaginação do menino ela agora trazia dentro de si o terrífico pênis de seu pai (= seu pai).

Eis um outro exemplo extraído do mesmo caso. Na segunda sessão de Peter, interpretei o material fornecido dizendo que ele e seu irmão se masturbavam mutuamente. Sete meses mais tarde, contando ele quatro anos e quatro meses, relatou-me um longo sonho, rico em material associativo, de onde extraí o seguinte trecho: *"Havia dois porcos num chiqueiro e também em sua cama. Comeram juntos no chiqueiro. Havia também dois meninos em sua cama, a bordo de um barco; mas eram muito grandes, como o tio G. (irmão adulto de sua mãe) e E. (amiguinha mais velha, a quem ele considerava quase adulta)."* A maior parte das associações que obtive para esse sonho foram verbais. Demonstraram que os porcos representavam a ele próprio e a seu irmão e que o ato de comer significava sua mútua *fellatio*. Mas representavam também a seus pais copulando. Deduzi que suas relações sexuais com o irmão se baseavam numa identificação com seu pai e sua mãe, na qual Peter assumia o papel de cada um deles por turno. Depois que interpretei esse material, Peter iniciou a sessão seguinte brincando com a pia e as torneiras. Enfiou dois lápis numa esponja e disse: "Este é o barco em que entrei com

⁷ Devo mencionar que essa interpretação — como todas as interpretações de desejos de morte em análise infantil — provocou violentas resistências em Peter. Mas ele a confirmou na sessão seguinte, ao indagar repentinamente: "E se eu fosse um papai e alguém quisesse me expulsar da cama e me deixar morto e líquido, o que é que eu haveria de pensar?"

Fritz" (seu irmão menor). A seguir assumiu uma voz profunda — como sempre fazia quando seu superego entrava em ação — e gritou para os dois lápis: "Vocês não devem ficar juntos o tempo todo fazendo coisas feias!" Esta repreensão por parte de seu superego a ele mesmo e a seu irmão era também dirigida a seus genitores (representados pelo tio G. e pela amiguinha mais velha E.)⁸ e libertou nele afetos semelhantes aos que sentira ao assistir à cena primária. Ele já havia dado vazão a esses afetos em sua segunda sessão, ao desejar que os cavalos que embatera estivessem mortos e enterrados. E, não obstante, após sete meses, a análise desse material continuava progredindo. Claro está, portanto, que minhas primeiras interpretações em profundidade absolutamente não impediram a elucidação das conexões que ligavam essa experiência ao desenvolvimento sexual do menino (particularmente no modo de determinar suas relações com o irmão) e tampouco obstaram a elaboração desse material.

Apresentei os exemplos acima em apoio a meu ponto de vista, baseado em observações empíricas, de que o analista não deve temer fazer uma interpretação em profundidade, mesmo no princípio da análise, já que o material pertinente às camadas mais profundas do psiquismo tornará a aflorar para ser elaborado mais tarde. Como já disse anteriormente, a função da interpretação em profundidade é simplesmente a de abrir a porta do inconsciente e diminuir a angústia suscitada, preparando, assim, o caminho para o trabalho analítico.

Nestas páginas acentuei repetidas vezes a capacidade da criança de fazer uma transferência espontânea. Creio que isso se deva, em parte, ao fato de sua angústia ser muito mais aguda que a do adulto, sendo, conseqüentemente, muito maior seu grau de apreensão. Uma das maiores, senão a *maior* meta psicológica que a criança deve alcançar e que lhe toma a maior parte de suas energias psíquicas, é o domínio da angústia. Seu inconsciente se interessa pelos objetos, primariamente, pela perspectiva do alívio ou da excitação que irao trazer à sua angústia; e, segundo o alívio ou a excitação pro-

⁸ Ele escolheu dois lápis compridos de uma coleção onde os havia de todos os tamanhos, evidenciando mais uma vez o fato, já elucidado através das associações do dia anterior, de que os dois acusados — os porcos — não eram apenas ele e seu irmão, mas também seus pais, e que em sua masturbação mútua ele identificava seu irmão e a si mesmo com os genitores.

duzidas, sua transferência para esses objetos, será positiva ou negativa. Nas crianças pequenas que sofrem particularmente dessa apreensão, a transferência negativa manifesta-se quase que imediatamente, como medo indisfarçado; ao passo que nas maiores, especialmente nas que se acham no período de latência, geralmente toma a forma de desconfiança, reserva ou simplesmente de aversão. Em sua luta contra o medo aos objetos que lhe estão mais próximos, a criança tende a estender esse temor a objetos mais distantes (já que o deslocamento é uma das maneiras de se lidar com a angústia) e a ver neles uma personificação de seu pai "mau" ou de sua mãe "má". Esta a razão porque a criança realmente neurótica, em quem predomina a sensação de estar sob a ameaça de perigo constante e que vive na expectativa de um pai ou mãe "maus", reagirá com angústia ante a presença de qualquer estranho.

Não devemos esquecer-nos jamais da presença dessa apreensão nas crianças pequenas e, em certo grau, também nas maiores. Mesmo que comecem manifestando uma atitude positiva na análise, devemos estar preparados para nos defrontarmos com uma transferência negativa assim que surja um material complexo. Tão logo o analista capte sinais dessa transferência negativa, deve imediatamente assegurar o prosseguimento do trabalho de análise e estabelecer a situação analítica relacionando-a consigo mesmo; simultaneamente, por meio da interpretação, fá-la-á retroceder aos objetos e situações originais, solucionando, assim, parte da angústia. A fim de ter acesso ao material inconsciente, a interpretação deve intervir em algum ponto de urgência do material inconsciente. O local onde se encontra esse ponto será indicado pela multiplicidade e pela repetição freqüente, geralmente em formas variadas, das representações do mesmo "pensamento lúdico" (no caso de Peter, por exemplo, tivemos, em sua primeira sessão, a disposição alternada dos veículos e a contínua colisão de cavalos, carros e locomotivas) e, outrossim, pela intensidade dos sentimentos ligados a essas representações, pois ela nos dá a medida do afeto que se acha associado ao seu conteúdo. Se o analista negligenciar um material de natureza tão urgente, a criança usualmente interromperá o jogo, manifestando grande resistência e até mesmo franca angústia, e demonstrando, não raro, vontade de fugir. Por conseguinte, nos casos em que a análise começou com uma transferência

positiva, o analista pode pôr fim à angústia da criança ou ao menos atenuá-la, se a interpretação for feita em tempo oportuno, isto é, assim que o material fornecido o permita. Quando, desde o início, predomina uma transferência negativa ou quando as angústias e resistências surgem desde o princípio, já vimos a absoluta necessidade de se interpretar o mais rapidamente possível.

Deduz-se, pelo que foi dito, que a profundidade de uma interpretação é tão imprescindível quanto a sua oportunidade. Se tomarmos em consideração a extrema premência do material apresentado, seremos obrigados a nos aprofundarmos até à camada psíquica que está sendo ativada, origem não somente do material representativo, mas também da angústia e do sentimento de culpa que lhe está associado. Mas se tomarmos como modelo os princípios que regem a análise de adultos e procurarmos, em primeiro lugar, entrar em contato com os estratos superficiais do psiquismo — os que se acham mais próximos do ego e da realidade — falharemos em nosso objetivo de estabelecer a situação analítica e de reduzir a angústia da criança. Experiências repetidas convenceram-me disso. O mesmo se aplica à mera tradução dos símbolos ou a interpretações que tratam apenas da representação simbólica do material, sem se preocupar com a angústia e a culpabilidade subjacentes. Uma interpretação que não desce às profundidades que estão sendo ativadas pelo material e pela angústia concernentes; que não ataca o local onde reside a mais forte resistência latente; e que não se empenha, antes de mais nada, em reduzir a angústia no ponto onde é mais violenta e evidente, uma tal interpretação não terá qualquer efeito sobre a criança. Ou então, servirá apenas para provocar resistências mais fortes, sem ser capaz de solucioná-las. Mas, como já tentei deixar claro nos fragmentos da análise de Peter, não basta penetrarmos nesses estratos mais profundos para solucionar completamente a angústia lá contida; isso tampouco nos dispensará de explorar os estratos superficiais do psiquismo, onde o ego da criança e sua relação com a realidade ainda estão por ser analisados. O estabelecimento da relação da criança com a realidade e o fortalecimento de seu ego só se verificam gradualmente, e constituem o resultado, não a condição prévia, do trabalho analítico.

Até aqui, procurei expor e ilustrar com exemplos a conduta

de uma análise de crianças pequenas de tipo comum. Considerarei agora algumas dificuldades menos usuais com que me tenho defrontado e que me obrigaram a adotar técnicas especiais. Já vimos que com pacientes do tipo de Trude,⁹ que se mostrou tão angustiada em sua primeira sessão, a interpretação imediata foi o único meio de diminuir essa angústia e dar início à análise. Ainda mais instrutivo pareceu-me o caso de Ruth,¹⁰ de quatro anos e três meses; era uma dessas crianças cuja ambivalência se evidenciava, por um lado, numa extremada fixação à mãe e a algumas outras mulheres e, por outro, numa antipatia violenta por outro grupo de mulheres, geralmente estranhas. Não conseguira habituar-se, quando ainda pequenina, a uma nova babá, e era-lhe muito difícil fazer amizade com outras crianças. Além de uma indiscutível ansiedade, que freqüentemente eclodia em crises angustiosas, e de vários outros sintomas neuróticos, era muito tímida. Em sua primeira sessão analítica recusou-se terminantemente a ficar a sós comigo. Resolvi, então, admitir a presença de sua irmã mais velha.¹¹ Eu tencionava obter uma transferência positiva na esperança de poder, eventualmente, trabalhar a sós com ela; mas todas as minhas tentativas, como brincar com ela, encorajá-la a falar, revelaram-se vãs. Ao lidar com seus brinquedos ela se dirigia principalmente à irmã (embora esta última procurasse eclipsar-se o mais possível), ignorando-me por completo. A própria irmã chegou a dizer-me que meus esforços eram baldados e que eu não tinha a menor possibilidade de conquistar a confiança da menina, ainda que passasse com ela semanas inteiras ao invés de horas isoladas. Vi-me, portanto, obrigada a tomar outras medidas, que vieram uma vez mais comprovar a eficácia da interpretação para reduzir a angústia do paciente e sua transferência negativa. Um dia em que Ruth estava, como sempre, empenhada em prestar atenção exclusivamente à irmã, desenhou um copo de vidro co-

⁹ Vide capítulo 1.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Na realidade sua meia-irmã. Contando cerca de vinte anos mais do que Ruth, era uma moça muito inteligente que também fora analisada. Tive mais um caso no qual fui obrigada a admitir a presença de uma terceira pessoa. Em ambos os casos isso foi realizado em circunstâncias excepcionalmente favoráveis; mas devo dizer que, por várias razões, jamais recomendaria tal procedimento, a não ser como último recurso.

berto por uma espécie de tampa, dentro do qual havia pequenas bolinhas. Perguntei-lhe para que servia a tampa, mas ela não me respondeu. Quando a irmã lhe repetiu a pergunta, disse que era “para evitar que as bolinhas rolassem para fora”. Ela antes disso remexera na bolsa da irmã, e depois a fechara muito bem, “para que nada caísse fora”. Fizera o mesmo com a carteira dentro da bolsa, a fim de manter as moedas seguramente fechadas. Ademais, o material que ela agora me fornecia já se tornara bastante claro nas horas precedentes.¹² Decidi arriscar-me. Disse a Ruth que as bolinhas do copo, as moedas da carteira e o conteúdo da bolsa significavam bebês no interior de sua mamãe e que ela queria conservar tudo muito bem fechado a fim de não ter mais irmãos e irmãs. O efeito de minha interpretação foi assombroso. Pela primeira vez Ruth voltou sua atenção para mim e começou a brincar de uma maneira diferente e menos constrangida.¹³ Não obstante, ainda não foi possível fazê-la permanecer a sós comigo, visto reagir a essa situação com crises de angústia. Como percebi que a análise estava diminuindo firmemente sua transferência negativa em favor de uma positiva, decidi continuar admitindo a presença da irmã. Três semanas depois esta última adoeceu repentinamente, e vi-me ante a alternativa de interromper a análise ou arriscar uma crise de angústia. Com o consentimento de seus pais, optei pela segunda alternativa. A pajem entregou-me a garotinha na sala de espera e retirou-se, apesar de suas lágrimas e gritos. Nessa situação extremamente penosa tentei novamente acalmar a menina de maneira não-analítica e maternal, como qualquer pessoa o faria. Procurei consolá-la, alegrá-la e fazê-la brincar comigo, mas em vão. A única coisa que consegui foi fazer com que me seguisse à sala de análise. Mas ficou lívida e desatou a berrar, presa de intensa crise de angústia. Entrementes, sentei-me à

¹² Nesta análise, o desejo da menina de roubar o corpo da mãe e os sentimentos conseqüentes de culpa e angústia dominaram o quadro desde o princípio. A irrupção de sua neurose, além do mais, coincidiu com a gravidez da mãe e com o nascimento de sua irmãzinha.

¹³ Como já foi dito, a interpretação tem o efeito de modificar o caráter dos jogos da criança e fazer com que a representação desse material se torne mais clara.

mesinha de brinquedos e comecei a brincar sozinha,¹⁴ mas descrevendo tudo o que fazia à garotinha apavorada, que se sentara a um canto da sala. Seguindo uma inspiração súbita, tomei como tema de meu jogo o material que ela própria produzia na sessão precedente. No final desta, ela brincara com a pia do lavatório alimentando as bonecas com enormes jarras de leite. Fiz o mesmo. Pus uma boneca para dormir, disse a Ruth que ia lhe dar alguma coisa para comer e perguntei o que é que ela achava que se deveria dar. Ela interrompeu os gritos para responder “leite”, e notei que fez um movimento em direção à boca com os dois dedos que tinha o hábito de chupar antes de dormir; mas retirou-os rapidamente. Perguntei se não gostaria de chupá-los e ela disse: “Sim, gostaria muito”. Compreendi que ela queria reconstituir a situação que se repetia em sua casa todas as noites; portanto, deitei-a no divã e, a seu pedido, cobri-a com uma colcha. Incontinentemente, ela começou a chupar os dedos. Continuava muito pálida e havia fechado os olhos, mas estava visivelmente mais calma e parara de chorar. Enquanto isso continuei brincando com as bonecas, repetindo o jogo da sessão anterior. Quando coloquei uma esponja molhada ao lado de uma delas, como Ruth havia feito, recomeçou a gritar, dizendo: “Não, ela não pode ficar com a esponja *grande*, essa não é para crianças, só para gente grande!” (Devo salientar que nas duas sessões precedentes ela havia produzido abundante material concernente à inveja que sentia de sua mãe.) Passei a interpretar esse material em conexão com seu protesto contra a esponja grande (que representava o pênis de seu pai). Mostrei-lhe detalhadamente como ela invejava e odiava sua mãe porque esta havia incorporado o pênis de seu pai durante o coito, e como ela queria roubar o pênis e os bebês de dentro de sua genitora e matá-la. Expliquei-lhe que a razão de seu medo era porque acreditava haver morto sua mãe ou temia ser abandonada por ela. Na-

¹⁴ Em casos especialmente difíceis emprego esse expediente técnico para conseguir iniciar a análise. Constatei que quando as crianças manifestam sua angústia latente, mostrando-se inteiramente inacessíveis, geralmente é útil que eu lance uma palavra de estímulo, começando eu mesma a brincar. Aplico esse método dentro dos mais estreitos limites. Posso, por exemplo, construir algumas cadeiras com cubos e colocar algumas figuras perto delas. Algumas crianças verão nisso uma escolinha e prosseguirão o jogo nessa base; outras dirão que é um teatrinho e farão as figuras agirem de acordo, e assim por diante.

turalmente tomei o cuidado de começar essas interpretações dirigindo-me à boneca — fazendo de conta que era esta quem estava chorando de medo e que eu lhe explicava os motivos — para depois dirigir-me diretamente a Ruth. Desta maneira, consegui estabelecer completamente a situação analítica. Ruth, entretantes, começou a se acalmar. Abriu os olhos e permitiu que eu aproximasse do divã a mesinha com os brinquedos. Continuei a brincar e a interpretar, agora ao seu lado. Dentro em pouco ela sentou-se e começou a observar meu jogo com crescente interesse, chegando, inclusive, a participar dele. Quando, terminada a sessão, a pajem veio buscá-la, ficou pasmada ao encontrá-la alegre e bem disposta e ainda mais ao vê-la despedir-se de mim de maneira amistosa e até mesmo afetuosa. É verdade que no princípio da sessão seguinte, quando a pajem tornou a deixá-la, Ruth demonstrou alguma angústia; mas desta feita não teve nenhuma de suas crises habituais e não irrompeu em choro. Refugiou-se imediatamente no divã e deitou-se como no dia anterior, chupando os dedos de olhos fechados. Pude sentar-me ao seu lado e continuar incontinente o jogo da sessão precedente. Toda a seqüência de acontecimentos do dia anterior foi recapitulada, mas de forma abreviada e atenuada. Ao fim de poucas sessões desse tipo, as coisas haviam progredido a tal ponto, que a pequenina só denotava alguns traços de angústia no princípio da sessão analítica.

A análise de Ruth mostrou que suas crises de angústia eram uma repetição dos intensos pavores noturnos¹⁶ que a haviam acometido aos dois anos de idade. Sua genitora achava-se grávida naquela época e o desejo da menina de roubar o novo bebê do corpo de sua mãe, feri-lo e matá-lo haviam suscitado nela um intenso sentimento de culpa, em consequência do qual se tornou fortemente fixada à mãe. Dizer boa noite antes de dormir significava dizer adeus para sempre. Em consequência de seus desejos de roubar e matar sua genitora, tinha medo de ser abandonada por ela para sempre;¹⁶ ou de nunca mais

¹⁶ Vide capítulo I.

¹⁰ Em seu trabalho "The Genesis of Agoraphobia" (1928), Helene Deutsch assinala que o medo da morte da mãe, baseado em vários desejos hostis contra a mesma, é uma das formas mais comuns da neurose infantil e está intimamente relacionada com o medo de ser separado dela e sentir saudades.

tornar a vê-la viva; ou então de encontrar, em lugar da mãe meiga e carinhosa que lhe dizia boa noite, uma mãe "má", que a atacaria durante a noite. Estes também os motivos porque tinha medo de ficar sozinha. Ser deixada a sós comigo significava ser abandonada por sua "boa" mãe; e todo o seu terror pela mãe "punitiva" achava-se agora transferido para mim. Analisando esta situação e trazendo-a à luz, consegui, como vimos, dissipar suas crises de angústia, tornando possível, dali por diante, o trabalho analítico normal.¹⁷

A técnica que empreguei para analisar os ataques de angústia de Ruth revelou-se muito eficaz também em outro caso. Durante a análise de Trude,¹⁸ sua mãe adoeceu e teve de ser internada numa clínica. Este fato motivou uma interrupção em sua análise, que ocorreu justamente quando suas fantasias sádicas de agressão à genitora dominavam o quadro. Já descrevi como essa menina de três anos e nove meses encenava essas representações de agressão contra mim e de como, vencida pela angústia subsequente, escondia-se com as almofadas por trás do divã, mas sem jamais chegar a ter uma verdadeira crise angustiosa. Quando, porém, voltou ao tratamento, após o intervalo ocasionado pela enfermidade da mãe, teve crises bem definidas de angústia por vários dias consecutivos. Essas crises constituíam uma reação aos seus impulsos agressivos, ou melhor, ao medo que nela suscitavam. Durante essas crises, Trude, assim como Ruth, adotava uma postura peculiar: a mesma que assumia em sua casa, à noite, quando começou a sofrer de angústia. Acocorava-se a um canto, agarrada às almofadas a que muitas vezes chamava de bebês, urinava e co-

¹⁷ O tratamento de Ruth não chegou a ser concluído porque sua família teve de regressar para sua residência no exterior. Sua neurose, em consequência, não foi completamente suprimida. Mas nas 190 sessões que teve comigo, consegui efetuar as seguintes melhoras, que perduravam dois anos após o término da sua análise, conforme notícias que dela recebi: sua angústia foi grandemente diminuída e, em especial, as várias formas de timidez de que sofria. Como resultado, passou a dar-se melhor com outras crianças e com adultos e foi capaz de adaptar-se inteiramente às exigências do lar e da vida escolar. Sua fixação à mãe diminuiu e sua atitude para com o pai melhorou. Houve também grande modificação para melhor em suas relações com o irmão e as irmãs. Todo o seu desenvolvimento, especialmente com respeito à educabilidade, adaptação social e capacidade de sublimação, foi, desde então, favorável.

¹⁸ Vide capítulo 1.

meçava a chupar os dedos. Aqui também a interpretação levou à cessação de suas crises angustiosas.¹⁹

As experiências de M. N. Searl e de outros analistas infantis, além de minhas próprias experiências subseqüentes, vieram confirmar a utilidade dessas medidas técnicas também em outros casos. Nos anos decorridos após o tratamento dessas duas pequenas pacientes, cheguei à conclusão de que o requisito preliminar para se conduzir uma análise com crianças pequenas — e também uma análise em profundidade com crianças maiores — é a compreensão segura do material que nos é apresentado. Para sermos mais exatos, a interpretação deve ser feita no momento oportuno e deve atingir a zona do psiquismo que se encontra ativada pela angústia; uma tal interpretação deve basear-se numa apreciação justa e rápida do sentido desse material, que nos esclarece tanto no que se refere à estrutura no caso, quanto ao estado afetivo atual do paciente; mas, sobretudo, é necessária uma percepção imediata da angústia latente e do sentimento de culpa nela contido. Aderindo-se a essa técnica consistentemente, pode-se reduzir ao mínimo a ocorrência das crises de angústia durante a análise. Se, todavia, essas crises de angústia ocorrerem no princípio do tratamento — como pode acontecer com crianças neuróticas normalmente sujeitas às mesmas — o emprego fiel e sistemático desse método quase sempre surtirá o efeito de reduzi-las a uma proporção em que se torne possível fazer uma análise normal do pequeno paciente. Os resultados obtidos com a análise das crises de angústia também constituem uma prova, a meu ver, da validade de alguns dos princípios da técnica lúdica. Não de recordar-se que no caso de Trude, muito embora o material estivesse acompanhado de intensa angústia, consegui analisá-lo sem provocar uma crise angustiosa regular; e isso porque, des-

¹⁹ A neurose de Trude manifestava-se em intensos terrores noturnos, em angústias durante o dia quando era deixada a sós, em enurese, em timidez geral, numa fixação muito grande à mãe e em aversão pelo pai, em fortes ciúmes de seus irmãos e irmãs e em várias dificuldades de sua educação. Como resultado de sua análise, que abrangeu 82 sessões, a enurese desapareceu completamente, sua angústia e timidez diminuíram em vários aspectos, e houve uma mudança favorável em suas relações com os pais e com os irmãos e irmãs. Era também sujeita a resfriados, que a análise demonstrou serem em grande parte de origem psíquica, e estes também diminuíram em frequência e intensidade. Apesar dessas melhoras, sua neurose não estava totalmente solucionada quando, por razões externas, a análise foi interrompida.

de o princípio, fiz as interpretações sempre em profundidade, e fui liberando a angústia gradualmente, até diminuí-la. Ocorreu então que a análise de Trude teve de ser interrompida num momento desfavorável e em circunstâncias difíceis, devido à enfermidade de sua mãe. Quando a análise foi reencetada, sua angústia estava tão acumulada que ela sofreu verdadeiras crises. Todavia, cessaram por completo após algumas sessões, para dar lugar a alguns acessos esporádicos.

Gostaria de acrescentar algumas observações teóricas a respeito dessas crises de angústia. Falei delas como sendo uma repetição do *pavor nocturnus*; e, referindo-me à posição tomada pela paciente durante essas crises, ou melhor, à sua tentativa de dominá-las, acentuei que se tratava de uma repetição da situação de angústia que a acometia durante a noite, em seu leito. Mas também mencionei uma dessas situações, específica e muito precoce, que me parece estar na origem tanto do *pavor nocturnus* como das crises angustiosas. Pelo que me foi dado observar nos casos de Trude, Ruth e Rita, e pelo que aprendi no curso dos últimos anos, fui levada a reconhecer a existência de uma angústia, ou de uma situação angustiosa, que é específica na menina, e que equivale à angústia de castração sentida pelo menino. Essa angústia culmina, na menina, no temor de que sua mãe lhe destrua o corpo, abolindo seu conteúdo e retirando-lhe os bebês. Retornarei a este assunto com mais detalhes na segunda parte desta obra. Aqui, quero apenas chamar a atenção do leitor para certas concordâncias entre os dados por mim colhidos em minhas análises de crianças pequenas e algumas observações que Freud, em 1926, fez em seu livro *Hemniung, Symptom und Angst*. Afirma ele que para a menina, o equivalente ao temor de castração sentido pelo menino, é o medo de perder o amor. Vemos claramente, pelos exemplos que citei, como as meninas pequenas temem ser largadas ou abandonadas por sua mãe. Mas esse temor, a meu ver, vai ainda mais longe. Ele tem sua origem nos impulsos agressivos dirigidos contra a mãe, e nos desejos de roubá-la e matá-la, oriundos dos estádios primitivos do conflito edípico. Esses impulsos suscitam não somente angústia ou o medo de ser atacada pela mãe, mas também o medo de que a mãe a abandone ou morra.

Retornemos agora à consideração das questões técnicas. Os termos da interpretação também são de enorme importância e

devem ser escolhidos em função da maneira concreta com que as crianças pensam e falam.²⁰ Peter, como o leitor há de recordar, disse, apontando para o balanço: "Veja como balançam e se chocam". E quando eu expliquei: "Foi assim que os 'negocinhos' do papai e da mamãe ficaram se chocando", ele aceitou, sem a menor dificuldade. Para citar um outro exemplo: Rita (dois anos e nove meses), contou-me que suas bonecas lhe haviam perturbado o sono, pois dizia^m incessantemente a Hans, o condutor do trem subterrâneo (um pequeno boneco de rodas): "Continue a fazer seu trem andar". De outra feita, apanhou uma peça triangular do jogo de construção e, colocando-a de lado, disse: "Isto é uma mulherzinha"; após o que pegou um "martelinho" — termo com que denominou uma peça de forma alongada — e bateu com o mesmo na caixa do jogo, exatamente na parte onde o papel era mais fino, até perfurá-lo. "Quando o martelinho bateu com força", disse ela, "a mulherzinha ficou apavorada". A corrida do trem subterrâneo e as batidas do martelo representavam o coito de seus pais, cena a que assistira até quase os dois anos de idade. A interpretação que lhe dei "Foi assim que o papai bateu com força dentro da mamãe com seu martelinho e você ficou apavorada", adaptava-se exatamente ao seu modo de pensar e de falar.

Ao descrever meus métodos analíticos, muitas vezes mencionei brinquedos pequenos que são colocados à disposição das

²⁰ Em seu artigo "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria" (1905) diz Freud: "É possível para um homem conversar com moças e mulheres sobre assuntos sexuais de qualquer natureza sem causar prejuízos e sem levantar suspeitas sobre si, desde que adote, em primeiro lugar, uma maneira particular de fazê-lo e que, em segundo lugar, consiga convencê-las de que isso é inevitável... A melhor maneira de falar sobre essas coisas é ser seco e direto; ao mesmo tempo, esse é o método que mais se distancia dos pruridos com que esses temas são tratados em sociedade... *J'appelle un chat un chat*". Essa atitude é, *mutatis mutandis*, a que adoto ao analisar crianças. Falo de assuntos sexuais empregando as palavras simples que melhor se adaptam à sua maneira de pensar.

Convém também lembrar que as crianças vivem ainda, em sua maior parte, sob o domínio do inconsciente, cuja linguagem, conforme o demonstram os sonhos e os jogos, é concreta e pictórica. Como temos freqüentemente ocasião de observar, a atitude das crianças com relação às palavras é bastante diferente da dos adultos. Elas as empregam, acima de tudo, de acordo com as qualidades de sua imaginação — segundo os quadros e fantasias que as palavras evocam. Se quisermos ter acesso ao inconsciente da criança na análise (o que, naturalmente, teremos de fazer por via do ego e através da linguagem), só lograremos êxito evitando circunlóquios e empregando palavras simples.

crianças. Gostaria de explicar, resumidamente, qual a razão porque esses brinquedos são tão valiosos na técnica da análise lúdica. Seu reduzido tamanho, seu número e sua grande variedade, deixam o campo livre para os jogos mais variados, ao passo que sua simplicidade permite uma infinidade de usos diferentes. Tais brinquedos, portanto, prestam-se muito bem a que a criança exprima amplamente, por meio deles, suas fantasias e experiências, com grandes detalhes. Os diversos "temas lúdicos" e os afetos a eles associados (que deduzimos, em parte, pelo conteúdo de seus jogos e em parte pela observação direta) são representados lado a lado e dentro de um espaço reduzido, de sorte que podemos ter uma boa visão das conexões gerais e da dinâmica dos processos mentais que nos estão sendo apresentados. Ademais, visto que a contigüidade espacial geralmente significa contigüidade temporal, podemos deduzir a ordem cronológica das diversas fantasias e experiências da criança.

Pelo que foi dito, poder-se-ia deduzir que, para analisar uma criança, basta colocar brinquedos à sua frente para que ela se ponha incontinentemente a brincar com eles de forma desinibida. Mas na realidade não é isso o que acontece. Conforme já assinalei repetidas vezes, a inibição no jogo encontra-se amiúde nas crianças em maior ou menor grau, e constitui um sintoma neurótico extremamente comum. Mas é precisamente nestes casos, quando falham todas as outras tentativas de se entrar em contato com o paciente, que os brinquedos se revelam tão úteis como instrumento para se dar início à análise. É raro que uma criança, seja qual for seu grau de inibição, não lance ao menos um olhar aos brinquedos ou não pegue um deles para fazer alguma coisa. Ainda que, como Trude, pare de brincar em seguida, já teremos tido uma idéia de seu inconsciente sobre o qual basear nosso trabalho de análise, observando qual o tipo de jogo que ela começou a fazer, em que ponto surgiu a resistência, como se portou em conexão com essa resistência, qual o comentário ocasional que ela possa ter feito na ocasião, e assim por diante. O leitor já terá compreendido como é possível para o analista, com o auxílio da interpretação, fazer com que o jogo da criança se torne cada vez mais livre e seu conteúdo representativo cada vez mais rico e frutífero, reduzindo gradualmente suas inibições.

Os brinquedos não são os únicos requisitos para a análise

lúdica. É necessário que na sala haja uma quantidade de material ilustrativo, sendo que o mais importante é um lavabo com água corrente. Este último, geralmente, não é muito utilizado nas primeiras etapas da análise, mas adquire enorme importância nas etapas mais avançadas. A criança passará toda uma fase de sua análise brincando ao redor do lavabo (onde haverá também uma esponja, um copo de vidro, um ou dois barquinhos, algumas colheres e papel). Estes jogos com água permitem que tenhamos um "insight" profundo das fixações pré-genitais fundamentais da criança,²¹ e constituem um meio de ilustrar suas teorias sexuais, mostrando-nos a relação existente entre suas fantasias sádicas e suas formações reativas, e a conexão direta entre seus impulsos pré-genitais e genitais.²²

Desenhar ou recortar papel ocupam grande parte de muitas análises. Em outras — sobretudo quando se trata de meninas — o tempo da criança é empregado principalmente na confecção de roupas e adereços para si mesma, suas bonecas ou bichinhos de brinquedo, ou em adornar-se com fitas e outros enfeites. Cada criança tem à sua disposição papel, lápis de cor, facas, tesourinhas, agulhas e linhas, fios, peças de madeira e cordas. Muitas trazem seus próprios brinquedos. Os artigos acima enumerados, evidentemente, não exaurem as possibilidades. É muito instrutivo observar os diversos usos que a criança dará a qualquer deles ou a maneira por que passará de um jogo para outro. Outrossim, toda a mobília normal da sala, como cadeiras, almofadas etc., estará a serviço de suas atividades. Efetivamente, todos os móveis da sala do analista devem ser especialmente selecionados para esse propósito. As fantasias e jogos de imaginação que a criança cria ao brincar são de grande significado. Em seus jogos de faz-de-conta a criança representa em sua própria pessoa aquilo que numa outra etapa, geralmente anterior, demonstrava através de seus brinquedos. Nesses jogos, ela geralmente confia ao

21. Vide o caso de Ruth (pág. 53). Foi brincando com o lavabo que ela pôs em evidência mais claramente seus desejos orais insatisfeitos.

22. Esses jogos com água têm uma contrapartida interessante nos jogos com fogo. Muitas vezes a criança brinca antes com água para depois queimar papel e fósforos, ou vice-versa. A relação entre molhar e queimar aparece distintamente nesse comportamento, assim como a grande importância do sadismo uretral (vide capítulo 8).

analista um ou mais papéis, e costumo pedir à criança que me descreva esses papéis o mais detalhadamente possível.

Algumas crianças manifestam preferência por jogos de fazer-de-conta. Outras, pelo modo de representação mais indireto, por meio dos brinquedos. Brincar de mãe e filha, de escolinha, construir ou mobiliar uma casa (com o auxílio de cadeiras, móveis, almofadas etc.), fazer uma viagem, andar de trem, ir ao teatro, consultar o médico, trabalhar num escritório ou numa loja, eis alguns dos exemplos típicos dos jogos de ficção. Do ponto de vista analítico, o valor desses jogos de ficção está em seu método direto de representação e, conseqüentemente, na maior riqueza de associações verbais que suscitam. Efetivamente, como já foi dito no primeiro capítulo, uma das condições necessárias para o êxito de um tratamento é que a criança, seja qual for sua idade, tenha tirado partido, no curso de sua análise, de todos os recursos da linguagem à sua disposição.

Nenhuma descrição poderia fazer justiça ao colorido, à vida e complexidade que preenchem as sessões de uma análise lúdica. Mas espero haver dado ao leitor uma idéia dos resultados precisos e seguros que podemos obter por esse meio.

NEUROSE OBSESSIVA NUMA MENINA DE SEIS ANOS

NO CAPÍTULO precedente expusemos os princípios fundamentais da técnica da análise da criança pequena. Utilizando-nos, como ilustração, da história de um caso, iremos agora comparar essa técnica com a técnica da análise no período de latência. Esse exemplo nos dará, outrossim, a oportunidade de tratarmos certas questões de importância geral e teórica, bem como a de descrever os métodos empregados na análise das neuroses obsessivas infantis; posso acrescentar que essa técnica foi elaborada no curso do tratamento deste caso extremamente difícil e interessante.

Erna, uma menina de seis anos, apresentava numerosos sintomas graves. Sofria de insônia, que era ocasionada, em parte, por angústia (em particular pelo medo de ladrões e assaltantes) e em parte por uma série de atividades obsessivas. Deitava-se de bruços e batia violentamente a cabeça no travesseiro, fazia um movimento balanceado durante o qual permanecia sentada ou deitada de costas, chupava obsessivamente o polegar

¹ Este capítulo baseia-se num trabalho que apresentei em Würzburg, em outubro de 1924, na Primeira Conferência de Psicanalistas Alemães.

e se masturbava em excesso. Todas essas práticas obsessivas, que a impediam de dormir à noite, verificavam-se igualmente durante o dia. Isso ocorria particularmente com a masturbação, que praticava inclusive em presença de estranhos, e quase que ininterruptamente no jardim de infância que freqüentava. Sofria de depressões profundas, que descrevia nos seguintes termos: "Há qualquer coisa de que eu não gosto, na vida." Em suas relações com a mãe era excessivamente afetuosa, mas às vezes assumia uma atitude hostil. Dominava completamente a genitora, impedindo-lhe a liberdade de movimentos, e importunando-a continuamente com seu amor e seu ódio. Sua mãe dizia: "Ela me suga." Poder-se-ia descrever a menina como sendo ineducável. Idéias mórbidas e obsessivas e um caráter curiosamente adulto evidenciavam-se em seu olhar sofrido e no aspecto tristonho de seu rostinho. Ademais, ela dava a impressão de possuir uma inusitada precocidade sexual. O primeiro sintoma que se evidenciou na análise foi sua grave inibição para aprender. Começou a freqüentar a escola alguns meses depois de iniciar a análise e sua inaptidão para os estudos tornou-se logo evidente, assim como sua incapacidade de adaptar-se à escola e aos colegas. O fato de ela própria sentir-se doente — logo no princípio do tratamento pediu-me que a ajudasse — facilitou-me sobremaneira.

Erna começou a brincar pegando um carrinho, dentre os brinquedos que se achavam sobre a mesinha, e empurrando-o em minha direção. Disse que tinha vindo me buscar, mas colocou uma boneca na viatura, e depois um boneco. Ambos abraçavam-se e beijavam-se amorosamente enquanto o carrinho corria para cima e para baixo. A seguir, um boneco que dirigia um outro carrinho colidiu com eles, esmagou-os, matou-os, assou-os e enguliu-os. De outra feita, a luta teve um final diferente e o boneco agressor foi derrubado; mas a mulher ajudou-o, consolou-o e desposou-o após haver se divorciado de seu primeiro marido. Em seus jogos, Erna atribuía a esse terceiro personagem os mais variados papéis. Era, por exemplo, um ladrão, que se introduzia numa casa defendida pelo primeiro casal; a casa queimou-se, o homem e a mulher pereceram devorados pelo fogo e o ladrão foi o único a sobreviver. Ou então, esse terceiro personagem era um irmão que havia vindo fazer uma visita, mas que ao abraçar a mulher, arrancava-lhe o nariz com uma

mordida. Este homenzinho, o terceiro personagem, era a própria Erna. Toda uma série de jogos similares traduziam seu desejo de suplantar o pai junto à mãe, embora em muitos outros jogos se manifestasse seu desejo edípico direto de despojar a mãe e conquistar o pai. Assim, um jogo representava um professor de violino que dava aulas a seus alunos batendo a cabeça contra o instrumento,² ou que lia um livro com a cabeça para baixo e as pernas para cima. A seguir, abandonava o livro ou o violino, conforme o caso, e punha-se a dançar com sua jovem aluna; finalmente, ambos abraçavam-se e beijavam-se. A este ponto, Erna perguntava-me, bruscamente, se eu permitiria o casamento entre professor e aluna. Em outra ocasião, um professor e uma professora, representados por um boneco e uma boneca, davam aulas de boas maneiras às crianças, ensinando-as a cumprimentar e fazer reverências. Inicialmente, as crianças mostraram-se obedientes e bem comportadas (exatamente como Erna, que sempre se esforçava por ser gentil e bem educada); depois, subitamente, atacaram o professor e a professora, os pisotearam, os mataram e assaram. Havia-se transformado em diabos, que exultavam com o tormento de suas vítimas. Mas repentinamente o professor e a professora encontraram-se no céu e os antigos diabos haviam-se transformado em anjos que, segundo Erna, ignoravam seu estado anterior; efetivamente, “eles jamais *havia*m sido diabos”. Deus Pai, o antigo professor, pôs-se a abraçar e beijar apaixonadamente a mulher, os anjos os adoraram e tudo correu bem novamente — embora fosse certo que muito em breve as coisas iriam piorar outra vez, de uma maneira ou de outra.

Erna muitas vezes brincava de mamãe. Eu era a filha e uma de minhas maiores faltas era chupar o polegar. O primeiro objeto que eu devia levar à minha boca era uma locomotiva. A garotinha já havia sobejamente admirado seus faróis dourados, dos quais dizia “são tão bonitos, tão vermelhos e chamejantes”, e aos quais metia na boca para sugar. Para ela representavam o seio de sua mãe e o pênis de seu pai. A esses jogos sucediam-se invariavelmente acessos de cólera, inveja e

² Compare-se com seu sintoma obsessivo de bater a cabeça no travesseiro. Eis outro jogo que demonstra claramente que, para o inconsciente de Erna, a cabeça tinha o significado de pênis: um boneco quis entrar num carro e bateu com a cabeça na janela, ao que o carro lhe disse: “É melhor você entrar de uma vez!” O carro representava sua mãe, convidando o pai a ter um coito com ela.

hostilidade contra a mãe, para serem substituídos por remorsos e por tentativas de se corrigir e de se fazer perdoar. Ao brincar com os cubos, por exemplo, ela os dividia entre nós de maneira a ficar com mais do que eu. Depois, consertava a situação tomando menos para ela, mas sempre dava um jeito de ficar com mais no final. Se eu tinha de fazer uma construção com os meus cubos, era apenas para que ela pudesse provar o quanto suas casinhas eram mais bonitas do que as minhas, às quais ela sempre acabava derrubando, aparentemente por acidente. Às vezes colocava um boneco como juiz para decidir que a casa dela era mais bonita do que a minha. As particularidades desse jogo referentes às nossas respectivas casas deixavam ver a antiga rivalidade de Erna com sua mãe. Numa fase ulterior da análise essa rivalidade manifestou-se de uma forma direta.

Além desses jogos, ela se pôs a recortar papel e a fazer mol-des. Um dia me disse que estava fazendo "picadinho" e que o papel estava sangrando; ao proferir essas palavras estremeceu e disse que não se sentia bem. Em certa ocasião, falou de uma "salada de olhos" e de outra feita, disse, que estava cortando meu nariz em "franjas". Repetia, assim, sua vontade de arrancar meu nariz com uma dentada, o que já havia exprimido desde sua primeira sessão (tinha, efetivamente, feito várias tentativas nesse sentido). Através desses meios ela revelava sua identificação com o "terceiro personagem", o bonequinho que assaltara e incendiara a casa e que arrancava os narizes a dentadas. Sua análise, como a de outras crianças, prova que o ato de recortar papel possui múltiplas determinantes. Nesse jogo, ela dava vazão a impulsos sádicos e canibais e representava ao mesmo tempo a destruição dos órgãos genitais de seus pais ou do corpo inteiro de sua mãe. Paralelamente, todavia, exprimia suas tendências reativas, pois ao recortar um objeto — um bonito guardanapo, por exemplo — ela recriava o que fora destruído.

Dos recortes, Erna passou a brincar com água. Um pedacinho de papel flutuando na bacia representava um capitão cujo navio havia naufragado. Ele conseguiu se salvar porque — conforme dizia Erna — tinha uma coisa "comprida e dourada" que o mantinha à tona. Depois arrancou-lhe a cabeça e anunciou: "Ele perdeu a cabeça; agora se afogou". Esses jogos com água conduziram à análise em profundidade de suas fantasias oral-

-sádicas, uretral-sádicas e anal-sádicas. Assim, por exemplo, ela brincava de lavadeira e usava pedaços de papel para representar as fraldas sujas de um bebê. Eu era o bebê e devia sujar minhas fraldas continuamente. (Incidentalmente, Erna manifestou com clareza seus impulsos coprofílicos e canibais, ao mascar os pedaços de papel que representavam excrementos e bebês, assim como fraldas sujas.) Como lavadeira, Erna teve muitas oportunidades de punir e humilhar o bebê, fazendo o papel de mãe cruel. Mas como também se identificava com o bebê, dava vasão ao mesmo tempo aos seus desejos masoquistas. Muitas vezes fazia de conta que a mãe instigava o pai a punir o bebê, dando-lhe uma surra no traseiro. Em sua função de lavadeira, Erna recomendava esse castigo como meio de curar o bebê de seu gosto pela sujeira. Certa vez, apareceu um mágico que veio em lugar do pai. Ele bateu no ânus e depois na cabeça do bebê com uma vara, e um líquido amarelado escorreu da varinha mágica. De outra feita a criancinha, muito pequenina desta vez, teve de tomar um pozinho que era uma mistura de "vermelho e branco". Graças a esse tratamento ela se tornou perfeitamente limpa e aprendeu a falar de repente, ficando tão inteligente como sua mãe.³ O mago figurava o pênis e bater com a varinha significava coito. O líquido e o pozinho representavam urina, fezes, esperma e sangue, tudo aquilo que, segundo as fantasias de Erna, sua mãe punha dentro do corpo ao copular pela boca, pelo ânus e pela vagina.

Em outra ocasião, Erna repentinamente transformou-se de lavadeira em vendedora de peixes e começou a apregoar suas mercadorias. No curso desse jogo abriu a torneira de água, que ela também costumava chamar de "torneira de creme batido", depois de entupi-la de papel. Quando o papel, uma vez embebido, caiu na pia, ela o despedaçou e começou a vendê-lo como peixe. A avidez compulsiva com que Erna bebia da torneira ao mesmo tempo que mastigava os peixes imaginários, traduziam claramente a inveja oral sentida durante a cena primária e em suas fantasias primárias. Essa inveja havia marcado profundamente a evolução de seu caráter e constituía-se no traço essencial de sua neurose.⁴ A equação dos peixes com o

³ Essas fantasias referem-se ao pênis em seu aspecto "bom" e curativo. Nos capítulos 11 e 12 esse ponto será tratado detalhadamente.

⁴ Estudaremos mais, adiante as relações existentes entre as observações feitas por Erna no tocante à relação sexual dos pais e sua própria neurose.

pênis de seu pai, assim como com fezes e com crianças, era bastante evidente em suas associações. Erna vendia uma grande variedade de peixes, entre os quais alguns “*Kokelfische*” ou, como ela repentinamente os denominou, “*Kakelfische*”.⁵ Ao cortá-los, manifestou o desejo súbito de defecar, mostrando, com isso, que os peixes equivaliam a fezes e o ato de cortá-los a defecar. Em sua qualidade de vendedora de peixes, Erna fez várias trapaças comigo. Tomava-me muito dinheiro sem nada me dar em troca. Eu nada podia fazer para defender-me pois ela contava com um policial para ajudá-la e ambos “batiam”⁶ o dinheiro que eu havia dado a ela e que também tinha o significado de peixes. Esse policial representava o pai com quem ela copulava e que era seu aliado contra a mãe. Eu devia me limitar a ficar olhando enquanto ela “batia” o dinheiro, ou os peixes, juntamente com o policial, para depois recuperá-los furtivamente. De fato, eu devia fazer o que ela mesma havia desejado fazer à mãe, ao assistir a relação sexual de seus pais. Essas fantasias e impulsos sádicos achavam-se na base da profunda angústia que sua mãe lhe inspirava. Frequentemente manifestava receio de uma “ladra” que a “despojaria de todo o seu interior”.

No curso da análise de Erna, evidenciou-se claramente que o teatro e os espetáculos de qualquer gênero representavam o coito de seus pais.⁷ As inúmeras atuações em que ela posava de atriz ou dançarina admirada por todos os espectadores, denunciavam a intensa admiração, mesclada de inveja, que sentia pela mãe. Identificando-se com a mãe, ela também assumia amiúde o papel de rainha perante a qual todos se inclinavam. Em todas essas cenas era sempre a menina a levar a parte pior. Toda a atitude de Erna em seu papel de mãe, sua ternura pelo marido, sua maneira de vestir-se para despertar admiração, tinham uma única finalidade: despertar a inveja da menina e ferir seus sentimentos. Quando, por exemplo, ela era rainha e celebrou seu casamento com o rei, estendeu-se sobre o divã e pediu que eu, como rei, me deitasse a seu lado.

⁵ “*Kacki*” — “fezes” (expressão utilizada pelas babás alemãs).

⁶ “*Wurled*”, neologismo que significa “bater creme”, “roubar” (N. da T.).

Em meu artigo “*Infant Analysis*” (1923), estendi-me sobre o significado simbólico universal do teatro, das representações, produções literárias etc. como representando as relações sexuais entre os pais. Posso igualmente citar Rank, “*Das Schauspiel im Hamlet*” (1919).

Ante a minha recusa, fez-me sentar numa pequena cadeira ao seu lado e bater com o punho no divã. Chamava a isto "fazer manteiga", cujo significado era copular. Logo depois declarou que havia uma criancinha saindo dela e representou a cena de maneira bastante realista, contorcendo-se e gemendo. Esse bebê imaginário devia partilhar do quarto dos pais e assistir suas relações sexuais. Se interrompia, a mãe queixava-se ao pai, e o bebê apanhava. Se Erna, como a mãe, deitava o bebê no bercinho, era apenas para livrar-se dele e voltar mais rapidamente para junto do pai. O bebê era constantemente maltratado e judiado. Alimentavam-no com mingau, mas este era tão ruim, que ele adoecia; enquanto isso, o pai e a mãe saboreavam manjares deliciosos feitos de creme batido ou de um leite especial preparado pelo dr. Schanka ou *Schlanka*.⁸ Este alimento particular, a que somente o pai e a mãe tinham direito, era usado em variações infinitas para representar o intercâmbio de substâncias durante o coito. As fantasias de Erna, de que sua mãe incorporava o pênis e o esperma do pai durante o coito, e que no decorrer do mesmo o pai incorporava os seios e o leite de sua mãe, constituíam a base de seu ódio e de sua inveja contra os genitores.

Em outro jogo de Erna, um sacerdote fazia uma encenação. Ele abria a torneira, da qual sua companheira, uma dançarina, vinha beber. A menina, que se chamava Cinderela, só tinha permissão para olhar, e era obrigada a ficar absolutamente imóvel. O tremendo acesso de cólera que Erna repentinamente manifestou a esse ponto da representação evidenciava os sentimentos de ódio de que suas fantasias estavam impregnadas e que ela mal conseguia dominar. Suas relações com a mãe estavam completamente distorcidas pelo ódio. Qualquer medida educativa, qualquer ato de disciplina, qualquer frustração inevitável, era encarada por ela como sendo um ato puramente sádico por parte de sua mãe, feito com a intenção de humilhá-la e maltratá-la.

Não obstante, ao brincar de mãe, Erna demonstrava afeição pela filha imaginária enquanto esta não passava de bebê. Cuidava dela com carinho, dava-lhe banho e chegava mesmo a perdoá-la quando esta se sujava. E se agia assim, era porque

⁸ Neologismo alemão composto pelas palavras *schlagen* (bater) e *einschenken* (verter bebida); (N. da T.).

achava que havia sido tratada com amor quando bebê. Quando a “filhinha” crescia, ela se mostrava cruel e deixava que os diabos a torturassem de mil maneiras, até matá-la.⁹ Esta filhinha também representava a mãe transformada em criança e isso se tornou claro na fantasia que passo a descrever. Quando Erna fazia de conta que era uma criança que havia se sujado, tocava a mim, como mãe, repreendê-la; porém, ela se tornava insolente e, por desafio, sujava-se cada vez mais. Com o intuito de aborrecer ainda mais a mãe, vomitava a péssima comida que eu lhe havia dado. O pai era então chamado pela mãe, mas tomava a defesa da filha. Em seguida, a mãe era acometida de um mal chamado “Deus falou com ela”; depois, era a filha quem pegava uma doença chamada “agitação materna”, da qual vinha a falecer; e o pai, como castigo, matava a mãe. A filha, então, ressuscitava e casava-se com o pai, que a elogiava continuamente, a expensas da mãe. Esta, que também ressuscitava, era por castigo transformada em criança pela varinha mágica do pai, e passava a sofrer todo o desprezo e os maus tratos a que a filha, anteriormente, estivera sujeita. Nas numerosas fantasias similares sobre o tema de mãe e filha, Erna reproduzia o que ela mesma havia provado; ao mesmo tempo, exprimia os sofrimentos sádicos que gostaria de infligir à mãe, caso a relação mãe-filha pudesse ser invertida.

A vida psíquica de Erna era dominada por fantasias anal-sádicas. Num período ulterior de sua análise, partindo, mais uma vez, de jogos relacionados com água, ela desenvolveu fantasias nas quais fez “grudadas” a roupas sujas, eram cozidas e comidas. Ela imaginava estar sentada na privada comendo os próprios excrementos, ou que cada uma de nós os dava à outra para comer. No curso da análise surgiam cada vez mais claramente fantasias sobre o ato de nos sujarmos mutuamente com urina e fezes. Em outro jogo, ela demonstrou que sua mãe

⁹ Quando, como neste caso, a fúria da criança contra o objeto é realmente excessiva, a situação fundamental é devida ao fato de que o superego se voltou contra o id. O ego escapa a essa situação intolerável por meio de uma projeção. Apresenta o objeto como inimigo, a fim de que o id possa destruí-lo sádicamente sem o consentimento do superego. Se o ego logra efetuar uma aliança entre o superego e o id por esse meio, pode, provisoriamente, expelir o sadismo do superego, que era dirigido contra o id, para o mundo externo. Desta maneira, os impulsos sádicos primários dirigidos contra o objeto, são aumentados pelo ódio originalmente dirigido contra o id. (Vide capítulo 8, bem como meu trabalho “Personification in the Play of Children”, 1929).

havia se sujado incessantemente e que, por culpa de sua genitora, tudo no quarto havia se transformado em fezes. A mãe era então levada à prisão, onde morria de fome. A Erna cabia a tarefa de limpar a sujeira que sua mãe havia deixado, e por isso chamava-se a si mesma "Sra. Parada de Merda", isto é, uma pessoa que ostentava seus excrementos. Por seu amor à ordem e à limpeza, ela conquistava a admiração e o amor de seu pai, que a colocava bem acima de sua mãe e a desposava. Ela cozinhava para ele e a bebida é a comida que trocavam entre si consistia novamente em urina e fezes, mas desta vez eram de boa qualidade e não mais prejudiciais. O que foi dito acima serve como exemplo das múltiplas e extravagantes fantasias anal-sádicas que se tornaram conscientes no curso da análise.

Em sua imaginação, Erna, que era filha única, preocupava-se com a chegada de irmãos e irmãs. Suas fantasias, a esse respeito, merecem atenção especial pois, segundo pude observar, elas têm aplicação geral. A julgar pelas fantasias de Erna e também pelas de outras crianças em situação idêntica, parece que o filho único sofre em muito maior extensão da angústia relacionada com a expectativa de um irmãozinho ou irmãzinha, e de sentimentos de culpa derivados dos impulsos de agressão inconscientes contra a existência imaginária desses irmãos no corpo materno; isso, porque lhe é impossível desenvolver, na realidade, uma atitude positiva para com eles. Esse fato geralmente dificulta a adaptação social do filho único. Durante muito tempo Erna sofreu acessos de fúria e de angústia, no princípio e no final de suas sessões; e isso era em parte ocasionado pelo encontro dos pequenos pacientes que vinham para tratamento imediatamente antes ou depois dela, e que representavam o irmão ou a irmã a quem estava sempre aguardando.¹⁰ Por outro lado, embora se desse mal com outras crianças, por vezes sentia falta de sua companhia. Seu desejo ocasional de ter um irmão ou irmã, era, segundo constatei, determinado por uma série de motivos: a) os irmãos e irmãs desejados significavam um filho próprio; esse desejo, porém, era logo pertur-

¹⁰ Como Erna não tinha irmãos nem irmãs na vida real, seu temor inconsciente e seus ciúmes, que desempenhavam tão importante papel em sua vida mental, eram revelados e vividos somente durante a análise. Deparamo-nos aqui com mais um exemplo da importância da situação transferencial na análise infantil.

bado por vivos sentimentos de culpa, pois seria a prova de que ela havia roubado a criança de sua genitora; b) a existência de um irmão ou irmã viria proporcionar-lhe a segurança de que os ataques desferidos em fantasia contra as crianças que ela imaginava se encontrarem no interior de sua mãe não haviam prejudicado nem a eles e nem à genitora, e que consequentemente o interior de seu próprio corpo estaria intato; c) essas crianças lhe proporcionariam a gratificação sexual que seus pais lhe haviam negado; d) e, o que é mais importante, seriam seus aliados, não somente nas práticas sexuais, mas também em suas lutas contra os terríficos genitores. Ela e os irmãos matariam a mãe, capturando o pênis do pai.¹¹

Mas a essas fantasias de Erna sucediam-se, imediatamente, sentimentos de ódio contra os irmãos e irmãs imaginários, que, afinal de contas, não passavam de substitutos do pai e da mãe; a esse ódio aduzia-se um profundo sentimento de culpa, motivado pelos atos de destruição que ela havia, em fantasia, cometido contra os genitores, com o auxílio de seus irmãos. E isso, habitualmente, terminava com um acesso de depressão.

Além disso, essas fantasias contribuíam, em parte, para as más relações de Erna com outras crianças. Ela as evitava, porque as identificava com os irmãos e irmãs imaginários. Assim, por um lado, encarava-as como cúmplices de seus ataques contra os genitores e, por outro, temia-as como inimigos, em virtude de seus próprios impulsos agressivos contra esses irmãos e irmãs.

O caso de Erna faz jorrar luz sobre outro fator que me parece ser de grande importância geral. No primeiro capítulo salientei a relação peculiar que têm as crianças com a realidade. Mostrei que podemos reconhecer, através do jogo de crianças muito pequenas, uma adaptação defeituosa à realidade, e que a análise deveria conduzi-las gradualmente, mesmo na mais tenra idade, a um contato completo com a realidade. Com Erna, mesmo depois de transcorrida boa parte da análise, eu não havia logrado nenhuma informação detalhada sobre sua vida real. Ela me forneceu um material abundante referente

¹¹ Em meu trabalho "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), assinalo que as crianças, em seus jogos sexuais, especialmente se forem irmãos e irmãs, criam fantasias onde se sentem aliadas contra os genitores, e com esta crença, experimentam amiúde uma diminuição da angústia e do sentimento de culpa. Para maiores esclarecimentos sobre esse ponto, vide o capítulo 12.

aos extravagantes impulsos sádicos contra a genitora, mas nunca ouvi dela a menor queixa ou crítica contra a mãe *real* e ao que verdadeiramente fazia. Embora Erna chegasse a reconhecer que suas fantasias eram dirigidas contra sua própria genitora, fato que negara num período anterior da análise, e a despeito de se tornar cada vez mais claro que ela imitava a mãe de maneira exagerada e invejosa, foi difícil estabelecer a conexão entre suas fantasias e a realidade. Todos os meus esforços para integrar mais completamente sua vida real na análise foram ineficazes, enquanto não logrei um progresso definitivo na análise das razões mais profundas que a levavam a querer apartar-se da realidade. As relações de Erna com a realidade revelaram-se artificiais, e isso em grau muito maior do que seu comportamento deixava entrever. De fato, ela tentava por todos os meios manter um mundo de sonho, protegendo-se da realidade.¹² Costumava, por exemplo, imaginar em seus jogos que as carruagens e seus cocheiros estavam a seu serviço, que obedeciam às suas ordens trazendo-lhe tudo o que desejava, que as bonecas eram suas criadas, e assim por diante. Mesmo durante essas fantasias era dominada por freqüentes acessos de cólera e depressão. Dirigia-se então ao banheiro, fabulando em voz alta enquanto defecava. Ao voltar, atirava-se sobre o divã chupando o polegar apaixonadamente, masturbando-se e enfiando o dedo no nariz. Consegui que ela me relatasse as fantasias que acompanhavam esses atos de defecar, chupar o polegar, masturbar-se e enfiar o dedo no nariz. Graças a essas satisfações físicas e às fantasias a elas relacionadas, procurava, energicamente, perpetuar o estado de sonho que vinha mantendo no jogo. A depressão, a cólera e a angústia que a dominavam ao brincar, eram devidas a qualquer intrusão de realidade que viesse perturbar suas fantasias. Recordou-se, igualmente, de como ficava contrariada quando alguém se aproximava de sua cama pela manhã, enquanto chupava o polegar ou se masturbava; e isso não somente pelo medo de ter sido surpreendida, mas porque necessitava defender-se contra a realidade. Uma *pseudologia*, que surgiu durante a análise, atingindo proporções fantásticas, permitiu-lhe modelar segundo seus desejos uma realidade que lhe era intolerável. Essa ex-

¹² Muitas crianças fazem apenas um regresso *aparente* à realidade quando seus jogos são interrompidos. Na verdade, continuam ocupadas com suas fantasias,

traordinária supressão da realidade, para cujo fim também empregava fantasias megalomaniacas, originava-se de seu excessivo medo aos genitores, em especial à mãe. Com o fito de diminuir esse medo é que Erna era levada a imaginar-se como senhora poderosa e impiedosa acima de sua mãe, e isso intensificava consideravelmente seu sadismo.

As fantasias em que Erna era cruelmente perseguida pela mãe começaram a evidenciar claramente seu caráter paranóide. Como já mencionei, ela encarava todas as medidas tomadas para sua educação, até os menores detalhes de seu vestuário, como um ato de perseguição materna. Ademais, tudo o que sua mãe fizesse, por exemplo, a maneira como se comportava com seu pai, as coisas que fazia para seu próprio divertimento etc., tomava para Erna um sentido de perseguição da qual ela era o objeto. De mais a mais, sentia-se continuamente espionada. Uma das causas de sua excessiva fixação à mãe era a necessidade compulsiva de vigiá-la constantemente. A análise mostrou que, em razão de suas próprias fantasias agressivas, Erna se sentia responsável por qualquer enfermidade de sua mãe e esperava um castigo correspondente. O rigor e a crueldade de seu superego patenteavam-se em muitos detalhes de seus jogos e fantasias, sempre alternados entre uma mãe severa que castiga, e uma criança que se revolta. Seria necessário uma análise em profundidade para elucidar essas fantasias, que eram idênticas ao que, nos adultos paranóicos, conhecemos como delírios. A experiência que adquiri após haver publicado a história deste caso levou-me a concluir que o caráter particular da angústia de Erna, de suas fantasias e de sua relação com a realidade, é típico dos casos onde se encontram traços fortemente paranóicos.¹³

A este ponto, quero chamar a atenção do leitor para as tendências homossexuais de Erna, excessivamente fortes desde sua primeira infância. Mesmo depois de analisada boa parte de seu ódio pelo pai e que decorria da situação edípica, essas tendências, se bem que indubitavelmente diminuídas, continuavam muito acentuadas, e, inicialmente, parecia impossível solucioná-las. Foi preciso vencer prolongadas e obstinadas resistências para que o verdadeiro caráter de suas fantasias de perseguição, sua plena intensidade e suas relações com a homossexualidade

¹³ Mais explicações sobre este tema são dadas na segunda parte deste volume.

viesses à luz. Desejos eróticos de natureza anal emergiam agora mais claramente em sua forma *positiva*, alternando-se com fantasias de perseguição. Erna começou a brincar de dona de loja; e o que vendia eram obviamente fezes, pois logo no início do jogo interrompeu-o para ir defecar. Eu era uma freguesa que devia preferir sua loja a todas as outras e achar sua mercadoria excepcional. Depois, era ela a freguesa e me testemunhava seu amor, representando, assim, o amor anal que a unia à sua mãe. Essas fantasias anais foram em breve interrompidas por acessos de depressão e de ódio que ela dirigia contra mim, mas que na realidade se destinavam à sua mãe. Foi então que Erna produziu fantasias referentes a uma pulga "preta e amarela", que ela mesma imediatamente assemelhou a um pedacinho de excremento, perigoso e envenenado, como resultou depois. "Esta pulga", afirmava ela, "havia saído de meu ânus e forçado caminho até o dela, machucando-a".¹⁴

No caso de Erna pude verificar a presença incontestável de fenômenos que nos são familiares como subjacentes aos delírios de perseguição, isto é, a transformação do amor pelo genitor do mesmo sexo em ódio, e uma proeminência excepcional do mecanismo de projeção. A análise ulterior revelou, porém, que por trás da atitude homossexual de Erna, num nível mais profundo, havia um sentimento de ódio extraordinariamente intenso contra a mãe, derivado da primitiva situação edípica e do sadismo oral. Esse ódio deu lugar a uma angústia excessiva que foi, por sua vez, o fator determinante dos menores detalhes de suas fantasias de perseguição. Chegamos agora a um novo grupo de fantasias sádicas que, pela intensidade de seu sadismo, excediam a tudo o que até então me fora dado ver na análise de Erna. Esta foi a parte mais difícil do trabalho e pôs à dura prova sua boa vontade em cooperar, pois foi acom-

¹⁴ Em seu "Short Study of the Development of the Libido" (1924), diz Abraham: "Tanto Van Ophuijsen (em seu artigo "On the Origin of the Feeling of Persecution", 1920) como Stürcke (em seu trabalho "The Reversal of the Libido-Sign in Delusions of Persecution", 1919) descobriram, no curso de sua prática psicanalítica, que na paranóia, podemos reencontrar os primeiros traços do 'perseguidor' através da imagem inconsciente que o paciente tem de suas fezes em seus intestinos, e que ele identifica com o pênis do 'perseguidor', isto é, com a pessoa de seu próprio sexo a quem ele originalmente amou. Assim, na paranóia, o paciente representa o perseguidor por uma parte de seu corpo e acredita carregá-lo no interior de si mesmo. Gostaria de desembaraçar-se desse corpo estranho, mas não o consegue."

panhada de extrema angústia. Nas raízes de seu ódio, descobri a inveja oral suscitada pelas satisfações genitais e orais que ela atribuía a seus genitores durante as relações sexuais. Manifestou esse ódio muitas vezes em inúmeras fantasias dirigidas contra os genitores unidos em cópula. Nessas fantasias ela os atacava, principalmente à mãe, por meio de seus excrementos, entre outras coisas; e o que havia por trás de seu medo às minhas fezes (a pulga), que ela imaginava penetrando dentro dela, eram fantasias em que ela se via destruindo o interior de sua mãe com suas fezes perigosas e venenosas.¹⁵

Depois que essas fantasias e impulsos sádicos, pertencentes a um estágio muito primitivo de seu desenvolvimento, foram mais profundamente analisadas, a fixação homossexual de Erna à sua mãe diminuiu e seus impulsos heterossexuais tornaram-se mais fortes. Até agora, suas fantasias haviam sido essencialmente determinadas por sua atitude de amor e de ódio em relação à genitora. Seu pai figurara sobretudo como mero instrumento para o coito, e toda a sua importância parecia derivar da relação mãe-filha. Na imaginação de Erna, qualquer demonstração de afeto por parte de sua mãe por seu pai, e na realidade toda a sua relação com ele, tinham um único propósito: defraudá-la, despertar seus ciúmes e instigar seu pai contra ela. Da mesma forma, quando a menina, em suas fantasias, arrebatava o pai de sua mãe casando-se com ele, era o ódio à mãe e o desejo de mortificá-la que apareciam em primeiro plano. Se no curso de seus jogos, Erna se mostrava afetuosa com seu marido, logo se percebia que essa ternura não passava de simulação, destinada a ferir os sentimentos de sua rival. Paralelamente ao seu progresso na análise, suas relações com o pai foram melhorando e começou a nutrir por ele sentimentos ge-

...¹⁵ Conforme descobri mais tarde no curso de meu trabalho analítico, os temores da criança de ser envenenada por excrementos perigosos aumentam sua fixação nos níveis pré-genitais, pois isso representa um estímulo constante incitando-a a convencer-se a si mesma de que esses excrementos, tanto os seus como os de seus objetos, não são perigosos, mas que ao contrário, são "bons". (cf. capítulo 8 deste volume). Por esta razão é que Erna fazia de conta que estávamos trocando "bons" presentes anais e que nos amávamos. Mas o estado de depressão que se sucedia a esses jogos de um suposto amor mostravam que, no fundo, ela estava apavorada e acreditava que nós — isto é, sua mãe e ela mesma — nos perseguíamos e envenenávamos uma à outra.

nuínos, de natureza positiva. Agora que a situação não se achava mais tão completamente dominada pelo ódio e pelo medo, a relação edípica direta pôde estabelecer-se. Ao mesmo tempo, a fixação de Erna à mãe diminuiu, e suas relações com a mesma, até agora tão ambivalentes, sofreram uma melhora. Essa mudança de atitude em relação aos pais provinha de uma profunda transformação em sua vida de fantasia. Seu sadismo diminuiu e suas fantasias de perseguição decresceram em frequência e intensidade. Modificações importantes também ocorreram em sua relação com a realidade, fazendo-se sentir, entre outras coisas, por uma crescente infiltração de realidade em suas fantasias.

Durante esse período da análise, Erna, após haver representado suas idéias de perseguição nos jogos, frequentemente dizia, com assombro: "Mas mamãe não pode *realmente* ter querido fazer isso. Ela gosta *realmente* muito de mim." Mas, à medida que se reforçava seu contato com a realidade e que seu ódio inconsciente pela mãe se tornava mais consciente, começou a criticá-la como pessoa real, com crescente desembaraço. Ao mesmo tempo, suas relações com ela melhoraram, e paralelamente a essa melhora foram surgindo sentimentos de ternura genuinamente maternos em sua atitude para com a filha imaginária. Certo dia, após havê-la tratado com crueldade, perguntou, profundamente comovida: "Será que eu devia *realmente* ter tratado meus filhos assim?" A análise de suas idéias de perseguição e a diminuição de sua angústia haviam, por conseguinte, logrado fortalecer sua posição heterossexual e melhorar suas relações com a genitora, possibilitando-lhe provar sentimentos mais maternos. A esse propósito, gostaria de precisar que, na minha opinião, um dos critérios de êxito numa análise infantil consiste na regularização dessas atitudes fundamentais que condicionam a escolha de um futuro objeto de amor por parte da criança e o desenrolar de toda a sua vida.

A neurose de Erna surgiu muito cedo. Antes de completar um ano, sua enfermidade já estava bastante pronunciada. (É verdade que, mentalmente, foi uma criança invulgarmente precoce.) A partir de então suas dificuldades foram se agravando, de sorte que entre os dois e três anos de idade sua educação havia se transformado num problema insolúvel; já apresentava anomalias de caráter e sofria de verdadeira

neurose obsessiva. Não obstante, somente aos quatro anos de idade foi reconhecido o que havia de insólito em sua maneira de masturbar-se e de chupar o polegar. Compreender-se-á portanto, que a neurose obsessiva dessa menina de seis anos já era crônica. Em fotografias em que aparece com três anos, já a vemos com a mesma expressão neurótica e preocupada de quando tinha seis anos.

Gostaria de sublinhar a inusitada gravidade do caso. Os sintomas obsessivos, que eram parcialmente responsáveis por um estado de insônia quase que permanente, os acessos de depressão e outras manifestações mórbidas, assim como o desenvolvimento anormal de seu caráter, não passavam de um pálido reflexo da vida instintiva totalmente anormal, extravagante e desenfreada dessa pequena paciente. Para uma neurose obsessiva como esta, que durante anos tivera um caráter progressivo, os prognósticos apresentavam-se decididamente sombrios. Podemos asseverar com absoluta segurança que o único recurso para um caso como esse é um tratamento psicanalítico feito em tempo oportuno.

Vamos agora aprofundar-nos em detalhes na estrutura do caso. Não houve dificuldade em inculcar hábitos de limpeza em Erna, e isso foi conseguido excepcionalmente cedo, quando contava apenas um ano de idade. Não foi necessário empregar medidas coercitivas: o amor-próprio dessa criança precoce foi suficiente para estimular sua adaptação às exigências de asseio.¹⁶ Mas a esse êxito externo correspondeu um total malogro interno. As tremendas fantasias sádico-anais de Erna revelaram até que ponto permanecera fixada nesse estágio e todo o ódio e ambivalência que dele fluía. Um dos fatores desse malogro foi uma predisposição anal-sádica constitucionalmente vigorosa; todavia, uma importante parte foi representada por outro fator, já assinalado por Freud,¹⁷ como tendo um papel importante na predisposição à neurose obsessiva, ou seja, o desenvolvimento demasiado rápido do ego comparado ao desenvolvimento da libido. De mais a mais, a análise revelou que outra etapa crítica do desenvolvimento de Erna

¹⁶ Podemos deduzir algumas das fontes da prematura ambição de Erna nesse sentido, pelas fantasias em que sobrepujava a mãe em limpeza, sendo chamada de "Sra. Parada de Merda" por seu pai o vindo a casar-se com ele por esse motivo, enquanto a mãe morria de fome na prisão.

¹⁷ "The Predisposition to Obsessional Neurosis" (1913).

havia sido atravessada com êxito apenas aparente; ela jamais havia aceito o desmame. Finalmente, houve ainda uma terceira privação: entre os seis e os nove meses, sua mãe havia notado o evidente prazer sexual com que ela reagia aos cuidados com seu corpo, sobretudo quando lhe lavava o ânus e os órgãos genitais. A hiperexcitabilidade da zona genital era inequívoca. Sua genitora, por isso, passou a usar de maior discrição ao lavar essas partes, tarefa que se tornava mais fácil à medida que a menina crescia e se tornava mais asseada. Todavia Erna, que interpretara as atenções primitivas e mais elaboradas como uma forma de sedução, sentiu essa reserva como uma frustração. Esse sentimento de ser seduzida, sob o qual havia o desejo de sê-lo, repetia-se constantemente em sua vida. Em todas as suas relações, por exemplo, com sua babá, com outras pessoas que se ocuparam de sua educação e também em sua análise, ela procurava recriar a situação de ser seduzida ou então acusar os outros de seduzi-la. Graças à análise dessa situação de transferência específica, foi possível remontar às situações anteriores, depois à situação inicial, o que permitiu reconstituir essa atitude através da experiência dos primeiros cuidados de que fora alvo quando bebê.

Assim, em cada um dos três eventos que ocasionaram a neurose de Erna, podemos discernir a parte desempenhada pelos fatores constitucionais.¹⁸ Resta agora ver de que maneira a impressão que lhe deixou a cena primária aos dois anos e meio, combinada com esses fatores constitucionais, desencadeou o desenvolvimento^d e sua neurose. Aos dois anos e meio e novamente aos três anos e meio,¹⁹ ela partilhou do quarto

¹⁸ Posteriormente cheguei à conclusão, que aparece melhor fundamentada no capítulo 8, de que um sadismo oral excessivo provoca o desenvolvimento demasiadamente rápido do ego e precipita o da libido. Os fatores constitucionais da neurose de Erna aos quais nos referimos acima, seu intenso sadismo, o desenvolvimento demasiadamente rápido de seu ego e a atividade prematura de seus impulsos genitais, ficam assim interconectados.

Após o tratamento deste caso, descobri mais um fator constitucional na produção da neurose. Consiste ele numa incapacidade relativa por parte do ego de tolerar a angústia. Em muitos casos — e o de Erna foi um deles — o sadismo muito prematuro da criança faz surgir um grau de angústia que o ego é incapaz de dominar adequadamente. Em regra geral, a capacidade do ego de dominar quantidades ainda que regulares de angústia varia de indivíduo para indivíduo; e esse elemento tem uma importância etiológica nas neuroses.

¹⁹ Temos aqui uma analogia interessante com o caso descrito por Freud em "History of an Infantile Neurosis" (1918). Quando Erna contava cinco anos de

dos pais durante um veraneio e teve assim ocasião de observar o coito. As conseqüências, como pude verificar, fizeram-se sentir não somente na análise; a partir do verão em que fez as primeiras observações da cena primária, uma mudança desfavorável operou-se nela. A análise demonstrou que o fato de haver assistido ao coito dos pais desencadeou sua neurose em toda a sua intensidade, incrementou enormemente seu sentimento de frustração e de inveja pelos pais, reforçando desmesuradamente as fantasias e impulsos sádicos dirigidos contra a gratificação sexual que estavam obtendo.²⁰

Os sintomas obsessivos de Erna foram explicados da seguinte maneira.²¹ O modo compulsivo com que chupava o polegar era devido a fantasias nas quais ela chupava, mordia e devorava o pênis do pai e o seio da mãe. O pênis e o seio

idade, isto é, 18 meses depois de ver os pais copularem pela última vez, esteve com eles em visita à sua avó e, durante um curto período, dessa visita, dormiu no mesmo quarto que os pais, mas sem ter a oportunidade de observar o coito. Não obstante, Erna deixou perplexa sua avó certa manhã, ao dizer: "Papai foi para a cama com mamãe e se sacudi com ela." O relato da garotinha permaneceu inexplicável até que a análise revelou que ela havia conservado a lembrança do que vira aos dois anos e meio, e que embora o tivesse esquecido conscientemente, o fato ficara gravado em seu espírito. Aos três anos e meio essas impressões foram revividas, mas novamente esquecidas. Finalmente, 18 meses mais tarde, uma situação análoga (dormir no quarto dos pais) excitou sua expectativa inconsciente de tornar a assistir ao mesmo ato, reavivando as experiências anteriores. No caso de Erna, como no caso do "Homem dos Lobos", a cena primária estava completamente recalçada, mas foi reativada subseqüentemente e, por alguns momentos, trazida à consciência.

²⁰ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 96, Freud sustenta que é a quantidade de angústia presente que determina o desencadeamento de uma neurose. A meu ver, a angústia é liberada pelas tendências destrutivas (cf. capítulos 8 e 11), de sorte que o surgimento de uma neurose seria, efetivamente, a conseqüência de um aumento excessivo dessas tendências destrutivas. No caso de Erna foi a intensidade de seu ódio que, ocasionando angústia, provocou sua enfermidade.

²¹ A análise também pôs a descoberto os fortes traços melancólicos que sua enfermidade apresentava. Durante a análise, queixou-se de uma sensação estranha que muitas vezes a afligia. Erna disse que às vezes perguntava a si mesma se era ou não um animal. Esta sensação era determinada por um sentimento de culpa procedente de seus impulsos oral-sádicos. Sua depressão, que ela exprimia ao dizer: "Há qualquer coisa na vida de que eu não gosto", era um genuíno *taedium vitae*, acompanhado de idéias suicidas. Tinha suas raízes nos sentimentos de angústia e de culpa resultantes da introjeção oral-sádica de seus objetos de amor.

representavam, respectivamente, o pai e a mãe inteiros.²² Ademais, como já vimos, a cabeça tinha o significado inconsciente de pênis; e ao bater com a cabeça no travesseiro pretendia representar os movimentos do pai durante o coito. Ela me contava que, à noite, ficava com medo e ladrões e assaltantes assim que cessava de "bater" com a cabeça. Ela se livrava, portanto, de seu medo, identificando-se com o objeto temido.

A estrutura de sua masturbação excessiva era muito complicada. Ela mesma distinguia várias formas de onanismo: uma pressão das coxas a que chamava "trepár",²³ um movimento balanceado, já mencionado, chamado "esculpir";²⁴ e um puxão no clitóris, chamado o "jogo do armário",²⁵ no qual "queria puxar para fora algo muito comprido". Além disso, costumava fazer pressão na vagina enfiando a ponta de um lençol por entre as pernas. Havia várias identificações nessas diferentes formas de masturbação, segundo se, nas fantasias que a acompanhavam, Erna assumia o papel ativo do pai ou o passivo da mãe, ou o de ambos ao mesmo tempo. Essas fantasias masturbatórias, fortemente sado-masoquistas, mostravam claramente sua relação com a cena primária e as fantasias primárias. Seu sadismo era dirigido contra os genitores em coito, e, como reação, tinha fantasias de natureza correspondentemente masoquista.

Durante muitas sessões consecutivas, Erna masturbou-se dessas diferentes maneiras. Porém, graças à transferência bem estabelecida, foi possível induzi-la a descrever, nos intervalos, suas fantasias masturbatórias. Pude assim descobrir as causas de seu onanismo obsessivo e livrá-la dele. Os movimentos balanceados, que apareceram entre os seis meses e um ano de idade, provinham do desejo de se fazer masturbar e tiveram origem nos contatos ocasionais e cuidados que lhe dispensaram em bebê. Durante todo um período da análise, Erna imitou em seus jogos as formas mais variadas de coito parental, para em seguida dar livre curso à ira provocada pela frustração sentida. Durante essas cenas nunca deixou de balançar-se, assumin-

²² Cf. Abraham, "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), Parte II.

²³ "Rankern" (N. da T.).

²⁴ "Bilhauern" (N. da T.).

²⁵ "Schrankspielen" (N. da T.).

do uma postura entre sentada e semideitada e de se exhibir; várias vezes chegou a pedir-me abertamente que tocasse suas partes genitais e, eventualmente, que as cheirasse. Nesta época, deixou a mãe surpresa ao pedir-lhe, após o banho, que lhe erguesse uma das pernas e a tocasse ou lhe desse uma palmadinha embaixo, ao mesmo tempo em que retomava a atitude, há tantos anos abandonada, de um bebê a quem passam talco nas partes genitais. Uma vez elucidado, o sintoma de balançamento desapareceu totalmente.

O sintoma mais resistente de Erna era sua inibição escolar. Atingia proporções tais, que apesar de todos os seus esforços levou dois anos para aprender o que outras crianças ordinariamente aprendem em poucos meses. Essa dificuldade foi combatida mais firmemente numa parte ulterior da análise, e quando concluí o tratamento havia sido reduzida, embora não totalmente eliminada.

Já falamos dos progressos que se produziram, graças à análise, tanto nas relações de Erna com seus pais como em sua orientação libidinal; com efeito, somente a análise possibilitou-lhe dar os primeiros passos para a adaptação social. Ela foi desembaraçada de seus sintomas obsessivos — já vimos que ela se masturbava, chupava o polegar e se balançava de forma compulsiva — malgrado sua importância ter sido tão grande a ponto de serem em parte responsáveis por sua insônia. Depois que seus sintomas desapareceram e a angústia foi consideravelmente diminuída, seu sono tornou-se normal e não mais apresentou acessos depressivos.²⁶

A despeito desses resultados favoráveis, eu absolutamente não considerava a análise como terminada quando foi interrompida por motivos externos, após 575 sessões, que se estenderam por mais de dois anos e meio. A extraordinária gravidade do caso, que se manifestava não somente nos sintomas da menina, mas também na deformação de seu caráter e em sua personalidade totalmente anormal, requeria o prolongamento da análise a fim de eliminar as dificuldades de que ainda sofria. A precariedade de seu equilíbrio traía-se, nos momentos de grande tensão, por uma tendência a recair em alguns de seus velhos problemas, embora essas recaídas fossem menos

²⁶ Dois anos e meio após o término da análise tive notícias de que essas melhoras haviam sido mantidas.

agudas que a condição original. Nessas circunstâncias, era sempre factível que se declarasse uma nova enfermidade ou qualquer outra manifestação mórbida durante algum período de tensão particularmente penoso ou mesmo no início da puberdade.

Chegamos aqui a uma questão de capital importância: quando a análise de uma criança pode ser dada por terminada? Com crianças em idade de latência, mesmo quando os resultados são bons, ou seja, quando satisfazem plenamente a outras pessoas, não posso considerar esse fato como prova de que a análise tenha sido conduzida até o final. Cheguei à conclusão de que quando a análise concorre para um desenvolvimento favorável no período de latência, qualquer que seja a importância desse fato, não constitui ele em si uma garantia de que o futuro desenvolvimento do paciente será completamente bem sucedido.²⁷ A transição para a puberdade, e desta para a idade adulta, é, na minha opinião, o melhor teste para se saber se uma análise infantil foi ou não suficientemente prolongada. Como esta questão será aprofundada no capítulo 6, limito-me aqui a declarar como fato empírico que a análise assegura a futura estabilidade de uma criança, na proporção direta em que for capaz de liquidar a angústia das camadas psíquicas mais profundas. Pelo desaparecimento desta angústia e pelo caráter das fantasias inconscientes da criança, ou melhor pelas transformações nelas produzidas, podemos encontrar um critério que nós ajude a julgar se uma análise chegou ao seu termo.

Mas voltemos ao caso de Erna. Já vimos que ao final de sua análise, suas fantasias de perseguição haviam sido grandemente reduzidas em frequência e intensidade. A meu ver, porém, teria sido necessário reduzir muito mais seu sadismo e angústia, a fim de evitar a possibilidade de uma recaída no momento da puberdade ou na idade adulta. Mas, como não me foi possível, na ocasião, prosseguir com sua análise, esta ficou para ser terminada mais tarde.

Com relação à observação de Erna, passaremos agora a abordar certas questões de ordem geral, algumas das quais, com efeito, se apresentaram pela primeira vez em sua análise. Constatei

²⁷ No capítulo 5, em relação com a análise de Ilse, uma menina na idade da puberdade, considerarei com mais detalhes quais os fatores que determinam uma transição adequada ao período de latência e quais os que, mais tarde, determinam uma passagem adequada à puberdade.

que o papel predominante das preocupações sexuais em seu tratamento, e a liberdade outorgada aos seus jogos e fantasias, atenuaram, em lugar de incrementar, sua excitação sexual e sua preocupação com assuntos sexuais.²⁸ Erna era uma criança cuja inusitada precocidade sexual chocava a todos os que a cercavam. Não somente a natureza de suas fantasias, mas também toda a sua maneira de agir lembravam os de uma adolescente extremamente sensual. Isso era particularmente visível em sua conduta provocante com homens e rapazes. Esse comportamento também sofreu uma melhora no curso da análise e ao fim do tratamento ela havia assumido uma atitude mais de acordo com a sua idade. De mais a mais, a análise de suas fantasias masturbatórias teve como resultado pôr um ponto final em seu onanismo compulsivo.²⁹

Outro princípio analítico sobre o qual eu gostaria de insistir, é que é absolutamente indispensável tornar o mais consciente possível as dúvidas e críticas que a criança abriga em seu inconsciente com referência aos pais, e sobretudo à vida sexual dos mesmos. Suas relações com o meio ambiente só podem beneficiar-se com isso, uma vez que, ao serem trazidos para a consciência, os ressentimentos inconscientes e julgamentos adversos são postos à prova da realidade e perdem, assim, sua virulência anterior; da mesma forma, melhoram as relações

²⁸ No capítulo precedente assinala-se que a análise de uma criança, assim como a do adulto, deve transcorrer em abstinência; mas como a criança é diferente do adulto, é necessário empregar um critério diferente. Por exemplo, ao participar dos jogos e fantasias da criança, o analista lhe dá, em realidade, uma gratificação muito maior do que ao paciente adulto; mas essa soma de gratificações é bem menor do que parece à primeira vista. Sendo o jogo uma forma de expressão natural na criança, o papel que o analista desempenha não difere, em seu caráter, da atenção com que acompanha as expressões verbais dos pacientes adultos ao descreverem suas fantasias. Além do mais, devemos lembrar-nos que a gratificação obtida pelas crianças em sua análise é em grande parte imaginária. É verdade que Erna se masturbou regularmente durante um certo período das sessões analíticas. Mas ela foi uma exceção. Não devemos esquecer-nos que em seu caso, a masturbação obsessiva chegava a um ponto tal, que ela se masturbava a maior parte do dia, chegando por vezes a fazê-lo até em presença de outras pessoas. Depois que a compulsão ao onanismo diminuiu consideravelmente, a situação analítica a levou a cessar a masturbação durante as horas de análise em favor de uma mera representação das fantasias de masturbação implicadas no ato.

²⁹ Quero dizer com isso que sua masturbação excessiva, praticada inclusive em presença de outras pessoas, e que tinha origem numa compulsão, havia cessado. Isso não significa que ela tenha renunciado totalmente à masturbação.

da criança com a realidade. Além do mais, a capacidade de criticar conscientemente os pais já é, como vimos no caso de Erna, o resultado das relações melhoradas com a realidade.³⁰

Abordando agora o ponto particular da técnica, já citei, mais de uma vez, que Erna era dada a freqüentes acessos de cólera durante as sessões analíticas. Suas crises de raiva e seu sadismo não raro assumiam formas ameaçadoras contra mim. É fato conhecido que a análise libera afetos violentos nos neuróticos obsessivos; e nas crianças, isso se verifica de maneira muito mais direta e descontrolada do que nos adultos. Desde o início expliquei claramente a Erna que ela não deveria agredir-me fisicamente. Mas tinha a liberdade de ab-reagir seus afetos de muitas outras maneiras: eu permitia que ela quebrasse seus brinquedos ou os retalhasse, que derrubasse as cadeiras, arremessasse as almofadas, pulasse em cima do divã, derramasse água, borrasse papel, sujasse os brinquedos ou o lavabo, me lançasse desaforos, e assim por diante, sem o menor impedimento de minha parte.³¹ Entrementes, eu me punha a analisar sua fúria, que então se atenuava e por vezes se dissipava. Existem três formas de técnica analítica para se lidar com as manifestações de emoção infantil durante o tratamento: em primeiro lugar, a criança deve controlar uma parte de seus afetos, mas somente na medida exigida pela realidade; em segundo lugar, pode extravasar livremente seus afetos através de injúrias ou dos outros meios acima descritos; e, finalmente, seus afetos são minorados ou eliminados por meio da interpretação contínua, fazendo a situação presente remontar à situação original.

A medida em que cada um desses métodos deve ser emprega-

³⁰ Enquanto Erna se manteve tão apartada da realidade, pude analisar apenas o material relacionado com suas fantasias; mas permaneci continuamente à espreita de qualquer fio condutor, por frágil que fosse, que me permitisse relacionar essas fantasias com a realidade. Assim, e atenuando constantemente sua angústia, consegui reforçar paulatinamente sua relação com a realidade. No próximo capítulo procurarei mostrar mais claramente como, durante o período de latência, o analista deve se ocupar freqüentemente e em grande parte desse tipo de material de fantasia, e isso durante longos períodos, antes de penetrar na vida real da criança e de tomar contato com os interesses do ego.

³¹ Julgo de absoluta necessidade na análise infantil que a sala onde se efetua o tratamento seja mobiliada de forma a que a criança possa ab-reagir livremente. Danos causados aos móveis, ao assoalho etc., devem ser permitidos, dentro de certos limites.

do varia muito, evidentemente. Com Erna, por exemplo, tive de recorrer a um estratagema logo no início da análise. Houve um período em que tinha acessos de cólera todas as vezes que eu lhe anunciava o final da sessão. Por isso eu abria as portas duplas de meu gabinete de par em par, para contê-la, pois sabia que lhe seria extremamente penoso que a pessoa que vinha buscá-la presenciasse suas explosões. Devo frisar que nesse período minha sala assemelhava-se a um campo de batalha depois que Erna se retirava. Num período ulterior da análise contentava-se em atirar rapidamente as almofadas no chão antes de sair; e, mais tarde ainda, retirava-se na mais perfeita calma. A análise de Peter, de três anos e nove meses, nos oferece um exemplo análogo. Ele também foi sujeito, durante um certo tempo, a acessos de cólera. Mas, no decurso do tratamento, chegou a dizer-me espontaneamente, a propósito de um brinquedo: "Eu também posso *imaginar* que quebrei isso."³²

Quero aqui assinalar que a insistência inevitável com que o analista é obrigado a exigir que a criança exerça um controle parcial sobre suas emoções — regra que a criança, naturalmente, nem sempre estará em condições de respeitar — não deve jamais ser encarada como medida pedagógica; essas exigências fundamentam-se nas necessidades da situação real e até os mais pequeninos são capazes de entendê-las. Da mesma forma, há ocasiões em que não executo todas as ações que me são designadas em um jogo, pelo fato de que sua realização seria muito difícil ou desagradável para mim. Não obstante, mesmo nesses casos, procuro fazer o possível para submeter-me às sugestões da criança. É muito importante também que o analista evite, o mais que puder, demonstrar suas emoções quando a criança se abandona aos seus afetos.

³² As observações feitas pelas crianças, mesmo quando muito pequeninas, provam que elas compreenderam perfeitamente a natureza da situação transferencial e que se rendem conta de que a diminuição de seus afetos na análise, é devido à interpretação da situação original e dos afetos correspondentes. Tal caso é ilustrado pelo de Peter, por exemplo, que amiúde me distinguia de sua "verdadeira mamãe", dizendo que eu era "como a mamãe". Por exemplo, certo dia, ao movimentar um carrinho de um lado para outro da sala, cuspiu em mim o quis me bater, chamando-me de "besta malvada". Contradizia violentamente minha interpretação, mas pouco a pouco foi se acalmando, e me perguntou afetuosamente: "Quer dizer que quando o 'negocinho' do papai entrou no da mamãe, eu quis chamar minha *verdadeira* mãe de besta?"

Proponho-me agora a utilizar os dados obtidos com este caso para ilustrar as considerações teóricas que formulei e que exporei na segunda parte desta obra.³³ Os faróis dourados da locomotiva, que Erna achava “tão bonitos, tão vermelhos e chamejantes” e que ela chupou, representavam ao mesmo tempo o seio da mãe e o pênis do pai, igualmente figurado pela “coisa longa e dourada” que mantinha o capitão à tona d’água. Seu intenso sentimento de culpa por chupar as coisas manifestou-se quando ela me atribuiu o papel de criança e declarou que minha maior falta era chupar esses faróis. Esse sentimento de culpa explica-se quando consideramos que chupar também significava morder e devorar o seio da mãe e o pênis do pai. Quero lembrar aqui ao leitor minha tese, segundo a qual o conflito edípico é acionado pelo processo de desmame, associado ao desejo da criança de incorporar o pênis do pai e aos sentimentos de inveja e de ódio em relação à mãe. Na origem desta inveja encontra-se a teoria sexual primitiva da criança, de que ao copular com o pai, a mãe incorpora e retém o seu pênis.³⁴

Essa inveja constituía-se no ponto central da neurose de Erna. No princípio de sua análise, os ataques que efetuou, no papel de “terceiro personagem”, contra a casa que era ocupada somente por um homem e uma mulher, eram uma representação pictórica de seus impulsos destrutivos contra o corpo da mãe e o pênis do pai, que ela imaginava estar dentro do corpo da mãe. Esses impulsos, reforçados por sua inveja oral, manifestaram-se no jogo em que ela afundou o navio (sua mãe), arrancando do capitão (seu pai) a cabeça e a “coisa longa e dourada” que o mantinha à tona; ou seja, ela o castrou enquanto copulava com sua mãe. Os detalhes dessas fantasias de agressão demonstram até que ponto chegava o engenho sádico desses ataques contra o corpo materno. Ela, por exemplo, transformava seus excrementos em combustíveis e substâncias explosivas a fim de fazer a mãe ir pelos ares. Isto era representado no incêndio e na destruição da casa, com a “explosão” de seus ocupantes. Quando fazia “picadinho” e “salada de olhos” ao recortar papel, Erna representava a destruição total de seus genitores unidos em coito. Seu desejo de arrancar meu nariz

33 Vide meu trabalho “Early Stages of the Oedipus Conflict” (1928).

34 Vide capítulo 8.

com uma dentada e reduzi-lo a “franjas” não era somente um ataque dirigido a mim; simbolizava o pênis incorporado de seu pai, conforme se comprovou pelo material que ela forneceu a propósito desses desejos.³⁵

Erna efetuou os ataques ao corpo da mãe com o fito de seqüestrar e destruir não somente o pênis paterno, mas também as fezes e crianças que imaginava lá se encontrarem. Isso ficou evidenciado pela variedade de peixes que eram disputados numa luta desesperada entre a “vendedora de peixes” (sua mãe) e a analista no papel de criança (ela mesma), luta na qual todos os meios eram empregados. Ademais, como vimos, ela imaginava que eu, após ficar observando-a “bater” meu dinheiro ou meus peixes juntamente com o policial, deveria utilizar todos os recursos para recuperá-los. O espetáculo de seus pais em cópula carnal induziu-a a desejar roubar o pênis paterno e tudo aquilo que o corpo de sua mãe pudesse conter. Lembramo-nos que Erna reagiu a esse intento de roubar e aniquilar o corpo de sua mãe, exprimindo, após suas lutas com a vendedora de peixes, o medo de que uma ladra a despojasse de todo o interior de seu corpo. Trata-se do temor descrito no capítulo 11 como pertencente às primeiras situações de perigo da menina³⁶ e como sendo o equivalente à angústia de castração do menino. A relação existente entre a precoce situação de angústia e a inibição escolar de Erna foi depois encontrada por mim também em outras análises.³⁷ Como já foi assinalado, as dificuldades de Erna com os estudos só começaram a ceder depois de analisadas as camadas mais profundas de seu sadismo e de sua primitiva situação edípica. Seu instinto epistemofílico, altamente desenvolvido, achava-se tão intimamente ligado ao seu extremo sadismo, que a defesa contra o último levou-a à inibição total de numerosas atividades que se baseavam em seu desejo de saber. Para o seu inconsciente, a aritmética e a escrita representavam violentos

³⁵ Também em outras análises constatei que os ataques ao meu nariz, pés, cabeça etc., nunca se referiam simplesmente a essas partes de meu corpo; eram igualmente dirigidas contra essas partes como representações simbólicas do pênis paterno, que havia sido incorporado por mim, isto é, pela mãe.

³⁶ Vide também meu trabalho “Early Stages of the Oedipus Conflict” (1928).

³⁷ *Loc. cit.*, e onde se discute a relação entre a inibição do sujeito no trabalho e sua identificação sádica com a mãe.

ataques sádicos ao corpo materno e ao pênis paterno.³⁸ Significavam esfaquear, retalhar ou queimar o corpo da mãe, juntamente com as crianças nele contidas, e castrar o pai. Também a leitura, em razão da equivalência simbólica entre o corpo de sua mãe e os livros, chegou a significar a extirpação violenta de substâncias e crianças que se encontravam no interior de sua mãe.³⁹

Finalmente, farei uso deste caso para levantar mais um ponto ao qual, em consequência de experiências ulteriores, atribuo validade geral. A natureza das fantasias de Erna e de suas relações com a realidade eram típicas dos pacientes que apresentam traços paranóides dominantes. Além disso, as causas subjacentes aos traços paranóides de Erna e a homossexualidade que lhes estava associada, revelaram-se, a meu ver, fundamentais na etiologia da paranóia em geral. Na segunda parte deste livro (capítulo 9) o tema será mais amplamente debatido. Basta-me, aqui, assinalar brevemente que descobri elementos fortemente paranóicos em muitos de meus pequenos pacientes; e isso levou-me à convicção de que uma das mais importantes e promissoras tarefas da análise infantil é a de descobrir e solucionar traços psicóticos nos primeiros anos da vida do indivíduo.

68

³⁸ Sobre esse ponto, vide também meu trabalho "The Rôle of the School in the Libidinal Development of the Child" (1923).

³⁹ Em seu artigo: "Some Unconscious Factors in Reading" (1930), James Strachey assinala este significado inconsciente da leitura.

A TÉCNICA DA ANÁLISE NO PERÍODO DE LATÊNCIA

AS CRIANÇAS no período de latência apresentam dificuldades especiais na análise. Diferentemente da criança pequena, cuja imaginação viva e angústia intensa nos permitem um acesso mais fácil ao seu inconsciente, elas têm uma vida imaginativa muito restrita, em razão das fortes tendências ao recalque, características dessa idade. Comparado ao do adulto, seu ego ainda é pouco desenvolvido; não têm consciência de que estão doentes e não desejam ser curadas, de sorte que não possuem incentivo para iniciar a análise e tampouco estímulo para prosseguir com ela. Pode-se acrescentar a isso a atitude geral de reserva e desconfiança, tão típica desse período de vida. Essa atitude é, em parte, produto de sua intensa preocupação com a luta em que se acham empenhadas contra a masturbação; isso as torna profundamente avessas a tudo o que tenha ressaibos de investigação sexual ou que esbarre nos impulsos que elas procuram conter com tanta dificuldade.

Os pacientes dessa idade não são fáceis de serem abordados pelo analista, pois não brincam como os pequeninos e nem fornecem associações verbais, como os adultos. A despeito disso, verifiquei que é possível estabelecer rapidamente a situação ana-

lítica entrando em contato com o seu inconsciente, como faço no caso de crianças pequenas, mas de um ângulo de aproximação mais adequado à sua mentalidade de crianças maiores. A criança pequena ainda se encontra sob a influência imediata e poderosa de suas fantasias e experiências instintivas, e no-las apresenta imediatamente, de modo que já nas primeiras sessões podemos interpretar suas representações de coito e suas fantasias sádicas; ao passo que no período de latência a criança já dessexualizou essas experiências e fantasias, dando-lhes uma outra forma.

Os dois casos seguintes servirão de exemplo. Grete, de sete anos de idade, era uma menina muito reservada e mentalmente limitada. Tinha características pronunciadamente esquizóides e era completamente inacessível. Contudo, costumava desenhar e produzia representações primitivas de casas e árvores, que eram traçadas alternada e repetidamente, de forma obsessiva. Por certas modificações, que se repetiam continuamente, no colorido e tamanho das casas e árvores, e pela ordem em que eram desenhadas, pude deduzir que as casas representavam a Grete e a mãe, e as árvores a seu pai e a seu irmão, e que ela estava interessada nas relações que existiam entre eles. A esse ponto comecei a interpretar e lhe disse que ela estava preocupada sobretudo com a diferença de sexos entre seu pai e sua mãe, assim como entre ela e seu irmão, e pela diferença entre os adultos e as crianças. Ela concordou e reagiu imediatamente a essa interpretação começando a fazer alterações nos desenhos, que até agora haviam sido bastante monótonos. (Não obstante, devo assinalar que ainda por vários meses a análise prosseguiu quase que exclusivamente com o auxílio de seus desenhos.) No caso de Inge, uma menina de sete anos, passei várias sessões sem conseguir estabelecer qualquer contato. Mantive uma conversação sobre sua escola e assuntos análogos com alguma dificuldade, pois sua atitude para comigo era de grande reserva e desconfiança. Manifestou um pouco mais de interesse quando começou a me falar de um poema que havia lido na escola. Ficara impressionada com a alternância entre palavras longas e outras mais curtas. Pouco antes havia me falado de uns passarinhos que vira entrar voando num jardim; porém, não os vira sair. Essas observações haviam se seguido a um comentário ocasional de que ela e uma amiguinha haviam se saído tão bem quanto os meninos em certo

jogo. Expliquei-lhe que ela estava preocupada com o desejo de saber de onde vinham realmente as crianças (os passarinhos) e também de melhor compreender a diferença de sexo entre meninos e meninas (palavras longas e curtas; a habilidade comparada de meninos e meninas). Minha interpretação teve sobre Inge o mesmo efeito que tivera sobre Grete. O contato foi estabelecido, o material que ela me forneceu tornou-se mais rico e a análise começou a caminhar.

Nestes, como em outros casos, vemos a curiosidade reprimida dominando o quadro. Se em nossas análises do período de latência nos centralizarmos nesse ponto para fazer as primeiras interpretações, logo depararemos com os sentimentos de culpa e de angústia da criança, estabelecendo, assim, a situação analítica. Evidentemente, não me refiro a explicações de ordem intelectual, mas sim de interpretar o material que se apresenta sob forma de dúvidas e temores ou de conhecimento inconsciente das teorias sexuais.¹

O efeito da interpretação, que depende da supressão parcial

¹ O interesse sexual serve, assim, de meio de aproximação ao material recalçado. Como resultado de minhas interpretações, Inge e Grete, por exemplo, não pediram maiores esclarecimentos sexuais, mas forneceram material que abriu as portas para a sua angústia e sentimento de culpa. Esse efeito foi ocasionado pela supressão de uma parte do recalque. É verdade que Inge era em parte consciente de seu interesse pela origem das crianças, mas não de sua preocupação quanto às diferenças de sexo e nem de sua angústia a respeito. Grete reprimira a ambos. O efeito de minhas interpretações sobre as duas meninas deveu-se ao fato de que lhes demonstrei seu interesse por meio do material que me forneceram, estabelecendo, assim, uma relação entre sua curiosidade sexual, angústia latente e sentimento de culpa.

As explicações puramente intelectuais, além de serem normalmente falhas para responder às perguntas que predominam no espírito da criança, ainda agitam o material recalçado, sem liberá-lo. Quando isso ocorre, a criança reage recusando a explicação. Em meu trabalho "The Child's Resistance to Analysis" (1921), emiti o parecer de que as crianças só podem aceitar esclarecimento sexual quando sua própria angústia e seus conflitos internos não constituem impedimento; portanto, sua resistência a tal esclarecimento deve ser encarada como um sintoma. Esse ponto de vista parece ter sido geralmente aceito (cf. "Über Sexuelle Aufklärung", *Sonderheft der Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 1927; e Fenichel, "Some Infantile Theories not Hitherto Described", 1927). Todas as vezes que uma explicação intelectual proporciona alívio, é porque geralmente conseguiu solucionar alguma parte do recalque nos níveis superiores do psiquismo. As explicações francas em resposta a perguntas espontâneas sobre o assunto, são recebidas pela criança como prova de confiança e de amor, e ajudam a aliviar seu sentimento de culpa, trazendo as questões sexuais para a discussão aberta.

do recalçamento, manifesta-se de diversas maneiras. Inicialmente, estabelece-se uma situação analítica. Em segundo lugar, a imaginação da criança se torna mais livre. Seus meios de representação crescem em riqueza e amplitude; sua linguagem torna-se mais abundante e as histórias que conta, mais cheias de fantasia. Finalmente, a criança experimenta alívio e chega a ter uma certa compreensão da finalidade do trabalho analítico, comparável ao "insight" que o adulto adquire de sua enfermidade.² Dessa forma, as interpretações conduzem gradualmente à superação das dificuldades mencionadas no começo do capítulo, e que entravam o início e o curso de uma análise no período de latência.

Nesse estágio, em consonância com o recalque mais intenso de sua imaginação e com seu ego mais desenvolvido, os jogos da criança são mais adaptados à realidade e menos imaginativos que os da criança de tenra idade. Em seus jogos com água, por exemplo, não encontramos representações tão diretas de desejos orais ou de molhar e sujar, como nas menores; suas ocupações são postas a serviço das tendências reativas em medida maior e assumem formas racionalizadas, como cozinhar, limpar etc. A grande importância do elemento racional nas crianças dessa idade parece-me devida não somente a um recalçamento mais profundo de sua imaginação, mas também a uma hiperênfatização obsessiva da realidade, que constitui um dos fatores genéticos do período de latência.

Ao lidar com casos típicos desse período, podemos muitas vezes observar como o ego da criança, ainda muito mais débil que o do adulto, se empenha em fortalecer sua posição, colocando todas as energias a serviço das tendências repressivas e agarrando-se à realidade. Nosso trabalho analítico é contrário a todas as tendências do ego da criança, e é por isso que não podemos, a meu ver, contar com a ajuda do ego no princípio do tratamento; antes, devemos procurar estabelecer relações com os sistemas inconscientes para ir depois, gradualmente, conquistando a colaboração do ego.

Em contraste com os pequeninos que, geralmente, no princípio da análise se mostram mais inclinados para os brinquedos, as crianças no período de latência logo começam a representar

² Como assinala no capítulo 2, isto é igualmente verdadeiro para as crianças muito pequenas.

papéis. Com crianças de cinco a dez anos de idade, já participei de jogos desse gênero que se prolongavam de uma sessão a outra durante semanas e meses; e um jogo só era substituído por outro depois que todos os seus detalhes e articulações haviam sido explicados pela análise. O jogo que se inicia a seguir geralmente apresenta as mesmas fantasias complexivas, mas sob outra forma e com novos detalhes, que conduzem a camadas mais profundas. Inge,³ por exemplo, de sete anos de idade, poderia ser descrita como uma criança normal apesar de certos problemas, cuja extensão só foi revelada pela análise. Por um lapso de tempo considerável brincou comigo de escritório, jogo em que ela era o gerente a dar ordens, ditando e escrevendo cartas, em contraste com sua grande inibição para aprender e escrever. Nisto, seu desejo de ser homem era claramente reconhecível. Certo dia abandonou esse jogo e começou a brincar de escolinha comigo. (Note-se que ela achava as lições muito difíceis e desagradáveis e que detestava a escola.) Esse jogo também se prolongou por um longo período. Ela era a professora e eu a aluna, e o tipo de erros que me fazia cometer lançou muita luz sobre as causas de seu fracasso na escola. Evidenciou-se que, pelo fato de ser a caçula da casa, suportava muito mal a superioridade de seus irmãos e irmãs, apesar de todas as aparências em contrário; e ao ingressar na escola, sentiu reproduzir-se a mesma situação. Os detalhes das aulas que ela dava ao assumir o papel de professora

³ A análise de Inge, que abrangeu um total de 375 sessões, era um trabalho de natureza profilática. Seu principal problema, uma inibição com referência à escola, não parecia muito acentuado quando a vi pela primeira vez; no decorrer da análise, porém, descobri o quanto era profundo. Inge era uma menina vivaz e ativa, com boa adaptação social, e em nenhum aspecto poderia ser considerada anormal. Não obstante, a análise efetuou nela extraordinárias modificações. Sua vivacidade decorria de uma atitude homossexual ativa, e suas relações, geralmente excelentes, com meninos decorriam de uma identificação com eles. De mais a mais, a análise revelou a gravidade das depressões a que estava exposta, demonstrando a existência de um grave sentimento de inferioridade por trás de sua aparente autoconfiança, e um temor ao fracasso, responsável por suas dificuldades na vida escolar. Depois de analisada, sua maneira de ser tornou-se mais livre, mais feliz e mais aberta, suas relações com a mãe tornaram-se afetuosas e francas e suas sublimações aumentaram em número e estabilidade. A modificação de sua atitude sexual permitiu a afirmação dos componentes femininos e das tendências maternas, que puderam avançar para primeiro plano, anunciando uma vida futura muito mais satisfatória. Nos sete anos decorridos após o término do tratamento ela se desenvolveu satisfatoriamente, entrando com êxito na puberdade.

revelaram a razão fundamental de sua intolerância pela superioridade dos irmãos e, posteriormente, de sua aversão à escola; seus desejos de conhecimento haviam sido precocemente insatisfeitos e recalcados.⁴

Vimos que Inge, inicialmente, identificou-se com seu pai (como ficou demonstrado no jogo em que ela era o gerente) e mais tarde com sua mãe (no jogo em que ela era a professora e eu a aluna). No jogo seguinte tinha uma loja de brinquedos e eu devia comprar dela uma variedade de artigos para os meus filhos, entre os quais canetas-tinteiro e lápis, para torná-los mais espertos e inteligentes. Esses artigos eram todos símbolos de pênis e indicavam o que é que ela desejaria ganhar de sua mãe. Neste jogo, em que novamente predominavam a atitude homossexual da menina e seu complexo de castração, realizava o desejo de receber da genitora o pênis paterno para que, com o auxílio deste, pudesse suplantar o pai e conquistar o amor de sua mãe. Entretanto, no desenrolar subsequente do jogo, ela preferiu vender-me mantimentos para os meus filhos; tornou-se, então, evidente que o pênis do pai e o seio da mãe eram os objetos de seus desejos orais mais profundos, e que seus problemas em geral e sua dificuldade para aprender, em particular, tinham como origem suas frustrações orais.

Devido aos sentimentos de culpa ligados à introjeção oral-sádica do seio materno, Inge, num estágio muito precoce, havia encarado sua frustração oral como um castigo.⁵ Seus impulsos de agressão contra a genitora, oriundos da situação edípica, e seu desejo de roubar-lhe os filhos haviam intensificado esses sentimentos prematuros de culpa, ocasionando um profundo temor, se bem que dissimulado, da mãe. Era por isto que, incapaz de se manter na posição feminina, ela procurava se iden-

⁴ No capítulo 9, é exposto o ponto de vista de que, em geral, as primeiras manifestações, e as mais fundamentais, do instinto epistemofílico surgem numa etapa muito precoce de desenvolvimento, antes que a criança comece a falar. Segundo me consta, essas primeiras perguntas (que com toda probabilidade permanecem inteiramente ou em parte inconscientes) começam a manifestar-se concomitantemente com as primeiras teorias sexuais e com o aumento do sadismo, por volta da metade do primeiro ano de vida. Pertencem, portanto, ao período que, segundo o meu parecer, prenuncia o conflito edípico.

⁵ De acordo com Ernest Jones, a criança sempre encara as privações como lhe tendo sido deliberadamente impostas pelas pessoas que a rodeiam (cf. "Early Development of Female Sexuality", 1927; assim como a contribuição de Joan Riviere para "A Symposium on Child-Analysis", 1928).

tificar com o pai. Mas seu desmesurado receio do pai, cujo pênis quisera roubar, impediam-na igualmente de aceitar uma posição homossexual. A esses fatores juntava-se um outro, para o que contribuía sua posição de filha caçula: a impressão de que ela era incapaz de agir, em consequência de sua incapacidade de saber, e que era o corolário da frustração precoce de suas necessidades epistemofílicas. Por conseguinte, fracassou na escola, nas atividades que correspondiam aos seus componentes masculinos; e como não podia assumir a posição feminina, que envolvia fantasias de concepção e parto de filhos, tampouco era capaz de desenvolver sublimações femininas, derivadas dessa posição. Além do mais, devido à angústia e aos sentimentos de culpa, também falhara em sua relação de filha para com a mãe (representada pela professora), uma vez que em seu inconsciente assemelhava a absorção de conhecimentos com a gratificação de desejos oral-sádicos, e isto implicava na destruição do seio da mãe e do pênis do pai.

Ao passo que na vida real Inge era um fracasso, podia, em sua imaginação, representar todos os papéis. Assim, quando de gerente, o papel do pai; quando era professora, tinha numero-brincava de escritório, desempenhava com sucesso, na qualidade dos alunos e trocava sua condição de filha caçula pela de mais velha e inteligente; e quando era vendedora de brinquedos e mantimentos, não apenas se colocava em posição superior, como ainda compensava as frustrações orais sofridas quando era bebê.

Apresentei este caso para mostrar que, a fim de descobrir as articulações psicológicas subjacentes, é necessário investigar não somente todos os detalhes de determinado jogo, mas também a razão pela qual um jogo é trocado por outro. Tenho constatado freqüentemente que por ocasião de uma mudança de jogo podemos discernir as causas que determinam as modificações ou flutuações nas posições psicológicas e compreender, assim, a dinâmica da influência recíproca das forças psíquicas.

O próximo exemplo nos permitirá descrever a aplicação de uma técnica mista. Kenneth, de nove anos e meio, era um menino muito infantil para sua idade, e me foi enviado para análise por apresentar diversas dificuldades. Medroso, tímido, seriamente inibido e angustiado, sofria desde muito cedo de uma tendência acentuada à ruminação mórbida. Era um total fracassado nos estudos e seu conhecimento da matéria escolar era

o de uma criança de sete anos. Em casa, era de um humor extremamente agressivo, insolente e intratável. Seu interesse não sublimado e aparentemente desinibido pelas questões sexuais era fora do comum; empregava preferivelmente palavras obscenas e se exibia e masturbava de uma maneira extraordinariamente despidorada para um garoto de sua idade.⁶

A história de Kenneth era em resumo a seguinte. Quando era muito pequeno, foi seduzido por sua babá. A recordação do evento era totalmente consciente e chegou mais tarde ao conhecimento de sua genitora. Segundo esta, a babá, Mary, era muito devotada ao garotinho, mas muito rigorosa no que se referia ao seu asseio. As recordações de Kenneth quanto ao ato da sedução remontavam ao princípio de seu quinto ano, mas é certo ter ocorrido muito antes disso. Ele relatou, aparentemente com prazer e destituído de inibição, que a babá costumava levá-lo em sua companhia quando ia banhar-se e lhe pedia para friccionar seus órgãos genitais. Fora disso, ele só tinha coisas boas a dizer sobre ela; afirmava que Mary gostava muito dele, e durante muito tempo negou que ela o houvesse tratado com severidade. Logo no início da análise relatou-me um sonho que havia tido repetidamente, desde seu quinto ano de idade: *ele tocava os órgãos genitais de uma mulher desconhecida e a masturbava.*

O medo que eu lhe inspirava aflorou desde a primeira sessão. Algum tempo depois, teve um sonho de angústia em que *repentinamente, havia um homem sentado em meu lugar; a seguir eu me desvesti e ele descobriu horrorizado que eu tinha órgãos genitais masculinos extraordinariamente desenvolvidos.* Depois da interpretação desse sonho surgiu um material abundante, centralizado em sua teoria sexual da "mãe com pênis"; a análise provou que Mary, para ele, encarnava exatamente essa imagem. Evidentemente tivera muito medo dela quando era pequenino, pois ela o havia surrado severamente; mas ele só admitiu esse fato quando um sonho posterior o fez mudar de atitude.

⁶ O tratamento de Kenneth abrangeu 225 sessões e não pôde ser levado avante por circunstâncias externas. Sua neurose, que não chegou a ser totalmente suprimida, foi, não obstante, substancialmente reduzida. No que tange à sua vida prática, os resultados parciais obtidos redundaram em diminuição de um bom número de dificuldades: entre outras coisas, passou a responder melhor às exigências da vida escolar e de seu meio em geral.

Apesar de infantil em muitos aspectos, Kenneth compreendeu rapidamente o objetivo e a necessidade da análise. Às vezes fazia associações à maneira de crianças maiores e deitava-se espontaneamente no divã. A maior parte da análise decorreu dessa forma. Em breve, porém, começou a complementar esse material verbal com ação. Sempre deitado no divã, representou personagens com o auxílio de alguns lápis que apanhou da mesinha. De outra feita, trouxe consigo alguns cliques para papel e estes converteram-se, sucessivamente, em gente que lutava entre si e em projéteis, ou serviam para construir edifícios. Finalmente descobriu um jogo de construção no peitoril da janela, aproximou a mesinha de brinquedos do divã e acompanhou as associações verbais com representações por meio dos cubos.

Do segundo sonho de Kenneth, que fez a análise avançar um largo passo, relatarei apenas o necessário para ilustrar a técnica empregada. *Ele se achava no quarto de banho, urinando, quando entrou um homem, que lhe desfechou um tiro, atingindo-o na orelha, que se desprende.* Enquanto me relatava esse sonho, Kenneth efetuou várias operações com os cubos, que ele explicou como segue. Kenneth, seu pai, seu irmão e a babá Mary eram representados cada qual por um cubo. Todos eles estavam dormindo em quartos diferentes, cujas paredes também eram representadas por cubos. Mary levantou-se, pegou de um pau comprido (outro cubo) e avançou para ele com a intenção de lhe fazer alguma coisa, pois ele havia se portado mal. (De fato, ele havia se masturbado e urinado.) Enquanto lhe batia com o pau ele se pôs a masturbá-la e ela cessou de surrá-lo. Quando começou a surrá-lo ele tornou a masturbá-la e ela novamente se deteve; e esse processo se repetiu muitas vezes, até que finalmente nada mais adiantou e Mary ameaçou matá-lo com o bastão. E então seu irmão veio salvá-lo.

Kenneth mostrou-se extremamente surpreso quando finalmente reconheceu, por meio desse jogo e de suas associações, que realmente tivera medo de Mary. Ao mesmo tempo, tomou parcialmente consciência do medo que tinha dos pais. Suas associações provaram que por trás desse medo de Mary ocultava-se o temor a uma mãe perversa, mancomunada com um pai castrador. Este último era representado, no sonho, pelo homem que amputou sua orelha no banheiro, o mesmo local onde muitas vezes masturbara sua babá.

Esse medo dos pais unidos contra ele em coito perpétuo foi de extrema importância na análise. Somente mais tarde, após haver feito observações análogas em outros casos⁷ é que cheguei a compreender que a "mulher com pênis" baseava-se numa teoria sexual formada num estágio genético muito precoce; segundo essa teoria, a mãe incorpora o pênis do pai no ato do coito,⁸ se bem que em definitivo a mulher com pênis represente a ambos os genitores unidos. O material que acabo de descrever nos servirá de ilustração. Em seu sonho, Kenneth foi inicialmente atacado por um homem; mas depois, em seu jogo, foi atacado por Mary, armada de um bastão. Suas associações revelaram que esta última representava não somente a "mulher com pênis", mas também a mãe unida ao pai. Nesta imagem o pai, que anteriormente aparecera como um homem, era representado apenas por seu pênis, isto é, pelo pau com que Mary o surrara.

Gostaria de sublinhar aqui uma semelhança entre a técnica da análise da criança e a técnica lúdica, que em certos casos é empregada com crianças maiores. Kenneth se tornou consciente de uma parte importante de seu passado através do jogo com os cubos. Com o prosseguimento da análise ele sofreu, muitas vezes, um retorno de angústia e nessas ocasiões só conseguia me comunicar suas associações quando as suplementava com representações por meio dos cubos. (Efetivamente, quando sobrevinha a angústia, não raro acontecia-lhe faltarem as palavras, não lhe restando outro meio de expressão senão o jogo.) Depois que a angústia era dissipada pelas interpretações, ele voltava a falar mais livremente.

Outro exemplo de modificação na técnica pode ser encontrado no método que adotei com Werner, um neurótico obsessivo de nove anos de idade. Este menino, que em muitos aspectos se comportava como um adulto obsessivo e em quem a ruminação mórbida era um sintoma acentuado, também sofria de grave angústia, que se manifestava sobretudo por uma grande irrita-

7. Para maiores informações sobre este ponto vide meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), assim como o capítulo 8.

8. Em seu trabalho "Homosexualität und Ödipuskomplex" (1926) Felix Boehm assinalou que a idéia de um pênis feminino oculto recebe seu valor patogênico por ter sido relacionado, no inconsciente, com a idéia do temível pênis paterno oculto no interior da mãe.

bilidade e por acessos de cólera.⁹ Boa parte de sua análise foi efetuada por meio de brinquedos e com o auxílio de desenhos. Eu era obrigada a sentar-me a seu lado junto à mesinha e participar muito mais de seus jogos do que habitualmente faço com criancinhas de tenra idade. Algumas vezes, cheguei inclusive a ter de fazer tudo sob sua orientação. Por exemplo, ele me fazia armar os cubos ou movimentar os carros, enquanto se limitava a dirigir meus movimentos. A razão que ele alegava é que suas mãos tremiam muito, e que assim sendo, não conseguiria colocar os brinquedos em seus lugares, pois poderia derrubá-los ou estragar sua disposição. Esse tremor sempre anunciava uma crise de angústia, e na maior parte das vezes logrei evitá-las executando o jogo como ele o queria, ao mesmo tempo que interpretava o que ia fazendo, em relação com sua angústia. Parece que o medo de sua própria agressividade e as dúvidas quanto à sua capacidade de amor haviam feito com que perdesse qualquer esperança de poder restaurar os pais, irmãos e irmãs a quem havia atacado e ferido em imaginação. Daí seu medo de, acidentalmente, derrubar os cubos e objetos que já estavam armados. Essa falta de confiança em suas próprias tendências construtivas e reparadoras era uma das causas de sua grave inibição no estudo e nos folguedos.

Depois de dissipada grande parte de sua angústia, Werner pôde brincar sem o meu auxílio. Fez muitos desenhos e forneceu abundantes associações. Na última parte da análise, produziu seu material principalmente sob forma de associações livres. Deitado no divã, posição que ele, como Kenneth, preferia para associar, narrava intermináveis fantasias de aventuras, nas quais os aparelhos e dispositivos mecânicos ocupavam

⁹ O caso de Werner apresentava os seguintes sintomas: angústia e timidez, que se manifestavam de várias maneiras, mas principalmente em angústia na escola e em crescentes dificuldades com suas lições; cerimoniais obsessivos que se tornavam cada vez mais elaborados e que chegavam a prolongar-se por horas, e um caráter gravemente neurótico, que tornou sua educação extremamente difícil. Sua análise, que compreendeu 210 sessões, eliminou essas dificuldades em grande parte. O desenvolvimento geral do menino no presente momento (cinco anos após o término do tratamento) é muito favorável. Os cerimoniais obsessivos desapareceram, executa bem suas tarefas, gosta de frequentar a escola, dá-se bem com os companheiros tanto em casa como em classe e é socialmente bem ajustado. Suas relações com o meio ambiente imediato e mais remoto são boas. Acima de tudo, porém, e isso não acontecia anteriormente, ele sente prazer nos mais variados tipos de atividades e esportes, e está feliz.

importante lugar. Nessas histórias, o material anteriormente representado nos desenhos reaparecia, mas enriquecido em muitos particulares.

A angústia intensa e aguda de Werner expressava-se principalmente, como já vimos, em forma de acessos de cólera e agressividade, e numa atitude despótica, provocante e rebelde. Ele não se apercebia de que estava doente e insistia em que não havia razão para ser analisado; por um longo período, toda vez que surgia uma resistência, ele se portava comigo de modo irritado e insolente. Também em sua casa era um menino difícil e sua família talvez não lograsse induzi-lo a prosseguir com o tratamento se eu não tivesse conseguido, pouco a pouco, dissipar sua angústia por meio da análise, até que a manifestação de suas resistências ficasse limitada quase que inteiramente à sessão analítica.

Chegamos agora a um caso que apresentou dificuldades técnicas inusitadas. Egon, de nove anos e meio, não apresentava sintomas muito definidos, mas seu aspecto geral produzia uma impressão inquietante. Era completamente "fechado", mesmo com relação aos mais íntimos, falava somente quando era absolutamente necessário, quase não possuía vínculos sentimentais, nenhum amigo e nada que lhe interessasse ou agradasse. É verdade que era um bom aluno, mas como a análise demonstrou, apenas numa base obsessiva. Quando lhe perguntavam se gostava ou não de alguma coisa, sua resposta estereotipada era sempre "tanto faz". A expressão tensa e pouco infantil de seu rosto e a rigidez de seus movimentos eram impressionantes. Seu afastamento da realidade chegava ao ponto de não enxergar o que acontecia à sua volta e de não reconhecer os amigos, quando os encontrava. A análise revelou a presença de fortes traços psicóticos, que se avolumavam cada vez mais, e que o teriam provavelmente levado à esquizofrenia na puberdade.

Façamos um breve resumo de sua história. Aos quatro anos de idade sofreu constantes ameaças de seu pai pelo fato de masturbar-se e este lhe dizia que deveria confessar todas as vezes que o fizesse. A essas ameaças seguiu-se uma profunda modificação em seu caráter. Passou a mentir e a ter freqüentes explosões de cólera. Mais tarde, sua agressividade refluíu para segundo plano e ele assumiu uma atitude de rebeldia passiva, cada vez menos emocional, e começou a apartar-se do mundo externo.

Comecei por pedir a Egon que se reclinasse no divã (coisa a que ele anuiu prontamente, pois, ao que parece, preferia isso a brincar). Durante semanas tentei iniciar o tratamento empregando vários métodos usuais, mas fui obrigada a reconhecer que minhas tentativas por esses meios estavam destinadas ao fracasso. Tornou-se-me então claro que sua dificuldade em falar se achava tão profundamente arraigada, que minha primeira tarefa deveria ser a de superá-la analiticamente. Notando que o escasso material até agora obtido fora em sua maior parte deduzido da maneira como brincava com os dedos ao deixar cair uma palavra ocasional — e que não passava de poucas sentenças em cada sessão — compreendi que ele tinha necessidade de se ajudar com ação. Tornei a perguntar-lhe, portanto, se não estaria interessado em meus brinquedos. Ele respondeu como habitualmente: “tanto faz”. Não obstante, olhou para os objetos dispostos sobre a mesinha de brinquedos, e passou a ocupar-se exclusivamente com os carrinhos. Desenvolveu-se então um jogo monótono, que ocupava toda a sessão, por semanas a fio. Egon fazia os carrinhos correrem ao longo da mesa para depois atirá-los ao chão em minha direção; adivinhei, pela expressão de seu olhar, que eu deveria apanhá-los e empurrá-los novamente para ele. A fim de afastar-me do papel do pai escrutinador contra quem se dirigia sua rebeldia, brinquei com ele em silêncio por semanas a fio, abstando-me de fazer interpretações; ao brincar com ele, procurava simplesmente estabelecer um contato. Durante todo esse tempo os detalhes do jogo permaneceram absolutamente os mesmos; mas apesar de sua monotonia (o que, incidentalmente, era sumamente exaustivo para mim), houve muitos pequenos pontos dignos de nota. Neste caso, como em todas as análises de meninos, movimentar um carro representava a masturbação e o coito; fazer os carros colidirem significava coito, e a comparação de um carro maior com outro menor, a rivalidade com o pai ou com o pênis do pai.

Quando, algumas semanas depois, expliquei esse material a Egon relacionando-o com os elementos já conhecidos,¹⁰ os resultados fizeram-se sentir em duas direções. Em casa, seus pais

¹⁰ A análise posterior comprovou que havia sido um erro reter a interpretação do material por tanto tempo. Em nenhuma das análises que efetuei vi qualquer vantagem nessa política de “não-interpretação”. Na maioria dos casos em que tentei seguir esse plano tive de abandoná-lo em pouco tempo, pois

notaram, surpresos, que ele passou a comportar-se de maneira muito mais livre; e na análise, ele teve o que constatei ser uma reação típica ao efeito liberador da interpretação. Começou a acrescentar novos detalhes a seu jogo monótono, detalhes que, embora inicialmente só fossem discerníveis a uma observação mais atenta, foram se tornando cada vez mais acentuados com o passar do tempo, até que, finalmente, o jogo sofreu uma modificação completa. Do simples empurrar dos carrinhos, Egon passou para um jogo de armar; com perícia crescente começou a empilhar os carrinhos uns sobre os outros e a competir comigo em altura. Começou, então, pela primeira vez a usar os cubos, e tornou-se evidente que suas construções sempre representavam seres humanos ou órgãos genitais de ambos os sexos, embora procurasse habilidosamente disfarçar o fato. Do jogo de armar Egon passou para uma forma notável de desenho. Sem olhar para o papel, fazia o lápis girar entre as palmas das mãos, produzindo traços. Dessas garatujas, ele mesmo decifrava formas que sempre representavam cabeças, e distinguia claramente as masculinas das femininas. Nos detalhes dessas cabeças e em suas relações recíprocas ressurgiu o material de seus jogos anteriores, isto é: incerteza sobre a diferença entre os sexos e sobre o coito dos genitores, as dúvidas que em seu espírito se relacionavam a esses assuntos, as fantasias em que ele, como terceiro elemento, participava das relações sexuais dos pais etc. Mas ao recortar e picar essas cabeças, que também representavam bebês no corpo de sua mãe, além dos próprios pais, seu ódio e seus impulsos destrutivos também se tornaram evidentes. Somente agora chegávamos ao pleno significado da pilha de carrinhos que ele procurava elevar o mais alto possível: representava o corpo prenhe de sua mãe, cuja gravidez invejara e cujo conteúdo quisera roubar. Provava um forte sentimento de rivalidade para com a genitora, e o desejo de roubar-lhe os bebês e o pênis paterno havia feito com que a temesse profundamente. Essas representações foram depois suplementadas por recortes; no que foi, gradualmente, adquirindo considerável perícia. Exatamente como nas atividades de armar, as formas que recortava representavam somente figuras humanas. A maneira como fazia essas formas entrarem em

uma grande angústia havia se desenvolvido, e corria-se o risco de que a análise fosse interrompida. No caso de Egon, em que a angústia se achava tão fortemente recalçada, foi possível continuar a experiência por mais tempo.

contato umas com as outras, seus diferentes tamanhos, se representavam homens ou mulheres, se tinham algumas partes a mais ou a menos, quando e como começou a picá-las, todos esses elementos permitiram-me penetrar a fundo em seu complexo de Édipo, tanto invertido como direto. Discernia-se cada vez mais claramente sua rivalidade com a mãe, baseada em sua forte atitude homossexual passiva, e a conseqüente angústia em relação a ambos os genitores. O ódio e os impulsos agressivos que seu irmão e suas irmãs nele haviam suscitado durante a gravidez da mãe materializaram-se no recorte de figuras, que ele reconheceu representarem pequenos seres humanos mutilados. Aqui também a ordem dos jogos era importante. Depois de recortar e picar ele se punha a construir, como um ato de restauração. Analogamente, premido por suas tendências reativas, começou a cobrir de enfeites as figuras que havia recortado. Em todas essas representações, todavia, ressurgiam sempre a intensa curiosidade e as incertezas precocemente recalçadas, e que haviam contribuído largamente para a sua dificuldade de falar, seu caráter “fechado” e sua falta de interesses.

A inibição de Egon nos jogos datava dos quatro anos de idade e, em parte, de um período anterior. Fazia jogos de armar antes dos três anos e começou a recortar papel um pouco mais tarde, mas esse último jogo durou pouco tempo, limitando-se, já naquela época a recortar cabeças. Jamais havia desenhado e depois dos quatro anos não sentiu mais prazer em nenhuma das atividades anteriores. Portanto, o que surgia agora eram sublimações, resgatadas de um profundo recalçamento, que se manifestavam quer como revivescências quer como novas criações. A maneira pueril e totalmente primitiva com que se dedicava a cada uma dessas atividades, equivalia ao nível de uma criança de três a quatro anos. Pode-se acrescentar que, paralelamente a essas modificações, todo o caráter de Egon modificou-se para melhor.

Não obstante, suas inibições de linguagem só cederam muito lentamente. É verdade que começou a responder de maneira cada vez mais livre e completa às perguntas que eu lhe fazia durante os jogos, mas levou um tempo considerável para associar livremente como as crianças de sua idade. Suas dificuldades de expressão só desapareceram completamente após o pleno reconhecimento e exploração dos fatores paranóides subjacentes, que se manifestaram muito mais tarde, durante a úl-

tima parte do tratamento, que abrangeu um total de 425 sessões.¹¹ Depois que sua angústia foi substancialmente diminuída, ele começou espontaneamente a fazer associações isoladas, por escrito. Mais tarde começou a sussurrá-las para mim e fazia com que eu lhe respondesse em voz baixa. Tornou-se então cada vez mais claro que tinha medo de ser ouvido por alguém na sala; aliás, de algumas partes da mesma ele jamais se aproximava. Se, por exemplo, sua bola rolava para baixo do divã ou do armário, ou para um canto escuro, era eu quem devia ir buscá-la para ele; e quando sua angústia se avolumava, ele tornava a assumir a mesma postura rígida e a expressão fixa que tanto me impressionara no princípio de sua análise. Constatei que ele suspeitava da presença de perseguidores ocultos que o espionavam de todos esses lugares e inclusive do teto; e que essas idéias de perseguição remontavam, em última análise, ao medo dos numerosos pênis contidos no interior de sua mãe e no seu próprio corpo. Esse temor paranóico do pênis como perseguidor fora grandemente exacerbado pela atitude do pai ao observá-lo e inquiri-lo sobre a masturbação; pelo mesmo motivo havia se afastado de sua mãe (a "mulher com pênis") que, em seu espírito, se achava aliada a seu pai contra ele. A medida que sua crença numa "boa" mãe foi se tornando forte no curso da análise, passou a tratar-me cada vez mais como aliada e como protetora contra os perseguidores que o ameaçavam de todos os lados. Somente depois que sua angústia nesse sentido diminuiu, assim como o número e periculosidade de seus perseguidores, é que ele conseguiu falar e agir com mais liberdade.¹²

A última parte do tratamento de Egon foi conduzida quase que exclusivamente por meio de associações livres. Não tenho a menor dúvida de que se consegui tratar e curar esse menino, foi unicamente graças ao fato de ter logrado acesso ao seu inconsciente, com o auxílio da técnica lúdica utilizada com crian-

¹¹ Pretendo estender-me sobre este caso no capítulo 9.

¹² Melitta Schmideberg discutiu um caso semelhante em seu trabalho "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions" (1931). O paciente era um rapaz de cerca de dezesseis anos que mal falava durante a análise. Também aqui a inibição verbal era causada por idéias de perseguição e o rapaz só começou a fazer associações livres quando a análise diminuiu sua angústia paranóica.

ças pequenas. Parece-me duvidoso que isso tivesse sido possível numa idade posterior.¹³

Embora seja verdade que geralmente fazemos grande uso de associações verbais ao lidar com crianças no período de latência, em muitos casos só conseguimos fazê-lo de uma forma diversa da empregada com adultos. Com crianças como Kenneth, por exemplo, que reconheceu prontamente o auxílio que lhe era dado pela psicanálise e que compreendeu a necessidade que tinha dela, ou mesmo com Erna, muito mais jovem, cujo desejo de ser curada era muito intenso, foi possível, mesmo no início do tratamento, perguntar ocasionalmente: “E então? Em que está pensando agora?” Mas com crianças de menos de 9 ou 10 anos seria inútil formular tal pergunta. A maneira de se interrogar uma criança deve ser descoberta em conexão com seus jogos ou associações.

Observando o jogo de uma criança muito pequena, não tardamos a notar que os cubos, pedaços de papel, assim como tudo o que a rodeia, passa, em sua imaginação, por outra coisa. Se lhe perguntarmos “o que é isso?” enquanto estiver ocupada com esses objetos — naturalmente é preciso haver já efetuado um trabalho analítico preliminar e estabelecido uma situação transferencial — muito poderemos descobrir. Dirão, por exemplo, que as pedras na água são crianças que querem chegar à praia ou que são pessoas brigando. A pergunta “o que é isso?” suceder-se-ão, logicamente, outras: “mas o que é que estão fazendo?” ou “onde estão agora?” e assim por diante. Com crianças mais velhas, temos de extrair as associações de um modo similar, embora modificado; mas somente após haver triunfado, graças a um trabalho prévio e a uma situação analítica bem estabelecida, sobre a desconfiança e o recalamento da vida imaginativa, tão mais intensos nessa idade.

Mas voltemos à análise da menina Inge, de sete anos de idade. Certa vez, quando ela brincava de gerente de escritório, escrevendo cartas e distribuindo ordens, perguntei-lhe: “O que contém essa carta?” E ela prontamente respondeu: “A senhora sa-

¹³ Em geral, o resultado da análise de Egon foi igualmente satisfatório. A expressão fixa do rosto e a rigidez dos movimentos desapareceram. Começou a sentir prazer nos jogos, passatempos e interesses comuns aos garotos de sua idade. Manteve boas relações com a família e com o mundo e cresceu contente e feliz. Segundo as últimas notícias que dele tive, três anos e meio após o término da análise, esse desenvolvimento positivo continuava e não havia sido perturbado pelas graves tensões a que fora submetido nesse ínterim.

berá quando a receber". Ao recebê-la, porém, vi que só continha rabiscos.¹⁴ Pouco depois eu lhe disse: "O sr. X (que também figurava no jogo) pede que eu lhe pergunte o que está escrito na carta, pois ele precisa saber, e gostaria que o senhor a lesse em voz alta para ele ao telefone". Ela então me contou, sem opor qualquer dificuldade, todo o conteúdo imaginário da carta, enriquecendo-o com uma série de associações reveladoras. De outra feita, tocou-me o papel de médico. Quando lhe perguntei o que é que tinha, respondeu: "Ah, isso não tem importância." Fiz então uma consulta como um verdadeiro médico e insisti: "Bem, sra. Fulana, agora é preciso que me conte exatamente onde é que sente as dores." Daí surgiram outras perguntas: por que havia ficado doente, quando surgira a enfermidade, e assim por diante. Apresentadas dessa forma, minhas perguntas eram respondidas de bom grado, e como, por diversas vezes, foi ela quem assumiu o papel de paciente, pude obter um material abundante, emerso das camadas mais profundas. E quando a situação se inverteu, e ela passou a ser o facultativo e eu o paciente, os conselhos médicos que me deu suprimiram-me de novas informações.

Pelo que foi dito neste capítulo, vemos, portanto, que o que importa acima de tudo é estabelecer contato com as fantasias inconscientes, e que isso se verifica através da interpretação do conteúdo simbólico do material relacionado com a angústia e a culpabilidade. Mas como nesse estágio do desenvolvimento nas etapas anteriores, temos que, amiúde, procurar uma via a vida imaginativa se encontra muito mais recalcada do que de acesso para o inconsciente através de representações, que parecem, à primeira vista, totalmente desprovidas de fantasia. Nas análises típicas do período de latência devemos também estar preparados para o fato de que, somente passo a passo, e laboriosamente, é possível livrar a criança de seus recalques e liberar sua imaginação. Em alguns casos, passam-se semanas e até mesmo meses em que nada do que é produzido parece conter uma significação psicológica. A criança só nos relata, por

¹⁴ Inge, que conforme já mencionei sofria de grave inibição na escrita, desejava ardentemente escrever "bem e depressa", como os adultos. O compromisso entre esse desejo e sua inibição eram os rabiscos, que em sua imaginação representavam uma caligrafia jeitosa e bonita. Seu desejo de exceder aos adultos na escrita e sua fortíssima ambição e curiosidade, coexistindo com um profundo sentimento de nada saber e nada poder fazer, contribuíram grandemente para o seu fracasso na vida real.

exemplo, comentários sobre jornais, relatos sobre o conteúdo de livros ou ainda histórias monótonas a respeito da escola. Ademais, atividades tais como desenhar, construir, costurar ou fazer coisas de maneira obsessiva e monótona — especialmente quando acompanhadas de poucas associações — parecem não oferecer meios de nos aproximarmos da vida imaginativa. Mas basta evocar os exemplos de Grete e de Egon para lembrarmos que até mesmo atividades e palavras tão inteiramente destituídas de fantasia como essas podem abrir caminho para o inconsciente, desde que as encaremos como material autêntico e não meramente como expressões de resistência. Prestando suficiente atenção a pequenos indícios e tomando como ponto de partida para nossa interpretação a conexão entre o simbolismo, a culpabilidade e a angústia que acompanham essas representações, sempre encontraremos oportunidade para começar e prosseguir o trabalho de análise.

Mas o fato de entrarmos em comunicação com o inconsciente da criança antes de estabelecermos qualquer relação mais ampla com seu ego, não significa que tenhamos excluído a participação do ego no trabalho analítico. Considerando-se que o ego está estreitamente ligado ao id e ao superego, e que só através dele podemos ter acesso ao inconsciente, qualquer exclusão desse tipo seria impossível. Todavia, o analista não se dirige especificamente ao ego (como o fazem os educadores), mas busca abrir um caminho para as organizações inconscientes do psiquismo, tão decisivas para a formação do ego.

Voltemos novamente aos nossos exemplos clínicos. Como vimos, a análise de Grete (sete anos) foi efetuada quase que inteiramente com o auxílio de seus desenhos. O leitor há de recordar-se que ela desenhava obsessivamente casas e árvores alternadas, de diversos tamanhos. Partindo desses quadros destituídos de imaginação, eu poderia ter tentado estimular suas fantasias e vinculá-las a outras atividades do ego, como o teria feito um pedagogo compreensivo. Poderia, também, apoiando-me em seus possíveis interesses de ordem estética ou topográfica, induzi-la a ornamentar e embelezar suas casas, ou a juntar árvores e casas de maneira a formar uma rua. Poderia ainda, a partir das árvores, interessá-la em suas diferentes espécies, e talvez, assim, estimular sua curiosidade quanto à natureza em geral. Se qualquer tentativa desse gênero fosse bem sucedida, seria de esperar-se que o analista entrasse em con-

tato mais íntimo com o ego, cujos interesses passariam para primeiro plano. Mas a experiência demonstra que, em mais de um caso, tal estímulo da imaginação da criança falha no intento de afrouxar o recalçamento, não existindo, por conseguinte, um apoio firme para se iniciar o trabalho analítico.¹⁵ Tal procedimento, ademais, é muitas vezes inexequível, pois a criança sofre de tanta angústia latente que nos vemos obrigados a estabelecer a situação analítica o mais rapidamente possível e a empreender imediatamente uma verdadeira análise. Mesmo quando se nos oferece a possibilidade de ter acesso ao inconsciente tomando o ego como ponto de partida, verificamos que os resultados são muito pequenos em comparação com o tempo necessário para consegui-los. O aumento em riqueza e significado do material assim obtido é apenas aparente; na realidade estamos apenas encontrando o mesmo material inconsciente revestido de formas mais discerníveis. No caso de Grete, por exemplo, poderíamos ter estimulado sua curiosidade e, caso houvesse circunstâncias favoráveis, levá-la a interessar-se, digamos, pelas entradas e saídas das casas, pelas diferenças existentes entre as árvores e pela maneira como crescem. Mas o alargamento desses interesses redundaria apenas numa versão menos disfarçada do material que ela já vinha apresentando em seus desenhos monótonos por ocasião do início da análise. As diferenças em tamanho, forma e colorido de seus desenhos, assim como a ordem em que eram executados, indicavam que as casas e árvores grandes e pequenas que ela desenhava incessantemente de forma compulsiva, representavam sua mãe e seu pai e a ela mesma e ao irmão. Na base de tudo isto achava-se uma curiosidade recalcada a respeito da diferença entre os sexos e outros problemas conjugados; ao interpretá-los nesse sentido consegui ter acesso à sua angústia e culpabilidade e encaminhar a análise.

Se é verdade que as representações interessantes e complexas têm a mesma fonte que as representações mais pobres, pouco importa, do ponto de vista da análise, qual dos dois tipos de representação deva ser escolhido como ponto de partida para a interpretação. Efetivamente, a experiência tem demonstrado que, em se tratando de crianças, somente a interpretação dá partida ao processo analítico e o mantém em andamento.

15 Cf. a análise de Egon e Grete.

Por conseguinte, se o analista for capaz de compreender o tipo de material que lhe é apresentado e estabelecer sua conexão com a angústia latente, estará em condições de interpretar corretamente as representações mais monótonas e menos prometedoras; ao mesmo tempo, as sublimações e os interesses do ego da criança começarão a progredir, à medida que a angústia vai sendo dissipada e os recalques desaparecem. Assim, no caso de Ilse, que examinaremos mais detalhadamente no capítulo seguinte, os desenhos monótonos e obsessivos evoluíram gradualmente para um verdadeiro talento nos trabalhos manuais e na pintura, sem que houvesse qualquer incentivo ou solicitação de minha parte.

Antes de encerrarmos o tema da análise no período de latência ainda nos resta um problema a discutir. Muito embora, estritamente falando, não se trate de um problema de natureza técnica, é ele de grande importância no trabalho do analista infantil. Refiro-me ao seu modo de proceder com os pais de seus pacientes. Para que esteja apto a executar sua tarefa é preciso que exista uma certa relação de confiança entre o analista e os pais. Como a criança depende de seus pais, ficam estes incluídos no campo da análise; mas não são eles que estão sendo analisados e só poderão, portanto, ser influenciados pelos meios psicológicos comuns. Suas relações com o analista de seu filho envolvem dificuldades de um gênero peculiar, já que vem tocar de perto seus próprios complexos. A neurose de uma criança pesa sobre o sentimento de culpa de seus pais, que consideram a necessidade de recorrer ao analista como prova de sua responsabilidade pela enfermidade do filho. Além do mais, é-lhes muito penoso terem os detalhes de sua vida familiar revelados a um estranho. A isto se deve acrescentar, particularmente no caso da mãe, ciúmes pela relação confidencial que se estabelece entre a criança e o analista. Estes ciúmes, que derivam, em grande parte, da rivalidade do sujeito com sua própria imagem materna,¹⁶ encontra-se também nas governantas e babás, que assumem, quase sempre, uma atitude inamistosa para com

¹⁶ Em certos casos em que analisei mãe e filho simultaneamente, constatei que, no inconsciente da mãe, havia o temor de que lhe roubassem os filhos. A analista de seu filho representava para ela uma mãe inflexível que lhe exigia a restituição dos filhos que ela havia roubado e que, ao mesmo tempo, descobria e punia os impulsos agressivos que ela outrora havia nutrido contra os irmãos e irmãs.

o analista. Estes e outros fatores, que permanecem em sua maior parte inconscientes, originam uma atitude mais ou menos ambivalente dos pais, principalmente da mãe, para com o analista, mesmo que estejam plenamente conscientes da necessidade de um tratamento analítico para o filho. Por conseguinte, mesmo que estejam conscientemente bem dispostos quanto à análise, devemos esperar que se constituam em elementos até certo ponto perturbadores. O grau de dificuldades que causarão dependerá, naturalmente, de sua atitude *inconsciente* e de seu grau de ambivalência. Por esse motivo, os obstáculos que tenho encontrado quando os pais são esclarecidos no tocante à análise, não são menores do que quando praticamente ignoram tudo a respeito. Pela mesma razão, considero qualquer explicação teórica um pouco mais profunda aos pais, antes do início do tratamento, não somente desnecessária como também inoportuna, uma vez que tais explicações poderão ter um efeito desfavorável sobre seus próprios complexos. Contento-me em fazer algumas observações de ordem geral sobre o significado e os efeitos da análise; menciono o fato de que, no decorrer da mesma, a criança receberá esclarecimentos no domínio da sexualidade, e preparo os pais para a possibilidade de surgirem, ocasionalmente, outras dificuldades durante o tratamento. Em todos os casos recuso-me terminantemente a referir-lhes qualquer detalhe da análise. A criança que me concede a sua confiança não tem menos direito que o adulto à minha discrição.

A meu ver, nossa primeira meta ao estabelecer relações com os pais deve ser a de lograr que auxiliem nosso trabalho de uma forma passiva; devem abster-se, tanto quanto possível, de qualquer interferência, quer fazendo perguntas que incitem a criança a falar de sua análise em casa, quer alimentando as resistências que ela possa abrigar. Todavia, necessitamos de sua colaboração mais ativa nas ocasiões em que a criança é dominada por paroxismos de angústia e por resistências violentas. Em tais situações, como foi o caso de Ruth e de Trude,¹⁷ compete aos responsáveis pela criança encontrar os meios de fazer com que ela compareça às sessões, a despeito de suas dificuldades. Segundo minha experiência isso sempre foi possível, pois mesmo que a resistência seja forte, também se

¹⁷ Vide capítulo 2.

estabelece, geralmente, uma transferência positiva para o analista; trata-se, pois, de uma atitude ambivalente da criança face à análise. Todavia, não devemos jamais permitir que o auxílio provisório prestado pelos pais da criança se transforme em acessório permanente ao trabalho analítico. Tais períodos de resistência devem ocorrer raramente e ter pouca duração. Cabe à análise evitá-los ou, caso não seja possível, suprimi-los rapidamente.

Se conseguirmos estabelecer boas relações com os pais do menor e assegurar sua colaboração inconsciente, estaremos em condição de obter informações úteis sobre o comportamento da criança fora das sessões; poderemos ser inteirados de qualquer modificação, surgimento ou desaparecimento de sintomas relacionados com o trabalho analítico. Mas se essas informações só puderem ser conseguidas a custo de provocar dificuldades de outra espécie, prefiro privar-me delas, pois embora sejam valiosas, não são absolutamente indispensáveis. Recomendando sempre aos pais que jamais deixem a criança acreditar que as medidas que tomam para sua educação sejam devidas a conselho ou orientação minha; de fato, devem manter entre educação e análise uma separação total. Assim, a análise permanece o que deve ser: um assunto puramente pessoal entre nós dois, meu paciente e eu.

Tanto com crianças como com adultos, julgo imprescindível que as sessões tenham lugar no consultório do analista, e obedecendo a um horário determinado. A fim de evitar o deslocamento da situação analítica, cheguei à conclusão de que não convém permitir que a pessoa que traz a criança para o tratamento permaneça esperando na ante-sala; é necessário que ela se retire, retornando para buscá-la na hora indicada.

A menos que os erros cometidos sejam muito crassos, evito interferir na educação da criança, pois os erros nesse campo geralmente dependem em tão longa escala dos complexos dos pais, que os conselhos, além de serem inúteis, ainda concorrem para incrementar sua angústia e seu sentimento de culpa. Da interferência do analista na educação da criança só podem advir novos entraves à análise, provocando efeitos desfavoráveis na atitude dos pais para com seu filho.¹⁸

¹⁸ Tomarei como exemplo o caso de uma mãe bastante familiarizada com a análise e que depositava grande confiança em seus resultados, uma vez que sua filha de dez anos, na ocasião em tratamento por neurose grave, apresentava

A situação apresenta-se muito mais favorável após o término da análise ou quando esta atinge uma etapa mais avançada. O desaparecimento ou a redução da neurose de uma criança tem excelente efeito sobre os pais. Quando as dificuldades da mãe com o filho diminuem, seu sentimento de culpa também se atenua, e sua atitude para com a criança melhora. Ela se torna então mais acessível aos conselhos educativos do analista e, este é o ponto importante, tem menos dificuldades *internas* para pô-los em prática. Não obstante, baseada em minhas próprias experiências, não tenho muita fé na possibilidade de afetar o meio ambiente do pequeno paciente. Prefiro confiar nos resultados obtidos pela própria criança, pois estes a capacitarão a adaptar-se melhor a um ambiente ainda que difícil, dotando-a de maior resistência para enfrentar as tensões que lhe sejam impostas. Essa capacidade de arrostar tensões tem, naturalmente, os seus limites. Se o clima familiar é demasiadamente desfavorável, podemos não ser completamente bem sucedidos em nossa análise e talvez tenhamos que contar com a possibilidade de que a criança recaia numa neurose. Todavia, mesmo quando isso acontece, tenho constatado muitas e muitas vezes que os resultados obtidos, ainda que não impliquem no total desaparecimento da neurose, aliviam em grande parte

progressos satisfatórios. E, no entanto, foi difícil, apesar de tudo, dissuadi-la de supervisionar os deveres da filha, embora ela mesma compreendesse que com isso só fazia aumentar as dificuldades da menina com suas lições. Quando ela finalmente renunciou a essa atitude a pedido meu, descobri, através da análise da menina, que a mãe procurava por todos os meios fazer com que a filha lhe contasse como decorria a análise. Novamente, a pedido meu, deixou de fazê-lo; mas começou a dizer à filha que esta apresentava olheiras pela manhã, observação com que anteriormente a proibira de masturbar-se. Quando esses comentários, que interferiam com a análise, tiveram, por sua vez, um ponto final, a mãe começou a prestar uma atenção exagerada às roupas da filha e a comentar que ela passava muito tempo no banheiro, o que aumentava sobremaneira a refratariedade da garota. À essa altura desisti de tentar influenciar a mãe nesse sentido e aceitei sua interferência como parte do material analítico. Passado um certo tempo, em que me absteve de fazer qualquer reclamação, as interferências diminuíram. Neste caso, pude estabelecer o fato de que tinham todas o mesmo significado inconsciente para a menina: representavam inquirições e recriminações a respeito de masturbação. Sua origem era idênticamente complexiva na mãe, e isso ficou provado pelo fato de que seu desejo consciente de acabar com os erros de educação que eu havia reprovado, foi de todo ineficaz. De fato, parece que meus conselhos só serviram para aumentar seus problemas com a filha. Devo frisar que tive experiências análogas em muitos outros casos.

a difícil situação da criança, ocasionando uma melhora em seu desenvolvimento. Além do mais, se tivermos logrado modificar fundamentalmente os níveis mais profundos do psiquismo, é de pressupor-se que a enfermidade, caso venha a repetir-se, não será tão grave. Vale também a pena acentuar que em alguns casos desse tipo, a diminuição da neurose da criança teve um efeito altamente favorável sobre o ambiente neurótico.¹⁹ Se o tratamento tiver sido coroado de êxito a criança também poderá, algumas vezes, ser transferida para outros lugares, como por exemplo um internato, coisa que anteriormente não fora possível devido à sua neurose e inadaptabilidade.

Quanto ao fato de saber se é aconselhável para o analista avistar-se freqüentemente com os pais ou se é preferível limitar esses encontros ao máximo, depende de cada caso em particular. Não poucas vezes achei a segunda alternativa o melhor meio de evitar atritos com a mãe.

A ambivalência dos pais com relação à análise de seu filho também ajuda a explicar um fato surpreendente e penoso para o analista inexperiente, isto é, que até mesmo o tratamento mais bem sucedido tem pouca probabilidade de contar com o reconhecimento dos pais. Se bem que eu já tenha encontrado muitos pais bastante compreensivos, verifiquei que eles, na maioria dos casos, esquecem facilmente os sintomas que os levaram a procurar um analista para o filho, e minimizam a importância das melhoras efetuadas. Devemos, porém, considerar que eles não estão em posição de poder julgar os nossos resultados. A análise de um adulto prova sua eficácia suprimindo as dificuldades que perturbam a vida do paciente. Na análise infantil nós sabemos, embora os genitores via de regra não o saibam, que estamos prevenindo a ocorrência de problemas da mesma natureza e até mesmo de psicoses. Mas o pai, para quem os graves sintomas de seu filho constituem um aborrecimento, geralmente não se apercebe de sua importância, pelo simples motivo de que não afetam tão grandemente

¹⁹ No caso de um menino de 14 anos, por exemplo, cuja vida familiar era extremamente penosa e desafortunada, e que me foi trazido para análise devido a dificuldades caracterológicas, constatei que o progresso por ele efetuado teve um efeito benéfico sobre o caráter de sua irmã, que era um ano mais velha e não fora analisada; e que a atitude de sua mãe para com ele também se modificara para melhor.

a vida cotidiana da criança como a enfermidade neurótica afeta a vida do adulto. E, contudo, penso que podemos renunciar a esse reconhecimento, contentando-nos em saber que a meta de nosso trabalho é assegurar o bem-estar da criança e não a gratidão de seus pais.

A TÉCNICA DA ANÁLISE NA PUBERDADE

A ANÁLISE da puberdade difere, em muitos pontos essenciais, da análise do período de latência. Os impulsos do adolescente são mais poderosos, maior a atividade de suas fantasias, e seu ego tem outros desígnios e outra relação com a realidade. Por outro lado existem fortes pontos de analogia com a análise da criança pequena, mesmo porque na puberdade tornamos a encontrar um maior domínio das emoções e do inconsciente e uma vida imaginativa muito mais rica. Além disso, nessa idade, as manifestações de angústia e os afetos se exprimem com uma intensidade infinitamente maior do que no período de latência e constituem uma espécie de recrudescimento das descargas de angústia, tão características nos pequeninos.

Mas os esforços do adolescente no sentido de combater a angústia e modificá-la — tarefa que de há muito vem sendo uma das principais funções do ego — são mais bem sucedidos que os da criancinha. De fato, ele desenvolveu largamente seus interesses e atividades com o objetivo de dominar essa angústia, supercompensá-la e dissimulá-la perante si mesmo e perante os outros. Isso ele em parte consegue assumindo uma atitude de desafio e revolta que é característica na puberdade,

mas que vem dificultar em muito a técnica da análise desse período. A menos que tenhamos rápido acesso à angústia do paciente e aos afetos que ele manifesta, sobretudo através de uma atitude provocante e negativa na transferência, a análise corre o risco de ser bruscamente interrompida. Com muitos meninos dessa idade pude constatar que eles previam violentos ataques físicos de minha parte, durante as primeiras sessões.

Willy, por exemplo, de 14 anos de idade, deixou de comparecer à segunda sessão de análise, e somente a muito custo sua mãe conseguiu persuadi-lo a "dar-me mais uma oportunidade". Durante a terceira sessão consegui provar-lhe que ele me identificava com o dentista. É verdade que ele asseverou não ter medo do dentista, a quem minha figura lhe recordava; mas minha interpretação do material por ele produzido foi suficiente para convencê-lo do contrário, pois demonstrei-lhe que ele receava não só uma extração dentária, mas o despedaçamento de todo o seu corpo. Atenuando sua angústia a esse respeito, estabeleci a situação analítica. Posteriormente, ele muitas vezes manifestou uma angústia violenta no decurso da análise, mas sua resistência manteve-se em essência dentro da situação analítica e o tratamento pôde prosseguir.

Também em outros casos em que observei sinais de angústia latente, pus-me a interpretá-los já na primeira sessão, a fim de reduzir de imediato a transferência negativa do paciente. Todavia, mesmo nos casos em que a angústia não é imediatamente reconhecível, ela pode eclodir repentinamente se a situação analítica não for estabelecida com presteza, pela interpretação do material inconsciente. Este material assemelha-se grandemente ao apresentado pela criança de tenra idade. Na puberdade e pré-puberdade os meninos absorvem-se com fantasias referentes a pessoas e coisas, da mesma maneira como os pequeninos se dedicam aos seus brinquedos. O que Peter, de três anos e nove meses, expressou por meio dos carrinhos, trenzinhos e motores, Willy, de 14 anos, exprimiu em longos discursos que se prolongaram por meses, e que versavam sobre as diferenças de construção entre os diversos tipos de motores, bicicletas, motocicletas etc. Onde Peter movimentava carrinhos, fazendo comparações entre os mesmos, Willy se interessava apaixonadamente pela questão de qual carro e qual piloto venceriam determinada corrida; e ao passo que Peter pagava um tributo de admiração à habilidade do boneco na

direção, fazendo-o executar toda sorte de proezas, Willy, por sua vez, não se cansava de tecer elogios aos seus ídolos do mundo esportivo.

Como as atividades imaginativas do adolescente estão mais adaptadas à realidade e aos interesses incrementados de seu ego, o conteúdo de suas fantasias é muito menos reconhecível do que nas crianças pequenas. De mais a mais, sendo maiores as atividades do adolescente e mais sólidas suas relações com a realidade, o caráter de suas fantasias acha-se novamente modificado.¹ O impulso de dar provas de coragem no mundo real e o desejo de competição com os demais torna-se mais proeminente. É por isso que o esporte ocupa um lugar tão preponderante na vida e nas fantasias do adolescente, pois oferece-lhe não somente um meio de superar a angústia, mas também de entrar em rivalidade com os outros e admirar seus brilhantes feitos.

Essas fantasias, que exprimem sua rivalidade com o pai pela posse da mãe e também no tocante à potência sexual, são acompanhadas, como na criança pequena, de sentimentos de ódio e agressão em todas as formas, e igualmente seguidas de angústia e sentimentos de culpa. Mas os mecanismos peculiares à puberdade dissimulam esses fatos muito melhor do que os mecanismos da criança pequena, pois o adolescente toma para seu modelo heróis, grandes homens etc. Pelo fato de esses objetos se encontrarem afastados, ele pode se identificar muito mais facilmente com os mesmos, e encontrar, assim, uma supercompensação durável para os sentimentos negativos que lhe inspiram suas imagens paternas. Graças a essa divisão da imago do pai, ele desvia suas violentas tendências destrutivas para outros objetos. Se reunirmos, portanto, sua admiração supercompensatória por alguns objetos e o ódio excessivo e o desprezo que ele nutre por outros, tais como professores e parentes, poderemos chegar a analisar seu complexo de Édipo e seus afetos tão completamente como o fazemos com as crianças pequenas.

¹ Em muitas análises de meninos do período pré-puberal e algumas vezes já no período de latência, a maior parte do tempo é ocupada com histórias sobre peles-vermelhas ou detetives, ou com fantasias sobre viagens, aventuras e lutas, relatadas em série e freqüentemente associadas a descrições de imaginários inventos técnicos, como tipos especiais de barcos, máquinas, carros, dispositivos de guerra etc.

Em alguns casos o recalçamento limitou de tal forma a personalidade, que ao adolescente só resta um único interesse definido, digamos por determinado esporte. Esse interesse único equivale ao jogo monótono e invariável da criança pequena, que a ele se dedica com exclusão de todos os outros. Ele representa todas as fantasias recalçadas do adolescente e tem mais o caráter de sintoma obsessivo que de sublimação. Histórias monótonas sobre futebol ou ciclismo podem formar, durante meses a fio, o único tópico de conversação em sua análise. Desse conteúdo representativo, que parece, à primeira vista, tão destituído de imaginação, devemos extrair o verdadeiro material das fantasias recalçadas. Se adotarmos uma técnica análoga à da interpretação dos sonhos e jogos, levando em consideração os mecanismos de deslocamento, condensação, representação simbólica etc., e observando as conexões existentes entre os mais diminutos sinais de angústia e o estado afetivo geral do paciente, poderemos ultrapassar essa faixa superficial de interesses monótonos, penetrando gradualmente nos complexos mais profundos.² Nota-se aqui uma analogia com a análise de certos casos extremos no período de latência. Poderíamos relembra os desenhos monótonos de Grete,³ de sete anos de idade, totalmente desprovidos de fantasia, mas que foi a única coisa a que durante meses pude me apegar para dar seguimento à análise; ou o caso de Egon,⁴ que era de um tipo ainda mais extremo. Essas crianças apresentavam em grau excessivo a limitação da fantasia e dos meios de representação normais ao período de latência. Isso me fez chegar à conclusão de que, ao depararmos com uma limitação similar de interesses e meios de expressão na puberdade, estamos lidando com um período de latência prolongado; e onde, por outro lado, existir uma grande limitação das atividades imaginativas na primeira infância, como por exemplo inibições nos jogos, trata-se de um caso de começo prematuro desse período. Em qualquer dos dois casos, quer a latência comece cedo demais ou termine tarde demais, indica a existência de graves

² Abraham, segundo ele mesmo me contou, analisou um menino de cerca de doze anos, baseando-se principalmente no que ele descreveu como "língua dos selos", e na qual, detalhes como os cantos rasgados de um selo, por exemplo, proporcionavam um meio de abordar seu complexo de castração.

³ Vide capítulo 4.

⁴ Vide capítulo 4.

distúrbios no desenvolvimento da criança, pois à indevida extensão desse período corresponde um aumento anormal dos fenômenos que geralmente a acompanham.

Darei agora um ou dois exemplos para ilustrar o que me parece ser a técnica adequada de análise na puberdade. Bill, de quinze anos de idade, fez uma cadeia ininterrupta de associações em torno de sua bicicleta e das diversas peças que a compunham; seu receio, por exemplo, de que ela se danificasse se lhe imprimisse muita velocidade, supriu-me de abundante material referente ao seu complexo de castração e sentimento de culpa por masturbação.⁵ Evidenciou-se que ele provava angústia e culpabilidade por suas relações com um certo amigo, mas que essas relações não se baseavam na realidade; remontavam a uma relação anterior mantida com um menino chamado Tony. Falando de uma excursão em companhia de seu amigo, durante a qual haviam trocado as respectivas bicicletas, Bill declarou ter ficado com receio, sem que houvesse motivo para tal, de que sua bicicleta se tivesse danificado. Baseando-me nesta lembrança e em outras do mesmo gênero, expliquei-lhe que seu receio parecia relacionar-se com as atividades sexuais mantidas com seu amigo Tony anos atrás. Quando lhe referi os motivos que me faziam pensar assim, ele concordou e recordou-se de alguns detalhes dessa relação sexual. Seu sentimento de culpa a esse respeito e o conseqüente receio de haver danificado seu pênis e seu corpo eram totalmente inconscientes.⁶

Na análise de Willy, de 14 anos, cuja fase preliminar foi acima descrita, consegui descobrir, com o auxílio de tópicos idênticos, a razão de seus profundos sentimentos de culpa em relação ao irmão menor. Assim, quando Willy comentou que sua máquina a vapor estava necessitando de reparos, mencionou

⁵ Que andar de bicicleta simboliza masturbação e coito ficou demonstrado inúmeras vezes. Em meu artigo "Early Analysis" (1923), referi-me ao significado simbólico geral das bolas, pelotas de futebol, bicicletas etc., como pênis, e discuti mais especificamente as fantasias libidinais vinculadas aos vários esportes, em conseqüência dessas equações simbólicas. De sorte que ao lidar com as histórias do paciente a respeito de esportes em seu aspecto simbólico e ao relacioná-las com seu estado afetivo geral, pode o analista chegar às fantasias libidinais e agressivas e ao sentimento de culpa a que dão origem.

⁶ Bill era um menino nervoso e inibido e tinha várias dificuldades neuróticas. Sua análise durou apenas três meses (54 sessões) mas, segundo notícias que recebi seis anos mais tarde, ele estava se desenvolvendo bem.

imediatamente a máquina de seu irmão, acrescentando que ficara inutilizada. Sua resistência a respeito e seu desejo de que a sessão chegasse logo ao fim eram ocasionados, conforme se constatou, pelo receio de que sua mãe viesse a descobrir as relações sexuais que haviam existido entre os dois irmãos e das quais ele, em parte, se recordava. Essas relações lhe haviam deixado uma profunda culpabilidade inconsciente, pois, sendo mais velho e mais forte, obrigara algumas vezes o irmão a sujeitar-se às mesmas. Desde então sentia-se responsável pelo desenvolvimento anormal daquele, que era gravemente neurótico.⁷

⁷ A análise de Willy foi efetuada como medida profilática. É verdade que ele sofria de depressões, mas estas não eram de caráter anormal. Contudo, detestava a companhia de outras pessoas, era bastante inativo e retraído e não mantinha boas relações com os irmãos e irmãs. Não obstante, sua adaptação social era normal; era bom aluno e nada havia de particularmente errado em sua conduta. Sua análise estendeu-se por 190 sessões e em resultado (as últimas notícias que dele recebi datam de três anos após o término da mesma) esse menino, que poderia ser considerado uma criança normal, sofreu transformações de tal natureza, que foram notadas até mesmo por pessoas que não pertenciam ao seu círculo imediato de relações e que ignoravam que estivesse sendo analisado. Por exemplo, verificou-se que seu desinteresse pelo teatro e o cinema estava relacionado a uma grave inibição de seus instintos epistemofílicos, se bem que, como já dissemos, fosse bom aluno. Com o desaparecimento dessa inibição seu horizonte mental ampliou-se e sua inteligência geral progrediu. A análise de sua forte atitude passiva levou-o a dedicar-se a numerosas atividades. Sua atitude para com os irmãos melhorou, assim como sua capacidade de adaptação social. Estas e outras modificações transformaram-no numa criatura muito mais livre, mais madura e mais bem equilibrada; além de tudo, essas alterações, embora em si mesmas talvez não muito decisivas, refletiam modificações mais profundas, que certamente teriam importantes consequências no futuro. Simultaneamente com o desaparecimento de sua atitude inativa na vida cotidiana, sobreveio uma modificação em sua orientação sexual. Suas tendências heterossexuais tornaram-se muito mais fortes, e ele se libertou de certas dificuldades que são, reconhecidamente, a causa das perturbações de potência sexual na vida adulta. Além de tudo, verificou-se que suas depressões estavam aliadas a idéias de suicídio, e que estas eram mais profundas do que pareciam à primeira vista. Por outro lado, seu retraimento e isolamento da companhia dos demais baseavam-se numa decidida fuga à realidade. Estas, devo acrescentar, eram apenas algumas das dificuldades de que sofria o garoto, conforme ficou demonstrado pela análise profunda.

A esse respeito, gostaria de frisar o quanto são graves as dificuldades de crianças mesmo normais (vide o caso de Inge, por exemplo). Este fato da vida analítica é corroborado pelas observações da vida cotidiana: é surpreendente a frequência com que pessoas que até então pareciam ser completamente normais, sucumbem repentinamente a uma neurose ou cometem suicídio por um motivo inteiramente trivial. Mas, como o demonstra a análise de adultos normais, até

Em conexão com certas associações acerca de uma viagem a vapor que deveria realizar com um amigo, ocorreu a Willy que o navio poderia naufragar; e sacando subitamente sua permanente ferroviária do bolso, perguntou-me se eu poderia lhe dizer quando expirava. Willy disse não saber quais os números que se referiam ao mês e quais ao dia. A data de "expiração" da passagem significava a data de sua própria morte; a viagem em companhia do amigo era a masturbação praticada anos atrás com o irmão e também com um amigo; e que originara nele sentimentos de culpa e temor à morte. Willy prosseguiu dizendo que havia esvaziado sua bateria elétrica, a fim de não sujar a caixa na qual estava acondicionada. A seguir contou-me que ele e seu irmão haviam jogado futebol com uma bolinha de pingue-pongue dentro de casa; acrescentou que as bolas de pingue-pongue não eram perigosas, pois com elas não havia o perigo de machucar a cabeça ou quebrar alguma vidraça. Neste ponto lembrou-se de um incidente ocorrido em sua primeira infância: uma bola de futebol o atingira violentamente, fazendo com que perdesse os sentidos. Não sofrera nenhuma lesão, mas seu nariz ou seus dentes poderiam ter ficado facilmente avariados. A lembrança deste incidente era uma recordação encobridora de suas relações com um amigo mais velho que o havia seduzido. As bolas de pingue-pongue representavam o pênis inofensivo e comparativamente pequeno de seu irmão menor, e a de futebol o de seu amigo mais velho. Mas como, em suas relações com o irmão, ele havia se identificado com o amigo que o seduzira, elas provocaram nele um vivo sentimento de culpa, pelo mal que supunha haver causado a seu irmão. Ele imaginava haver conspurcado e danificado o irmão ao introduzir-lhe o pênis na boca e obrigá-lo a praticar *fellatio*. Pelo fato de haver se encontrado na mesma situação com o amigo mais velho, sentia-se igualmente ameaçado, e a angústia decorrente o havia compelido a esvaziar a bateria, no receio de sujar a caixa. Seu medo de haver conspurcado e danificado o irmão internamente advinha de fantasias sádicas dirigidas contra o mesmo; em um nível ainda mais profundo, o que provocava a angústia e

mesmo pessoas que jamais tiveram uma enfermidade nervosa acusam inibições intelectuais e sexuais, e sofrem de uma falta de capacidade para gozar a vida cuja extensão só poderá ser avaliada pela psicanálise.

a culpabilidade eram fantasias masturbatórias de conteúdo sádico dirigidas contra os pais. Assim, partindo de sua confissão concernente às suas relações com o irmão — confissão que ele exprimiu simbolicamente em suas associações sobre a máquina a vapor que necessitava de reparos — tivemos acesso não somente a outras experiências e eventos da vida de Willy, mas ainda às camadas psíquicas mais profundas de sua angústia. Gostaria ainda de salientar a riqueza dos símbolos com que o material foi apresentado. Esta riqueza é característica da análise da puberdade, e assim como na análise da primeira infância, requer uma interpretação extensiva dos símbolos utilizados.

Voltemo-nos agora para a análise da menina durante a puberdade. As primeiras menstruações despertam nela uma intensa angústia. Além dos vários outros significados que o fato encerra e que nos são familiares, esta é a prova exterior e tangível de que o interior de seu corpo e os bebês nele contidos foram totalmente destruídos. Por esta razão o desenvolvimento, na menina, de uma atitude completamente feminina é mais demorado e ladeado por mais dificuldades do que a instauração, no menino, de uma posição masculina. Em resultado, os componentes masculinos da menina podem ser reforçados quando ela atinge a puberdade; ou ela pode perfazer um desenvolvimento apenas parcial, principalmente pelo lado intelectual, permanecendo, no que se refere à sua personalidade e vida sexual, no estágio de latência, algumas vezes mesmo depois de passada a puberdade. Analisando o tipo ativo de menina que assume uma atitude de rivalidade face ao sexo masculino, geralmente começamos por obter um material semelhante ao produzido pelos meninos. Mas logo depois, à medida que vamos descendo aos níveis mais profundos do psiquismo, as diferenças de estrutura entre os complexos de castração masculino e feminino se fazem sentir. Constatamos então na menina a presença de uma angústia e de uma culpabilidade que resultam de seus desejos de agressão contra a mãe e que, incitando-a a rejeitar o papel feminino, contribuíram para a formação de seu complexo de castração. Descobrimos então que é o medo de que a mãe lhe destrua o corpo o motivo que a impede de adotar a posição de mulher e de mãe. Nesta etapa da análise as idéias que exprime são muito semelhantes às que encontramos nas garotinhas pequenas.

Em um segundo tipo de meninas, cuja vida sexual é profundamente inibida, a análise, a princípio, usual *ente gira em torno dos mesmos assuntos que encontramos no período de latência*. Grande parte do tempo é ocupado com histórias que dizem respeito à escola, ao seu desejo de agradar a professora e fazer bem os deveres, ao seu interesse por trabalhos de agulha etc. Nesses casos, por conseguinte, devemos empregar os métodos apropriados ao período de latência e *continuar atenuando gradualmente a angústia, a fim de eliminar pouco a pouco o recalçamento que pesa sobre as manifestações da vida imaginativa*. Se insistirmos nesse objetivo até certo ponto, ela passará a exprimir mais claramente aqueles temores e sentimentos de culpa que, tendo levado o primeiro tipo de menina a uma identificação com o pai, militarão, neste segundo tipo, contra a adoção do papel feminino, ocasionando uma inibição em toda a sua vida sexual. As adolescentes estão expostas a uma angústia que pode se manifestar de uma maneira muito mais intensa e aguda do que na mulher adulta, mesmo que tenham optado por uma posição predominantemente feminina. Uma atitude transferencial negativa e provocante é característica dessa idade e requer o pronto estabelecimento da situação analítica. Ademais, a análise demonstrará amiúde que a menina exagera falsamente sua posição feminina, colocando-a em primeiro plano a fim de mascarar e reprimir a angústia proveniente de seu complexo de masculinidade, e mais profundamente ainda, os temores derivados de sua atitude feminina inicial.⁸

Exporei agora os fragmentos de uma análise que, apesar de não ser absolutamente típica desse período, ilustrará minhas observações gerais sobre a técnica a ser aplicada a meninas pré-púberes e púberes; ela também demonstrará quais as dificuldades que nos esperam no tratamento das crianças dessa idade.

Ilse, de doze anos, apresentava certos traços notadamente esquizóides e um retardamento extraordinário no desenvolvimento de sua personalidade. Não somente não havia ela atingido o nível intelectual de uma criança de oito a nove anos, como nem sequer possuía os interesses normais às crianças dessa idade. De mais a mais, era inibida em todas as

⁸ Vide Joan Riviere, "Womanliness as a Masquerade" (1929).

atividades imaginativas num grau impressionante. Jamais havia brincado no verdadeiro sentido da palavra e não sentia prazer em ocupação alguma, com exceção de uma espécie de desenho compulsivo e desprovido de imaginação, cujo caráter será discutido mais adiante. A companhia dos outros lhe era indiferente, não gostava de andar pelas ruas e observar as coisas ao seu redor, e detestava o teatro, o cinema e qualquer outro tipo de distração. Seu principal interesse consistia em comer, e todas as decepções nesse campo levavam-na invariavelmente a ter acessos de ira e de depressão. Era muito ciumenta de seus irmãos e irmãs, não tanto por ter de compartilhar com eles do amor maternal, como por uma imaginária preferência nas coisas que a mãe lhes dava para comer. Essa atitude inamistosa para com a mãe, os irmãos e as irmãs, era acompanhada de uma precária adaptação social em geral. Não possuía amigos e aparentemente não fazia nenhuma questão de agradar ou causar boa impressão. Suas relações com a mãe eram especialmente más. De tempos a tempos tinha violentos acessos de fúria contra a genitora, se bem que estivesse fortemente fixada a ela. Havia passado dois anos num internato, mas nesse longo afastamento do ambiente familiar não havia produzido qualquer modificação durável em seu estado.

Quando Ilse contava cerca de 11 anos e meio, sua mãe a surpreendeu em relação sexual com o irmão mais velho. Este incidente evocou reminiscências que fizeram com que a mãe concluísse não ser aquela a primeira vez. Efetivamente, a análise revelou que sua convicção era bem fundada, e que a relação de Ilse com seu irmão havia prosseguido após a descoberta.

Somente premida pelo insistente desejo da mãe é que Ilse anuiu em ser analisada; mas fê-lo impelida por aquela docilidade destituída de crítica, insólita numa criança de sua idade e que, a par com sua atitude de ódio, caracterizava sua fixação à mãe. Logo de início fiz com que ela se reclinasse no divã. Suas escassas associações consistiam sobretudo numa comparação entre os móveis de meu gabinete e os de sua casa, em particular de seu próprio quarto. Retirou-se em estado de grande resistência, negando-se a voltar no dia seguinte; só a muito custo sua mãe conseguiu persuadi-la a fazê-lo. Em casos como esse é necessário estabelecer rapidamente a situação analítica, pois a família da criança não poderá servir-nos de

esteio por muito tempo. Fiquei impressionada com os movimentos que fez com os dedos durante sua primeira sessão. Alisava continuamente as pregas de seu vestido enquanto fazia observações sobre os meus móveis, comparando-os aos de sua casa. Portanto, quando durante a segunda sessão ela se pôs a tecer comparações entre o meu bule de chá e o de sua casa, que ela achava parecido mas não tão bonito, comecei a interpretar. Expliquei-lhe que a comparação de objetos significava, na realidade, uma comparação entre pessoas; comparava a mim ou a sua mãe consigo mesma e nessa comparação levava desvantagem, porquanto se sentia culpada por haver se masturbado e receava que isso lhe houvesse ocasionado algum dano físico. Acrescentei que o alisamento contínuo das pregas de seu vestido significava masturbação e uma tentativa de ressarcir seus órgãos genitais.⁹ Ela negou veementemente, mas constatei o efeito de minha interpretação no enriquecimento do material que ela produziu a seguir. Além disso, ela não mais se recusou a voltar na sessão seguinte. E contudo, considerando sua acentuada infantilidade, sua dificuldade em expressar-se por meio de palavras e a extrema angústia de que parecia sofrer, julguei aconselhável passar para a técnica lúdica.

Durante os meses seguintes as associações de Ilse consistiram essencialmente em desenhos traçados a compasso, de peremptória falta de imaginação, e nos quais medir e calcular as partes componentes representava importante papel. O caráter compulsivo dessa ocupação tornou-se cada vez mais claro.¹⁰ Após um lento e paciente trabalho, descobri que as formas e o colorido variado dessas partes componentes representavam pessoas diferentes. Constatei que sua necessidade compulsiva de medir e calcular derivava de sua curiosidade, que se tornara obsessiva, de saber com exatidão o que havia no interior do corpo de sua mãe, o número de criancinhas lá

⁹ Não se dá uma interpretação desse tipo com o propósito de descobrir alguma coisa (como masturbação) que a criança esteja ocultando conscientemente e assim manter domínio sobre ela. O objetivo é reencontrar as raízes mais profundas do sentimento de culpa aliado à masturbação (ou ao que quer que seja), para desta maneira diminuí-lo.

¹⁰ De fato, Ilse não possuía nenhum interesse real do qual pudesse haver falado. É bem verdade que era uma leitora apaixonada; mas não se interessava por nenhum tipo determinado de livro, porquanto ler representava para ela sobretudo um meio de fugir à realidade.

existentes, a diferença entre os sexos, e assim por diante. Também neste caso a inibição que pesava sobre toda sua personalidade e desenvolvimento intelectual era devida a uma repressão muito precoce dos impulsos epistemofílicos, que conseqüentemente haviam sofrido uma inversão completa, transmutando-se em obstinada antipatia a todo conhecimento. Graças aos desenhos, aos cálculos e às medidas, a análise avançou consideravelmente e a angústia de Ilse se atenuou. Seis meses após o início do tratamento sugeri que ela tentasse novamente fazer a análise reclinada, e ela assim fez. Sua angústia recrudescceu de imediato, mas logo consegui aplacá-la e a partir de então a análise tomou um ritmo mais acelerado. É verdade que o tipo de análise normal para essa idade não pôde ser realizado durante esse período devido à pobreza e monotonia das associações; mas à medida que o tempo passava, fomos nos aproximando mais e mais. Ilse, agora, passou a desejar ardentemente satisfazer à professora e obter boa classificação, mas sua profunda inibição nos estudos tornava esse desejo irrealizável. Foi somente então que ela se tornou plenamente consciente dos sofrimentos e decepções que suas deficiências lhe haviam causado. Em casa, ela chorava durante horas seguidas antes de começar a escrever suas composições escolares, sem conseguir realizá-las. Antes de sair para a escola, desesperava-se quando constatava que não havia remendado suas meias que estavam furadas. As associações que ela fornecia a propósito de seu fracasso nos estudos relacionavam-se invariavelmente a questões de uma inferioridade em suas roupas ou em seu corpo. Juntamente com histórias a respeito da escola, ela preencheu suas sessões por meses a fio com observações monótonas sobre os punhos das mangas, a gola da blusa, seus laços de fita e todos os particulares de sua indumentária, queixando-se de que estavam sujos, que eram muito longos ou muito curtos, ou de uma cor inconveniente.¹¹

Nessa época, o material que eu utilizava provinha sobretudo dos detalhes que ela me fornecia a propósito de seu fracasso nas composições escolares. As suas incessantes queixas de que nada tinha para escrever acerca do tema dado, eu sempre lhe pedia que fizesse associações sobre o tema, e essas fantasias

¹¹ Cf. J. C. Flügel, *The Psychology of Clothes* (1930). Editado por Mestre Jou, em português, sob o título *Psicologia das roupas*, 1966.

provocadas¹² eram muito instrutivas.¹³ Fazer os deveres escolares significava reconhecer o fato de *não saber*; no sentido de ignorar o que sucedia quando seus pais copulavam, ou o que havia no interior do corpo de sua mãe; e toda a angústia e obstinação relacionadas a essa ignorância fundamental eram reestimuladas a cada tarefa escolar. Como para muitas outras crianças, a redação de um dever tinha para ela o sentido de uma confissão, o que vinha tocar muito de perto em sua angústia e culpabilidade. Por exemplo, a “Descrição do *Kurfürstendamm*”¹⁴ levou-a a falar das vitrinas das lojas, de seu conteúdo, dos objetos que ela gostaria de possuir, em particular de uma enorme caixa de fósforos decorada que ela havia visto numa vitrina quando saíra a passeio com a mãe. Elas haviam entrado na loja e sua mãe havia riscado um dos enormes fósforos para experimentá-lo. Ilse gostaria de ter feito o mesmo, mas refrêara-se por medo da mãe e do vendedor, que representava a imagem do pai. A caixa de fósforos e seu conteúdo, assim como o conteúdo das vitrinas das lojas, representavam o corpo de sua mãe, e o riscar do fósforo simbolizava o coito parental. A inveja que lhe inspirava sua mãe, possuindo o pai no ato sexual, e seus impulsos agressivos contra a mesma, eram a causa de seus mais profundos sentimentos de culpa.

Outro tema de composição foi “Os cães são-bernardo”. Quando Ilse citou a inteligência desses cães no salvamento de pessoas que estavam morrendo congeladas, começou a sentir uma forte resistência. Suas associações ulteriores revelaram que, em sua imaginação, as crianças soterradas na neve eram crianças abandonadas. Isso veio provar que suas dificuldades no tocante a esse assunto baseavam-se em desejos de morte contra as irmãs mais jovens, tanto antes como após o nascimento das mesmas, e no receio de ser abandonada pela mãe, como castigo. Ademais, cada uma das tarefas escolares, tanto orais como escritas, representava para ela uma confissão quase geral.

¹² Cf. Fereuczi, “On Forced Phantasies” (1924).

¹³ Em seu artigo “History as Phantasy” (1929), Ella Sharpe relatou o caso de um adulto psicótico no qual, durante muito tempo, o material que ela obteve para análise baseou-se quase que exclusivamente no interesse do paciente por acontecimentos históricos; por esse meio, ela conseguiu penetrar nos níveis mais profundos de seu psiquismo.

¹⁴ Um dos principais centros comerciais de Berlim.

E a essas dificuldades acrescentavam-se inibições especiais em matemática, geometria, geografia etc.¹⁵

Com o desaparecimento gradual de suas inibições escolares, uma grande transformação foi-se operando em toda a personalidade de Ilse. Ela se tornou capaz de uma certa adaptação social, fez amizade com outras meninas e passou a dar-se muito melhor com os pais, irmãos e irmãs. Seus interesses agora aproximavam-se dos interesses apropriados a uma garota de sua idade; e como se tornara boa aluna e a favorita de suas professoras, e como também se convertera numa filha obediente quase que em demasia, sua família mostrou-se totalmente satisfeita com o êxito da análise e não viu mais razão para o seu prosseguimento. Mas eu não era da mesma opinião. Era evidente que Ilse, se bem que com treze anos de idade e fisicamente em plena puberdade, havia, na realidade, apenas conseguido fazer uma transição bem sucedida para o período de latência, mostrando-se capaz de responder às exigências desse período e de realizar uma adaptação social. Por mais compensadores que fôssem esses resultados do ponto de vista analítico, a menina que eu via à minha frente era ainda uma criatura totalmente dependente e excessivamente fixada à sua mãe. Muito embora seu círculo de interesses estivesse se ampliando grandemente, ainda mal era capaz de ter idéias próprias. Quase todas as suas frases começavam por: "Mamãe acha que...". Seu desejo de ser agradável, o grande cuidado que dispensava agora à sua aparência em contraste com a total indiferença anterior, sua necessidade de amor e reconhecimento e até seu empenho em sobressair-se em meio às companheiras de escola, tudo isso originava-se quase que exclusivamente de seu desejo de agradar à mãe e às professoras. Sua atitude homossexual era muito forte e muito escassos eram os impulsos heterossexuais nela visíveis.

O prosseguimento da análise, que agora decorria de maneira normal, produziu grandes modificações, não apenas nesse sentido, mas no desenvolvimento geral da personalidade de Ilse. Esses progressos deveram-se, em grande parte, às circunstâncias que me permitiram analisar a violenta angústia provocada, nesse período, pelo surgimento das primeiras regras. Verifi-

¹⁵ Em meu artigo, "The Rôle of the School in the Libidinal Development of the Child" (1923), discuti o amplo significado das inibições específicas ligadas a cada ramo especial do conhecimento.

cou-se, então, que seu excessivo apego positivo à mãe, contra quem, não obstante, ainda tinha ocasionais explosões de fúria, era originado por angústia e por sentimentos de culpa. A análise ulterior — ao trazer completamente à luz a atitude de rivalidade que a menina havia primitivamente adotado em face da mãe, os intensos sentimentos de ódio e de inveja que ela havia nutrido contra a genitora pelo fato desta estar de posse do pai (e de seu pênis) e pelo fato de se constituir numa fonte de prazer para ele — capacitou-a a reforçar suas tendências heterossexuais e a diminuir as homossexuais. Somente agora estabelecia-se realmente sua puberdade psicológica. Antes disso, Ilse não podia criticar a mãe ou formar opiniões próprias, porquanto isso significaria exprimir contra a mãe uma violenta agressão sádica. A análise desse sadismo permitiu a Ilse alcançar uma independência de pensamentos e de ações em conformidade com sua idade. A oposição à mãe manifestou-se paralelamente de maneira mais nítida, mas sem provocar dificuldades especiais, já que se achavam largamente compensadas por seu progresso geral. Algum tempo mais tarde, ao termo de uma análise que abrangerá 425 sessões, Ilse estava apta a manter relações firmes e afetuosas com sua mãe, e, concomitantemente, a adotar uma atitude heterossexual satisfatória.¹⁶

O caso clínico desta menina mostra-nos como a incapacidade de triunfar sobre uma culpabilidade excessiva havia comprometido não somente sua passagem para o período de latência, mas todo o curso ulterior de seu desenvolvimento. Produzira-se um deslocamento de seus afetos, que eram extravasados em ocasionais explosões de ira, e sua angústia fora modificada de maneira pouco satisfatória. Conquanto desse a inequívoca impressão de ser uma criança infeliz e insatisfeita, Ilse não tinha consciência de sua angústia e nem de sua insatisfação. Sua análise avançou um grande passo quando logrei fazê-la compreender que ela era infeliz, que se sentia inferior e privada de amor, que por esse motivo se achava desesperada, e que, em sua prostração, não fazia o menor esforço para tentar conquistar o amor dos demais. Depois disso, em lugar de sua marcada indiferença pela afeição e os elogios de seu meio ambiente, ela

¹⁶ Dois anos e meio após o término de sua análise fui informada de que ela estava se desenvolvendo satisfatoriamente, a despeito de grandes dificuldades externas.

se pôs a aspirá-los de maneira veemente e exagerada; esse comportamento, que é característico do período de latência, fez dela, como vimos, uma criança extremamente obediente e fixada à sua mãe. A última parte do tratamento, que revelou as causas profundas de seus fracassos e de sua intensa culpabilidade, foi grandemente facilitada pela plena consciência que ela agora tinha de sua enfermidade.

Já fizemos alusão às relações sexuais praticadas por Ilse com seu irmão, que era um ano e meio mais velho do que ela. Pouco depois de iniciar sua análise, empreendi o tratamento também desse irmão. Ambas as análises revelaram que essas relações sexuais remontavam à primeira infância e que haviam persistido durante o período de latência, se bem que em raros intervalos e mais discretamente. O fato notável é que Ilse não tinha um sentimento de culpa consciente a esse respeito, mas detestava o irmão. A análise deste último teve o efeito de fazê-lo colocar um ponto final nessas relações sexuais, o que, a princípio, veio excitar ainda mais o ódio que Ilse nutria por ele. Mas tempos depois, a par com outras modificações que se operaram nela, começou a ter vivos sentimentos de culpa e de angústia por esses episódios.¹⁷

O método adotado por Ilse para modificar sua angústia, que consistia em refutar totalmente a responsabilidade por seus atos, e a adotar uma atitude desagradável, desafiante e antipática face ao meio ambiente, é, conforme constatei, característica de certa categoria de indivíduos associais. Os mesmos mecanismos operavam em Kenneth,¹⁸ que mostrava total indiferença pela opinião alheia e tão extraordinária falta de vergonha. E eles podem ser encontrados até na criança mais normal, que se conduz simplesmente como um garoto "traquinas". Análises de crianças de todas as idades provam que o decréscimo da angústia e da culpabilidade latentes induzem a uma melhor adaptação social e ao fortalecimento de seu senso de responsabilidade pessoal, com uma eficácia tanto maior quanto mais profunda for a análise.

Este caso também nos fornece certas indicações que nos permitem decidir quais fatores, no desenvolvimento de uma me-

¹⁷ No capítulo 7 toruaremos a examinar esse tema sob um outro aspecto.

¹⁸ Vide capítulo 4.

nina, são necessários para que ela faça com sucesso a transição para o período de latência, e quais os que permitem a subsequente transição para a puberdade. Como já foi dito acima, não raro descobrimos que a menina púbere ainda se encontra em um período de latência prolongado. Analisando os estádios iniciais de seu desenvolvimento, e os sentimentos de culpa e de angústia iniciais, derivados de sua agressividade contra a mãe, poderemos favorecer sua transição, não somente para o estágio da puberdade, como também, ulteriormente, para a vida adulta, assegurando, assim, o desenvolvimento completo de sua sexualidade e de sua personalidade femininas.

Resta-nos ainda examinar a técnica empregada no tratamento deste caso. Na primeira fase da análise empreguei a técnica indicada para o período de latência, e na segunda fase, a que corresponde à puberdade. Repetidas referências foram feitas nestas páginas aos vínculos que conectam os métodos de análise apropriados aos diferentes estádios. Quero declarar aqui que considero a técnica da análise das crianças pequenas como sendo a base da técnica aplicável a outras de qualquer idade. No capítulo precedente, eu disse que meu método de análise para o período de latência era inteiramente baseado na técnica lúdica que elaborei para as crianças pequenas. Mas, como o demonstram os casos apresentados no presente capítulo, a técnica da análise dos pequeninos é indispensável também para muitos pacientes que se acham na idade da puberdade; muitos desses casos, não raro bastante difíceis, permanecerão insolúveis, a menos que tomemos em devida consideração a necessidade que tem o adolescente de agir e de exprimir suas fantasias, que tenhamos o cuidado de dosar a angústia liberada pelo tratamento e que, de modo geral, adotemos uma técnica suficientemente elástica.

Analisando os estratos mais profundos do psiquismo, devemos observar determinadas regras. Nesses níveis mais profundos, a angústia se manifesta com muitíssimo mais amplitude e intensidade do que nos estratos superiores, onde é geralmente moderada; por conseguinte, é imperativo que a liberação dessa angústia seja devidamente regulada, o que conseguimos reatando-a continuamente às suas origens, e dissipando-a pela análise sistemática da situação transferencial.

Nos primeiros capítulos deste livro vimos que, em presença

de uma criança que se mostra muito tímida ou inamistosa para comigo nas primeiras sessões, ponho-me a analisar imediatamente sua transferência negativa, e a detectar e interpretar os sinais ocultos de sua angústia latente, antes que se manifestem abertamente provocando uma crise de angústia. Para agir assim, o analista precisa estar intimamente familiarizado com as reações de angústia das fases iniciais de desenvolvimento da criança, e com os mecanismos de defesa que o ego utiliza para combatê-las. Efetivamente, é necessário que ele tenha um conhecimento teórico da estrutura das camadas mais profundas do psiquismo. Seu trabalho de interpretação deve ser dirigido à parte do material que está associado às maiores quantidades de angústia latente, e descobrir as situações de angústia que estavam sendo ativadas. É necessário igualmente estabelecer a conexão entre essa angústia latente e as fantasias sádicas subjacentes, relacionando-a também com os mecanismos de defesa utilizados pelo ego para dominá-la. Em suma, o analista que, por meio de suas interpretações, procura dissipar um determinado ponto de angústia, deve considerar concomitantemente as ameaças do superego, os impulsos do id e os esforços do ego para conciliar a ambos. Desta forma, ele fará aflorar gradualmente à consciência todo o conteúdo do montante particular de angústia que está sendo ativado no momento. Para este fim, é absolutamente necessário que ele se atenha a métodos estritamente analíticos ao lidar com o paciente, pois somente abstendo-se de exercer qualquer influência educativa ou moral sobre a criança, é que ele poderá analisar os níveis mais profundos de seu psiquismo. De fato, se ele impedir que certos impulsos do id se manifestem, estará reprimindo, inevitavelmente, outros impulsos também; sem isto, ser-lhe-á muito difícil, mesmo com uma criança pequena, atingir as fantasias oral-sádicas e anal-sádicas mais primitivas.

Se a liberação da angústia for sistematicamente regulada, a criança não sofrerá de um acúmulo muito grande de angústia durante os intervalos entre as sessões, ou no caso do tratamento ser prematuramente interrompido. Em tais circunstâncias, a angústia, é verdade, se torna mais intensa, mas o ego da criança é capaz de dominá-la e modificá-la rapidamente, e com maior facilidade do que antes da análise. Em alguns casos, a criança chega mesmo a evitar esse recrudesimento transitório

de angústia.¹⁰ A liberação sistemática de angústia faz com que a criança não sofra demasiado.*

Após havermos voltado nossa atenção para as similitudes existentes entre a puberdade e o período inicial da vida infantil, passemos rapidamente em revista suas diferenças. O adolescente, cujo ego é mais desenvolvido e cujos interesses são mais maduros, exige uma técnica mais aproximada da que aplicamos na análise do adulto. Com algumas crianças ou durante certos períodos do tratamento talvez tenhamos que empregar outros métodos de representação; mas geralmente devemos apelar para as associações verbais, a fim de possibilitar que o adolescente estabeleça uma relação completa com a realidade e com um campo de interesses normal.

Por esses motivos, o analista deve conhecer profundamente a técnica apropriada aos adultos antes de empreender o tratamento de crianças na idade da puberdade. Geralmente, considero a análise infantil uma especialização, que deve ser precedida de uma formação regular na análise de adultos. O analista que não tiver adquirido a experiência adequada e não tiver realizado um trabalho considerável com adultos, não deveria adentrar o campo tecnicamente mais difícil da análise infantil. A fim de preservar os princípios fundamentais do tratamento analítico na forma modificada requerida pelos mecanismos da criança nos vários estádios de seu desenvolvimento,

¹⁰ Em certo número de casos, abrangendo crianças desde os três até os doze anos de idade, em que tive de interromper a análise após um tratamento de três a nove meses, verifiquei que o paciente apresentava um quadro consideravelmente menos inquietante do que ao vir visitar-me pela primeira vez. Além dos casos de Rita, Trude e Ruth, que o leitor deve recordar (capítulo 2), posso citar o caso de um menino de doze anos que, veio à análise com idéias manifestas de estar sendo envenenado e que, após seis meses de tratamento, viajou para o exterior. Além de seus temores, por essa época, se acharem diminuídos, ele apresentava mudanças favoráveis em sua condição geral, que podiam ser observadas, entre outras coisas, em uma maior liberdade de atitudes. (A última vez que dele tive notícias, dois anos e meio após a interrupção do tratamento, essas melhoras haviam sido mantidas.) Ademais, em todos os casos a criança se sente melhor. E se bem que uma análise incompleta nada mais possa fazer senão diminuir a neurose da criança, contribui em muito, a meu ver, para prevenir o perigo de uma psicose ou impedir, que mais tarde, sobrevenha uma grave neurose obsessiva. Cheguei à conclusão de que cada passo, por mais ligeiro que seja, no sentido de tender a resolver uma angústia dos níveis mais profundos do psiquismo, efetua, senão uma cura, pelo menos uma melhora na condição da criança.

* Do original alemão. (N. da T.)

é preciso que o analista, além de estar perfeitamente treinado na técnica da análise das crianças pequenas, domine completamente o método empregado com adultos.

A NEUROSE NA CRIANÇA

NAS PÁGINAS precedentes discutimos a técnica por meio da qual podemos analisar as crianças tão profundamente quanto os adultos. Passaremos agora a examinar a questão das indicações para o tratamento.

A primeira pergunta que se nos impõe é: quais as dificuldades que devem ser encaradas como normais e quais como neuróticas, na criança? Ou por outra: como distinguir uma criança simplesmente traquinas de uma criança realmente doente? Em geral, e contanto que não ultrapassem certos limites, é de se esperar encontrar certas dificuldades típicas que, variando consideravelmente em importância e efeito, são encaradas como companheiras inevitáveis do crescimento infantil. Mas justamente por esse motivo, a meu ver, é que tendemos a não dar a devida atenção a uma questão assaz importante, ou seja, até onde essas dificuldades cotidianas devem ser encaradas como sinais de graves perturbações evolutivas.

Dificuldades alimentares, se forem realmente sérias e, sobretudo, manifestações de angústia, quer em forma de terrores noturnos ou de fobias, são geralmente reconhecidas como definitivamente neuróticas. Mas o estudo dos pequeninos demonstra que sua angústia assume formas muito variadas e disfar-

çadas, e que já aos dois ou três anos de idade apresentam modificações de angústia que implicam na atuação de um processo muito complicado de repressão. Depois de superarem os terrores noturnos, por exemplo, continuam sujeitos, ainda por algum tempo, a perturbações no sono, como adormecer tarde, acordar cedo, sono agitado ou facilmente perturbável, e incapacidade de dormir à tarde; a análise revela que todos esses transtornos são formas modificadas do *pavor nocturnus* original. A esse grupo também pertencem as múltiplas manias e rituais, freqüentemente de natureza alarmante, a que as crianças se entregam à hora de deitar. Da mesma forma, as perturbações alimentares¹ originais tendem a transformar-se no hábito de comer devagar ou de não mastigar apropriadamente ou numa inapetência geral ou ainda simplesmente em más maneiras à mesa.

A angústia sentida pelas crianças com relação a determinadas pessoas quase sempre dá lugar a uma timidez geral, como é fácil constatar. Mais tarde, ela surge freqüentemente como mera inibição nas relações sociais ou acanhamento. Todos esses matizes de medo não passam de modificações da angústia primitiva que, como no caso do medo aos contatos humanos, pode determinar todo o comportamento social ulterior. Uma fobia declarada por certos animais converter-se-á numa aversão a eles ou aos animais em geral. O medo de coisas inanimadas, que para as crianças pequenas são sempre dotadas de vida, surgirá mais tarde como inibição das atividades a elas relacionadas. Assim, por exemplo, a fobia de uma criança pelo aparelho telefônico converteu-se, anos mais tarde, em aversão a telefonar; em outros casos, o medo de locomotivas originou uma aversão pelas viagens ou uma tendência à fadiga durante as mesmas. Ainda em outros, o medo da rua converteu-se em relutância pelos passeios. Entram nessa categoria as inibições nos esportes² e jogos ativos; elas podem manifestar-se de inúmeras maneiras, quer como desagrado por determinadas modalidades de esporte ou pelo esporte em geral, quer por uma predisposição à fadiga ou desajeitamento etc. A essa categoria também pertencem as excentricidades, hábitos e inibições do adulto

¹ No capítulo 9 discutiremos a natureza da angústia subjacente nas perturbações alimentares da criança.

² Cf. meu artigo "Infant Analysis" (1923).

normal. Este pode racionalizar suas aversões de múltiplas maneiras, dizendo que o objeto é “aborrecido”, “de mau gosto” ou “anti-higiênico”. Já na criança, esses hábitos e repugnâncias, indiscutivelmente mais intensos e menos aceitos socialmente do que no adulto, são atribuídos à “maldade”; e, no entanto, eles sempre exprimem angústia e culpabilidade. Estão estreitamente relacionados com a fobia e ordinariamente também com o cerimonial obsessivo, e cada detalhe é determinado de maneira complexa. É por isso que costumam ser tão resistentes às medidas educativas, embora possam quase sempre ser resolvidos pela análise, como qualquer sintoma neurótico.

O espaço impede-me de citar mais de um ou dois exemplos deste interessante campo de observação. Para um menino, abrir desmesuradamente os olhos e fazer caretas era um meio de reassegurar-se de que não ia ficar cego. Para outro, pestanejar obedecia ao mesmo propósito. Para um terceiro ainda, manter a boca aberta e depois assobiar, significava haver realizado *fellatio* para depois retratar-se. Repetidas vezes tenho constatado que o comportamento rebelde das crianças durante o banho ou quando se lhes lava a cabeça, nada mais é que o temor secreto de serem castradas ou de terem o corpo todo destruído. O gesto de enfiar o dedo no nariz, tanto na criança como no adulto, significa, entre outras coisas, um ataque anal ao corpo dos pais. A dificuldade em persuadir uma criança a executar os mais simples serviços ou atos de consideração — o que geralmente torna tão desagradável a tarefa dos pais e babás — é invariavelmente determinada pela angústia. Quando uma criança manifesta repugnância em retirar um objeto de uma caixa, é porque esse ato não raro significa, em sua fantasia, a realização de um ataque ao corpo da mãe.

A vitalidade excessiva que as crianças muitas vezes manifestam, e que é geralmente acompanhada de uma atitude provocante e tirânica, costuma ser erroneamente interpretada pelas pessoas, segundo seu ponto de vista, como um sinal particular de “temperamento” ou de desobediência. Assim como a agressão, tal comportamento é uma maneira de supercompensar a angústia; e esse método de modificar a angústia influencia altamente a formação do caráter da criança e sua futura atitude perante a sociedade.³ A “agitação” que geralmente

³ Cf. Reich, “Phobie und Charakterbildung” (1930).

acompanha essa exuberância é, a meu ver, um sintoma importante. As descargas motoras que o petiz libera através dessa irrequietude amiúde se condensam, no começo do período de latência, em movimentos definitivamente estereotipados, e que habitualmente passam inadvertidos no quadro geral de excessiva mobilidade apresentado pela criança. Na puberdade, e algumas vezes ainda antes, esses movimentos reaparecem ou se tornam mais evidentes, formando a base de um *tique*.⁴

Repetidas referências foram feitas à enorme importância das inibições no jogo. Camufladas sob as mais diversas formas, elas existem em todos os graus de intensidade. A aversão por determinados jogos e a falta de perseverança em algum jogo em particular são exemplos de inibição parcial. Algumas crianças necessitam de alguém que execute a maior parte do jogo, que tome as iniciativas, que vá buscar os brinquedos, e assim por diante. Outras só gostam de jogos que tenham regras determinadas, às quais observam rigorosamente; ou então gostam apenas de certos tipos de brinquedos, aos quais se entregam assiduamente. Essas crianças sofrem de uma profunda repressão de suas fantasias, via de regra acompanhada de traços compulsivos; seus jogos têm mais o caráter de sintoma obsessivo que de sublimação.

Há um tipo de jogo que serve de pretexto, especialmente durante a transição para o período de latência, para movimentos rígidos ou estereotipados. Por exemplo, um menino de oito anos costumava brincar de agente de polícia e executava determinados movimentos que repetia por horas e horas, permanecendo imóvel em certas posições por longos períodos de cada vez. Em outros casos, um jogo determinado servirá de pretexto para uma agitação peculiar, associada a um *tique*.

A aversão por jogos ativos em geral e a falta de destreza nos mesmos prenuncia futuras inibições nos esportes e sempre indica a existência da alguma anomalia.

Em muitos casos as inibições no jogo constituem a base das inibições escolares. De todas as vezes em que uma criança inibida no jogo se tornou boa aluna, evidenciou-se que seu impulso para aprender era principalmente compulsivo, sendo que

⁴ Em meu artigo "Zur Genese des Tic" (1925), demonstrei que um *tique* deve ser quase sempre encarado como sinal de uma falta de desenvolvimento e da existência de perturbações ocultas muito profundas.

algumas dessas crianças desenvolveram mais tarde, sobretudo na puberdade, graves limitações à sua capacidade de estudar. As inibições escolares, assim como as inibições no jogo, podem atingir todos os graus de intensidade e todas as variedades de formas: indolência, falta de interesse, intensa aversão por certas matérias, incapacidade de aprender as lições a não ser no último momento ou sob compulsão. Tais inibições escolares constituem, amiúde, a base de futuras inibições vocacionais, cujos primeiros sinais, portanto, já podem ser muitas vezes observados nas inibições lúdicas da criança pequena.

Em 1921, num artigo intitulado "The Development of a Child", afirmei que a resistência oposta pelas crianças aos esclarecimentos sexuais constitui indício muito importante de que há alguma anomalia. Se elas se absterem de fazer perguntas a respeito — e tal abstenção usualmente se sucede a perguntas obsessivas ou se alterna com as mesmas — devemos considerá-lo um sintoma, fundamentado em afecções não raro gravíssimas dos instintos epistemofílicos. Como bem o sabemos, as enfadonhas perguntas da criança frequentemente se prolongam no adulto obsedado por idéias negras, às quais sempre se associam distúrbios neuróticos.

Na criança, a tendência a lamuriar-se e o hábito de cair, colidir com objetos ou machucar-se, devem ser encarados como expressão de temores variados e de sentimentos de culpa. A análise infantil convenceu-me de que a recorrência desses pequenos acidentes, e algumas vezes de outros mais sérios, indica que eles são substitutos de auto-agressões de natureza mais grave, e podem representar tentativas de suicídio com meios insuficientes. Em muitas crianças, particularmente em se tratando de meninos, uma sensibilidade excessiva à dor é não raro logo substituída por uma exagerada indiferença à mesma; mas essa indiferença, a meu ver, nada mais é que uma modificação da angústia, e uma defesa elaborada contra ela.

A atitude das crianças face aos presentes também é bastante típica. Muitas crianças são quase insaciáveis nesse sentido, e nenhum presente pode lhes proporcionar uma satisfação duradoura ou induzi-las a algo que não seja decepção. Outras manifestam pouco desejo de ganhá-los e mostram-se igualmente indiferentes ante qualquer dádiva. Nos adultos, também podemos observar essas duas atitudes. Entre as mulheres, temos as que estão sempre almejando roupas novas mas que nunca

estão verdadeiramente satisfeitas; aparentemente, nunca têm "o que vestir". Estas são, geralmente, mulheres que vivem à cata de novos prazeres, que trocam facilmente seus objetos de amor, e que jamais encontram uma verdadeira satisfação sexual. Por outro lado, temos aquelas que vivem aborrecidas e que nada desejam com muita intensidade. Na análise, evidencia-se claramente que os presentes significam para a criança todas as dádivas de amor de que se sente despojada: o leite e o seio maternos, o pênis paterno, urina, fezes e bebês. Os presentes também aliviam sua culpabilidade pois simbolizam a oferta espontânea de coisas que ela desejou tomar por meios sádicos. Em seu inconsciente, ela considera o não recebimento de presentes, assim como todas as outras frustrações, como castigo pelos impulsos agressivos ligados aos seus desejos libidinais. Em outros casos, em que a situação da criança no tocante à sua culpabilidade excessiva é ainda mais desfavorável, ou quando não conseguiu modificá-la, o medo de novas decepções a levará à total supressão de seus desejos libidinais, de sorte que os presentes que receber não lhe proporcionarão um verdadeiro prazer.

A criança que, pelos motivos acima citados, é incapaz de tolerar suas primeiras frustrações, também encarará, em seu inconsciente, qualquer frustração ulterior decorrente de sua educação, como um castigo; em consequência, tornar-se-á intratável e mal adaptada à realidade. As crianças maiores, e em alguns casos também as pequeninas, amiúde dissimulam essa incapacidade de tolerar frustrações sob uma capa de adaptação aparente, em virtude da necessidade de agradar ao seu meio ambiente. Uma adaptação assim superficial pode encobrir dificuldades mais profundas, sobretudo no período de latência.

A atitude de muitas crianças face aos dias de festa também é bastante característica. Anseiam pelo Natal ou pela Páscoa com grande impaciência, mas, uma vez passada a data, sentem-se totalmente insatisfeitas. Dias assim, e algumas vezes até mesmo os domingos, acenam com a esperança de um maior ou menor grau de renovação, de "recomeço"; e através dos presentes aguardados, elas esperam transformar em bem todo o mal sofrido ou cometido. As festividades familiares tocam profundamente os complexos relacionados com a situação da criança no lar. Um aniversário, por exemplo, sempre representa renascimento, e o aniversário de outras crianças estimula

os conflitos relacionados com o nascimento de irmãos e irmãs reais ou imaginários. Pela forma com que as crianças reagem nessas ocasiões pode-se descobrir a presença de uma neurose.

A falta de atração pelo teatro, o cinema e os espetáculos em geral, está estreitamente relacionada com perturbações dos instintos epistemofílicos da criança. Constatei que na origem dessas perturbações reside um interesse recalcado por sua própria vida sexual e pela de seus genitores. Essa atitude, que acarreta a inibição de muitas sublimações, deve-se, em última análise, à angústia e à culpabilidade pertencentes a um estágio muito precoce de desenvolvimento, e nasce de fantasias agressivas dirigidas contra as relações sexuais dos pais.

Gostaria de salientar também o papel representado pelos fatores psicológicos nas diversas enfermidades orgânicas a que as crianças estão sujeitas. Estou convencida de que, ao adoecerem, muitas crianças exprimem sua angústia e culpabilidade (e, nesse caso, uma melhora tem o efeito de atenuar a angústia), e que as freqüentes doenças que as acometem a uma certa idade são, em parte, de origem neurótica. Esse elemento psicogenético tem por efeito incrementar não somente a predisposição da criança à infecção, mas também a gravidade e a duração da enfermidade.⁶ Tenho notado que, de maneira geral, a criança fica muito menos sujeita a resfriados depois de analisada. Em alguns casos, sua suscetibilidade aos mesmos desapareceu quase que completamente.

Sabemos que a neurose e a formação do caráter estão intimamente relacionadas e que em muitas análises de adultos também se produzem importantes modificações caracterológicas. Ao passo que a análise de crianças maiores quase sempre suscita transformações favoráveis de caráter, a análise das crianças pequenas, ao suprimir a neurose, propicia a diminuição das dificuldades de educação. Portanto, parece existir uma certa analogia entre as dificuldades de educação da criança pequena e o que, na criança mais velha e no adulto, conhece-

⁶ Em alguns casos de coqueluche, por exemplo, em que o tratamento analítico foi reencetado após uma curta interrupção, observei que os acessos de tosse se tornaram mais violentos durante a primeira semana de análise, mas se abrandaram rapidamente depois disso, e que a moléstia terminou muito antes do tempo usual. Nesses casos, cada acesso de tosse, devido ao seu significado inconsciente, reduzia a angústia, e esta, por sua vez, aumentava consideravelmente o estímulo da tosse.

mos como dificuldades caracterológicas. É um fato digno de nota que, ao falar em "caráter", pensamos primordialmente no próprio indivíduo, mesmo quando seu caráter exerce uma influência perturbadora sobre o meio ambiente; mas quando falamos em "dificuldades de educação", pensamos em primeiro lugar e acima de tudo nas dificuldades com que se defronta a pessoa encarregada da criança. Assim, esquecemo-nos, amiúde, que as dificuldades educacionais são a expressão de processos fundamentais de desenvolvimento, que chegam à maturidade com o declínio do complexo de Édipo. O que advertimos, entre outras coisas, como dificuldades educacionais excessivas na criança, resulta dos processos que formaram e continuam formando o seu caráter, e que constituem a base de toda neurose ulterior ou de toda insuficiência eventual de desenvolvimento; de sorte que, nesse caso, deveriam ser consideradas mais apropriadamente como dificuldades caracterológicas e sintomas neuróticos.

Vemos, portanto, pelo que foi dito acima, que as dificuldades inerentes ao desenvolvimento da criança pequena são de caráter neurótico. Em outras palavras, todas as crianças passam por uma neurose, que difere apenas em intensidade de indivíduo para indivíduo.⁶ Depois que a psicanálise foi reconhecida como o meio mais eficaz de sanar as neuroses dos adultos, parece lógico utilizar a psicanálise para combater as neuroses infantis; de mais a mais, visto que toda criança passa por uma neurose, deveria ser aplicada a todas as crianças. Presentemente, devido a considerações de ordem prática, só em raras ocasiões é possível submeter as dificuldades neuróticas da criança normal ao tratamento analítico. Por conseguinte, nas indicações terapêuticas, é importante especificar quais os sinais que sugerem a presença de uma neurose grave, isto é, de uma neurose que não deixe lugar a dúvidas de que a criança padecerá dificuldades consideráveis nos anos subseqüentes.

Não nos deteremos a discutir as neuroses infantis cuja gravidade é evidente, em razão da amplitude e do caráter dos

⁶ Esse ponto de vista que venho mantendo há diversos anos, recebeu, ultimamente, um valioso apoio. Em seu livro, *Die Frage der Laienanalyse* (1926), escreve Freud: "Depois que aprendemos a ver mais claramente, inclinamo-nos a pensar que a ocorrência de uma neurose na infância não constitui exceção e sim a regra. Parece ser algo inevitável no curso do desenvolvimento que vai da disposição infantil para a vida social do adulto" (pág. 61).

sintomas; mas vamos considerar um ou dois casos em que sua verdadeira gravidade não foi reconhecida, por não se prestar suficiente atenção às indicações específicas das neuroses na infância. A razão pela qual as neuroses infantis atraem muito menos atenção que as dos adultos provém, a meu ver, do fato de que suas manifestações exteriores diferem essencialmente dos sintomas dos adultos. É bem verdade que os analistas estão cientes de que, subjacente à neurose do adulto existe sempre uma neurose infantil; mas, durante muito tempo falharam em tirar a única dedução possível desse fato, ou seja, que as neuroses devem ser, pelo menos, extremamente comuns nas crianças, e isto, apesar de a própria criança lhes apresentar provas mais que suficientes.

Para julgar o que é neurótico numa criança não podemos nos guiar pelos critérios vigentes para os adultos. A criança menos neurótica não é absolutamente aquela que mais se aproxima do adulto não neurótico. Tomemos por exemplo o caso de uma criança que, conformando-se a todas as exigências de sua educação e que não se deixando dominar por sua vida de instintos e de fantasias, parecesse perfeitamente adaptada à realidade, manifestando, ademais, poucos sinais de angústia; tal criança, além de ser uma criatura precoce e totalmente destituída de encantos, certamente seria anormal no mais amplo sentido da palavra. Se completarmos esse quadro supondo que sua vida imaginativa sofreu a repressão considerável necessária a um tal desenvolvimento, teríamos, certamente, razões de sobra para nos preocuparmos com seu futuro. Sua neurose não seria menor do que a normal, mas simplesmente destituída de sintomas, e, como sabemos pela análise dos adultos, uma neurose desse tipo é habitualmente grave.

Normalmente, seria de se esperar encontrar traços visíveis das graves lutas e crises que a criança atravessa em seus primeiros anos de vida. Todavia, essas manifestações diferem em muitos aspectos dos sintomas que caracterizam a neurose do adulto. A criança normal deixa transparecer, até certo ponto, sua ambivalência e seus afetos, sua submissão aos impulsos instintivos e às fantasias, e as influências exercidas por seu superego; ela interpõe certos obstáculos no caminho de sua adaptação à realidade e, portanto, de sua educação, e nem sempre é necessariamente uma criança "fácil". Mas se sua angústia, sua ambivalência e os obstáculos que opõe à sua adapta-

ção à realidade ultrapassarem um certo limite, e se as dificuldades de que ela sofre e que faz seu ambiente sofrer forem muito grandes, então deverá ser considerada uma criança incontestavelmente neurótica. Não obstante, ainda penso que uma neurose desse tipo é quase sempre menos grave que a neurose onde a repressão dos afetos foi tão crucial e tão precoce, que mal se percebem os sinais de emoção ou de angústia. O que realmente distingue a criança menos neurótica da mais neurótica é, além da questão das diferenças quantitativas, a maneira como ela se avém com suas dificuldades.

Os sinais característicos de uma neurose infantil, como os descritos acima, constituem um valioso ponto de partida para o estudo tanto dos métodos, quase sempre muito obscuros, por meio dos quais a criança modificou sua angústia, como da posição fundamental que adotou. Assim, por exemplo, se uma criança não gosta de assistir a espetáculos de nenhum gênero, como o teatro ou o cinema, se não sente prazer em fazer perguntas e é inibida no jogo, ou se consegue participar unicamente de jogos sem conteúdo imaginativo, é porque está sofrendo de profundas inibições de seu instinto epistemofílico e de considerável repressão de sua vida imaginativa, embora possa ser bem adaptada quanto ao resto e não aparente ter problemas muito acentuados. Numa idade posterior, essa criança satisfará seu desejo de conhecimentos sobretudo de forma obsessiva, o que a levará, freqüentemente, a produzir outros distúrbios neuróticos.

Já se disse que, em muitas crianças, a incapacidade original de tolerar frustrações fica dissimulada pela adaptação geral às exigências de sua educação. Muito cedo elas se tornam crianças "boas" e "espertas". Mas são precisamente essas crianças as que mais comumente manifestam aquela atitude de indiferença, face aos presentes e mimos, acima mencionada. Se além dessa atitude também demonstrarem uma grande inibição no jogo e excessiva fixação aos seus objetos, é grande a probabilidade de serem vítimas de uma neurose nos anos ulteriores, pois adotaram uma atitude pessimista e de renúncia em face da vida. Seu principal objetivo é combater a angústia e a culpabilidade a todo custo, mesmo que isso signifique abdicar a toda felicidade e gratificação de seus instintos. De mais a mais, são muito mais dependentes de seus objetos, porque procuram no mundo exterior a proteção e o apoio contra sua própria angústia e

culpabilidade.⁷ Mais evidentes, se bem que tampouco apreciadas em seu devido valor, são as dificuldades apresentadas pelas crianças, a cujo desejo insaciável de ganhar presentes junta-se a incapacidade de tolerar as frustrações que lhes são impostas por sua educação.

Nos casos típicos aqui descritos, não há perspectivas favoráveis de que a criança alcance um verdadeiro equilíbrio psíquico no futuro. Via de regra, a impressão geral que a criança nos causa — sua maneira de comportar-se, sua expressão facial, seus movimentos e linguagem — denunciam o insucesso de sua adaptação interna. De qualquer forma, somente a análise pode revelar a gravidade dos distúrbios. Mais de uma vez tenho insistido no fato de que a presença de uma psicose ou de traços psicóticos numa criança só é descoberta, geralmente, após um longo período de análise. Isto porque as psicoses infantis, como as neuroses, diferem enormemente, em sua forma de expressão, das psicoses dos adultos. Em alguns de meus jovens pacientes cuja neurose, malgrado sua tenra idade, já tinha o caráter de uma grave neurose obsessiva de adulto, a análise revelou a presença de importantes traços paranóides.⁸

A questão a ser considerada agora é: como demonstra a criança estar bem adaptada internamente? É bom sinal quando ela gosta de brincar e dá livre expansão às suas fantasias ao fazê-lo, estando ao mesmo tempo bem adaptada à realidade — como se pode reconhecer por certos sinais definidos — e quando tem relações realmente boas, e não exageradamente afetuosas, com seus objetos. Outro bom sinal é quando, concomitantemente, seus impulsos épistemofílicos tiverem um desenvolvimento relativamente tranqüilo, fluindo livremente em numerosas e diferentes direções, sem que, por outro lado, tenham aquele caráter de compulsão e intensidade típico da neurose obsessiva. A emersão de um certo montante de afeto e de angústia também é, a meu ver, a pré-condição de um desenvolvimento favorável. Contudo, segundo minha experiência, essas e outras razões que militam por um bom prognóstico têm apenas um valor relativo e não constituem garantia absoluta para o futuro; pois o reaparecimento ou não de sua neurose nos anos seguintes dependerá amiúde da imprevisível favorabili-

⁷ Cf. M. N. Scarl, "The Flight to Reality" (1929).

⁸ Vide as análises de Erna (capítulo 3) e de Egon (capítulo 4).

dade ou desfavorabilidade das realidades externas, que a criança encontrará à medida que for crescendo.

De mais a mais, parece-me que conhecemos muito pouco a estrutura psíquica do indivíduo normal ou as dificuldades que assediam seu inconsciente, uma vez que o normal tem sido muito menos objeto da investigação psicanalítica que o neurótico. Graças à minha experiência com crianças sadias de idades diferentes, pude constatar que, malgrado as reações normais de seu ego, elas também têm de fazer face a grandes quantidades de angústia, a uma forte culpabilidade inconsciente e a depressões profundas; em alguns casos, elas só se distinguem das crianças neuróticas por sua maneira muito mais ativa e confiante de lidar com suas dificuldades. Os resultados obtidos nesses casos parecem-me provar a utilidade do tratamento analítico também com crianças apenas ligeiramente neuróticas.⁹ É indubitável que, ao diminuir a angústia e a culpabilidade e ao efetuar modificações fundamentais na vida sexual, a análise pode exercer grande influência sobre crianças tanto neuróticas como normais.¹⁰

Cabe-nos agora considerar em que ponto uma análise infantil deve ser dada por terminada. Nos adultos, podemos chegar a essa conclusão por vários sinais, como quando o paciente se tornou capaz de trabalhar e amar, de cuidar de si mesmo nas circunstâncias em que se acha situado e de tomar as decisões que se tornem necessárias no curso de sua vida. Se conhecemos os fatores que levam os adultos ao fracasso e estivermos alertas à presença de fatores semelhantes nas crianças, teremos uma base fidedigna para nos guiarmos ao decidir se uma análise chegou ou não ao seu termo.

Na vida adulta, o indivíduo pode sucumbir a uma neurose, a defeitos caracterológicos, a dificuldades de sublimação ou a perturbações da vida sexual. No tocante à neurose, sua presença em tenra idade pode ser detectada, como me empenhei em demonstrar, por vários indícios leves mas característicos, e a cura nessa idade é a melhor profilaxia contra sua reincidência ulterior. Quanto aos defeitos e dificuldades caracterológicos,

⁹ Cf. as análises de Willy (capítulo 5) e de Inge (capítulo 4).

¹⁰ Esta suposição é também apoiada pelo fato de que, em numerosos casos tratados por mim, as crianças realizaram com êxito a transição para a etapa de desenvolvimento seguinte, incluindo-se, em algumas delas, a transição crítica para a puberdade, e deste período para a vida adulta.

não há melhor meio de preveni-los do que eliminá-los na infância. Finalmente, pela observação do brinquedo infantil, que nos permite penetrar tão profundamente no psiquismo das crianças, podemos ter uma idéia de quando a análise está terminada com referência à sua futura capacidade de sublimação. Antes de podermos considerar completa a análise de uma criança, suas inibições no jogo devem ter sido consideravelmente reduzidas.¹¹ Quando isso tiver acontecido, seu interesse pelos jogos apropriados à sua idade terá se tornado mais profundo e estável, tendo mesmo se estendido em várias outras direções.

Se, graças à análise, o interesse obsessivo de uma criança por um único jogo tiver se estendido firmemente até incluir muitas outras formas de jogo, esse processo equivalerá à expansão de interesses e ao aumento da capacidade de sublimação conseguida na análise de um adulto. Destarte, compreendendo o jogo das crianças, poderemos avaliar sua capacidade de sublimação nos anos ulteriores e julgar se a análise as resguardou suficientemente contra futuras inibições nos estudos e no trabalho.

Finalmente, o desenvolvimento dos interesses lúdicos da criança, e a variação e número de seus jogos, permitir-nos-á avaliar se sua futura vida sexual está bem alicerçada. Tome-mos como ilustração a análise de duas crianças pequenas, um menino e uma menina. Kurt, de cinco anos de idade, ocupou-se, inicialmente, como muitos outros garotos, com os carros e trenzinhos de minha mesa de brinquedos. Escolheu-os de preferência a outros objetos e brincou algum tempo com eles. Comparando-os em tamanho e potência, fê-los rodar até um ponto determinado, exprimindo, dessa forma simbólica e bastante típica, segundo minha experiência, uma comparação entre o seu pênis, sua potência e sua personalidade global, com os de seu pai e os de seus irmãos. Poder-se-ia deduzir que esses atos indicavam nele uma atitude heterossexual ativa e normal. Mas sua natureza acentuadamente apreensiva e pouco masculina dava uma impressão contrária,¹² e com o prosseguimento

¹¹ Nas crianças maiores, as inibições nos estudos e nos jogos ativos devem ter sido analogamente reduzidas.

¹² A atitude passiva de Kurt fora reforçada pelo fato de ser muitos anos mais jovem que seus outros irmãos. Em muitas circunstâncias encontrava-se, portanto, na situação de filho único, e sofria muito ao ser comparado com seus ativos irmãos mais velhos, cuja superioridade era tanto mais opressiva, pelo hábito que tinham de lhe fazerem sentir.

da análise a veracidade dessa impressão foi confirmada. Seus jogos traduzindo sua rivalidade com o pai pela posse da mãe foram em breve interrompidos pelo surgimento de uma forte angústia. Constatou-se que ele havia desenvolvido uma atitude homossexual predominantemente passiva mas que, devido à angústia, não conseguira manter essa atitude, refugiando-se, portanto, em fantasias megalomaniacas. Sobre esta base irreal, ele pôde impelir para primeiro plano e exagerar, tanto aos seus próprios olhos quanto aos olhos dos outros, uma parte das tendências ativas e masculinas que ainda permaneciam vivas nele.

Tenho me referido amiúde ao fato de que os folguedos infantis possuem, como os sonhos, uma fachada, e que só poderemos descobrir seu conteúdo latente por meio de uma análise profunda, da mesma forma que descobrimos o conteúdo latente dos sonhos. Mas como os jogos — devido à sua relação mais íntima com a realidade e à suprema posição que ocupam como veículo para a expressão das fantasias — sofrem uma elaboração secundária mais vigorosa, só mui gradualmente, observando as modificações sucessivas que se efetuam nos jogos infantis, é que chegaremos a conhecer as variadas correntes de pensamento e sentimento que fluem por trás dos mesmos.

Vimos que em Kurt, a atitude de virilidade ativa que ostentava em seus primeiros jogos na análise, era apenas aparente, e que ela logo se desvaneceu com o surgimento de uma forte angústia. Pude, então, começar a analisar sua atitude homossexual passiva; mas somente após um período considerável de tratamento (que abrangeu, ao todo, cerca de 450 sessões) é que a angústia que se opunha a essa atitude foi, até certo ponto, reduzida. Obtido esse resultado, os animaizinhos de brinquedo que haviam, originalmente, representado aliados imaginários em sua luta contra o pai, surgiram como crianças; sua atitude de feminilidade passiva e, por conseguinte, seu desejo de ter filhos, exprimiram-se, então, mais claramente.¹³

¹³ Em meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928) discorri sobre a primeira base da posição feminina no varão e tentei demonstrar que seu complexo de feminilidade sofre uma modificação muito prematura, dissimulando-se sob o complexo de castração, para o qual contribui, em certa medida. É por esta razão que o menino muitas vezes abandona rapidamente folguedos tais como brincar com bonecas, que correspondem aos seus componentes femininos, e passa para jogos que dão ênfase exagerada à sua masculinidade.

Após haver analisado o medo que lhe inspirava a “mãe com pênis” e o terror excessivo que ele tinha de seu pai,¹⁴ a posição heterossexual ativa de Kurt foi reforçada e impelida mais uma vez para primeiro plano. Em seus jogos, ele pôde dar expressão mais sistemática aos seus sentimentos de rivalidade com o pai. Retomou, então, os jogos do princípio de sua análise, mas desta vez com mais constância e imaginação. Empenhava-se, por exemplo, em edificar as garagens onde os carros se abrigavam, e mostrava-se infatigável no acrescentar novos elementos para sua perfeição; ou então construía diferentes tipos de aldeias e cidades para onde os carros faziam expedições, e essas viagens simbolizavam sua rivalidade com o pai pela posse da mãe. No prazer e no cuidado com que construía essas aldeias, cidades e garagens, ele exprimia o desejo de restaurar a mãe, a quem atacara em imaginação. Ao mesmo tempo, sua atitude para com a mãe na vida real sofreu uma mudança radical, e ele foi se tornando muito mais afetuoso para com ela, à medida que sua angústia e culpabilidade decresciam e ele se tornava mais capaz de nutrir tendências reativas.

O fortalecimento gradual de seus impulsos heterossexuais ficou registrado nas numerosas alterações que Kurt imprimiu ao seu jogo. De início, os detalhes isolados do mesmo revelavam que, também aqui, ainda predominavam suas fixações pré-genitais, ou antes, que se alternavam continuamente com suas fixações genitais. Por exemplo, o carregamento que o trem trazia à cidade ou que o caminhão entregava na casa, freqüentemente simbolizava excrementos; e nesse caso, a entrega se processava pela porta dos fundos. O fato de que esses jogos representavam um tipo violento de coito anal com a mãe, evidenciou-se, entre outros, pelos seguintes detalhes: ao descarregar carvão de um caminhão, o jardim ou a casa geralmente ficavam danificados, os habitantes da casa se irritavam e o jogo era logo interrompido pela própria angústia de Kurt.

O transporte de cargas de diferentes espécies ocupou, com riqueza de detalhes, toda uma parte da análise.¹⁵ Algumas vezes eram caminhões que iam buscar mercadorias no mercado

¹⁴ Nesse caso, também, ficou comprovado que os sentimentos agressivos que tinha com respeito ao coito dos pais, eram a causa mais profunda de sua angústia; e a “mulher com pênis” representava a mãe que havia incorporado o pênis do pai.

¹⁵ Este, incidentalmente, é um jogo típico entre as crianças.

ou levá-las para lá; de outras, eram pessoas que iam fazer uma longa viagem com todos os seus bens e, neste último caso, as associações fornecidas pelo jogo provavam que se tratava de uma fuga com os objetos seqüestrados ou furtados ao corpo da mãe. As variações que sofreram alguns pontos de menor importância foram muito instrutivas. Assim, Kurt exprimia a predominância de suas fantasias anal-sádicas, entregando as mercadorias pela porta dos fundos.¹⁶ Um pouco mais tarde fez o mesmo, mas desta vez com o pretexto de que precisava evitar a entrada principal. Por suas associações com o jardim da frente (os órgãos genitais femininos) evidenciou-se que sua fixação ao ânus era reforçada pelo desgosto que lhe causavam os órgãos genitais femininos. Essa repulsa provinha de um temor aos mesmos que tinha muitas determinantes, sendo que uma das mais importantes consistia numa fantasia de deparar com o pênis de seu pai enquanto ele mesmo estivesse copulando com a mãe.

Este medo, que tem amiúde um efeito inibidor, pode também atuar como estímulo para o desenvolvimento de certas fantasias sexuais. Algumas particularidades da sexualidade adulta podem resultar dos esforços que faz o menino para preservar seus impulsos heterossexuais, a despeito de seu medo e de sua fuga ante o pênis do pai. Uma fantasia típica dos meninos dessa idade, e que também encontrei em Kurt, é a de copular com a mãe juntamente com o pai, ou a turnos com o genitor. Nisso pode estar implicada uma combinação de fantasias genitais e pré-genitais, ou unicamente fantasias com predominância genital. Nos jogos de Kurt, por exemplo, dois homenzinhos ou dois carros introduziam-se por uma das entradas de um edifício que representava o corpo materno, sendo que a outra entrada era o ânus. Estes dois homenzinhos frequentemente concordavam em entrar juntos ou por turnos; ou então, um dos dois subjugava ou ludibriava o outro. Nesta luta, o homem menor (o próprio Kurt) conquistava a vitória sobre o maior (seu pai) transformando-se em gigante. Mas logo depois

¹⁶ Nesta descrição selecionei apenas duas ou três fantasias expressas nos jogos, com o fim de ilustrar, através de sua evolução, o desenvolvimento das fantasias de jogo em geral. O material aqui exposto foi confirmado por grande número de representações de diferentes tipos. Assim, por exemplo, os veículos que transportavam mercadorias para a cidade tomavam uma estrada que se evidenciou, por vários detalhes, ter o significado de ânus.

surgia uma reação de angústia e ele empreendia a fuga de diversas maneiras, uma das quais era utilizar a entrada traseira, abandonando a da frente para a figura paterna. Este exemplo prova que o medo da castração impede o estabelecimento do estágio genital na criança, e fortalece sua fixação, ou antes sua regressão, aos estádios pré-genitais. Mas o resultado imediato nem sempre é uma regressão ao estágio pré-genital. Se a angústia não for demasiadamente intensa, a criança pode recorrer a muitos tipos de fantasias pertencentes ao nível genital, além das que foram aqui mencionadas.

Aquilo que o indivíduo, quando criança, nos revela nessas fantasias lúdicas, emergirá nele, depois de adulto, como condição necessária para sua vida amorosa. O comportamento dos dois homenzinhos que, nas fantasias de Kurt, entravam num edifício por lados diferentes ou utilizando o mesmo lado, juntos ou alternadamente, quer após uma luta quer de comum acordo, representa as diversas maneiras com que um indivíduo se comportará numa situação “triangular” onde ele será o terceiro elemento. Numa situação como essa ele poderá, por exemplo, tomar a linha da “terceira pessoa lesada” ou do amigo da família que engana o marido ou que entra em luta com ele. É igualmente possível que a angústia restrinja a frequência dos jogos figurando relações sexuais, provocando, futuramente, uma diminuição ou perturbações da potência viril. Até que ponto o indivíduo adulto poderá libertar-se das fantasias sexuais de sua infância dependerá igualmente de outros fatores de seu desenvolvimento, em especial de sua experiência da realidade. Mas, fundamentalmente, as circunstâncias que irão condicionar sua vida amorosa estão prenunciadas, em todos os particulares, nas fantasias lúdicas de seus primeiros anos.

A evolução dessas fantasias demonstra que a sublimação e a sexualidade estão interligadas, e que a capacidade de sublimação se desenvolve à medida que os impulsos sexuais infantis avançam para o nível genital. Kurt, por exemplo, fez uma casa que deveria pertencer somente a ele. A casa era sua mãe, de quem ele queria a posse exclusiva. Ao mesmo tempo, jamais conseguia fazer o suficiente para melhorar o plano da casa e embelezá-la.

As fantasias lúdicas desse gênero já esboçam a maneira como a criança se desapegará mais tarde de seus objetos de amor. Um de meus pequenos pacientes representava o corpo de sua

mãe por meio de mapas. Começou por pedir folhas de papel cada vez maiores a fim de desenhar os maiores mapas possíveis; porém, após uma interrupção do jogo devida a uma crise de angústia, pôs-se a fazer o oposto e a desenhar mapas minúsculos. Mas sua tentativa de retratar, através da pequenez das coisas que desenhava, seu desejo de autonomia e de desligamento de seu grande objeto original (sua mãe), falhou; seus mapas foram-se tornando cada vez maiores até, finalmente, atingirem as dimensões iniciais, quando novamente a angústia interrompeu os seus desenhos. A mesma idéia manifestou-se nos bonecos de papel que recortava. A boneca pequena, que ele sempre acabava por descartar em favor de outra maior, representava uma pequena amiguinha sua a quem ele ensaiava converter em objeto de amor em lugar da mãe. Vemos, assim, que até mesmo a capacidade do indivíduo de desligar-se libidinalmente de seus objetos na puberdade tem suas raízes nos primeiros anos, e que a análise da criança pequena facilita grandemente esse processo.

Com o avançar da análise o menino vai-se tornando cada vez mais apto a traduzir, em seus jogos e sublimações, as fantasias heterossexuais em que ousa afrontar o pai na luta pela posse da mãe. Suas fixações pré-genitais diminuem e a própria luta assume um caráter muito diferente. Seu sadismo decresce e sua participação na luta é menos árdua, uma vez que desperta menos angústia e culpabilidade. Assim, sua crescente capacidade de transpor suas fantasias calma e ininterruptamente nos jogos e de enriquecê-los com o elemento da realidade, indica que as bases de sua potência sexual ulterior já estão estabelecidas. Essas modificações no caráter de suas fantasias e jogos é sempre acompanhada de outras transformações importantes, que afetam sua personalidade inteira; ele adota um comportamento mais livre e mais ativo, testemunhado pelo desaparecimento de um grande número de inibições e pela modificação de sua atitude tanto no que concerne ao seu ambiente imediato como ao mais afastado.

Vejam agora o segundo exemplo de como as fantasias lúdicas desvendam a futura vida sexual da criança. Rita, de dois anos e nove meses, era muito inibida no jogo. A única coisa que ela fazia — e isso com evidentes inibições e com muito má vontade — era brincar com suas bonecas e bichinhos. Mas essa ocupação tinha mais a feição de um sintoma obsessivo,

pois consistia quase que inteiramente em banhar as bonecas e trocar-lhes as roupinhas continuamente, de forma compulsiva. Assim que ela introduzia algum elemento imaginativo nessas atividades, isto é, assim que começava a brincar no verdadeiro sentido da palavra, tinha uma crise imediata de angústia e interrompia o jogo.¹⁷ A análise revelou que sua atitude feminina e maternal estava pobremente desenvolvida. Suas relações com a boneca não eram as de uma verdadeira mãe e brincava sobretudo no plano da identificação. Devido ao seu grande pavor de ficar suja, destruída em seu interior ou de ser má, via-se continuamente incitada, por identificação, a limpar a boneca e mudar-lhe as roupas. Somente após a análise parcial de seu complexo de castração é que transpirou que sua maneira obsessiva de brincar com a boneca no início da análise já havia exprimido sua angústia mais profunda, ou seja, o medo de que a mãe lhe roubasse os bebês.

No período em que seu complexo de castração ocupava o primeiro plano, Rita fez um pequeno urso representar o pênis que ela havia roubado ao pai¹⁸ e com o auxílio do qual queria suplantar o genitor na posse do amor de sua mãe. Nesta parte da análise, ela provava angústia em conexão com fantasias masculinas dessa natureza. Somente depois de analisada a angústia das camadas mais profundas, que provinha de sua atitude feminina e maternal, é que sua atitude realmente se modificou e ela passou a demonstrar uma atitude genuinamente maternal para com o ursinho e a boneca. Ao abraçar e beijar seu urso, chamando-o por nomes carinhosos, Rita disse uma vez: "Agora não estou mais nem um pouquinho infeliz,¹⁹ pois afinal de contas, eu tenho um filhinho adorável." Através de muitos indícios, entre os quais a mudança de seu comportamento face

¹⁷ Nos capítulos 1 e 2 referi-me às causas mais profundas da angústia de Rita e da repressão de suas fantasias.

¹⁸ Rita fazia de conta que havia se livrado do condutor do trem e que agora viajava com o urso para a casa de uma "boa" mulher, onde seria bem tratada. Mas o condutor voltou e ameaçou-a. Isso demonstrou que seu medo ao pai, cujo pênis (o urso) ela roubara, impedia-a de manter sua identificação com ele.

¹⁹ Rita sofreu períodos de grave depressão, durante os quais algumas vezes mostrou sentimentos de culpa extraordinariamente fortes; de outras vezes, sentava-se a um canto e chorava. Quando lhe perguntavam a razão de suas lágrimas, respondia: "Porque sou muito infeliz"; e quando lhe perguntavam por que era tão infeliz, retrucava: "Porque estou chorando".

aos seus objetos, tornou-se evidente que ela agora havia atingido o estágio em que as tendências genitais, os impulsos heterossexuais e a atitude maternal eram predominantes. Sua aversão pelo pai, anteriormente tão acentuada, foi substituída pela afeição.²⁰

Pelo caráter e desenvolvimento das fantasias lúdicas da criança podemos prever como será sua futura vida sexual, porque o conjunto de seus jogos e sublimações baseia-se em fantasias masturbatórias. Se, como penso, seus jogos são um meio de exprimir suas fantasias masturbatórias e de lhes proporcionar um escoadouro, deduz-se que o caráter de suas fantasias lúdicas indicará o caráter de sua vida sexual adulta;²¹ deduz-se igualmente que a análise infantil pode trazer não somente uma maior estabilidade e capacidade de sublimação na infância, como também assegurar a sanidade mental e perspectivas de felicidade na idade adulta.

²⁰ Vide capítulo 2.

²¹ Em seu ciclo de conferências "On the Technique of Psycho-Analysis", pronunciado em Berlim em 1923, Hanns Sachs mencionou a evolução de fantasias masturbatórias da fase anal-édica para a fase genital, como sendo um dos critérios que, na análise de um caso de neurose obsessiva, indica o término do tratamento.

AS ATIVIDADES SEXUAIS DA CRIANÇA

UMA DAS conquistas importantes da psicanálise é a descoberta de que as crianças possuem uma vida sexual que se exprime tanto nas atividades sexuais diretas quanto nas fantasias sexuais.

Sabemos que a masturbação ocorre geralmente no período de **lactância** e que comumente se prolonga, em maior ou menor grau, até o período de latência. Desnecessário é dizer-se que é muito difícil encontrar crianças, mesmo quando muito pequenas, masturbando-se abertamente. No período que antecede a puberdade e, particularmente, durante a própria puberdade, o onanismo torna-se novamente muito freqüente. A fase em que as atividades sexuais da criança são menos pronunciadas é o período de latência, e isso porque o declínio do complexo de Édipo é acompanhado de uma diminuição em intensidade das tendências instintivas. Por outro lado, temos o fato ainda não explicado de que é justamente nesse período que a luta da criança contra a masturbação atinge o seu paroxismo. Em seu livro *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), Freud declara que, durante o período de latência, as energias da criança parecem empenhadas principalmente na tarefa de resistir à

tentação de masturbar-se. Sua afirmação parece corroborar o ponto de vista de que, mesmo durante o período de latência a pressão do id não diminuiu na medida em que comumente se supõe, ou que a força exercida pelo sentimento de culpa da criança contra as tendências do id aumentou.

Em minha opinião, a excessiva culpabilidade que as atividades masturbatórias suscitam na criança é, na realidade, dirigida contra as tendências destrutivas que residem nas fantasias que acompanham a masturbação.¹ É esse sentimento de culpa que impede as crianças a cessarem completamente de masturbar-se e que, caso o propósito tenha sido logrado, amiúde as induz a uma fobia de tocar. Que esse gênero de temor constitui um indício tão importante da existência de uma perturbação no desenvolvimento quanto a masturbação obsessiva, torna-se perfeitamente evidente na análise dos adultos, onde observamos como o temor do paciente ao onanismo freqüentemente provoca graves desordens em sua vida sexual. Esse tipo de distúrbios não pode, naturalmente, ser observado na criança, pois emergirá somente mais tarde sob a forma de impotência ou frigidez, segundo o sexo do indivíduo; mas sua existência pode ser inferida pela presença de certas dificuldades, que são invariáveis concomitantes de um desenvolvimento sexual defeituoso.

A análise das fobias de tocar mostra que a supressão radical da masturbação tem como resultado não somente o aparecimento dos mais variados sintomas, tais como o tique,² mas que ainda, pelo fato de causar uma repressão excessiva das fantasias masturbatórias, entrava a passagem para o período de latência ao impedir a formação das sublimações, função esta sumamente importante do ponto de vista cultural.³ Efetivamente, as fantasias masturbatórias, base de todas as atividades lúdicas da criança, constituem também um componente de todas as suas sublimações ulteriores. Quando essas fantasias recalçadas são liberadas pela análise, a criança pequena começa a brincar, e a criança maior a estudar e a desenvolver sublimações e inte-

¹ Vide capítulo 8.

² Cf. Ferenczi, "Psycho-Analytical Observations on Tic" (1919).

³ Em meu artigo "Zur Genese des Tic" (1925), descrevi o caso de um tique durante a análise, do qual o paciente foi-se libertando gradualmente do sintoma, ao mesmo tempo que reiniciava sua longamente proibida prática da masturbação, desenvolvendo, simultaneamente, numerosas sublimações.

resses variados; ao mesmo tempo, se ela sofria de uma fobia de tocar, recomençará a masturbar-se. Inversamente, nos casos de masturbação obsessiva, a cura dessa compulsão⁴ será acompanhada, entre outras coisas, de maior capacidade de sublimação. Neste caso, porém, como ficou demonstrado detalhadamente em outra parte desta obra,⁵ a criança continuará a masturbar-se, embora em grau mais moderado e não obsessivamente. Assim, no que tange à capacidade de sublimação e à atividade masturbatória, a análise do onanismo obsessivo e a análise das fobias de tocar conduzem ao mesmo resultado.

Parece-nos, portanto, que o declínio do conflito edípico produz-se normalmente no período em que os desejos sexuais da criança se acham diminuídos, embora não tenham desaparecido totalmente, e que uma masturbação moderada e sem caráter obsessivo é uma ocorrência normal em todas as etapas de sua vida.

Os fatores subjacentes à masturbação compulsiva atuam também em outra forma de atividade sexual infantil. Como já afirmei repetidas vezes, tenho observado que é bastante comum crianças pequenas manterem relações sexuais entre si. De mais a mais, a análise de crianças do período de latência e da puberdade demonstrou que tais atividades haviam se prolongado para dentro e para além do período de latência, ou haviam sido esporadicamente reencetadas durante essa época. Verifiquei que os mesmos fatores operavam basicamente em todos os casos. Os dois exemplos seguintes, em que me foi dado analisar ambos os participantes da relação, ilustrarão uma situação desse gênero.

O primeiro caso refere-se a dois irmãos, Franz e Günther, de cinco e seis anos de idade, respectivamente. Ambos foram criados em ambiente pobre, mas não desfavorável. Os pais se davam bem; e a mãe, apesar de ser obrigada a fazer sozinha todo o trabalho doméstico, interessava-se por seus filhos de maneira ativa e inteligente. Enviou Günther à análise devido ao

⁴ Quase sempre acontece que a análise das fobias de tocar leva o paciente a atravessar uma fase temporária de masturbação obsessiva, e vice-versa. Outro fator do onanismo compulsivo é o desejo do paciente, baseado em sua culpabilidade, de exibir seu hábito às pessoas de seu meio ambiente. Isto é igualmente válido para as crianças de todas as idades que se masturbam abertamente e de uma maneira aparentemente desinibida.

⁵ Vide capítulo 3.

seu caráter excepcionalmente tímido e inibido, e à sua patente falta de contato com a realidade. Era um garoto reservado e extremamente desconfiado, aparentemente destituído de qualquer sentimento afetivo genuíno. Franz, por outro lado, era agressivo, hiperexcitável e difícil de lidar. Os dois meninos não se davam bem, mas de maneira geral Günther parecia ceder ao irmão menor.⁶

Por meio da análise conseguimos remontar essas relações sexuais a uma época em que contavam três anos e meio e dois anos e meio respectivamente,⁷ mas é bastante provável que tenham se iniciado ainda antes. Apesar de nenhum deles ter qualquer sentimento consciente de culpa com relação a esses atos, muito embora procurassem ocultá-los cuidadosamente, ambos sofriam de profunda culpabilidade inconsciente. Para o irmão mais velho, que havia seduzido o menor, forçando-o algumas vezes a praticá-los, esses atos — que compreendiam *fellatio*, masturbação recíproca e o toque do ânus com os dedos — equivaliam a castrar o irmão (*fellatio* significava arrancar-lhe o pênis com uma mordida) e destruir completamente o interior de seu corpo, picando-o e despedaçando-o, envenenando-o ou queimando-o. A análise das fantasias que acompanhavam essas atividades sexuais provou que tinham não somente o sentido de um ataque destrutivo contra o irmão menor, mas que este último também representava o pai e a mãe de Günther unidos em relação sexual. Em certo sentido, seu comportamento era pois a realização, se bem que em forma mitigada, de suas fantasias sádicas masturbatórias contra os pais.⁸

⁶ A análise revelou a presença de fortes traços psicóticos em ambos os meninos. Mas aqui nos interessa apenas a análise de suas relações sexuais.

⁷ Por essa época, sua mãe havia notado algumas ocorrências desse tipo.

⁸ Cf. meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928). Em sua ausência total de formações reativas, assim como em muitos outros aspectos, essas fantasias assemelhavam-se às ações dos criminosos de tipo sádico. Günther não sentia remorso ou pesar, apenas receio de vingança. Mas esse temor era um incentivo constante para que ele repetisse suas atividades sexuais. Devido ao caráter extremamente anormal do menino mais velho, em quem os instintos destrutivos predominavam tão grandemente sobre os libidinais que sua conduta sexual tinha o valor de ações criminais (e não devemos esquecer que os atos sexuais perversos dos criminosos adultos são geralmente acompanhados de ações criminosas), seu receio de vingança, conforme vimos, impelia-o a eliminar seu objeto. Todas as vezes que Günther exercia sua violência sobre o irmão, era para assegurar-se de que ele mesmo não era a vítima.

Além do mais, ao fazer essas coisas, algumas vezes à força, a seu irmão menor, procurava assegurar-se de que sairia vencedor de sua perigosa luta contra o pai e também contra a mãe. O medo esmagador que tinha de seus pais incrementava seu impulso para destruí-los e os ataques imaginários que efetuava contra eles insuflavam ainda mais seu temor.⁹ Além do mais, o receio de que Franz o traísse intensificava seu ódio pelo irmão e seu desejo de matá-lo por meio das práticas sexuais.

Conseqüentemente, a vida sexual desse menino, na qual o sadismo desempenhava um papel tão importante, encontrava-se quase que totalmente desprovida de elementos positivos. No espírito de Günther, as diversas atividades sexuais às quais se dedicava não passavam de uma série de torturas sutis e cruéis, destinadas a levar seu objeto à morte. Suas relações com o irmão suscitavam continuamente sua angústia nesse sentido, e concorriam para aumentar as dificuldades que o haviam levado a um desenvolvimento psicosssexual inteiramente anormal.

Quanto a Franz, o irmão menor, que havia, nas profundezas de seu inconsciente, compreendido perfeitamente o significado oculto dessas práticas sexuais, o terror conseqüente de ser castrado e morto pelo irmão mais velho se achava nele exageradamente exaltado. Não obstante, ele nunca se queixou a ninguém e jamais permitiu que suas relações transpirassem. Reagia a essas atividades que tanto o aterrorizavam com uma forte fixação masoquista e, apesar de ter sido ele o seduzido, com um vivo sentimento de culpa. Eis algumas das razões que motivaram essa atitude:

Em suas fantasias sádicas, Franz identificava-se com o irmão que o violentava, obtendo, dessa forma, uma gratificação para as suas tendências sádicas, que constituem, como sabemos, uma das fontes do masoquismo. Mas nessa identificação com o objeto de seu medo, ele também procurava dominar sua angústia. Em imaginação, ele desempenhava agora o papel de agressor; e o inimigo a quem derrotava era o seu id,¹⁰ que também era ao mesmo tempo o pênis internalizado de seu irmão, e que representava o pênis do pai — seu perigoso superego — a quem

⁹ Em seu livro, *Der Schrecken* (1929), Reik assinalou que a angústia aumenta os sentimentos de ódio.

¹⁰ Cf. meu artigo "Personification in the Play of Children" (1929), onde esses mecanismos são discutidos mais detalhadamente.

ele considerava como um perseguidor. Esse perseguidor interno seria destruído pelos ataques que se efetuavam contra seu próprio corpo.¹¹

Mas como o garoto não podia manter essa aliança com um cruel superego externo contra seu próprio id e seus objetos internalizados, pois isso constituía uma ameaça demasiadamente grande para o seu ego, seu ódio era continuamente desviado para os objetos externos — que também representavam seu próprio ego débil e odiado — de sorte que às vezes se mostrava brutal com crianças menores e mais fracas do que ele. Esses deslocamentos explicavam o ódio e a fúria que ele às vezes manifestava durante a hora analítica. Por exemplo, ele me ameaçava com uma colher de madeira, que queria introduzir em minha boca, dizendo que eu era pequena, estúpida e fraca. A colher simbolizava o pênis de seu irmão, introduzido à força em sua própria boca. Havendo se identificado com o irmão, o ódio que este lhe inspirava voltava-se contra ele mesmo. A raiva que sentia de si mesmo por ser pequeno e fraco havia-a passado para outras crianças menos fortes do que ele, e, incidentalmente, para mim, na situação transferencial. Recorria a esse mecanismo alternando-o com outro, que consistia em inverter os papéis em imaginação; assim, considerava os ataques sexuais de Günther como algo que ele, Franz, fazia a Günther. Mas como, também para ele, seu irmão representava os pais em suas fantasias sádicas, Franz se viu na posição de cúmplice do ataque desfechado por Günther contra os genitores. Consequentemente, partilhava da culpabilidade inconsciente de Günther e do temor de ser descoberto pelos pais, e tinha, assim como o irmão, um forte motivo inconsciente para manter a relação em segredo.

Numerosas observações desse gênero levaram-me a concluir que uma pressão excessiva do superego nem sempre causa a supressão total das atividades sexuais, mas às vezes suscita uma necessidade compulsiva de se dedicar a essas atividades; em su-

¹¹ No capítulo 11 nos aprofundaremos mais nesse mecanismo particular, que me parece fundamental na formação do masoquismo feminino. Em seu artigo "Psychotic Mechanisms in Cultural Development" (1930), Melitta Schmideberg assinalou que entre os povos primitivos, a prática da expulsão da doença por meio da violência visa sobrepujar o medo que o paciente tem do demônio que se acha dentro dele (o pênis introjetado do pai).

ma, a angústia e a culpabilidade reforçam as fixações libidinais e intensificam os desejos libidinais.¹²

Segundo minha experiência, uma culpabilidade excessiva e uma angústia muito grande impedem o declínio das necessidades instintivas quando a criança ingressa no período de latência. Ademais, não devemos esquecer que, nesse período, até mesmo uma atividade sexual bastante reduzida provoca excessivas reações de culpabilidade. A estrutura e as dimensões da neurose infantil determinarão qual será o desfecho da luta no período de latência. O resultado final pode ser constituído quer por uma fobia de tocar quer por uma masturbação excessiva, e estes são os dois extremos de uma série complementar que comporta um número quase infinito de gradações e variações possíveis.

No caso de Günther e de Franz tornou-se claro que sua necessidade compulsiva de manterem relações sexuais mútuas era determinada por um fator que parece ter uma significação geral na compulsão à repetição. Quando a angústia se refere a um perigo irreal dirigido ao interior de seu corpo, o indivíduo é impelido a tornar esse perigo real e externo. (Assim, Franz, dominado pelo medo que lhe inspirava o pênis internalizado do irmão considerado como perseguidor, e pelo temor aos seus "maus" genitores internalizados, era compelido a deixar-se assaltar pelo irmão.) Esse mesmo indivíduo estará produzindo continuamente, de forma compulsiva, situações de perigo externo, pois a angústia que daí resulta, por mais intensa que seja, nunca será tão grande como a angústia que lhe inspira o interior de seu corpo, e sempre poderá ser melhor dominada.¹³

Teria sido impossível pôr um ponto final nas relações dos dois irmãos por meio de medidas externas, pois a casa onde residiam não era suficientemente grande para que cada qual tivesse seu próprio quarto. E mesmo que tal medida fosse praticável penso que teria falhado, especialmente num caso como

¹² Sobre este ponto, que é tratado mais detalhadamente no capítulo 8, estou de acordo com Reik que, em seu artigo "Libido und Schuldgefühl" (1929), assinalou que em certos casos a ativação do sentimento de culpa pode ocasionar um reforço da libido e uma ampliação da gratificação instintiva; e que neste caso, o aumento da angústia procedente de uma má consciência pode realmente produzir gratificação libidinal.

¹³ M. N. Searl, em seu artigo "The Flight to Reality" (1929), assinalou o mecanismo da fuga à realidade.

esse, onde a compulsão de ambos os lados era tão intensa. Se eram deixados a sós por apenas alguns minutos durante o dia, sempre encontravam tempo para iniciar algum tipo de contato sexual, ao qual seu inconsciente atribuía o mesmo significado que à execução completa dos diferentes atos concebidos por sua imaginação sádica. Foi somente depois de uma longa análise de ambos os garotos, durante a qual jamais tentei influenciá-los a abandonarem suas práticas,¹⁴ limitando-me a trazer à luz de maneira puramente analítica as causas determinantes de suas relações sexuais, que suas atividades sexuais começaram a modificar-se gradualmente, tomando, de início, um caráter menos compulsivo, para finalmente cessarem de todo. Isso não se deu porque ambos tivessem se tornado indiferentes a respeito, mas porque agora que seu sentimento de culpa era menos agudo e mais suscetível de modificação, converteu-se no verdadeiro fator que os impelia a abandonarem essas práticas. Ao passo que a angústia demasiada e o sentimento de culpa originados em um estágio muito precoce de desenvolvimento haviam sido os responsáveis por sua compulsão pelo fato de reforçarem sua fixação, o decréscimo do sentimento de culpa, operando em outro sentido, capacitou-os a abandonarem essas relações. Paralelamente à transformação gradual e à interrupção de suas práticas sexuais, a atitude pessoal de um para com o outro modificou-se consideravelmente. De uma disposição visivelmente adversa e hostil passaram a entreter uma relação bastante normal de amizade e benevolência.

Passando ao segundo caso, verificaremos que ele contém as mesmas causas profundas do exemplo que acabamos de descrever, muito embora, naturalmente, difira em certos detalhes. Um breve relato, será, portanto, suficiente.

Ilse, de doze anos de idade, e Gert, de treze anos e meio, entregavam-se, de quando em quando, a atos semelhantes ao coito,

¹⁴ Devo salientar que neste caso específico, onde as funestas consequências das relações dos dois meninos eram tão impressionantes, não me foi absolutamente fácil ater-me à minha regra de abstenção absoluta, ou seja, de abster-me de qualquer interferência nesse sentido. E, não obstante, foi precisamente esse caso que me proporcionou a prova mais convincente da inutilidade de qualquer medida educativa por parte do analista. Mesmo que eu tivesse sido capaz de fazer cessar seus jogos sexuais — e não o era — nada teria feito em prol da tarefa essencial, que consistia em eliminar os determinantes subjacentes da situação, para dar, assim, uma nova direção a todo o curso de seu desenvolvimento, até então defeituoso.

que se produziam bruscamente, e quase sempre após longos intervalos. A menina não demonstrava um sentimento de culpa consciente, mas o menino, que era muito mais normal, sim. A análise revelou que mantinham relações sexuais entre si desde a primeira infância, e que elas foram interrompidas apenas temporariamente, no princípio do período de latência. Ambos sofriam de um terrível sentimento de culpa, que os obrigava a repetirem o ato de tempos em tempos, de maneira compulsiva. Não obstante, durante esse período, esses atos haviam-se tornado não somente mais raros, como também mais limitados em seu alcance.¹⁵ As crianças haviam abandonado *fellatio* e *cunnilinctus* e, durante algum tempo, limitaram-se a tocar e inspecionar os órgãos genitais uma da outra. Durante a pré-puberdade, porém, reiniciaram os contatos semelhantes ao coito. Foi o irmão quem tomou a iniciativa desses atos, que eram de caráter compulsivo. Ele os praticava obedecendo a um impulso repentino e não pensava mais neles, nem antes nem depois. Costumava inclusive “esquecer” totalmente o evento nos intervalos. Tinha uma amnésia parcial para com um certo número de coisas relacionadas com essas práticas sexuais, particularmente no tocante à sua primeira infância. Quanto à menina, se bem que tivesse assumido uma parte ativa na primeira infância, limitara-se, mais tarde, a um papel passivo.

A medida que as causas mais profundas foram emergindo durante a análise, o comportamento compulsivo de irmão e irmã foi-se dissipando gradualmente, até que, por fim, as relações sexuais cessaram totalmente, como no caso de Franz e de Günther. E, analogamente, suas relações pessoais, anteriormente bastante insatisfatórias, apresentaram acentuada melhora.

¹⁵ Em outros casos em que houve prolongamento de relações desta natureza também durante o período de latência, constatou a autora que apenas uma parte dos atos originais continuava (*fellatio* e *cunnilinctus* são geralmente abandonados) e que mesmo o remanescente era praticado com mais raridade, via de regra apenas ocasionalmente. Não obstante, para a culpabilidade inconsciente da criança, este remanescente carrega consigo o conteúdo psicológico completo das relações sexuais originais e de todos os atos praticados anteriormente. Por exemplo, após uma tentativa de coito com o irmão, Ilse desenvolveu um exantema ao redor da boca. Essa erupção foi a expressão de seu sentimento de culpa pela *fellatio* que ela usava praticar quando pequena, juntamente com outros atos sexuais, mas que abandonara desde a primeira infância.

Na análise destes dois casos e de outros semelhantes constatamos que, passo a passo com o desaparecimento do caráter compulsivo dos atos, verificam-se numerosas modificações importantes, estreitamente relacionadas umas às outras. O sadismo diminui ao mesmo tempo que a culpabilidade, e a fase genital emerge mais nitidamente; essas modificações evidenciam-se por modificações correspondentes nas fantasias masturbatórias e, se a criança for muito pequena, nas fantasias que introduz em seus jogos.

Na análise de crianças que atingiram a puberdade, verificamos que as fantasias masturbatórias sofreram uma modificação ulterior, de caráter bastante especial. Assim, Gert, a princípio, não tinha fantasias masturbatórias conscientes; mas no curso do tratamento surgiu a de uma menina nua, sem cabeça, da qual somente o corpo era visível. Numa etapa posterior a cabeça começou a aparecer e tornou-se cada vez mais nítida até que, finalmente, Gert reconheceu que era a de sua irmã. Mas a essa altura sua compulsão já havia desaparecido e suas relações sexuais com a irmã haviam cessado. Isso demonstra a conexão que existia entre a repressão excessiva de seus desejos e fantasias com relação à irmã, e seu impulso obsessivo de manter relações sexuais com ela. Mais tarde ainda, suas fantasias modificaram-se novamente e ele viu outras meninas em sua imaginação. Finalmente, passou a ter fantasias sobre uma em especial, amiga de sua irmã. Essa alteração gradual registrou o processo de desligamento libidinal da irmã, processo que não poderia ter lugar enquanto sua fixação compulsiva à irmã, mantida por uma excessiva culpabilidade, não fosse removida no decorrer da análise.¹⁶

Quanto à existência de relações sexuais entre crianças, especialmente entre irmãos e irmãs, posso afirmar, baseada em minhas observações, que elas são geralmente bastante regulares na primeira infância; mas somente se prolongam pelo período de latência e a puberdade se a culpabilidade da criança for excessiva e não tiver sido modificada com êxito.¹⁷ Até onde podemos julgar, a culpabilidade durante o período de latência

¹⁶ Gert foi-me enviado em decorrência de certas dificuldades neuróticas de natureza não muito grave. Sua análise durou um ano. Três anos mais tarde, soube que ele se desenvolvia bem.

¹⁷ De qualquer forma, creio que tais relações são muito mais frequentes, mesmo durante a latência e a puberdade, do que geralmente se supõe.

tem o efeito de permitir que a criança continue a masturbar-se, embora em escala menor do que antes; mas ao mesmo tempo faz com que ela abandone as atividades sexuais com outras crianças, sejam ou não irmãos e irmãs, uma vez que traduzem de maneira demasiadamente realista seus desejos incestuosos e sádicos. Durante a puberdade, o movimento de afastamento dessas relações prossegue, em conformidade com os desígnios da libido nesse período, que envolve o desligamento dos objetos incestuosos. Mas numa etapa posterior, o adolescente, em circunstâncias normais, entrará em relações sexuais com novos objetos, relações baseadas em seu desligamento libidinal progressivo dos antigos objetos, e sustentadas por correntes de sentimento diferentes e antiincestuosas.

Passaremos agora a considerar até onde esse gênero de relações pode ser evitado. Parece-nos altamente duvidoso que tal coisa seja possível sem ocasionar outros danos, uma vez que, por exemplo, as crianças teriam que ser mantidas sob vigilância regular, sofrendo, assim, um cerceamento muito sério em sua liberdade; e de qualquer forma, por mais estritamente que fossem vigiadas, sempre poderiam incorrer em tais atos. De mais a mais, embora essas experiências precoces possam ocasionar muito dano em alguns casos, seu efeito sobre o desenvolvimento geral da criança pode ser favorável. Além de satisfazerem à libido e ao desejo de conhecimento sexual, essas relações servem à importante função de diminuir a culpabilidade excessiva. As fantasias que a criança introduz em suas relações baseiam-se, como sabemos, em fantasias sádicas de masturbação, ao redor das quais se centralizam seus mais intensos sentimentos de culpa; saber, portanto, que as fantasias proibidas contra os pais são partilhadas por outrem, dá-lhes a sensação de terem um cúmplice, e isso alivia enormemente o fardo de sua angústia.¹⁸ Por outro lado, uma relação desse tipo constitui em si uma fonte de angústia e de culpabilidade. Se o resultado final será bom ou mau, se irá proteger a criança da angústia ou aumentá-la, parece depender da quantidade de sadismo presente e, mais especialmente, da atitude do parceiro. Tomando por base minha experiência em numerosos casos,

¹⁸ Em seu livro, *Gemeinsame Tagträume* (1924), Hans Sachs assinala o fato de que, quando as fantasias incestuosas ou os sonhos diurnos são compartilhados, diminui o sentimento de culpa.

posso afirmar que quando há predominância dos fatores libidinais positivos, esses contatos têm uma influência favorável sobre as relações objetais da criança e sobre sua capacidade de amor;¹⁹ mas quando, como no caso de Günther e de Franz, predominam os impulsos destrutivos e os atos de coerção, ao menos em um dos parceiros, todo o desenvolvimento da criança pode ficar gravemente comprometido.

No domínio das atividades sexuais infantis, o conhecimento psicanalítico, se bem que nos demonstre a importância de certos fatores genéticos, ainda não nos habilita a sugerir nenhuma medida profilática realmente segura. A esse respeito, citarei uma passagem de Freud:²⁰

“Esse estado de coisas tem um certo interesse para aqueles que recorrem à pedagogia para a prevenção das neuroses, mediante uma intervenção oportuna no desenvolvimento sexual da criança. Sempre que a atenção se dirige especialmente às experiências sexuais infantis, pode-se pensar que a profilaxia das futuras neuroses estará assegurada se retardarmos esse desenvolvimento, resguardando a criança contra esse gênero de experiência. Mas sabemos que as condições que ocasionam as neuroses são muito mais complexas, e não podem ser influenciadas, de maneira geral, atendendo-se a um único fator. A rigorosa vigilância exercida sobre a criança perde o seu valor, porque é impotente frente ao fator constitucional; além do mais, é menos fácil de ser exercida do que o imaginam os especialistas em educação e abrange dois novos riscos que não deveriam ser descuidados. Ela pode ultrapassar seu objetivo, favorecendo em grau exagerado a repressão sexual, o que teria um efeito prejudicial, e introduziria a criança na vida sem o poder de resistir às prementes demandas de sua sexualidade, que devem ser esperadas na puberdade. Permanece, portanto, a dúvida de até onde a profilaxia na infância seria vantajosa, e se uma mudança de atitude em face da realidade não seria um ponto de partida melhor para a tentativa de prevenir as neuroses”.

¹⁹ Vide os capítulos 11 e 12 para uma consideração mais detalhada sobre esses fatores.

²⁰ *Introductory Lectures on Psycho-Analysis* (1918), pág. 305.

PARTE II

PRIMEIRAS SITUAÇÕES DE ANGÚSTIA E SEU EFEITO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

PRIMEIROS ESTÁDIOS DO CONFLITO EDÍPICO E DA FORMAÇÃO DO SUPEREGO

NOS PRÓXIMOS capítulos procurarei acrescentar algo ao nosso conhecimento sobre a origem e a estrutura do superego. As conclusões teóricas que serão expostas foram obtidas através de um conhecimento direto dos primeiros processos do desenvolvimento psíquico, pois baseiam-se em análises efetuadas com crianças pequenas. Essas análises demonstraram que os impulsos edípicos da criança são liberados pelas frustrações orais e que o superego começa, simultaneamente, a formar-se. Os impulsos genitais ficam desapercibidos inicialmente, já que, via de regra, não se afirmam contra os impulsos pré-genitais até o terceiro ano de vida. Nesse período começam a manifestar-se claramente e a criança entra numa fase em que a sexualidade precoce chega a um clímax e o conflito edípico desabrocha em toda a sua plenitude.

Nas páginas seguintes esboçarei os processos de desenvolvimento que precedem esta prematura expansão da sexualidade e tentarei demonstrar que os primeiros estádios do conflito edípico e da formação do superego estendem-se, aproximadamen-

te, da metade do primeiro ano até o terceiro ano de vida da criança.¹

Ao prazer da sucção, sucede-se, normalmente, o prazer de morder. Se o bebê não obtiver gratificação no estágio oral de sucção, aumentará sua necessidade de gratificação no estágio oral de morder.² A opinião de Abraham, de que a incapacidade da criança de obter prazer suficiente no período de amamentação depende das circunstâncias em que é alimentada, foi plenamente confirmada pela observação psicanalítica geral. Sabemos também que as doenças e deficiências de desenvolvimento da criança são em parte devidas à mesma causa. Não obstante, condições desfavoráveis de nutrição, que podemos considerar como frustrações externas, não são, ao que parece, o único motivo pelo qual a criança obtém pouco prazer no estágio de sucção. A prova está no fato de que certos bebês não encontram prazer em mamar — são “ruins de pegar no peito” — embora recebam uma alimentação suficiente. Sua incapacidade de obter gratificação mamando é, penso eu, consequência de uma frustração interna e deriva-se, segundo minha experiência, de um sadismo oral anormalmente desenvolvido.³ Segundo todas as aparências, a polaridade dos instintos de vida e de morte evidencia-se já nessas manifestações da

1 Cf. meu artigo “Early Stages of the Oedipus Conflict” (1928).

2 Em seu trabalho “Oral Erotism and Character” (1921) Abraham assinalou que tanto o excesso como a falta de gratificação no período de lactância podem conduzir a uma fixação especialmente forte no prazer de morder. Em suas “Notes on Oral Character-Formation” (1925), Edward Glover frisa a importância da frustração oral numa fixação desse tipo, pois acredita que sempre que o excesso de gratificação oral provoca consequências traumáticas, é porque existem igualmente outros fatores operando. Também em minha opinião os resultados são essencialmente diferentes nos dois casos.

3- Erua (capítulo 3) foi um caso assim. Costumava morder o seio da mãe quando era pequenina, e isso muito antes de lhe nascerem os dentes. Em sua infância, também teve problemas de alimentação. Pude observar outros casos de sadismo oral anormalmente forte, em que apesar de o período de sucção não haver trazido consigo nenhum distúrbio ou dificuldade visível, foi, na realidade, totalmente insatisfatório para a criança. Em outros casos, graves perturbações externas durante esse período deram lugar não a um sadismo oral anormalmente intenso, mas a uma forte fixação ao estágio oral de sucção. Assim, Ruth (capítulo 2), que tinha uma forte fixação desse gênero à primeira fase oral, havia passado fome durante meses quando bebê porque sua mãe não possuía leite em quantidade suficiente. Outro paciente, que jamais havia sido nutrido ao seio e sim a mamadeira, manifestou, é verdade, um forte sadismo oral, mas tinha também uma forte fixação ao estágio oral de sucção.

primeira infância; de fato, podemos considerar a força da fixação da criança ao estágio oral de sucção como expressão da força de sua libido, e, similarmente, o aparecimento de um sadismo oral precoce e violento como sinal da ascendência dos componentes instintivos destrutivos.

Como Abraham⁴ e Ophuijsen assinalaram, pode haver nas zonas compreendidas no ato de morder, como por exemplo os músculos da mandíbula, um elemento de origem constitucional que reforçaria a fixação do bebê ao nível oral-sádico. As deficiências mais sérias de desenvolvimento e as afecções psíquicas mais graves produzem-se quando as frustrações externas — isto é, condições de aleitamento desfavoráveis — coincidem com um sadismo oral constitucionalmente reforçado, que impede o bebê de sentir prazer em mamar. Por outro lado, para que o desenvolvimento da criança seja normal, é preciso que o sadismo oral não surja muito cedo e nem muito violentamente, isto é, que o estágio de sucção tenha seguido seu curso de maneira satisfatória.⁵

Se for este o caso, os fatores cronológicos, assim como os econômicos, assumirão uma nova importância. Se as tendências oral-sádicas forem ativadas muito cedo e muito violentamente, as relações objetais da criança e a formação de seu caráter cairão sob o domínio do sadismo e da ambivalência;⁶ por outra parte, a angústia suscitada por um incremento tão abrupto do sadismo oral exercerá forte pressão sobre o ego ainda imaturo, de sorte que o desenvolvimento do ego adiantar-se-á ao da libido — sendo este, como sabemos, um fator determinante da neurose obsessiva.⁷

No que concerne à origem da angústia, Freud ampliou sua concepção inicial e hoje dá apenas uma aplicação muito limitada à hipótese de que a angústia provém de uma conversão direta da libido. Ele demonstra que o lactante, quando está com fome, sente angústia em resultado de um aumento da

⁴ Abraham, "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), pág. 451.

⁵ Outro fator de desenvolvimento de importância básica é, conforme descobri, a maior ou menor capacidade do ego imaturo de tolerar a angústia. Esse fator será discutido mais adiante.

⁶ Cf. Abraham, "The Influence of Oral Erotism on Character-Formation" (1924); e igualmente Edward Glover, "The Significance of the Mouth in Psycho-Analysis" (1924).

⁷ Vide Freud, "The Predisposition to Obsessional Neurosis" (1913).

tensão ocasionada por sua necessidade, mas que esta precoce situação de angústia tem um protótipo ainda mais primitivo. Cite-mo-lo: "Esta situação de insatisfação, na qual a excitação atinge um grau doloroso... deve ser análoga, para o lactante, à sua experiência de nascimento, e deve, por consequência, reproduzir aquela situação de perigo. Ambas as situações possuem em comum o transtorno econômico provocado pela acumulação dos estímulos que requerem ser descarregados. É este o fator, portanto, que constitui o verdadeiro centro do 'perigo', e em ambas as situações produz-se uma reação de angústia..."⁸ Por outro lado, Freud tem dificuldade em conciliar sua primeira tese segundo a qual a angústia, em certos casos, provém de uma tensão da libido, com o fato de que "a angústia provada pelos fóbicos é uma angústia do ego, isto é, que ela se origina no ego e que, longe de resultar da repressão, é ao contrário a causa da repressão".⁹ A suposição de que "em certas situações, como por exemplo, perturbação durante o coito, excitação interrompida ou abstinência, o ego pressente o perigo e reage com angústia"¹⁰ não oferece, a seu ver, uma solução satisfatória ao problema; mais adiante ele abandona a discussão de outros pontos para voltar uma vez mais a essa questão, e atribui a emergência da angústia "àquela situação de perigo na qual, como na do nascimento... o ego se encontra impotente face às crescentes exigências dos instintos, isto é, aquela situação que é a condição primeira e original para o aparecimento da angústia".¹¹ Ele define como sendo o núcleo da situação de perigo "a admisão de nossa impotência frente a ela, uma impotência física caso o perigo pertença à realidade, e psicológica caso se origine dos instintos".¹²

O exemplo mais claro da conversão da libido insatisfeita em angústia é, penso eu, a reação do lactante às tensões ocasionadas por suas necessidades físicas. Todavia, uma tal reação é indubitavelmente não apenas de angústia mas também de fúria.¹³ É difícil precisar em que momento ocorre essa fusão

⁸ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 78.

⁹ *Ibid.*, pág. 49.

¹⁰ *Ibid.*, pág. 49.

¹¹ *Ibid.*, pág. 86.

¹² *Ibid.*, pág. 109.

¹³ Cf. Ferenczi, "The Problem of the Acceptance of Unpleasant Ideas" (1926)

dos instintos destrutivos e libidinais. Existem muitas evidências em favor da hipótese de que ela sempre existiu, e que a tensão ocasionada pela necessidade contribui apenas para reforçar os instintos sádicos do bebê. Sabemos, não obstante, que o instinto de destruição é dirigido contra o próprio organismo e que deve, portanto, ser encarado como um perigo pelo ego. Em minha opinião, é este perigo que o indivíduo sente em forma de angústia.¹⁴ E essa angústia teria sua origem na agressividade.¹⁵ Mas desde que, como sabemos, a frustração libidinal incrementa os instintos sádicos, uma libido insatisfeita libertaria indiretamente a angústia ou aumentá-la-ia. Nessa perspectiva, a sugestão de Freud, de que o ego pressente um perigo na abstinência, seria, finalmente, uma solução para o problema. Minha única objeção é que são os instintos destrutivos os que geram o perigo que ele descreve como "impotência psicológica em face do perigo instintivo".

Freud diz que a libido narcísica deflete o instinto de morte para o exterior a fim de impedir que destrua o próprio organismo e que esse processo condiciona as relações objetais do indivíduo e encontra-se na base do mecanismo de projeção. Continua nos seguintes termos: "Outra porção do instinto de morte não se acha incluída nesse deslocamento para o exterior; permanece dentro do organismo, onde fica 'fixada' à libido graças a essa excitação sexual da qual falei acima. Devemos reconhecer nessa porção o masoquismo erógeno original."¹⁶

Em seu artigo, "The Problem of Melancholia" (1928), Radó assinalou a importância da raiva na reação do bebê contra a fome, mas as conclusões a que chegou diferem das que sustentarei nas páginas seguintes.

¹⁴ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), Freud considera que, em alguns casos, uma certa quantidade de angústia instintiva que se libertou do instinto destrutivo pode fazer parte da angústia real. Afirma: "Pode ocorrer amiúde que, numa situação que o indivíduo com razão considera como sendo de perigo, uma parte de sua angústia instintiva se agregue à sua angústia real. As demandas instintivas que o apavoram seriam, nesse caso, masoquistas, isto é, um instinto destrutivo voltado contra si mesmo. Um aumento desse tipo talvez explique a razão de sua angústia ser excessiva, inadequada e perturbadora em sua ação" (pág. 111).

¹⁵ Depois que escrevi este livro, vim a saber que Therese Benedek, partindo de um ponto de vista diferente, também chegou à conclusão de que a angústia tem sua origem no instinto destrutivo. Diz ela: "A angústia, portanto, não é um temor à morte, mas a percepção do instinto de morte que foi liberado no organismo: a percepção do masoquismo primário" ("Todestrieb und Angst", 1931).

¹⁶ "The Economic Problem in Masochism" (1924).

Parece-me que o ego dispõe ainda de outro meio para dominar os impulsos destrutivos que permanecem aderidos ao organismo. Pode mobilizar uma parte desses impulsos e utilizá-los como defesa contra a outra parte. O id sofrerá então uma divisão, que me parece ser o primeiro passo para a formação das inibições instintivas e do superego, e que poderia coincidir com a repressão primária.¹⁷ Pode-se supor que uma divisão desse gênero torna-se possível pelo fato de que, assim que o processo de incorporação tem início, o objeto incorporado converte-se em agente de defesa contra os impulsos destrutivos que permanecem no interior do organismo.¹⁸

A angústia suscitada na criança por seus impulsos destrutivos age, a meu ver, de duas maneiras. Em primeiro lugar, torna a criança temerosa de ser exterminada por seus próprios impulsos destrutivos, isto é, refere-se a um perigo instintivo interno;¹⁹ em segundo lugar, faz convergir todos esses temores sobre o objeto externo, considerado como uma fonte de perigo, e contra o qual são dirigidos seus sentimentos sádicos. Este medo a um objeto parece ter seu ponto de partida na

¹⁷ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 31, escreve Freud: "Não estamos ainda em condição de dizer se não é o aparecimento do superego que diferencia o recalçamento primário do recalçamento secundário. De qualquer forma, sabemos que as primeiras crises de angústia da criança, que são extremamente intensas, ocorrem antes que o superego esteja formado; e não é de todo impossível que fatores quantitativos, como um grau excessivo de excitação e a ruptura da barreira contra os estímulos, sejam a causa imediata da repressão primária".

¹⁸ O processo pelo qual o objeto é internalizado será discutido mais adiante. Por enquanto basta dizer que, na opinião da autora, o objeto incorporado assume instantaneamente as funções de um superego.

¹⁹ Nas análises de crianças muito pequenas encontramos numerosas representações dessa angústia. Eis um exemplo: um menino de cinco anos imaginava que possuía todas as espécies de animais selvagens, como elefantes, leopardos, hienas e lobos, para ajudá-lo contra os inimigos. Cada animal tinha uma função especial. Os elefantes esmagariam o inimigo até pulverizá-lo, os leopardos o despedaçariam, e as hienas e os lobos o devorariam. Algumas vezes imaginava que os animais selvagens que tinha a seu serviço se voltavam contra ele, e esta idéia ocasionava uma forte angústia. Os animais representavam, para o seu inconsciente, as variadas fontes de seu sadismo: os elefantes simbolizavam seu sadismo muscular; as feras que dilaceravam, seus dentes e unhas; e os lobos, seus excrementos. O temor de que esses temíveis animais, que ele havia domado, o exterminassem, referia-se ao medo de seu próprio sadismo, como perigoso inimigo interno. Lembrarei ao leitor uma expressão corrente, "rebelar de raiva". Em minhas análises de crianças pequenas encontrei muitas vezes representações da idéia implicada nessa expressão verbal.

realidade externa: efetivamente, à medida que o ego vai se desenvolvendo, paralelamente às suas possibilidades de confrontação com a realidade, a criança aprende a ver em sua mãe uma pessoa que ora lhe concede, ora lhe recusa gratificação; e descobre assim o poder que tem seu objeto sobre a satisfação de suas necessidades. Outrossim, parece que ela desloca para o seu objeto toda a carga do medo intolerável que lhe inspiram os perigos instintivos, trocando, pois, os perigos internos pelos externos. O ego imaturo procura, então, proteger-se desses perigos externos, destruindo o objeto.

Passaremos agora a considerar de que maneira o desvio do instinto de morte para o exterior influencia as relações do bebê com seus objetos, e dá livre curso ao seu sadismo. O crescente sadismo oral atinge o seu apogeu durante e após o desmame, ativando e desenvolvendo ao máximo as tendências sádicas que fluem de diversas fontes. Certas fantasias oral-sádicas, nas quais ele se apodera do seio da mãe sugando e esvaziando seu conteúdo, parecem, devido ao seu caráter bem definido, formar um elo²⁰ entre o estágio oral de sucção e o estágio oral de morder. Esse desejo de sugar e esvaziar, primeiramente dirigido ao seio da mãe, em breve se estende para o interior de seu corpo.²¹ Em meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), descrevi um estágio precoce de desenvolvimento que é dominado pelas tendências agressivas da criança contra o corpo materno, no qual o desejo predominante é roubar o conteúdo de seu corpo e destruí-lo.

Até onde pudemos notar, a tendência sádica mais estreitamente ligada ao sadismo oral é o sadismo uretral. A observa-

²⁰ Abraham chamou a atenção para a conduta vampíresca de algumas pessoas e explicou-a como sendo o efeito de uma regressão do sadismo oral para o estágio oral de sucção. ("Oral Erotism and Character", 1924, pág. 401).

²¹ Ao discutir esse tema comigo, Edward Glover sugeriu que o sentimento de vazio no interior de seu corpo, que a criança pequena experimenta em resultado da falta de gratificação oral, pode ser o ponto de partida para as fantasias de assalto ao corpo materno, pois pode dar origem a fantasias de que o corpo da mãe está repleto de todos os alimentos desejados. Revisando as minhas experiências, acredito que sua suposição esteja inteiramente confirmada. Parece-me que ela faz jorrar nova luz sobre a maneira como é efetuada a transição entre sugar e devorar o seio da mãe e o ataque ao interior de seu corpo. Em relação a este ponto, o dr. Glover também mencionou a teoria de Radó de um "orgasmo alimentar" ("The Psychic Effects of Intoxicants", 1926), em virtude do qual a gratificação passa da boca para o estômago e os intestinos.

ção nos mostra que as fantasias de destruição em que a criança inunda, submerge, encharca, queima e envenena por meio de enormes quantidades de urina, constituem uma reação sádica à privação de alimento líquido infligida pela mãe e são finalmente dirigidas contra o seio materno. A esse respeito gostaria de sublinhar a enorme importância, até agora pouco reconhecida, do sadismo uretral no desenvolvimento da criança.²² As fantasias, familiares aos analistas, de inundação e destruição de coisas por meio de grandes quantidades de urina,²³ e a relação, geralmente mais conhecida, entre brincar com fogo e molhar a cama,²⁴ são apenas os sinais mais visíveis e menos recalcados dos impulsos ligados à função urinária. Tanto nas análises de pacientes adultos quanto de crianças, tenho depurado constantemente com fantasias nas quais a urina foi imaginada como um líquido corrosivo, dissolvente e corruptor, e como um veneno secreto e insidioso. Essas fantasias sádico-uretrais são em grande parte responsáveis pelo fato de se atribuir ao pênis o significado inconsciente de instrumento de crueldade, e pelas perturbações na potência sexual do homem. Em numerosos casos constatei que a enurese devia-se a fantasias desta classe.

Qualquer outro meio de ataque sádico que a criança empregue, como sadismo anal ou muscular, tem por primeiro objeto o seio frustrador da mãe; mas em breve dirige-se para o interior de seu corpo, que se converte assim no alvo dos ataques sádicos oriundos de todas as fontes e elevado ao mais alto grau de intensidade. Ao analisarmos crianças muito pequenãs, constatamos que os desejos de destruição alternam-se constantemente entre desejos anal-sádicos, desejos de devorar o corpo da mãe e de impregná-lo de urina; mas o intuito primitivo,

²² Em seu trabalho "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes" (1920) em relação com um caso de sadismo uretral fortemente desenvolvido, Abraham afirma que nas pessoas neuróticas "observamos que as funções e os produtos da bexiga e do intestino são utilizados como veículos de impulsos hostis" (pág. 319).

²³ Vide em especial Freud, *The Interpretation of Dreams* (1900) e *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905); igualmente Sadger, "Über Urethralerotik" (1910); Abraham, "Ejaculatio Praecox" (1917) e "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes" (1920), e Rank, "Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung" (1919).

²⁴ Vide as observações de Freud a esse respeito em seu trabalho "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria" (1905).

que consiste em devorar e destruir seu seio, permanece sempre perceptível.²⁵

Os ataques sádicos imaginários da criança contra o interior do corpo da mãe predominam na fase que se inicia com o estágio oral-sádico de desenvolvimento e que se encerra com o declínio do estágio anal-sádico primário; o sadismo, nas variadas manifestações que correspondem às suas diferentes origens, atinge então sua intensidade máxima.

A obra de Abraham demonstra que o prazer que o bebê sente em morder não é devido apenas à gratificação libidinal de suas zonas erógenas, mas está em conexão com desejos destrutivos violentos, que visam danificar ou aniquilar seu objeto. Isso se torna ainda mais verdadeiro na fase de exacerbação do sadismo. A idéia de um bebê de seis a doze meses tentando destruir sua mãe por todos os métodos à disposição de suas tendências sádicas — com os dentes, unhas, excrementos e com a totalidade de seu corpo, transformado, em imaginação, em todos os tipos de armas perigosas — apresenta ao nosso espírito um quadro horripilante, para não dizer inacreditável. E é difícil, como bem sei por experiência, chegar a reconhecer que uma idéia tão abominável possa corresponder à verdade. Mas a abundância, a força e a multiplicidade das crueldades imaginárias que acompanham esses desejos, evidenciam-se perante os nossos olhos durante a análise da criança pequena tão nítida e vigorosamente, que não deixam lugar a dúvidas. Já nos familiarizamos com as fantasias sádicas da criança que culminam no canibalismo e isso torna mais fácil para nós aceitarmos o fato de que, quando

²⁵ Em seu trabalho "A Short Study of the Development of the Libido" (1924) pág. 47, Abraham assinala que as fantasias criminais dos pacientes maníacos são em sua maior parte dirigidas contra a mãe, e cita o exemplo impressionante de um paciente que se identificava, em sua imaginação, com o imperador Nero, que matou sua genitora e queria incendiar Roma (símbolo da mãe). Mas segundo Abraham, esses impulsos destrutivos do filho contra a mãe têm um caráter secundário, sendo originalmente dirigidos contra o pai. Em minha opinião, esses ataques ao corpo materno têm sua origem nos ataques oral-sádicos contra o seu seio, e são, portanto, primários; mas à medida que são reforçados pelo ódio original contra o pênis paterno, que o paciente imagina encontrar-se no interior do corpo da mãe, os impulsos centralizam-se no objeto materno, culminando com sua destruição. Ademais, se forem dirigidos contra o pai em medida suficiente, poderão influenciar todo o curso de seu conflito edípico. Portanto, é exato dizer que o ódio primário do filho contra o pai é em parte deslocado para a mãe. No capítulo 12 discutiremos, detalhadamente, o significado desse deslocamento no desenvolvimento sexual do menino.

seus métodos de ataque sádico se ampliam, suas fantasias sádicas também ganham em plenitude e vigor. Esse elemento de *intensificação* do impulso parece-me ser a chave de toda a questão. Se o que intensifica o sadismo é a frustração libidinal, torna-se-nos prontamente compreensível que as necessidades destrutivas, que estão fundidas às libidinais e não podem ser satisfeitas — sobretudo as necessidades oral-sádicas — conduzam a uma intensificação ulterior do sadismo e a uma ativação de todos os seus métodos.

Descobrimos, ademais, na análise de uma criança pequena, que a frustração oral desperta nela o conhecimento inconsciente dos prazeres sexuais de que gozam os seus pais, e a crença provisória de que esses prazeres sejam de cunho oral. Sob a pressão de suas próprias frustrações, essas fantasias provocam nela, com referência aos pais, um sentimento de inveja que, por sua vez, dá lugar ao ódio. Seu desejo de esvaziar e sugar o conteúdo do seio materno a induz agora a desejar chupar e devorar todos os líquidos e outras substâncias que os pais (ou melhor, seus órgãos) contêm, inclusive os que receberam um do outro durante a copulação oral.²⁶ Freud demonstrou que as teorias sexuais das crianças são uma herança filogenética e, pelo que foi dito acima, parece que o conhecimento inconsciente do intercâmbio sexual entre os pais, juntamente com as fantasias correspondentes, já se verifica nesse estágio muito precoce de desenvolvimento. A inveja oral é uma das forças motivacionais que impele as crianças de ambos os sexos a desejarem penetrar no corpo de sua mãe e que desperta o instinto epistemofílico aliado a esse desejo.²⁷ Todavia, os impulsos destrutivos em breve deixam de ser dirigidos unicamente contra a mãe para se estenderem também ao pai. De fato, a criança imagina que o pênis paterno foi incorporado pela genitora durante o coito oral permanecendo em seu interior (sendo que o pai é equipado com um grande número de pênis); destarte, os ataques

²⁶ Numa breve comunicação, "A Paranoic Mechanism as seen in the Analysis of a Child" (1928), M. N. Searl relatou um caso de intensas fantasias oral-sádicas desse tipo, nas quais o desejo de sugar do pai o que este havia retirado do seio da mãe, associaram-se a mecanismos paranóicos. O grande poder exercido pelas fantasias desse gênero, que estão relacionadas com um intenso sadismo oral e que conseqüentemente, preparam o caminho para impulsos particularmente agressivos contra o interior do corpo da mãe, é, segundo minha experiência, característico dos distúrbios psicóticos.

²⁷ Cf. Abraham, "Psycho-Analytical Studies on Character-Formation" (1925).

contra o corpo materno também se destinam ao pênis que ela abriga.

Penso que o motivo pelo qual o menino, nas camadas mais profundas do seu psiquismo, sente tão terrível pavor de sua mãe como castradora, e abriga a idéia, tão intimamente associada a esse pavor, da “mulher com pênis”, é porque a teme como pessoa cujo corpo contém o pênis do pai; de sorte que, o que ele realmente receia, é o pênis do pai incorporado na mãe.²⁸ Acredito que o deslocamento dos sentimentos de ódio e de angústia do pênis do pai para o corpo da mãe que o abriga, é muito importante na etiologia dos distúrbios mentais e constitui-se numa das causas mais profundas das perturbações do desenvolvimento sexual e da homossexualidade do indivíduo masculino.²⁹ A meu ver, o pavor ao pênis imaginário da mãe constitui um passo intermediário nesse processo de deslocamento. Desta maneira o menino modifica o medo maior que lhe inspira o pênis do pai contido no corpo de sua mãe; e é efetivamente um medo esmagador, pois nessa etapa de desenvolvimento aplica-se o princípio do *pars pro toto* e o pênis representa a pessoa do pai. Assim, o pênis contido no interior da genitora representa o pai e a mãe reunidos em uma única pessoa,³⁰ e esta combinação é considerada particularmente ameaçadora e aterrorizante. Nesse período, como já foi assinalado, a intensidade máxima do sadismo da criança centraliza-se no coito dos pais. Os desejos de morte que forma contra ambos durante a cena primária ou em suas fantasias primárias, estão associados a fantasias sádicas extraordinariamente ricas em conteúdo, e im-

²⁸ Em seu trabalho “Homosexualität und Ödipuskomplex” (1926), Feliz Boehm frisa o significado das fantasias freqüentemente encontradas nos homens, nas quais o pênis do pai foi retirado pela mãe após a copulação e se acha oculto em sua vagina. Ele também sustenta que “as diversas noções concernentes a um pênis feminino oculto exercem uma influência patológica, em virtude de haverem entrado em relação inconsciente com a idéia de um pênis enorme e temível, pertencente ao pai, e que se acha oculto no interior da mãe”. Na literatura psicanalítica são freqüentes as menções de fantasias do encontro do pênis paterno no ventre da mãe, ou onde o paciente é espectador da relação sexual dos genitores, ou é danificado por essa relação durante sua vida intra-uterina.

²⁹ Vide capítulo 12.

³⁰ Durante a análise de meninos, tenho notado inúmeras vezes que as tentativas de ataque contra mim dirigiam-se mais especialmente contra minha cabeça, meus pés ou meu nariz; descobri que não era o pênis feminino que estava sendo atacado, mas o pênis do pai, que fora incorporado em mim ou afixado à minha pessoa.

plicam na destruição sádica dos pais, tanto individualmente como em conjunto.

Em outras fantasias, cuja variedade é tão considerável como os efeitos, são os pais que se destroem reciprocamente por meio de seus órgãos genitais e de seus excrementos, considerados como armas perigosas. Assim, o pênis incorporado pela mãe converte-se em animal perigoso ou em armas carregadas de substâncias explosivas, ou então é a vagina que se transforma em animal perigoso ou em algum instrumento de morte, como por exemplo uma ratoeira envenenada. Como essas fantasias são optativas, e como suas teorias sexuais são largamente alimentadas por desejos sádicos, a criança tem um sentimento de culpa pelos danos que, em sua imaginação, os pais se infligem mutuamente.

Além do aumento quantitativo que o sadismo da criança sofre em todos os seus pontos de origem, efetuam-se modificações qualitativas que contribuem para realçá-lo ainda mais. Na última parte da fase sádica, os ataques imaginários da criança contra o seu objeto, que são de natureza extremamente violenta e executados com todos os recursos à disposição de seu sadismo, ampliam-se para incluir métodos mais apurados e discretos, que os tornam ainda mais perigosos. Na primeira parte desta fase, em que reina a franca violência, os excrementos são considerados como instrumentos de assalto direto; mas posteriormente adquirem o significado de substâncias de caráter explosivo ou venenoso. Todos esses elementos reunidos geram as fantasias sádicas, cujo número, variedade e riqueza é quase que inexaurível. De mais a mais, esses impulsos sádicos contra o pai e a mãe em cópula levam a criança a esperar uma punição conjunta de ambos os genitores. Neste estágio precoce, todavia, a angústia contribui para intensificar o sadismo e aumentar o impulso de destruir o objeto perigoso, de sorte que a criança acumula uma quantidade ainda maior de desejos sádicos e destrutivos para descarregar sobre a imagem dos pais combinados; correspondentemente, exacerba-se o medo que eles, como entidade hostil, lhe inspiram.

De acordo com meu ponto de vista, o conflito edípico infiltra-se no menino assim que este começa a alimentar sentimentos de ódio contra o pênis do pai e a querer consumir a união genital com a mãe para destruir o pênis de seu pai, que ele imagina encontrar-se no interior do corpo materno. Considero que

esses primeiros impulsos e fantasias genitais, apesar de surgirem durante a fase dominada pelo sadismo, constituem, para crianças de ambos os sexos, os primeiros estádios do conflito edípico, porque satisfazem aos critérios comumente adotados.

Embora os impulsos pré-genitais da criança ainda estejam em ascensão, ela já começa a sentir, além dos desejos orais, uretrais e anais, desejos genitais pelo genitor do sexo oposto, e ciúme e ódio pelo genitor do mesmo sexo, e a sofrer um conflito entre seu amor e seu ódio pelo último. Podemos mesmo chegar ao ponto de dizer que o conflito edípico deve sua agudeza a esta situação precoce. A menina pequena, por exemplo, ao passo que se afasta da mãe com sentimentos de ódio e de decepção, dirigindo seus desejos orais e genitais para o pai, permanece ligada à genitora pelos poderosos laços de suas fixações orais e por seu estado de dependência; e o menino, que é atraído para o pai por sua fixação oral positiva, ao mesmo tempo o repele com os sentimentos de ódio que nascem dessa primitiva situação edípica. Mas nesse estágio de desenvolvimento o conflito ainda não é tão claramente visível como o será mais tarde. A meu ver, isto se deve em parte ao fato de que a criança pequena dispõe de menos meios para exprimir suas emoções, e de que suas relações com os objetos são ainda vagas e confusas. Uma parte de suas reações aplica-se aos objetos de sua fantasia;³¹ é contra estes e, em particular, contra os objetos internalizados que ela dirige a maior parte de sua angústia e de seu ódio, de sorte que sua atitude para com os pais apenas reflete parcialmente as dificuldades que ela encontra em suas relações objetais. Mas essas dificuldades exprimem-se de muitas outras maneiras. Minha experiência me diz que os terrores noturnos, por exemplo, e as fobias das crianças já se devem invariavelmente à presença de um conflito edípico.

Não creio que se possa fazer uma distinção muito precisa

³¹ Discutiremos mais adiante as diversas direções para onde fluem as relações objetais da criança. Ela atribui aos seus objetos imaginários não somente sentimentos de ódio e de angústia, mas também sentimentos positivos. Agindo, desta maneira, ela afasta os objetos imaginários do objeto real, e se suas relações com os objetos imaginários forem muito intensas, tanto em sentido negativo quanto positivo, não conseguirá entrar em relação adequada nem com as fantasias súdicas ou reparadoras nem com os objetos reais; em resultado, haverá perturbações em sua adaptação à realidade e em suas relações objetais.

entre os primeiros estádios do conflito edípico e os ulteriores.³² Desde que, conforme o demonstram as minhas observações, os impulsos genitais se estabelecem ao mesmo tempo que os pré-genitais, aos quais influenciam e modificam; e desde que, como resultado dessa associação, eles mesmos ostentam vestígios de certos impulsos pré-genitais, mesmo nos estádios ulteriores de desenvolvimento, a entrada no estágio genital significa simplesmente que houve um fortalecimento dos impulsos genitais. Esta fusão dos impulsos genitais e pré-genitais é confirmada por um fato bastante conhecido: quando a criança assiste à cena primária ou tem fantasias primárias — ambos eventos de caráter genital — sente impulsos pré-genitais muito poderosos, como urinar na cama e defecar, acompanhados de fantasias sádicas dirigidas contra os pais em cópula.

De acordo com o que tenho observado, as fantasias masturbatórias infantis têm como núcleo as primeiras fantasias sádicas, centralizadas no coito dos pais. São esses impulsos destrutivos, fundidos aos libidinais, que induzem o superego a levantar defesas contra as fantasias masturbatórias e, incidentalmente, contra a masturbação em si. O sentimento de culpa da criança relacionado com sua primitiva masturbação genital, deriva, portanto, das fantasias sádicas dirigidas contra os pais. E como, ademais, essas fantasias masturbatórias contêm a essência de seu conflito edípico, podendo, por conseguinte, ser consideradas como o ponto focal de toda a sua vida sexual, a culpabilidade devida aos impulsos libidinais é, na realidade, uma reação aos impulsos destrutivos a elas entrelaçados.³³ Caso a assertiva seja verdadeira, não seriam as tendências incestuosas a gerar o sentimento de culpa em primeiro lugar; o próprio temor ao incesto resultaria definitivamente dos im-

³² Não creio, por exemplo, que Fenichel tenha razão ao diferenciar os "precursores pré-genitais do complexo de Édipo" do complexo de Édipo propriamente dito, como faz em seu trabalho "Pregenital Antecedents of the Oedipus Complex" (1930).

³³ Num trabalho, "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", lido por mim perante o Congresso Psicanalítico de Oxford em 1929, declarei o seguinte: "É somente nos últimos estádios do conflito edípico que surge a defesa contra os impulsos libidinais; nos primeiros estádios, é contra os impulsos destrutivos que os acompanham, que a defesa é dirigida".

No mesmo Congresso, Ernest Jones, em seu trabalho "Fear, Guilt and Hate", ressaltou a importância das tendências agressivas no aparecimento do sentimento de culpa.

pulsos destrutivos, que entraram em associação permanente com os primeiros desejos incestuosos infantis.

Se estamos certos ao supor que as tendências edípicas se estabelecem na fase de exacerbação do sadismo, somos levados a aceitar a hipótese de que são sobretudo os impulsos de ódio que provocam o conflito edípico e a formação do superego, governando os primeiros e mais decisivos estádios de ambos. Essa tese, embora possa, à primeira vista, parecer contrária à teoria aceita da psicanálise, enquadra-se, não obstante, dentro do nosso conhecimento do fato de que a libido evolui para o estágio genital a partir dos estádios pré-genitais. Freud assinalou em diversas oportunidades que, no desenvolvimento do indivíduo, o ódio precede o amor. Em "Instincts and their Vicissitudes" (1915), diz ele: "A relação de ódio para com o objeto é mais antiga que a do amor. Deriva do repúdio primário do mundo externo por parte do eu narcísico, mundo de onde flui a torrente de estímulos" (pág. 82). E mais adiante: "O ego odeia, abomina e persegue com o intento de destruir todos os objetos que constituem para ele uma fonte de sentimentos dolorosos, sem considerar se significam para ele a frustração do prazer sexual ou a gratificação das necessidades de autopreservação" (pág. 81).³⁴

Segundo a teoria ortodoxa, a formação do superego tem início na fase fálica. Em "Passing of the Oedipus Complex" (1924), Freud afirma que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, ao qual substitui quando este desmorona. Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), lemos: "Nas zoofobias, a angústia é uma reação eficaz do ego ao perigo que o cerca, ou seja, à ameaça de castração. Não existe diferença entre essa angústia

³⁴ Em sua obra *Civilization and its Discontents* (1929), vai ainda mais longe, dizendo: "Esse instinto" (de agressão) ... "reside no fundo de todas as relações de afeição e de amor entre os seres humanos — possivelmente com a exceção única da mãe para com o filho varão" (pág. 89). Meu ponto de vista, de que o conflito edípico tem início sob o primado do sadismo, parece-me suplementar o que diz Freud, pois nos dá uma razão a mais para crer que o ódio seja a base das relações de objeto. Esta razão está no fato de que a criança forma sua relação com os pais — relação tão fundamental e decisiva para suas futuras relações objetais — durante a época em que as tendências sádicas se encontram em seu ponto culminante. O sentimento de ambivalência para com o seio da mãe, na qualidade de objeto primeiro, é reforçado pelo incremento da frustração oral e pelo aparecimento de seu conflito edípico, que irá aumentando até o desenvolvimento máximo de seu sadismo.

e a angústia que o ego normalmente sente em situações de perigo real, exceto que seu conteúdo permanece inconsciente e só pode ser percebido de forma distorcida". Segundo essa hipótese, a angústia que afeta as crianças até o princípio do período de latência, seria devida, para o menino, ao medo de ser castrado, e para a menina, ao medo da perda do amor; o superego não começaria a formar-se antes de ultrapassados os estádios pré-genitais, e resultaria de uma regressão ao estágio oral. Em *The Ego and the Id* (1927) Freud diz que "no princípio, durante a fase oral primitiva da existência do indivíduo, é difícil distinguir a catexis de objeto da identificação" (pág. 35); e o superego "é na realidade o resíduo da primeira catexis de objeto do id, o herdeiro do complexo de Édipo após a dissolução deste último".³⁵

Minhas próprias observações levaram-me a crer que a formação do superego é um processo bem mais simples e direto. O conflito edípico e a formação do superego iniciam-se, penso eu, sob a supremacia dos impulsos pré-genitais; os objetos que foram introjetados na fase oral-sádica — as primeiras catexis de objeto e identificações — assinalam o começo do superego primitivo.³⁶ De mais a mais, o que origina a formação do superego e rege seus primeiros estádios são os impulsos destrutivos e a angústia que despertam. Ao considerarmos, pois, os impulsos do indivíduo como sendo o fator fundamental para a formação de seu superego, não negamos a importância dos objetos nesse processo; apenas encaramos a questão sob uma outra luz. As primeiras identificações da criança refletem os objetos de maneira irreal e distorcida. Como sabemos por Abraham, num estágio muito precoce de desenvolvimento, tanto os objetos reais como os introjetados são representados sobretudo por seus órgãos. Sabemos também que o pênis paterno é um objeto de angústia por excelência, e que é comparado, no inconsciente, a armas perigosas de vários tipos e a terríveis animais vorazes e peçonhentos, ao passo que a vagina representa uma abertura perigosa.³⁷ A análise das crianças pequenas mostra que essas

³⁵ *Die Frage der Laienanalyse* (1926), § 74.

³⁶ Em seu artigo "Privation and Guilt" (1929), Susan Isaacs assinala que a "identificação primária" de Freud tem, provavelmente, um papel muito maior na formação do superego do que o que lhe foi atribuído originalmente.

³⁷ Cf. a fantasia, tão freqüentemente citada na literatura psicanalítica, da *vagina dentata*.

equações resultam de um mecanismo universal, de fundamental importância para a estrutura do superego. Pelo que me é dado julgar, o núcleo do superego deverá ser encontrado na incorporação parcial que se efetua na fase canibal de desenvolvimento;³⁸ e as primeiras imagens infantis recebem a marca desses impulsos pré-genitais.³⁹

Que o ego deve considerar o objeto internalizado como um inimigo cruel do id, deduz-se logicamente do fato de que o instinto destrutivo que o ego desviou para o mundo exterior, voltou-se contra o objeto; em consequência, só se pode esperar hostilidade da parte deste contra o id. Mas, pelo que nos é dado observar, também um fator filogenético se acha presente na origem da intensa angústia precoce que, segundo minha experiência, a criança sente em relação ao objeto internalizado. O pai da horda primitiva era o poder exterior, que forçava a inibição dos instintos.⁴⁰ No curso da história do homem, o medo inspirado por esse pai adquirido seria parcialmente utilizado, quando ele começasse a internalizar seu objeto, como defesa contra a angústia originada por seu instinto de destruição.⁴¹ Com referência à formação do superego, Freud parece

³⁸ No próximo capítulo e mais especialmente no capítulo 11, procurarei demonstrar que a criança introjeta tanto as imagens boas como as más, e que, gradualmente, à medida que se processa sua adaptação à realidade e a formação de seu superego, essas imagens vão se aproximando cada vez mais dos objetos reais que representam. Neste capítulo pretendo apenas apresentar um quadro do desenvolvimento das tendências sádicas da criança e sua conexão com a formação do superego primitivo e das situações de angústia.

³⁹ Em meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), escrevi: "Não nos parece compreensível que uma criança de, digamos, quatro anos de idade, forme em seu espírito uma imagem irreal e fantástica de pais que mordem, despedaçam e devoram. Contudo, parece-nos compreensível que numa criança de um ano de idade, a angústia gerada pelo começo do conflito edípico tome a forma de um terror de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinal mordendo-o, devorando-o e despedaçando-o, e isto gera angústia, uma vez que, ao despertar das tendências edípicas segue-se a introjeção do objeto, que então se converte num objeto de quem se deve esperar castigo. A criança teme agora uma punição correspondente à sua ofensa, e o superego converte-se em algo que morde, despedaça e devora".

⁴⁰ Cf. Freud, *Totem und Tabu* (1912).

⁴¹ O ego, por assim dizer, lançaria seus dois inimigos, o objeto e o instinto destrutivo, um contra o outro, embora com isso viesse a encontrar-se numa posição muito arriscada, entre as duas forças opostas. O fato desse medo ao pai servir em parte de proteção contra o instinto destrutivo, pode ser devido à admiração por seu poder, que cada indivíduo adquiriria por via filogenética. Essa

seguir duas linhas de pensamento, que até certo ponto se complementam. Segundo uma, a severidade do superego seria derivada da severidade do pai real, cujas ordens e proibições o superego repetiria.⁴² Segundo a outra, enunciada em uma ou duas passagens de suas obras, a severidade do superego seria uma consequência dos impulsos destrutivos do sujeito.⁴³

possibilidade é apoiada pelo fato de que na análise de crianças muito pequenas de ambos os sexos, verificamos que apesar de temerem o pai, sentem infinita admiração por seu poder, sentimento este extremamente profundo e de caráter primário. Lembremo-nos outrossim que, à medida que as crianças crescem, o papel desempenhado pelo superego, embora sendo o de um pai severo, não é o de um pai mau. Freud conclui seu ensaio sobre o "Humour" (1928) com as seguintes palavras: "Finalmente, se o superego tenta confortar o ego por meio do humor e protegê-lo do sofrimento, isso não entra em conflito com sua derivação da instituição parental."

⁴² Em seu trabalho "Passing of the Oedipus Complex" (1924), Freud diz que o ego da criança abandona o complexo de Édipo em consequência da ameaça de castração. "A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego, lá formando a semente do superego, o qual adquire sua severidade do pai e perpetua a proibição do incesto; dessa maneira assegura o ego contra o retorno da catexis de objeto libidinal" (pág. 273). Em *The Ego and the Id* (1926) lemos: "Sua relação (do superego) com o ego não se limita ao preceito: 'Deves ser assim e assim' (como teu pai); mas também implica na proibição: 'Não deves ser assim (como teu pai)'; isto é, não podes fazer tudo o que ele faz; muitas coisas são prerrogativas dele". Esse duplo aspecto do ego ideal deriva do fato de que o ego ideal tem a tarefa de efetuar a repressão do complexo de Édipo; de fato, é a esse evento revolucionário que ele deve sua existência. Claro está que recalcar o complexo de Édipo não foi empresa fácil. Havendo reconhecido nos pais e sobretudo no pai, um obstáculo à realização dos desejos relacionados com o complexo de Édipo, o ego infantil, a fim de facilitar esse esforço de recalcamento, e a fim de aumentar seus recursos e seu poder de ação em vista desse esforço, criou em si mesmo tal obstáculo. A energia para isso, por assim dizer, foi tomada de empréstimo ao pai, e esse empréstimo foi um ato de extraordinárias consequências. O superego se esforçará por reproduzir e conservar o caráter do pai, e quanto mais forte for o complexo de Édipo e quanto mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade, do ensinamento religioso, da instrução e da leitura), tanto mais rigoroso será o domínio do superego sobre o ego, em forma de consciência moral ou talvez de um sentimento inconsciente de culpa. Mais adiante tentaremos formular algumas conjeturas a respeito da fonte de onde o superego extrai a força que lhe permite exercer tal domínio e o caráter coercitivo que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico" (pág. 44).

⁴³ Em *The Ego and the Id* (1926), diz ele: "Cada uma dessas identificações, tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação. Ora, parece que quando se verifica uma transformação desse tipo, ocorre ao mesmo tempo uma dissociação dos instintos. Após a sublimação, o componente erótico não tem mais a força necessária para aglutinar todos os elementos destrutivos que se encontravam previamente conjugados a ele, e estes são liberados sob a forma de uma tendência à agressividade e à destruição. Essa dissociação seria a fonte do

A psicanálise não seguiu a segunda linha de pensamento. Como o demonstra sua literatura, ela adotou a teoria de que o superego é derivado da autoridade parental e fez dessa teoria a base de todas as pesquisas posteriores na matéria. Não obstante, Freud, recentemente, confirmou em parte meu ponto de vista,⁴⁴ que coloca a importância dos impulsos do próprio indivíduo como fator na origem do superego e do fato de que o superego não é idêntico aos seus objetos reais.⁴⁵

Passarei a denominar as primeiras identificações da criança de “primeiros estádios da formação do superego”, da mesma maneira que empreguei a denominação “primeiros estádios do conflito edípico”. Nos primeiros estádios de desenvolvimento, a cristalização das catexias objetais exerce um tipo de influência que a caracteriza como um superego, se bem que difiram, em qualidade e modo de atuação, das identificações pertencentes aos estádios ulteriores. E por mais cruel que seja esse superego formado sob a supremacia do sadismo, toma, não obstante, a defesa do ego contra o instinto destrutivo, constituindo-se já, nesse estágio primitivo, no agente do qual procedem as inibições instintivas.

Em seu artigo “Die Identifizierung” (1926), Fenichel aplicou certos critérios que diferenciam os “precursores do superego” — como denominou a essas primeiras identificações seguindo uma sugestão de Reich⁴⁶ — do superego em si. De acordo com Fenichel, esses precursores são esporádicos, independentes

caráter geral de rigidez e crueldade apresentado pelo ideal, com seu imperioso “tú deves!” (pág. 80).

⁴⁴ Em *Civilization and its Discontents* (1930) lemos: “A experiência demonstrou, todavia, que o superego da criança não corresponde absolutamente à severidade do tratamento a que foi exposta” e que “a severidade original do superego não representa — ou pelo menos não representa tanto — a severidade que foi experimentada ou antecipada por parte do objeto, mas exprime a própria agressividade da criança contra este último” (pág. 116).

⁴⁵ Meus pontos de vista coincidem com os de Ernest Jones, Edward Glover, Joan Riviere e M. N. Searl que, abordando o assunto de ângulos diferentes, chegaram à conclusão de que as primeiras fantasias da criança e o despertar de seu desenvolvimento libidinal têm um papel relevante na evolução do superego. Cf. meu artigo “A Symposium on Child Analysis” (1926), assim como o artigo de Ernest Jones “The Origin and Structure of the Super-Ego” (1926), no qual ele assinala: “Tudo nos leva a crer que o conceito do superego é um ponto nodal onde devemos esperar encontrar, por um lado, todos os obscuros problemas do complexo de Édipo e do narcisismo e, por outro, os do ódio e do sadismo” (pág. 304).

⁴⁶ Cf. Reich, *Der Triebhafte Charakter* (1925).

uns dos outros, e carecem da unidade, da severidade e da oposição ao ego, da qualidade de serem inconscientes e do grande poder que caracteriza o verdadeiro superego, herdeiro do complexo de Édipo. Essa diferenciação é a meu ver inexata em diversos pontos. Até onde me foi dado observar, é precisamente esse superego primitivo que é de uma severidade toda particular; e, normalmente, em nenhum período da existência a oposição entre o ego e o superego é tão intensa como na primeira infância. Ademais, esse último fato explica a razão pela qual a tensão entre essas duas instâncias psíquicas é, durante os primeiros anos, sentida sobretudo como angústia. Constatei ainda que as exigências e proibições do superego não são menos inconscientes na criança pequena do que no adulto, e que não são absolutamente idênticas às que emanam dos objetos reais. Fenichel tem razão, penso eu, ao afirmar que o superego infantil ainda não é tão rigorosamente organizado como o do adulto. Mas esse ponto de diferenciação, além de não ser uma verdade universal, uma vez que muitas crianças pequenas apresentam um superego bem organizado e muitos adultos um superego disperso, parece-me estar meramente em conformidade com o grau menor de coesão mental da criança pequena, quando comparada ao adulto. Sabemos que o ego da criança pequena não é tão altamente organizado quanto o da criança no período de latência; mas nem por isso diremos que ela não tem ego, e sim apenas precursores de um ego.

Já sabemos que na fase de exacerbação do sadismo o aumento das tendências sádicas produz um incremento de angústia. As ameaças proferidas pelo superego primitivo contra o id contêm toda a série detalhada de fantasias sádicas que foram dirigidas contra o objeto, de sorte que cada uma delas se encontra agora voltada contra o ego. Assim, a pressão exercida pela angústia nesse estágio precoce corresponderá quantitativamente ao grau de sadismo originalmente presente, e, qualitativamente, à variedade e riqueza das fantasias sádicas que a acompanham.⁴⁷

A superação gradual do sadismo e da angústia é resultado do desenvolvimento da libido.⁴⁸ Mas é justamente o excesso

⁴⁷ Cf. meu artigo "Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art" (1929).

⁴⁸ Vide o próximo capítulo, onde este ponto é discutido detalhadamente.

de angústia que impele o indivíduo a superá-la. A angústia auxilia as diversas zonas erógenas a progredirem e a atingirem preponderância, uma após a outra. Assim, à supremacia dos impulsos oral-sádicos e uretral-sádicos, segue-se a supremacia dos impulsos anal-sádicos. E como os mecanismos pertencentes ao primeiro estágio anal-sádico, por mais poderosos que possam ser, já estão agindo em prol das defesas que haviam sido erigidas contra a angústia oriunda dos anteriores períodos da fase sádica, segue-se que essa mesma angústia, que é um agente preeminentemente inibidor do desenvolvimento do indivíduo, seja também um fator de importância fundamental para promover o progresso de seu ego e de sua vida sexual.

Nesse estágio, os métodos de defesa são proporcionais à pressão exercida pela angústia e extremamente violentos. Sabemos que o que a criança ejeta em seu primeiro estágio anal-sádico é o seu objeto, às vezes percebido como algo hostil, e que ela assemelha aos seus excrementos. A meu ver, ela já está ejetando o terrífico superego introjetado no estágio oral-sádico de desenvolvimento. Assim, essa ejeção é uma defesa que o ego, sob o domínio do medo, utiliza contra o superego; ele expele os objetos internalizados, projetando-os no mundo exterior. No indivíduo, os mecanismos de projeção e expulsão estão estreitamente ligados ao processo da formação do superego. Assim como o ego procura defender-se do superego ejetando-o violentamente e destruindo-o, assim também, premido pelas ameaças desse superego, ele tenta desembaraçar-se de seu id sádico — isto é, de suas tendências destrutivas — pelo mesmo método de expulsão pela força. Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) Freud diz que o conceito geral de defesa “convém perfeitamente para todos os métodos empregados pelo ego nos conflitos que podem levar a uma neurose; ao passo que o conceito de recalçamento deveria ser reservado àquele meio de defesa particular que nossa investigação nos levou a descobrir primeiro” (pág. 106). Além disso afirma explicitamente a possibilidade de “que o recalçamento seja um processo adaptado à organização genital da libido e que o ego se volta para outros meios de defesa quando tem de proteger-se da libido em outros estádios de sua organização” (pág. 65). Meu ponto de vista é também corroborado por Abraham numa passagem na qual declara que “a tendência a poupar o objeto

e a preservá-lo surgiu de uma tendência destrutiva anterior, graças a um processo de recalçamento".⁴⁰

Quanto à linha divisória entre o primeiro e o segundo estágio anal-sádico, o mesmo autor escreve o seguinte: "Ao considerarmos essa linha divisória como extremamente importante, estamos de acordo com o ponto de vista médico corrente, pois a divisão que nós, psicanalistas, fizemos apoiados em dados empíricos, coincide efetivamente com a classificação em neuroses e psicoses feita pela medicina clínica. Mas os analistas, naturalmente, jamais tentariam fazer um separação rígida entre as afecções neuróticas e psicóticas. Pelo contrário, eles sabem que a libido de qualquer indivíduo pode regredir para além dessa linha divisória entre as duas fases anal-sádicas, caso se produza uma circunstância suscetível de provocar a enfermidade, e caso o desenvolvimento libidinal comporte certos pontos de fixação que facilitem uma regressão dessa natureza".⁵⁰

Como bem o sabemos, não é na estrutura de seu psiquismo que o homem normal difere do neurótico, mas nos fatores quantitativos que se acham em jogo. As citações supra de Abraham implicam em que a diferença entre os indivíduos psicóticos e os neuróticos é também uma questão de grau. Meu próprio trabalho psicanalítico com crianças convenceu-me que os pontos de fixação para as psicoses residem nos estádios de desenvolvimento que precedem o segundo nível anal, e que também as crianças, tanto neuróticas como normais, possuem pontos de fixação nesse nível, embora em grau menor.

Sabemos que o psicótico sofre de uma quantidade muito maior de angústia que o neurótico; no entanto, a teoria aceita da formação do superego não nos oferece nenhuma explicação para o fato de que uma angústia tão esmagadora possa vir a existir nesses estádios muito primitivos de desenvolvimento, nos quais, segundo Freud e Abraham, estão situadas as fixações para as psicoses. As últimas teorias de Freud, expostas em *Hemmung, Symptom und Angst* (Inibição, Sintoma e Angústia), excluem a possibilidade de que essa imensa quantidade de angústia possa nascer da conversão da libido insatisfeita. Tampouco podemos pressupor que o temor da criança de ser devorada, despedaçada e morta pelos pais seja um temor real.

⁴⁰ "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), pág. 428.

⁵⁰ *Ibid.*, pág. 433.

Mas se supusermos que essa excessiva angústia só pode ser efeito de processos intrapsíquicos, não estaremos tão distanciados da teoria exposta nestas páginas, de que a angústia primitiva resulta da pressão do superego. A pressão que o superego exerce sobre as tendências destrutivas num estágio precoce do desenvolvimento infantil, não responde somente, em natureza e intensidade, às suas fantasias sádicas; ela também provoca situações de angústia que refletem os diferentes períodos abarcados pela fase sádica. Ademais, essas situações de angústia, que são de uma importância decisiva para o desenvolvimento geral do indivíduo, suscitam mecanismos especiais de defesa por parte do ego e determinam o caráter específico que assumirá o seu distúrbio psicótico.⁵¹

Todavia, antes de empreendermos o estudo das relações entre as primeiras situações de angústia e o caráter específico das afecções psicóticas, voltemos primeiramente nossa atenção para a maneira como a formação do superego e o desenvolvimento das relações objetais se afetam mutuamente. Se é verdade que o superego é formado num estágio tão precoce do desenvolvimento do ego, quando este (o ego) ainda se acha tão afastado da realidade, precisamos rever a progressão das relações objetais sob uma nova luz. O fato do indivíduo criar um quadro distorcido de seus objetos em virtude de seus próprios impulsos sádicos, não somente dá uma compleição diferente à influência exercida por esses objetos e às relações de objeto na formação do superego, como, inversamente, aumenta a importância da formação do superego no que se refere às relações objetais do indivíduo. Quando a criança pequena começa a introjetar seus objetos — e não nos esqueçamos que ela os conhece apenas vagamente e sobretudo por seus órgãos separados — seu medo desses objetos introjetados aciona, como já vimos, os mecanismos de ejeção e de projeção. Segue-se então uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que parece ser de importância fundamental não somente para a formação do superego, como também para o desenvolvimento das relações objetais com pessoas e para a adaptação à realidade. A constante necessidade de projetar suas terríficas identificações

⁵¹ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) escreve Freud: "É possível que exista uma íntima conexão entre a situação de perigo operante e a forma assumida pela neurose subsequente" (págs. 84-5).

sobre os objetos, parece incrementar o impulso de repetir incessantemente o processo de introjeção, e constitui, portanto, um fator decisivo na evolução de suas relações com os objetos.⁵²

A interação entre a relação objetal e o superego manifesta-se também, a meu ver, no fato de que em cada estágio de desenvolvimento, os métodos que o ego emprega para lidar com os objetos correspondem exatamente aos utilizados pelo superego para com o ego, e pelo ego para com o superego e o id. Na fase sádica, o indivíduo protege-se contra seu medo aos objetos violentos, quer introjetados quer externos, redobrando, em imaginação, seus próprios ataques destrutivos contra eles. Ao desembaraçar-se assim do objeto, seu intento seria, em parte, o de silenciar as intoleráveis ameaças de seu superego. Mas uma reação desse gênero pressupõe que o mecanismo de projeção já começou a funcionar através de duas modalidades diferentes: uma, na qual o ego coloca o objeto no lugar do superego do qual deseja desembaraçar-se; e outra, atribuindo ao objeto o papel do id, do qual também anseia por libertar-se. Desta maneira a quantidade de ódio que estava inicialmente dirigida contra o objeto, é aumentada pelo montante agregado ao id e ao superego. Parece, portanto, que nas pessoas cujas primeiras situações de angústia foram muito violentas e que conservaram os mecanismos de defesa próprios àquele estágio primitivo, o medo ao superego, se por razões externas ou intrapsíquicas ultrapassar certos limites, pode compeli-las a destruírem o objeto, formando a base para o desenvolvimento de uma conduta de tipo criminal.⁵³

A violência excessiva dessas primeiras situações de angústia também é, a meu ver, de importância fundamental na etiologia da esquizofrenia. Todavia, só posso, aqui, apresentar uma ou duas sugestões em apoio dessa opinião. Como já foi assinalado, ao projetar seu terrífico superego sobre os objetos, aumenta o

⁵² Em *Instincts and their Vicissitudes* (1915) escreve Freud: "Os objetos que se apresentam, na medida em que constituem uma fonte de prazer, são absorvidos pelo ego, 'introjetados' (segundo uma expressão inventada por Ferenczi); ao passo que, por outro lado, o ego ejeta para o mundo exterior tudo aquilo que no interior de si mesmo possa dar origem a dor (*v. infra*: o mecanismo de projeção)" (pág. 78).

⁵³ Se o crime se origina realmente dessa angústia primitiva, nossa única esperança de compreender os criminosos, e quizá de reformá-los, parece ser a de sujeitar os níveis mais profundos de sua vida psíquica à análise.

ódio do indivíduo por esses objetos e, em decorrência, também o medo que lhe inspiram; em resultado, se sua agressão e angústia forem excessivas, seu mundo externo transforma-se num lugar de terror e seus objetos em inimigos, e ele se sente ameaçado de perseguição tanto pelo mundo externo como pelos inimigos introjetados. Se sua angústia for desmesurada ou se seu ego não puder tolerá-la, ele tentará evadir-se ao medo dos inimigos externos pondo os mecanismos de projeção fora de ação; isto, por sua vez, evitará que se efetue qualquer introjeção ulterior de objetos, pondo um fim à evolução de sua relação com a realidade.⁵⁴ Em decorrência, ele ficaria ainda mais exposto ao medo de seus objetos já introjetados, e estaria dominado pelo terror de ser atacado e injuriado de mil maneiras por um inimigo dentro dele, de quem não haveria fuga possível. Esse tipo de medo é, provavelmente, uma das fontes mais profundas da hipocondria, e o excesso da mesma, por ser insuscetível de qualquer modificação ou deslocamento, requereria, evidentemente, métodos de defesa particularmente violentos. Uma tal perturbação do mecanismo de projeção parece, ademais, ser paralela a uma negação da realidade endopsíquica.⁵⁵ A pessoa assim afetada nega,⁵⁶ e até certo ponto elimina,⁵⁷ não somente a *fonte* de sua angústia, como também o *afeto*. Todo um mundo de fenômenos pertencentes à síndrome da esquizofrenia podem

⁵⁴ Cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930).

Melitta Schmideberg demonstrou que o esquizofrênico aparta-se do mundo externo refugiando-se em seus "bons" objetos internos — manobra que ele realiza abandonando o mecanismo de projeção e supercompensando seu amor ao objeto interno de maneira narcísica, fugindo assim ao medo dos "maus" objetos internos e externos. (Cf. seus artigos "The Role of Psychotic Mechanisms in Cultural Development", 1930, e "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

⁵⁵ Em seu trabalho "Stages in the Development of a Sense of Reality" (1913), Ferenczi frisou que a negação completa da realidade é uma forma muito primitiva de reação psíquica e que os pontos de fixação para as psicoses devem estar situados num estágio correspondentemente primitivo de desenvolvimento.

⁵⁶ Segundo Melitta Schmideberg, a negação dos afetos da angústia é em parte utilizada para negar a existência do objeto introjetado, com o qual os afetos são equacionados (cf. "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

⁵⁷ Em seu artigo "Über Skotomisation in der Schizophrenie" (1926), Laforgue sugere o termo "escotomização" para esse mecanismo de defesa e revela sua importância na esquizofrenia.

ser explicados como uma tentativa de precaver-se contra um inimigo interno, dominá-lo ou combatê-lo. A catatonia, por exemplo, pode ser encarada como uma tentativa de paralisar o objeto introjetado e mantê-lo imóvel, tornando-o, assim, inócuo.⁵⁸

O primeiro período da fase sádica caracteriza-se pela extrema violência do ataque desfechado contra o objeto. Num período posterior desta fase, coincidindo com o primeiro estágio anal, no qual os impulsos anal-sádicos tomam a liderança, prevalecem métodos mais sutis de ataque, como o uso de materiais venenosos e explosivos. Os excrementos agora representam venenos,⁵⁹ e a criança, em suas fantasias, utiliza as fezes como agentes perseguidores⁶⁰ contra os objetos, inserindo-os secretamente, por uma espécie de mágica,⁶¹ no ânus e em outros orifícios do corpo desses objetos, lá os deixando. Em conseqüência, começa a temer seus excrementos, como substância perigosa e prejudicial ao seu próprio corpo, e a recear os excrementos incorporados de seus objetos, dos quais espera ataques secretos similares, através do mesmo meio perigoso. Assim, essas fantasias geram o medo de ser envenenado e de ter uma multidão de perseguidores no interior de seu corpo, e constituem a base dos temores hipocondríacos. Servem também para incrementar

⁵⁸ De acordo com Melitta Schmideberg, a catatonia representa a morte e é um meio de escapar às diversas formas de ataque temidas pelo paciente (*op. cit.*).

⁵⁹ Cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930) e também "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931). Mais recentemente, num trabalho intitulado "Über respiratorische Introjektion" (1931), Fenichel descreveu um tipo de fantasias sádicas nas quais os excrementos são utilizados como instrumentos de morte, sendo que as fezes por envenenamento e explosão, e a urina por envenenamento. Segundo ele, essas fantasias dão origem ao medo de ser envenenado por excrementos. Seu trabalho parece-me corroborar o ponto de vista já exposto por mim nos artigos supramencionados.

⁶⁰ Cf. Ophuijsen, "On the Origin of the Feeling of Persecution" (1919) e Stærcke, "The Reversal of the Libido-Sign in Delusions of Persecution" (1919). De acordo com eles, a idéia paranóica do perseguidor é derivada da idéia inconsciente do cibalo no intestino e da equação desse cibalo com o pênis perseguidor. Constatei que o medo de pedaços de matéria fecal vistos como perseguidores deriva, em última instância, das fantasias sádicas nas quais a urina e as fezes eram empregadas como armas venenosas e destruidoras contra o corpo da mãe.

⁶¹ Róheim, em "Nach dem Tode des Urvaters" (1923), demonstrou que nas tribos primitivas os magos negros matam um homem ou fazem-no adoecer pela introdução mágica de excrementos ou equivalentes em seu corpo.

o medo suscitado pela equação do objeto introjetado com fezes,⁶² pois esse objeto torna-se ainda mais perigoso ao ser equiparado ao cíbalo tóxico e destruidor. Como a criança, em razão de seus impulsos uretral-sádicos, vê igualmente na urina uma substância perigosa que queima, fere e envenena, acha-se inconscientemente preparada para encarar o pênis como um órgão sádico e a sentir pavor do perigoso pênis do pai (o perseguidor)⁶³ que ela introjetou.

No período em que efetua ataques por meio de seus excrementos venenosos, os temores da criança de sofrer ela mesma ataques subterrâneos por parte de seus objetos introjetados e externos, tornam-se mais multiformes, de acordo com a maior variedade e sutileza de seus próprios procedimentos sádicos; e estes impulsionam os mecanismos de projeção, que passam a funcionar com o máximo de suas possibilidades. A angústia alastra-se e é distribuída por muitos objetos e fontes de perigo no mundo exterior, de sorte que ela agora espera ser atacada por um grande número de perseguidores.⁶⁴ O caráter pérfido e oculto que ela atribui a esses ataques levam-na a observar o mundo circundante com olho atento e suspeito, reforçando assim suas relações com a realidade, embora esse relacionamento seja falso e unilateral; por outro lado, como ela teme o objeto introjetado a despeito de seus mecanismos de projeção, é constantemente incitada a manter esses mecanismos operando.

A meu ver, o ponto de fixação para a paranóia é esse período

⁶² Abraham ("A Short Study of the Development of the Libido", 1924) demonstrou que o objeto odiado é equacionado com fezes. Cf. também Róheim, "Nach dem Tode des Urvaters" (1923), e Simmel, "The Doctor-Game, Illness, and the Profession of Medicine" (1926).

⁶³ Cf. meu artigo "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931).

⁶⁴ O medo de numerosos perseguidores, por ser um medo de múltiplas vezes persecutórias, não tem somente uma origem anal-sádica mas também oral. Em minha experiência, a teoria sexual infantil, segundo a qual a mãe incorpora um novo pênis todas as vezes que copula, e a idéia de que o pai é provido de uma quantidade de pênis, contribui para o medo de ter um grande número de perseguidores.

Melitta Schmideberg encara essa multiplicidade de perseguidores como sendo uma projeção dos próprios ataques oral-sádicos da criança contra o pênis do pai; e cada pedaço separado de seu pênis converte-se em novo objeto de angústia (cf. seu artigo, "The Rôle of Psychotic Mechanisms in Cultural Development", 1930).

da fase de exacerbação do sadismo, no qual os ataques da criança ao interior do corpo da mãe e ao pênis que ela imagina lá se encontrar, são efetuados por meio dos excrementos venenosos e perigosos.⁶⁵ As situações de angústia ligadas a esses ataques dão origem a delírios de relação e de perseguição.⁶⁶

A meu ver, o medo que os objetos introjetados inspiram na criança, impele-a a deslocar a origem desse medo e situá-lo no mundo exterior. Por esse processo, seus órgãos, seus objetos, suas fezes, seus objetos internalizados, assim como todo o resto, é equacionado por ela com os objetos externos; ela distribui, ao mesmo tempo, seu medo de um objeto externo por um grande número de objetos, equacionando-os uns aos outros.⁶⁷

Como esse tipo de relacionamento com muitos objetos é em parte baseado na angústia e efetuado por meio de equações,⁶⁸ pode ser considerado como um mecanismo fóbico de angústia; ele constitui, a meu ver, um passo avante, por parte do indivíduo, no estabelecimento de suas relações objetais e de sua adaptação à realidade, pois a primeira relação objetal incluía apenas

⁶⁵ Cf. também meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930). Concordo com o ponto de vista de Abraham de que no paranóico, a libido regride ao primeiro estágio anal, pois, a meu ver, a fase de sadismo máximo é introduzida pelos impulsos oral-sádicos e termina com o declínio da primeira fase anal. O período desta fase que foi descrito acima e que considero fundamental para a paranóia, encontra-se sob a supremacia da primeira fase anal. Penso que o que foi dito aqui representa uma contribuição às descobertas de Abraham. Minha teoria mostra que na fase mencionada os diversos meios de sadismo são empregados conjuntamente e em sua total capacidade, e que as tendências uretral-sádicas, assim como as oral-sádicas, são de uma importância fundamental. Esta opinião também nos fornece certos esclarecimentos sobre a estrutura das fantasias nas quais se exprimem as tendências anal-sádicas correspondentes à primeira fase anal.

⁶⁶ Melitta Schmideberg relatou dois casos em que as idéias delirantes de perseguição e de relação eram derivadas de situações de angústia desse gênero (cf. seu artigo "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

⁶⁷ Os desejos destrutivos da criança contra os seus objetos, representados pelos órgãos de seu corpo, despertam o medo desses órgãos e desses objetos. Um tal temor, simultaneamente aos seus interesses libidinais, leva-a a estabelecer uma equação entre esses órgãos e outros objetos que, por sua vez, se convertem em objetos de angústia; assim, ela se afasta continuamente deles por meio de novas equações, criando, dessa forma, um sistema de simbolização (cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", 1930).

⁶⁸ Como Ferenczi demonstrou, a criança pequena procura redescobrir seus próprios órgãos e suas funções em todas as coisas externas por meio da identificação, que é a precursora da simbolização.

um único objeto: o seio materno, que representava a mãe. Na imaginação da criança pequena, esses múltiplos objetos estão situados no interior do corpo da mãe, e esse lugar é também o objetivo principal de suas tendências destrutivas e libidinais, assim como do despertar de seus impulsos epistemofílicos. Com o incremento de suas fantasias sádicas, ela se apossa, em imaginação, do interior do corpo de sua mãe, e essa parte do corpo passa a representar a pessoa inteira da mãe como objeto, simbolizando, ao mesmo tempo, o mundo exterior e a realidade. Originalmente, foi o seio materno que representou o mundo exterior para a criança; mas agora o interior de seu corpo representa objeto e mundo exterior num sentido mais amplo, porque se tornou, em razão da maior distribuição de sua angústia, o lugar que contém maior multiplicidade de objetos.⁶⁹

Assim, as fantasias sádicas concernentes ao interior do corpo da mãe constituem uma relação fundamental da criança com o mundo exterior e a realidade. Mas a agressividade — e a angústia decorrente dessa agressividade — não são os únicos fundamentos das relações objetais. A libido também se ativa ao mesmo tempo e faz sentir sua influência. As relações libidinais com os objetos e a influência exercida pela realidade contrabalançam o medo de inimigos internos e externos. A crença na existência de figuras bondosas e protetoras — crença que se fundamenta na eficácia da libido — permite que os objetos reais se imponham com maior pujança e que as imagens fantásticas retrocedam para segundo plano.⁷⁰

A interação entre o superego em formação e as relações objetais, baseada na interação dos mecanismos de projeção e introjeção, influencia profundamente o desenvolvimento da criança. Nos primeiros estádios, a projeção das imagos terríficas no mundo exterior, converte esse mundo em lugar perigoso e seus objetos em inimigos; enquanto que a introjeção simultânea de objetos reais, que estão efetivamente bem dispostos para com a criança, age em sentido contrário, atenuando a violência do medo que lhe inspiram as imagos terríficas. Vistas por esse

⁶⁹ Segundo Ernest Jones ("The Theory of Symbolism", 1916), o princípio do prazer capacita o indivíduo a equiparar coisas bastante diferentes uma da outra, se o interesse que despertarem for de natureza similar. Esse ponto de vista acentua a importância do interesse libidinal como fator básico dos processos de identificação e de simbolização.

⁷⁰ Cf. meu artigo "Personification in the Play of Children" (1929).

ângulo, a formação do superego, as relações objetais e a adaptação à realidade são o resultado de uma interação entre a projeção dos impulsos sádicos do indivíduo e a introjeção de seus objetos.

AS RELAÇÕES ENTRE A NEUROSE OBSESSIVA E OS PRIMEIROS ESTÁDIOS DO SUPEREGO

N o CAPÍTULO precedente consideramos o conteúdo das primeiras situações de angústia e sua repercussão sobre o desenvolvimento do indivíduo. Passaremos agora a examinar de que maneira a libido e as relações com os objetos reais ocasionam uma modificação dessas situações de angústia.

Em resultado da frustração oral sofrida, a criança procura novas fontes de gratificação.¹ A menina pequena afasta-se de sua mãe e toma o pênis de seu pai para objeto de gratificação. Se bem que as tendências genitais já estejam atuando, essa gratificação é inicialmente de natureza oral.² No menino pequeno encontramos a mesma atitude positiva em relação ao pênis do pai; ela resulta do estágio oral de sucção e é devida à assemelhação do seio a um pênis.³ Uma fixação ao pênis do

¹ Em "Notes on Oral Character-Formation" (1925), Edward Glover assinala que a frustração é um fator estimulante para o desenvolvimento do indivíduo.

² Cf. meus artigos "The Psychological Principles of Infant Analysis" (1926) e "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

³ Em seu trabalho "Nach dem Tode des Urvaters" (1923), Róheim argumenta que, após haverem devorado o cadáver do pai primitivo, os filhos passam a

pai, segundo uma modalidade própria ao estágio oral de sucção, é, a meu ver, um fator essencial na gênese da verdadeira homossexualidade.⁴ Mas normalmente, os sentimentos de ódio e de angústia em face do pai, que surgem do despertar das tendências edípicas, militam contra essa fixação.⁵ Quando o desenvolvimento segue um curso favorável, a atitude positiva para com o pênis do pai torna-se a base de boas relações com as pessoas de seu próprio sexo e permite, ao mesmo tempo, adotar uma posição francamente heterossexual. Todavia, ao passo que no menino uma relação oral de sucção com o pênis do pai pode, em certas circunstâncias, conduzi-lo à homossexualidade, já na menina ela é, normalmente, o precursor dos impulsos heterossexuais e do conflito edípico. Essa inclinação da menina pelo pai e, no menino, o retorno à mãe agora convertida em objeto de amor genital, dá um novo objetivo à gratificação libidinal da criança, em que os órgãos genitais começam a fazer sentir sua influência.

Constatei que, naquele primitivo período de desenvolvimento a que denominei de fase de sadismo máximo, todos os estádios pré-genitais, assim como o estágio genital, são catexizados em rápida sucessão. É que a libido entra em luta com os impulsos destrutivos e consolida gradualmente suas posições. Entre os fatores que são de importância fundamental para a dinâmica

encará-lo como mãe nutriente. Desta maneira, acredita Róheim, transferem o amor que até então sentiam somente pela mãe, também para o pai; e sua atitude para com ele, que era puramente negativa, adquire um elemento positivo.

⁴ Cf. Freud, *Kindheitserinnerung Leonardo da Vincis* (1910). Acompanharemos mais de perto esses processos de desenvolvimento no capítulo 12, ao discutirmos o desenvolvimento sexual do menino.

⁵ O seguinte exemplo, extraído da observação direta, ilustra o curso de uma mudança do prazer para o desprazer. Nos meses que se sucederam ao seu desmame, um meninozinho mostrou preferência por alimentos que incluíam peixes, bem como um grande interesse pelos peixes em geral. Com a idade de um ano, comprazia-se em ficar observando com intenso interesse enquanto sua mãe matava ou preparava peixes na cozinha. Pouco depois desenvolveu intensa repugnância por esse alimento, que se propagou a uma aversão pela simples vista de um peixe, e mais tarde a uma fobia regular de peixes. A experiência de numerosas análises efetuadas com crianças muito pequenas demonstrou-me que os ataques contra peixes, cobras e lagartos representavam ataques contra o pênis do pai e me permitiu compreender a conduta desse menino. Ao ver a mãe matar os peixes, satisfazia em alto grau seus impulsos sádicos contra o pênis do pai, e isso fez com que tivesse medo do pai ou, mais exatamente, do pênis de seu pai.

dos processos psíquicos, sou de opinião que devemos colocar não somente a *polaridade*, mas também a *interação* dos instintos de vida e de morte. Existe um vínculo indissolúvel entre a libido e as tendências destrutivas, que coloca a primeira, em larga escala, em poder das últimas. Mas o círculo vicioso regido pelo instinto de morte, em que a agressão origina angústia e a angústia reforça a agressão, pode ser rompido pelas forças libidinais, quando estas se tornam mais fortes. Como sabemos, o instinto de vida, no curso dos primeiros estádios de desenvolvimento, precisa lutar com todas as suas forças a fim de poder manter-se contra o instinto de morte. Mas é justamente essa necessidade que estimula o desabrochamento da vida sexual do indivíduo.

Como os impulsos genitais da criança permanecem ocultos por longo tempo, não podemos discernir claramente as flutuações e entremesclas das diversas fases de desenvolvimento, que resultam do conflito entre os impulsos destrutivos e os libidinais. A emergência dos estádios de organização, tais como os conhecemos, corresponde, a meu ver, não somente às posições que a libido conquistou e fortificou em sua luta contra o instinto destrutivo, mas — como esses dois instintos estão ao mesmo tempo unidos e opostos de maneira indissolúvel — também a um ajustamento progressivo entre ambos.

É verdade que, na superfície, a criança pequena deixa transparecer relativamente pouco do tremendo sadismo que se revela na análise dos níveis mais profundos de seu psiquismo. Mas ao afirmar que nos estádios mais primitivos de seu desenvolvimento a criança atravessa um período em que suas tendências sádicas, oriundas de todas as fontes, atingem um ponto de exacerbação, estou apenas limitando-me a amplificar a teoria aceita e bem estabelecida de que a criança passa de um estágio de sadismo oral (canibalismo) para um estágio de sadismo anal. Ademais, não devemos esquecer que essas tendências canibais não encontram um meio de expressão proporcional à sua importância psicológica; a criança, normalmente, só nos fornece indícios muito pálidos dos impulsos que sente de destruir seu objeto, deixando-nos ver apenas os derivados de suas fantasias acerca desse tema. O fato da criança exprimir seus intensos impulsos sádicos contra os objetos externos de uma maneira tão atenuada, torna-se-nos mais compreensível quando reconhecemos que as fantasias extravagantes que surgem num estágio

muito precoce de desenvolvimento jamais se tornam consciências. De mais a mais, no momento em que surgem essas fantasias, o ego se encontra num estágio muito primitivo de desenvolvimento, e as relações da criança com a realidade ainda sofrem a influência muito acentuada de sua vida imaginativa. É preciso também tomar em consideração a inferioridade física da criança com relação ao adulto e sua dependência deste último, biologicamente determinada; de fato, ela manifesta com muito mais vigor seus instintos destrutivos contra os objetos inanimados e animais de pequeno porte. E, finalmente, é possível que os impulsos genitais, se bem que ainda dissimulados, já estejam exercendo, desde os estádios iniciais da vida, uma influência moderadora sobre os impulsos sádicos, e contribuindo para diminuir a violência que de outro modo se exprimiria contra os objetos externos. Ao lado de suas relações com os objetos reais, mas num outro plano, a criancinha entretém, ao que parece, também relações com imagens irreais, de figuras tanto excessivamente boas como excessivamente más. Ordinariamente, essas duas categorias de relações objetais entremesclam-se, exercendo uma sobre a outra uma influência sempre crescente. (Este é o processo que descrevi como interação entre a formação do superego e as relações objetais.) Mas, no psiquismo da criança muito pequenina⁶, ainda existe uma separação muito nítida entre os objetos reais e os imaginários; e isso explica, em parte, o fato de ela não exibir tanto sadismo e angústia em face dos objetos reais como seria de se esperar a julgar pelo caráter de suas fantasias.

Como sabemos, e como Abraham, especialmente, ressaltou, a natureza das relações objetais da criança e a formação de seu caráter são grandemente determinadas pelo ponto onde se situam suas fixações predominantes: se no estágio oral de sucção ou se no estágio oral-sádico. Em minha opinião, esse fator é decisivo também para a formação do superego. A introjeção de uma mãe bondosa contribui para estabelecer uma imagem paterna amistosa, devido à equação do seio com o pênis.⁶ Também na formação do superego, as fixações no estágio oral de sucção

⁶ Em "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), escreve Abraham: "Outro ponto a ser notado com referência à parte do corpo que foi introjetada, é que o pênis é regularmente assemelhado ao seio feminino, e que outras partes do corpo, como o dedo, o pé, os cabelos, as fezes e as nádegas podem representar aqueles dois órgãos por meio de uma elaboração secundária..." (pág. 490).

irão neutralizar as terríficas identificações Produzidas sob a supremacia dos impulsos oral-sádicos.

Com a diminuição das tendências sádicas, as ameaças do superego vão se reduzindo um tanto em violência e as reações do ego sofrem uma modificação. Até agora, o medo excessivo que o superego e os objetos inspiravam à criança, dominando as fases iniciais de sua vida, provocaram, por parte do ego, reações de igual violência. Parece que o ego procura, de início, defender-se do superego escotomizando-o — para empregar a expressão de Laforgue — e depois ejetando-o. Quando o ego começa a reagir procurando ludibriar o superego e reduzir a oposição deste último ao id,⁷ é porque está começando a reconhecer o poder do superego. Com o advento do segundo estágio anal, o ego reconhece ainda mais claramente esse poder e é levado a fazer tentativas progressivas para entrar em acordo com ele; em consequência, surge o reconhecimento da necessidade de obedecer aos mandamentos do superego.

Com relação ao id, a conduta do ego que, numa etapa um pouco anterior fora de ejeção, converte-se, no segundo estágio anal, numa conduta de supressão, ou melhor, de repressão, no verdadeiro sentido da palavra.⁸ Ao mesmo tempo, o montante de ódio para com o objeto diminui, uma vez que grande parte desse ódio é derivado do que foi outrora dirigido contra o superego e o id. O incremento dos componentes libidinais e a diminuição concomitante dos componentes destrutivos também contribui para moderar as tendências sádicas primárias que eram dirigidas ao objeto. O ego parece então tornar-se mais consciente de seu medo de sofrer represálias por parte do objeto. Assim, ele reconhece o poder do objeto, submetendo-se, ao mesmo tempo, a um superego severo e às suas interdições. A aceitação da realidade externa⁹ depende, pois, da aceitação

⁷ Em *Psychoanalyse der Gesamtpersönlichkeit* (1927), Alexander assinala que o id, em certo sentido, corrompe o superego, e que este "entendimento" entre eles habilita o id a levar a cabo suas ações proibidas.

⁸ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), diz Freud: "Não obstante, devemos ter em mente, para considerações futuras, a possibilidade de que a repressão seja um processo que tem relação especial com a organização genital da libido, e que o ego é suscetível de utilizar outros métodos de defesa para precaver-se da libido em diferentes níveis de sua organização..."

⁹ Em seu artigo "Problem of the Acceptance of Unpleasant Ideas" (1926) Ferenczi acentua que o conhecimento da realidade externa acompanha o conhecimento da realidade psicológica.

da realidade intrapsíquica, tanto mais que seu empenho é o de fazer o superego e o objeto convergirem. Essa convergência constitui um passo avante no sentido de modificar a angústia e, com o auxílio dos mecanismos de projeção e de deslocamento, favorece o progresso das relações do indivíduo com a realidade. A este ponto, o método principal que o ego adota para superar a angústia é o de tentar satisfazer tanto aos objetos externos como aos internalizados. Isto o induz a resguardar a segurança de seus objetos, reação que Abraham situou no segundo estágio anal.

Essa modificação do método de conduta em face do objeto pode apresentar-se de duas maneiras: uma, em que o indivíduo se *afasta* do objeto, por temê-lo como fonte de perigo e também para resguardá-lo de seus próprios impulsos sádicos; e outra, em que se *volta para* ele com maior sentimento positivo. Esse tipo de relação objetual é produzido pela cisão da imagem materna em boa e má. A ambivalência do indivíduo com relação ao seu objeto, além de representar um passo avante no desenvolvimento de suas relações objetais, constitui-se num mecanismo de importância fundamental para superar o medo ao superego. Nesse sentido, o superego, após haver sido dirigido para fora, é distribuído por numerosos objetos, sendo que alguns representam o objeto que foi atacado e que é, portanto, ameaçador, ao passo que outros, notadamente a mãe, significam a pessoa bondosa e protetora.

A medida que a criança vai avançando para o estágio genital e que suas imagens introjetadas vão se tornando mais amistosas, o comportamento do superego se transforma e o processo de superar a angústia torna-se cada vez mais bem sucedido. Quando as ameaças até aqui esmagadoras do superego se atenuam, ficando reduzidas a admoestações e reprimendas, o ego pode encontrar apoio contra elas em seus relacionamentos positivos. No intuito de aplacar o superego ele pode agora empregar mecanismos reparadores e formações reativas de compaixão para com seus objetos;¹⁰ e o amor e o reconhecimento que esses objetos e o mundo exterior lhe testemunham são encarados ao mesmo tempo como garantia, e como medida de aprovação do superego. Aqui também o mecanismo da distribuição das

¹⁰ Em seu artigo "Über das Mitleid" (1930), Jekels mostra que a pessoa que sente compaixão por seu objeto, trata-o como gostaria de ser tratada por seu próprio superego.

imagos é importante, pois o ego, ao afastar-se do objeto perigoso, procura compensar o objeto bom pelos danos imaginários que lhe ocasionou.

O processo de sublimação pode agora instalar-se, pois as tendências reparadoras com respeito ao objeto constituem uma força motivacional básica para todas as sublimações, mesmo as mais precoces, como as manifestações totalmente primitivas do impulso para brincar.¹¹ A condição prévia para o desenvolvimento das tendências reparadoras e das sublimações é que a pressão exercida pelo superego seja mitigada e sentida pelo ego como culpabilidade. As modificações qualitativas que o superego começa a sofrer em razão da força crescente dos impulsos genitais e das relações objetais, fazem com que o indivíduo se porte de uma maneira diferente com o ego, de sorte que este último se torna então apto a experimentar verdadeiros sentimentos de culpa. Mas se esses sentimentos se tornarem demasiadamente esmagadores, o ego ficará novamente afetado, principalmente sob forma de angústia.¹² Se esta linha de pensamento for correta, a falta de sentimento social em determinados indivíduos, notadamente nos criminosos e nas assim chamadas pessoas "associais", seria originada não por uma deficiência, e sim por uma diferença qualitativa na estrutura do superego.¹³

Durante o primeiro estágio anal, a criança, a meu ver, defende-se das aterradoras imagos que introjetou na fase oral-sádica. Ao ejetar o superego, ela está começando a tentar superar a angústia. Mas a tentativa ainda não é bem sucedida, porque a angústia a ser superada ainda é muito intensa e porque o método da ejeção violenta suscita incessantemente uma nova angústia. A angústia que não pode ser dissipada por esse meio incita a criança a catexizar o nível imediatamente

¹¹ Cf. meu artigo "Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art" (1929).

Ella Sharpe demonstrou que, na sublimação, a criança projeta seus pais introjetados sobre um objeto externo, sobre o qual gratifica suas tendências sádicas e reparadoras, e com o qual relaciona assim seus sentimentos de onipotência mágica. (Cf. seu artigo "Certain Aspects of Sublimation and Delusion", (1930).

¹² Vide, também, a contribuição de Ernest Jones a este tema: "Fear, Guilt and Hate" (1929).

¹³ Em seu artigo, "Identifizierung" (1926), Fenichel também adota esse ponto de vista.

mais elevado de sua libido, ou seja o segundo estágio anal, agindo, portanto, como agente promotor de seu desenvolvimento.

Sabemos que no adulto, o superego e o objeto não coincidem absolutamente; tampouco coincidem, conforme procurei demonstrar, em nenhum período da infância. Acredito que os esforços dispendidos pelo ego, em razão dessa discrepância, no sentido de intercambiar os objetos reais com as imagens dos mesmos, constituem um fator fundamental de seu desenvolvimento.¹⁴ Quanto menor a discrepância — isto é, quanto mais as imagens se aproximarem dos objetos reais, na medida em que o estágio genital for assumindo a liderança e as imagens imaginárias e aterradoras, que haviam predominado no início da vida, forem retrocedendo para segundo plano — mais estável será o equilíbrio mental e mais bem sucedida a modificação das primeiras situações de angústia. Gradualmente, à medida que os impulsos genitais se fortalecem, a repressão do id pelo ego também perde muito de sua violência, de sorte que há menos atrito entre as duas instâncias. Assim, o relacionamento objetal mais positivo que acompanha o advento do estágio genital também pode ser encarado como um sinal da existência de relações satisfatórias entre o superego e o ego, e entre o ego e o id.

Sabemos já que os pontos de fixação para as psicoses se situam nos estádios iniciais de desenvolvimento e que a linha de demarcação entre a psicose e a neurose é a que separa os dois períodos do estágio anal. Estou inclinada a ir ainda mais longe e a considerar esses pontos de fixação como pontos de partida não só para as doenças subseqüentes, mas também para as perturbações que a criança sofre durante o início de sua vida. No capítulo precedente vimos que as situações de angústia demasiadamente poderosas que surgem na fase de exacerbação do sadismo, constituem um fator etiológico fundamental dos distúrbios psicóticos.¹⁵ No entanto, constatei que também as crianças normais, durante as fases iniciais de seu desenvolvimento, atravessam situações de angústia de caráter psicótico. Se, quer por razões externas ou internas, essas situações muito precoces forem ativadas em alto grau, a criança apresentará traços psicóticos. E se ela não conseguir combater suficientemente a

¹⁴ A importância desse fator para o desenvolvimento do ego e para o relacionamento com a realidade é examinada mais detalhadamente no capítulo 10.

¹⁵ Cf. meu artigo "Personification in the Play of Children" (1929).

dura pressão de suas imagos aterrorizantes, com o auxílio das imagos protetoras e dos objetos reais, estará exposta a perturbações semelhantes ao comportamento psicótico do adulto, e que não raro se prolongam, mais tarde, numa psicose regular, ou então formam a base de doenças graves ou de outros problemas de desenvolvimento.¹⁶ Mas como, na infância, as situações de angústia dessa natureza entram invariavelmente em ação, em um ou outro momento, atingindo uma certa intensidade, cada criança, em um ou outro período, produzirá sintomas psicóticos.

Por exemplo, a mudança da alegria excessiva para a tristeza extremada, que é uma característica das perturbações melancólicas, é regularmente encontrada nas crianças. A extensão real e a profundidade da infelicidade que as crianças sentem, não é tomada em devida consideração justamente por ser uma ocorrência tão freqüente e por sofrer mutações tão rápidas. Mas a observação analítica ensinou-me que a infelicidade e a depressão de uma criança, embora não tão agudas quanto as depressões melancólicas do adulto, têm as mesmas causas e podem ser acompanhadas de idéias de suicídio. Os pequenos e os grandes acidentes que sucedem às crianças e os ferimentos que elas mesmas se causam são, não raro, conforme constatei, tentativas de suicídio empreendidas com meios ainda insuficientes. Ademais, também elas apresentam, em certo grau, aquela exclusão da realidade que tomamos como critério de psicose no adulto, embora no caso delas ainda a consideremos, até certo ponto, normal. Nelas, é muito menos fácil observar traços paranóides, por estarem associados ao sigilo e à dissimulação típicos do distúrbio; e, contudo, sabemos que as crianças têm se sentem rodeadas e perseguidas por figuras fantásticas. Analisando algumas crianças muito pequeninas, descobri que, quando se achavam a sós, principalmente à noite, a sensação de estarem circundadas por todos os tipos de perseguidores, como feiticeiros, bruxas, demônios, formas fantásticas e animais,¹⁷ tinha um caráter paranóide, assim como a angústia que experimentavam, igualmente de tipo paranóide.

As neuroses infantis oferecem um quadro complexo, formado

¹⁶ Quero lembrar ao leitor os casos de Erna (capítulo 3), de Egon (capítulo 4) e de Ilse (capítulo 5).

¹⁷ A crença da criança nas bondosas figuras imaginárias, como fadas ou Papai Noel, ajudam-na a ocultar e superar o medo às imagos más.

de diversos traços e mecanismos psicóticos e neuróticos, que encontramos isoladamente e em estado mais ou menos puro, nas pessoas adultas. Algumas vezes são os traços deste distúrbio que estão mais fortemente acentuados, outras vezes os daquele outro; mas em muitos casos a cena se acha completamente obscurecida pelo fato de que as diferentes afecções e as defesas mobilizadas contra esses processos patológicos estão todas operando ao mesmo tempo.

Em seu livro *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), Freud declara que “as primeiras fobias infantis não encontraram explicação até agora” e que “sua relação com as neuroses posteriores e manifestas da meninice não estão absolutamente esclarecidas” (pág. 77). Penso que essas primeiras fobias contêm angústia gerada nos primeiros estádios da formação do superego. As situações de angústia mais precoces da criança aparecem por volta da metade do primeiro ano de vida e são provocadas por um incremento do sadismo. Consistem em medos a objetos violentos (isto é, devoradores, dilaceradores, castradores), tanto externos como introjetados; e num estágio tão precoce, esses temores não podem ser suficientemente modificados.

As freqüentes dificuldades alimentares das criancinhas também estão intimamente ligadas, segundo minha experiência, com as primeiras situações de angústia e têm, invariavelmente, uma origem paranóide. Na fase canibal elas equacionam todos os alimentos com os seus objetos, que são representados por seus órgãos, de sorte que a papinha toma o significado do pênis paterno e do seio materno, e é amada, odiada e temida. Os alimentos líquidos são assemelhados a leite, fezes, urina e esperma, e os sólidos a fezes e outras substâncias corporais. Assim, se as primeiras situações de angústia estiverem fortemente atuantes, a alimentação é capaz de originar todos aqueles temores de ser envenenado e aniquilado por dentro, que os objetos internalizados e os excrementos suscitam nas crianças.

As zoofobias infantis são uma expressão desse gênero de angústia precoce. Baseiam-se naquela ejeção do terrífico superego que é característica do estágio anal primário e representam um processo, composto de diversos movimentos, por meio do qual a criança modifica seu medo aos aterrorizantes id e superego. O primeiro movimento consiste em expelir essas duas instâncias para o mundo externo e assemelhar o superego ao objeto

real. O segundo movimento nos é familiar, como sendo um deslocamento para um animal do medo sentido pelo pai real. Mas entre esses dois movimentos existe não raro uma etapa intermediária, na qual a criança escolhe, para objeto angustioso no mundo externo, a uma espécie mais mansa de animal, em lugar das feras ferozes e selvagens que, nos estádios precoces de desenvolvimento do ego, representavam o superego e o id. O fato de que o animal angustioso atrai para si não somente o medo, mas também a admiração que a criança sente por seu pai, é um sinal de que já se está verificando a formação do ideal do ego.¹⁸ As fobias de animais já constituem uma modificação de amplas conseqüências do medo ao superego, e sua gênese nos mostra a que ponto estão ligados o superego, as relações objetais e as zoofobias.

Em *Hemmung, Symptom und Angst* escreve Freud: “Durante uma época julguei que a fobia tivesse o caráter de uma projeção, no sentido de que um perigo instintivo interno era substituído por um perigo percebido como vindo de fora. Isso traz consigo a vantagem de que o sujeito pode proteger-se do perigo externo pela fuga ou evitando a percepção do mesmo; ao passo que nenhuma fuga pode servir de recurso contra um perigo interno. Mas esse ponto de vista, sem ser incorreto, é demasiadamente superficial. Afinal de contas, um impulso instintivo não constitui um perigo em si, mas apenas na medida em que implica num perigo externo real, ou seja o perigo de castração. Portanto, em última análise, uma fobia consiste simplesmente em substituir um perigo externo por outro” (págs. 66 e 67). Não obstante, aventurei-me a pensar que na raiz de uma fobia encontra-se um perigo interno. É o medo do indivíduo ao seu próprio instinto destrutivo e aos seus pais introje-

¹⁸ Abraham relatou-me a seguinte história, para exemplificar como o ódio de uma criancinha por um animal já pode conter o medo de ser reprovado por ele. Havia dado um livro de figuras a um pequenino parente seu, um garotinho que ainda não havia completado um ano e meio de idade. Abraham mostrava-lhe as figuras e lia-lhe o texto em voz alta. Numa das páginas havia a figura de um porco, dizendo a uma criança que se mantivesse asseada. As palavras, assim como a figura, obviamente desagradaram ao garotinho, pois ele quis virar a página imediatamente. E quando Abraham mais tarde retornou à página em questão, ele recusou-se a olhar para a mesma. Posteriormente Abraham soube que, apesar do garotinho gostar muito do livro de figuras, não suportava a página com a figura do porco. Ao relatar-me essa história, Abraham acrescentou: “Seu superego, naquela época, devia ser um porco.”

tados. Na mesma passagem, ao descrever as vantagens das formações substitutivas, Freud diz que “o medo pertencente a uma fobia é, afinal de contas, condicionado. Ele só é sentido quando o objeto temido é percebido, porque é somente então que surge a situação de perigo. Não existe motivo para recear ser castrado por um pai que não está presente. Mas um pai é algo de que é impossível desembaraçar-se, pois ele aparece todas as vezes que o queira. Porém se a criança o substituir por um animal, bastará evitar a visão, isto é, a presença desse animal para ficar livre do perigo e da angústia”. Essa vantagem seria ainda maior-se, graças a uma zoofobia, o ego pudesse não só efetuar o deslocamento de um objeto externo para outro, mas também a projeção sobre um objeto externo, de um objeto muito temido do qual, por ser internalizado, não houvesse escapatória. Encarada por esse prisma, a zoofobia seria muito mais do que a mera distorção da idéia de ser castrado pelo pai, na idéia de ser mordido por um cavalo ou devorado por um lobo. Subjacente a essa fobia estaria não só o medo de ser castrado, mas um medo ainda mais antigo de ser devorado pelo superego, de sorte que a fobia seria, na realidade, uma modificação da angústia pertinente aos estádios mais precoces de desenvolvimento.

Para ilustrar o que foi dito acima, tomaremos dois casos célebres de zoofobias, o do pequeno Hans e o do Homem dos Lobos. Freud acentuou que, a despeito de certas similaridades, essas duas fobias diferem uma da outra em muitos aspectos. No tocante às diferenças, observamos que a fobia do pequeno Hans continha muitos rasgos de sentimentos positivos. Seu animal angustioso não era aterrador em si mesmo e Hans não deixava de sentir uma certa cordialidade para com ele, como ficou demonstrado pelo fato de brincar de cavalo com o pai pouco antes de surgir a fobia. Mantinha excelentes relações com seus pais e com seu ambiente, e seu desenvolvimento geral indicava que ele havia ultrapassado com êxito a fase anal-sádica e atingido o estágio genital. Sua zoofobia revelava poucos traços da angústia típica dos primeiros estádios evolutivos, nos quais o superego é equacionado com um animal selvagem e aterrorizante, e onde o medo da criança ao seu objeto é proporcionalmente intenso. Em geral, ele parecia haver superado e modificado bastante bem essa angústia precoce. Freud diz dele: “Hans parece ter sido um menino normal, com o que chamamos

de complexo de Édipo positivo",¹⁹ de sorte que sua neurose pode ser considerada sem gravidade, e até mesmo "normal"; sua angústia, como sabemos, foi prontamente dissipada após um curto período de análise.

A neurose do garotinho de quatro anos que passou a ser chamado de Homem dos Lobos, apresenta um quadro bastante diferente. O desenvolvimento desse menino não pode ser descrito como normal. Para citar novamente Freud, "... suas relações com o objeto sexual feminino haviam sido perturbadas por uma sedução precoce. Sua passividade feminina achava-se fortemente acentuada e a análise de seu sonho dos lobos revela pouca agressividade intencional contra o pai, mas demonstra claramente que o que estava recalcado era a atitude passiva e terna para com ele. Os fatores mencionados em primeiro lugar podem ter desempenhado um papel patogênico, mas escapam à observação".²⁰ A análise do menino revelou que a idéia de ser devorado pelo genitor era "a expressão, sob uma forma regressiva e degradada, de um desejo terno e passivo em face do pai, almejando ser amado por ele em um plano erótico genital".²¹ Considerada à luz da discussão que acabamos de expor, vemos que essa idéia exprime muito mais que um desejo terno e passivo que foi degradado pela regressão, pois além e acima de tudo, ela é o resquício de um estágio muito precoce de desenvolvimento.²² Se o medo do menino de ser devorado por um lobo for encarado não apenas como um substituto por distorção da idéia de ser castrado pelo pai, mas, segundo eu sugeriria, como uma angústia primária que persistiu inalterada, ao lado das versões ulteriores e modificadas dessa angústia, deduzir-se-ia que existiu um medo ao pai, ativo nele, que con-

¹⁹ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 46.

²⁰ *Ibid.*, pág. 46.

²¹ *Ibid.*, pág. 44.

²² Parece-me importante, não somente do ponto de vista teórico, mas também do terapêutico, decidir se, ao desencadear-se a neurose do garoto, sua idéia de ser devorado recebeu simplesmente uma catexis regressiva ou se sua atividade original foi retida juntamente com as modificações ulteriores; pois interessa-nos não apenas o conteúdo de uma idéia mas, acima de tudo, a angústia a ela ligada. Não poderemos compreender totalmente uma tal angústia, quer em seu aspecto quantitativo quer qualitativo, enquanto não a reconhecermos como uma angústia subjacente a uma neurose c que é específica para o desenvolvimento de uma psicose.

tribuiu grandemente para moldar o curso anormal de seu desenvolvimento. Na fase de exacerbação do sadismo introduzida pelos instintos oral-sádicos, o desejo de introjetar o pênis do pai e a intensa agressividade oral-sádica engendram o medo de feras perigosas e devoradoras, que a criança equaciona com o pênis do pai. O resultado de seus esforços para superar e modificar esse medo ao pai dependerá em grande parte da magnitude de suas tendências destrutivas. O Homem dos Lobos não conseguiu superar essa angústia primitiva. Seu medo ao lobo, que representava seu medo ao pai, mostrou que ele havia conservado no curso dos anos a imagem do pai como lobo voraz. Efetivamente, sabemos que ele redescobriu esse lobo em suas ulteriores imagos paternas e que todo o seu desenvolvimento foi dominado por esse medo esmagador.²³

Atribuo uma importância capital a esse enorme medo ao pai na gênese de seu complexo de Édipo invertido. Ao analisar diversos meninos altamente neuróticos, entre os quatro e os cinco anos de idade,²⁴ que apresentavam traços paranóides e nos quais o complexo de Édipo invertido era predominante, convenci-me de que esse curso de desenvolvimento havia sido grandemente determinado por um medo excessivo ao pai, que persistia nas camadas psíquicas mais profundas e que havia sido gerado por uma agressividade primária extremamente violenta dirigida contra ele. Com um pai tão voraz e perigoso, esses meninos não poderiam empenhar-se na luta que certamente adviria se adotassem uma atitude edípica direta, e assim tiveram de abandonar sua atitude heterossexual. Penso que a atitude passiva do Homem dos Lobos em face do pai também se baseava em situações de angústia desta ordem, e que a sedução da irmã contribuiu meramente para reforçar e confirmar a atitude a que o medo ao pai o havia conduzido.

Freud relata que “após o sonho decisivo ele se tornou muito malcriado, procurava aborrecer a todos e comportava-se de maneira sádica”; pouco depois, manifestou-se uma franca neurose obsessiva, que a análise revelou ser bastante grave. Esses fatos parecem confirmar meu ponto de vista de que, mesmo na época de sua fobia ao lobo, ele se debatia contra suas tendências

²³ Cf. Ruth Mack Brunswick. *A Supplement to Freud's "History of an Obsessional Neurosis"* (1928).

²⁴ Minhas análises efetuadas com adultos corroboram essas observações.

agressivas.²⁵ Que na fobia de Hans a defesa contra os impulsos agressivos fosse tão claramente visível, ao passo que na do Homem dos Lobos estivesse tão profundamente oculta, parece-me ser explicada pelo fato de que este último lidava de maneira muito menos normal com sua angústia — ou sadismo primário — muito mais intensa. E o fato de a neurose de Hans não ter revelado traços obsessivos, ao passo que o Homem dos Lobos desenvolveu rapidamente uma neurose obsessiva típica, concorda com a minha tese de que, quando os traços obsessivos aparecem muito pronunciados e muito precocemente numa neurose infantil, devemos inferir a existência de perturbações muito graves.²⁶

Nas análises dos meninos em que se baseiam as minhas presentes conclusões, pude descobrir que seu desenvolvimento anormal remontava a um sadismo extremamente forte, ou melhor, a um sadismo que não havia sido modificado com êxito e que, num estágio muito primitivo, havia gerado uma angústia excessiva. O resultado foi a exclusão muito ampla da realidade e a produção de graves traços obsessivos e paranóides. O reforço dos impulsos libidinais e dos componentes homossexuais que se produziu nesses meninos, serviu para se defenderem e modificarem o medo ao pai, que surgira neles tão precocemente. Essa maneira de lidar com a angústia é, a meu ver, um fator fundamental na etiologia da homossexualidade dos paranóicos;²⁷ e a paranóia que o Homem dos Lobos desenvolveu posteriormente, tende a confirmar meu ponto de vista.²⁸

Em *The Ego and the Id* (1923), ao abordar a vida amorosa do paranóico, Freud parece corroborar minha opinião. Diz ele: “Todavia, existe ainda um outro mecanismo possível, que descobrimos através da investigação analítica dos processos res-

²⁵ Na última passagem acima citada, Freud parece deixar aberta a possibilidade de que a defesa contra os impulsos sádicos também possa ter desempenhado um papel, embora não muito manifesto, na estrutura da enfermidade do Homem dos Lobos.

²⁶ Vide capítulo 6.

²⁷ No capítulo 3, ao expor um caso de traços paranóides, procurei estabelecer uma teoria similar sobre a origem da homossexualidade feminina. O leitor recordar-se-á igualmente o que foi dito em conexão com a análise de Egon (capítulo 4). Voltarei a tratar do assunto no capítulo 12. Róheim chega à mesma conclusão, baseado em seus dados etnológicos (cf. seu artigo “Psycho-Analysis and the Folk-Tale”, 1922).

²⁸ Cf. Ruth Mack Brunswick, *op. cit.*

ponsáveis pela transformação que se produz na paranóia. Desde o início existe uma atitude ambivalente, e a transformação se efetua graças a um deslocamento reativo de catexis, por meio do qual a energia é retirada dos impulsos eróticos e utilizada para reforçar os impulsos hostis" (pág. 60). Creio que na fobia do Homem dos Lobos pode observar-se claramente a angústia não modificada, pertencente aos estádios mais precoces. Além do mais, suas relações objetais foram muito menos bem sucedidas que as do pequeno Hans. E, pela grave neurose obsessiva surgida tão prematuramente, torna-se evidente que seu estágio genital não se havia afirmado e que a influência dos impulsos anal-sádicos era demasiadamente forte. Parece que o pequeno Hans foi mais capaz de transformar seu terrífico e ameaçador superego numa imagem menos perigosa e de superar seu sadismo e sua angústia. Seu maior êxito nesse sentido manifestou-se igualmente em seu relacionamento objetal mais positivo com ambos os pais, na predominância de sua atitude ativa e heterossexual, e no fato de haver atingido satisfatoriamente o estágio genital em seu desenvolvimento.²⁹

Vamos sintetizar o que foi dito até aqui sobre a evolução das fobias. No lactante, as mais precoces situações de angústia se traduzem por certas fobias. O primeiro estágio anal, com suas zoofobias, comporta ainda objetos de natureza intensamente terrificante. No estágio anal secundário, e ainda mais no estágio genital, esses objetos angustiosos são grandemente modificados.

Acredito que o processo de modificação de uma fobia esteja ligado aos mecanismos que fundamentam a neurose obsessiva e que começam a atuar no estágio anal secundário. Parece-me que a neurose obsessiva seja uma tentativa de curar o estado psicótico que ela encobre, e que nas neuroses infantis, tanto os mecanismos obsessivos quanto os mecanismos pertencentes a um estágio evolutivo anterior já estejam em atuação.³⁰

Ao sustentar que certos elementos da neurose obsessiva de-

²⁹ Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) diz Freud: "Um caso como o do pequeno Hans não nos ajuda a tomar qualquer decisão. É verdade que aqui o impulso agressivo é tratado pela repressão, mas não antes que a organização genital tenha sido alcançada" (pág. 65).

³⁰ A neurose obsessiva é apenas um dos métodos de cura tentado pelo ego a fim de superar esta precoce angústia psicótica infantil. Um outro método será discutido no capítulo 12.

semprenham um papel importante no quadro clínico das neuroses infantis, pode parecer, à primeira vista, que eu esteja em desacordo com a opinião de Freud no que tange ao ponto de partida da neurose obsessiva. Não obstante, acredito que essa discordância possa ser atenuada ao menos em um ponto importante. É verdade que, de acordo com as minhas descobertas, as origens da neurose obsessiva residem no primeiro período da infância; mas os traços obsessivos isolados que emergem nesse período não se acham organizados naquele conjunto a que consideramos como neurose obsessiva antes da segunda infância, ou seja, antes do início do período de latência. Segundo a teoria aceita, as fixações ao estágio anal-sádico não intervêm como fatores na neurose obsessiva senão mais tarde, em resultado de uma regressão. Na minha opinião, o verdadeiro ponto de partida para a neurose obsessiva, ou seja, o ponto em que a criança desenvolve sintomas obsessivos e mecanismos obsessivos, situa-se no período da vida que é governado pelo estágio anal secundário. Essas primeiras dificuldades obsessivas apresentam um quadro um tanto diferente da neurose obsessiva, que só se declara em toda a sua plenitude, numa fase mais tardia; esse fato torna-se-nos perfeitamente compreensível quando nos recordamos que é somente mais tarde, no período de latência, que o ego, havendo adquirido maturidade e modificado suas relações com a realidade, empreende a elaboração e a síntese dos elementos obsessivos que estavam em atividade desde a primeira infância.³¹ Os caracteres obsessivos da criança pequena não são tão facilmente discerníveis também por outra razão: é que no quadro geral apresentado por uma neurose infantil, não se acham tão nitidamente em evidência como no adulto; e isso, devido à intrusão de outras perturbações mais antigas que ainda não foram superadas, e aos diversos mecanismos defensivos que ainda estão sendo empregados.

Não obstante, conforme procurei demonstrar, mesmo em crianças muito pequeninas é freqüente encontrarmos sintomas

³¹ Essas alterações serão discutidas mais detalhadamente no capítulo 10, onde procurarei demonstrar que no período de latência, a criança se acha habilitada, por sua neurose obsessiva, a fazer frente às exigências de seu ego, de seu superego e de seu id, ao passo que numa idade anterior, quando seu ego ainda não está estruturado, ela ainda não é capaz de dominar a angústia dessa maneira.

de natureza francamente obsessiva, e neuroses infantis há, cujo quadro já é dominado por uma autêntica neurose obsessiva.³² Trata-se, neste caso, de uma neurose obsessiva muito grave, em que as primeiras situações de angústia são demasiadamente poderosas, sem terem sido suficientemente modificadas.

Ao distinguir, assim, a manifestação precoce de traços obsessivos isolados da verdadeira neurose obsessiva posterior, espero ter conseguido tornar o ponto de vista aqui formulado, concernente à gênese da neurose obsessiva, mais conforme com a teoria aceita. Em *Hemmung, Symptom und Angst*, Freud diz que “o ponto de partida da neurose obsessiva é a necessidade de se defender contra as exigências libidinais resultantes do complexo de Édipo”, e que “a organização genital da libido é ainda muito frágil e tem pouco poder de resistência. Quando o ego inicia sua luta defensiva, o primeiro efeito é fazer com que a organização genital (do estágio fálico) retroceda, parcial ou totalmente, ao estágio anal-sádico precedente. Essa regressão é decisiva para tudo o que advirá a seguir” (pág. 47). Podemos igualmente considerar como regressão aquela flutuação entre as várias posições libidinais que, na minha opinião, é uma característica dos primeiros estádios de desenvolvimento, e na qual a posição genital já catexizada é continuamente abandonada por um certo tempo, até ficar adequadamente fortalecida e estabelecida. Se, ademais, minha hipótese, acerca da extrema precocidade da situação edípica for exata, então o ponto de vista aqui sustentado concernente ao ponto de partida da neurose obsessiva não somente não estaria em contradição com a opinião de Freud supracitada, mas ainda viria confirmar uma outra sugestão sua, e que ele expôs apenas como conje-

³² Vide capítulo 6 e também o caso de Rita (capítulo 3) que, quando veio à análise, aos dois anos e nove meses, já apresentava um certo número de acentuados sintomas obsessivos, sendo os principais um cerimonial muito complicado que ela efetuava na hora de dormir, e um amor exagerado à ordem e à limpeza. Este último encontrava sua expressão em um grande número de hábitos que denunciavam a inclinação obsessiva de seu caráter e na maneira como impregnava toda a sua personalidade. Ademais, esses hábitos já vinham de longe. Seu cerimonial no momento de deitar-se, por exemplo, havia começado durante o segundo ano de vida, desenvolvendo-se firmemente desde então.

Erna (vide capítulo 3), que me foi trazida aos seis anos, tinha certos sintomas obsessivos que também remontavam ao seu segundo ano de vida. Neste caso gravíssimo, a neurose, já muito precocemente, apresentava grandes similaridades com a neurose obsessiva de um adulto.

tura. Diz ele: “Talvez a regressão seja o resultado não de um fator constitucional, mas sim de um cronológico, e se torne possível não porque a organização genital da libido seja muito fraca, mas porque a luta do ego teve início demasiadamente cedo, quando a fase sádica ainda se encontrava em seu apogeu”.³³ Argumentando contra esta hipótese, ele prossegue: “Embora tampouco me atreva a fazer um pronunciamento definitivo sobre este ponto, posso dizer que a observação analítica não favorece essa suposição. Ela tende a mostrar que o indivíduo não ingressa na neurose obsessiva enquanto não atinge o estágio fálico. De mais a mais, a idade em que se desencadeia a neurose é mais avançada do que na histeria, incidindo no segundo período da infância, após o estabelecimento do período de latência...”³⁴ Essas objeções seriam em parte superadas, se adotássemos o ponto de vista aqui expresso, de que a neurose obsessiva tem seu ponto de partida no primeiro período da infância, mas não se manifesta em toda a sua plenitude antes do começo do período de latência.

A teoria da precocidade dos mecanismos obsessivos, que começariam a entrar em ação por volta do fim do segundo ano de vida, faz parte de minha tese geral de que o superego é formado nos primeiros estádios da vida infantil. Segundo esse ponto de vista, que novamente difere da teoria ortodoxa, o superego seria inicialmente sentido pelo ego como angústia, e depois, gradualmente, à medida que o estágio anal-sádico primário vai chegando ao seu termo, também como culpabilidade. Na primeira parte deste livro expus os dados empíricos sobre os quais baseei minha tese; agora, gostaria de aduzir os argumentos teóricos. Voltemos novamente a Freud. “A força motivacional de todas as formações sintomáticas ulteriores”, escreve ele, “é aqui (na neurose obsessiva) nitidamente constituída pelo medo que o ego sente do superego”.³⁵ Minha asserção de que a neurose obsessiva é um meio de modificar as primeiras situações de angústia e que o severo superego que nele figura não é outro senão o superego aterrorizante e não modificado pertencente aos estádios precoces de desenvolvimento da criança, aju-

³³ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 53.

³⁴ *Loc. cit.*

³⁵ *Ibid.*, pág. 69.

da-nos a compreender melhor, creio eu, o rigor particular do superego nessa neurose.

Os sentimentos de culpa da criança, que estão vinculados às suas tendências uretral e anal-sádicas, derivam, como constatee, dos ataques imaginários que ela faz contra o corpo da mãe durante a fase de exacerbação do sadismo.³⁰ Na análise de crianças pequenas, temos ocasião de constatar o medo que os pequerruchos sentem da mãe cruel, que exige a devolução das fezes e dos bebês que lhe foram roubados. Assim, a mãe real (ou babá) que lhe faz exigências de asseio, converte-se, em seguida, numa pessoa aterrorizante para a criança, em alguém que não somente insiste para que ela renuncie às suas fezes mas que, como lhe diz sua imaginação apavorada, pretende arrancá-las à força de seu corpo. Outra fonte de medo, ainda mais esmagador, provém de suas imagos introjetadas, por parte das quais em virtude de suas próprias fantasias destrutivas dirigidas contra os objetos externos, a criança antecipa ataques de natureza igualmente selvagem dentro de si mesma.

Nesta fase, em conseqüência da equiparação dos excrementos a perigosas substâncias venenosas e causticantes e a armas ofensivas de todos os tipos, a criança passa a sentir terror de seus próprios excrementos, como de algo que destruirá seu corpo. A equação sádica dos excrementos com substâncias destrutivas, juntamente com as fantasias de ataques efetuados com o auxílio dos mesmos, contribuem ainda mais para induzir a criança a reear ataques semelhantes tanto por parte de seus objetos externos quanto internos, e a sentir pavor dos excrementos e da sujeira em geral. Essas fontes de angústia, tanto mais esmagadoras por serem tão múltiplas, são, na minha

³⁰ O ponto de vista geralmente aceito, segundo o qual a culpabilidade que surge no estágio genital estaria associada por regressão com o aprendizado de limpeza, não toma em consideração a severidade dos sentimentos de culpa em questão, e nem sua estreitíssima ligação com as tendências pré-genitais. A impressão permanente que esse aprendizado precoce deixa na criança e a maneira como influencia a totalidade de seu desenvolvimento futuro — como podemos observar freqüentemente na análise de pessoas adultas — indica a existência de uma conexão mais direta e mais profunda entre o aprendizado inicial e os graves sentimentos de culpa. Em "Psycho-Analysis of Sexual Habits" (1925), Ferenczi sugere a existência de uma conexão mais direta entre os dois, e que pode haver uma espécie de precursor fisiológico do superego, que ele denomina de "moralidade do esfíncter".

experiencia, as causas mais profundas dos sentimentos de angústia e de culpa ligados ao aprendizado de limpeza.

As formações reativas de asco, ordem e limpeza nascem, portanto, da angústia, alimentada por várias fontes, que é engendrada nas primeiras situações de perigo. Os sentimentos reativos de piedade são mais especialmente visíveis, como sabemos, no começo do segundo estágio anal, quando as relações com os objetos já estão desenvolvidas. Nesse estágio, ademais, conforme já vimos, a aprovação dos objetos constitui-se também numa garantia de segurança e numa salvaguarda contra a destruição provida de fora e de dentro, e a restauração dos objetos é uma condição necessária para manter o próprio corpo intato.³⁷ A angústia inerente às primeiras situações de perigo está, creio eu, intimamente associada ao começo das obsessões e das neuroses obsessivas. Essa angústia relaciona-se com múltiplos danos e atos de destruição realizados dentro do próprio corpo; portanto, é em seu interior que deve ser feita a reparação. Mas a criança não pode saber nada de preciso sobre o interior de seu próprio corpo nem sobre o de seus objetos. Não pode apurar até onde seu receio de ataques e danos internos é bem fundado, e nem até onde logrou repará-los por meio de suas práticas obsessivas. O conseqüente estado de incerteza alia-se à sua intensa angústia, à qual incrementa, originando um desejo obsessivo de conhecimentos. A criança procura superar a angústia, cujo caráter imaginário desafia qualquer exame crítico, tornando-se excessivamente meticulosa e colocando uma ênfase exagerada na realidade. Vemos, assim, como a dúvida resultante dessa incerteza concorre não só para a formação de um caráter obsessivo, mas também para as inclinações à exatidão e à ordem e para a observância de certas regras e rituais.³⁸

³⁷ O ponto de vista de que as formações reativas e os sentimentos de culpa se estabelecem num período muito precoce do desenvolvimento do ego — já no segundo ano de vida — é corroborado por Abraham em uma ou duas passagens. Em "Short Study of the Development of the Libido" (1924) diz ele: "No estágio de narcisismo com propósito sexual canibal, a primeira evidência de uma inibição dos instintos aparece sob forma de uma angústia mórbida. O processo de superação dos impulsos canibais está intimamente associado com um sentimento de culpa que surge em primeiro plano como um fenômeno inibitório típico, pertencente ao terceiro estágio" (pág. 496).

³⁸ Em "Notes upon a Case of Obsessional Neurosis" (1909), Freud pondera: "A compulsão, por outro lado, é uma tentativa de compensação pela dúvida e

Outro elemento inerente às primeiras situações de angústia e que tem uma relação importante com o caráter das obsessões, é a intensidade e a multiplicidade dessa angústia — multiplicidade devida às muitas fontes de onde emana — que produz uma impulsão proporcionalmente forte para mobilizar os mecanismos de defesa. A criança sente-se premida a limpar e a recompor de maneira obsessiva tudo o que sujou, quebrou ou estragou. Ela precisa embelezar e restaurar o objeto danificado de todas as maneiras possíveis, de acordo com os detalhes e as variedades de suas fantasias sádicas.

A coerção que o neurótico obsessivo geralmente aplica também a outras pessoas é, pode-se dizer, o resultado de uma projeção múltipla. Em primeiro lugar ele está procurando desfazer-se da intolerável compulsão que o acomete, tratando seu objeto como se este fosse seu id ou seu superego e deslocando sobre ele a coerção exercida por essas duas instâncias. Assim, ao atormentar e subjugar seu objeto, ele está, incidentalmente, satisfazendo seu sadismo primário. Em segundo lugar, ele está desviando para fora, sobre os objetos externos o que, em última instância, é o medo de ser destruído ou atacado por seus objetos introjetados. Esse medo suscitou nele a necessidade compulsiva de controlar e dominar suas imagens, e como nunca pode, efetivamente, fazê-lo, procura, ao invés disso exercer sua tirania sobre os objetos-externos.

Se estou certa em meu ponto de vista de que a magnitude e intensidade das atividades obsessivas e a gravidade da neurose equivalem à extensão e ao caráter da angústia suscitada pelas primeiras situações de perigo, estaremos em condição de compreender melhor a estreita conexão que sabemos existir entre a paranóia e as formas mais agudas de neurose obsessiva. Segundo Abraham, a libido regride, na paranóia, ao primeiro dos dois estádios anal-sádicos. Pelo que me foi dado descobrir, eu tenderia a avançar ainda mais, e dizer que no primeiro estádio anal-sádico a criança, se suas primeiras situações de angústia estiverem fortemente operantes, realmente passa por estádios paranóides rudimentares, que ela normalmente supera no estádio seguinte (o segundo estádio anal-sádico); e que a gravidade de sua doença obsessiva depende da

gravidade das perturbações paranóides que imediatamente a precederam. Se os mecanismos obsessivos não conseguirem superar adequadamente essas perturbações, seus traços paranóides subjacentes aflorarão à superfície, ou poderá mesmo succumbir a uma franca psicose paranóica.

Sabemos que a supressão dos atos obsessivos provoca angústia e que esses atos, por conseguinte, servem ao propósito de dominar a angústia. Pressupondo que a angústia assim superada provenha das mais primitivas situações angustiosas, culminando no medo infantil de ter seu próprio corpo e o de seus objetos destruídos de várias maneiras, estaremos, penso eu, mais aptos a compreender o significado mais profundo de muitos atos obsessivos. A acumulação compulsiva de coisas e a distribuição das mesmas torna-se mais compreensível assim que estamos aptos a reconhecer mais claramente a natureza da angústia e da culpabilidade subjacentes à troca de gêneros no nível anal. Na análise lúdica, a compulsão a tomar para depois devolver manifesta-se de diversas maneiras. Ela ocorre, juntamente com a angústia e a culpabilidade, como reação contra as representações de atos de roubo e de destruição. As crianças, por exemplo, transferirão todo ou parte do conteúdo de uma caixa para outra, arrumando-o cuidadosamente e preservando-o com todas as demonstrações de angústia; e, se forem suficientemente grandes, contarão e recontarão o conteúdo, peça por peça. O conteúdo é muito variado e inclui fósforos queimados, cuja cinza a criança geralmente se dará ao trabalho de retirar, moldes de papel, lápis, cubos de armar, pedaços de barbante etc. Ele representa todas as coisas que a criança retirou do corpo de sua mãe: o pênis do pai, os bebês, as fezes, a urina, o leite etc. A criança pode agir da mesma maneira com blocos de papel, arrancando as folhas e guardando-as cuidadosamente em algum outro lugar. Em consequência da angústia que surge, devolver o que simbolicamente retirou do corpo da mãe não satisfaz sua compulsão de dar, ou melhor, de restaurar. A criança se vê incessantemente compelida, de diversas maneiras, a devolver mais do que tirou, se bem que suas tendências sádicas primárias irrompam continuamente em suas tendências reativas.

Assim, meu pequeno paciente John, garoto muito neurótico de cinco anos de idade, desenvolveu nesta etapa da análise a mania de contar, sintoma que não me chamou muito a atenção

por ser uma ocorrência tão usual na sua idade. Na análise, ele costumava marcar cuidadosamente a posição dos bonecos e de outros brinquedos numa folha de papel sobre a qual os havia colocado, antes de transferi-los para outra folha. Não se contentando apenas em saber onde haviam estado antes, a fim de poder recolocá-los exatamente no mesmo lugar, ele também os contava e recontava, para assegurar-se do número de coisas (isto é, fezes, o pênis do pai e os bebês) que havia tirado do corpo da mãe e que lhe tocava devolver. Assim fazendo, chamava-me de estúpida e malvada e dizia: "Não se pode tirar treze de dez ou sete de dois." Esse medo de terem de devolver mais do que possuem é típico nas crianças e pode ser explicado em parte pela diferença de tamanho entre elas e as pessoas adultas, e em parte pelas proporções que assume seu sentimento de culpa. Elas sentem que não podem, de seu pequenino corpo, devolver tudo o que tiraram do corpo da mãe, que é comparativamente tão gigantesco; e o peso de sua culpa, que as acusa incessantemente de roubarem ou destruírem a mãe ou ambos os pais, reforça seu sentimento de jamais serem capazes de devolver o suficiente. A impressão, que elas têm numa idade muito tenra, de "não saber" contribui para aumentar consideravelmente a angústia. Gostaria de retornar a este tema mais adiante.

Freqüentemente as crianças interrompem suas representações de "devolver" para irem ao banheiro defecar. Outro pequeno paciente meu, também um menino de cinco anos, às vezes tinha de ir ao banheiro quatro ou cinco vezes durante a sessão, nesta etapa da análise. Quando voltava, punha-se a contar obsessivamente, até chegar a números altos, a fim de se convencer de que tinha o suficiente para pagar o que havia roubado. Visto por esse prisma, o empilhamento anal-sádico de haveres, que parece proceder simplesmente do prazer de acumular por acumular, toma um outro sentido. Também na análise de adultos constatei que o desejo de ter à disposição uma importância em dinheiro para qualquer contingência era, na realidade, o desejo de estarem armados contra um ataque por parte da mãe que roubaram, a fim de poderem devolver o que haviam furtado. (Grande parte das vezes, a mãe desses pacientes já se achava morta há muito tempo.) O medo de serem despojados do conteúdo de seu corpo compele-os a acumularem continuamente mais dinheiro, a fim de terem "reser-

vas". Por exemplo, depois que John e eu concordamos que seu medo de não ser capaz de devolver à mãe todas as fezes e os nenês que lhe roubara o obrigava a continuar recortando coisas e a furtá-las, ele me deu outros motivos pelos quais não podia restituir tudo o que havia tomado. Disse que suas fezes se haviam dissolvido nesse ínterim; que afinal, ele as havia passado adiante o tempo todo, e que mesmo que tivesse que continuar fazendo novas fezes, jamais poderia fazer o suficiente. E que além disso, não sabia se seriam "bastante boas". Por "bastante boas" ele queria dizer, em primeiro lugar, equivalentes, em valor, ao que havia furtado do corpo da mãe. (Daí, diga-se de passagem, seu cuidado em escolher as formas e as cores nestas cenas de restituição.) Mas num sentido mais profundo, "bastante boas" significava inócuas, destituídas de veneno.³⁹ Por outro lado, sua freqüente constipação intestinal era devida à necessidade de armazenar suas fezes e guardá-las dentro dele, para não se esvaziar. Todas essas tendências conflitantes, das quais mencionei apenas algumas, provocavam-lhe uma viva angústia. Sempre que aumentava seu medo de não ser capaz de produzir a espécie correta de fezes ou uma quantidade suficiente delas, ou de não ser capaz de reparar o que havia danificado, suas tendências destrutivas primárias irrompiam novamente em toda a sua virulência; sua sede de destruição era insaciável e ele rasgava, picava e queimava as coisas que havia feito quando predominavam suas tendências reativas: a caixa que havia armado e enchido e que representava sua mãe ou o pedaço de papel sobre o qual havia desenhado o plano de uma cidade. Sua conduta, ao mesmo tempo, evidenciava plenamente todo o significado sádico primitivo dos atos de urinar e defecar. Rasgar, picar e queimar papel, molhar as coisas com água, sujá-las com cinzas ou rabiscá-las com lápis — todas essas ações serviam aos mesmos propósitos destrutivos. Molhar e sujar significava dissolver, afogar ou envenenar. Bolinhas comprimidas de papel molhado, por exemplo, representavam mísseis especialmente venenosos, por serem uma mistura de urina e de fezes. Os variados detalhes de suas representações mostravam que a significação sádica ligada aos atos de urinar e defecar constituía a causa mais profunda-

³⁹ Em seu artigo "Fear, Guilt and Hate" (1929), Ernest Jones assinala que a palavra "inocente" tem a conotação de "inofensivo", de forma que inocente quer dizer não causar mal.

mente arraigada de seu sentimento de culpa, estando subjacente ao impulso de fazer restituições que se expressava em seus mecanismos obsessivos.

O fato de que um incremento de angústia conduz a uma regressão aos mecanismos defensivos de um estágio mais antigo, mostra quão fatal é a influência exercida pelo superego esmagadoramente poderoso do período inicial de desenvolvimento. A pressão exercida pelo superego precoce reforça as fixações sádica da criança, obrigando-a a repetir incessantemente seus atos destrutivos originais, de maneira compulsiva. Seu medo de não ser capaz de reconstituir as coisas, desperta seu receio ainda mais profundo de ficar exposta à vingança dos objetos a quem, em sua imaginação, ela matou e que não cessam de importuná-la. Ela mobiliza, então, os mecanismos de defesa que pertencem aos estádios anteriores: pois a pessoa que não pode ser aplacada ou satisfeita deve ser eliminada. O frágil ego da criança não pode chegar a um acordo com um superego tão selvagem e ameaçador; e é somente depois de atingir um estágio mais avançado que sua angústia passa a ser sentida também como sentimento de culpa, mobilizando os mecanismos obsessivos. Ficamos aturdidos ao descobrir que a criança, nesse período da análise, ao obedecer às suas fantasias sádicas sob a intensa pressão de sua angústia, encontra seu maior prazer em dominar essa angústia.

A cada incremento de angústia da criança, seu desejo de possuir é eclipsado por seu desejo de poder restituir, em virtude da necessidade de ter os recursos para poder fazer frente às ameaças do superego e dos objetos. Todavia, esse desejo não poderá ser satisfeito se a angústia e o conflito ultrapassarem certos limites; assim, vemos a criança muito neurótica labutando sob a contínua compulsão de tomar a fim de poder dar. (Esse fator psicológico, devemos frisar, entra em todos os distúrbios funcionais dos intestinos, assim como em grande número de afecções somáticas.) Inversamente, à medida que decresce a violência da angústia, as tendências reativas também perdem seu caráter violento e compulsivo, tornando-se mais regulares e estáveis, e fazem sentir seu efeito de forma mais moderada e contínua, ficando menos sujeitas a interrupções por parte das tendências destrutivas. E agora, a idéia da criança de que a restauração de sua própria pessoa depende da restauração de seus objetos, vai se tornando cada vez mais

clara. Suas tendências destrutivas, porém, não ficaram inoperantes; apenas perderam seu caráter de violência e se tornaram mais adaptáveis às exigências do superego. E se bem que elas participem das formações reativas — na segunda das duas etapas sucessivas de que se compõe o ato obsessivo — submetem-se mais facilmente à direção do superego e do ego e estão mais livres para perseguirem os objetivos sancionados por essas instituições.

Como sabemos, existe uma íntima conexão entre os atos obsessivos e a “onipotência de pensamento”. Freud salientou que as primitivas práticas obsessivas dos povos pouco desenvolvidos são de caráter essencialmente mágico. Diz ele: “Se não mágicas, são pelo menos contramágicas, e são destinadas a prevenir a expectativa do mal com que a neurose costuma começar.” E acrescenta: “As fórmulas preventivas da neurose obsessiva também têm o seu reverso nos encantamentos mágicos. Ao descrever a evolução dos atos obsessivos, podemos notar que começam como magias contra desejos maléficos, tão remotas quanto possível de tudo o que seja sexual, apenas para terminarem substituindo as atividades sexuais proibidas, que elas procuram imitar fielmente.”⁴⁰ Por aqui vemos que os atos obsessivos são uma contramagia, um escudo contra desejos maus (isto é, desejos de morte),⁴¹ e ao mesmo tempo atos sexuais.

Seria de se esperar reencontrar esses elementos que se uniram numa ação defensiva, nas fantasias e nos atos que suscitaram o sentimento de culpa, convocando essa ação defensiva. Uma mescla desse tipo de magia, de desejos maus e de atividades sexuais pode ser encontrada, penso eu, numa situação que foi detalhadamente descrita no capítulo precedente, a saber: as atividades masturbatórias da criança pequena. Lá salientei que as fantasias masturbatórias que acompanham o começo do conflito edípico são, como o conflito edípico mesmo, completamente dominadas pelos instintos sádicos; que elas se centralizam na copulação dos pais e dizem respeito a ataques sádicos dirigidos contra eles, convertendo-se, assim, numa das fontes mais profundas da culpabilidade da criança. E cheguei

⁴⁰ *Totem und Tabu* (1912), pág. 108.

⁴¹ Com referência ao neurótico obsessivo, diz Freud, em *Totem und Tabu* (1912): “E, não obstante, seu sentimento de culpa é justificado; baseia-se nos intensos e frequentes desejos de morte que surgem em seu inconsciente contra os seus semelhantes” (pág. 145).

à conclusão de que é o sentimento de culpa decorrente dos impulsos destrutivos dirigidos contra os pais que torna a masturbação e a atividade sexual em geral algo iníquo e proibido para a criança, de sorte que sua culpabilidade está realmente ligada aos instintos destrutivos e não aos libidinais e incestuosos.⁴²

Segundo meu ponto de vista, o conflito edípico, com suas acompanhantes fantasias sádicas masturbatórias, começa na fase do narcisismo, em que o sujeito tem, para citar Freud, "... alta estima por seus próprios atos psíquicos... o que, do nosso ponto de vista, é uma superestimação dos mesmos".⁴³ Esta fase é caracterizada por um sentimento de onipotência por parte da criança no tocante às funções de sua bexiga e de seus intestinos, e pela crença conseqüente na onipotência de seus pensamentos.⁴⁴ Como resultado, sente-se culpada pelos múltiplos assaltos aos pais, que ela em imaginação efetua. Mas este excesso de culpa que resulta da crença na onipotência de seus excrementos e pensamentos é, a meu ver, justamente um dos fatores que levam os neuróticos e os povos primitivos a conservarem e a regredirem aos seus sentimentos originais de onipotência. Quando a culpabilidade mobiliza atos obsessivos à guisa de defesa, eles empregarão sua culpabilidade para o propósito da reparação. Mas agora terão que sustentá-la compulsiva e exageradamente, pois, é essencial que esses atos de reparação que realizam, sejam baseados na onipotência, tal como o eram os atos originais de destruição.

⁴² No capítulo 1 já havia eu assinalado a concordância existente entre os meus próprios pontos de vista a esse respeito e algumas conclusões de Freud em *Civilization and its Discontents* (1930), onde escreve: "Portanto, é somente a agressão que se transforma em culpa, ao ser suprimida e passada ao superego. Estou convencido de que muitíssimos processos ficarão mais simples e claramente explicados se restringirmos as descobertas da psicanálise com respeito à origem do sentimento de culpa, aos instintos agressivos" (pág. 131). E também: "Inclinamo-nos agora a sugerir o seguinte, como possível formulação: quando uma tendência instintiva sofre repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa" (pág. 132).

⁴³ *Totem und Tabu* (1912), pág. 110.

⁴⁴ Ferenczi salientou, em seu trabalho, "Stages in the Development of a Sense of Reality" (1913), a conexão entre as funções anais e a onipotência das palavras e dos gestos. Cf. também Abraham, "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes in Dreams and Neurosis" (1920).

“É difícil”, diz Freud, “saber se esses primeiros atos obsessivos e propiciatórios seguem o princípio da similaridade (ou contraste), pois dentro da estrutura da neurose eles se acham usualmente distorcidos pelo deslocamento em alguma bagatela, em alguma ação que é por si mesma totalmente insignificante”.⁴⁵ A análise das crianças pequenas dissipava totalmente essa dúvida; ela nos prova que os mecanismos de reparação, tanto em natureza como em intensidade, se baseiam, em todos os pontos, nesse princípio de semelhança (ou contraste). Se, em associação com as fantasias sádicas, persistirem sentimentos primários muitos fortes de onipotência, a criança terá que ter uma crença muito forte na onipotência criativa que deve ajudá-la em suas tentativas de reparação. Vemos claramente, nas análises de crianças e de adultos, a que ponto esse fator favorece ou inibe um comportamento construtivo e reativo desse gênero. O sentimento de onipotência do sujeito com referência às suas aptidões reparadoras não é absolutamente igual ao seu sentimento de onipotência referente às suas aptidões destrutivas; não nos esqueçamos que as formações reativas se estabelecem numa fase do desenvolvimento do ego e das relações objetais em que a criança adquiriu um conhecimento mais exato da realidade. Assim, se bem que um sentimento exagerado de onipotência seja uma condição necessária para o indivíduo poder fazer reparações, elas estarão prejudicadas desde o início por sua falta de confiança em suas capacidades reparadoras.⁴⁶

Em algumas análises, constatei que um fator suplementar agravava o efeito dessa desproporção entre as potencialidades destrutivas e reparadoras. Quando o sadismo primário do paciente e seu sentimento de onipotência haviam sido, nos primeiros anos de vida, excessivamente intensos, suas tendências reativas encontravam-se igualmente reforçadas, e suas fantasias de reparação baseavam-se então em fantasias megalomaniacas. Em sua imaginação infantil a devastação produzida era algo único e gigantesco; por conseguinte, a reparação que

⁴⁵ *Totem und Tabu* (1912), pág. 108.

⁴⁶ Ao debater esse tema, M. N. Searl acentuou que o impulso reparador da criança também é inibido por sua experiência prematura que lhe ensina como é fácil quebrar coisas, mas como é extremamente difícil recompô-las. Penso que evidências concretas desse tipo devem contribuir para aumentar suas dúvidas a respeito dos próprios poderes criativos.

me tocava fazer também deveria ser única e gigantesca. Isso por si só já bastaria para impedir a realização das tendências construtivas (embora eu deva mencionar que dois dos meus pacientes possuíam indubitavelmente dotes artísticos e criativos excepcionais). Mas essas fantasias megalomaníacas não impediam que os pacientes desse tipo alimentassem dúvidas muito sérias quanto ao fato de possuírem a onipotência necessária para fazer reparações nessa escala. Em consequência, procuravam negar sua onipotência também nos atos de destruição. Mas qualquer indício de haverem usado a onipotência num sentido positivo seria uma prova de havê-la usado num sentido negativo; por conseguinte, deveria ser evitada até que estivessem plenamente convictos do perfeito equilíbrio das manifestações opostas de sua onipotência. Nos dois casos de adultos a que me refiro, a atitude de “tudo ou nada”, resultante dessas tendências conflitivas, havia comprometido gravemente sua capacidade de trabalho; enquanto que em alguns de meus pacientes infantis havia contribuído para inibir gravemente o processo de sublimação.

Esse mecanismo não parece ser típico da neurose obsessiva. Observei-o em pacientes que apresentavam um quadro clínico complexo, não puramente obsessivo. Graças ao mecanismo, tão importante nessa neurose, do “deslocamento para bagatelas”, o paciente obsedado contenta-se em procurar em realizações insignificantes uma prova de sua onipotência construtiva e de sua capacidade de reparação integral. As dúvidas que ele possa abrigar⁴⁷ constituem, nesse caso, um incentivo para repetir seus atos de maneira obsessiva.

É sabido que o instinto epistemofílico está intimamente vinculado ao instinto sádico. “Temos não raro a impressão”, escreve Freud, “de que o desejo de saber, em particular, pode realmente substituir o sadismo no mecanismo da neurose obsessiva.”⁴⁸ Pelo que me foi dado observar, esse elo se estabeleceu num momento muito precoce da formação do ego, durante a fase de exacerbação do sadismo. Nessa época, os intintos epis-

⁴⁷ Em seu trabalho “Notes upon a Case of Obsessional Neurosis” (1909), Freud acentua que a dúvida é, na realidade, a dúvida de seu próprio amor e que “o homem que duvida de seu próprio amor pode, ou melhor, *deve* duvidar de tudo” (pág. 376).

⁴⁸ “The Predisposition to Obsessional Neurosis” (1924).

temofílicos são ativados pelo conflito edípico incipiente, que começa favorecendo as inclinações oral-sádicas.⁴⁹ Seu primeiro objeto parece ser o interior do corpo da mãe, que a criança considera, primeiro, como objeto de gratificação oral, e depois como o cenário onde se efetua o coito dos pais e onde se situam o pênis paterno e os bebês. Ao mesmo tempo que deseja penetrar à força no corpo da mãe para se apoderar de seu conteúdo e destruí-lo, ela deseja saber o que se passa e como são as coisas lá por dentro. O desejo de conhecer o interior da mãe e o de lá penetrar à força são postos em equação, reforçando-se mutuamente e tornando-se intercambiáveis. Assim, formam-se os elos que unem as tendências sádicas, elevadas à sua potência máxima, ao instinto epistemofílico nascente, e torna-se mais fácil compreender porque esse laço é tão estreito e porque o instinto epistemofílico desperta sentimentos de culpa no indivíduo.

Vemos a criancinha oprimida por uma série de perguntas e de problemas com os quais seu intelecto ainda não está apto a se avir. A recriminação típica, que ela faz sobretudo à mãe, é de que esta não responde às suas perguntas, e não satisfaz mais ao seu desejo de saber do que satisfazia aos seus desejos orais. Essa recriminação desempenha um papel importante tanto no desenvolvimento do caráter da criança como no de seus instintos epistemofílicos. Tal acusação deve remontar a uma época muito primitiva, em que a criança ainda não sabia falar, pois essa queixa é freqüentemente associada a uma outra, que se refere a esse período precoce, e na qual ela se queixa de que não conseguia entender o que os adultos diziam ou as palavras que empregavam. De mais a mais, essas duas recriminações, quer surjam isoladamente quer reunidas, são extraordinariamente carregadas de afeto; e nesses momentos, a criança começará a falar, na análise, de maneira a não ser compreendida, enquanto reproduz a raiva que sentiu originalmente ao ser incapaz de compreender o que se dizia.⁵⁰ Ela não consegue expressar em palavras as perguntas que gostaria de formular e seria incapaz de compreender qualquer resposta que lhe fosse dada por meio de palavras. Todavia, ao menos parte des-

⁴⁹ Cf. Abraham, "Psycho-Analytical Studies on Character-Formation" (1925).

⁵⁰ Rita, minha paciente de dois anos e nove meses, tinha o hábito de fazer isso comigo, em sua análise (vide capítulo 2).

sas perguntas jamais se tornou consciente. A decepção a que estão condenadas as primeiras manifestações do instinto epistemofílico durante os estádios iniciais de desenvolvimento do ego constitui-se, a meu ver, na causa mais profunda das graves perturbações desse instinto em geral.⁵¹

Vimos que, em primeiro lugar, são os impulsos sádicos contra o corpo da mãe que ativam o instinto epistemofílico da criança. Mas a angústia suscitada por esses impulsos reforça e incrementa novamente esse instinto. A necessidade de descobrir o que há no interior de sua mãe e dentro de seu próprio corpo é reformada pelo temor aos perigos que ela supõe existirem no interior da genitora, e pelo medo aos perigosos objetos introjetados e às ocorrências dentro de seu próprio corpo. O conhecimento torna-se agora um meio de dominar a angústia; e seu desejo de saber converte-se num fator importante tanto no desenvolvimento de seus instintos epistemofílicos quanto de sua inibição. A angústia desempenha aqui o mesmo papel de agente promotor e retardador que desempenhou no desenvolvimento da libido. Tivemos ocasião, nas páginas anteriores, de discutir alguns exemplos de perturbações graves do instinto epistemofílico,⁵² e vimos o terror que se apodera da criança quando ela toma conhecimento da terrível destruição ocasionada, em fantasia, ao interior da mãe, e das represálias não menos terríveis a que ficou exposta. Em decorrência, seu desejo de saber em geral sofre uma perturbação radical, de sorte que sua curiosidade original, tão intensa e insatisfeita, de obter informações sobre a forma, as dimensões e o número dos pênis do pai, dos excrementos e dos bebês contidos dentro da mãe, transforma-se numa necessidade compulsiva de contar, somar e medir.

Com o reforço dos impulsos libidinais e o enfraquecimento das tendências destrutivas, produzem-se mutações qualitativas no superego, de sorte que o ego passa a senti-lo cada vez mais como influência admonitória. Com a diminuição da angústia, os mecanismos de reparação, havendo perdido seu caráter obsessivo, passam a operar mais firme e eficientemente e com

⁵¹ O ódio sentido por gente que fala outro idioma e a dificuldade em aprender uma língua estrangeira parecem-me serem derivados dessas primeiras decepções do instinto epistemofílico.

⁵² Cf. os casos de Erna (capítulo 3), de Kenneth (capítulo 4) e de Ilse (capítulo 5).

melhores resultados; e as reações de um nível especificamente genital emergem mais claramente. O advento do estágio genital traduziria, pois, o triunfo dos elementos positivos nas interações que se verificam entre projeção e introjeção e entre a formação do superego e as relações objetais, e que, na minha opinião, dominam todos os estádios iniciais de desenvolvimento da criança.

O SIGNIFICADO DAS PRIMEIRAS SITUAÇÕES DE ANGÚSTIA NO DESENVOLVIMENTO DO EGO

UM dos principais problemas apresentados pela psicanálise é o da angústia e suas modificações. Pode-se considerar as diversas afecções psiconeuróticas que acometem o indivíduo como tentativas mais ou menos mal sucedidas de dominar a angústia. Mas, lado a lado com esses métodos de dominar a angústia e que podem ser considerados como patológicos, há um outro grupo de métodos normais, cuja importância para o desenvolvimento do ego é considerável. É para alguns desses métodos que voltaremos nossa atenção nas páginas seguintes.

No início de seu desenvolvimento, o ego está sujeito à pressão das precoces situações de angústia. Por ser ainda muito frágil, ele se vê exposto, por um lado, às violentas incitações do id e, por outro, às ameaças de um superego cruel, e precisa exercer suas faculdades ao máximo a fim de satisfazer a ambas as partes. A descrição que Freud faz do ego como sendo “uma pobre criatura constrangida a servir três amos e conseqüentemente ameaçada por três perigos diversos”,¹ é especialmente

¹ *The Ego and the Id* (1923), pág. 82.

verdadeira quando aplicada ao ego imaturo e frágil da criança, cuja tarefa principal é a de subjugar e dominar a pressão exercida pela angústia.²

Ao brincar, até a criança mais pequenina procurará superar suas experiências desagradáveis. Freud descreveu como um garotinho de dezoito meses procurou consolar-se da ausência temporária de sua mãe, atirando inúmeras vezes um carretel de madeira, atado a um pedaço de barbante, de forma a fazê-lo desaparecer, para em seguida puxá-lo fazendo-o reaparecer.³ Freud reconheceu nesse comportamento uma função de importância geral no brinquedo infantil. Graças a este, a criança converte as experiências que suportou passivamente em um desempenho ativo e transforma a dor em prazer, ao dar às experiências originalmente dolorosas um final feliz.

A análise das crianças pequenas revelou que, ao brincar, a criança não somente supera a realidade penosa,⁴ mas que o brinquedo a ajuda a dominar seus medos instintivos e perigos internos, pela projeção destes no mundo exterior.⁵

O esforço dispendido pelo ego a fim de deslocar os processos intrapsíquicos para o exterior está associado a uma outra função mental, que Freud nos deu a conhecer a propósito dos sonhos traumáticos dos neuróticos. "Estes sonhos", diz ele, "têm por objetivo restabelecer o controle dos estímulos provocando no sujeito um estado angustioso, cuja omissão ocasionou a neurose

² Em alguns casos extremos esta pressão pode ser tão violenta que coibe completamente o desenvolvimento do ego. Mas mesmo em casos menos anormais ele pode agir não somente como agente promotor, mas também retardador desse desenvolvimento. Como em todos os processos evolutivos, para que o ego possa ter um efeito favorável, é necessária uma certa relação ótima entre os fatores cooperantes.

³ *Beyond the Pleasure-Principle* (1920), pág. 12.

⁴ Nos dois capítulos precedentes vimos que, nos estádios iniciais de desenvolvimento do indivíduo, o ego não está suficientemente apto a tolerar a angústia instintiva e o medo aos objetos internalizados, e procura proteger-se, em parte, pela escotomização e negação da realidade psicológica.

⁵ Freud considera as origens da projeção como um "modo de conduta e de comportamento em face das excitações que proporcionam um excesso de dor. Haverá uma tendência para tratar essas excitações como se estivessem agindo não de dentro, mas de fora, a fim de que lhe seja possível aplicar contra elas a medida defensiva da barreira contra os estímulos (*Reizschutz*). Esta é a origem da projeção, para a qual está reservado um papel tão importante na produção dos estados patológicos" (*Beyond the Pleasure-Principle*, 1920, pág. 33).

traumática. Eles nos permitem, assim, descobrir uma função do aparelho psíquico que, sem contradizer o princípio do prazer é, não obstante, independente deste, e parece ter uma origem mais remota que o propósito de obter prazer e evitar a dor".⁶ As tentativas sempre renovadas da criança de dominar a angústia em seus folguedos também me parecem envolver "um controle dos estímulos provocando no sujeito um estado angustioso".⁷ Esse deslocamento dos perigos instintivos e internos para o mundo exterior habilita a criança não só a vencer melhor o medo que lhe inspiram, mas também a estar mais preparada contra eles.

O deslocamento da angústia, provinda de causas intrapsíquicas, para o mundo exterior, acompanha a deflexão do instinto destrutivo para fora, e tem o efeito de acentuar a importância dos objetos, pois é em relação a esses objetos que serão agora ativados tanto os impulsos destrutivos como as tendências positivas e reativas.⁸ Os objetos convertem-se, assim, num manancial de perigos para a criança, apesar de que, quando são sentidos como bons, representem um refúgio contra a angústia.

Além do alívio que proporciona ao possibilitar que os estímulos instintivos internos sejam tratados como se fossem externos, outras vantagens decorrem do mecanismo de projeção, graças ao deslocamento da angústia relacionada com os perigos internos, para o mundo exterior. Os instintos epistemofílicos da criança que, assim como os impulsos sádicos, haviam sido dirigidos para o interior do corpo da mãe, são intensificados por seu medo aos perigos e aos atos de destruição que estão ocorrendo no interior da mãe e dentro de seu próprio corpo, e a respeito dos quais ela não tem meios de saber. Mas, quando os perigos de que se crê ameaçada são reais e externos, ela está apta a descobrir algo mais sobre a sua natureza e a saber se

⁶ *Ibid.*, pág. 37.

⁷ Com referência à íntima relação entre sonhos e folguedos, vide o capítulo 1 deste livro; como também meu trabalho "Personification in the Play of Children" (1929).

⁸ Ao relatar o incidente do garotinho e do carretel, Freud interpretou o ato de atirar o carretel fazendo-o desaparecer, como sendo a expressão de impulsos sádicos e de vingança. Penso que o ato subsequente de fazer o carretel reaparecer (isto é, fazer a mãe voltar) era igualmente a expressão de uma restauração mágica do objeto (sua mãe) a quem ele havia morto simbolicamente ao atirá-lo fora.

as medidas que adotou contra eles foram bem sucedidas, o que lhe dá mais ensejo de superá-los. Esse teste da realidade, tão necessário à criança, incentiva o desenvolvimento de seu instinto epistemofílico, assim como de muitas outras atividades. De fato, creio que podemos dizer que todas as atividades que ajudam a criança a defender-se do perigo, que opõem um desmentido aos seus temores e que lhe permitem fazer reparação aos objetos, são destinadas, da mesma forma como as primeiras manifestações de seus impulsos lúdicos, a dominar a angústia suscitada pelos objetos, tanto externos como internos, reais como imaginários.

Em consequência da interação entre os mecanismos de introjeção e de projeção, processo que corresponde à interação da formação do superego e das relações objetais,⁹ a criança encontra uma refutação aos seus temores no mundo exterior e, concomitantemente, através da introjeção de seus “bons” objetos reais, um alívio à sua angústia. Visto que a presença e o amor de seus objetos reais também ajudam a criancinha a diminuir seu medo aos objetos introjetados e seu sentimento de culpa, seu medo aos perigos internos reforça sua fixação à mãe e sua necessidade de amor e de proteção. Freud explica que as manifestações de angústia que nos são compreensíveis na criança pequena têm, em última análise, uma única causa: “a ausência da pessoa amada ou suspirada”;¹⁰ e ele faz remontar a angústia a um estágio em que o indivíduo imaturo era totalmente dependente de sua mãe. Sentir-se solitário sem a pessoa amada ou desejada, experimentar uma perda de amor ou uma perda de objeto como perigo, ter receio de ficar a sós no escuro com uma pessoa desconhecida — tudo isso, conforme constatei, são formas modificadas das primeiras situações de angústia, isto é, do medo da criancinha em face de seus perigosos objetos internalizados e externos. Numa etapa evolutiva um pouco mais avançada acresce-se a esse medo do objeto um medo pelo objeto; e a criança agora teme que sua mãe venha a morrer em consequência de seus ataques imaginários contra ela e receia ficar abandonada e desamparada. A esse propósito Freud disse que toda criança pequena “ainda não consegue distinguir entre uma ausência temporária e uma perda definitiva. Todas as vezes

⁹ Vide capítulo 9.

¹⁰ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 77.

que sua mãe deixa de aparecer ela se comporta como se nunca mais fosse tornar a vê-la; e é somente após experiências repetidas que ela aprende que uma tal ausência é seguida de um retorno seguro”.¹¹

De acordo com minhas observações, se a criança necessita ter sempre a mãe consigo é para convencer-se não só de que não está morta, mas também de que não é a mãe “má” que ataca. É necessária a presença de um objeto real para combater o medo que lhe inspiram seu superego e seus aterrorizantes objetos introjetados. A medida que progridem suas relações com a realidade, a criança passa a utilizar cada vez mais suas relações objetais e suas diversas atividades e sublimações como pontos de apoio contra o medo ao superego e aos impulsos destrutivos. Já foi dito que a angústia estimula o desenvolvimento do ego. Isto se dá porque, no empenho de dominar a angústia, o ego da criança convoca o auxílio de suas relações com os objetos e com a realidade. Esses esforços são, portanto, de fundamental importância na adaptação da criança à realidade e no desenvolvimento de seu ego.

O superego e o objeto da criança não são idênticos; mas ela se empenha continuamente no sentido de torná-los intercambiáveis, em parte com a finalidade de diminuir seu medo ao superego, e em parte para estar melhor capacitada a se subme-

¹¹. *Ibid.*, pág. 113. Mas a criança só poderá convencer-se de experiências reconfortantes desse tipo se suas primeiras situações de angústia não estiverem predominando e desde que, na formação de seu superego, suas relações com os objetos reais tenham tido uma participação suficiente. Tenho observado muitas e muitas vezes que também nas crianças maiores a ausência da mãe reativa as primeiras situações de angústia, sob cuja pressão haviam, quando pequenas, sentido a ausência temporária como permanente. Em meu artigo “Personification in the Play of Children” (1929), relatei o caso de um menino de seis anos que me fez representar o papel de “mãe fada” que devia protegê-lo de seus “maus” pais combinados e matá-los. Além do mais, tocava-me sempre transformar-me de “mãe fada” em “mãe má”, e isso repentinamente. Como “mãe fada” eu devia curar os ferimentos fatais que uma enorme fera selvagem (a imagem combinada de seus “maus” pais) lhe havia infligido; mas no momento seguinte queria que eu fosse embora e voltasse sob a forma da “mãe má” para atacá-lo. Ele dizia: “Quando a mãe fada sai da sala, a gente nunca sabe se ela não vai voltar, de repente, como mãe má.” Este menino, que tinha uma fixação excepcionalmente forte à mãe desde os seus primeiros anos, vivia com a idéia perpétua de que algum mal havia acometido seus pais, seus irmãos e irmãs. Mesmo que ele tivesse acabado de ver a mãe um minuto antes, não tinha certeza de que ela não havia morrido nesse ínterim.

ter às exigências de seus objetos reais, que não coincidem com as ordens, insuficientemente fundamentadas na realidade, de seus objetos introjetados. Vemos assim que no topo do conflito entre o superego e o id e na contradição entre as várias exigências feitas pelo próprio superego — uma vez que este é constituído de imagens muito diferentes que se formaram no curso do desenvolvimento — o ego da criancinha fica sob o ônus dessa divergência entre os preceitos de seu superego e os preceitos de seus objetos reais; essa oposição terá como resultado uma oscilação contínua entre os objetos introjetados e os objetos reais, entre o mundo da fantasia e o mundo da realidade.

A tentativa de efetuar um ajuste entre o superego e o id não pode ser bem sucedida na primeira infância, pois a pressão do id e a correspondente severidade do superego absorvem toda a energia do ego. No começo do período de latência, quando o desenvolvimento da libido e a formação do superego já se completaram, o ego é mais forte e pode fazer face à tarefa de efetuar um acordo entre os fatores em causa. O ego fortalecido une-se ao superego para estabelecer um preceito comum, que implica acima de tudo na sujeição do id e em sua adaptação às exigências dos objetos reais e do mundo exterior. Nesse período evolutivo, o ideal do ego é o menino “bonzinho” e bem comportado, que proporciona satisfação a seus pais e professores.

Todavia, esse equilíbrio é destruído no período que antecede a puberdade e, mais especialmente, na própria puberdade. O ressurgimento da libido que se verifica nesse momento, reforça as exigências do id, e a pressão do superego é concomitantemente incrementada. O ego torna a ser duramente pressionado e é obrigado a chegar a um novo compromisso, pois o antigo se revelou ineficaz, e os impulsos instintivos não podem ser mais contidos e restringidos como no período de latência. A angústia da criança é aumentada pelo fato de que seus instintos podem agora irromper mais facilmente na realidade, e com conseqüências mais sérias do que na primeira infância.

O ego, em concordância com o superego, estabelece, portanto, um novo preceito: que o indivíduo se liberte de seus primeiros objetos de amor. Vemos o adolescente freqüentemente em desavença com seu ambiente e em busca de novos objetos. Essa necessidade novamente se harmoniza, em certa medida, com a

realidade, que nessa idade impõe obrigações diferentes e mais elevadas; no curso de seu desenvolvimento ulterior, o abandono dos objetos "originais" leva o adolescente a desprender-se das pessoas e a substituí-las por outros objetos, menos pessoais e mais abstratos, como os princípios e os ideais.

O equilíbrio psíquico só se estabelece definitivamente depois de atravessado o período da puberdade. O ego e o superego podem então trabalhar em conjunto para a criação de preceitos adultos. O indivíduo, ao invés de depender de seu ambiente imediato, passa a adaptar-se ao mundo mais vasto, e reconhece as exigências do mesmo, mas como regras que correspondem mais aos seus próprios valores internos, independentes e pessoais, e que não mais exibem aqueles sinais evidentes de lhe haverem sido impostas por seus objetos. Esse compromisso repousa na aceitação de uma nova realidade e é efetuado com o auxílio de um ego mais vigoroso. E, assim como no primeiro período de expansão da vida sexual, a pressão decorrente da situação ameaçadora criada pelas exigências exageradas do id e do superego contribui grandemente para fortalecer o ego. O efeito inibidor dessa pressão observa-se na nova limitação da personalidade, geralmente definitiva, que se produz no fim da puberdade. A expansão da vida imaginativa, que acompanha, embora em grau menor do que na primeira infância, esse redespertar da sexualidade, é, via de regra, mais uma vez severamente truncada. E agora temos à nossa frente o adulto "normal".

Outro ponto. Vimos que, na primeira infância, o superego e o id ainda não podem se reconciliar. No período de latência, o equilíbrio é alcançado graças ao congraçamento do ego e do superego, unidos na perseguição de um fim comum. Na puberdade, cria-se uma situação análoga à da primeira infância, à qual se segue mais uma vez o equilíbrio psíquico. Já discutimos as diferenças entre esses dois tipos de equilíbrio; vejamos agora o que eles têm em comum. Em ambos os casos o ajuste é efetuado com o ego e o superego erigindo de comum acordo um conjunto de regras comuns e estabelecendo um ideal do ego que toma em consideração as exigências da realidade.¹²

¹² Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) diz Freud: "O ego comanda o acesso à consciência (percepções) e a translação dos impulsos para ação no mundo exterior (motricidade); em sua função repressiva, ele exerce seu poder nas duas direções". Por outro lado, diz: "Mostramos a sua (do ego) dependência

Na Primeira Parte deste livro procurei demonstrar que a formação do superego e o desenvolvimento libidinal cessam no começo do período de latência. Quero agora dar ênfase a um ponto que me parece de importância capital. Nos vários estádios que se sucedem ao declínio do conflito edípico, o que se nos apresenta não são modificações do superego, mas sim um crescimento do ego, que implica numa consolidação do superego. Penso que o processo de estabilização psíquica que se verifica durante o período de latência não decorre de uma metamorfose do superego, mas do fato de que o ego e o superego estão perseguindo um fim comum: lograr uma adaptação ao ambiente, adotando ideais do ego pertencentes a esse ambiente.

De nossa discussão sobre o desenvolvimento do ego passaremos agora a examinar qual a relação deste processo com o domínio das situações de angústia.

Eu disse que as atividades lúdicas da criancinha, erigindo uma ponte sobre o golfo que separa a fantasia da realidade, ajudam-na a dominar seu medo aos perigos internos e externos. Tomemos o jogo típico das meninas pequenas, "brincar de mamãe". A análise de crianças normais nos ensina que esse brinquedo não é somente a realização de um desejo, mas que ele encerra uma angústia das mais arcaicas, ligada às primeiras situações de angústia. Aprendemos mesmo a ver, na paixão que a menina pequena manifesta pelas bonecas, uma necessidade de ser consolada e tranqüilizada. Possuir bonecas é uma prova de que sua mãe não lhe roubou os bebês nem lhe destruiu o corpo, e de que ela mesma é capaz de ter filhos. Além do mais, ao alimentar e vestir as bonecas, com as quais se identifica, ela obtém a prova de que sua mãe a ama, e isso diminui seu medo de ser abandonada e ficar ao desamparo, sem lar e sem mãe. Em certa medida, esse propósito também existe em outros folguedos de crianças de ambos os sexos, como por exemplo mobiliar casas e fazer viagens, que brotam do anseio de encontrar um novo lar, isto é, de redescobrir a mãe.

Um jogo típico de menino, que exprime bastante claramente os componentes masculinos, é brincar com carrinhos, cavalos e trenzinhos: é uma penetração simbólica no interior da mãe.

do id e do superego, sua impotência e sua tendência à angústia em face de um e de outro" (pág. 32). Minha teoria da evolução do ego concorda com essas duas asserções, pois ela mostra como as forças do superego e do ego reagem uma sobre a outra, determinando todo o curso do desenvolvimento do indivíduo.

Ao brincarem, os meninos fazem continuamente, e com todos os tipos de variações, cenas de copulação com a mãe e de lutas com o pai no interior da genitora. A audácia, a perícia e a astúcia com que se defendem dos inimigos em seus jogos guerreiros, assegura-lhes a vitória sobre o pai castrador, e isso diminui o medo que este lhes inspira. Através desses meios, e demonstrando sua bravura nas repetidas encenações de cópula com a mãe, que o menino representa das mais diversas maneiras, ele procura provar a si mesmo que possui um pênis e potência viril, duas coisas cuja perda ele temia, levado por suas mais profundas situações de angústia. E posto que, a par com suas tendências agressivas, também suas tendências restauradoras surgiram nesses brinquedos, ele se persuade de que seu pênis não é destrutivo, aliviando, destarte, seu sentimento de culpa.¹³

O intenso prazer que as crianças não inibidas encontram em seus jogos, procede não somente da gratificação de seus impulsos de realização de desejos, mas também porque o brinquedo concorre grandemente para o domínio de sua angústia. Todavia, não se trata simplesmente de duas funções separadas e independentes; o ego emprega cada um dos mecanismos de realização de desejos também com o propósito de dominar a angústia. Assim, graças a um processo complicado que mobiliza todas as forças do ego, os jogos infantis transformam a angústia em prazer. Veremos mais adiante como esse processo fundamental influi sobre a economia da vida psíquica e sobre a evolução do ego no adulto.

Não obstante, quando se trata de crianças pequenas, o ego não consegue senão parcialmente triunfar sobre a angústia por meio do brinquedo. Este não as ajuda a superarem completamente o medo aos perigos internos. Enquanto está latente, a angústia, que nelas está sempre operante, faz-se sentir como impulsão contínua para brincar; mas assim que se torna manifesta, interrompe o jogo.

Ao ingressar no período de latência, a criança passa a dominar melhor sua angústia, mostrando-se, ao mesmo tempo mais apta a corresponder às exigências da realidade. Por outro lado, os jogos perdem seu conteúdo imaginativo, sendo, gradualmente, substituídos pelo trabalho escolar. A preocupação da criança com as letras do alfabeto, números aritméticos e

¹³ Esse assunto será aprofundado no capítulo 12.

desenhos, que inicialmente têm o caráter de uma brincadeira, substitui amplamente os brinquedos. O interesse pela maneira como as letras se juntam, dispô-las na ordem certa, escrevê-las na forma correta, traçá-las todas do mesmo tamanho, e o deleite em acertar cada um desses detalhes, emanam das mesmas causas internas de onde fluía a atividade anterior de construir casas e brincar com bonecas. Um caderno bonito, bem apresentado e em ordem, tem para a menina o mesmo significado simbólico de casa e lar, ou seja, o de um corpo saudável e intacto. As letras e os números, que representam pais, irmãos e irmãs, órgãos genitais e excrementos, são veículos para as suas tendências agressivas originais e reativas. A refutação de seus temores, que ela anteriormente obtinha brincando com bonecas e mobiliando casas, é agora conseguida com a execução bem sucedida de seu trabalho escolar. Constatamos, na análise de meninas desse período, que cada detalhe de seus estudos, assim como seus trabalhos manuais, desenhos, e todas as suas diversas atividades, são utilizados, em imaginação, para restaurar seu próprio corpo e seus órgãos genitais, o corpo da mãe e seu conteúdo, o pênis do pai, os irmãos, irmãs etc. Da mesma maneira, cada peça de seu vestuário ou da roupinha de suas bonecas, como a gola, os punhos, o xale, o gorro, o cinto, as meias e os sapatos, têm um significado simbólico.¹⁴

O cuidado que as crianças mais jovens dispensam, no curso normal de seu desenvolvimento, ao “desenho” das letras e dos números, estende-se, quando maiores, às conquistas intelectuais. Mesmo assim, sua satisfação nessas conquistas depende grandemente da opinião das pessoas que as rodeiam, pois é um meio que empregam para receber a aprovação dos mais velhos. No período de latência, portanto, vemos que a criança encontra uma refutação às situações de perigo no amor e na aprovação de seus objetos reais, e que ela dá uma importância exagerada a esses objetos e ao mundo da realidade.

Para o menino, a escrita é a expressão de seus componentes masculinos.¹⁵ Sua habilidade em escrever palavras e os traços da caneta com que forma as letras representam a realização ativa do coito, e constituem uma prova de sua potência viril e

¹⁴ Cf. Flügel, *The Psychology of Clothes* (1930). [Há tradução da Editora Mestre Jou, São Paulo, sob o título *PSICOLOGIA DAS ROUPAS*].

¹⁵ Também nas meninas, a escrita e outras atividades do gênero derivam fundamentalmente de seus componentes masculinos.

da conservação de seu pênis. Seus livros e cadernos figuram os órgãos genitais ou o corpo de sua mãe ou de sua irmã.¹⁶ Para um menino de seis anos, por exemplo, a letra maiúscula "L" representava um homem a cavalo (ele mesmo e seu pênis), cavalgando através da abertura de um arco (os órgãos genitais da mãe); "i" era o pênis e ele mesmo, "e" os genitais da mãe e a própria mãe, e "ie" sua união com a mãe no coito.¹⁷ As fantasias de copulação ativa dos meninos surgem também em seus jogos ativos e nos esportes que praticam, e encontramos as mesmas fantasias expressas tanto nos detalhes desses jogos como em suas lições. O desejo de ultrapassar os rivais a fim de premunir-se contra o perigo de ser castrado pelo pai, aparece quando o menino ainda se encontra no período de latência. Essa conduta, que tanta importância irá assumir mais tarde, na puberdade, é uma maneira tipicamente masculina de lidar com as situações de angústia. Mesmo nesse período, o menino, geralmente, depende menos do que a menina da aprovação de seu ambiente, e as conquistas por si mesmas desempenham um papel muito maior na vida psicológica dele do que na dela.

Descrevemos a estabilização que se verifica no período de latência, como sendo fundamentada numa adaptação à realidade efetuada pelo ego em convênio com o superego. A consecução desse objetivo depende de uma ação combinada de todas as forças que se opõem aos instintos do id. É aqui que começa a batalha da criança contra o onanismo, batalha que, para citar Freud, "consome grande parte de suas energias" durante o período de latência, e cuja força total é dirigida também contra as fantasias masturbatórias. E essas fantasias, como venho assinalando repetidamente, participam não só de todos os jogos infantis mas também das atividades estudantis e de todas as sublimações posteriores.¹⁸

¹⁶ Em conexão com seus componentes femininos, os cadernos simbolizam seu próprio corpo, e a execução de seus deveres escolares, uma tentativa de restaurá-lo.

¹⁷ Cf. meu artigo "The Rôle of the School in the Libidinal Development of the Child" (1923). As letras maiúsculas e minúsculas geralmente significam pais e filhos, respectivamente.

¹⁸ Em meu trabalho "The Rôle of the School in the Libidinal Development of the Child" (1923) discuti o significado inconsciente de certos artigos utilizados na escola e examinei as causas subjacentes das inibições nos estudos e na vida escolar. Em consequência de uma repressão excessiva de suas fantasias masturbatórias, a criança sofre uma inibição em sua vida imaginativa.

É com o fim de diminuir a oposição do superego (que nessa etapa tende a adaptar-se aos objetos) às suas fantasias dessexualizadas de masturbação, que a criança, no período de latência, sente tão grande necessidade da aprovação de seus objetos. Nesse período, por conseguinte, ela precisa renunciar ao onanismo e reprimir suas fantasias masturbatórias, fazendo com que essas mesmas fantasias masturbatórias vigorem em sua forma dessexualizada de interesses e atividades cotidianas, de modo a satisfazer aos mais velhos; pois é somente com o auxílio dessas sublimações satisfatórias que ela poderá ir de encontro às necessidades de seu ego, de refutar as situações de angústia. Da resolução desse dilema dependerá a estabilização no período de latência. A criança não poderá dominar sua angústia enquanto não obtiver a sanção daqueles que possuem autoridade sobre ela; e a menos que tenha obtido essa sanção, não poderá prosseguir com a tentativa.

Esta breve recapitulação de processos evolutivos tão complicados e ramificados deve, necessariamente, ser esquemática. Na verdade, a linha divisória entre a criança normal e a neurótica não está muito bem delineada, especialmente durante o período de latência. A criança neurótica poderá ser boa aluna; e nem sempre é a criança normal a mais ávida por aprender, uma vez que, não raro, procura refutar suas situações de angústia de outras maneiras, como por exemplo, realizando proezas físicas. No período de latência, a menina normal frequentemente dominará sua angústia de maneira preeminentemente masculina; e o menino poderá ser descrito como normal, ainda que opte por um comportamento mais passivo e feminino para a mesma finalidade.

Freud nos deu a conhecer os cerimoniais típicos do período de latência, e que são o resultado das lutas infantis para se li-

que afeta tanto os seus jogos como o seu trabalho. Durante o período de latência essa inibição é bastante visível e se estende sobre a totalidade do caráter da criança. Em *Frage der Laienanalyse* (1926) Freud escreve: "Tenho a impressão de que com a entrada no período de latência, elas" (as crianças) "também se sentem mais inibidas mentalmente e mais estúpidas; muitas, também perdem uma parte de seu encanto físico". Na verdade, o ego mantém sua posição de superioridade sobre o id a grande custo para o indivíduo. Nos períodos da vida em que ele não é tão bem sucedido na subjugação do id (isto é, durante o primeiro e o segundo períodos da expansão sexual) a criança goza de uma atividade imaginativa mais plena, e isso se manifesta, por um lado, numa instabilidade mental e, por outro, numa grande riqueza de personalidade.

bertar do onanismo.¹⁹ Diz ele que esse período “é ademais marcado pela edificação de barreiras éticas e estéticas no interior do ego”, e que “as formações reativas dos neuróticos obsessivos são apenas normais formações de caráter levadas ao excesso”.²⁰ Assim sendo, é muito difícil no período de latência fixar uma linha limítrofe entre as reações obsessivas e o desenvolvimento caracterológico que o meio educacional espera de uma criança normal, salvo nos casos mais extremos.

O leitor há de recordar que a hipótese por mim aventada sustenta que o ponto de partida para a neurose obsessiva situa-se na primeira infância. Mas eu disse que, nesse período evolutivo, somente se manifestam os traços obsessivos isolados. E, via de regra, somente quando a criança entra no período de latência é que eles se organizam de modo a formar uma neurose obsessiva. Essa sistematização dos traços obsessivos, que acompanha a consolidação do superego²¹ e o fortalecimento do ego, é efetuada pelo superego e pelo ego com base na ereção de um padrão de valores comum.²² Esse padrão, sustentado por ambas as instituições, é a pedra angular do poderio das mesmas sobre o id. E muito embora a supressão dos instintos da criança seja empreendida por instância de seus objetos e levada a cabo, em grande parte, por seus mecanismos obsessivos, não será coroadada de êxito, a menos que os fatores opostos ao id estejam agindo em harmonia. Em todo este processo de organização o ego manifesta o que Freud chamou de “inclinação para uma síntese”.²³

Assim, no período de latência, as exigências do ego, do superego e dos objetos da criança se acham unidas, e são todas satisfeitas pela neurose obsessiva. A razão pela qual a antipatia que os adultos, amiúde, manifestam pelos afetos da criança é tão eficaz, é porque essa antipatia corresponde, nessa idade, às pró-

¹⁹ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 55.

²⁰ *Ibid.*, pág. 56.

²¹ Neste processo, as diversas identificações da criança se tornam mais sintetizadas, as exigências feitas pelo superego mais unificadas, e os objetos internalizados mais ajustados à situação externa. Cf. também meu artigo “Personification in the Play of Children” (1929).

²² Em *Hemmung Symptom und Angst* (1926), pág. 52, Freud diz que na neurose obsessiva, “o ego e o superego têm uma grande participação na formação dos sintomas”.

²³ *Ibid.*, pág. 52.

prias exigências internas da criança.²⁴ Em análise, muitas vezes verificamos que, quando as pessoas encarregadas de uma criança se identificam fortemente com o mau comportamento e as tendências agressivas desta última, provocam sofrimentos nessa criança, que passa a ser vítima de conflitos psíquicos; pois seu ego só se sentirá apto à tarefa de conter o id e de se opor aos impulsos proibidos, se os adultos a ajudarem em seus esforços. A criança necessita receber interdições de fora, visto que estas, como sabemos, sustentam as proibições internas. Em outras palavras, ela necessita ter representantes do superego no mundo exterior. Essa dependência dos objetos a fim de poder dominar a angústia é mais forte no período de latência do que em qualquer outra fase evolutiva. De fato, parece-me que o pré-requisito necessário para que se efetue uma transição bem sucedida ao período de latência é que o domínio da criança sobre a angústia repouse em suas relações objetais e em sua adaptação à realidade.

Não obstante, para a futura estabilidade da criança, é necessário que esse mecanismo de domínio da angústia não seja excessivamente predominante. Se seus interesses e realizações, assim como suas outras gratificações, estiverem completamente devotados ao empenho de granjear o amor e o reconhecimento de seus objetos, isto é, se suas relações objetais se tornarem o meio por excelência de dominar a angústia e aliviar sua culpabilidade, sua futura saúde mental não está plantada em solo firme. Se a criança for menos dependente de seus objetos, e se os interesses e realizações por meio dos quais domina a angústia e alivia o sentimento de culpa a atraírem por si mesmos, proporcionando-lhe satisfação e prazer por si mes-

²⁴ O ambiente da criança também pode afetar diretamente sua neurose. Em algumas análises, observei que a influência favorável exercida sobre o paciente pela mudança das pessoas que o cercam, é atribuível ao fato de que o leva a permutar uma série de sintomas que haviam sido extremamente fatigantes, por outros sintomas que, apesar de igualmente importantes na estrutura de sua neurose, são menos perceptíveis. Outra coisa que pode fazer os sintomas da criança desaparecerem é o aumento de seu medo aos objetos. Tive um paciente, um menino de catorze anos (cf. meu artigo "Zur Genese des Tics", 1925), que se dava muito bem com os deveres escolares, mas era muito inibido nos jogos e nos esportes, até que seu pai, que estivera muito tempo ausente, regressou e o pressionou para que ele superasse a inibição. O menino efetivamente, assim fez em certa medida, por medo ao pai; mas ao mesmo tempo foi tomado de uma grave inibição nos estudos, que ainda persistia quando veio a mim para ser analisado.

mos, a angústia será melhor modificada e distribuída, isto é, será minorada. Tão logo se verifique um decréscimo na angústia, aumentará a capacidade de gratificação libidinal, e esta é uma pré-condição para que o domínio da angústia seja bem sucedido. A angústia só poderá ser dominada quando o superego e o id tiverem chegado a um ajuste satisfatório e quando o ego estiver suficientemente vigoroso.²⁵

Visto como, no período de latência, as relações objetais se constituem em forte sustentáculo mental, até mesmo para crianças normais, nem sempre podemos detectar a tempo os casos freqüentes em que a dependência dos objetos é demasiada. Mas no período de latência podemos detectá-los facilmente, pois agora a criança não mais poderá dominar sua angústia, se o recurso principal para esse fim for sua dependência dos objetos. Acredito que seja em parte por esta razão que as doenças psicóticas só soem irromper mais tarde, isto é, durante ou após a puberdade, e raramente antes da segunda infância. Porém, se tomarmos para o nosso critério de higidez, não somente a adaptação aos padrões desse período evolutivo mas também o fortalecimento do ego — o qual se baseia no abrandamento da severidade do superego e num grau maior de liberdade instintiva — não correremos o risco de supervalorizar o fator adaptabilidade, ao tomá-lo como indicação de desenvolvimento perfeito e bem-estar psíquico da criança no período de latência.²⁶

²⁵ Se prestarmos a devida atenção a essas indicações, poderemos observar muito mais claramente o começo de futuras enfermidades e alterações evolutivas nesse primeiro período da infância do que no período de latência. Em grande número de casos de pessoas que adoeceram na puberdade ou mais tarde, descobriu-se que haviam sofrido de grandes dificuldades na primeira infância, mas estavam bem adaptadas na latência, em cujo período não demonstravam dificuldades pronunciadas e foram submissas — às vezes demasiadamente submissas — ao seu meio educacional. Nos casos em que a angústia pertinente aos estádios precoces é muito intensa ou não foi adequadamente modificada, não se verifica o processo de estabilização no período de latência, que repousa nos mecanismos obsessivos.

²⁶ Se as exigências do período de latência tiverem sido impostas com demasiado êxito e a docilidade da criança for grande demais, seu caráter e os ideais do ego permanecerão num estado de subserviência pelo resto da vida. Um ego fraco — resultado de desajustamento entre o ego e o id — corre o risco de ser incapaz de levar a cabo a tarefa de desprender o indivíduo de seus objetos na puberdade e de estabelecer padrões internos independentes, o que, do ponto de vista caracterológico, significará um fracasso. Quando a criança depende menos de seus objetos, está mais apta a cumprir as exigências educativas que lhe são

Freud afirma que “a puberdade marca uma etapa decisiva na evolução da neurose obsessiva”, e que nessa época “os impulsos agressivos do primeiro período são redespertados; por outro lado, a maior ou menor proporção do novo impulso libidinal — nos casos menos favoráveis, sua totalidade — é impelida a tomar o caminho predestinado da regressão e reaparece como impulsos agressivos e destrutivos. Devido a esse disfarce dos impulsos eróticos e às poderosas formações reativas do ego, a batalha contra a sexualidade prossegue agora sob a forma de um problema ético”.²⁷

No menino, a edificação de novas imagens paternas idealizadas e de novos princípios, e a auto-imposição de obrigações mais rigorosas, ajudam-no a apartar-se de seus objetos originais. Como resultado, ele se torna mais capaz de retomar a ligação positiva original com o pai e mesmo de incrementá-la, correndo menos risco de entrar em choque com ele. Esse evento ocorre graças a uma divisão da imagem paterna. Ele agora pode amar e admirar a imagem exaltada do pai e dirigir os violentos sentimentos de ódio que marcam essa fase do período evolutivo, contra a má imagem do pai (frequentemente representada pelo pai real ou por um substituto, como um professor). Em sua relação com a imagem admirada ele se satisfaz por possuir um pai poderoso e protetor e pode também identificar-se com ele, reforçando assim sua confiança nas próprias capacidades construtivas e potência sexual; enquanto que em sua relação agressiva com a imagem odiada ele prova a si mesmo que é capaz de competir com o pai e não precisa ter medo de ser castrado por ele.

É aqui que entram em jogo suas atividades e realizações. Mediante essas conquistas, quer no campo físico quer intelectual, e que exigem coragem, persistência, força e iniciativa, ele prova a si mesmo, entre outras coisas, que a castração tão temida não sucedeu e que ele não se tornou impotente. Suas rea-

impostas nessa época. Em nenhuma de minhas análises do período de latência uma criança se desprende de seus objetos no sentido em que as crianças púberes se desprendem. Ocorreu simplesmente que suas fixações se tornaram menos fortes e ambivalentes. Nesse período da vida, ao se tornar menos dependentes de seus objetos, a criança se torna mais apta a encontrar outros objetos, preparando-se assim para desprender-se deles no momento da puberdade. A análise não aumenta mas, ao contrário, diminui as dificuldades da criança para se adaptar ao ambiente e facilita suas relações com o mesmo; pois quanto maior for sua liberdade interna, maior será sua capacidade de adaptação.

²⁷ *Hemmung, Symptom und Angst*, pág. 56.

lizações gratificam igualmente suas tendências reativas e aliviam seu sentimento de culpa. Por meio delas o menino se convence de que sua capacidade construtiva sobrepuja as tendências destrutivas, pois representam uma reparação aos objetos. Essas garantias aumentam consideravelmente a gratificação que essas realizações lhe proporcionam.²⁸ No período de latência, o alívio da angústia e do sentimento de culpa provinha do sucesso de suas atividades, na medida em que se tornavam ego-sintônicas pela aprovação de seu ambiente; na puberdade, esse alívio deve provir, em escala muito maior, do valor que têm para ele as realizações e os conseguimentos em si mesmos.

Vejamos agora como se avém a menina com suas situações de angústia na puberdade. Nesta idade, ela normalmente preserva os objetivos do período de latência e o modo de dominar a angústia a ele inerente, mais fortemente do que o menino. Muitas vezes também, ela adota o modo masculino de dominar a angústia. Veremos no próximo capítulo porque é mais difícil para ela estabelecer a posição feminina do que para o menino estabelecer a masculina. A edificação dos padrões e ideais que se verifica no menino púbere desempenha um papel importante também no desenvolvimento dela, mas assumindo uma forma mais subjetiva e pessoal e com menos cabedal de princípios abstratos. Seu desejo de agradar aos objetos estende-se igualmente às suas atividades mentais, participando inclusive de suas mais elevadas conquistas intelectuais. Sua atitude para com o trabalho, desde que os componentes masculinos não estejam predominando, corresponde à sua atitude para com o próprio corpo; e suas atividades concernentes a esses dois interesses estão grandemente relacionadas com sua maneira de lidar com as situações de angústia específicas. Um belo corpo ou um trabalho perfeito proporcionam à menina em crescimento as mesmas contraprovas de que ela necessitava quando criança, ou seja, de que o interior de seu corpo não foi destruído pela mãe, e que esta não a privou de seus bebês. Como mulher adulta, sua relação com o filho, que não raro toma o lugar de sua

²⁸ Em muitas de suas sublimações, particularmente em seus esforços intelectuais e artísticos, o menino faz amplo uso do modo feminino de dominar a angústia. Ele utiliza livros e trabalhos, em seu significado de corpos, fertilidade, bebês etc., como refutação à destruição de seu próprio corpo que, na posição feminina, ele espera lhe advinha por mãos de sua mãe, que é sua rival.

relação com o trabalho, auxilia-a grandemente a lidar com a angústia. Ter um filho, cuidar dele e observar seu crescimento e seus progressos, são coisas que lhe proporcionam, exatamente como no caso da meninazinha com suas bonecas, provas sempre renovadas de que sua posse de um filho não está em risco, e serve para aliviar seu sentimento de culpa.²⁹ As situações de maior ou menor perigo que ela terá que atravessar no processo de criar seus filhos, concorrem, se tudo correr bem, para supri-la com uma refutação efetiva de sua angústia. Similarmen-te, sua relação com o lar, que é equivalente ao seu próprio corpo, tem uma importância especial para o modo feminino de dominar a angústia, tendo, além disso, uma conexão mais di-reta com sua situação de angústia inicial. Como vimos, a riva-lidade da meninazinha com sua mãe manifesta-se, entre outras coisas, em fantasias de expulsá-la e tomar o seu lugar co-mo dona de casa. Para crianças de ambos os sexos, mas mais especialmente para as meninas, uma parte importante desta situação de angústia consiste no temor de ser enxotada de casa e ficar sem lar.³⁰ A satisfação que lhe proporciona um lar bem mantido sempre se baseia, em parte, no valor de re-futação que tem esse elemento para a situação de angústia. Para a estabilização normal da mulher, é indispensável que seus filhos, seu trabalho, suas atividades e o cuidado e o embeleza-mento de sua pessoa e de seu lar lhe forneçam um desmentido peremptório às suas situações de perigo.³¹ De mais a mais, sua relação com os homens é fortemente colorida pela necessidade de convencer-se, através da admiração do sexo oposto, de que seu corpo se acha intacto. Seu narcisismo, portanto, desempenha um grande papel no domínio de sua angústia. É como resultado desse modo feminino de dominar a angústia que as mulheres são tão mais dependentes do amor e da aprovação dos homens

²⁹ Para uma exposição dos fatores mais fundamentais em suas relações com o filho, vide o próximo capítulo.

³⁰ O medo de ficar na indigência e de se converter em órfão desamparado aparece em todas as análises infantis. Ele desempenha um grande papel na fixa-ção da criança à sua mãe e é uma das formas que assume o seu medo à perda do amor.

³¹ Em algumas mulheres pude constatar que, depois de completarem a toilet-te matutina, passam a ter uma sensação de frescura e energia, em contraste com a depressão anterior. Para elas, o ato de se lavarem e vestirem representa, em muitos sentidos, uma restauração de si mesmas.

— e, pode-se dizer, de todos os seus objetos — do que os homens das mulheres. Mas também os homens extraem de suas relações amorosas uma tranqüilização para a angústia, que exerce não pouca influência sobre a sua gratificação sexual.

O processo normal de dominar a angústia parece estar condicionado por um certo número de fatores, em que os métodos específicos empregados agem em conjunção com elementos quantitativos, tais como o montante de sadismo e de angústia presentes, e o grau de capacidade que possui o ego para tolerar a angústia. Se estes fatores interatuantes atingem um certo optimum, o indivíduo é capaz de modificar, com bastante sucesso, uma angústia de proporções consideráveis, de desenvolver seu ego de maneira satisfatória e até mesmo acima da média, e de conseguir sanidade mental. As condições em que ele pode dominar a angústia são tão específicas quanto as condições em que ele pode amar, e ambas estão, até onde pude observar, intimamente vinculadas.³² Em alguns casos, de que encontramos os exemplos mais típicos na idade da puberdade, a condição para o domínio da angústia é que o indivíduo enfrente situações especialmente difíceis, que suscitem um medo intenso; em outros, é que ele evite até onde puder — em casos extremos inclusive de maneira fóbica — todas essas circunstâncias. Entre esses dois extremos situa-se o que pode ser considerado como um impulso normal para obter prazer através da superação das situações de angústia, que estão associadas com uma angústia não muito intensa e não muito direta (e portanto melhor distribuída).

Neste capítulo procurei demonstrar que todas as atividades, interesses e sublimações do indivíduo também concorrem para dominar sua angústia e aliviar sua culpa, e que sua força motivacional consiste não somente em gratificar os impulsos agressivos, mas igualmente na necessidade de fazer reparação ao objeto e de restaurar seu próprio corpo e suas partes sexuais em sua integridade. Vimos também³³ que, num estágio evolutivo muito precoce, o sentimento de onipotência se encontra a serviço dos impulsos destrutivos. Quando se estabelecem as formações reativas, o aspecto negativo e destrutivo dessa onipotência obriga o indivíduo a acreditar em sua onipotência cons-

³² Vide capítulo 11.

³³ Vide capítulo 9.

trutiva; e quanto mais forte tiver sido o sentimento de onipotência sádica, mais forte deverá ser agora o sentimento de onipotência positiva, a fim de que ele possa ser capaz de atender às demandas de reparação providas do superego. Quando a reparação dele exigida requer um sentimento muito forte de onipotência construtiva — como por exemplo, que ele faça uma restituição completa a ambos os pais e aos seus irmãos, irmãs etc., e, por deslocamento, aos outros objetos e até mesmo ao mundo inteiro — ele poderá realizar grandes obras em sua vida, desde que o desenvolvimento de seu ego e de sua vida sexual sejam bem sucedidos, ou então, pelo contrário, cair vítima de graves inibições. O resultado, nesse caso, dependerá, em parte, da fortaleza de seu ego e do grau de sua adaptação à realidade que regula essas exigências imaginárias e, em parte, de que as tarefas que lhe foram impostas não sejam muito inexoráveis e que a discrepância entre sua onipotência destrutiva e construtiva não exceda um certo limite.³⁴

Recapitulando o que foi dito: procuramos obter uma introvisão do complicado processo, que mobiliza todas as energias do indivíduo, que o ego utiliza para dominar suas situações de angústia infantis. O êxito deste processo reveste-se de uma importância fundamental para o desenvolvimento do ego e constitui-se num fator decisivo para assegurar a saúde mental do indivíduo. Na pessoa normal é esta múltipla reafirmação contra a angústia — reafirmação que está sendo constantemente renovada, que flui de muitas fontes e que deriva de suas atividades e interesses e de suas relações sociais e gratificações eróticas — que a habilita a deixar suas situações de angústia originais para trás e a distribuir e debilitar toda a pujança do impacto que têm sobre ela.³⁵

Finalmente, devemos fazer um confronto entre o que foi exposto nestas páginas sobre o método normal de lidar com as situações de angústia, e o ponto de vista de Freud a respeito. Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (pág. 89) escreve ele: “No curso do desenvolvimento para a maturidade, é preciso que as

³⁴ No capítulo 12 discutiremos um caso que ilustra esse ponto.

³⁵ Este mecanismo de domínio da angústia desempenha um papel na maioria das ações triviais, de sorte que a mera superação das dificuldades cotidianas confere ao indivíduo um recurso para dominar sua angústia, de não pequena importância econômica. Mas se ele for um neurótico, não raro achará essas ações muito fatigantes e poderá ser incapaz de desempenhá-las.

condições geradoras de angústia tenham sido liquidadas e que as situações de perigo tenham perdido sua significação.” Todavia, ele introduz algumas ressalvas a essa declaração nas observações subseqüentes. Após a sentença recém-citada ele prossegue: “De mais a mais, algumas dessas situações de perigo conseguem subsistir até períodos posteriores graças à modificação das situações angustiosas, de molde a se adaptarem às circunstâncias da vida.” Penso que minha teoria da modificação da angústia nos ajuda a compreender os recursos de que se vale a pessoa normal para se subtrair às situações angustiosas e modificar as condições que a atormentam. A observação analítica inclina-se a acreditar que até mesmo a eliminação das situações de angústia conseguida pelo indivíduo normal não significa que ele as tenha abandonado totalmente. É verdade que ele não sofre os seus efeitos diretos, mas em certas circunstâncias esses efeitos reaparecerão. Se uma pessoa normal for colocada sob grande tensão interna ou externa, ou se ficar doente ou fraquejar de qualquer outra maneira, podemos observar nela as situações de angústia mais profunda em plena atuação. Visto, portanto, que todo indivíduo sadio *pode* sucumbir a uma neurose, deduz-se que ele nunca conseguiu abandonar completamente suas velhas situações angustiosas.

Freud parece corroborar esse ponto de vista numa passagem do texto que acabamos de citar. “O neurótico”, escreve ele, “só difere do normal por exagerar suas reações em face desses perigos. A idade adulta não fornece proteção completa contra o retorno da situação traumática original; para cada um deve haver um limite além do qual seu aparelho psíquico é incapaz de dominar as quantidades de excitação que demandam descarga.”

OS EFEITOS DAS PRIMEIRAS SITUAÇÕES DA ANGÚSTIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DA MENINA

A INVESTIGAÇÃO psicanalítica lançou muito menos luz sobre a psicologia da mulher do que sobre a do homem. Como a angústia de castração foi a primeira causa determinante da neurose masculina a ser descoberta, os analistas, naturalmente, começaram por estudar fatores etiológicos do mesmo tipo nas mulheres. Os resultados assim obtidos se revelaram válidos nos pontos que são comuns aos dois sexos, mas não tomaram em consideração suas diferenças psicológicas. Freud expressou muito bem a questão nos seguintes termos: "... é além disso, será correto dizer que a angústia de castração é a única causa da repressão (ou defesa)? Quando pensamos em neuroses de mulheres somos levados a duvidar, pois se é verdade que sempre podemos encontrar nelas um *complexo* de castração, não podemos falar em *angústia* de castração onde a castração já é um ato consumado".¹

Quando consideramos como foi importante cada avanço no nosso conhecimento da angústia de castração para a compre-

¹ *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 63.

ensão da psicologia masculina e para a cura das neuroses do homem, somos levados a esperar que o conhecimento de uma angústia equivalente na mulher nos habilite a aperfeiçoar nosso tratamento terapêutico das neuroses femininas, ajudando-nos a compreender as grandes linhas de seu desenvolvimento sexual.

A SITUAÇÃO DE ANGÚSTIA DA MENINA

Em meu trabalho "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), procurei lançar um pouco de luz sobre esse problema ainda obscuro e expus a tese de que o medo primordial da menina é o de ter o interior de seu corpo roubado e destruído. Como resultado da frustração oral infligida pela mãe, a menina afasta-se dela e toma o pênis do pai para objeto de gratificação. Este novo desejo impele-a a dar um grande passo no caminho de sua evolução. Ela cria fantasias em que a mãe introduz o pênis do pai em seu corpo e dá a ele o seio; e essas fantasias formam o núcleo das primeiras teorias sexuais, que despertam seus sentimentos de inveja e de ódio por ser frustrada por ambos os genitores. (Incidentalmente, neste estágio evolutivo, as crianças de ambos os sexos consideram o corpo de sua mãe como o receptáculo de tudo o que é desejável, em particular do pênis do pai.) Essa teoria sexual incrementa o ódio insuflado pela frustração materna e contribui para a produção de fantasias sádicas em que ela ataca e destrói o interior da mãe, privando-a de seu conteúdo. Devido ao medo de represálias que suscitam, essas fantasias formam a base da mais profunda situação de angústia da menina.

Em seu ensaio "The Early Development of Female Sexuality" (1927), Ernest Jones dá o nome de *aphanisis* ao pavor da menina de que sua capacidade de obter gratificação libidinal seja destruída; e ele vê nesse pavor a primeira e predominante situação de angústia para ela. Parece-me que a destruição da capacidade da menina de obter gratificação libidinal implica numa destruição dos órgãos necessários à finalidade; e é exatamente isso o que ela espera sofrer no curso dos ataques, provenientes sobretudo por parte da mãe, sobre o seu próprio corpo e seu conteúdo. Seus temores concernentes aos próprios órgãos genitais são especialmente intensos, em parte porque seus violentos impulsos sádicos são dirigidos contra os genitais e os prazeres eróticos da genitora, e em parte porque seu medo de ser incapaz de obter gratificação sexual concorre, por sua

vez, para incrementar seu temor de ter os próprios órgãos genitais danificados.

PRIMEIROS ESTÁDIOS DO CONFLITO EDÍPICO

Segundo minha experiência, as tendências edípicas da menina são introduzidas por seus desejos orais pelo pênis do pai. Estes desejos já estão acompanhados de impulsos genitais. Seu desejo de furtar o pênis paterno da mãe para incorporá-lo, me parece de uma importância fundamental no desenvolvimento de sua vida sexual. O ressentimento que a mãe despertou nela ao retirar-lhe o seio nutritício é intensificado pelo mal adicional que lhe ocasionou, negando-se a conceder-lhe o pênis paterno como objeto de gratificação; e essa dupla injustiça constitui a fonte mais profunda do ódio que o bebê do sexo feminino sente pela mãe, em resultado de suas tendências edípicas.

Esta tese difere em alguns aspectos da teoria aceita em psicanálise. Freud chegou à conclusão de que é o complexo de castração que introduz o complexo de Édipo na menina e que o que a faz afastar-se na mãe é o rancor por não haver recebido um pênis para ela.² Todavia, a divergência entre o ponto de vista de Freud e o meu torna-se menor quando refletimos que eles concordam em dois pontos essenciais, a saber: o desejo da menina de ter um pênis e seu ódio à mãe que lho recusa. Porém, a meu ver, o que a menina deseja acima de tudo não é possuir um pênis para si como atributo de masculinidade, mas sim incorporar o pênis paterno como objeto de gratificação oral. Ademais, creio que esse desejo não é um produto de seu complexo de castração, mas a expressão mais fundamental de suas tendências edípicas; ela é trazida para o domínio de seus impulsos edípicos não indiretamente, através de suas tendências masculinas e de sua inveja ao pênis, mas diretamente, como resultado de seus componentes instintivos femininos dominantes.³ *

² "Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes" (1927).

³ Em seu artigo, "On the Genesis of the Castration Complex" (1924), Karen Horney sustenta que o que dá origem ao complexo de castração na menina é a frustração por ela sofrida na situação edípica e que seu desejo de possuir um pênis provém originalmente de seus desejos edípicos e não de sua vontade de ser um homem. Ela considera o pênis desejado como sendo uma parte do pai ou como seu substituto.

Diversos fatores concorrem para tornar muito intenso o desejo suscitado pelo novo objeto que é o pênis do pai. As exigências dos impulsos orais de sucção, exaltadas pela frustração sofrida com o seio da mãe, criam na menina um quadro imaginário do pênis paterno como sendo um órgão que, diferentemente do seio, pode lhe proporcionar uma tremenda e infinita gratificação oral.⁴ Seus impulsos uretral-sádicos reforçam essa fantasia, pois as crianças de ambos os sexos atribuem capacidades uretrais muito maiores ao pênis — onde, efetivamente, são mais visíveis — do que ao órgão feminino de micção. As fantasias da menina acêrca da capacidade uretral e do poder do pênis, aliam-se as fantasias orais, em virtude da equação que as criancinhas fazem entre todas as substâncias do corpo; e sua imaginação confere ao pênis poderes mágicos de proporcionar gratificação oral. Mas, desde que a frustração oral sofrida com a mãe estimulou todas as suas outras zonas erógenas, despertando suas tendências genitais e desejos referentes ao pênis do pai, este último converte-se no objeto de seus impulsos orais, uretrais, anais e genitais, tudo ao mesmo tempo. Outro fator que concorre para intensificar seus desejos nesse sentido é a teoria sexual inconsciente de que a mãe incorporou o pênis do pai, e sua conseqüente inveja da mãe..

⁴ Em *Zur Psychologie der weiblichen Sexualfunktionen* (1925), Helene Deutsch assinala que, já numa idade muito tenra, a menina pequena ao tomar o pai como objeto de sua afeição logo em seguida ao objeto mãe, dirige para ele grande parte daquela verdadeira libido sexual, ligada à zona oral, com a qual ela catexizou o seio da mãe, uma vez que “em uma fase de seu desenvolvimento, seu inconsciente faz uma equação do pênis do pai com o seio da mãe como órgão que dá de mamar”. Concordo igualmente com a autora em seu ponto de vista de que nesta equação do pênis com o seio, a vagina assume o papel passivo da boca que suga no “processo de deslocamento de cima para baixo”, e que esta atividade de sucção oral da vagina está implicada em sua estrutura anatômica total (pág. 54). Segundo Helene Deutsch, essas fantasias não se tornam operantes enquanto a menina não atingiu a maturidade sexual e não experimentou o ato sexual; já na minha opinião, a primitiva equação do pênis com o seio surge da frustração sofrida com o seio nos primeiros meses de vida, exercendo imediatamente poderosa influência sobre a criança, e afetando grandemente todo o rumo de seu desenvolvimento. Acredito também que a equação seio-pênis, acompanhada do “deslocamento de cima para baixo”, ativa as qualidades orais receptivas do genital feminino numa tenra idade e prepara a vagina para receber o pênis. Destarte, desbrava o caminho para as tendências edípicas da menina pequena, lançando os alicerces de seu desenvolvimento sexual, muito embora essas tendências só venham a desabrochar em sua totalidade, muito mais tarde.

Penso que seja a combinação de todos esses fatores o que dota o pênis paterno de tão grandes virtudes aos olhos da menina pequena, convertendo-o no objeto de sua mais ardente admiração e cobiça.⁵ Se ela mantém uma posição predominantemente feminina, essa atitude para com o pênis do pai frequentemente a levará a assumir uma atitude humilde e submissa em face do sexo masculino. Por outro lado, pode provocar-lhe intensos sentimentos de ódio por lhe haverem negado o objeto tão apaixonadamente adorado e ansiado. Mas se, pelo contrário, ela assume uma posição masculina, esta pode dar origem a todas as manifestações da inveja do pênis.

Todavia, como as fantasias acerca dos poderes prodigiosos, da enormidade e do vigor do pênis paterno emanam dos próprios impulsos oral, uretral e anal-sádicos da menina pequena, ela conferirá igualmente ao pênis atributos extremamente perigosos. Este aspecto, que fundamenta seu terror ao "mau" pênis, produz-se como reação aos impulsos destrutivos que, combinados com os libidinais, ela havia dirigido ao pênis. Se seu sadismo oral estiver predominando, ela considerará o pênis paterno contido no interior da mãe como algo a ser odiado, invejado e destruído;⁶ e as fantasias saturadas de ódio que ela centraliza no órgão que proporciona gratificações sexuais a sua mãe podem, em certos casos, atingir uma tal intensidade, que ela deslocará o medo de sua mãe, fonte principal e primitiva de sua angústia, para o pênis do pai, como apêndice odiado de sua genitora. Nessa eventualidade, seu desenvolvimento será gravemente perturbado e ela assumirá uma atitude distorcida face ao sexo masculino. Sua relação com os objetos também será mais ou menos defeituosa e ela será incapaz de superar, ou de superar completamente, o nível do amor parcial.⁷

⁵ Ela investe a mãe de um pouco dessa glória e, em alguns casos, somente a valorizará como possuidora do pênis paterno.

⁶ Ela terá a mesma atitude para com os bebês localizados no interior do corpo de sua mãe. Retornaremos a esse tema mais adiante, ao examinarmos de que maneira sua hostilidade para com os bebês no interior de sua mãe afeta suas relações com seus próprios irmãos e irmãs, com seus próprios filhos imaginários e, nos anos futuros, com os filhos reais.

⁷ Cf. Abraham, "A Short Study of the Development of the Libido" (1924). Minha paciente Erna, cuja história clínica foi relatada no capítulo 3, foi um exemplo típico. Aos seus olhos, seu pai era sobretudo o portador do pênis que gratificava a sua mãe e não a ela. Resultou que sua inveja do pênis e seus desejos

Em virtude da onipotência de pensamentos, o desejo oral da menina pelo pênis do pai faz com que ela acredite havê-lo de fato incorporado; e agora seus sentimentos de ambivalência para com ele estendem-se ao pênis internalizado. Sabemos que, no estágio de incorporação parcial, o objeto é representado por uma de suas partes e que o pênis do pai representa a totalidade de sua pessoa. A meu ver, é esta a razão pela qual as primeiras imagos paternas da criança, que constituem o núcleo do superego parental, são representadas por seu pênis. Como tentei demonstrar, o caráter cruel e terrífico do superego das crianças de ambos os sexos é devido ao fato de que começaram a introjetar seus objetos num período evolutivo em que o sadismo estava em seu ponto máximo. As imagos iniciais assumem o aspecto fantástico que os próprios impulsos pré-genitais dominantes lhes concederam.⁸ Mas esta impulsão a introjetar o pênis do pai, isto é, o objeto edípico, e mantê-lo dentro de si, é muito mais forte na menina do que no menino. Isto se dá porque as tendências genitais que acompanham os desejos orais da menina têm igualmente um caráter receptivo, de sorte que, em circunstâncias normais, suas tendências edípicas são muito mais marcadas pelas necessidades de incorporação oral. Uma questão de importância decisiva para a formação do superego e para o desenvolvimento da vida sexual tanto dos meninos como das meninas, é o caráter de suas fantasias prevalentes, isto é, se são de um “bom” ou de um “mau” pênis. Também aqui, sua maior submissão ao pai introjetado faz com que a menina esteja mais à mercê do que o menino dos poderes de seu su-

de castração, que eram excessivamente intensos, baseavam-se na frustração que ela havia sofrido com respeito ao pênis durante a etapa oral. Visto que, ao focalizar o ódio no pênis, ela imaginava que sua mãe estivesse de posse do mesmo, o afeto positivo que abrigava para com a mãe, embora repleto de ódio, era mais pessoal do que o que mantinha com relação a seu pai. É verdade que um dos motivos que a levou a afastar-se de seu pai foi o intuito de protegê-lo de seu próprio sadismo. Ademais, a concentração de seu ódio no pênis ajudou-a igualmente a poupá-lo como objeto (vide Abraham). A análise permitiu-lhe ter uma atitude mais humana e afetuosa para com o pai, e esse progresso foi acompanhado de mudanças favoráveis em suas relações com a mãe e com os objetos em geral. Quanto à relação com o pênis paterno e com o próprio pai, gostaria de ressaltar os pontos de analogia existentes entre minha paciente e os dois casos citados por Abraham na pág. 482 do trabalho acima mencionado.

⁸ Vide capítulo 8.

perego,⁹ tanto para o bem como para o mal. A angústia e a culpabilidade que ela experimenta em relação à mãe contribuem para dificultar ainda mais seus sentimentos divididos para com o pênis do pai.

A fim de simplificar nosso estudo da situação, começaremos por acompanhar a evolução da atitude da menina para com o pênis de seu pai, para em seguida tentarmos descobrir até onde suas relações com a mãe afetam suas relações com seu pai. Em circunstâncias favoráveis, a menina acredita tanto na existência de um perigoso pênis introjetado, como de um pênis benéfico e protetor. Em resultado dessa atitude ambivalente, ela combaterá seu medo ao "mau" pênis introjetado pela introjeção contínua de um "bom" pênis no coito;¹⁰ isso incentivará suas experiências sexuais na primeira infância, suas atividades sexuais na vida futura e seus desejos libidinais de um pênis.

Os atos sexuais, quer em forma de fellatio, coitus per anum ou coito normal, ajudam a menina a verificar se os seus temores relacionados com o coito e que desempenham, em sua mente, um papel tão dominante e fundamental, são bem fundados ou não. A razão pela qual a copulação se tornou carregada de tanta periculosidade na imaginação das crianças de ambos os sexos, é que as fantasias e os desejos sádicos transformaram esse ato, realizado entre o pai e a mãe, numa situação ameaçadora de perigo.¹¹ Já nos aprofundamos, até certo ponto, na natureza dessas fantasias sádicas masturbatórias, e verificamos que elas se dividem em duas categorias distintas mas interconectadas.

⁹ Conseqüentemente, o superego da menina é mais potente que o do menino; discutiremos mais adiante a influência dessa situação sobre o desenvolvimento do ego e das relações de objeto.

¹⁰ Como já vimos na primeira parte deste livro, o medo da criança às coisas "más" que ela supõe possuir no interior de si mesma, quer se trate de "maus" objetos internalizados, de excrementos perigosos ou de substâncias corporais, geralmente a encorajam a tentar todos os tipos de processos de introjeção e de ejeção; destarte, constituem-se num fator fundamental de seu desenvolvimento.

¹¹ O desejo da criança de que os pais copulem de maneira sádica constitui-se, na minha experiência, num fator importante para a produção e manutenção de suas teorias sexuais; estas, por conseguinte, devem seu caráter não somente à influência que os impulsos pré-genitais exercem sobre a formação de suas fantasias, mas são igualmente o resultado dos desejos destrutivos que a criança dirige contra os pais em coito. Ao analisar as teorias sexuais infantis descobri que, do ponto de vista terapêutico, era importante prestar atenção ao fato de que essas teorias, resultantes dos desejos sádicos, dão origem a um intenso sentimento de culpa.

Nas fantasias da primeira categoria a criança emprega diversos meios sádicos para investir diretamente contra os pais isolados ou reunidos em coito. Nas da segunda categoria, que surgem num período um pouco mais tardio da fase da exacerbação do sadismo, a crença em sua onipotência sádica sobre os pais manifesta-se de forma mais indireta. A criança dota os genitores de instrumentos de destruição mútua, transformando seus dentes, unhas, genitais e excrementos em armas e feras perigosas e figura-os, de acordo com seus próprios desejos, como atormentando-se e destruindo-se reciprocamente no ato sexual.

Ambas as categorias de fantasias sádicas geram angústia por diversos motivos. Voltando novamente à menina, vemos que, em conexão com a primeira categoria, ela receia sofrer represálias por parte de um ou de ambos os genitores, mas mais particularmente da mãe, por ser a mais odiada dos dois. Ela teme ser agredida tanto por dentro como por fora, uma vez que introjetou seus objetos ao mesmo tempo que os atacava. As relações sexuais estão intimamente associadas a esses temores, pois sua atividade sádica era primitivamente dirigida contra os pais, que ela imaginava copulando.¹² Mas é mais especialmente nas fantasias atinentes a segunda categoria que a copulação — durante a qual, de acordo com seus desejos sádicos, sua mãe é totalmente destruída — torna-se um ato carregado de imenso perigo para a menina. Por outro lado, o ato sexual, convertido pelos desejos e as fantasias sádicas numa situação tão ameaçadora, constitui-se, por isso mesmo, no método por excelência de dominar a angústia, tanto mais que a gratificação libidinal que acompanha esse ato possibilita alcançar o mais intenso dos prazeres, dissipando a angústia por sua própria virtude.

Esses fatos, a meu ver, lançam nova luz sobre os motivos que urgem o individuo a realizar o ato sexual, e sobre as origens psicológicas que incrementam a gratificação libidinal obtida com esse ato. Sabemos que, devido à fusão dos impulsos libidinais e destrutivos, que se verificou nos estádios evolutivos governados pelo sadismo, a gratificação libidinal de todas as zonas erógenas implica também numa gratificação dos compo-

¹² Essas fantasias dão origem igualmente a situações de perigo que não se acham, em si mesmas, ligadas ao ato sexual.

nentes destrutivos. Ora, a meu ver, os impulsos destrutivos ocasionaram angústia já nos primeiros meses de vida. Em consequência, as fantasias sádicas ficam vinculadas à angústia, e esse elo origina as situações de angústia específicas. Como os impulsos genitais se estabelecem quando o indivíduo ainda se encontra na fase de exacerbação do sadismo — pelo menos é o que indicam as minhas observações — e a copulação representa, em suas fantasias sádicas, um veículo de destruição para os pais, estas situações de angústia geradas nos primeiros estádios evolutivos ficam conectados também com as atividades genitais. Esta conexão tem uma dupla consequência: a angústia aumenta as necessidades de libido e a gratificação libidinal das várias zonas erógenas favorece o domínio da angústia ao mitigar as tendências agressivas. O prazer obtido com essa gratificação parece, em si mesmo, aliviar o medo de ser destruído pela própria agressividade e pelos objetos, e militar contra o pavor da *aphanisis* (Jones), isto é, o medo de perder a capacidade de obter gratificação sexual. A satisfação libidinal, manifestação de Eros, reforça a crença nas imagos protetoras e diminui os perigos que emanam do instinto de morte e do superego.

Quanto maior a ansiedade do indivíduo e quanto mais neurótico for, mais as energias de seu ego e suas forças instintivas ficarão absorvidas no esforço de superar a angústia, e tanto mais a gratificação libidinal obtida será empregada para esse fim. Na pessoa normal, que se acha mais afastada de suas primeiras situações de angústia e que conseguiu modificá-las com maior êxito, o efeito dessas situações sobre as atividades sexuais será, naturalmente, bem menor, embora a meu ver nunca esteja totalmente ausente.¹³ A impulsão de pôr à prova as situações de angústia específicas nas relações com o parceiro amoroso reforça e colore também as fixações libidinais, e o ato sexual sempre concorre em certa medida, para dominar a angústia. As condições sob as quais o indivíduo será capaz de amar dependem, especificamente, da extensão de sua ansiedade e de suas situações de angústia predominantes.

Se, ao fazer do ato sexual um critério para as suas situações de angústia, submetendo-as, assim, ao teste da realidade, a menina for amparada por sentimentos confiantes e otimistas, será

¹³ Vide capítulo 10.

induzida a tomar para objeto uma pessoa que representa o "bom" pênis. Neste caso, a mitigação da angústia que ela obtém através do ato sexual proporcionar-lhe-á uma intensa voluptuosidade, que ultrapassa a gratificação puramente libidinal, abrindo o caminho para relações amorosas duradouras e satisfatórias. Porém, se as circunstâncias forem desfavoráveis e seu medo ao "mau" pênis introjetado estiver predominando, a condição necessária para sua capacidade de amor será que ela faça esse teste da realidade por meio de um "mau" pênis, isto é, que o parceiro amoroso seja uma pessoa sádica. O teste que ela faz nesse caso é destinado a lhe informar que tipo de dano o parceiro lhe infligirá durante o ato sexual. Até mesmo os danos antecipados a esse respeito servem para aliviar sua angústia, e são importantes na economia de sua vida psíquica; pois nada que ela possa sofrer por parte de qualquer agente externo pode se igualar aos sofrimentos que lhe impõe a pressão de seu medo constante e avassalador de agressões e perigos fantásticos vindos do interior.¹⁴ A eleição de um parceiro sádico é igualmente motivada pela necessidade de novamente incorporar um "mau" pênis sádico (pois é assim que ela encara o ato sexual) capaz de destruir os perigosos objetos dentro dela. Assim, parece que a raiz mais profunda do masoquismo feminino é o medo da mulher aos perigosos objetos internalizados, em especial o pênis do pai; e seu masoquismo, em última instância, nada mais seria que a inflexão dos instintos sádicos, que ficariam dirigidos para dentro, contra esses objetos internalizados.¹⁵

¹⁴ A tendência que tem o indivíduo de procurar no mundo externo uma tranquilização para os seus temores de perigos imaginários vindos de dentro e de fora, é, a meu ver, um fator importante da compulsão à repetição (vide capítulo 7). Quanto mais neurótico for o indivíduo mais esta tendência será colorida por sua necessidade de castigo. As condições às quais está ligada a obtenção de uma tal tranquilização vinda de fontes externas serão crescentemente desfavoráveis na proporção em que a angústia conectada com as primeiras situações de perigo se mostrar poderosa, e fraca a inclinação otimista de seus sentimentos. Em casos extremos, só castigos muito severos ou então experiências infelizes que o indivíduo sente como castigos, são capazes de ocupar o lugar das punições imaginárias temidas.

¹⁵ Em seu artigo "The Significance of Masochism in the Mental Life of Women" (1930), Helene Deutsch sustenta um ponto de vista sobre as origens do masoquismo que difere sumamente do meu e que se baseia na suposição, igualmente em desacordo com a minha, de que o complexo de Édipo da menina é introduzido por desejos e temores de castração.

Segundo Freud,¹⁶ o sadismo, mesmo que suas primeiras manifestações se dêem em relação a um objeto, foi originalmente dirigido contra o próprio organismo (sadismo primário) e só posteriormente foi desviado do ego pela libido narcísica; o masoquismo erógeno é aquela porção do instinto destrutivo que não conseguiu ser dirigida para fora e que permaneceu dentro do organismo, a ele se vinculando libidinalmente. Ademais, Freud é de opinião que, quando qualquer parte do instinto destrutivo que foi dirigida para fora é novamente dirigida para dentro e separada dos objetos, dá origem ao masoquismo secundário ou feminino. Todavia, parece-me que o instinto destrutivo, a despeito desse retorno, continua aderido aos seus objetos; só que agora são objetos internalizados, e ao ameaçar destruí-los, ele ameaça destruir também o ego no qual se acham situados. Por conseguinte, no masoquismo feminino, o instinto destrutivo é novamente dirigido contra o próprio organismo. Em "Economic Problem in Masochism" (1924), diz Freud: "... no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas exprime-se um sentimento de culpa, como se o sujeito houvesse cometido algum crime (cuja natureza permanece indeterminada), o qual deverá ser expiado por meio de sofrimentos, penas e torturas" (pág. 259). Parece-me que existem certos pontos em comum entre os tormentos que o masoquista se inflige e as auto-recriminações do melancólico que, como sabemos, são de fato dirigidas para o objeto introjetado. Parece, portanto, que o masoquismo feminino é dirigido para o ego assim como para os objetos introjetados. De mais a mais, ao destruir o objeto internalizado, o indivíduo age no interesse de sua autopreservação; e nos casos extremos seu ego não mais será capaz de dirigir o instinto de morte para fora, pois tanto os instintos de vida como os de morte se uniram para um fim comum, e o primeiro abandonou a função que lhe é peculiar, ou seja de proteger o ego.

Passaremos agora a examinar brevemente algumas outras formas típicas que pode assumir a vida sexual das mulheres dominadas pelo medo ao pênis introjetado.¹⁷ Se, malgrado suas

¹⁶ Cf. *Beyond the Pleasure-Principle*, 1920, e "The Economic Problem in Masochism" (1924).

¹⁷ Claro está que essas diferentes formas se sobrepõem em muitos casos. Ao lidar com um material tão rico e complicado devo limitar-me a fazer um relato esquemático de uma ou duas dessas formas; meu objetivo principal é des-

inclinações masoquistas pronunciadas, a mulher for animada por sentimentos mais esperançosos, ela tenderá, amiúde, a confiar sua afeição a um parceiro sádico, empenhando-se, ao mesmo tempo, de todas as maneiras — num esforço que geralmente consome todas as energias de seu ego — para transformá-lo numa pessoa “boa” e amistosa. Esse tipo de mulheres, em quem o medo ao “mau” pênis e a crença no “bom” pênis se acham igualmente equilibradas, freqüentemente flutua entre a eleição de um “bom” e de um “mau” objeto externo.

Não raro, o medo da mulher ao pênis internalizado compelle-a a estar sempre renovando o processo de pôr sua situação de angústia à prova da realidade; em resultado, ela estará sob a constante compulsão de realizar o ato sexual com seu objeto, ou como variante, a trocar seu objeto de amor por outro. Em casos diferentes constituídos o mesmo medo terá um efeito oposto e a mulher se tornará frígida.¹⁸ Quando criança, seu ódio à mãe fez com que encarasse o pênis do pai não mais como uma coisa desejável e munificente, mas como algo maligno e perigoso; da mesma forma, ela transformou a vagina em um instrumento de morte, e sua mãe num manancial de perigo para o pai durante as relações sexuais de ambos. Seu medo ao ato sexual baseia-se, pois, tanto nos danos que espera sofrer do pênis, como nos danos que ela mesma inflingirá a seu parceiro. Seu medo de castrá-lo é em parte devido à sua identificação com a mãe sádica e em parte aos seus próprios impulsos sádicos.

Como já vimos, se as tendências sádicas da menina são dirigidas para os objetos internalizados, ela adotará uma atitude, masoquista. Mas se o medo ao pênis internalizado a impelir a

crever algumas das conseqüências que surgem dessa angústia, tão fundamental na mulher.

¹⁸ Parece que esse resultado depende grandemente da medida em que o ego é suscetível de dominar a angústia. Como vimos no capítulo precedente, às vezes acontece que o indivíduo só consegue dominar sua angústia (ou melhor, transformá-la em prazer) com a circunstância de que as condições reais que ele deve transpor sejam de natureza particularmente difícil ou perigosa. Encontramos algumas vezes condições análogas impostas às suas relações amorosas, em cujo caso a copulação em si mesma representa a situação de perigo. Daí que a frigidez nas mulheres seja em parte devida à evitação fóbica de uma situação de angústia. Até onde me foi dado observar, há uma estreita relação entre as condições específicas que permitem superar a angústia e a obtenção de gratificação sexual.

defender-se das ameaças internas por projeção, ela dirigirá o sadismo para o objeto externo, para o pênis que está sendo contínua e renovadamente introjetado através do coito e, destarte, para o seu parceiro sexual. Nesses casos, o ego logrou uma vez mais repelir o instinto destrutivo de si mesmo e dos objetos internalizados, dirigindo-o para um objeto externo. Se as tendências sádicas da menina predominarem, o ato sexual conservará para a angústia a significação de uma prova da realidade, mas com o efeito oposto. As fantasias de que sua vagina e de que todo o seu corpo são destrutivos para o parceiro, e que no *fellatio* ela arrancará seu pênis a mordidas, reduzindo-o a pedaços, constituem agora um meio de superar o medo, tanto ao pênis que incorporou quanto ao objeto real. Ao empregar o sadismo contra o objeto externo ela também está travando uma guerra imaginária de extermínio contra seus objetos internalizados.

A ONIPOTÊNCIA DOS EXCRETOS

Chegamos agora a um fator de considerável importância no desenvolvimento da menina. Os excretos desempenham um grande papel nas fantasias de ambos os sexos. A crença infantil na onipotência da função da bexiga e dos intestinos¹⁹ está intimamente relacionada com os mecanismos paranóides.²⁰ Esses mecanismos se acham em plena atividade na fase em que a criança, em suas fantasias sádicas masturbatórias, destrói sub-repticiamente os genitores em coito por meio de urina, fezes e flatos;²¹ e o medo de sofrer represálias reforça esses mecanismos, que são empregados secundariamente para fins defensivos.²²

¹⁹ Cf. Freud, *Totem und Tabu* (1912); também Ferenczi, "Stages in the Development of a Sense of Reality" (1913), e Abraham, "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes in Dreams and Neurosis" (1917).

²⁰ Para a relação entre a paranóia e as funções anais, vide Freud, Ferenczi, Von Ophuijsen, Stárcke e outros.

²¹ Vide capítulo 10.

²² Essa onipotência sádica, utilizada primariamente para destruir os genitores ou apenas um deles por meio de excrementos, modifica-se no curso do desenvolvimento da criança e é freqüentemente empregada para infligir sofrimento moral ao objeto ou para controlá-lo e dominá-lo intelectualmente. Devido a essa modificação, e pelo fato de agora a criança efetuar seus ataques de maneira secreta

Pelo que me é dado julgar, esse sentimento de onipotência das funções urinária e intestinal exerce uma influência mais pronunciada e mais durável sobre o desenvolvimento da vida sexual e da formação do ego da menina, do que sobre o menino. Os ataques que as crianças de ambos os sexos efetuam com seus excrementos são assestados contra a mãe, primeiramente contra o seu seio e depois contra o interior de seu corpo. Como os impulsos destrutivos da menina contra o corpo materno são mais poderosos e duradouros que os do menino, ela elaborará métodos secretos e ardilosos de ataque, baseados na magia de seus excrementos e em outros produtos de seu corpo, assim como na onipotência de seus pensamentos, em conformidade com a natureza oculta e secreta do mundo que ela e sua mãe encerraram dentro de seu corpo.²³ Já o menino concentrará seus sentimentos de ódio não somente no pênis do pai que ele imagina encontrar-se no interior da mãe, mas no seu pênis real; destarte, estarão sendo dirigidos em escala muito maior para o mundo exterior e para o que é tangível e visível. Graças ao uso da onipotência sádica de seu pênis, ele dispõe de outros meios para dominar sua angústia,²⁴ ao passo que o modo da mulher dominar a angústia permanece submisso às suas relações com o mun-

e insidiosa, tendo que desdobrar simultaneamente uma extrema vigilância e acuidade mental a fim de resguardar-se dos contra-ataques de natureza correspondente; seu sentimento original de onipotência assume uma importância fundamental para o desenvolvimento de seu ego. No artigo acima referido, Abraham adota o ponto de vista de que a onipotência das funções da bexiga e dos intestinos é um precursor da onipotência dos pensamentos; e em seu artigo "The Madonna's Conception through the Ear" (1923), Ernest Jones demonstrou que os pensamentos são equacionados com flatos. Também eu acredito que a criança equacione suas fezes e, mais especialmente, seus gases invisíveis, com aquela outra substância secreta e invisível, seus pensamentos; e além do mais, que ela imagina que em seus ataques dissimulados ao corpo da mãe, os flatos tenham sido inseridos dentro desta última por meios mágicos (vide o capítulo 8 deste livro).

²³ O fato de a mulher ligar seu narcisismo à totalidade de seu corpo pode ser devido em parte à conexão que ela faz de seu sentimento de onipotência com as diversas funções corporais e processos excretórios; ela o distribui assim em escala maior pela totalidade de seu corpo, ao passo que o homem focaliza seu narcisismo mais especialmente em seus órgãos genitais. Em última análise, é através de seu corpo que ela captura e controla seus objetos reais por meios mágicos.

²⁴ Neste e no próximo capítulo examinaremos como as diferenças anatômicas entre os sexos contribuem para separar as vias ao longo das quais o sentimento de onipotência e, conseqüentemente, as formas de dominar a angústia, se desenvolvem em cada sexo.

do interno, com o que se acha oculto e, por conseguinte, com o inconsciente.²⁵

Como já foi dito, quando o sadismo da menina está em seu apogeu, ela acredita que o ato sexual seja um meio de destruir o objeto; da mesma forma, ela crê, nesse período, estar empreendendo uma guerra de exterminação contra os objetos internalizados. Através da onipotência de seus excrementos e pensamentos, ela se empenha em sobrepujar os objetos aterrozantes contidos no interior de seu próprio corpo e que originalmente se encontravam no interior de sua mãe. Se sua fé no "bom" pênis paterno introjetado for suficientemente consistente, ela o converterá em instrumento de seu sentimento de onipotência.²⁶ Se preponderar sua crença no poder mágico de seus excretos e pensamentos, será através desse poder que ela, em imaginação, governará e controlará tanto os objetos internalizados como os reais. Essas diferentes fontes de poderio mágico exercem uma ação simultânea, reforçando-se mutuamente; e o ego faz uso delas jogando-as umas contra as outras com o fim de dominar a angústia.

PRIMEIRAS RELAÇÕES COM A MÃE

A atitude da menina face ao pênis introjetado é fortemente influenciada por sua atitude face ao seio materno. Os primeiros objetos que ela introjeta são a mãe "boa" e a "má", representadas pelo seio.²⁷ Seu desejo de sugar e devorar o pênis deriva diretamente de seu desejo de fazer o mesmo com o seio da mãe; de sorte que a frustração sofrida com o seio prepara

²⁵ Em meu trabalho "Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931) demonstrei que, em seu inconsciente, o indivíduo considera o pênis como representante de seu ego e de seu consciente, e o interior de seu corpo — o que é invisível — como representante de seu superego e de seu inconsciente. (Vide também o capítulo 12 deste livro.)

²⁶ Em seu artigo "The Rôle of Psychotic Mechanisms in Cultural Development" (1930), Melitta Schmideberg demonstrou que a introjeção do pênis do pai (= seu pai) realça grandemente o narcisismo do indivíduo e seu sentimento de onipotência.

²⁷ No capítulo 8 vimos como o "bom" seio se converte em "mau" em consequência dos ataques imaginários que a criança efetua contra ele (a criança dirige todos os recursos de seu sadismo em primeiro lugar contra o seio, por não lhe proporcionar suficiente gratificação); de sorte que a introjeção primária tanto de uma boa quanto de uma má imagem materna se verifica antes da formação de qualquer outra imagem.

o caminho para os sentimentos despertados por sua frustração posterior com relação ao pênis. A inveja e o ódio que ela sente da genitora colorem e intensificam suas fantasias sádicas contra o pênis; ademais, toda a sua atitude subsequente para com os homens será afetada pelo papel desempenhado por suas relações com o seio materno. Assim que ela começa a recear o "mau" pênis introjetado começa a regressar para a mãe, de quem, como pessoa real e como figura introjetada, ela espera receber socorro. Se sua atitude primária para com a mãe foi governada pela posição oral de sucção, de forma a conter fortes correntes de sentimentos positivos e otimistas, ela será capaz, em certa medida, de escudar-se por trás da boa imago materna contra a má imago materna e contra o "mau" pênis; se não, seu medo à mãe introjetada incrementará seu medo ao pênis internalizado e aos terríficos pais unidos em coito.

A importância, para a menina, da imago materna como figura "protetora", e a intensidade de seu apego à genitora, são muito grandes, uma vez que, em sua imaginação, a mãe é a possuidora do seio nutritício, do pênis do pai e dos bebês e tem, por conseguinte, o poder de gratificar todas as suas necessidades. Quando surgem as primeiras situações de angústia da pequerrucha, seu ego utiliza sua necessidade de nutrição* no mais amplo sentido da palavra, para ajudá-la a superar a angústia. Quanto mais ela recear que seu corpo esteja envenenado e exposto ao ataque, tanto mais ansiará pelo "bom" leite, o "bom" pênis e os bebês,²⁸ sobre os quais ela julga que a mãe tenha autoridade ilimitada. Ela necessita dessas coisas "boas" para que a protejam das "más" e para estabelecer um certo equilíbrio interno. Por conseguinte, o corpo da mãe é uma espécie de armazém que contém a gratificação de todos os seus desejos e o apaziguamento de todos os seus temores. Essas fantasias, que a fazem retornar ao seio materno como fonte primeira de gratificação e como a mais preta de conseqüências, são as responsáveis por seu intensíssimo apego à mãe. E a frustração que sofre com a genitora leva-a a sentir, sob a

* Nutrir tem também o sentido de manter no íntimo, agasalhar, proteger, acariciar (N. da T.).

²⁸ Mais adiante examinaremos, detalhadamente, o profundo significado associado à posse de filhos. Basta-nos aqui salientar que o bebê imaginário no interior do corpo representa um objeto benéfico.

crescente pressão de sua angústia, um renovado ressentimento contra ela e a redobrar os ataques sádicos contra o seu corpo.

Contudo, num estágio um pouco mais avançado de seu desenvolvimento, numa época em que o sentimento de culpa se faz sentir em todos os pontos,²⁹ este mesmo desejo de apoderar-se do “bom” conteúdo do corpo da mãe, ou melhor, sua convicção de havê-lo feito e, destarte, exposto a mãe ao seu “mau” conteúdo, desperta na menina graves sentimentos de angústia e de culpabilidade. Julga ela que ao ter assim destruído a mãe, demoliu o reservatório de onde extrai a satisfação para todas as suas necessidades físicas e morais. Este receio, de tão tremenda importância na vida psíquica da pequerrucha, concorre para tornar ainda mais fortes os laços que a atam à genitora, e dá origem a uma impulsão para restituir e devolver à mãe tudo o que dela tirou; e essa impulsão manifesta-se em numerosas sublimações de tipo especificamente feminino.

Mas esta impulsão opõe-se a uma outra, também estimulada pelo mesmo temor: a de tomar tudo o que a mãe possui, a fim de salvar seu próprio corpo. Neste estágio evolutivo, portanto, a menina é dominada tanto pela compulsão de tomar como pela de devolver; e esta compulsão, como já frisei,³⁰ é importante na etiologia da neurose obsessiva em geral. Por exemplo, vemos crianças pequeninas desenhando estrelinhas ou cruzeiros, que significam fezes e bebês; ou crianças um pouco maiores escrevendo letras e números numa folha de papel que representa seu próprio corpo ou o corpo de sua mãe, e tomando o máximo cuidado para não deixar espaços vazios. Ou então empilharão ordenadamente pedaços de papel numa caixa até enchê-la. Muito freqüentemente desenharão uma casa representando a mãe, colocando à sua frente uma árvore simbolizando o pênis do pai, e algumas flores ao lado simbolizando os bebês. Meninas maiores desenharão, coserão ou confeccionarão bonecas e vestidinhos para as suas bonecas, ou livros; estes trabalhos simbolizam o corpo reconstituído da mãe (quer em sua totalidade quer cada parte danificada individualmente), os bebês que ele con-

²⁹ Não nos esqueçamos que em sua imaginação, além de haver atacado os pais, a menina danificou ou matou os irmãos e irmãs que se achavam no interior da mãe. Seu medo de retaliação e seu sentimento de culpa por esse motivo dão origem a dificuldades em sua relação com os verdadeiros irmãos e irmãs e, conseqüentemente, em sua capacidade de adaptação social em geral.

³⁰ Vide capítulo 9.

tém e o pênis do pai, ou então o pai, os irmãos e as irmãs em pessoa.

Enquanto estão empenhadas nessas atividades ou depois de as haverem concluído as crianças freqüentemente darão mostras de raiva, depressão ou desapontamento, ou terão até mesmo reações destrutivas. Esta angústia, que é um obstáculo subjacente a todas as tendências construtivas, tem múltiplas origens.⁸¹ A menina, em sua imaginação, apossou-se do pênis do pai, das fezes e dos bebês; mas o medo que, devido às suas fantasias sádicas, lhe inspiram esses objetos roubados, impede-a de acreditar na boa qualidade dos mesmos. As questões que agora a preocupam são da seguinte ordem: serão “boas” as coisas que está devolvendo à sua mãe? poderá fazer uma devolução adequada no tocante à qualidade e quantidade e mesmo no tocante à ordem com que devem estar dispostas internamente (pois essa também é uma parte necessária ao ato de restituição)? Se, por outro lado, ela acredita ter devolvido bem e devidamente à mãe o “bom” conteúdo de seu corpo, fica com receio de haver posto sua própria pessoa em perigo com esse ato.

De mais a mais, essas fontes de angústia suscitam na menina uma atitude especial de desconfiança para com a mãe. Ao entrarem em minha sala, muitas de minhas pequenas pacientes dirigem um olhar suspeito para os lápis e papéis na gaveta que lhes está reservada, para verificar se não houve alguma troca, ou se o número e o tamanho dos mesmos não diminuiu desde o dia anterior; ou então querem se certificar de que o conteúdo da gaveta não foi desarrumado, de que tudo está em ordem, de que não falta nada, e que nenhuma peça foi trocada por outra.³² De tempos em tempos embrulharão seus desenhos ou moldes de papel ou o que quer que na ocasião esteja simbolizando o pênis ou os bebês, amarrando-os e depositando-os cuidadosamente na gaveta de brinquedos, e demonstrando profunda des-

⁸¹ Se a angústia é tão forte que não pode ser tolhida pelos mecanismos obsessivos, entrarão em ação os mecanismos violentos pertencentes aos estádios iniciais, conjuntamente com os mecanismos de defesa mais primitivos empregados pelo ego.

³² Devo mencionar que cada criança tem uma gaveta particular, onde são guardados os brinquedos, papéis, lápis etc., juntamente com as coisas que ela traz de casa. O conteúdo dessa gaveta, que eu renovo de tempos em tempos, é entregue à criança no começo de cada hora analítica.

confiança de minha pessoa. Nessas ocasiões não permitem que eu me aproxime do embrulho ou mesmo da gaveta e eu tenho de me afastar ou então desviar o olhar enquanto o ajeitam. A análise revela, nesse caso, que a gaveta com os embrulhos representa seu próprio corpo e que elas receiam não só que a mãe a ataque e saqueie, mas que substitua as coisas "boas" por coisas "más".

Além dessas muitas fontes de angústia, a menina, quando comparada ao menino, tem ainda outras desvantagens, que se prendem a razões fisiológicas. Sua posição feminina não lhe proporciona nenhum apoio contra a angústia,³³ uma vez que a posse de bebês, que seria a confirmação completa e a consumação dessa posição, é apenas prospectiva.³⁴ Sua conformação anatômica tampouco lhe oferece qualquer possibilidade de saber qual é o estado interno de seu corpo; ao passo que o menino se apóia em sua posição masculina, pois graças ao seu pênis, ele tem um meio de convencer-se, através da prova da realidade, de seu bom funcionamento interno. É esta incapacidade de saber o que quer que seja a respeito de sua condição que agrava o que, na minha opinião, é o medo mais profundo da menina, ou seja, de que o interior de seu corpo tenha sido danificado ou destruído e que ela não tenha bebês ou, se os tem, que estejam deteriorados.³⁵

O PAPEL DA VAGINA NA SEXUALIDADE INFANTIL

Penso que o fato da angústia da menina estar relacionada com o interior de seu corpo explica, em grande parte, a razão porque o papel desempenhado pela vagina em sua primeira organização sexual é eclipsado pela atividade do clitoris. Em suas fantasias masturbatórias mais rudimentares, nas quais transforma a vagina da mãe em instrumento de destruição, ela demonstra ter um conhecimento inconsciente a respeito da vagina. Devido à predominância de suas tendências orais e anais,

³³ Cf. meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

³⁴ Em seu trabalho "The Significance of Masochism in the Mental Life of Women" (1930), Helene Deutsch aponta esse fato como um obstáculo para a manutenção da posição feminina.

³⁵ Esta é, em parte, a razão pela qual o narcisismo feminino estende-se por todo o corpo. O narcisismo masculino focaliza-se no pênis porque o maior temor do menino é o de ser castrado.

ela a assemelha à boca e ao ânus; não obstante, conforme o demonstram claramente muitos detalhes de suas fantasias, ela inconscientemente considera a vagina como uma cavidade nos genitais destinada a receber o pênis do pai.

Mas, além dessa noção vaga e inconsciente, a meninazinha, freqüentemente, possui também um conhecimento consciente da existência da vagina. Independentemente dos casos especia-
líssimos mencionados por Helene Deutsch,³⁶ em que a paciente havia obtido esse conhecimento em consequência de violação e defloração, sendo ulteriormente induzida à masturbação vaginal, a análise me convenceu de que muitas meninas pequenas têm consciência de possuírem uma abertura em seus genitais. Em alguns casos, obtiveram esse conhecimento através de investigações mútuas efetuadas em folgedos sexuais com outras crianças, de ambos os sexos; em outros, é fruto de uma descoberta individual. Não há dúvida de que elas se sentem fortemente inclinadas a negar ou reprimir tal conhecimento, em virtude da angústia relacionada com esse órgão e com o interior de seu corpo. A análise tem nos revelado que pelo fato da vagina fazer parte do interior do corpo, a ela se achando vinculada grande parte da angústia mais profunda — e por ser o órgão que elas consideram como preeminentemente perigoso e exposto ao perigo em suas fantasias sádicas de copulação entre os pais — é ela de importância fundamental na gênese dos distúrbios sexuais e na frigidez e, particularmente, na inibição da excitabilidade vaginal.

Há um bom número de evidências atestando que a vagina não assume sua função integral enquanto não tiver sido praticado o ato sexual.³⁷ Como é do nosso conhecimento, a atitude da mulher face à copulação quase sempre se altera completamente após uma experiência pessoal; e a inibição no que se refere ao coito — antes do evento, tal inibição é tão usual a ponto de ser praticamente normal — cede, freqüentemente, a um desejo intenso de tornar a praticá-lo. Daí podemos inferir que a inibição prévia foi em parte mantida pela angústia e que o ato sexual dissipou essa angústia.³⁸ Estou inclinada a

³⁶ *Lcc. cit.*

³⁷ Helene Deutsch sustenta esse ponto de vista em seu livro *Zur Psychologie der weiblichen Sexualfunktionen*, 1925.

³⁸ Já examinamos a estrutura dos casos em que o ato sexual falha em reduzir a angústia, chegando, inclusive, a aumentá-la.

atribuir esse efeito ressegurador das relações sexuais ao fato de que a gratificação libidinal que ela recebe da copulação confirma sua crença de que o pênis que incorporou durante o ato é um "bom" objeto e que sua vagina não tem um efeito destruidor sobre ele. O medo ao pênis internalizado e, externo, que era tanto mais intenso por escapar a toda verificação, é assim dissipado pelo objeto real. Além dos fatores biológicos, os temores da menina no que concerne ao interior de seu corpo constituem-se, a meu ver, em obstáculos à eclosão de uma fase vaginal claramente discernível na primeira infância. Não obstante, estou convencida, com base em numerosas análises de meninas pequenas, de que os representantes psicológicos da vagina exercem uma influência não menos ativa do que os representantes psicológicos de todas as outras fases libidinais, sobre a organização genital infantil da criança do sexo feminino.

Os mesmos fatores que tendem a dissimular a função psicológica da vagina na menina, servem para reforçar sua fixação no clitóris, pois este é um órgão visível, que pode ser submetido à prova da realidade. Constatei que a masturbação clitoridiana é acompanhada de fantasias diversas. Seu conteúdo modifica-se com extrema rapidez, de acordo com as flutuações violentas que se verificam entre uma posição e a outra nas primeiras etapas do desenvolvimento feminino. São inicialmente, em sua maior parte, de natureza pré-genital; mas assim que os desejos da menina de incorporar o pênis do pai de maneira oral e genital tornam-se mais fortes, essas fantasias assumem um caráter genital e vaginal (sendo já freqüentemente acompanhadas, ao que parece, de sensações vaginais) e tomam, desde o início, uma direção feminina.³⁹

Já que a menina pequena começa a identificar-se com o pai logo após haver se identificado com a mãe, seu clitóris assume rapidamente a significação de pênis em suas fantasias masturbatórias. Todas as fantasias masturbatórias clitoridianas pertencentes a esse estágio precoce são regidas pelas tendências sádicas; acredito que seja esta a razão pela qual suas atividades masturbatórias em geral diminuem ou cessam de todo quando a fase fálica chega ao seu término, num período em que seu

³⁹ Em seu trabalho "One of the Motive Factors in the Formation of the Super-Ego in Women" (1928), Hanns Sachs sugere a possibilidade de que, visto que a fase vaginal não se pode estabelecer nessa idade, a menina desloque suas obscuras sensações vaginais para a boca.

sentimento de culpa emerge mais fortemente. Sua compreensão do fato de que o clitóris não é substituto para o pênis que ela almeja é, na minha opinião, apenas o último elo de uma cadeia de eventos, que determinam sua vida futura e que, em muitos casos, a condenam à frigidez pelo resto de seus dias.

O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

Pelo que me foi dado observar, a identificação com o pai, que a menina manifesta tão claramente na fase fálica, com todos os sinais de inveja do pênis e de complexo de castração,⁴⁰ é o resultado de um processo gradual que abrange muitas etapas.⁴¹ Ao examinar algumas dentre as mais importantes dessas etapas, veremos de que maneira sua identificação com o pai é afetada pela angústia oriunda da posição feminina, e como a posição masculina que ela adota em cada uma de suas fases evolutivas é sobreposta à posição masculina pertinente a uma fase anterior.

Quando a meninazinha abandona o seio materno e se volta para o pênis do pai como objeto de gratificação, ela se identifica com a mãe. Mas assim que sofre uma frustração também nessa posição, identifica-se rapidamente com o pai, que, segundo ela imagina, obtém satisfação do seio e de todo o corpo da mãe, isto é, daquelas fontes primárias de gratificação que ela mesma, tão penosamente, foi forçada a abandonar. Sentimentos de ódio, e de inveja pela mãe, assim como desejos libidinais por ela, concorrem para criar esta primeira identificação da menina com o pai (a quem ela encara como sendo uma figura sá-

⁴⁰ Cf. Abraham, "Manifestation of the Female Castration Complex" (1921).

⁴¹ Karen Horney foi a primeira psicanalista a relacionar o complexo de castração da mulher com sua primeira posição feminina quando bebê. Em seu artigo, "On the Genesis of the Castration Complex in Women" (1923), esta autora salienta certos fatores que ela considera substanciais para o estabelecimento da inveja do pênis na menina, baseada em catexis pré-genitais. Um deles é a gratificação de tendências escotofílicas e exibicionistas que ela nota que o menino obtém ao urinar; outro é sua crença de que a posse do pênis possibilita uma quantidade maior de gratificação do erotismo uretral; outros ainda não derivados das dificuldades que assediam com respeito à sua posição feminina — tais como a inveja de sua mãe por ter filhos — e aumentam sua tendência de se identificar com o pai, além de intensificarem sua inveja do pênis. De mais a mais, a dr. Horney acredita que os mesmos fatores que induzem a menina a assumir uma atitude homossexual levam-na, embora em grau menor, à produção de um complexo de castração.

dica); e nesta identificação, a enurese desempenha importante papel.

Crianças de ambos os sexos consideram a urina em seu aspecto positivo como equivalente ao leite materno, de acordo com o inconsciente, que equaciona todas as substâncias corpóreas umas com as outras. Minhas observações demonstram que a enurese — em sua significação primitiva de ato tanto positivo, de dar, quanto de ato sádico — é a expressão de uma posição feminina tanto em meninos como em meninas.⁴² Parece que o ódio que as crianças sentem pelo seio da mãe por haver frustrado seus desejos, suscita nelas, em concomitância com os impulsos canibais ou logo depois, fantasias de lesar e destruir o seio com sua urina.⁴³

Na fase sádica, como já foi dito, a menina acredita piamente no poder mágico de seus excretos, ao passo que o menino faz de seu pênis o principal executor de seu sadismo. Mas a crença na onipotência de suas funções urinárias leva também a menina a identificar-se — embora em grau menor do que o menino — com o pai sádico, a quem ela atribui poderes uretral-sádicos especiais, em virtude de ele possuir um pênis.⁴⁴ Des-

⁴² Segundo Helene Deutsch, a enurese é a expressão de uma posição feminina no menino e masculina na menina (*Psychoanalyse der Neurosen*, 1930, pág. 51).

⁴³ Ao agirem assim, utilizam um mecanismo que é, penso eu, de importância geral na formação das fantasias sádicas. Elas convertem o prazer que proporcionam ao objeto em seu oposto, acrescentando-lhe elementos destrutivos. Como vingança por não conseguirem bastante leite da mãe, elas produzem, em imaginação, uma quantidade excessiva de urina, destruindo o seio por inundação ou liquefação; e, como vingança por não conseguirem leite "bom" produzem um fluido nocivo a fim de corroer e envenenar o seio e o leite que este contém. Esse mecanismo também dá origem a fantasias em que o sujeito atormenta e prejudica as pessoas, dando-lhes um excesso de bons alimentos. Neste caso o sujeito pode sofrer, como constatei em mais de um caso, da angústia retaliatória de sentir-se sufocado ou muito cheio em conexão com a ingestão de alimentos. Um de meus pacientes mal conseguia controlar sua cólera quando lhe ofereciam, ainda que amistosamente, alimentos, bebidas ou cigarros pela segunda vez. Imediatamente sentia-se empanturrado e perdia toda a vontade de comer, beber ou fumar. A análise demonstrou que seu comportamento era ocasionado pelas fantasias de caráter originalmente sádico descritas acima.

⁴⁴ Em seu artigo "On the Genesis of the Castration Complex in Women" (1923), Karen Horney afirma que um dos fatores que encorajam a inveja do pênis primária da menina em conexão com seus impulsos eróticos uretrais, é que suas fantasias sádicas de onipotência, que se baseiam nas funções urinárias, estão íntima e especialmente associadas com o jorro de urina que o menino é capaz de produzir.

tarte, a incontinência de urina, que havia sido, primariamente, a expressão de uma posição feminina, passa, muito cedo, a representar uma posição masculina para crianças de ambos os sexos; e em conexão com a primeira identificação da menina com o pai sádico, converte-se em meio de destruir a mãe e de apoderar-se em imaginação, do pênis do pai, ao castrá-lo.

A identificação da menina com o pai, graças ao pênis introjetado,⁴⁵ baseia-se, na minha experiência, na identificação sádica primária que fez com ele através da incontinência urinária. Em suas mais remotas fantasias masturbatórias, ela se identificou alternadamente com cada um dos pais. Quando ocupa a posição feminina, fica atemorizada com o "mau" pênis paterno que internalizou. A fim de combater esse medo, ela ativa o mecanismo de defesa que consiste na identificação com o objeto de sua angústia.⁴⁶ A posse imaginária do pênis que roubou dá origem a um sentimento de onipotência que redobra sua fé no poder mágico destrutivo de seus excrementos. Nessa posição, seu ódio e sadismo contra a mãe se intensificam e ela tem fantasias de destruí-la por meio do pênis de seu pai; ao mesmo tempo, satisfaz seus desejos de vingança contra o pai frustrador, e encontra em sua onipotência e em seu poder sobre ambos os genitores uma defesa contra a angústia. Encontrei essa atitude fortemente desenvolvida em uma ou duas pacientes em quem predominavam traços paranóides;⁴⁷ mas ela é igualmente pronunciada em mulheres cuja homossexualidade se acha pro-

⁴⁵ Ao considerar a origem da homossexualidade nas mulheres, Ernest Jones, em seu trabalho "The Early Development of Female Sexuality" (1927), chegou a certas conclusões fundamentais, que minhas próprias descobertas confirmam plenamente. Em suma, enuncia ele que a presença de intensas fantasias de *fellatio* na mulher, aliadas a um poderoso sadismo oral, abre o caminho para a crença de que ela se apossou à força do pênis do pai e coloca-a numa relação especial de identificação com ele. Na atitude homossexual assim originada ela demonstrará falta de interesse pelo próprio sexo e um grande interesse pelos homens. Seu empenho será no sentido de conquistar o reconhecimento e o respeito dos homens, e ela terá fortes sentimentos de rivalidade, de ódio e de ressentimento por eles. No tocante à formação caracterológica, ela apresentará traços acentuadamente oral-sádicos e sua identificação com o pai será colocada em alto grau a serviço de seus desejos de castração.

⁴⁶ Vide capítulo 7.

⁴⁷ O leitor poderá referir-se ao caso clínico de Erna no capítulo 3, mas um ponto característico pode ser citado aqui. Aos seis anos de idade, Erna sofria de grave insônia. Tinha pavor de assaltantes e ladrões, que ela só conseguia superar deitando-se de bruços e martelando a cabeça nos travesseiros. Isto significava

fundamente colorida por sentimentos de rivalidade e antagonismo para com o sexo masculino. Aplicar-se-ia, assim, àquele grupo de homossexuais femininas descritas por Ernest Jones e a quem me referi na nota 45 da pág. anterior.

Nesta conjuntura, a posse de um pênis externo contribui para que a menina se convença de que, em primeiro lugar, tem na realidade um poder sádico sobre ambos os pais, sem o que não poderá dominar sua angústia;⁴⁸ e, em segundo lugar, de que por ter esse poder sádico sobre os objetos, ela pode superar o perigoso pênis e os objetos que introjetou, de sorte que, em última instância, ter um pênis serve para o propósito de proteger o corpo da destruição.

Enquanto sua posição sádica, que é reforçada pela angústia, forma assim a base de um complexo de masculinidade, seu sentimento de culpa também faz com que ela deseje ter um pênis, a fim de poder fazer reparações à mãe. Como Joan Riviere observou em seu trabalho abaixo referido, o desejo da menina de compensar a mãe por tê-la despojado do pênis do pai contribui em muito para o seu complexo de castração e para a sua inveja do pênis. Quando, por medo de sua mãe, a menina é obrigada a renunciar à sua rivalidade com ela, sua vontade de apaziguá-la e compensá-la pelo que fez leva-a a desejar ardentemente um pênis como meio de efetuar a restituição. Na opinião de Joan Riviere, a intensidade de seu sadismo e a amplitude de sua capacidade de tolerar a angústia são fatores que ajudarão a determinar se ela adotará uma linha heterossexual ou homossexual.

Examinemos agora mais a fundo por que é que em alguns casos a menina não pode fazer reparações à mãe, a não ser que adote uma posição masculina e esteja de posse de um pênis. A análise das crianças pequenas⁴⁹ revelou a existência no inconsciente de um princípio fundamental que rege todos os

manter um coito com a mãe, no qual ela desempenhava o papel de seu pai supostamente sádico.

⁴⁸ Em seu trabalho "Womanliness as a Masquerade" (1929), pág. 303, Joan Riviere salientou que a menina, em sua raiva e em seu ódio contra os pais por se proporcionarem mutuamente gratificação sexual, elabora fantasias de castração contra o pai, toma posse de seu pênis e, tendo assim o pai e a mãe em seu poder, mata-os.

⁴⁹ Nisto, como em muitos outros pontos importantes, minhas observações analíticas coincidem com as de M. N. Searl.

processos reativos e sublimatórios, pelo qual os atos de reparação devem corresponder em todos os detalhes ao dano imaginário que foi ocasionado. Sejam quais forem as maldades que a criança tenha cometido em fantasia, quer roubando, lesando ou destruindo, deverão ser reparadas devolvendo, conserando e restaurando, uma por uma. Este princípio também requer que os mesmos instrumentos que foram utilizados para cometer as más ações sejam empregados para desfazê-las. A criança precisa transformar as substâncias que em sua fantasia são perigosas e destrutivas, tais como as excreções e o pênis, em substâncias benéficas e remediadoras. O "bom" pênis e a "boa" urina deverão corrigir qualquer dano que o "mau" pênis e a "má" urina tenha ocasionado.⁵⁰

Suponhamos que a menina tenha centralizado suas fantasias sádicas mais especialmente na destruição indireta da mãe por meio de seu perigoso pênis paterno, e que ela tenha se identificado fortemente com o pai sádico. Assim que suas tendências reativas e seus desejos de reparação adquirem mais vigor, ela se sentirá premida a restaurar a mãe por meio de um pênis benéfico; destarte, suas tendências homossexuais ficarão reforçadas. Um fator importante nesta conexão é a extensão em que ela acredita que o pai tenha sido incapacitado de fazer reparações, quer porque ela o castrou e afastou de seu caminho, quer por ter feito de seu órgão um pênis muito "mau", tendo, por conseguinte, de abandonar a esperança de poder restaurá-lo.⁵¹ Se acreditar firmemente nisso, ela mesma terá que desempenhar esse papel, o que, novamente, fará com que ela tenda a adotar uma posição homossexual.

⁵⁰ Em seu artigo "Psychotic Mechanisms in Cultural Development" (1930), Melitta Schmideberg registra o papel desempenhado na história da medicina pela crença nas qualidades mágicas do "bom" pênis, simbolizado pelos medicamentos, e do "mau" pênis, simbolizado pelo demônio da doença. Ela atribui os efeitos psicológicos dos medicamentos físicos às seguintes causas: a atitude original de agressão contra o pênis do pai — atitude que fez esse órgão tornar-se extremamente perigoso — é sucedida por uma atitude de obediência e submissão face a ele. Se o indivíduo tomar os medicamentos que lhe são ministrados com este último espírito, estes, representando o "bom" pênis, neutralizarão os "maus" objetos em seu interior.

⁵¹ Se a homossexualidade emergir somente sob formas sublimadas, ela, por exemplo, protegerá e tomará conta de outras mulheres (isto é, sua mãe), adotando para com elas a atitude de um marido, e manifestará pouco interesse pelo sexo masculino. Ernest Jones demonstrou que essa atitude se desenvolve nas mulheres homossexuais cuja fixação na fase oral de sucção é muito intensa.

A decepção, as dúvidas e o sentimento de inferioridade que acometem a menina quando ela se dá conta de não possuir um pênis, e os temores e os sentimentos de culpa suscitados por sua posição masculina (em primeiro lugar face ao pai, porque ela o despojou de seu pênis e da posse de sua mãe, e em segundo lugar face à mãe, por haver-lhe roubado o pai), combinam-se para derrubar essa posição. De mais a mais, seu ressentimento original contra a mãe por tê-la impedido de tomar o pênis do pai para objeto libidinal, junta-se ao novo ressentimento contra ela por haver-lhe negado a posse de um pênis como atributo de masculinidade; e esse duplo ressentimento a induz a afastar-se de sua mãe como objeto de amor genital. Por outra parte, seus sentimentos de ódio pelo pai e a inveja de seu pênis, que brotam de sua posição masculina, mais uma vez impedem que ela adote um papel feminino.

De acordo com minha experiência, a menina, após haver deixado a fase fálica, passa ainda por outra fase, pós-fálica, na qual elege entre reter a posição feminina ou abandoná-la. Devo dizer que quando ela entra no período de latência, sua posição feminina, que atingiu o nível genital e é de caráter passivo⁵² e maternal — e que abrange o funcionamento de sua vagina, ou ao menos de seus representantes psicológicos — já foi estabelecida em todos os seus fundamentos. Isso torna-se ainda mais provável quando consideramos com que frequência as meninas pequenas adotam uma posição genuinamente feminina e maternal. Essa posição seria inconcebível, a menos que a vagina estivesse se portando como órgão receptivo. Claro está, como já foi assinalado, que importantes alterações se verificam nas funções da vagina em consequência das modificações biológicas advindas na puberdade e da experiência do ato sexual; e são essas alterações que conduzem o desenvolvimento da menina ao seu estágio final também do ponto de vista psicológico, e que fazem dela uma mulher no mais amplo sentido da palavra.

Concordo em muitos pontos com o artigo de Karen Horney, "The Flight from Womanhood" (1926), no qual ela chega à conclusão de que a vagina e o clitóris ocupam um lugar importan-

⁵² Helene Deutsch também acredita que a verdadeira atitude passiva feminina da vagina encontra sua origem na atividade oral e de sucção (*Zur Psychologie der weiblichen Sexualfunktionen*, 1925).

te nos primeiros anos de vida da menina. Assinala Horney que seria razoável inferir, pelo aparecimento da frigidez nas mulheres, que a zona vaginal é mais fortemente catexizada do que o clitóris de afetos angustiosos e defensivos. Ela acredita que os desejos incestuosos e as fantasias da menina foram corretamente atribuídos por seu inconsciente à vagina, e que sua frigidez na vida futura é a manifestação de uma defesa do ego contra esta ameaça. Também compartilho da opinião de Karen Horney de que a incapacidade de obter um conhecimento exato sobre a conformação de sua vagina ou de submetê-la à prova da realidade a fim de descobrir se sofreu ou não as temidas conseqüências da masturbação, tende a incrementar sua angústia genital, tornando-a mais propensa a adotar uma posição masculina; ela não tem, como o menino, a vantagem de poder verificar a integridade de seus órgãos genitais. Karen Horney, ademais, distingue entre a inveja do pênis secundária, que emerge na fase fálica, e a inveja do pênis primária, que repousa em certas catexis pré-genitais, como a escotofilia e o erotismo uretral. Ela acredita que a inveja do pênis secundária da menina é usada para reprimir seus desejos femininos; e que quando o complexo de Édipo é abandonado, ela renuncia invariavelmente — se bem que nem sempre no mesmo grau — ao pai como objeto sexual e se distancia do papel feminino, regressando, ao mesmo tempo, à sua inveja do pênis primária.

O ponto de vista que expus há alguns anos concernente ao estágio final da organização genital da menina⁵³ coincide, em muitos pontos essenciais, com as conclusões a que Ernest Jones chegou na mesma época. Em seu trabalho, "The Early Development of Female Sexuality" (1927), ele sugere que as funções vaginais eram originalmente identificadas com as anais, e que a diferenciação entre as duas — processo ainda obscuro — se verifica, em parte, num estágio anterior ao que geralmente se supõe. Ele pressupõe a existência de um estágio boca-ânus-vagina, que forma a base da atitude heterossexual da menina e que representa uma identificação com a mãe. Ademais, segundo esse ponto de vista, a fase fálica da menina normal seria apenas uma forma atenuada de identificação feita por homossexuais femininas com o pai e com seu pênis, e como esta, teria um caráter preeminentemente secundário e defensivo.

⁵³ Cf. meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

Já Helene Deutsch é de opinião diversa.⁵⁴ É verdade que ela reconhece a existência de uma fase pós-fálica que influencia o resultado final da organização genital ulterior da menina. Mas ela absolutamente não acredita que exista algo assim como uma fase vaginal infantil, e julga que constitua exceção a menina ter uma noção a respeito de sua vagina ou ter qualquer sensação vaginal; portanto, quando ela chega ao termo de seu desenvolvimento sexual infantil, não pode adotar uma posição feminina no sentido genital. Em consequência, sua libido, apesar de manter uma posição feminina, é obrigada a retroceder e catexizar posições anteriores, dominadas por seu complexo de castração (que, do ponto de vista de Helene Deutsch, precede seu complexo de Édipo); e esta regressão seria o fator fundamental do masoquismo feminino.

TENDÊNCIAS RESTITUTIVAS E SEXUALIDADE

Assim como as tendências restitutivas da menina participam da consolidação de sua posição homossexual, também a consolidação de sua posição heterossexual depende de que essas tendências estejam em conformidade com as exigências de seu superego.

Como vimos na primeira parte deste capítulo, mesmo no que se refere ao indivíduo normal, o ato sexual, juntamente com a motivação libidinal, ajuda-o a dominar a angústia. As atividades genitais têm ainda uma outra força motivacional, que é o anseio de reparar, por meio da copulação, o dano ocasionado com as fantasias sádicas.⁵⁵ Quando, em resultado da mais forte emergência dos impulsos genitais, o ego reage ao superego com menos angústia e mais culpabilidade, ele encontra no ato sexual o meio preeminente de restaurar o objeto, devido à sua conexão com as primeiras fantasias sádicas. A natureza e a amplitude das fantasias restitutivas, que devem corresponder ao dano imaginário ocasionado, serão um fator importante nas diversas atividades e na formação das sublimações do indivi-

⁵⁴ Helene Deutsch. "The Significance of Masochism in the Mental Life of Women" (1930.)

⁵⁵ Em seu trabalho "Einige unbewusste Mechanismen im pathologischen Sexualleben" (1932), Melitta Schmideberg também chega à conclusão de que as tendências de reparação são de grande importância como incentivo para as atividades heterossexuais e homossexuais.

duo, influenciando grandemente o curso e o resultado de seu desenvolvimento sexual.⁵⁶

Voltando à menina, descobrimos que considerações tais como o conteúdo e a composição de suas fantasias sádicas, a magnitude de suas tendências reativas e a estrutura e o vigor de seu ego afetarão suas fixações libidinais e contribuirão para decidir se os seus atos de reparação terão um caráter masculino ou feminino ou se será uma mistura de ambos.⁵⁷

Outra coisa que me parece importante para o sucesso final do desenvolvimento da menina, é que suas fantasias de reparação, que ela elabora a partir de idéias sádicas específicas, possam se impor sobre o ego e sobre sua vida sexual. Normalmente, elas agem nos dois sentidos e se reforçam mutuamente, ajudando a estabelecer as posições da libido e do ego. Se, por exemplo, o sadismo da menina pequena centralizou-se fortemente em fantasias de danificar o corpo da mãe e roubar-lhe os bebês e o pênis do pai, ela pode ser capaz, quando as tendências reativas se fortalecem, de manter sua posição feminina em certas condições. Em suas sublimações, ela efetivará seu anseio de restaurar a mãe e devolver-lhe o pai e os bebês, tornando-se enfermeira ou massagista, ou buscando interesses intelectuais,⁵⁸ e se, ao mesmo tempo, ela acreditar suficientemente na possibilidade de seu próprio corpo ser restaurado ao ter filhos ou relações sexuais com um pênis "bené-

⁵⁶ Se o sentimento de culpa for excessivo, a fusão das atividades sexuais e das tendências reativas podem ocasionar graves perturbações na vida sexual. Reservaremos para o próximo capítulo a discussão sobre o efeito que o anseio de reparação tem sobre o desenvolvimento sexual e a potência do homem.

⁵⁷ Mesmo quando o sadismo permanece dominante, os meios que ela emprega para dominar a angústia influenciarão sua vida sexual e podem levá-la a manter uma atitude homossexual ou a adotar uma atitude heterossexual, sendo que ambas as posições se baseiam nas tendências sádicas.

⁵⁸ Em meu artigo "Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art and in the Creative Impulse" (1929), analisei o relato que Karen Michaelis fez de uma jovem, que repentinamente desenvolveu um grande talento para pintar retratos de mulheres, sem que antes jamais tivesse empunhado um pincel. Procurei demonstrar que a causa dessa súbita irrupção de atividade artística, foi a angústia emanante de suas mais profundas situações de perigo, e que o fato de pintar retratos femininos simbolizava uma restauração sublimada tanto do corpo da mãe, que ela havia atacado em fantasia, como de seu próprio corpo, cuja destruição receava, devido ao seu medo de retaliação. Desta maneira, ela foi capaz de atenuar os temores procedentes dos níveis mais profundos de seu psiquismo.

fico”, utilizará sua posição heterossexual também para dominar a angústia. Ademais, as tendências heterossexuais favorecem as tendências sublimatórias que visam a restauração do corpo de sua mãe, pois lhe demonstram que a copulação não pode haver injuriado sua genitora ou que, na pior das hipóteses, ela pode ser restaurada; e esta convicção, por seu turno, ajuda-a a consolidar-se na posição heterossexual.

A posição definitiva da menina também dependerá, dadas as mesmas condições subjacentes, de que sua crença na própria onipotência construtiva seja equiparável à força de suas tendências reativas. Em caso afirmativo, seu ego poderá estabelecer uma nova meta para as suas tendências de reparação: restaurar a ambos os pais e tornar a uni-los harmonicamente. Agora é o pai quem, em sua fantasia, faz reparações à mãe e a gratifica por meio de seu pênis salutar; enquanto que a vagina da mãe, originalmente imaginada como coisa perigosa, restaura e sana o pênis do pai ao qual injuriou. O fato de encarar a vagina da mãe como órgão benéfico e proporcionador de prazer permite que a menina evoque a imagem mais primitiva da “boa” mãe que a amamentou; além disso, por identificação com a genitora, ela pode se tornar aos próprios olhos uma pessoa benéfica e dadivosa, e pode encarar o pênis de seu parceiro amoroso como um “bom” pênis. Sobre este tipo de atitude repousará o êxito de seu desenvolvimento sexual e sua capacidade de ligar-se ao seu objeto não só pelos laços da afeição e do amor, mas também pelos laços do sexo.

Como procurei demonstrar nestas páginas o sucesso final do desenvolvimento sexual infantil é produto de um longo processo de flutuação entre diversas posições e é edificado sobre um grande número de compromissos interconectados entre o ego e o superego e entre o ego e o id. Sendo o resultado de seus esforços para dominar a angústia, grande parte desses compromissos é obra de seu ego. Alguns desses compromissos concorrem para manter a menina em seu papel feminino e marcarão mais tarde sua vida sexual e seu comportamento. Assim, o pênis do pai gratificará mãe e filha alternadamente,⁵⁹ ou

⁵⁹ As fantasias que possuem esse conteúdo desempenham, na homossexualidade feminina, um papel análogo ao desempenhado na homossexualidade masculina pelas fantasias em que o homem encontra o pênis do pai, como objeto de gratificação ou de ódio, no interior do corpo da mãe. Isto talvez se deva a que, quando a atitude da menina é predominantemente sádica, essas fantasias repre-

então um certo número de bebês será aquinhoadado à mãe e o mesmo número, ou antes um número menor, a ela mesma; ou a menina incorporará o pênis do pai enquanto a mãe receberá todos os bebês. Os componentes masculinos também fazem parte desses compromissos. Algumas vezes, a menina pequena imaginará que se apropria do pênis do pai a fim de desempenhar um papel masculino perante a mãe, para depois devolvê-lo a ele.

No curso da análise, observamos que toda modificação para melhor que se verifica na posição libidinal da paciente é devida a uma diminuição de sua angústia e culpabilidade, e que esta tem por efeito a produção de novos compromissos. Quanto mais diminuir a angústia e a culpabilidade da menina, e quanto mais se afirmar seu estágio genital, mais facilmente ela poderá permitir que a mãe adote, ou antes, que reassuma sua função feminina e maternal; concomitantemente, ela mesma assumirá um papel semelhante, sublimando seus componentes masculinos.

FATORES EXTERNOS

Sabemos que a evolução psíquica da criança é dominada pela ação recíproca de suas primeiras fantasias e de sua vida instintiva, por um lado, e pela pressão exercida pela realidade, por outro. A meu ver, a realidade e os objetos reais afetam as situações de angústia desde os estádios mais primitivos de existência da criança, no sentido de que ela os considera como provas ou refutações das situações de angústia que deslocou para o mundo exterior; destarte, influenciam o curso de sua vida instintiva. E posto que, devido à interação dos mecanismos de projeção e introjeção, os fatores externos influenciam a formação do superego e a maturação dos instintos e das relações objetais, concorrem também para determinar qual será o resultado do desenvolvimento sexual.

Se, por exemplo, a meninazinha procurar em vão em seu pai o amor e a bondade que lhe confirmarão sua crença no "bom" pênis interno, e que servirá de contrapeso para o "mau" pênis, ela muitas vezes crescerá firmemente entrincheirada em sua

sentam a destruição do pênis do pai, empreendida em comum por ela e por sua mãe, ou, quando essa mesma atitude é predominantemente positiva, representam uma gratificação libidinal obtida igualmente em comum com a mãe.

atitude masoquista, e o “pai sádico” pode inclusive converter-se em condição de amor para ela. Em outros casos, o comportamento do pai poderá incrementar seus sentimentos de ódio e de angústia contra o pênis e impeli-la a abandonar o papel feminino ou a tornar-se frígida. Na realidade, o resultado favorável ou desfavorável de seu desenvolvimento dependerá da cooperação de um grande número de fatores externos.

Assim, não será somente a atitude de seu pai para com ela a determinar qual o tipo de pessoa por quem ela se apaixonará. Não se trata simplesmente da questão de ser favorecida em demasia ou negligenciada pelo pai em comparação com a mãe ou as irmãs, mas da relação direta que aquele entretém com essas pessoas. A manutenção de sua posição feminina, que lhe permitirá desejar uma imago paterna bondosa, está igualmente na dependência de seu sentimento de culpa com respeito à mãe e da natureza das relações existentes entre os pais.⁶⁰ Além do mais, certos eventos, como a doença ou a morte de um dos genitores ou de um irmão ou irmã, podem concorrer para reforçar uma ou outra posição sexual, segundo a forma como afetarem seu sentimento de culpa.

Muito importante para o desenvolvimento da criança é também a presença, em sua vida primitiva, de uma pessoa, sem ser o pai ou a mãe, em quem ela procura encontrar uma figura “protetora” que lhe sirva de apoio contra os temores fantásticos do mundo exterior. Ao dividir sua mãe em “boa” e “má” e seu pai em “bom” e “mau”, ela vincula o ódio que sente pelos objetos ao “mau” genitor ou se distancia dele, enquanto dirige suas tendências restauradoras para a “boa” mãe e o “bom” pai; e repara, em imaginação, os danos que infligiu às imagos parentais em suas fantasias sádicas.⁶¹ Mas se, devido à intensidade de sua angústia ou por razões reais, seus objetos edípicos não se tiverem convertido em boas imagos, outras pes-

⁶⁰ Visto como a forma com que cada criança receberá suas impressões da realidade já está amplamente determinada por suas primeiras situações de angústia, os mesmos eventos terão efeitos diferentes em crianças diferentes. Mas não há dúvida que a existência de relações felizes e harmoniosas entre os pais e entre a criança e seus pais é de importância fundamental para o sucesso de seu desenvolvimento sexual e de sua sanidade mental. Claro está que uma vida familiar feliz pressupõe, geralmente que os pais não são neuróticos; de sorte que um fator constitucional faz igualmente parte da situação.

⁶¹ Vide capítulo 9.

soas, como uma pagem bondosa, um irmão ou uma irmã, um avô, uma tia ou um tio, podem, em certas circunstâncias, assumir o papel de “boa” mãe ou de “bom” pai.⁶² Desta maneira, os sentimentos positivos, cujo crescimento fora inibido pelo medo excessivo aos objetos edípicos, podem aflorar e ligar-se a um objeto de amor.

A existência de relações sexuais precoces entre crianças, especialmente entre irmãos e irmãs, é uma ocorrência muito comum. Os anseios libidinais das criancinhas, intensificados como são pelas frustrações edípicas, em conjunção com a angústia emanante das mais profundas situações de perigo, impelem-nas a se entregarem a atividades sexuais mútuas, uma vez que estas, como já procurei demonstrar mais particularmente no presente capítulo, não só gratificam sua libido, como ainda lhes fornecem muitas refutações aos temores ligados ao ato sexual. Tenho constatado freqüentemente que se tais objetos sexuais agirem também como figuras “protetoras”, essas relações sexuais precoces exercem uma influência favorável sobre as relações da menina com seus objetos e sobre seu desenvolvimento sexual ulterior.⁶³ Onde um medo excessivo a ambos os genitores, conjuntamente com certos fatores externos, teria produzido uma situação edípica prejudicial à sua atitude para com o sexo oposto, dificultando a manutenção de sua posição feminina e de sua capacidade de amor, o fato de ela ter tido relações sexuais com um irmão ou com um substituto do irmão na primeira infância, e que esse irmão tenha demonstrado verdadeira afeição por ela e sido seu protetor, proporcionou-lhe a base para uma posição heterossexual, desenvolvendo sua capacidade de amor. Lembro-me de alguns casos em que a menina tinha dois tipos de objeto de amor, um representando o pai severo e outro o irmão gentil.⁶⁴ Em outros casos, a criança

⁶² Um animal de estimação também pode fazer o papel de objeto “protetor” na imaginação das crianças, contribuindo para diminuir sua angústia. Pode-se tratar igualmente de uma boneca ou de um bichinho de brinquedo, a quem elas freqüentemente atribuem a função de protegê-las enquanto estão dormindo.

⁶³ Vide capítulo 7.

⁶⁴ Cada um dos tipos se tornou importante em períodos diferentes de sua vida. A análise revelou que, todas as vezes que sua angústia aumentava e que fatores externos se tornavam operantes, ela era levada a eleger o tipo mais sádico de pessoa ou, pelo menos, a não conseguir resistir aos seus avanços; todavia, assim que lograva destacar-se desse objeto sádico, o outro tipo, o bondoso, repre-

criou uma imago que era uma mescla dos dois tipos; também aqui, suas relações com o irmão haviam diminuído seu masoquismo.

Servindo como prova, baseada na realidade, da existência de um “bom” pênis, as relações da menina com o irmão revigoram sua crença no “bom” pênis introjetado e moderam seu medo aos “maus” objetos internalizados. Ademais, ajudam-na a moderar sua angústia a esse respeito, já que ao realizar atos sexuais com outra criança, ela tem a sensação de estar em aliança com a mesma contra os pais. As relações sexuais tornaram as duas crianças cúmplices de um crime, revivendo nelas as fantasias sádicas masturbatórias que eram originalmente dirigidas contra o pai e a mãe. Compartilhando, pois, dessa profunda culpa, cada criança sente-se um pouco aliviada de seu peso e de seu medo, pois acredita possuir um aliado contra os objetos temidos. A existência desse gênero de cumplicidade secreta, que na minha opinião, desempenha um papel essencial em qualquer relação amorosa, mesmo entre adultos, é de especial importância nos vínculos sexuais em que o indivíduo é de tipo paranóide.⁶⁵

A menina também encara sua ligação sexual com a outra criança, que representa o “bom” objeto, como uma refutação, por meio da realidade, de seu medo tanto à própria sexualidade quanto à natureza destrutiva de seu objeto; de sorte que esse tipo de ligação pode evitar que ela se torne frígida ou que sucumba a outras perturbações futuramente.

Não obstante, apesar de que, como vemos, as experiências desse tipo possam ter um efeito favorável sobre a vida sexual da menina e de suas relações objetais, podem também provocar graves transtornos nesse campo.⁶⁶ Se suas relações com outra criança servirem para confirmar seus temores mais arraigados — seja porque o parceiro é muito sádico seja porque realizar o ato sexual desperta nela ainda mais angústia e culpabilidade devido ao seu próprio sadismo excessivo — sua crença na nocividade de seus objetos introjetados e de seu próprio id se tornará ainda mais forte, seu superego ficará mais rigoroso do que

sentando seu irmão emergia, e ela se tornava menos masoquista e era capaz de eleger um objeto satisfatório.

⁶⁵ Para uma discussão mais ampla sobre o tema, vide o capítulo seguinte.

⁶⁶ Vide capítulo 7.

nunca, e, em resultado, sua neurose e todos os defeitos de seu desenvolvimento sexual e caracterológico ganharão terreno.⁶⁷

DESENVOLVIMENTO NA PUBERDADE

As convulsões psicológicas que a criança atravessa durante a puberdade são, como sabemos, em grande parte devidas à intensificação dos impulsos que acompanham as modificações fisiológicas dessa idade. Na menina, o aparecimento das primeiras regras dá um reforço adicional à sua angústia. Em *Zur Psychologie der weiblichen Sexualfunktionen* (1926), Helene Deutsch discute prolongadamente o significado psicológico da puberdade para a menina e a provação que lhe impõe; e ela chega à conclusão de que o primeiro fluxo de sangue equivale, no inconsciente, a ter sido castrada e privada da possibilidade de ter um filho, constituindo-se, portanto, numa decepção dupla. Helene Deutsch salienta que a menstruação significa também um castigo por haver se entregue à masturbação clitoridiana, e que ela, além disso, reaviva regressivamente a concepção infantil do coito, segundo a qual este é quase sempre um ato sádico, abrangendo crueldade e corrimento de sangue.⁶⁸

Minhas observações corroboram plenamente o ponto de vista de Helene Deutsch, de que as decepções e os choques que a menina sofre em seu narcisismo durante as primeiras regras são muito grandes. Porém, creio que seu efeito patogênico se deva à circunstância de que reativam nela temores passados. Trata-se apenas de alguns elementos que se inscrevem no total de suas situações angustiosas e que a menstruação faz aflorar uma vez mais à superfície. Esses temores, que já examinamos neste capítulo, são em resumo os seguintes:

I — Em virtude da equação, no inconsciente, de todas as substâncias corporais, a menina identifica o sangue menstrual com os excretos supostamente perigosos.⁶⁹ Como ela aprendeu muito cedo a associar sangria com cortes, o medo de que esses perigosos excretos tenham danificado seu próprio corpo parece-lhe ter sido confirmado pela realidade.

⁶⁷ Isto se observa mais freqüentemente nos casos em que a menina foi seduzida ou violada por um adulto. Tal experiência, como bem sabemos, pode ter graves conseqüências sobre o psiquismo da criança.

⁶⁸ Cf. *loc. cit.*, pág. 36.

⁶⁹ Cf. Lewin, "Kotschmiercn, Menses und weibliches Über-Ich" (1930).

II — O fluxo menstrual aumenta seu medo de sofrer agressões físicas. Com relação a esse ponto, há vários temores operando:

a) o medo de ser atacada e destruída pela mãe, em parte por vingança, e em parte para reaver o pênis do pai e os bebês de que ela (a menina) a despojou;

b) o medo de ser danificada através de um ataque do pai em que este copularia sadicamente com ela,⁷⁰ seja porque a menina teve fantasias sádicas masturbatórias dirigidas contra a mãe, seja porque ele quer reaver o pênis que ela lhe tirou. A fantasia de que ao recuperar seu pênis à força o pai lesará os genitais da menina é a raiz, segundo penso, da idéia que ela terá mais tarde, de que o clitóris é uma ferida ou uma cicatriz no lugar onde o pênis esteve anteriormente;

c) o medo de que o interior de seu corpo seja atacado e destruído pelos objetos introjetados, quer direta quer indiretamente, como consequência da luta de uns contra os outros dentro dela. A fantasia de haver introjetado os pais violentos no ato de realizarem o coito sádico, e de que eles estão fazendo perigar o interior de seu próprio corpo ao se destruírem mutuamente, evoca temores muito agudos. Ela encara as sensações somáticas que a menstruação quase sempre lhe provoca e que a angústia amplifica, como sinal de que todas as lesões que temia receber e todos os temores hipocondríacos se tornaram realidade.

III — O fluxo de sangue provindo do interior de seu corpo convence-a de que os bebês em seu âmago foram injuriados e destruídos. Em algumas análises de mulheres constatei que o medo de ficarem estéreis (isto é, de terem tido os bebês internos destruídos) havia sido intensificado com o aparecimento das primeiras regras e só foi dissipado depois de realmente terem tido um filho. Em muitos casos a menstruação, somando-se

⁷⁰ Em seu trabalho "Psychoanalytisches zur Menstruation" (1931), Melitta Schmideberg ressaltava que a menina considera a menstruação, entre outras coisas, como resultante de sua copulação sádica com o pai; e que seu terror é tanto maior porquanto acredita que esta ação por parte dele seja uma vingança pela agressão efetuada por ela contra o pai e a mãe. Assim como em suas fantasias sádicas infantis o pai era o executor de seus desejos agressivos contra a mãe, agora será ele quem executará o castigo que a mãe infligirá a ela. Ademais, o coito sádico que o pai mantém com a menina representa a punição que ele lhe impõe pelos desejos de castração que ela abriga contra o sexo masculino em conexão com a copulação.

ao medo de ter filhos danificados ou anormais faz com que elas, cōnsciente ou inconscientemente, rejeitem totalmente a gravidez.

IV — O mênstruo, ao confirmar à menina que ela não possui um pênis, e corroborando sua crença de que o clitóris seja a cicatriz ou ferida deixada pelo pênis castrado,⁷¹ torna mais difícil para ela manter a posição masculina.

V — Sendo um sinal de maturidade sexual, a menstruação ativa todas aquelas fontes de angústia já mencionadas neste capítulo e relacionadas com as idéias de que a conduta sexual tem um caráter sádico.

A análise de pacientes púberes demonstra que, pelas razões atrás mencionadas, a menina sente que sua posição feminina, assim como a masculina, se tornaram insustentáveis. As menstruações reativam os conflitos e as angústias em um grau que ultrapassa em muito o efeito dos processos evolutivos paralelos no menino. Esta é em parte a razão de ela ser sexualmente mais inibida do que ele na puberdade.

Os efeitos psicológicos da menstruação têm sua parte de responsabilidade na recrudescência, tão freqüente nesta idade, das dificuldades neuróticas. Mesmo que a menina seja normal, as regras ressuscitam suas velhas situações de ansiedade, se bem que agora, estando seu ego e seus métodos de dominar a angústia adequadamente desenvolvidos, ela se ache mais apta do que na primeira infância a modificar a angústia. Geralmente, o aparecimento das primeiras regras também lhe proporciona intensa satisfação. Contanto que a posição feminina tenha ficado bem estabelecida durante a primeira expansão de sua vida sexual, ela encarará a menstruação como prova de sua maturidade sexual e de sua condição de mulher, e como sinal de que pode depositar maior confiança na expectativa de receber gratificação sexual e ter filhos. Neste caso, ela contará com o catamênio como evidência contra várias fontes de angústia.

RELAÇÕES COM OS FILHOS

Ao descrever o primitivo desenvolvimento sexual da mulher

⁷¹ Na minha opinião, a fantasia primária da menina, mencionada em II b), de que seus órgãos genitais (clitóris) foram danificados pelo fato de lhe terem arrancado à força o pênis introjetado, ou o medo de que isso venha a ocorrer, forma a base da fantasia de que seus genitais foram danificados pela castração.

não me expandi muito sobre o seu desejo de ter filhos, uma vez que pretendia tratar de sua atitude infantil face aos bebês imaginários ao mesmo tempo que tratasse de sua atitude posterior, durante a gravidez, perante os filhos reais em seu âmago.

Freud afirma que o desejo da menina de ter um filho substitui seu desejo de possuir um pênis;⁷² mas, segundo me indicam as minhas observações, é o seu desejo pelo pênis paterno, no sentido de objeto libidinal, que é assim substituído. Em alguns casos, ela equaciona os bebês principalmente com fezes; aqui, sua relação com o bebê parece evoluir sobretudo ao longo de linhas narcísicas. Independe de sua atitude perante o homem e está mais intimamente conectada com seu próprio corpo e com a onipotência de seus excrementos. Em outros casos, ela costuma equacionar os bebês com um pênis; e aqui, sua atitude para com o filho repousa mais fortemente sobre suas relações com o pai ou com o pênis do pai. Há uma teoria sexual infantil universal para o efeito de que a mãe incorpora um novo pênis todas as vezes que copula e que esses pênis, ou parte deles, se convertem em bebês. Em consequência dessa teoria, as relações da menina com o pênis paterno influenciam primeiramente suas relações com os bebês imaginários e, posteriormente, com os reais.

No livro já mencionado, *Zur Psychoanalyse der weiblichen Sexualfunktionen*, Helene Deutsch, ao discutir a atitude da mulher grávida face ao filho que ela carrega em seu âmago, sustenta o seguinte: A mulher encara o filho ao mesmo tempo como parte de seu ego e como objeto exterior "com referência ao qual ela repete todas as relações objetais positivas e negativas que teve para com a própria mãe". Em suas fantasias, o pai converteu-se em seu filho no ato da copulação "que, em última instância, representa para o seu inconsciente a incorporação oral do pai", e ele "conservará esse papel na gravidez real ou imaginária subsequente". Depois que esse processo de introjeção tem lugar, o filho se torna "a encarnação do ideal do ego que ela já desenvolveu anteriormente" e também representa "a corporificação de seus próprios ideais que ela não foi capaz de atingir". Sua atitude ambivalente para com o filho é em parte devida ao fato de que ele representa o seu superego — muitas vezes em forte oposição ao ego — revivendo nela aque-

⁷² Cf. Freud, "Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes" (1927).

les sentimentos ambivalentes para com o pai que se originaram da situação edípica. Mas, por outro lado, essa ambivalência é devida igualmente à catexis regressiva de suas posições libidinais anteriores. A identificação de bebês com fezes, de que ela faz uma apreciação narcísica, torna-se a base de uma avaliação narcísica similar de seu filho; e as formações reativas contra a sobrestimação original de seus excrementos despertam sentimentos de náusea e fazem com que ela queira expelir a criança.

Penso que esse ponto de vista precisa ser amplificado. A equação que a menina faz em seus primeiros estádios evolutivos entre o pênis do pai e o bebê, leva-a a atribuir à criancinha em seu âmago o significado de um superego paternal, uma vez que o pênis internalizado forma o núcleo desse superego. Assim, sua atitude para com o filho imaginário ou real, além de ser ambivalente, acha-se carregada de certa quantidade de angústia que exerce uma influência decisiva sobre suas relações com o bebê. A equação que ela fez em tenra idade entre fezes e bebês também afetou suas relações com o filho imaginário. A angústia decorrente de suas fantasias a respeito de excretos venenosos e corrosivos e que, na minha opinião, reforça suas tendências expulsivas pertencentes ao primeiro estágio anal, é uma das razões pelas quais ela tem sentimentos de ódio e de medo, mais tarde, para com o bebê real em gestação.

Conforme já assinalai, o medo da menina ao "mau" pênis introjetado a induz a robustecer a introjeção de um "bom" pênis, visto que este oferece proteção e assistência contra o "mau" pênis internalizado, as más imagos e os excretos, que ela encara como substâncias perigosas. É este pênis "bom" e amigo, ao qual a menina freqüentemente atribui pequenas dimensões, que toma o significado de um bebê. Este bebê imaginário, que proporciona proteção e auxílio à meninazinha, representa primariamente, em seu inconsciente, o "bom" conteúdo de seu corpo. O amparo que lhe proporciona contra a angústia é, claro está, puramente fantástico, mas os objetos que ela teme são igualmente fantásticos, pois nesse estágio evolutivo ela se vê governada sobretudo pela realidade interna e subjetiva.⁷³

⁷³ O reconhecimento da realidade interna é a base da adaptação à realidade externa. A atitude da criança para com os objetos imaginários que, nesta etapa da vida são imagos fantásticas de objetos reais externos, determinará suas futuras relações com esses objetos.

A meu ver, a necessidade de ter filhos, que é maior do que qualquer outro desejo, é tão intensa na menina pequena porque a posse de filhos constitui um meio de superar a angústia e aliviar seu sentimento de culpa. Como sabemos, as mulheres adultas não raro anseiam muito mais por um filho do que por um parceiro sexual.

A atitude da menina pequena para com o bebê é também muito importante para a criação de suas sublimações. Os ataques imaginários perpetrados contra o interior do corpo da mãe por meio dos excretos venenosos e destrutivos provocam apreensões quanto ao conteúdo de seu próprio corpo. Em virtude da equação de fezes e crianças, suas fantasias a respeito das "más" fezes internas induzem-na a produzir fantasias de ter um "mau" bebê⁷⁴ em seu interior, e isso equivale a ter um bebê "monstruoso" e disforme. As formações reativas da menina contra as fantasias sádicas a respeito de fezes perigosas dão origem, ao que me parece, a sublimações de um tipo especificamente feminino. Ao analisar meninas pequenas, podemos ver nitidamente como esse anelo de possuir um bebê "bonito" (isto é, "bom" e saudável) e os esforços infatigáveis para embelezar o bebê imaginário e o próprio corpo se acham intimamente conectados com o medo de terem produzido em si mesmas e inserido no corpo da mãe, bebês "maus" e horrendos, que elas equiparam com excrementos venenosos.

Ferenczi descreveu as modificações que sofre o interesse da criança pelas fezes nas várias etapas de seu desenvolvimento, e chegou à conclusão de que as tendências coprofílicas são muito cedo sublimadas em um gosto pronunciado por coisas brilhantes.⁷⁵ Penso que um dos elementos desse processo de sublimação seja o medo da criança aos "maus" e perigosos pedaços de fezes. Daqui há uma senda sublinatória direta conduzindo ao tema da "beleza". A intensa necessidade das mulheres de possuírem um belo corpo e um lar aprazível, assim como a beleza em geral, baseia-se em seu anseio de possuírem um belo interior de seu corpo, onde se alojem os objetos "bons" e bonitos e os excrementos inócuos. Outra linha de sublimação do medo da menina aos excrementos "maus" e "perigosos" conduz

⁷⁴ A equação do "mau" pênis com um bebê já foi discutida. As duas equações coexistem e se reforçam mutuamente.

⁷⁵ Ferenczi, "The Origin of Interest in Money" (1914).

à idéia de “bons” produtos no sentido de produtos salutareos (apesar de que, incidentalmente, “bom” e “bonito” geralmente signifiquem a mesma coisa para a criança pequena), concorrendo desse modo, para robustecer os sentimentos maternos originaes e as tendências oblativas que decorrem de sua posição feminina.

Se a menina pequena estiver suficientemente animada por sentimentos de natureza otimista, ela acreditará não só que seu pênis internalizado é “bom”, mas que os bebês em seu âmago são seres protetores. Mas se estiver impregnada de medo a um “mau” pênis internalizado e a excrementos perigosos, sua relação ulterior com o filho real será amiúde dominada pela angústia. Não raro, todavia, quando as relações com o parceiro sexual não a satisfazem, ela estabelecerá uma relação com o filho que lhe proporcionará gratificação e apoio moral. Nestes casos, em que o ato sexual está fortemente carregado de angústia e que seu objeto sexual se tornou um objeto angustioso para ela, será o filho quem atrairá para si a qualidade de pênis “bom” e protetor. A mulher que supera sua angústia precisamente por intermédio das atividades sexuais pode ter uma relação muto boa com o marido e má com o filho. Neste caso, ela deslocou a maior parte da angústia concernente a um inimigo interno para o filho; constatei que são os temores deste fato resultantes que se encontram na raiz de seu medo à gravidez e ao parto, agravando seus sofrimentos físicos durante a gestação, e que podem torná-la psicologicamente incapaz de conceber um filho.

Já vimos de que maneira o medo da mulher ao “mau” pênis pode incrementar seu sadismo. Mulheres que têm uma atitude fortemente sádica para com o marido, usualmente encaram o filho como inimigo. Da mesma forma como consideram o ato sexual como um meio de destruir o objeto, querem ter um filho, acima de tudo, para submetê-lo ao seu poder, como se fosse algo hostil a elas. Podem empregar o ódio que sentem do temido inimigo interno contra os objetos externos: o marido e o filho. Naturalmente, também há mulheres que têm atitude sádica com o marido e outra relativamente amistosa para com os filhos, e vice-versa. Mas, em todos os casos, é a atitude da mulher face aos objetos introjetados, especialmente ao pênis do pai, que determinará sua atitude para com o marido e o filho.

Sabemos que a atitude da mãe para com seus filhos baseia-se

em suas primeiras relações objetais. Segundo o sexo da criança, ela terá para com esta, em maior ou menor grau, aquele relacionamento afetivo que teve, na primeira infância, com o pai, os tios e os irmãos ou com a mãe, as tias e as irmãs. Se ela equacionou a idéia de bebê com a de um "bom" pênis, serão os elementos positivos dessas relações que ela transferirá para o filho⁷⁰ sobre o qual condensará um certo número de imagens amistosas.⁷¹ Ele representará a "inocência" da meninice e será aos seus olhos o que ela gostaria de ter sido na primeira infância. As esperanças que ela deposita no crescimento satisfatório e venturoso do filho traduzem seu desejo secreto de transformar, retrospectivamente, sua própria infância insatisfatória em um período de felicidade.

Há um grande número de fatores que contribuem para reforçar os laços afetivos que unem a mãe a seu filho. Ao trazê-lo ao mundo, ela produziu o mais enérgico desmentido da realidade a todos os temores oriundos de suas fantasias sádicas. O nascimento do filho, em seu inconsciente, não significa tão-somente que o interior de seu corpo e os bebês imaginários se encontram ilesos e novamente perfeitos, mas vem invalidar todas as classes de temores associados com a idéia de crianças. Ele demonstra que os bebês no interior de sua genitora (seus irmãos e irmãs) e o pênis do pai (ou o pai), que foram vítimas de seus ataques imaginários, assim como sua própria mãe estão ilesos e novamente restabelecidos em sua integridade. Ter um filho representa, pois, restaurar um bom número de objetos e, em alguns casos, até mesmo recriar um mundo inteiro.

A amamentação também é muito importante e estabelece um laço muito íntimo e especial entre ela e o nenê. Ao dar ao

⁷⁰ No inconsciente, a menina freqüentemente identifica seu bebê imaginário com o pênis pequeno e inócuo. É em parte nesta conexão que suas relações com o irmão ou com algum outro menino a ajudam a confirmar sua crença no "bom" pênis. Quando pequenina, ela atribui uma enorme quantidade de sadismo ao pênis do pai, e acha o pequeno pênis do irmão, se bem que menos digno de admiração, de qualquer forma menos perigoso.

⁷¹ Em *Civilization and its Discontents* (1930) Freud diz, à pág. 89: "Ela (agressão) está na raiz de todas as relações afetivas e amorosas dos seres humanos — possivelmente com uma única exceção: a da mãe para com o filho varão". Quando a mulher é fortemente afetada pela equação entre o filho e o "bom" pênis, está especialmente capacitada a concentrar todos os elementos positivos de seus sentimentos na criança, desde que seja menino.

filho um produto de seu próprio corpo que é essencial à sua nutrição e crescimento, ela está finalmente capacitada a conduzir a bom termo o círculo vicioso que foi iniciado por seus ataques infantis contra o primeiro objeto de seus impulsos, o seio materno, ao qual ela destruíra em suas fantasias por meio de mordidas, sujando-o, envenenando-o e queimando-o com seus excretos. Em seu inconsciente, ela considera o fato de estar dando leite benéfico e nutritivo ao filho, como prova de que as suas primitivas fantasias sádicas não se realizaram ou de que ela logrou restaurar seus objetos com êxito.⁷⁸

Como já foi assinalado, o indivíduo ama seu "bom" objeto tanto mais porque, sendo algo ao qual ele pode dedicar suas tendências restitutivas, lhe proporciona gratificação e diminui sua angústia. Nenhum objeto possui essa qualificação em tão alto grau como a criancinha indefesa. Ademais, ao aplicar seus cuidados e seu amor materno ao bebê, a mulher, além de realizar seus desejos mais primitivos, também compartilha dos prazeres que a ele proporciona, uma vez que se identifica com o filho. Invertendo assim o relacionamento de mãe e filho, ela está apta a experimentar uma feliz renovação de suas mais primitivas ligações com a própria mãe, permitindo que seus sentimentos primários de ódio pela genitora dêem lugar a sentimentos positivos.

Todos esses fatores contribuem para dar às crianças uma tremenda importância na vida emocional da mulher. Assim sendo, torna-se-nos prontamente compreensível que seu equilíbrio psíquico fique abalado quando o filho não é sadio e, sobretudo, se for anormal. Assim como um filho sadio e viçoso constitui uma refutação a um grande número de temores, um filho anormal, doentio ou meramente insatisfatório confirma esses temores e pode até chegar a ser encarado como inimigo ou perseguidor.

⁷⁸ Ela toma isso igualmente como uma prova, pela realidade, de que sua urina, que ela assemelha a leite, não é perniciosa, ao passo que o sangue menstrual é amiúde considerado como uma prova da realidade de que sua urina e outros excretos são substâncias perigosas. De mais a mais, o fato de amamentar ao seio constitui uma refutação não só de seu medo, decorrente das fantasias sádicas, de que seu seio tenha sido destruído, mas convence-a de que seus excrementos não são prejudiciais ao seu próprio corpo. Estas eram as armas de que se utilizava para atacar o seio da mãe em sua imaginação, e ela agora constata que não o danificaram.

DESENVOLVIMENTO DO EGO

Passaremos agora a considerar rapidamente a relação entre a formação do superego da menina e o desenvolvimento de seu ego. Freud demonstrou que algumas das diferenças existentes entre a formação do superego da menina e o do menino, estão associadas a diferenças sexuais anatômicas.⁷⁹ Essas diferenças anatômicas afetam, penso eu, tanto o desenvolvimento do superego como o do ego, de diversas maneiras. Em consequência da estrutura e da função receptiva do aparelho genital feminino, as tendências edípicas da menina são mais amplamente dominadas pelos impulsos orais, e a introjeção do superego é mais extensiva do que no menino. Além disso, temos a ausência do pênis como órgão ativo. O fato de não possuir um pênis acentua sua maior dependência do superego, em resultado de suas mais fortes tendências introjetivas.

Em outras partes deste livro já expus o parecer de que o senso de onipotência primário do menino está associado com seu pênis, que também é o representante, no inconsciente, das atividades e sublimações procedentes dos componentes masculinos. Na menina, que não possui um pênis, o senso de onipotência está mais profunda e extensivamente associado ao pênis introjetado do pai. E isso tanto mais porquanto o quadro que ela formou em criança do pênis internalizado, o qual determina os padrões que estabeleceu para si mesma, é uma emanção de fantasias extremamente ricas, sendo, por isso, mais exagerado que o do menino, tanto com respeito à "bondade" quanto à "maldade".

Esse ponto de vista, de que o superego atua mais fortemente nas mulheres do que nos homens, parece, à primeira vista, ser incoerente com o fato de que, comparadas aos homens, as mulheres são amiúde mais dependentes de seus objetos, mais facilmente influenciadas pelo mundo exterior e mais variáveis em seus padrões morais — isto é, aparentemente menos submissas às exigências de um superego. Todavia, creio que sua maior dependência dos objetos⁸⁰ esteja intimamente relacionada

⁷⁹ "Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes" (1927).

⁸⁰ Paralelamente à maior dependência dos objetos, elas são afetadas em muito maior grau pela perda do amor. Em seu trabalho "One of the Motive Factors in the Formation of the Super-Ego in Women" (1928), Hanns Sachs salientou o

com a maior eficácia do superego. Ambas as características têm sua origem comum na maior propensão da mulher para introjetar seu objeto e instalá-lo dentro de si, de sorte que ela erege um superego mais possante. Além do mais, essa propensão é incrementada precisamente por sua maior dependência do superego e pelo medo maior que sente dele. A angústia mais profunda da menina, de que algum dano indeterminado tenha sido ocasionado ao seu interior pelos objetos internalizados, impele-a, como já vimos, a testar continuamente seus temores por meio de suas relações com os objetos reais e a reforçar suas tendências introjetivas de forma secundária. Ao que parece, seus mecanismos de projeção são mais fortes que os do rapaz, em conformidade com o mais vigoroso sentimento de onipotência de seus excrementos e pensamentos; e este é outro fator que a induz a reafirmar suas relações com o mundo exterior e com os objetos da realidade, em parte com o intuito de controlá-los por meios mágicos.

O fato de os mecanismos de introjeção e projeção serem mais fortes na mulher do que no homem, além de afetar o caráter de suas relações objetais, é relevante para o desenvolvimento de seu ego. Sua dominante e arraigada necessidade de entregar-se em submissão e confiança totais ao "bom" pênis internalizado é uma das coisas que formam a base da qualidade receptiva de suas sublimações e interesses. Mas sua posição

fato curioso de que embora as mulheres sejam mais narcisistas do que os homens, sentem mais a perda do amor. Ele procurou explicar essa contradição aparente supondo que, quando o conflito edípico chega ao seu termo, a menina tenta apegar-se ao pai, ou através de seu desejo de ter um filho com ele ou por meio de uma regressão oral. Esse ponto de vista coincide com o meu quando sublinha a significação que assume seu apego oral ao pai na formação de seu superego. Mas, segundo Hanns Sachs, esse apego se produz através de uma regressão, depois que ela sofre uma decepção em suas esperanças de possuir um pênis e de obter satisfação genital do pai; ao passo que no meu ponto de vista, o apego oral ao pai, ou, mais exatamente, o desejo de incorporar seu pênis, constitui-se no fundamento e no ponto de partida de seu desenvolvimento sexual e da formação de seu superego.

Ernest Jones atribui o efeito maior que a perda do objeto tem sobre a mulher, ao medo de que o pai não lhe dê gratificação sexual (cf. seu artigo "The Early Development of Female Sexuality", 1927). Segundo ele, a razão pela qual a frustração da gratificação sexual é tão intolerável para ela — e nessa questão, é claro, a mulher é mais dependente do que o homem do outro parceiro — é porque instiga sua angústia mais profunda, que é o medo de *aphanisis*, isto é, de ter perdido totalmente a capacidade de experimentar o prazer sexual.

feminina também a impele fortemente a obter um controle secreto de seus objetos internalizados por meio da onipotência de seus excrementos e pensamentos; e isso fomenta nela um agudo poder de observação e um grande discernimento psicológico, juntamente com certa astúcia e uma inclinação para o artifício e a intriga. Este aspecto do desenvolvimento de seu ego está sobretudo em relação com o superego maternal, mas também influi em suas relações com o superego paternal.

Em *The Ego and the Id* (1923) Freud escreve, à pág. 38: "Quando elas (as identificações objetais) prevalecem e se tornam muito numerosas, indevidamente intensas e incompatíveis entre si, produz-se facilmente um resultado patológico. Pode surgir, com efeito, uma dissociação do ego em consequência de as identificações individuais ficarem isoladas umas das outras pelas resistências; quicá o segredo dos assim chamados casos de múltipla personalidade seja que cada uma das identificações se apossa da consciência alternadamente. Mesmo quando as coisas não chegam a esse extremo, permanece a questão dos conflitos entre as diferentes identificações nas quais o ego se cinde, conflitos que não podem, apesar de tudo, ser descritos como puramente patológicos." O estudo dos primeiros estádios da formação do superego e de sua relação com o desenvolvimento do ego confirma plenamente essa assertiva. E, pelo que nos é dado ver, qualquer investigação ulterior da personalidade em seu conjunto, quer normal quer anormal, terá de seguir os caminhos que Freud indicou. Parece que a maneira de ampliar nosso conhecimento a respeito do ego é aprender mais sobre as várias identificações que ele faz e sobre suas relações com elas. Somente seguindo ~~essa~~ esta linha de pesquisa poderemos descobrir de que maneira o ego regula as relações existentes entre essas identificações, as quais, como sabemos, diferem de acordo com o estágio evolutivo em que se produziram e segundo se refiram à mãe ou ao pai do sujeito, ou a uma combinação de ambos.

A menina encontra mais obstáculos na formação de um superego com respeito à mãe do que o menino com respeito ao pai, visto que é difícil para ela identificar-se com a genitora sobre a base de uma semelhança anatômica; isto se deve ao fato de que os órgãos internos que coadjuvam as funções sexuais femininas e a questão de ter ou não ter filhos, escapam à investigação ou teste da realidade. Esse obstáculo incremen-

ta, como já vimos, o poder da aterradora imagem materna — produto de seus próprios ataques sádicos imaginários contra a mãe — que faz perigar o interior de seu corpo chamando-a à prestação de contas por haver privado a genitora dos bebês, das fezes e do pênis do pai, e por possuir excrementos “maus” e perigosos.

Os métodos de ataque que a menina emprega contra a mãe, baseados na onipotência de seus excrementos e pensamentos, influenciam o desenvolvimento de seu ego não só direta, ao que parece, mas também indiretamente. Suas formações reativas contra a própria onipotência sádica e a transformação desta última em onipotência construtiva habilitam-na a desenvolver sublimações e qualidades do espírito que são exatamente o oposto dos traços que acabamos de descrever, e que se acham ligados à onipotência primária de seus excrementos. Elas a inclinam a ser verídica e confiante, a esquecer-se de si mesma, zelosa no cumprimento de seus deveres e a arrostar sacrifícios por causa deles e por causa de outras pessoas. Essas formações reativas e sublimações tendem a fazer de seu sentimento de onipotência, baseado nos “bons” objetos internalizados, e de sua atitude de submissão ao superego paternal, as forças dominantes de sua atitude feminina.⁸¹

Uma parte essencial do desenvolvimento de seu ego é desempenhada pelo anseio de empregar a “boa” urina e as “boas” fezes para retificar os efeitos dos excrementos “maus” e nocivos e de distribuir coisas boas e bonitas. Esse anseio se torna de uma importância esmagadora nos atos de dar à luz um filho e amamentá-lo, porquanto a criancinha “bonita” e o “bom” leite que ela produz representam sublimações de suas fezes nocivas e de sua urina perigosa. Ademais, ele forma uma base frutífera e criativa para todas as sublimações que têm sua origem nos representantes psicológicos do parto e da amamentação.

Uma das características do desenvolvimento do ego feminino é a magnificação do superego, que é elevado a grandes alturas,

⁸¹ Como já vimos, os diferentes tipos de magia agem conjuntamente e são intercambiáveis. O ego os incita igualmente um contra o outro. O medo da menina de ter “maus” nenês (fezes) dentro de si, em resultado do poder mágico de seus excrementos, age como incentivo para que ela superenfatize sua crença no “bom” pênis. Sua equação do “bom” pênis com um nenê possibilita-lhe alimentar esperanças de ter incorporado “bons” nenês, e estes servem de contrapeso para os nenês que, dentro de si, ela equipara a “mús” fezes.

sendo respeitado pelo ego que se submete a ele. Por procurar viver em conformidade com este superego enaltecido, o ego é incitado a fazer mil esforços, que resultam na expansão e no enriquecimento de si mesmo. Assim, ao passo que no homem são geralmente o ego e as relações com a realidade a tomarem a liderança, fazendo com que a totalidade de sua natureza seja mais objetiva e razoável, na mulher a força dominante é o inconsciente. Nos dois casos, é a qualidade do ego que determina a qualidade das realizações; mas o caráter especificamente feminino de intuição e subjetividade dessas realizações decorre da sujeição do ego a um ser interno amado. Elas representam o nascimento de um bebê espiritual procriado por um pai espiritual que é o superego. Não há dúvida de que até mesmo numa linha evolutiva acentuadamente feminina existem numerosos traços emanantes dos componentes masculinos; todavia, parece que é a crença dominante da mulher na onipotência do pênis incorporado do pai e no crescimento do bebê em seu interior que a torna capaz de realizações especificamente femininas.

Não podemos deixar aqui de fazer uma comparação entre a mulher e a criança que, a meu ver, se acha muito mais do que o adulto sob o domínio do superego e na dependência de seus objetos. Sabemos que a mulher se assemelha muito mais à criança do que o homem; e, no entanto, em certos aspectos evolutivos de seu ego, ela difere da criança tanto quanto ele. Sua introjeção dos objetos edípicos ultrapassa em intensidade a do homem, de sorte que o id e o superego desempenham um papel mais importante em sua constituição psíquica, que é o que faz com que exista uma certa analogia entre a atitude dela e a da criança; mas o ego da mulher atinge sua maturidade graças ao possante superego, cujo exemplo ele segue, e ao qual também procura controlar e suplantar.

Se a menina se aferra sobretudo à posse imaginária do pênis como atributo masculino, seu desenvolvimento será radicalmente diferente. Ao examinarmos a história sexual da mulher já discutimos as variadas causas que a obrigam a adotar uma posição masculina. No tocante às suas atividades e sublimações — que ela encara, no inconsciente, como confirmação da realidade à sua posse de um pênis, ou como substitutos fálicos — estas não são utilizadas unicamente para competir com o pênis do pai, mas servem invariavelmente, de forma secundária, co-

mo defesa contra o superego a quem procuram debilitar. Ademais, em meninas desse tipo, o ego assume muito maior preponderância, e seus empreendimentos e atividades são acima de tudo uma expressão de potência masculina.

No que concerne à evolução sexual da menina, já vimos a importância que tem a existência de uma boa *imago* materna sobre a formação de uma boa *imago* paterna. Se a menina estiver em posição de se confiar à direção interna de um superego paterno em quem acredita e a quem admira, isso sempre significa que ela tem igualmente boas *imagos* maternas; somente quando ela tiver suficiente confiança numa “boa” mãe internalizada é que estará capacitada a entregar-se completamente ao superego paterno. Mas a fim de poder submeter-se a ele é preciso que ela acredite suficientemente na posse de “boas” coisas no interior de seu corpo, ou seja, objetos internalizados amigáveis. Só se o bebê que ela, em imaginação, teve ou espera ter de seu pai for um nenê “bom” e “bonito” e se o interior de seu corpo representar um lugar onde reinam a harmonia e a beleza⁸² poderá ela entregar-se sem reservas, tanto sexual quanto mentalmente, ao superego paterno e a seus representantes do mundo exterior. O atingir esse estado de harmonia alicerça-se na existência de boas relações entre o ego e suas identificações, entre essas mesmas identificações e, particularmente, entre suas *imagos* paterno e materno.

As fantasias em que a menina visa destruir seu pai e sua mãe por ódio e inveja constituem a fonte principal de seu mais profundo sentimento de culpa e de suas mais opressivas situações de perigo. Elas dão origem ao medo de abrigar dentro de si objetos hostis empenhados em um combate mortal (isto é, em copulação destrutiva) ou que, por terem descoberto a culpa dela, tenham se aliado em inimizade contra o seu ego. A imensa gratificação que ela obtém quando seu pai e sua mãe têm uma vida conjugal feliz deve-se, em grande parte, ao alívio que as boas relações entre os pais proporcionam ao seu sentimento de culpa, decorrente de suas fantasias sádicas. No inconsciente da menina, o bom entendimento entre os pais constitui uma confirmação pela realidade de sua capacidade de fazer *reparações* de todas as formas possíveis. Se os mecanismos restitutivos tiverem sido estabelecidos com êxito ela não só estará em har-

⁸² Esta fantasia também se acha presente no menino (vide capítulo 12).

monia com o mundo exterior — e penso que esta é uma condição necessária para atingir esse estado de harmonia, assim como de relações objetais e desenvolvimento sexual satisfatórios — como poderá estar em harmonia com o mundo interior e consigo mesma. Se as imagens ameaçadoras se desvanecem e as bondosas imagens paterna e materna emergem para agir em colaboração amistosa, dando-lhe uma garantia de paz e segurança dentro de seu próprio corpo, ela poderá elaborar seus componentes femininos e masculinos sob os auspícios de seus pais introjetados, e terá assegurado a base, dentro de si mesma, para o pleno desenvolvimento de uma personalidade harmoniosa.

POST-SCRIPTUM

Depois que escrevi este livro foi publicado um artigo de Freud,⁸³ em que ele se ocupa particularmente do longo período de tempo que a menina permanece apegada a sua mãe, e procura isolar esse apego da operação de seu superego e de seu sentimento de culpa. Isto, a meu ver, não é possível, pois creio que a angústia e a culpabilidade da menina, que nascem de seus impulsos agressivos, concorrem para intensificar suas ligações libidinais primárias à mãe numa idade muito precoce. Os temores multifários suscitados por suas imagens fantásticas (seu superego) e pela “má” mãe real forçam-na, quando ela é ainda muito pequenina, a procurar proteção na “boa” mãe real. E para isso, ela precisa supercompensar sua agressão primária contra a genitora.

Freud também assinala que a menina sente hostilidade para com a mãe e que receia “ser morta (devorada?) por ela”. Em minhas análises de pacientes femininas de todas as idades constatei que o medo de serem devoradas, despedaçadas ou destruídas pela mãe, brota da projeção de seus próprios impulsos de idêntica natureza sádica contra a genitora, e que esses medos estão na raiz de suas mais primitivas situações de angústia. Freud também enuncia que as mulheres intensamente apegadas à mãe reagiram com grande angústia e ira aos enemas e irrigações anais que a genitora lhes administrou na infância. Na minha experiência, essas expressões de afeto são causadas pelo medo de sofrer ataques anais por parte da mãe, medo que

83 “Female Sexuality” (1932).

representa a projeção de suas fantasias anal-sádicas contra ela. Concordo com o ponto de vista de Freud de que nas meninas, a projeção, na primeira infância, dos impulsos hostis contra a mãe é o núcleo da paranóia na vida ulterior. Mas, de acordo com as minhas observações,⁸⁴ são os ataques imaginários que desfecharam contra o interior do corpo da mãe por meio de excrementos destrutivos venenosos, explosivos e corrosivos, que dão origem, mais particularmente, ao medo dos cíbalos como perseguidores, e de sua mãe como figura aterradora, em resultado da projeção.

Freud acredita que o prolongado apego da menina à sua mãe seja exclusivo e se verifique antes que ela ingressa na situação edípica. Mas minha experiência de análise de meninas pequenas persuadiu-me que o extenso, duradouro e poderoso apego à mãe nunca é exclusivo e que está vinculado a impulsos edípicos. Além do mais, a angústia e o sentimento de culpa em relação à mãe também afetam o curso desses impulsos edípicos; a meu ver, a defesa da menina contra sua atitude feminina brota menos de suas tendências masculinas do que de seu medo à mãe. Se a menina pequena tiver muito receio de sua mãe não poderá apegar-se suficientemente ao pai e seu complexo de Édipo não virá à luz. Todavia, nos casos em que um intenso apego ao pai não foi estabelecido até o estágio pós-falico, verifiquei que a menina havia tido, não obstante, impulsos edípicos em tenra idade, mas que estes não se haviam tornado visíveis. Estes primitivos estádios do conflito edípico ainda têm um caráter um tanto fantástico, já que se centralizam no pênis do pai; todavia, já estão relacionados com o pai real.

Em alguns de meus trabalhos anteriores mencionei alguns fatores primários que afastariam a menina de sua mãe: o rancor que sente contra a genitora por havê-la sujeitado à frustração oral (fator que é também notado por Freud no mencionado trabalho) e sua inveja da gratificação oral que, segundo suas teorias sexuais primitivas, ela imagina que os pais obtinham um do outro durante a copulação. Esses fatores, amparados pela equação do seio com o pênis, inclinam-na a voltar-se para o pênis do pai na segunda metade de seu primeiro ano de

⁸⁴ Cf. meus trabalhos "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928) e "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930)

vida; assim, seu apego ao pai é fundamentalmente afetado por seu apego à mãe. Freud, devo acrescentar, também assinala que um é edificado sobre o outro, e que muitas mulheres repetem sua relação com a mãe em sua relação com os homens.

OS EFEITOS DAS PRIMEIRAS SITUAÇÕES DE ANGÚSTIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DO MENINO

A ANÁLISE de crianças pequenas demonstra que, nas primeiras etapas, o desenvolvimento sexual do menino decorre paralelamente ao da menina.¹ Como no caso dela, a frustração oral experimentada reforça as tendências destrutivas contra o seio da mãe; e, como no caso dela, sua rejeição do seio e a eclosão dos impulsos oral-sádicos são seguidos pelo que denominei de período de exacerbação do sadismo, no qual a meta é atacar o interior do corpo materno.

A FASE FEMININA

Nesta fase, o menino tem uma fixação oral de sucção ao pênis de seu pai, exatamente como a menina. Considero esta fixação a base de sua verdadeira homossexualidade. Esse ponto de vista coincide com o que disse Freud em *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci* (1910), onde ele chega à conclusão de que a homossexualidade de Leonardo remonta a uma ex-

¹ Na medida em que for possível, aludiremos apenas brevemente a esses estádios aqui. Para uma discussão mais detalhada, o leitor poderá consultar os capítulos 8 e 9 deste livro.

cessiva fixação à mãe — em última análise ao seu seio — e julga que essa fixação tenha sido deslocada para o pênis como objeto de gratificação. Na minha experiência, todos os meninos passam de uma fixação oral de sucção ao seio da mãe para uma fixação oral de sucção ao pênis do pai.

De mais a mais, o menino imagina que sua mãe incorpore o pênis do pai, ou melhor, um grande número de pênis; paralelamente às suas relações reais com o pai e com seu pênis, o menino desenvolve, portanto, uma relação imaginária com o pênis paterno no interior da mãe. Posto que um dos motivos de seus ataques ao corpo da mãe é constituído por seus desejos orais pelo pênis do pai — pois ele quer tomar à força o pênis que imagina encontrar-se no interior de sua genitora e ao mesmo tempo injuriá-la — seus ataques representam igualmente suas mais primitivas situações de rivalidade com ela, formando a base de seu complexo de feminilidade.²

A captura pela força do pênis do pai e dos excrementos e bebês contidos no interior da mãe transforma-o no rival de sua genitora, gerando um intenso medo de retaliação. O fato de haver destruído o interior do corpo de sua mãe além de haver roubado seu conteúdo converte-se, ademais, numa fonte de profunda angústia para ele. E quanto mais sádica tiver sido a destruição imaginária do corpo materno, maior será seu medo dela como rival.

PRIMEIROS ESTÁDIOS DO CONFLITO EDÍPICO

Os impulsos genitais do menino — que embora obscurecidos inicialmente por seus impulsos pré-genitais e utilizados por estes para servir aos seus fins, afetam, não obstante, substancialmente o curso de sua fase sádica — induzem-no a tomar o corpo e os genitais de sua mãe como objeto sexual. Ele deseja ser o único possuidor da mãe num sentido oral, anal e genital, e assim sendo ataca o pênis do pai que ela abriga com todos os meios sádicos ao seu dispor. Sua posição oral também dá origem a um enorme montante de ódio contra o pênis do pai, em

² Para mais amplos detalhes dos fenômenos que surgem em relação com a fase feminina do indivíduo do sexo masculino, o leitor poderá consultar meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928). Cf. também Karen Horney, "The Flight from Womanhood" (1926), e Felix Boehm, "The Femininity-Complex in Men" (1929).

conseqüência da frustração sofrida. Normalmente, seus impulsos destrutivos dirigidos contra o pênis do pai são muito mais violentos que os da menina, posto que seu desejo pela mãe como objeto sexual o induz a concentrar seu ódio mais intensamente sobre ele. Além disso, o pênis paterno já se constituiu em objeto especial de angústia nos estádios mais primitivos de seu desenvolvimento, pois seus impulsos agressivos diretos para com ele suscitaram no menino um medo proporcional à intensidade da agressão. Esse medo vem reforçar novamente seu ódio ao pênis paterno e seu desejo de destruí-lo.

Como vimos no capítulo precedente, a menina conserva o corpo da mãe como objeto direto de seus impulsos destrutivos por muito mais tempo e em grau muito mais intenso do que o menino; e seus impulsos positivos para com o pênis do pai — tanto o real como o imaginário contidos no interior da mãe — são normalmente mais fortes e duradouros que os dele. No menino, a mãe só é o objeto real de sua destruição durante um certo período desse estágio primitivo, em que seus ataques contra o corpo materno dominam o quadro. Muito cedo é o pênis do pai, que ele imagina encontrar-se no interior da mãe, o que atrai cada vez mais para si as tendências agressivas dirigidas contra ela.

PRIMEIRAS SITUAÇÕES DE ANGÚSTIA

Além dos temores que o menino sente em conseqüência de sua rivalidade com a mãe, seu medo ao perigoso pênis internalizado impede a manutenção de uma posição feminina. Este último medo, aliado particularmente à força crescente de seus impulsos genitais, faz com que ele abandone sua identificação com a mãe e consolide sua posição heterossexual. Porém, se seu medo ao pênis do pai e à mãe como rival forem excessivos, de molde a impedir que ele supere adequadamente a fase feminina, sua posição heterossexual ficará gravemente comprometida.

De mais a mais, se a vida psíquica do menino foi muito cedo governada pelo medo ao pai e à mãe combinados em copulação e formando uma unidade inseparável e hostil contra ele,³ isso terá enorme importância sobre o resultado final de seu desen-

³ O significado etiológico desses temores nas psicoses foi sublinhado nos capítulos 8 e 9.

volvimento. Uma angústia desse gênero torna mais difícil para ele manter qualquer posição, e determina situações de perigo que eu tenderia a considerar como as causas mais profundas da impotência sexual ulterior. Essas situações de perigo específicas têm sua origem no medo do menino de ser castrado pelo pênis paterno no interior da mãe — isto é, de ser castrado pelos “maus” genitores unidos — e também no temor, amiúde claramente evidenciado, de que seu próprio pênis tenha sua retirada cortada do interior da mãe e fique aprisionado.⁴

Mais de uma vez nestas páginas tenho acentuado que as situações de angústia resultantes dos ataques sádicos desfechados por crianças de ambos os sexos ao interior do corpo materno incidem em duas categorias. Na primeira, o corpo da mãe torna-se um lugar repleto de perigos, que geram todos os tipos de temores. Na segunda, o próprio interior da criança se converte em um lugar desse gênero, em virtude da introjeção dos objetos perigosos, particularmente dos pais em coito, e a criança se sente atemorizada pelos perigos que a ameaçam internamente. As situações de angústia pertencentes a essas duas categorias exercem mútua influência e estão presentes tanto na menina como no menino. Os métodos de dominar a angústia que são comuns a ambos os sexos já foram por nós examinados. Em resumo, são os seguintes: a criança contende com seus “maus” objetos internalizados mediante a onipotência de seus excrementos, recebendo proteção contra eles por parte de seus “bons” objetos. Ao mesmo tempo, por meio da projeção, ela desloca seu medo aos perigos internos para o mundo externo, lá encontrando provas para refutar sua veracidade.

Mas, além disso, cada sexo tem seus próprios métodos, essencialmente diferentes, de dominar a angústia. O menino desenvolve menos fortemente do que a menina o sentimento de onipotência dos excretos, substituindo-o parcialmente pela onipotência do pênis; em relação com isso, a projeção de seu medo aos perigos internos é diferente do da menina. O mecanismo específico que ele emprega para superar seu medo tanto aos perigos internos como externos, ao mesmo tempo em que

⁴ Esse medo tem relação, a meu ver, com várias formas de claustrofobia. Parece certo que a claustrofobia remonte ao medo de ficar encerrado dentro do corpo perigoso da mãe. No temor específico de não ser capaz de extrair o pênis do corpo materno, parece que esse medo ficou reduzido apenas a um medo por causa do pênis.

obtem gratificação sexual, é determinado pelo fato de que seu pênis, como órgão ativo, é utilizado para dominar seu objeto, sendo ainda acessível aos testes da realidade. Ao conquistar a posse do corpo materno por meio de seu pênis, ele prova a si mesmo sua superioridade não sobre os perigosos objetos externos mas também sobre os internos.

ONIPOTÊNCIA SÁDICA DO PÊNIS

No menino, a onipotência dos excrementos e pensamentos centraliza-se na onipotência do pênis, que substitui em parte a dos excrementos. Em sua imaginação, ele dota o próprio pênis de poderes destrutivos, assemelhando-o a bestas ferozes e vorazes e a armas mortíferas. A crença de que sua urina é uma substância perigosa e a equação de suas fezes venenosas e explosivas com seu pênis concorrem para fazer deste último o órgão executor de suas tendências sádicas. Ademais, certas ocorrências fisiológicas lhe demonstram que seu pênis pode realmente mudar de aparência, e ele toma esse fato como prova de sua onipotência. Assim, seu pênis e seu sentimento de onipotência ficam vinculados de uma maneira que é de importância básica para sua atividade e para o domínio de sua angústia. Nas análises infantis deparamos não raro com a idéia do pênis como "varinha mágica", da masturbação como magia, e da ereção e ejaculação como uma tremenda intensificação dos poderes sádicos do pênis.⁵

O interior do corpo da mãe, que se sucede ao seio como objeto da criança, não tarda a tomar o significado de um lugar que contém muitos objetos (a princípio representados pelo pênis e os excrementos.) Consequentemente, as fantasias do menino de tomar posse do corpo da mãe por meio da copulação com ela, formam a base de suas tentativas de conquista do mundo externo e do domínio da angústia ao longo de linhas

⁵ Abraham, "Ejaculatio Praecox" (1917). Em seu trabalho "Beiträge zur Analyse des Sadismus und Masochismus" (1913), Federn discutiu a questão de como surgem os fenômenos de sadismo ativo no homem e chegou à conclusão de que "o componente ativo do órgão masculino que está despertando se transforma em sadismo por meio de mecanismos inconscientes, entre os quais a representação simbólica desempenha importante papel: ou, mais concretamente, as tendências que fluem desse componente são convertidas em desejos sádicos. Simultaneamente, todas as tendências ativas que já estão desenvolvidas na criança, são reativadas".

masculinas. Com referência tanto ao ato sexual quanto às sublimações, ele desloca suas situações de perigo para o mundo exterior, onde as supera através da onipotência de seu pênis.

No caso da menina, a crença no "bom" pênis paterno e o medo ao "mau" pênis reforçam suas tendências introjetivas. Assim, o teste da realidade efetuado pela mulher contra os "maus" objetos, torna a situar-se essencialmente no interior de si mesma. No menino, a crença na "boa" mãe internalizada e o temor aos "maus" objetos auxiliam-no a deslocar seus testes da realidade para fora (isto é, para o corpo da mãe). Sua "boa" mãe internalizada concorre para aumentar a atração libidinal que a mãe real exerce sobre ele e aumenta seus anseios e esperanças de combater e subjugar o pênis do pai no interior de sua mãe por meio de seu próprio pênis. Uma vitória desse gênero também seria a prova de que ele é capaz de levar a melhor sobre os assaltantes internalizados em seu próprio corpo.⁶

Essa concentração da onipotência sádica no pênis é de importância fundamental para a posição masculina do menino. Se ele tiver uma forte crença primária na onipotência de seu pênis, poderá opô-la à onipotência do pênis de seu pai e empenhar-se na luta contra esse órgão temido e admirado. Para que um tal processo de concentração se realize, é preciso, ao que parece, que o pênis seja fortemente catexizado pelos diversos meios empregados por seu sadismo;⁷ de importância decisiva serão também a capacidade de seu ego tolerar angústia e a força de seus impulsos genitais, basicamente de seus impulsos libidinais.⁸ Porém, se no momento em que os impulsos genitais entram em evidência o ego fizer uma defesa demasiadamente

⁶ Em alguns casos pode constatar que o menino utiliza seu próprio pênis como arma contra o pênis internalizado do pai, assim como o utiliza como arma voltada contra si mesmo. Ele assemelha seu jorro de urina ao seu pênis, e encara-o como sendo um bastão, ou látigo ou espada com o qual triunfa sobre o pênis do pai no interior de si mesmo. Tenho também deparado frequentemente com uma fantasia na qual o menino estica seu pênis, fazendo-o atingir um comprimento tal que pode introduzi-lo na boca e, em alguns casos no ânus. Esta fantasia é ativada pelo desejo de empenhar seu pênis numa luta direta contra o superego.

⁷ Segundo Ferenczi ("Attempt to Formulate a Genital Theory", 1922), o erotismo pré-genital é deslocado para as atividades genitais em virtude do processo de *amphimixis*.

⁸ Reich assinala que a força constitucional do erotismo genital do indivíduo é um fator importante para o êxito final de seu desenvolvimento (cf. seu livro *Die Funktion des Orgasmus*, 1927). [Ver tradução em espanhol: "La función del Orgasmo": Ed. Paidós, 1962].

enérgica e repentina contra os impulsos destrutivos, este processo de focalizar o sadismo no pênis ficará estorvado.⁹

INCENTIVOS À ATIVIDADE SEXUAL

O ódio do menino ao pênis de seu pai e a angústia gerada pelas fontes atrás mencionadas incitam-no a apossar-se de sua mãe de maneira genital, concorrendo para incrementar seu desejo libidinal de copular com ela.* Além disso, à medida em que ele vai gradualmente superando seu sadismo para com ela, começa a encarar cada vez mais o pênis paterno no interior de sua mãe não só como uma fonte de perigo para o seu próprio pênis, mas também como fonte de perigo para o corpo da genitora; por esse motivo, ele sente que é preciso destruir o pênis paterno contido no interior dela. Outro fator que age como incentivo para que ele mantenha um coito com a mãe (e que, na menina, reforça a posição homossexual) é o seu instinto epistemofílico, que foi intensificado pela angústia.¹⁰ A esse propósito, ele encara seu pênis penetrante como sendo um órgão de percepção e equipara-o ao olho¹¹ ou ao ouvido, ou a uma combinação de ambos; por esse meio, ele anseia por descobrir qual o tipo de destruição ocasionado no interior de sua mãe por seu próprio pênis e excrementos, assim como pelos de seu pai, e a que tipo de perigos seu pênis está exposto dentro do corpo da genitora.

Vemos assim que a impulsão do menino para superar a angústia serve também de incentivo para que ele obtenha gratificação genital; ademais, constitui-se em agente promotor de seu desenvolvimento, mesmo no período em que ele ainda se encontra sob a supremacia de seu sadismo, e quando as medidas que ele emprega são de natureza totalmente destrutiva. Na verdade, essas mesmas medidas destrutivas são pressiona-

⁹ Se os afetos genitais se instalam muito cedo, levando o ego a fazer uma defesa prematura e exagerada contra os impulsos destrutivos, graves inibições evolutivas poderão daí resultar (cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", 1930).

* Se o menino não puder impor suas tendências positivas face à mãe de maneira satisfatória, o corpo desta permanecerá como um objeto de ódio, devido à agressão do menino contra o pênis paterno, que ele imagina encontrar-se no interior da mãe, e se apartará dela. (Do original alemão.)

¹⁰ Vide capítulo 8.

¹¹ Cf. Mary Chadwick. "Über die Wurzel der Wissbegierde" (1925).

das a servirem às suas tendências restitutivas, com o propósito de resgatar a mãe do "mau" pênis paterno que ela contém, se bem que, com isso, não percam sua maneira violenta e injuriosa de agir.

"A MULHER COM PÊNIS"

A crença infantil de que o corpo da mãe contém o pênis do pai conduz, como já vimos, à idéia da "mulher com pênis". A teoria sexual de que a mãe tem um pênis feminino próprio é, penso eu, resultado de uma modificação por deslocamento de temores mais profundamente arraigados: de que o corpo dela seja um lugar repleto de numerosos pênis perigosos e de que os dois genitores estejam empenhados em copulação perigosa. "A mulher com pênis" sempre significa, pode-se dizer, a mulher com o pênis do pai.¹²

Normalmente, a medida que o relacionamento do menino com seus objetos se desenvolve é que ele vai avançando na conquista de seu próprio sadismo, decresce seu medo aos pênis do pai no interior da mãe. Visto que seu medo ao "mau" pênis é em larga escala derivado de seus impulsos destrutivos contra o pênis do pai, e como o caráter de suas imagens depende amplamente da qualidade e quantidade de seu próprio sadismo, a redução desse sadismo é, conseqüentemente, da angústia, amenizará a severidade de seu superego, melhorando as relações de seu ego tanto com os objetos imaginários internalizados, como com os objetos externos e reais.

ESTÁDIOS ULTERIORES DO CONFLITO EDÍPICO

Se, paralelamente com a imagem dos pais combinados, as imagens isoladas do pai e da mãe, sobretudo da "boa" mãe, estiverem

¹² Em seu trabalho "Ödipuskomplex und Homosexualität" (1927), Felix Boehm chega à conclusão de que as fantasias, muito freqüentes nos homens, de que a vagina feminina oculte um pênis enorme, "perigoso" é móvel — um pênis feminino — recebem seu valor patogênico do fato de se acharem inconscientemente conectadas com idéias da presença oculta, na vagina da mãe, do enorme e terrífico pênis do pai. Em um trabalho anterior, "Homosexualität und Polygamie" (1920), Boehm já assinalara que os homens manifestam amiúde o desejo de encontrar o pênis de seu pai no interior da mãe, e que esse desejo se baseia em impulsos agressivos contra o pênis paterno. O impulso de atacar o pênis no interior da vagina da mãe é a repressão desse impulso agressivo são fatores importantes, na opinião de Boehm, para levar um homem à homossexualidade.

operando com força suficiente, o crescente relacionamento do menino com seus objetos e de sua adaptação à realidade terá como resultado que suas fantasias acerca do pênis paterno no interior da mãe perderão seu poder; e seu ódio, já diminuído, será mais intensamente dirigido ao objeto real. Isso terá o efeito de separar ainda mais completamente sua imagem dos pais combinados. Sua mãe se tornará agora o objeto preeminente de seus impulsos libidinais, ao passo que a maior parte de seu ódio e de sua angústia irão para o pai real (ou pênis do pai), ou, por deslocamento, para algum outro objeto, como no caso das zoofobias. As imagens separadas do pai e da mãe sobressairão mais, e a importância dos objetos reais será incrementada; e o menino entrará então numa fase em que as tendências dípticas e o medo de ser castrado pelo pai real adquirirão proeminência.¹³

Não obstante, constatei que as situações de angústia mais primitivas ainda se acham latentes em maior ou menor grau, a despeito de todas as modificações sofridas no curso de seu desenvolvimento;¹⁴ também o estão todos os mecanismos defensivos e os mecanismos pertencentes aos estádios ulteriores, gerados por essas situações de angústia. Por conseguinte, nas camadas mais profundas de seu psiquismo, é sempre por parte do "mau" pênis paterno pertencente a sua mãe que ele espera ser castrado. Mas enquanto suas primitivas situações de angústia não forem muito poderosas e, acima de tudo, enquanto sua mãe continuar representando em grau suficiente a "boa" mãe, o corpo dela continuará sendo um lugar desejável, se bem que um lugar que não poderá ser conquistado sem um risco maior ou menor para ele mesmo, segundo a magnitude das situações de angústia implicadas. Esse elemento de perigo e de angústia, que em todo homem normal se alia à copulação, é um incentivo para a atividade sexual e aumenta a gratificação libidinal que ele obtém do coito; mas se esse elemento exceder um determinado limite, terá um efeito perturbador, podendo inclusive chegar a impedir que ele seja capaz de realizar o ato sexual. Nas fantasias mais profundamente inconscientes, a copulação implica em sobrepujar ou eliminar o pênis do pai no

¹³ Quando isso acontece, é sinal de que a separação da imagem de seus pais combinados foi realizada com êxito, e de que a angústia psicótica infantil primitiva foi modificada em angústia neurótica.

¹⁴ Vide capítulo 9.

interior da mulher. A esta luta contra o pai no interior da mãe estão ligados, a meu ver, aqueles impulsos sádicos que se acham normalmente presentes quando ele se apossa dela genitalmente. Assim, o deslocamento original do pênis paterno para o interior do corpo da mãe a converte em objeto permanente de angústia para ele, se bem que em um grau que varia enormemente de indivíduo para indivíduo. Por outro lado, esse mesmo deslocamento incrementa consideravelmente a atração exercida pelas mulheres, pois superar sua angústia com relação a elas constitui um incentivo para ele.

No curso normal dos acontecimentos, à medida que as tendências genitais do menino vão se tornando mais fortes e ele vai superando seus impulsos sádicos, as fantasias de reparação começam a ocupar um campo mais vasto. Vimos que fantasias desse gênero com relação à mãe já existem durante a fase ascendente de seu sadismo, tomando a forma de destruir o "mau" pênis paterno dentro dela. Seu primeiro e principal objeto é a mãe, e quanto mais ela tiver representado o "bom" objeto para ele, mais prontamente suas fantasias restitutivas aderirão à imago delas.¹⁵ Isso pode ser observado especificamente nas análises lúdicas. Quando as tendências reativas do menino se tornam mais fortes, ele começa a brincar de maneira construtiva. Ao edificar casas e aldeias em seus jogos, por exemplo, ele simbolizará a restauração do corpo da mãe e do seu¹⁶ de uma maneira que corresponde nos mínimos detalhes a cada ato de destruição efetuado, quer numa etapa anterior da análise, quer em alternância com seus jogos construtivos. Ele começará por construir uma cidade agrupando casas das mais diversas maneiras, e colocará um boneco — representando a ele mesmo — como policial regulando o tráfego. Este policial ficará sempre em guarda para impedir que os carros colidam, que as casas sejam abalroadas ou os pedestres acidentados; ao passo que em seus jogos anteriores a cidade era freqüentemente danificada pelo choque dos veículos e pelo atropelamento das pes-

¹⁵ Já vimos que as tendências restitutivas do menino se dirigem para o "bom" objeto, e as destrutivas para o "mau" objeto.

¹⁶ Visto que as situações de angústia do menino referentes ao interior de sua mãe e a ansiedade concernente ao seu próprio corpo são inter-relacionadas e interdependentes, as fantasias de reparar o corpo da mãe aplicam-se em todos os particulares à restauração de seu próprio corpo. Prosseguiremos agora em nossas considerações sobre esse aspecto de suas fantasias de reparação.

soas. Num período ainda mais recuado, seu sadismo talvez se manifestasse de forma mais direta, molhando, queimando e picando os mais diversos artigos, que simbolizavam o interior da mãe com todo o seu conteúdo, isto é, o pênis paterno e os bebês; simultaneamente, esses atos de destruição representavam também os danos que ele desejaria fossem ocasionados pelo pênis de seu pai no interior da mãe. Como reação a essas fantasias sádicas nas quais o pênis violento e todo poderoso (o seu e o de seu pai), representado pelos carros em movimento, destrói a mãe e os bebês que ela contém (representados pelos pedestres atropelados) ele agora tem fantasias de restaurar o corpo dela (a cidade) em todos os aspectos em que anteriormente o prejudicou.

TENDÊNCIAS RESTITUTIVAS E ATIVIDADES SEXUAIS

Tenho afirmado reiteradamente nestas páginas que o ato sexual, para ambos os sexos, se reveste de grande importância como meio de dominar a angústia. Nos estádios primitivos do desenvolvimento da criança, o ato sexual, além de seu propósito libidinal, serve para destruir ou injuriar o objeto (se bem que as tendências positivas já estejam atuando nos bastidores). Nos estádios ulteriores ele serve para restaurar o corpo injuriado da mãe e destarte dominar a angústia e a culpabilidade.

Ao examinarmos as fontes subjacentes da atitude homossexual da menina, vimos como é importante para ela possuir um pênis "benéfico" e onipotência construtiva do ato sexual. O que foi dito com relação a ela aplica-se igualmente à atitude heterossexual do homem. Sob a supremacia do estágio genital, ele atribui ao seu pênis em copulação não só a função de proporcionar prazer à mulher, mas também a de reparar todos os danos que seu pênis e o pênis de seu pai ocasionaram. Na análise de menino, verificamos que eles atribuem ao pênis todos os tipos de funções curativas e purificadoras. Se, durante o período de onipotência sádica, o menino tiver usado seu pênis em imaginação para fins sádicos — tais como inundar, envenenar ou queimar coisas com sua urina — já na fase reparadora o pênis será encarado como um extintor de incêndios, um escovão ou um recipiente contendo medicamentos. Assim como a crença anterior nas qualidades sádicas de seu próprio pênis implicava em acreditar no poder sádico do pênis de seu pai, sua confiança agora em seu "bom" pênis estende-se

ao "bom" pênis de seu pai; e da mesma maneira como suas fantasias sádicas haviam transformado o pênis paterno em instrumento de destruição para sua mãe, agora suas fantasias de reparação e seu sentimento de culpa concorrem para transformá-lo em um órgão "bom" e benéfico.¹⁷ Em consequência, seu medo ao "mau" superego derivado do pai se atenua; e ele pode agora renunciar à identificação com o "mau" pai em sua relação com os objetos reais (identificação que é em parte baseada na identificação com seu objeto de angústia) e identificar-se mais intensamente com o "bom" pai. Se o ego for capaz de tolerar e modificar uma certa quantidade de sentimentos destrutivos contra o pai, e se o "bom" pênis paterno lhe inspirar um grau suficiente de confiança, ele poderá manter tanto sua rivalidade com o pai (que é essencial para o estabelecimento de uma posição heterossexual) como sua identificação com o mesmo. Sua crença no "bom" pênis paterno incrementa a atração sexual que ele sente pelas mulheres, pois em sua fantasia elas conterão objetos não muito perigosos e objetos efetivamente desejáveis, em virtude da posição homossexual, que faz do "bom" pênis um objeto de amor.¹⁸ Seus impulsos destrutivos manterão o pênis rival do pai como objeto e seus impulsos positivos serão dirigidos sobretudo para a mãe.

SIGNIFICADO DA FASE FEMININA NA HETEROSSEXUALIDADE

Para que o menino atinja uma posição heterossexual defini-

¹⁷ O sentimento de culpa do menino em face da mãe, e seu medo de que o "mau" pênis do pai possa prejudicá-la, contribuem em muito para que ele se empenhe em restaurar também o pênis de seu pai, em devolvê-lo a ela, e em unir seus genitores de maneira amigável. Em alguns casos esse desejo pode se tornar tão dominante, que ele abandonará sua mãe como objeto de amor e a entregará inteiramente ao pai. Essa situação o inclina a passar para uma posição homossexual; nesse caso, sua homossexualidade serviria à finalidade de fazer reparações ao pênis do pai, cuja função seria então a de restaurar a mãe e proporcionar gratificação a ela.

¹⁸ Quando o medo do menino ao "mau" pênis ou, coisa que não raro acontece, quando sua incapacidade de tolerar o próprio sadismo aumenta a crença no "bom" pênis em grau exagerado, não somente com referência ao pênis paterno no interior da mãe, mas também com referência ao seu superego, sua atitude face às mulheres pode se tornar totalmente distorcida. O ato heterossexual servirá antes de mais nada para satisfazer seus desejos homossexuais, e o ventre da mãe nada mais será do que algo que contém o "bom" pênis.

tiva, é preciso que sua primitiva fase feminina de desenvolvimento tenha tido um curso favorável e que tenha sido superada com êxito. Num trabalho anterior¹⁹, já havia eu assinalado que o menino amiúde compensa os sentimentos de ódio, angústia, inveja e inferioridade emanantes de sua fase feminina, reforçando seu orgulho pela posse de um pênis, e que ele desloca esse orgulho para as atividades intelectuais.²⁰ Esse deslocamento forma a base de uma atitude de rivalidade intensamente antagônica para com as mulheres, e afeta a formação de seu caráter da mesma maneira como a inveja do pênis afeta a elas. A angústia excessiva que ele sente em razão de seus ataques sádicos ao corpo da mãe converte-se na fonte de perturbações muito graves em suas relações com o sexo oposto. Mas se sua angústia e culpabilidade se tornarem menos agudas, serão esses mesmos sentimentos que darão origem aos vários elementos de suas fantasias de reparação; e estas o capacitarão a ter um conhecimento intuitivo das mulheres.

A primitiva fase feminina tem ainda um outro efeito favorável, que se manifestará em suas relações com as mulheres na vida adulta. As diferenças entre as tendências sexuais do homem e da mulher se traduzem, como sabemos, em diferentes condições psicológicas de gratificação, e cada qual buscará satisfazer as exigências diversificadas e mutuamente incompatíveis em suas relações com o sexo oposto. Usualmente, a mulher deseja ter o objeto de seu amor sempre consigo ou, em última análise, dentro dela; ao passo que o homem, devido às suas tendências psicosexuais orientadas para o exterior, ao seu método de dominar a angústia, inclina-se a trocar seu objeto de amor com frequência (se bem que seu desejo de conservá-lo, desde que represente a "boa" mãe, contrarie essa tendência). Se a despeito dessas dificuldades, o homem for, não obstante, capaz de compreender as necessidades psíquicas da mulher, ele o deverá em grande parte à sua mais primitiva

¹⁹ "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

²⁰ Em seu trabalho, "Über die Wurzel der Wissbegierde" (1928), Mary Chadwick considera que o menino se reconcilia com sua incapacidade de ter um filho pelo exercício de seu instinto epistemofílico, e que as descobertas científicas e conquistas intelectuais tomam o lugar dos bebês. Segundo ela, esse deslocamento para o plano mental de sua inveja das mulheres pelo fato de serem capazes de ter um filho, é que o leva a assumir uma atitude de rivalidade para com elas, no campo intelectual.

identificação com a mãe. Nesta fase, ele introjeta o pênis do pai como objeto de amor, e são os seus desejos e fantasias a esse respeito que o ajudarão, desde que suas relações com a mãe sejam boas, a compreender a tendência da mulher a introjetar e preservar o que ela ama.²¹ De mais a mais, o desejo de ter filhos de seu pai, que brota dessa fase, o induz a encarar a mulher, como sendo sua filha; e ele desempenha para com ela o papel de mãe bondosa.²² Desta maneira, ele também satisfará aos desejos amorosos de sua parceira, originados de seu intenso apego à mãe. Assim, e somente assim, através da sublimação de seus componentes femininos instintivos e da superação de seus sentimentos de inveja, ódio e angústia para com a mãe, é que ele será capaz de consolidar sua posição heterossexual no estágio de supremacia genital.

Já estudamos a razão pela qual, após o advento completo do estágio genital, a condição necessária para a potência sexual é que o menino acredite na "bondade" de seu pênis, ou seja, em sua capacidade de fazer reparações mediante o ato sexual.²³ Esta convicção tem sua base concreta na crença de que o interior de seu corpo se acha em bom estado. As situações de angústia emanantes dos supostos eventos destrutivos, ataques e confrontos no interior do corpo do sujeito, e que se confundem com situações de angústia referentes a eventos análogos no interior do corpo da mãe, constituem, para ambos os sexos, a mais profunda das situações de perigo. O medo de castração, que é apenas uma parte — se bem que parte importante — da angústia sentida com respeito a todo o corpo, converte-se, no

²¹ Edoardo Weiss, em seu trabalho intitulado "Über eine noch unbeschriebene Phase der Entwicklung zur heterosexuellen Liebe" (1925), declara que a escolha heterossexual de objeto feita pelo homem adulto resulta da projeção de sua própria feminilidade, e ele acredita que seja devido a esse mecanismo de projeção que o homem adulto conserva, em parte, uma atitude maternal para com sua parceira. Weiss assinala igualmente que a mulher atinge sua posição heterossexual final de maneira correspondente, abandonando sua masculinidade e situando-a no homem que ela ama.

²² Reich demonstrou que em muitos pacientes o pênis assume o papel de seio materno, e o esperma, o de leite (cf. seu livro *Die Funktion des Orgasmus*, 1927).

²³ Tal convicção vai se tornando cada vez mais forte na análise, na proporção em que a severidade do superego, da angústia e do sadismo diminuem, e em que o estágio genital emerge mais claramente, acompanhado de melhoras em suas relações com o objeto e nas relações entre o superego, o ego e o id.

indivíduo do sexo masculino, no tema dominante, que obscurece todos os outros temores em maior ou menor grau. Mas isso se dá precisamente porque a angústia referente ao interior de seu próprio corpo constitui uma das fontes mais profundas das perturbações que acometem sua potência sexual. A casa ou cidade que o menino tão avidamente reconstrói em seu jogo representa não apenas o corpo renovado e intacto da mãe, mas também seu próprio corpo.

REFORÇO SECUNDARIO DO ORGULHO DO PÊNIS

Ao descrever o desenvolvimento do menino, chamei a atenção para certos fatores que tendem, a meu ver, a incrementar ainda mais a importância central que o pênis tem para ele. Esses fatores podem ser resumidos como segue: I) A angústia emanante de suas mais primitivas situações de perigo — os temores de ser atacado em todas as partes do corpo, assim como no interior do mesmo — que compreende todos os temores inerentes à posição feminina, é deslocada para o pênis como órgão *externo*, onde pode ser dominada com maior êxito. O orgulho incrementado que o menino sente de seu pênis, com todas as suas conseqüências, pode também ser considerado como um método de dominar os medos e decepções aos quais está particularmente exposto na posição feminina.²⁴ II) Pelo fato do pênis ser um instrumento, antes para a onipotência destrutiva e depois para a onipotência criativa do menino, sua importância como meio de dominar a angústia fica acentuada. Contribuindo assim para o seu sentimento de onipotência, auxiliando-o na tarefa de testar pela realidade e promovendo seu relacionamento objetal — de fato, favorecendo a importantíssima função de dominar a angústia — o pênis é colocado em relação íntima e especial com o ego e convertido em representante do ego e do consciente;²⁵ ao passo que o interior do corpo, as imagos e as fezes — ou seja, o que é invisível e desconhecido — são comparados ao inconsciente. De mais a mais, ao analisar pacientes masculinos, tanto meninos como adultos, constatei que, à medida que diminuía seu medo às más imagos

²⁴ Cf. meu trabalho "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

²⁵ Esse ponto de vista é apoiado por um fato bem estabelecido da observação analítica, a saber, que o pênis e a potência viril representam a atividade masculina em geral.

e fezes (i. e. o inconsciente) que triunfavam no interior de seu corpo, sua crença na própria potência sexual se fortalecia e o desenvolvimento de seu ego ganhava terreno.²⁶ Este último efeito é em parte devido ao fato de que a diminuição de seu medo ao "mau" superego e ao "mau" conteúdo de seu corpo, capacita-o a identificar-se melhor com os "bons" objetos introjetados, contribuindo para o maior enriquecimento de seu ego.

Assim que sua confiança na onipotência construtiva de seu pênis se estabiliza com suficiente firmeza, sua crença no "bom" pênis paterno internalizado forma a base de uma crença secundária em sua onipotência, que irá sustentar e reforçar a linha evolutiva já estabelecida para ele por seu próprio pênis. E, como já foi dito, seu crescente relacionamento objetal trará como resultado o recuo de suas imagos irreais para segundo plano, enquanto que seus sentimentos de ódio e seu medo de castração serão aliviados e irão se fixar ao pai real. Ao mesmo tempo, suas tendências restitutivas se dirigem cada vez mais para os objetos externos e seus métodos de dominar a angústia se tornam mais realistas. Todos esses progressos evolutivos se verificam paralelamente à crescente supremacia de seu estágio genital, caracterizando os estádios posteriores de seu conflito edípico.

PERTURBAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO SEXUAL

Já acentuamos a importância da fantasia infantil que representa os pais perpetuamente unidos em coito, como fonte de situações de angústia muito intensas. Sob a influência de tal fantasia, o corpo da mãe representa acima de tudo uma união de pai e mãe, que é extremamente perigosa, e que é dirigida contra a criança. Se a separação desta imago combinada dos pais não se verificar em grau suficiente durante o curso de seu desenvolvimento, a criança sofrerá graves perturbações, tanto em seu relacionamento objetal como em sua vida sexual. A predominância de uma tal imago combinada dos pais remonta, segundo a minha experiência, a perturbações nas mais primitivas relações que a criança estabelece com sua mãe, ou melhor, com seu seio.²⁷ Muito embora seus efeitos sejam

²⁶ Cf. meu trabalho, "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931).

²⁷ Vide capítulo 8.

bastante fundamentais tanto para a menina como para o menino, existe já nos estádios mais primitivos do desenvolvimento, uma diferença apreciável de um sexo para outro. Nas páginas seguintes, em que nos limitaremos a dedicar nossa atenção ao menino, passaremos a examinar como as terríficas fantasias adquirem a sua ascendência e de que maneira influenciavam o desenvolvimento sexual.²⁸

Nas análises de crianças e adultos do sexo masculino, tenho observado que quando fortes impulsos orais de sucção se acham combinados com fortes impulsos oral-sádicos, a criança, muito precocemente, rejeitou com ódio o seio da mãe.²⁹ Devido às primitivas e intensas tendências destrutivas contra o seio, predominou a introjeção da "mã" mãe; e ao brusco abandono do seio seguiu-se a introjeção, excessivamente forte, do pênis do pai. A fase feminina foi governada por sentimentos de ódio e de inveja para com a mãe; simultaneamente, como resultado de seus poderosos impulsos oral-sádicos, ele veio a sentir um ódio agudo e um medo correspondentemente agudo do pênis internalizado de seu pai.³⁰ Seus impulsos orais de sucção, excessivamente fortes, produziram fantasias de um processo perpétuo e ininterrupto de absorção alimentar. Por outro lado, seus impulsos sádicos levaram-no a acreditar que ao receber nutrição e gratificação sexual através da copulação com o pênis do pai, sua mãe sofreu muitas dores e agravos, e que o interior de seu corpo se acha repleto, até o ponto de explosão, de "maus" e gigantescos pênis paternos, que a estarão destruindo de todas as maneiras. Na imaginação do menino, ela se converteu não somente na "mulher com pênis", mas numa espécie de receptáculo que contém os pênis do pai e os seus perigosos excrementos, que são equacionados com os

²⁸ Para a descrição de sua aplicação à menina, vide o capítulo precedente.

²⁹ Em alguns desses casos, o período de sucção foi curto e insatisfatório; em outros, a criança só havia sido nutrida com mamadeira. Mas mesmo que o período de sucção tenha sido, segundo todas as aparências, satisfatório, a criança pode, não obstante, haver abandonado o seio muito cedo e com sentimentos de ódio, e pode haver introjetado o pênis do pai com muita força. Nesse caso, sua conduta deve ter sido determinada por fatores constitucionais.

³⁰ O ódio exagerado do menino ao pênis do pai baseia-se em fantasias destrutivas excessivamente intensas, dirigidas ao seio e ao corpo da mãe; de sorte que, também aqui, sua primitiva atitude para com a mãe influencia sua atitude face ao pai.

pênis.³¹ Deste modo ele deslocou para a mãe grandes quantidades do ódio e da angústia que se achavam ligados a seu pai e ao pênis paterno.³² Um sadismo oral prematuro de tal intensidade encoraja a criança a desfechar ataques contra os pais unidos em copulação, fazendo com que a imagem deles nesse sentido a deixe aterrorizada; por outro lado, impede que o menino crie uma boa imagem materna, que o teria amparado contra as primitivas situações de angústia, lançado os alicerces de um bom superego (sob a forma de figuras protetoras),³³ e que o teria induzido a adotar uma posição heterossexual.

Vejam os quais as consequências de uma fase feminina tão fortemente governada pelo sadismo. A introjeção, de uma intensidade desmesurada, do enorme “mau” pênis do pai faz com que o menino acredite que seu corpo esteja exposto aos mesmos perigos internos que ameaçam sua mãe. A introjeção dos pais hostis unidos em coito e, com ela, a fragilíssima introjeção da “boa” mãe, agem no mesmo sentido. Esses processos introjetivos, dando origem a um excesso de angústia concernente ao próprio interior, abrem caminho para graves enfermidades psíquicas e para sérias perturbações do desenvolvimento sexual. Como vimos, a posse de um “bom” conteúdo no corpo e a posse, no nível genital, de um “bom” pênis, é uma pré-condição de potência sexual. Se os ataques do menino ao seio e ao corpo da mãe tiverem sido excepcionalmente intensos, de modo a que, em sua imaginação, ela tenha sido destruída por seu pênis e pelo pênis do pai, ele terá ainda mais ne-

³¹ Geralmente, as imagens que surgiram dessas fantasias não somente estão em desacordo com o quadro real da mãe do menino, como ainda o obscurecem totalmente. Aqui, a causa e o efeito se reforçam mutuamente. Devido à atuação, demasiadamente intensa, das situações de angústia mais primitivas do menino, o crescimento de suas relações objetais e de sua adaptação à realidade ficou detido. Em consequência, seu mundo de objetos e seu mundo real não podem mitigar a angústia pertencente às situações de angústia mais primitivas, de sorte que estas continuam a dominar seu psiquismo. Tenho constatado que nesses casos, a relação da criança com a realidade ficou permanentemente prejudicada.

³² No capítulo precedente traçamos o esquema de um processo análogo de deslocamento na menina. Quando seu ódio e sua inveja se referem sobretudo ao pênis do pai que sua mãe incorporou, ela desloca esses sentimentos — que eram dirigidos, originalmente, em sua maior parte para a mãe — para o pênis do pai, com o resultado de que sua atitude face aos homens fica exposta a sérias perturbações.

³³ Cf. meu trabalho, “Personification in the Play of Children” (1929).

cessidade de um "bom" pênis com o qual restaurá-la-á. Ademais, é preciso que ele tenha uma sólida confiança na própria onipotência a fim de dissipar o terror que lhe inspira o corpo perigoso e periclitante de sua mãe, repleto de pênis do pai. No entanto, é precisamente esse medo à mãe e ao conteúdo de seu próprio corpo que lhe impede de acreditar na posse de um "bom" pênis e em sua potência sexual. O efeito cumulativo de todos esses fatores pode fazer com que ele se afaste das mulheres como objetos de amor e, segundo o caráter de suas primeiras experiências, perturbar gravemente sua potência na posição heterossexual ou levá-lo a tornar-se um homossexual.³⁴

ADOÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Esse processo de deslocamento, no qual tudo o que é terrífico e inquietante é situado no interior do corpo da mulher, é amiúde acompanhado de outro processo, que parece ser uma condição necessária para o completo estabelecimento da posição homossexual. Na atitude normal, o pênis do menino representa seu ego e seu consciente, em oposição ao seu superego e ao conteúdo de seu corpo, que representam o inconsciente. Na atitude homossexual, esse significado se estende, através da escolha narcísica de objeto, ao pênis de outro homem, e este pênis agora serve de contraprova aos temores concernentes ao pênis internalizado e ao interior de seu próprio corpo. Assim, um dos modos de dominar a angústia na homossexualidade é que o ego se esforça por negar, controlar ou levar a melhor sobre o inconsciente, através da superenfatisação da realidade e do mundo externo, e de tudo o que é tangível e perceptível à consciência.

Em tais casos tenho observado que, quando o menino teve uma relação homossexual na primeira infância, isso lhe propicia uma boa oportunidade de moderar os sentimentos de ódio e de medo ao pênis do pai e de fortalecer sua crença no "bom" pênis. De mais a mais, todas as suas aventuras homossexuais ulteriores repousarão sobre sua relação infantil. Esta lhe proporciona uma série de garantias, das quais mencionarei as mais comuns: I) que o pênis de seu pai, tanto o internalizado como o real, não é um perseguidor perigoso nem (a) para ele nem (b) para sua mãe; II) que seu próprio pênis não é destrutivo;

³⁴ Em casos extremos, sua libido será incapaz de manter qualquer posição.

III) que os seus receios, quando pequeno, de que suas relações sexuais com o irmão ou com o substituto do irmão fossem descobertas e que ele fosse expulso de casa, castrado ou morto³⁵ não tinham fundamento, uma vez que seus atos homossexuais não foram seguidos de consequências daninhas; IV) que ele tem confederados e cúmplices secretos, pois suas relações sexuais precoces com o irmão (ou substituto do irmão) significaram que os dois estavam aliados para destruir os pais separadamente ou combinados em copulação. Em sua imaginação, o parceiro amoroso assumirá algumas vezes o papel de seu pai — em conluio com o qual ele desfechou ataques secretos sobre a mãe durante e por meio do ato sexual (um dos pais sendo, assim, instigado contra o outro) — e algumas vezes o de seu irmão, que o ajudou a destruir o pênis paterno no interior da mãe e no interior de si mesmo.

O sentimento (baseado em ter fantasias masturbatórias sádicas em comum) de estar coligado com outrem contra os pais por meio do ato sexual — sentimento que, a meu ver, é de importância geral para as relações sexuais das crianças pequenas, — está intimamente associado aos mecanismos paranóicos.³⁶ Quando tais mecanismos atuam com muita intensidade, a criança terá uma forte inclinação para procurar aliados e cúmplices em sua posição libidinal e em seu relacionamento objetal. A possibilidade de conquistar a mãe para o seu lado contra o pai, ou seja, a de destruir o pênis paterno dentro dela mediante a copulação com ela, pode se tornar a condição necessária para que ele adote uma posição heterossexual; outrossim, ela pode capacitá-lo, depois de adulto, a manter essa posição, a despeito de ter traços paranóides pronunciados. Por outro lado, se seu medo ao perigoso corpo da mãe for muito intenso e se a boa imagem materna não tiver se desenvolvido, suas fantasias de aliança com o pai contra a mãe e de juntar-se a seu irmão contra ambos os genitores, incliná-lo-ão a estabelecer uma posição homossexual.

O impulso da criança de jogar seus objetos um contra o outro e de adquirir poder sobre eles através de alianças secretas, tem suas raízes, pelo que me é dado ver, em fantasias de oni-

³⁵ Por trás desse medo oculta-se o medo da mãe como rival, que procura responsabilizá-lo pela castração e pelo roubo do pênis de seu pai.

³⁶ Vide capítulo 7.

potência; nestas, por meio dos atributos mágicos dos excrementos e pensamentos, a criança introduz fezes e flatos em seus objetos a fim de dominá-los ou destruí-los. Nesse sentido, as fezes da criança representam instrumentos de seus ataques secretos ao interior de seus objetos, e são encaradas por ela como objetos maléficos ou animais, que estariam agindo a serviço de seu ego. Essas fantasias de grandeza e onipotência desempenham um grande papel nos delírios de grandeza, de relação* e de envenenamento. Tornam o paciente temeroso de ser atacado por seus objetos da mesma maneira secreta com que os atacou³⁷ e, algumas vezes, receioso de que seus próprios excrementos se voltem contra ele de maneira hostil e traiçoeira. Em minhas análises de crianças e adultos tenho deparado com o medo de que suas fezes tenham, de alguma forma, adquirido uma existência independente e que não mais se achem sob o seu controle, em cujo caso estariam danificando os objetos internos e externos contra a vontade do ego. As fezes são então assemelhadas a todos os tipos de pequenos animais e insetos, tais como ratos, camundongos, moscas, pulgas etc.³⁸

Quando prevalece uma angústia paranóide referente às fezes e ao pênis como perseguidores, o objeto de amor do mesmo sexo representará antes e acima de tudo um aliado contra os perseguidores. O desejo libidinal de um "bom" pênis será fortemente supercompensado e servirá ao propósito de mascarar os sentimentos de ódio e de medo para com o "mau" pênis. Quando tal compensação falha, o ódio e o medo para com o objeto de amor se evidenciam, efetuando uma reversão paranóica da pessoa amada em perseguidor.³⁹

Esses mecanismos, que são dominantes nos casos de caráter paranóico, participam, se bem que em grau menor, de todas as atividades homossexuais. O ato sexual entre homens sempre

* Delírio de relação: *Beziehungswahn* (delusions of reference). (N. da T.)

³⁷ Vide capítulo 8.

³⁸ Franz, meu paciente de cinco anos, que revelou pronunciados traços psicóticos em sua análise, tinha medo, quando se achava deitado no escuro, que uma multidão de ratos e camundongos saísse do quarto ao lado para entrar no seu. Esses ratos e camundongos avançariam sobre ele quando se achasse deitado na cama, sendo que metade deles o atacaria por cima e a outra metade por baixo. Eles representavam fezes provenientes de seus genitores, que penetrariam em seu ânus e outras aberturas do corpo, em resultado de seus próprios ataques anal-sádicos contra os pais.

³⁹ Vide capítulo 9.

serve, em parte, para gratificar impulsos sádicos e confirmar o sentimento de onipotência destrutiva. Por trás da relação libidinal positiva com o objeto de amor ocultam-se, em maior ou menor grau, segundo o montante de sadismo presente, não apenas o ódio ao pênis do pai mas também impulsos destrutivos contra o parceiro sexual e o medo que eles geram contra este último.

Em seu trabalho "Homosexualität und Ödipuskomplex" (1926), Felix Boehm chama a atenção para "o papel desempenhado por aquele aspecto do complexo de Édipo que consiste no ódio da criança por seu pai e em seus desejos de morte e de castração ativa contra o mesmo". Demonstra Boehm que na prática de atos homossexuais, o indivíduo do sexo masculino tem freqüentemente duas finalidades: I) tornar o parceiro impotente para o ato heterossexual, em cujo caso se trataria principalmente da mera questão de mantê-lo afastado das mulheres, e II) castrá-lo, em cujo caso ele deseja igualmente apossar-se do pênis do parceiro a fim de incrementar sua própria potência sexual com as mulheres. No tocante à primeira finalidade, minhas próprias observações levaram-me a acreditar que o desejo de manter os outros homens distantes das mulheres (isto é, de sua mãe ou irmã) baseia-se não só em um ciúme primário do pai, mas também no medo aos riscos em que sua mãe incorreria ao copular com ele. Visto que esses riscos se originam não só do pênis paterno mas também de seu próprio pênis sádico, ele se acha provido de um motivo muito forte para adotar a posição homossexual. Nessa posição, como tenho verificado pelas análises de homens e meninos, ele fez um pacto inconsciente com seu pai e seus irmãos, para que todos se abstenham de manter intercurso sexual com sua mãe (e irmãs) a fim de poupá-la, e segundo o qual deverão procurar um no outro a compensação por essa abstenção.⁴⁰ Quanto à segunda finalidade, estou de pleno acordo com o ponto de vista de

⁴⁰ Freud chamou atenção para o fato de que, em alguns casos, o que contribui para a escolha homossexual de objeto são os sentimentos de rivalidade que foram superados e as tendências agressivas que foram reprimidas (cf. "Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality", 1922). Sadger acentuou a rivalidade do menino com seu pai e seu desejo de castrá-lo como fatores da homossexualidade ("Ein Fall von multipler Perversion mit hysterischen Absenzen", 1910). Ferenczi acentou que os homossexuais entretêm cruéis desejos de morte contra o pai, assim como cruéis fantasias concupiscentes de ataque contra a mãe ("On the Nosology of Male Homosexuality", 1914).

Boehm. O desejo do menino de castrar o pai para se apoderar de seu pênis e não ser impotente no intercuro sexual com a mãe, preme-o a assumir a posição homossexual. Em alguns casos averigüei q.ue essa finalidade não era só a de se apossar de um pênis especialmente potente, mas a de armazenar uma enorme quantidade de esperma que, de acordo com as fantasias do menino, é necessária para proporcionar gratificação sexual à mãe.⁴¹ Além disso, ele deseja colocar "bons" pênis e "bom" sêmen dentro de si mesmo, a fim de restaurar totalmente o interior de seu corpo. Esse desejo é intensificado no estágio genital pela crença de que, se o interior de seu corpo estiver intacto, ele será capaz de proporcionar "bom" sêmen e bebês a sua mãe, situação que irá incrementar sua potência na posição heterossexual. Se, por outro lado, predominarem as tendências sádicas, seu desejo de apoderar-se do pênis e do esperma do pai mediante o ato homossexual também terá, em parte, um fim heterossexual. Pois, ao satisfazer-se com o pai sádico, seu poder de destruir a mãe por meio da copulação com ela ficará redobrado.

Já foi dito mais de uma vez que o instinto epistemofílico é uma força motriz para a realização do ato sexual. Mesmo quando o indivíduo obtém gratificação desse instinto em conexão com atividades homossexuais, ele o emprega em parte para aumentar sua eficiência na posição heterossexual. O ato homossexual destina-se a realizar o remoto desejo de sua infância de ter a oportunidade de verificar em que aspecto o pênis de seu pai difere do seu, e de descobrir como se comporta ao copular com sua mãe. Ele quer saber como poderá se tornar mais hábil e potente em seu intercuro sexual com a genitora.⁴²

OBSERVAÇÃO CLÍNICA: SR. A.

Da análise de A., um paciente homossexual de 35 anos, que sofria de impotência e de uma neurose obsessiva grave com

⁴¹ A desproporção entre o pênis enorme e as vastas quantidades de esperma que ele julga necessários para satisfazer à mãe e a pequenez de seu próprio pênis é uma das causas que contribuem para torná-lo impotente na vida futura.

⁴² Boehm refere-se (*loc. cit.*) a um paciente que tinha por hábito entre outras coisas, descobrir, em suas relações homossexuais com os homens, qual era a "técnica sexual" que empregavam com as mulheres.

traços paranóicos e hipocondríacos, resultou que os sentimentos de desconfiança e de antipatia, que marcavam, em geral, suas relações com as mulheres, provinham, no fundo, de uma única fantasia. Esta consistia na idéia de que sua mãe, sempre que ele não a via, estaria realizando o coito com seu pai. Supunha ele que o interior do corpo materno se achava repleto de perigosos pênis paternos.⁴³ Na situação transferencial pude observar que o ódio e o medo que ele sentia em face da mãe, e que amiúde mascaravam seus sentimentos de culpa em relação a ela, sempre estavam intimamente ligados à situação de coito entre os pais.⁴⁴ Nos momentos de angústia, um olhar furtivo lançado ao meu traje ou ao meu rosto bastava para convencê-lo de que eu tinha um aspecto enfermício ou de que estava mal arrumada, ou de que alguma coisa não ia bem (isto é, que eu estava envenenada e destruída interiormente). Assim, ele repetia o olhar escrutador e angustiado com o qual, pela manhã, recebia sua mãe, a fim de averiguar se ela não havia sido envenenada ou destruída no curso das relações sexuais da noite precedente. Todas as manhãs temia encontrá-la morta.⁴⁵ Nesse estado de ânimo era natural que interpretasse qualquer detalhe ínfimo da saúde de sua mãe ou de sua conduta, qualquer divergência de opinião entre seus pais, ou qualquer mudança de comportamento de sua mãe para com ele, assim como tudo o que sucedia ao seu redor, como a afirmação de que a catástrofe, continuamente temida por ele, se havia realizado.

⁴³ Devido a esse deslocamento, sua mãe havia adquirido de tal modo as qualidades do pênis do pai e conservado tão pouco de sua própria personalidade, que A. a identificava, inconscientemente, com o pênis paterno (representado conscientemente por um menino). Esse múltiplo deslocamento tornava-lhe difícil a compreensão consciente da diferença entre os sexos.

⁴⁴ Ernest Jones chamou atenção para esse mecanismo em seu artigo "Fear, Guilt and Hate", *Int. J. Psych.-Anal.*, 5.^a ed., pág. 304.

⁴⁵ Quando A. ficava particularmente angustiado, tinha a sensação de que a rua e a casa em que eu morava (assim como o mundo inteiro) se achavam repletas de sujeira. Ele também me identificava freqüentemente com uma servente, encarregada da limpeza do saguão e da escada, e que lhe parecia sumamente repugnante. Esta mulher lhe parecia tão desagradável por provocar seu sentimento de culpa e sua angústia. Ela representava sua mãe, degradada e empobrecida por ele, que procurava limpar o interior de seu corpo sujo e envenenado (a casa) mas que, segundo a impressão de A., fazia um trabalho vão e estéril. Ele se sentia responsável por esse estado de degradação e pobreza uma vez que, em suas fantasias, havia atacado os pais em coito e envenenado o interior do corpo de sua mãe com seus excrementos.

Suas fantasias masturbatórias, que eram de caráter optativo e nas quais os pais se destruíam mutuamente no coito, converteram-se em fonte de múltiplas preocupações, temores e sentimentos de culpa.⁴⁶ Esta angústia o levava a uma contínua observação de seu ambiente e a um desenvolvimento obsessivo de seu instinto epistemofílico. Seu contínuo desejo, que absorvia todas as energias de seu ego, de observar as relações sexuais dos pais e inteirar-se de seus segredos sexuais, foi também reforçado pelo afã de impedir o coito dos pais, proteger sua mãe e evitar os danos que lhe poderia ocasionar o perigoso pênis paterno.⁴⁷

Na situação transferencial as tendências de A., dirigidas ao coito dos pais, manifestavam-se, entre outras coisas, pelo interesse que demonstrava quando eu fumava. Se ele, por exemplo, notasse fumaça na sala ou, no cinzeiro, uma ponta de cigarro da sessão precedente, punha-se a fazer uma avalanche de perguntas: se eu fumava muito, se o fazia antes do café da manhã, se os meus cigarros eram de boa marca etc. Essas perguntas e os afetos a elas vinculados ligavam-se à angústia que ele havia experimentado em face de sua mãe e eram determinadas pelo desejo de saber se e de que maneira seus pais haviam copulado nessa noite, e quais haviam sido as consequências desse ato para sua mãe. Os sentimentos provenientes da cena primária, como ódio, frustração e ciúmes, exteriorizavam-se nos afetos com os quais ele às vezes reagia quando eu, por exemplo, acendia um cigarro num momento que lhe parecia inoportuno. Ele então se encolerizava e me recriminava, dizendo que eu não me interessava por ele, que só pensava em fumar, não me importando com o incômodo que pudesse lhe ocasionar; ou então me aconselhava a que deixasse de fumar.

⁴⁶ Como meu objetivo, através deste caso, foi apenas o de ilustrar que certas situações primitivas de perigo podem ser a causa de graves perturbações sexuais, escolhi somente dois elementos, em meio à abundância do material, correspondentes às primeiras impressões e influências que contribuíram para o seu desenvolvimento. A mãe era sujeita a enfermidades sem importância e o pai era um homem duro e tirânico, temido por toda a família.

⁴⁷ O ciúme primitivo da criança, que a impele a perturbar a satisfação sexual dos pais e suas intimidades, recebe também em geral uma intensificação secundária e muito importante dessa angústia. A criança teme que seus pais se destruam ou matem mutuamente durante o coito (dando cumprimento às suas próprias fantasias sádicas), e essa angústia a impele a observar os pais e a molestá-los.

De outras vezes esperava com impaciência que eu acendesse um cigarro e terminava rogando-me que o fizesse, por não mais suportar a expectativa do ruído que faz o fósforo ao ser riscado, e insistindo para que eu não o acendesse de surpresa. Evidenciou-se claramente que esse estado de tensão repetia uma situação infantil: ele à noite aguardava atentamente os ruídos que poderiam provir do leito de seus pais. Desejava ouvir os primeiros indícios do coito (o riscar do fósforo) para saber que o ato em breve iria terminar.

Mas às vezes existia realmente o desejo de que eu fumasse. Provinha do medo sentido pelo menino quando imaginava que seus pais estivessem mortos e aguardava ansiosamente os ruídos do coito para assegurar-se de que continuavam vivos. Num etapa posterior da análise, passou a temer menos as conseqüências do ato sexual, que se havia convertido, sob o efeito de tendências pertinentes a um estágio evolutivo mais avançado, em um ato de reconciliação, satisfação e reparação. Ademais, queria ver-se livre da culpa de haver obrigado seus pais à abstinência; e por isso me pedia que fumasse.

O próprio sr. A. deixava de fumar de tempos em tempos, na esperança de eliminar seus males hipocondríacos. Mas essa atitude de renúncia ao tabaco era de curta duração, em parte porque o fumo tinha também o significado de defesa contra seus males hipocondríacos. Símbolo tanto do "mau" como do "bom" pênis paterno, o cigarro era destinado ora a destruir, ora a reparar o interior de seu corpo e os objetos internalizados.⁴⁸

Os sintomas obsessivos do sr. A. tinham uma relação íntima com os múltiplos conteúdos de sua angústia e haviam surgido pelo conhecido mecanismo de deslocamento de "magia e contramagia".⁴⁹ Eles proporcionavam uma resposta afirmativa ou negativa a certas perguntas que ele se fazia a respeito de seus

⁴⁸ Parece-me que esta situação pode ser também um incentivo para o alcoolismo. O álcool — representando o mau pênis ou a má urina — serve para destruir os maus objetos internalizados. Melita Schmideberg, em seu artigo "The Role of Psychotic Mechanisms in Cultural Development" (*Int. J. Psych.-Anal.*, vol. XI, 1930), diz que a droga procurada pelo toxicômano representa o "bom" pênis, que oferece amparo contra os maus objetos introjetados. A circunstância de que a própria droga, uma vez ingerida, se converta, em razão da ambivalência, e tome o significado de um "mau" pênis, cria um impulso adicional para a toxicomania.

⁴⁹ Freud: *Totem und Tabu*.

pais: se mantinham relações sexuais, quais eram as conseqüências, e se o mal que havia sido feito poderia ser reparado. Sua neurose obsessiva resultava da crença em uma onipotência destrutiva e construtiva que havia surgido em relação com os pais unidos em coito, e que havia incluído tudo o que cercava o paciente.

As atividades sexuais de A., que se achavam dominadas por graves perturbações e tinham um caráter francamente obsessivo, serviam também para afirmações e negações. O medo exagerado ao pênis do pai havia prejudicado tanto sua posição heterossexual como a homossexual. Em virtude de sua forte identificação maternal e da fantasia predominante de haver incorporado os pais em copulação, A. supunha que todos os perigos que ameaçavam sua mãe pela incorporação do pênis, ameaçassem também o interior de seu próprio corpo. Na situação transferencial, os males hipocondríacos de A. amiúde se intensificavam simultaneamente com um aumento de transferência negativa.⁵⁰ Seu ódio por mim e seu medo ao interior de meu corpo se incrementavam sempre que, por motivos internos ou externos, aumentava a intensidade de suas fantasias de que a mãe se achava exposta ao coito perigoso com o pai ou de que já havia incorporado o perigoso pênis paterno em conseqüência do coito. Devido à identificação maternal do paciente, tudo aquilo que indicasse o desenrolar de uma catástrofe no interior de sua genitora significava também um indício de destruição no interior de seu próprio corpo. E se ele nutria tanto ódio pelas relações sexuais de sua mãe é porque ela não se expunha unicamente a si mesma, mas também a ele, indiretamente; pois em sua imaginação, os pais internalizados copulavam também dentro dele.

Ademais, a mãe unida ao pai significava sempre uma inimiga. A extrema antipatia que ele às vezes sentia por minha voz ou por minhas palavras não provinha unicamente da equiparação de minhas palavras com excrementos venenosos e pe-

⁵⁰ Os detalhes de seus males hipocondríacos eram em geral determinados pela estrutura e as particularidades de suas fantasias sádicas. Várias vezes, por exemplo, constatei que a sensação de ardor se achava relacionada com fantasias de caráter uretral-sádico. Se a urina significava queimar os objetos, ela implicava igualmente em queimar o interior de seu próprio corpo. Nesses casos, ademais, o paciente atribuía ao pênis internalizado do pai e a sua urina a faculdade de queimar, envenenar e destruir.

rigosos, mas também da fantasia de que o pai, ou melhor, o pênis de seu pai, se achava dentro de mim, falando por meu intermédio. Este pênis certamente influía em minhas palavras e atos de uma maneira inamistosa para com ele (assim como seu pai internalizado o impelia a cometer más ações contra a mãe). Ademais, temia que o pênis de seu pai pudesse atacá-lo ao sair de minha boca enquanto eu falava, pois minhas palavras e minha voz eram equiparadas ao pênis paterno.

Com a destruição de sua mãe, ele deixou de possuir uma mãe “boa” e protetora. As fantasias de haver mordido e dilacerado o seio materno, de havê-lo envenenado por meio de fezes e urina, levaram-no à introjeção muito precoce de uma imago materna perigosa e tóxica, que impedia a formação de uma “boa” imago materna. Este processo havia também favorecido o desenvolvimento de traços paranóides, especialmente de idéias de envenenamento e perseguição. Tanto no mundo exterior (primitivamente representado pelo seio de sua mãe) como em seu próprio corpo, o paciente não conseguiu encontrar um sustentáculo eficaz contra a perseguição do pênis paterno e dos excrementos. Seu medo à mãe e sua angústia de castração foram reforçados, e a crença em seu próprio “bom” interior e em seu “bom” pênis, abalada. Este foi um dos principais fatores a perturbarem seu desenvolvimento sexual. As dificuldades de sua potência viril relacionavam-se não só com o medo que lhe inspirava o perigoso corpo da mãe, mas também com o medo de prejudicar a mulher com seu “mau” pênis e de ser incapaz de restaurá-la no curso das relações sexuais.

A debilidade de sua fé numa “boa” mãe havia influído também de forma decisiva no desencadeamento de sua enfermidade. O sr. A. havia combatido, durante algum tempo, nas primeiras linhas de frente e suportado bastante bem os perigos e vicissitudes da guerra. Foi mais tarde, durante uma viagem, num recanto perdido do vale de Ruhr, em que fora acometido por uma desinteria, que ocorreu o colapso. Como se constatou mais tarde na análise, os sintomas dessa enfermidade haviam reativado a antiga situação de perigo, que era a base de seus temores hipocondríacos: o medo ao “mau” pênis internalizado e aos excrementos tóxicos. Mas foi a conduta da dona da pensão, que cuidou dele durante a enfermidade, o que desencadeou a crise. Esta mulher o atendia mal, tratava-o sem carinho ou afeição e não lhe dava leite e nem outros alimentos em quan-

tidade suficiente. Essa vivência reativou o traumatismo do desmame e os efeitos de ódio e de angústia a ele ligados. Ademais, inconscientemente, A. interpretava a conduta da dona da pensão como plena afirmação de sua angústia, de que não mais existia uma boa mãe, e de que ele se achava abandonado, sem qualquer possibilidade de salvação, à destruição interna e aos inimigos externos. A crença na "boa" mãe, que jamais havia sido suficientemente firme, não poderia vencer a atuação simultânea e excessiva de todas as situações de angústia. Esta carência de uma "boa" imago materna, que ampara e defende contra a angústia, foi o fator decisivo e determinante de seu colapso.

A análise deste caso demonstra bem como o deslocamento para a mãe, do ódio e do temor ao pênis paterno, tem como consequência uma intensificação exagerada dos temores relacionados com o corpo feminino, ao passo que as fontes da atração heterossexual sofrem uma forte diminuição. A par com esse deslocamento de tudo o que é angustiante e sinistro para o interior invisível do corpo feminino, efetua-se, amiúde, um outro processo, que parece ser uma condição para a plena afirmação da posição homossexual.

OBSERVAÇÃO CLÍNICA: Sr. B.

Passaremos agora a ilustrar, através dos fragmentos de uma observação clínica, o significado de alguns dos fatores acima examinados na gênese da homossexualidade. B., homem de trinta e poucos anos, procurou-me para tratamento por motivo de depressão profunda e de uma grave inibição no trabalho. Esta, que já durava há bastante tempo, fora incrementada a tal ponto por uma certa ocorrência em sua vida e que relatarei a seguir, que ele se vira obrigado a abandonar a pesquisa científica em que se achava empenhado e a renunciar a seu posto de professor. Evidenciou-se que, apesar do desenvolvimento de seu caráter e de seu ego terem sido perfeitamente bem sucedidos e de ele ser excepcionalmente bem dotado intelectualmente, sofria de graves perturbações em sua saúde mental. Seus acessos de depressão, que remontavam à primeira infância, haviam se tornado tão agudos nos últimos anos, a ponto de provocarem um estado de depressão geral, induzindo-o a isolar-se dos demais. Ele receava, sem que houvesse motivo para tal, que sua aparência afugentasse as pessoas,

e isso contribuía para aumentar ainda mais sua aversão pelos contatos sociais. Sofria também de uma grave mania de dúvida, que invadia o campo de seus interesses intelectuais em escala sempre crescente, e que lhe era particularmente penosa.

Sob esses sintomas mais manifestos, pude descobrir a presença de uma profunda hipocondria,⁵¹ e de fortes idéias de perseguição e de relação, que às vezes assumiam o caráter de delírios, mas aos quais ele parecia curiosamente indiferente. Conseguira ocultar de todos aqueles que o cercavam suas idéias de relação e de perseguição e sua angústia hipocondríaca e, inclusive, até certo ponto, seus graves sintomas obsessivos. Esse extraordinário poder de dissimulação era paralelo às suas pronunciadas características paranóides. Embora se sentisse observado e espionado pelos demais e fosse muito desconfiado, tinha uma sutileza psicológica tão grande que sabia como esconder completamente seus pensamentos e sentimentos. Mas, a despeito desse esforço de cálculo e dissimulação possuía uma grande frescura e espontaneidade de sentimentos, que promanavam de suas relações objetais positivas e cuja origem remontava a fortes sentimentos otimistas nas profundezas de seu psiquismo; estes últimos, que o haviam ajudado a ocultar sua enfermidade, haviam, nos últimos anos, perdido quase que inteiramente sua eficácia.

B. era um verdadeiro homossexual. Apesar de manter boas relações com as mulheres (e com os homens) na qualidade de seres humanos, como objetos sexuais ele as rejeitava tão completamente que chegava ao ponto de ser incapaz de entender como podiam possuir qualquer atração para quem quer que fosse.⁵² Fisicamente, elas lhe pareciam estranhas, misteriosas e sobrenaturais. A forma do corpo feminino lhe era repelente, especialmente os seios e as nádegas e a ausência do pênis.⁵³ Sua aversão pelas nádegas e os seios baseava-se em violentos

⁵¹ As contínuas preocupações e inquietudes de B. quanto à sua aparência nada mais eram que um deslocamento para o exterior das preocupações concernentes ao interior de seu corpo e de sua angústia hipocondríaca.

⁵² Uma ou duas vezes em sua vida ele havia tido relações sexuais com mulheres, sem que porém obtivesse qualquer gratificação real do ato. Os motivos principais que o haviam levado a entregar-se a uma aventura efêmera desse gênero eram a curiosidade, o desejo de fazer o mesmo que os outros homens heterossexuais faziam e, em particular, seus escrúpulos em ferir os sentimentos das mulheres que haviam tomado a iniciativa.

⁵³ Veremos mais adiante porque essa ausência o aterrorizava tanto.

impulsos sádicos. Ele tinha fantasias de bater nas partes “protuberantes” do corpo feminino até que se tornassem “batidas” e, portanto, “reduzidas”, e então talvez, dizia, pudesse amar as mulheres. Essas fantasias eram determinadas por sua idéia inconsciente de que a mulher se achava tão cheia de pênis paternos e de excrementos perigosos equacionados com o pênis, que estes lhe haviam deformado o corpo, formando protuberâncias. Assim, seu ódio às partes “salientes” era na realidade dirigido aos pênis internalizados de seu pai que agora tornavam a emergir.⁵⁴ Em sua imaginação, o interior do corpo feminino era um espaço infinito onde se emboscavam a morte e mil perigos; a própria mulher não passava de um receptáculo que continha os pênis terríficos e os excrementos perigosos. Sua cutis delicada e todos os outros atributos femininos eram encarados por ele como sendo uma capa superficial a encobrir a destruição que se verificava no interior; e, se bem que os atributos femininos lhe agradassem, ele os temia ainda mais por se constituírem em sinais de sua natureza pérfida e traiçoeira.

Ao equiparar o pênis com pedaços de fezes, meu paciente deslocou ainda mais para o corpo de sua mãe o medo que lhe inspirava o pênis paterno, e o aplicou igualmente aos excrementos venenosos e perigosos de seu pai. Desta maneira ele procurava encobrir e esconder dentro da mãe todas as coisas às quais temia e odiava. Mas esse processo de deslocamento havia fracassado, como se pode inferir do fato de os objetos angustiosos ocultos se imporem novamente a B. sob a forma de seios e nádegas femininos. Estes simbolizavam perseguidores que estariam saindo do corpo da mulher para observá-lo; e, como ele me disse com evidente repugnância e angústia, jamais teria ousado golpeá-los ou atacá-los devido ao pavor que sentia à simples idéia de tocá-los.

Ao mesmo tempo em que havia deslocado para o corpo de sua mãe — que se transformara em objeto de horror para ele — todas as coisas que despertavam o seu medo, havia idealizado em alto grau o pênis e o sexo masculino. Para ele, o homem, em quem tudo era manifesto e claramente visível,

⁵⁴ Como já dissemos no capítulo 4, a cabeça, os braços, as mãos e os pés da mulher são amiúde considerados, no inconsciente, como o pênis internalizado do pai que reapareceu; seus membros — o par de pernas, pés ou braços ou até mesmo os dedos — freqüentemente significam ambos os pais internalizados.

e que não ocultava segredos no interior de si mesmo, era o único objeto belo e natural.⁵⁵ Similarmente, ele havia reprimido fortemente tudo o que se referisse ao interior de seu próprio corpo, concentrando seu interesse em tudo o que era visível na superfície, principalmente em seu pênis. Mas mesmo nesse ponto suas dúvidas eram muito grandes, como se pode ver pelo fato de, aos cinco anos de idade, perguntar à sua babá o que ela achava pior, “na frente ou atrás” (significando pênis ou ânus), ficando muito perturbado quando ela lhe respondeu: “na frente”. Recordou-se igualmente de uma cena, quando contava cerca de oito anos, em que se achava parado no alto da escada olhando para baixo, odiando a si mesmo e às meias pretas que usava.⁵⁶ Suas associações demonstravam que a casa de seus pais sempre lhe parecera especialmente lúgubre — “morta”, de fato — e que ele se julgava responsável por esse estado de ruína, que simbolizava o de seu próprio interior e o do interior de sua mãe, pois teria sido ocasionado por seus excrementos perigosos (as meias pretas). Em consequência da ampla repressão de seu “interior” e do deslocamento deste para “fora”, B. passara a odiar e a temer o “exterior”, não só com referência à sua aparência pessoal, se bem que isso se constituísse numa fonte de contínuos aborrecimentos e preocupações para ele, mas também a outras questões relacionadas. Por certas peças de seu vestuário, principalmente pelas roupas de baixo, por exemplo, ele provava a mesma repugnância que provava pelas meias pretas; o fato de aderirem tão intimamente ao seu corpo era sentido por ele como se fossem inimigos que o estivessem enclausurando e fazendo-o vergar com seu peso.⁵⁷ As roupas íntimas re-

⁵⁵ Como a posse de um pênis era tão necessária para que B. superasse sua angústia, todos os seus temores concernentes ao corpo feminino eram incrementados pelo fato de as mulheres não possuírem tal órgão externo.

⁵⁶ Olhar para baixo significava olhar para dentro de si mesmo. Em outros casos descobri que olhar à distância equivalia a introspecção. Parece que para o inconsciente nada é mais distante e mais impenetrável que o interior do corpo materno, principalmente o interior do próprio corpo.

⁵⁷ Também em outros casos constatei que coisas no exterior do corpo representavam coisas no interior do mesmo. Meu paciente Günther, de seis anos de idade, costumava fazer serpentes de papel, às quais enroscava ao redor do pescoço para depois despedaçá-las. Ele agia desta maneira para dominar o medo não só ao pênis do pai que o estrangulava externamente, mas também ao pênis paterno que o estava sufocando e matando internamente.

presentavam seus excrementos e seus objetos internalizados, que o estariam perseguindo internamente. Em virtude do deslocamento de seus temores aos perigos internos para o mundo exterior, seus inimigos dentro dele haviam sido transformados em inimigos externos.

Passemos agora a considerar a estrutura do caso. O paciente fora nutrido a mamadeira. Como os componentes libidinais não haviam sido gratificados pela mãe, sua fixação oral de sucção ao seio ficara impedida. Essa frustração havia, inclusive, incrementado seus impulsos destrutivos contra o seio, ao qual ele transformara, em sua imaginação, em monstros e bestas perigosas. (Em seu inconsciente ele equiparava os seios femininos a harpias.) Esse processo fora favorecido por sua equação do seio com o pênis paterno, que ele imaginava houvesse sido inserido no corpo materno para agora reemergir. Muito cedo, ademais, começara a assemelhar o bico da mamadeira com um pênis e, em consequência da frustração sofrida com o seio, voltara-se para este último com particular avidez, como objeto de seus desejos orais de sucção. Muito precocemente, por volta de seu segundo ano de vida, fora seduzido pelo irmão que era dois anos mais velho, e esse fato concorrera grandemente para que ele adotasse uma atitude homossexual. O ato de *fellatio*, gratificando seus desejos orais de sucção até então insatisfeitos, fez com que ele se fixasse exageradamente ao pênis. Outro fator foi que seu pai, homem até então muito pouco efusivo, tornou-se mais afetuoso sob a influência do filho caçula. O garotinho determinara-se a conquistar o amor de seu pai e o conseguira. A análise demonstrou que ele encarava essa vitória como prova de sua capacidade de transformar o "mau" pênis paterno em um "bom" pênis. E seus esforços para efetuar uma transformação desse genero e destarte dissipar um grande número de temores constituíram-se, ulteriormente, num dos motivos de suas aventuras homossexuais.

B. tinha dois irmãos. Por Leslie, que o seduzira e que era dois anos mais velho do que ele, nutrira, desde pequenino, grande admiração e amor e o transformara no representante do "bom" pênis, em parte, sem dúvida, devido à gratificação precoce que o ato sexual com o irmão proporcionara aos seus anseios orais. Sua maior ambição fora a de tornar-se digno da amizade de Leslie e de seguir assiduamente seus passos; e, de fato, escolheu a mesma profissão. Sua atitude para

com David, o outro irmão, que era quatro anos mais velho do que ele, já foi bastante diferente. David era filho de um matrimônio anterior de seu pai e B. sentia, provavelmente com razão, que sua mãe preferia os próprios filhos ao enteado. B. não gostava desse irmão e já desde pequenino conseguira dominá-lo, apesar da diferença de idades. Isto se devia, em parte, à atitude masoquista de David e em parte à própria superioridade mental de B. Este descarregava seus impulsos sádicos para com o "mau" pênis sobre o irmão, com quem também mantivera relações sexuais na primeira infância;⁵⁸ ao mesmo tempo, considerava-o como sendo a mãe perigosa que continha os pênis paternos. Seus irmãos, como se verá, eram substitutos das imagos parentais, e foi contra eles que B. ativou suas relações com essas imagos; pois, se bem que fosse dedicado à sua mãe na vida real e a amasse muito mais do que a seu pai, vivia, como sabemos, sob o domínio fantástico das imagos de um "bom" pênis (seu pai) e de uma mãe terrífica. Jamais chegou a gostar de David, mesmo depois de adulto e isso, conforme a análise demonstrou, prendia-se ao intenso sentimento de culpa que provava com relação a esse irmão.

Vemos, por conseguinte, que enquanto numerosos fatores internos encorajavam B. a adotar uma atitude homossexual, numerosos outros fatores externos já estavam, desde cedo, atuando contra o estabelecimento de uma posição heterossexual. Sua mãe lhe era muito afeiçoada, mas ele logo descobriu que ela não amava realmente seu pai e que tinha verdadeira aversão pelo órgão genital masculino em geral. Ao que parece, ele estava certo em sua impressão de que ela era frígida e que desaprovava os desejos sexuais de seu filho; ademais, seu amor acentuado à ordem e à limpeza o corroboravam. As babás que tivera em criança também antipatizavam com tudo o que fosse sexual ou instintivo. (O leitor há de recordar a resposta de sua babá de que "na frente" era pior do que "atrás"). O fato de não ter tido companheiras de folguedo na primeira infância concorreu para impedir seu desenvolvi-

⁵⁸ As relações sexuais de B. com seus irmãos foram interrompidas após o primeiro período da infância e delas não conservara nenhuma lembrança consciente. Por outra parte, recordava-se nítida e detalhadamente de haver infligido grandes tormentos a seu irmão David; este comportamento cruel estava intimamente relacionado, como a análise demonstrou, com as atividades sexuais olvidadas.

mento heterossexual. Se B. tivesse crescido ao lado de uma irmã, seu medo ao misterioso interior do corpo feminino teria sido atenuado, pois ele teria, nesse caso, podido satisfazer muito mais cedo sua curiosidade sexual concernente aos órgãos genitais das mulheres. Com efeito, foi somente aos vinte anos, ao observar o quadro de uma mulher nua, que ele tomou consciência, pela primeira vez, das diferenças anatômicas entre masculino e feminino. Evidenciou-se, no curso da análise, que as saias amplas e volumosas que as mulheres usavam naquele tempo incrementavam desmesuradamente a idéia que ele fazia do interior enorme, desconhecido e perigoso de seus corpos. Sua "ignorância" a respeito dessas questões — ignorância que promanava de sua angústia, mas que havia sido estimulada pelos fatores externos acima descritos — havia propiciado sua rejeição da mulher como objeto sexual.

Em minha descrição do desenvolvimento do menino, mostrei que a centralização da onipotência sádica no pênis constitui um passo importante para o estabelecimento de uma posição heterossexual e que, a fim de que tal passo possa ser dado, é preciso que o ego tenha adquirido capacidade suficiente de tolerar o sadismo e a angústia nos estádios evolutivos anteriores. Em B., essa capacidade era muito limitada. Sua crença na onipotência de seus excrementos era mais vigorosa do que usualmente o é nos meninos.⁵⁹ Por outra parte, seus impulsos genitais e seus sentimentos de culpa haviam se afirmado mui precocemente, trazendo consigo um bom relacionamento objetal e uma adaptação satisfatória à realidade. Seu ego prematuramente fortalecido empreendeu, em consequência, uma repressão violenta de seus impulsos sádicos, particularmente dos que eram dirigidos contra a mãe, de sorte que estes não puderam entrar em contato suficiente com os objetos reais e permaneceram, em sua maior parte, sobretudo no que concernia à mãe, aderidos às suas imagens fantásticas.⁶⁰ Em

⁵⁹ Pela mesma razão ele tinha características femininas fortemente acentuadas e suas sublimações eram de tipo predominantemente feminino. Este ponto será retomado mais adiante.

⁶⁰ A fracassada formação do superego de B. (isto é, a ação exagerada de suas formações de angústia iniciais) não só produziu graves perturbações em sua saúde mental, prejudicando seu desenvolvimento sexual e inibindo sua capacidade de trabalho, mas era a razão pela qual suas relações objetais, se bem que boas em si mesmas, fossem às vezes sujeitas a graves perturbações.

resultado, paralelamente às boas relações que ele mantinha com os objetos de ambos os sexos, existia um medo profundo e dominante às imagos más e fantásticas; e estas duas atitudes em face dos objetos seguiam um curso paralelo porém separado, que em ponto algum chegavam realmente a incidir uma na outra.

Pelas razões acima, B., além de não poder utilizar seu pênis como órgão executivo de seu sadismo contra a mãe, também não podia efetuar seus anseios de restaurá-la por intermédio de seu "bom" pênis do ato sexual.⁶¹ No tocante ao pênis paterno seu sadismo se achava muito menos recalcado. Não obstante, suas tendências edípicas diretas já se achavam entravadas pelos fatores acima examinados, que se opunham poderosamente a que ele atingisse uma posição heterossexual. Assim sendo, seu ódio pelo pênis paterno não pôde ser modificado de maneira normal, e teve de ser, em parte, supercompensado pela crença no "bom" pênis, formando a base de sua posição homossexual.

No curso de sua fuga a tudo o que se referisse às funções anais e ao interior do corpo, e com a colaboração de sua fortíssima fixação oral de sucção ao pênis e dos fatores já descritos, B. desenvolvera desde muito cedo uma grande admiração pelo pênis de outros meninos, admiração que chegava, às vezes, às raias da veneração. Todavia, a análise revelou que, em consequência de sua intensa repressão das questões anais, o pênis se investira de qualidades anais em alto grau. Seu próprio pênis lhe parecia inferior e feio (de fato, completamente "sujo", como se evidenciou) e sua admiração pelo pênis de outros homens e meninos estava sujeita a certas condições. Um pênis que não preenchesse essas condições lhe era repulsivo, pois que nesse caso assumia todas as características do "mau" pênis paterno e das "más" fezes. Todavia, a despeito dessa limitação, ele atingira uma posição homossexual assaz estável. Com referência às suas atividades homossexuais ele não tinha qualquer sentimento consciente de culpa ou inferioridade, pois nelas, suas tendências de reparação, que não haviam podido evidenciar-se na posição heterossexual, realizaram-se completamente.

⁶¹ No capítulo precedente mencionei um ou dois fatores que habilitam o indivíduo de qualquer dos sexos a restaurar seu objeto mediante o ato sexual.

A vida erótica de B. era dominada por dois tipos de objeto. O primeiro, ao qual havia se voltado persistentemente desde a época escolar, consistia em meninos, e mais tarde em homens, destituídos de qualquer atrativo e que se sentiam, com razão, impopulares. Esse tipo correspondia a seu irmão David. B. não obtinha prazer nas relações sexuais com esse tipo de indivíduos, porque seus impulsos sádicos entravam poderosamente em jogo, e ele próprio se dava conta dos tormentos que lhes infligia, fazendo-lhes sentir sua superioridade. Ao mesmo tempo, porém, mostrava-se bom amigo, e exercia sobre eles uma influência mental favorável, ajudando-os de todas as maneiras. O segundo tipo correspondia ao de seu outro irmão, Leslie. B. se apaixonava profundamente por esse tipo de indivíduos, manifestando verdadeira adoração por seu pênis.⁶²

Os dois tipos serviam para gratificar as tendências restitutivas de B. e aliviar sua angústia. Em suas relações com o primeiro tipo, copular significava restaurar o pênis de seu pai e o de seu irmão David, aos quais imaginava haver destruído, em decorrência dos poderosos impulsos sádicos dirigidos contra eles. Simultaneamente, identificava-se com o objeto inferior e castrado, de sorte que seu ódio pelo objeto era também dirigido contra si mesmo, e a restituição do pênis desse objeto implicava na restituição de seu próprio pênis. Mas, em última análise, suas tendências restitutivas para com o pênis serviam ao propósito de restaurar sua mãe; pois transpirou que o haver castrado seu pai e seu irmão significava haver atacado os bebês no interior de sua mãe, e ele se sentia profundamente culpado em relação a ela por esse fato. Restaurando os pênis do pai e do irmão ele procurava devolver à mãe um pai e bebês ilesos e um interior intacto. A restauração de seu próprio pênis significava, ademais, que ele possuía um “bom” pênis e que podia proporcionar gratificação sexual a sua mãe.

Nas relações de B. com o tipo Leslie os anseios restitutivos eram menos proeminentes, pois nesse caso se tratava de um pênis “perfeito”. Este pênis “perfeito”, objeto de sua intensa admiração, representava um grande número de contraprovas mágicas aos seus temores. E como, também neste caso, ele se identificava com o objeto amado, o fato deste possuir um pênis “per-

⁶² Certa ocasião ele teve uma aventura com um terceiro tipo de pessoa, que correspondia a seu pai. Esta ocorreu contra a sua vontade, mas ele não pôde evitá-la, o que lhe ocasionou uma forte angústia.

feito" era uma prova de que seu pênis também era "perfeito"; de mais a mais, demonstrava que o pênis de seu pai e o de seu irmão se achavam intactos, reforçando sua crença na existência do "bom" pênis em geral e, outrossim, no estado incólume do corpo de sua mãe. Seus impulsos sádicos encontravam igualmente uma via de escape em sua relação com o pênis admirado, se bem que de maneira inconsciente; também aqui suas atividades homossexuais significavam a castração do objeto amado, em parte devido aos ciúmes que sentia e em parte por querer apoderar-se do "bom" pênis a fim de poder, em todos os aspectos, tomar o lugar do pai junto à sua mãe.

Muito embora a posição homossexual de B. tivesse se estabelecido tão precoce e fortemente, e malgrado ele rejeitasse conscientemente a posição heterossexual, havia sempre conservado, inconscientemente, os objetivos heterossexuais, contra os quais, em sua infância, lutara tão ardentemente em imaginação. Para o seu inconsciente, as diversas atividades homossexuais representavam atalhos conducentes a alvos heterossexuais.

Os padrões impostos por seu superego às suas atividades sexuais eram muito elevados. Na copulação tocava-lhe reparar tudo aquilo que houvesse destruído no interior da mãe. Sua obra de restauração teve início, pelos motivos já citados, com o pênis, mas encerrou-se aqui. Era como se alguém quisesse edificar uma casa magnífica, mas estivesse repleto de dúvidas quanto à qualidade dos alicerces que havia lançado, e persistisse em tornar esses alicerces mais sólidos, sem jamais ser capaz de dedicar-se ao restante da construção.

Assim, a crença de B. em sua aptidão de restaurar o pênis constituía o alicerce de sua estabilidade mental; e quando essa crença se fragmentou, ele adoeceu. Vejamos as circunstâncias em que isso se deu. Alguns anos antes, seu querido irmão Leslie perdera a vida durante uma expedição. Malgrado sua morte tivesse afetado profundamente a B., não desequilibrara sua saúde mental. Ele foi capaz de suportar o golpe porque este não despertou seu sentimento de culpa e tampouco minou em maior grau sua crença na própria onipotência construtiva. Leslie, para ele, fora o possuidor do "bom" pênis mágico e B. pôde transferir sua crença e seu amor por ele a um substituto. Mas eis que David adoece. B. dedica-se ao irmão durante a enfermidade deste, na esperança de curá-lo através de uma vigorosa influên-

cia favorável. Mas suas esperanças vão por água abaixo, pois David vem a falecer. É este o golpe que o alquebra, fazendo eclodir sua enfermidade. A análise demonstrou que este segundo golpe o atingira muito mais duramente que o primeiro devido ao forte sentimento de culpa que alimentava face ao irmão mais velho. Acima de tudo, minara sua crença na própria capacidade de restaurar o pênis danificado. Isto significava que ele teria de abandonar a esperança de poder restaurar tudo aquilo a que, em seu inconsciente, procurava reparar, em última instância sua mãe e seu próprio corpo. A grave inibição no trabalho foi outra consequência da perda de suas esperanças.

Já vimos a razão pela qual sua mãe não podia se tornar o objeto de suas tendências restitutivas, realizadas através da copulação. Ela não podia, portanto, ser um objeto sexual para ele e sim, apenas, o objeto de suas ternas emoções. Mas mesmo assim a angústia e a culpabilidade de B. eram muito intensas; e, além das graves perturbações a que estavam expostas suas relações objetais, suas tendências sublimatórias se achavam impedidas. Resultou que ele, que se preocupava bastante, conscientemente, com a saúde de sua mãe — se bem que, como ele mesmo dizia, ela não fosse exatamente inválida, mas “delicada” — achava-se, em seu inconsciente, totalmente escravizado a essa preocupação. Esta se exprimia na situação transferencial: pouco antes da interrupção de sua análise para as férias (e, como se verificou depois, antes de cada fim de semana e, inclusive, entre uma sessão e outra) ele ficava inquieto, temendo não tornar a ver-me, pois nesse meio tempo eu poderia sofrer algum acidente fatal. Esta fantasia reaparecia continuamente com numerosas variações, todas repetindo o mesmo tema fundamental: que eu seria atropelada por um carro numa rua apinhada de gente. Esta rua era de fato a de sua cidade natal na América e desempenhava um grande papel nas memórias de sua infância. Quando saía a passeio com sua babá ele sempre a atravessava temendo — como a análise demonstrou — jamais tornar a ver sua mãe. Sempre que se achava em estado de depressão profunda costumava declarar, durante a sessão, que as coisas jamais ficariam “boas de novo” e que ele nunca mais seria capaz de trabalhar, a não ser que certas coisas que haviam acontecido no mundo desde quando era pequeno, pudessem ser anuladas, como, por exemplo, que todo o tráfego que

havia passado por aquela rua, não tivesse passado. Para ele, como para as crianças a cuja análise me referi na primeira parte deste livro, o movimento de carros representava o coito entre os pais, que em suas fantasias masturbatórias ele havia transformado em um ato fatal para ambas as partes; assim, B. se tornou uma presa do medo de que sua mãe e ele mesmo (devido à introjeção do “mau” pênis e de seus pais combinados) fossem destroçados pelo perigoso pênis paterno incorporado por ela. Daí seu medo manifesto de que ele e sua mãe fossem atropelados por um carro. Em contraste com sua cidade natal, que ele via como sendo um lugar escuro, arruinado e sem vida, a despeito do fato — ou por causa do fato, como sua análise demonstrou — de possuir um tráfego intenso (isto é, copulação contínua entre seu pai e sua mãe), ele imaginava uma cidade cheia de vida, de luz e de beleza,⁶³ e algumas vezes encontrava essa visão realizada, se bem que por um curto período, nas cidades que visitava em outros países. Essa longínqua cidade quimérica representava sua mãe novamente restaurada em toda a sua integridade e despertada para uma nova vida, e também a restauração de seu próprio corpo. Mas o excesso de sua angústia fazia com que ele sentisse uma restauração desse gênero impossível de ser realizada, e essa era também a causa de sua inibição no trabalho.

Quando B. ainda estava em condições de trabalhar, pôs-se a escrever um livro no qual expunha os resultados de suas pesquisas científicas. Este livro, que ele foi coagido a abandonar quando sua inibição se tornou excessiva, tinha para ele o mesmo significado que a cidade maravilhosa. Cada um dos dados, cada sentença, denotava o pênis restaurado de seu pai e os bebês incólumes, e o livro em si representava sua mãe ilêsa e seu próprio corpo restaurado. Emergiu na análise que seu medo ao “mau” conteúdo de seu próprio corpo era o principal obstáculo às suas faculdades criativas. Um de seus sintomas hipocôndriacos era uma sensação de imenso vazio interior. No plano intelectual, tomou a forma de uma queixa em que todas as coisas

⁶³ Também aqui, cada detalhe de sua linda cidade imaginária representava a restauração, o embelezamento e o aperfeiçoamento tanto do corpo da mãe como do seu, que ele imaginava tivessem sido danificados e destruídos.

que eram valiosas, belas e interessantes para ele perdiam seu valor, se “gastavam”, e de alguma maneira lhe eram tiradas. A causa mais profunda de sua queixa resultou ser o medo de que, ao ejetar suas más imagens e excrementos perigosos, ele houvesse perdido o conteúdo “bom” e “bonito” de seu corpo.

A força motivadora mais poderosa de seu trabalho criativo provinha de sua posição feminina. Em seu inconsciente, havia uma condição imposta: somente se estivesse repleto de bons objetos — efetivamente de bebês lindos⁶⁴ — é que ele poderia criar, isto é, trazer crianças ao mundo. A fim de obedecer a essa condição era-lhe necessário livrar-se dos “maus” objetos internos (e então se sentia vazio); ou então deveria transformá-los em “bons” objetos, assim como quisera transformar o pênis de seu pai e o de seu irmão em “bons” pênis. Se fosse capaz disso, adquiriria a certeza de que o corpo e os bebês de sua mãe e o pênis de seu pai se achavam restaurados; e então seus pais poderiam viver juntos em harmonia, proporcionando-se mutuamente plena satisfação sexual. E B., por identificação com seu “bom” pai, poderia dar bebês a sua mãe e consolidar sua posição heterossexual.

Quando meu paciente retomou seu livro, após catorze meses de análise, sua identificação com a mãe manifestou-se nitidamente, evidenciando-se, na situação transferencial, em fantasias de ser minha filha. B. recordou-se que, quando era menino, ansiava por ser uma menina, conscientemente porque sabia que a mãe teria preferido uma menina, e inconscientemente porque poderia então a tê-la sexualmente. Assim não precisaria temer machucá-la com seu pênis, que era detestável para ela e que ele mesmo sentia ser perigoso.⁶⁵ Mas, a despeito de sua identificação com a mãe e de suas características acentuadamente femininas — características que se revelaram igualmente em

⁶⁴ No capítulo precedente vimos que a crença da menina na onipotência dos excrementos é mais fortemente desenvolvida que no menino, e que esse fator tem uma influência específica sobre o caráter de suas sublimações. Demonstrei a corrente de sublimação que flui do “mau” e feio pedaço de matéria fecal até o “lindo” bebê. A crença de B. na onipotência de seu pênis como órgão executivo do sadismo não era adequadamente eficaz e sua crença na onipotência dos excrementos era relativamente maior; conseqüentemente, suas sublimações eram de tipo nitidamente feminino.

⁶⁵ B. recordava-se de haver tentado inúmeras vezes, quando pequeno, espremer seu pênis entre as coxas a fim de fazê-lo desaparecer da vista.

seu livro — ele não fora capaz de manter a posição feminina. Isto constituiu-se em grande impedimento para as suas atividades criativas, que sempre ficaram, até certo ponto inibidas.

A medida que sua identificação com a mãe e seu desejo de ser mulher foram-se tornando mais patentes na análise, sua inibição no trabalho foi diminuindo gradualmente. Seu desejo de ter filhos e, simultaneamente, suas capacidades criativas haviam sido entravados por seu medo aos objetos internalizados. A mãe cuja rivalidade ele temia era antes e acima de tudo a “má” mãe internalizada, que se achava unida ao pai. Era igualmente a esses objetos internalizados que se referia seu intenso medo de ser observado e espionado. Ele precisava, por assim dizer, preservar deles todos os seus pensamentos, pois cada pensamento representava um pedaço “bom” de si mesmo — um bebê.⁶⁶ Por esse motivo confiava seus pensamentos ao papel o mais rapidamente possível, de molde a protegê-los dos “maus” objetos que se interpunham em seu caminho ao escrever. Tocava-lhe fazer uma separação entre os “bons” e os “maus” objetos no interior de seu corpo, bem como transformar os “maus” em “bons”. Seu trabalho de escrever o livro, assim como todo o processo da produção mental a ele vinculado, eram equiparados, em seu inconsciente, à restauração do interior de seu corpo e à criação de filhos. Esses bebês seriam de sua mãe e ele restauraria sua “boa” mãe internalizada enchendo-a de lindos bebês restaurados e procurando preservar cuidadosamente esses objetos recriados dos “maus” objetos que ele continha dentro de si, e que eram os pais combinados em copulação e o “mau” pênis paterno. Deste modo fazia com que seu próprio corpo também se tornasse são e belo, porque sua “boa” mãe, resplandescente de saúde e beleza, protegê-lo-ia, por sua vez, dos “maus” objetos internalizados. Com essa “boa” mãe restaurada, B. também foi capaz de se identificar.⁶⁷ Os lindos bebês (pensamentos, conhecimentos) com os quais, em sua imaginação, povoara seu

⁶⁶ Seu medo às más imagens, que fazia com que ele procurasse negar e subjugar seu inconsciente em grau acima do normal, teve muito a ver com a inibição de suas faculdades produtivas. Ele jamais conseguiu abandonar-se completamente ao seu inconsciente, de modo que uma fonte importante de sua energia criativa se achava fechada para ele.

⁶⁷ A mulher “pura” e “não tocada” é a mãe que não foi conspurcada ou destruída pelo pênis do pai e por seus perigosos excrementos e que pode, portanto, dar a seu amante substâncias “boas, curativas e puras”, extraídas de seu próprio corpo intacto.

interior, eram crianças que ele concebera em identificação com sua mãe, assim como crianças que ele procriara nela como “boa” mãe, ou seja, a mãe que lhe dera leite e o ajudara a ter um pênis robusto e potente. Só quando ele se viu apto a adotar e sublimar essa posição feminina é que seus componentes masculinos se tornaram mais eficazes e mais frutíferos em seu trabalho.

Na proporção em que sua crença na “boa” mãe se robustecia e em que suas depressões e angústias paranóides e hipochondríacas se tornavam menos intensas, B. se foi tornando cada vez mais capaz de realizar seu trabalho, a princípio dando mostras de grande angústia e compulsão, mas mais tarde com crescente desenvoltura. Paralelamente, verificou-se uma contínua redução de seus sintomas homossexuais. Sua adoração pelo pênis diminuiu e seu medo ao “mau” pênis, que até agora se achava velado por sua admiração pelo “bom” (o belo) pênis, veio à luz. Nesta fase deparamo-nos com um medo especial, ou seja, de que o “mau” pênis internalizado de seu pai se apossara de seu próprio pênis, penetrando nele e controlando-o por dentro.⁶⁸ B. sentia que havia assim perdido o comando de seu próprio pênis e que não poderia usá-lo de maneira “boa” e produtiva. Este medo se manifestara com muita intensidade na puberdade. Naquela época ele lutava com todas as suas forças contra a masturbação e, em consequência, tinha poluções noturnas. Este fato suscitou nele o medo de não poder controlar seu pênis e de que este se achasse possuído pelo demônio. Era por se achar possuído pelo demônio que seu pênis podia mudar de tamanho e tornar-se maior ou menor, e ele atribuía todas

⁶⁸ Em minhas análises de pacientes masculinos de todas as idades tenho não raro deparado com essa situação de perigo especial, em que o “mau” pênis paterno preenche o pênis do sujeito por dentro, tomando assim posse total do mesmo. Por exemplo, um pequeno paciente meu, certa feita, colocou um lápis com a respectiva tampa no fogo. Ele queria que a parte “má” da tampa, que continha alguma coisa forte e dura, se queimasse. A tampa do lápis representava seu próprio pênis e a coisa “má” (o lápis) que deveria ser queimada era o pênis de seu pai. Em outra ocasião colocou um pedaço de madeira no fogo ao mesmo tempo em que apontava seu lápis, explicando que assim fazia para que o “mau” pedaço de madeira queimasse melhor. Deduz-se que em sua imaginação, o pedaço de madeira e o lápis eram inerentes um ao outro, estavam vinculados um ao outro e lutavam um contra o outro. Depois de analisada, esta situação de perigo libertou uma angústia de natureza especialmente intensa que, a meu ver, constitui-se em um obstáculo muito sério para a potência sexual do homem.

as mudanças relacionadas com. seu desenvolvimento à mesma causa.

Esse medo contribuíra grandemente para que ele se desgostasse do próprio pênis e para a sensação de que este era inferior, no sentido de anal, "mau" e destrutivo. Isso suscitou um impedimento importante para que ele adotasse uma posição heterossexual. Como devia supor que o "mau" pênis paterno estaria sempre presente quando mantivesse o coito com sua mãe, coagindo-o a cometer más ações, ele se via obrigado a apartar-se das mulheres. Tornava-se agora evidente que o acento excessivo que ele colocara sobre o pênis como representante do consciente e de tudo o que era visível, e sua múltipla repressão e negação da existência do interior de seu corpo, havia fracassado também neste ponto. Assim que esta série de temores foi analisada, a capacidade de B. para o trabalho aumentou e sua posição heterossexual ficou reforçada.

A esta altura, meu paciente teve de interromper sua análise por algum tempo, pois viu-se forçado a voltar para a América a fim de dar andamento a alguns negócios; mas pretendia regressar e prosseguir com o tratamento. Sua análise, até este ponto, havia ocupado 380 sessões e durado cerca de dois anos. Suas depressões profundas e sua inibição no trabalho haviam desaparecido quase que inteiramente; seus sintomas obsessivos e sua angústia, tanto do tipo paranóide como hipocondríaco, haviam diminuído consideravelmente. Estes resultados nos autorizam, penso eu, a acreditar que um período de tratamento ulterior o habilitará a estabelecer uma posição heterossexual definitiva. Mas a fim de que isto se dê, é necessário conforme o indica a análise já efetuada, que seu medo à imago materna irreal seja ainda mais reduzido, de modo a que seus objetos reais e imaginários, tão amplamente dissociados em seu espírito, possam reaproximar-se; outrossim é preciso que sua crença crescente na "boa" mãe restaurada e em sua posse de um "bom" pênis, além de beneficiar sua mãe internalizada e sua inibição no trabalho, possam favorecer igualmente suas relações com as mulheres como objetos sexuais. Além disso, seu medo ao "mau" pênis paterno deverá ser ainda mais reduzido, a fim de robustecer sua identificação com o "bom" pai.

Vemos, portanto, que os fatores, de cuja forte atuação depende a mudança total da homossexualidade para a heterossexualidade no paciente, são os mesmos fatores cuja presença

foi mencionada na primeira parte deste capítulo, como sendo a condição necessária para o firme estabelecimento da posição heterossexual. Ao traçar o desenvolvimento do homem normal, havia eu assinalado que ele depende da supremacia de uma boa imago materna, que auxilie o menino a superar seu sadismo e suas diversas angústias. Assim como os temores concernentes ao seu próprio corpo e ao de sua mãe são inseparáveis e se influenciam mutuamente, ele não pode restaurar a um sem restaurar o outro. No estágio genital é com essa dupla condição que ele atingirá sua potência sexual. Uma crença adequada no “bom” conteúdo de seu corpo, que se oponha e neutralize o “mau” conteúdo e os excrementos, parece ser necessária a fim de que seu pênis, na qualidade de representante de todo o seu corpo, possa produzir um sêmen “bom” e benéfico. Esta crença, que coincide com a confiança em sua capacidade de amar, está na dependência de que ele acredite suficientemente em suas “boas” imagens, sobretudo em sua “boa” mãe e no corpo intacto e benéfico desta última.

Quando atingiu o pleno estágio genital, o homem volta-se, em suas relações sexuais, à sua fonte original de gratificação, sua mãe generosa, que agora também lhe proporciona prazer genital; e, em parte como retribuição de dádiva, em parte como reparação por todos os ataques que desfechou contra ela desde a época em que lhe injuriou o seio, ele agora doa à mãe o seu sêmen “benéfico”, que a dotará de bebês e restaurará seu corpo, proporcionando-lhe também gratificação oral. A angústia e o sentimento de culpa, que ainda se acham presentes nele, intensificaram, aprofundaram e deram forma aos impulsos libidinais primários do bebê ao seio, conferindo à sua atitude para com o objeto toda aquela riqueza e plenitude de sentimentos a que denominamos amor.

APÊNDICE

ALCANCES E LIMITES DA ANÁLISE INFANTIL

NO QUE se refere ao adulto, a função da psicanálise é clara: consiste em corrigir o curso malogrado de seu desenvolvimento sexual. Para isso, sua meta deve ser a de harmonizar o id com as exigências do superego. E ao efetuar um tal ajustamento, porá o ego, agora fortalecido, em posição de satisfazer também às exigências da realidade.

Mas e a criança? Qual será o reflexo da análise numa vida que ainda se acha em processo de desenvolvimento? Em primeiro lugar, a análise elimina as fixações sádicas infantis, atenuando a severidade do superego, ao mesmo tempo que diminui a angústia e a pressão dos desejos instintivos; e, na medida em que a vida sexual e o superego atingem um estágio mais avançado de desenvolvimento, o ego se expande e se torna capaz de reconciliar as exigências do superego com as da realidade, de modo que suas novas sublimações têm uma base mais sólida e as antigas se despojam de seu caráter espasmódico e obsessivo.

Na puberdade, o destacamento da criança de seus objetos, que deveria acompanhar a intensificação de seus padrões internos, só poderá se efetivar se a angústia e a culpabilidade não ultrapassarem certos limites. Caso contrário, sua conduta terá mais o caráter de uma fuga que de um destacamento genuíno; ou então, ela será incapaz de afastar-se e permanecerá para sempre fixada aos seus objetos originais.

Para que o desenvolvimento da criança seja satisfatório, é preciso que a severidade de seu superego seja mitigada. Por

mais que os padrões próprios a cada idade difiram um do outro, o atingi-los dependerá, em todos os casos, da mesma condição fundamental, ou seja, de um ajuste entre o superego e o id e o conseqüente estabelecimento de um ego adequadamente vigoroso. A análise, favorecendo esse processo, segue e sustenta, etapa por etapa, o curso natural do crescimento da criança, ao mesmo tempo que regula as atividades sexuais infantis. Diminuindo a angústia e a culpabilidade da criança, ela restringe essas atividades, enquanto compulsivas, e promove-as quando deram lugar ao medo ou à fobia de tocar. Afetando assim em conjunto os fatores que se acham na origem de um desenvolvimento defectível, a análise também habilita a criança a expandir livremente o começo de sua vida sexual e de sua personalidade futura.

Nestas páginas procurei demonstrar que, quanto mais a análise penetra nos estratos subjacentes do psiquismo, mais se alivia a pressão do superego. Todavia, devemos perguntar-nos se um tal procedimento analítico em profundidade não correria o risco de diminuir excessivamente a função do superego ou mesmo de aboli-la totalmente. Vimos que a libido, o superego e as relações objetais se formam por interação, e que os impulsos libidinais e destrutivos, além de se fundirem, exercem uns sobre os outros uma ação recíproca; e vimos também que, quando a angústia é resultante do sadismo, aumentam as exigências desses dois grupos de impulsos.¹ Assim, a angústia emanante das situações de perigo iniciais não só exerce uma grande influência sobre os pontos de fixação libidinal e as experiências sexuais da criança, como ainda se acha efetivamente ligada a elas e se converte em elemento dessas fixações libidinais.

A experiência psicanalítica nos demonstra que mesmo um tratamento completo só diminui a força dos pontos de fixação pré-genital e o sadismo da criança, sem jamais suprimi-los totalmente. Apenas uma porção da libido pré-genital pode ser convertida em libido genital. Este fato é igualmente verdadeiro, na minha opinião, no que se refere ao superego. A angústia resultante dos impulsos destrutivos da criança e que reflete tanto qualitativa como quantitativamente suas fantasias sádi-

¹ Enquanto uma certa quantidade de angústia na criança aumenta sua necessidade de amor e forma sua capacidade de amar, o excesso de angústia tem um efeito paralisador sobre ambas.

cas,² funde-se com o medo aos perigosos objetos internalizados, conduzindo a situações de angústia definidas; essas situações de angústia estão ligadas aos impulsos pré-genitais e, como procurei demonstrar, jamais desaparecem totalmente. A análise pode somente debilitar seu poder, na medida em que diminui a angústia e o sadismo da criança. Segue-se, pois, que o superego pertencente aos primeiros estádios da infância não pode jamais renunciar totalmente às suas funções. Tudo o que a análise pode fazer é afrouxar as fixações pré-genitais e diminuir a angústia, auxiliando o superego a avançar dos estádios pre-genitais para o genital. Cada progresso na redução da severidade do superego significa que os impulsos libidinais ganharam terreno sobre os destrutivos e que a libido atingiu o estágio genital em maior medida.

Impomos, implicitamente, limites às possibilidades da análise, ao sustentar que os efeitos das primeiras situações de angústia jamais cessam totalmente de se manifestar. Ignoramos, pois, a existência de uma cura analítica em sentido absoluto, ou de qualquer tratamento psicanalítico que ponha definitivamente a criança ou o adulto ao abrigo de uma reincidência.

Cabe-nos agora considerar os fatores que produzem as enfermidades psiconeuróticas. Deixaremos de lado os numerosos casos em que a enfermidade remonta à primeira infância do indivíduo, mudando algumas vezes de feição no curso de sua vida, ou mantendo, de outras, seu caráter original; limitar-me-ei aos casos em que o desencadeamento da enfermidade data, aparentemente, de um momento determinado. Também aqui, a análise revela que a enfermidade já existia em forma latente; porém, ela só foi reconhecida quando entrou em estado agudo, desencadeado por certos acontecimentos. Isto pode ocorrer quando o indivíduo se defronta, em sua vida, com certos eventos que vêm confirmar suas primitivas situações de angústia dominantes a tal ponto, que a quantidade de angústia nele presente se eleva a um extremo que se torna intolerável para o ego e se manifesta através de uma enfermidade. Ou então, circunstâncias externas desfavoráveis podem adquirir um significado patológico para ele, perturbando o processo de dominar a ansiedade; em resultado, o ego, indefeso, fica exposto à excessiva pressão da angústia. Assim, abalando sua

² Vide capítulo 8.

fé nas imagos protetoras e em suas próprias capacidades construtivas e obstruindo os meios de dominar a angústia, qualquer decepção, por menor que seja, pode dar início à enfermidade, da mesma maneira como um evento que confirme seus primitivos temores na realidade e incremente sua angústia. Esses dois fatores são paralelos até certo ponto; e qualquer ocorrência que haja nos dois sentidos ao mesmo tempo provocará uma enfermidade mental.³

Resulta, dessas considerações, que as primitivas situações de angústia da criança constituem a base de todas as afecções psiconeuróticas. E desde que, como sabemos, a análise não pode jamais, quer na criança quer no adulto, interromper a operação dessas situações, ela também não pode efetuar uma cura completa nem excluir totalmente a possibilidade de que o indivíduo sucumba a uma enfermidade psicológica numa data posterior. Ela pode apenas lograr uma cura relativa e diminuir grandemente a possibilidade de uma enfermidade futura. Eis um ponto de extrema importância prática. Quanto mais a análise puder fazer no sentido de diminuir a força das primitivas situações de angústia da criança e de fortalecer seu ego e os métodos empregados por seu ego para dominar a angústia, mais êxito ela terá como medida profilática.

As variações individuais de composição psíquica, que existem mesmo nas crianças pequenas, impõem outra limitação à psicanálise. A extensão da capacidade desta para resolver a angústia dependerá grandemente da quantidade de angústia presente, das situações de angústia predominantes, e dos mecanismos de defesa principais que o ego tenha desenvolvido nos primitivos estádios evolutivos; em outras palavras, dependerá da estrutura do distúrbio psíquico na infância.⁴

³ Em seu trabalho "The Problem of Paul Morphy" (1931), Ernest Jones descreveu um exemplo onde a causa da enfermidade estava baseada em diferentes mecanismos. Ele demonstrou que a psicose à qual Morphy, o famoso jogador de xadrez, sucumbiu, era devida às seguintes causas: seu equilíbrio mental dependia do fato de que ao jogar xadrez ele era capaz de expressar sua agressão, dirigida contra a imago paterna, de maneira ego-sintônica. Sucedeu que a pessoa a quem ele mais desejava enfrentar como adversário houvesse se esquivado ao desafio, portando-se de maneira a despertar sua culpabilidade; e esta foi a causa que precipitou a enfermidade de Morphy.

⁴ Devemos assinalar que quando uma angústia intensa e sintomas graves se apresentam na análise, a estrutura da enfermidade é amiúde mais favorável do que quando não existem sintomas.

Nos casos muito graves, constatei ser necessário prosseguir com a análise por um longo período — com crianças de cinco e treze anos de idade, entre 18 e 36 meses úteis,⁵ e com certos adultos, ainda mais — antes que a angústia tivesse sido suficientemente modificada, quantitativa e qualitativamente, de modo a que eu me sentisse justificada a declarar o tratamento por encerrado. Por outra parte, a desvantagem de um tratamento tão prolongado é largamente compensada pelos resultados permanentes e satisfatórios alcançados pela análise em profundidade. Em muitos casos é suficiente um período muito mais curto — não mais do que oito a dez meses úteis — para se obter resultados absolutamente satisfatórios.⁶

Várias vezes tenho assinalado nestas páginas as grandes possibilidades que nos oferece a psicanálise infantil. A análise pode fazer pelas crianças, tanto normais quanto neuróticas, tudo o que pode fazer pelos adultos, e ainda mais. Ela pode preservar a criança de muitas das aflições e das experiências penosas por que o adulto atravessa antes de se dirigir ao psicanalista; e suas perspectivas terapêuticas são muito mais amplas. A experiência dos últimos anos proporcionou-me, assim como a outros analistas infantis, boas razões para acreditar que as psicoses e os traços psicóticos, as malformações de caráter, a conduta associal,⁷ as graves neuroses obsessivas e as inibições de desenvolvimento, podem ser curadas quando o indivíduo é ainda jovem. Depois de adulto, essas condições, como sabemos, são inacessíveis ou apenas parcialmente acessíveis ao tratamento psicanalítico. É bem verdade que não se pode prever, na infância, qual o curso que tomará uma enfermidade nos anos futuros. É impossível saber com certeza se ela se converterá numa psicose, numa malformação caracterológica criminal ou numa inibição grave. Mas uma análise bem conduzida de crianças anormais evitaria todas essas possibilidades. Se todas as crianças que apresentam distúrbios graves fossem analisadas a tempo, um grande número de indivíduos que terminam mais tarde encerrados em prisões ou em manicômios, ou que sofrem

⁵ Tive um paciente infantil cuja análise durou 45 meses úteis.

⁶ No capítulo 5 vimos como, em alguns casos em que o tratamento teve de ser interrompido, mesmo alguns poucos meses de análise produziram melhoras consideráveis, diminuindo a angústia nos níveis mais profundos do psiquismo.

⁷ Cf. o artigo de Melitta Schmideberg a esse propósito, "Zur Psychoanalyse, asozialer Kinder und Jugendllicher" (1932).

colapsos nervosos, seriam salvos desta sina e poderiam levar uma vida normal. Se a análise infantil puder realizar uma tarefa desta natureza — e há muitos indícios de que o possa — ela será um meio não só de ajudar ao indivíduo, mas de prestar um serviço incalculável à sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, KARL, *Selected Papers on Psycho-Analysis*, Londres, 1927:
 Ejaculatio Praecox (1917).
 The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes in Dreams and Neurosis (1920).
 Manifestations of the Female Castration Complex (1921).
 A Short Study of the Development of the Libido (1924).
 The Influence of Oral Erotism on Character-Formation (1924).
 Psycho-Analytic Studies on Character-Formation (1925).
- ALEXANDER, FRANZ, *Psychoanalyse der Gesamtpersönlichkeit*, Vienna, 1927.
- BENEDEK, THERESE, Tödestrieb und Angst, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xvii., 1931.
- BOEHM, FELIX, Homosexualität und Polygamie, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. vi., 1920.
 Homosexualität und Ödipuskomplex, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xii., 1926.
 The Femininity Complex in Men (1929), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
- BRUNSWICK, R. MACK, A Supplement to Freud's: History of an Infantile Neurosis *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. ix., 1928.
- CHADWICK, MARY, Über die Wurzel der Wissbegierde, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xi., 1925. Resumo em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vi., 1925.
- DEUTSCH, HELENE, *Psychoanalyse der weiblichen Sexualfunktionen*, Vienna, 1925.
 The Genesis of Agoraphobia (1928), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
 The Significance of Masochism in the Mental Life of Women, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
- FEDERN, PAUL, Beiträge zur Analyse des Sadismus und Masochismus, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. i., 1913.
- FENICHEL, OTTO, Die Identifizierung, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xii., 1926.
 Some Infantile Sexual Theories not hitherto Described (1927), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. ix., 1928.
 Preenatal Antecedents of the Oedipus Complex (1930), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xii., 1931.
 Über respiratorische Introjektion, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xvii., 1931.

- FERENCZI, SÁNDOR, *Contributions to Psycho-Analysis*, Boston, 1916:
 Stages in the Development of a Sense of Reality (1913).
 The Origin of Interest in Money (1914).
 On the Nosology of Male Homosexuality (1914).
Further Contributions to the Theory and Technique of Psycho-Analysis; Londres, 1926:
 Psycho-Analytic Observations on Tic (1919).
 On Forced Phantasies (1924).
 The Problem of the Acceptance of Unpleasant Ideas (1926).
 Attempt to Formulate a Genital Theory (1922), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. iv., 1923.
 The Psycho-Analysis of Sexual Habits (1925), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vi., 1926.
- FLÜGEL, J. C., *The Psychology of Clothes*, Londres, 1930.
- FREUD, ANNA, *Einführung in die Technik der Kinderanalyse*, Viena, 1927.
- FREUD, SIGMUND, *The Interpretation of Dreams*, Viena, 1900.
 Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria (1905), *Collected Papers*, vol. III., Londres 1925.
Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, Viena, 1905.
 Notes Upon a Case of Obsessional Neurosis (1909), *Collected Papers*, vol. III., Londres, 1925.
 Analysis of a Phobia in a Five-Year-Old Boy (1909), *Collected Papers*, vol. III., Londres 1925.
Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci, Viena, 1910. *Totem und Tabu*, Viena, 1912.
 The Predisposition to Obsessional Neurosis (1913), *Collected Papers*, vol. II., Londres, 1924.
 Instincts and their Vicissitudes (1915), *Collected Papers*, vol. IV., Londres, 1925.
 From the History of an Infantile Neurosis (1918), *Collected Papers*, vol. III., Londres, 1925.
Beyond the Pleasure-Principle, Londres, 1920.
Introductory Lectures on Psycho-Analysis (1918), Londres, 1920.
 Certain Neurotic Mechanisms in Jealousy, Paranoia and Homosexuality (1922), *Collected Papers*, vol. II., Londres, 1924.
 The Economic Problem in Masochism, *Collected Papers*, vol. II., Londres, 1924.
 The Passing of the Oedipus Complex, *Collected Papers*, vol. II., Londres, 1924.
Hemmung, Symptom und Angst, Viena, 1926.
Die Frage der Laienanalyse, Viena, 1926, *Resumo em International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VIII., 1927.
The Ego and the Id (1923), Londres, 1927.
 Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes (1925), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VIII., 1927.
 Humour, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. IX., 1928.
Civilization and its Discontents, Londres, 1929.
 Female Sexuality, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XIII., 1932.
- GLOVER, EDWARD, *The Significance of the Mouth in Psycho-Analysis*, *British Journal of Medical Psychology*, vol. IV., 1924.
 Notes on Oral Character-Formation, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VI., 1925.

- HORNEY, KAREN, On the Genesis of the Castration Complex in Women (1923), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. v., 1924.
The Flight from Womanhood, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vii., 1926.
- HUG-HELLMUTH, H. v., Zur Technik der Kinderanalyse, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. vii., 1921.
- ISAACS, SUSAN, Privation and Guilt, *International Journal of Psycho-Analysis* vol. x., 1929.
- JEKELS, L., Zur Psychologie des Mitleids, *Imago*, vol. xvi., 1930.
- JONES, ERNEST, The Theory of Symbolism (1916), *Papers on Psycho-Analysis*, Londres, 1923.
The Madonna's Conception through the Ear, *Essays in Applied Psycho-Analysis*, Londres, 1923.
The Nature of Auto-Suggestion, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. iv., 1923.
The Origin and Structure of the Super-Ego, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vii., 1926.
The Early Development of Female Sexuality, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. viii., 1927.
Fear, Guilt and Hate, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
The Problem of Paul Morphy, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xii., 1931.
- KLEIN, MELANIE, The Development of a Child, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. iv., 1923.
Infant Analysis (1923), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vii., 1926.
The Role of the School in the Libidinal Development of the Child (1923), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. v., 1924.
Zur Genese des Tics, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. vi., 1925.
The Psychological Principles of Infant Analysis, (1926), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. viii., 1927.
Early Stages of the Oedipus Conflict (1927), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. ix., 1928.
Personification in the Play of Children, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art and in the Creative Impulse, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xii., 1931.
- LAFORGUE, RENÉ, Über Skotomisation in der Schizophrenie, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xii., 1926.
- LEWIN, B. D., Kotschmierer, Menses und weibliches Über-Ich, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xvi., 1930.
- OPHUIJSEN, J. H. W. v., On the Origins of the Feeling of Persecution, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. i., 1920.
- RADÓ, SÁNDOR, The Psychic Effects of Intoxicants, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vii., 1926.

- The Problem of Melancholia, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. ix., 1928.
- RANK, OTTO, Das Schauspiel in Hamlet, *Imago*, vol. iv., 1916.
Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung, Vienna, 1919 e 1922.
- REICH, WILHELM, Der triebhafte Charakter, Vienna, 1925.
Die Funktion des Orgasmus, Vienna, 1927.
 Phobie und Charakterbildung, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xvi., 1930.
- REIK, THEODOR, Libido und Schuldgefühle.
Der Schrecken, Vienna. 1929.
- RIVIERE, JOAN, Womanliness as a Masquerade, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
- RÖHEIM, GÉSA, Das völkerpsychologische in Freud's Massenpsychologie und Ichanalyse, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. viii., 1922.
 Nach dem Tode des Urvaters, *Imago*, vol. ix., 1923
- SACHS, HANNS, Gemeinsame Tagträume, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. vi., 1920.
 One of the Motive Factors in the Formation of the Super-Ego in Women (1927), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
- SADGER, J., Ein Fall von multipler Perversion mit hysterischen Absenzen, *Jahrbuch für psychoanalytischen Forschungen*, vol. ii., 1910.
 Über Urethralerotik, *Jahrbuch für psychoanalytischen Forschungen*, vol. ii., 1910.
- SCHMIDEBERG, MELITTA, Psychotic Mechanisms in Cultural Development, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
 A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xii., 1931.
 Psychoanalytisches zur Menstruation, *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogie*, vol. v., 1931.
 Einige unbewusste Mechanismen im pathologischen Sexualleben und ihre Beziehung zur normalen Sexualbetätigung, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xviii., 1932.
 Zur Psychoanalyse asozialer Kinder und Jugendlicher, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. xviii., 1932.
- SEARL, M. N., The Flight to Reality, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. x., 1929.
 The Roles of Ego and Libido in Development, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
 A Paranoid Mechanism as seen in the Analysis of a Child. Resumo em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. ix., 1928.
- SHARPE, ELLA F., History as Phantasy, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. viii., 1929.
 Certain Aspects of Sublimations and Delusions, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. xi., 1930.
- SIMMEL, ERNST, The Doctor-Game, Illness and the Profession of Medicine, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. vii., 1926.
- STARCKE, AUGUST, The Reversal of the Libido-Sign in Delusions of Persecution (1919), *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. i., 1920.

Psycho-Analysis and Psychiatry, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. II., 1921.

STRACHEY, JAMES, Some Unconscious Factors in Reading, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XI, 1930.

SYMPOSIUM ON CHILD-ANALYSIS, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VIII., 1927.

WEISS, EDOARDO, Über eine noch unbeschriebene Phase der Entwicklung zur homosexuellen Liebe, *Internationale Zeitschrift für Psycho-analyse*, vol. XI., 1925.

Obras em espanhol e Edições Mestre Jou.

ABRAHAM, KARL, *Psicoanálisis Clínico*, Ed. Hormé, 1959.

"Eyaculación precoz" (1917). "La valoración narcisista dos procesos excretores en los sueños y en las neurosis" (1920).

"Manifestaciones del complejo de castración femenino" (1921).

Breve estudio del desarrollo de la libido a la luz de los trastornos mentales". *Revista de Psicoanálisis*. — vol. II, n.º 2, 1944.

"La influencia del erotismo oral en la formación del carácter" (1924).

"Estudios psicoanalíticos sobre la formação del carácter" (1925).

BRUNSWICK, R. MACK, "Continuación de la Historia de una neurosis infantil de Freud". *Revista de Psicoanálisis*, vol. V, n.º 3, 1948.

FERENCZI, SANDOR, *Sexo y Psicoanálisis*, Ed. Hormé, 1959.

"Estadios del desarrollo del sentido de la realidad", vol. V, n.º 3, 1948. *Revista de Psicoanálisis*.

"Ontogenia del interés por el dinero", *Revista del Psicoanálisis*, vol. II, n.º 2, 1944. *Sexo y Psicoanálisis*, Ed. Hormé, 1959.

"Nosología de la Homosexualidad masculina", *Sexo y Psicoanálisis*, Ed. Hormé, 1959.

FLÜGEL, J. C., *A Psicologia das roupas*, Editora Mestre Jou, 1966.

FREUD, ANNA, "Psicoanálisis del niño", Ed. Imán.

FREUD, SIGMUND, "Obras completas", 3 vols., Editora Biblioteca Nueva, Madrid, Espanha.

JONES, ERNEST, "Temor, culpa y odio", *Revista de Psicoanálisis*, t. V, n.º 3, 1948.

KLEIN, MELANIE, Contribuciones al Psicoanálisis, Ed. Hormé, 1964. Trad. editada por Mestre Jou, 1970.

RADÓ, SANDOR, "El problema de la melancolia", *Psicoanálisis de la melancolia*. Editado por A. Garma e L. Rascovsky. Associação Psicanalítica Argentina, 1948.

NOTA DA AUTORA, 1958

Depois de 1948, a autora publicou:

Development in Psycho-Analysis, em colaboração com três outros autores (Instituto de Psicanálise e Hogarth Press, 1952).

ON THE CRITERIA FOR THE TERMINATION OF AN ANALYSIS em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XXXI, 1950.

THE ORIGINS OF TRANSFERENCE, em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XXXIII, 1952.

THE PSYCHO-ANALYTIC PLAY TECHNIQUE; ITS HISTORY AND SIGNIFICANCE, em *New Directions in Psycho-Analysis* (Tavistock Publications, Ltd., 1955).

ON IDENTIFICATION, em *New Directions in Psycho-Analysis* (Tavistock Publications, Ltd., 1955).

Envy and Gratitude (Tavistock Publications, Ltd., 1957, e Basic Books, Nova Iorque).

ON THE DEVELOPMENT OF MENTAL FUNCTIONING, em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XXXIX, 1958).

NOTA DA AUTORA, 1948

Nenhuma alteração no texto deste livro foi feita desde a primeira edição e, do mesmo modo, a bibliografia não foi atualizada. Desde 1932 foram publicados os seguintes trabalhos da autora:

WEANING, publicado em *On The Bringing up of Children*, por cinco psicanalistas sob a direção de John Rickman (Kegan Paul, Trench, Trubner and Co. Ltd., 1936).

LOVE, GUILT AND REPARATION, publicado em *Love, Hate and Reparation*, duas conferências de Melanie Klein e Joan Rivière (Instituto de Psicanálise e Hogarth Press, 1937).

SOME PSYCHOLOGICAL CONSIDERATIONS, em *Science and Ethics*, sob a direção de C. H. Waddington (Allen and Unwin, 1942).

NOTES ON SOME SCHIZOID MECHANISMS, publicado em *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XXVII, 1940.

Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945 (Instituto de Psicanálise e Hogarth Press, 1948). (Trad. editada por Mestre Jou, 1970)

LISTA DOS PACIENTES

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Diagnóstico</i>	<i>Págs.</i>
Rita	2;9	Neurose obsessiva	25-30, 31, 47, 59, 60, 137n., 157n., 220n.
Trude	3;3	Neurose infantil; incontinência da urina e fezes	27, 28, 35, 48, 57-59
Peter	3;9	Neurose infantil grave	41-47, 48, 49, 88n.
Ruth	4;3	Neurose infantil grave	33, 53-57, 59
Kurt	5	Neurose infantil, traços nitidamente psicóticos	151-156
Franz	5	Neurose infantil grave; dificuldades educacionais importantes	161-166, 333n.
John	5	Neurose infantil grave	225-227
Erna	6	Neurose obsessiva; traços fortemente paranóides	34, 65-91, 109, 150n. 174n., 263-264n., 282n.
Günther	6	Desenvolvimento anormal do caráter, traços psicóticos	161-166, 344n.
Grete	7	Esquizóide	94, 95
Inge	7	Normal	94, 97-99, 109, 110n.
Werner	9	Neurose obsessiva, dificuldades caracteriais	102-104
Egon	9;6	Começo de esquizofrenia	104-108, 109n., 112n.
Kenneth	9;6	Desenvolvimento anormal do caráter; inibições graves e angústia	99-103, 109
Ilse	12	Esquizóide	127-135, 166, 167n.
Willy	14	Normal	120, 121, 123-125
Gert	14	Perturbações neuróticas	166, 168
Bill	14	Perturbações neuróticas	123

- | | | | |
|--------|----|--|---------|
| Sr. A. | 35 | Homossexualidade manifesta, perturbações da potência sexual; neurose obsessiva grave com elementos paranóicos e hipocondríacos | 335-341 |
| Sr. B. | 35 | Homossexualidade; profunda inibição no trabalho; depressão; mania de dúvida; idéias paranóides e hipocondríacas | 341-357 |

ÍNDICE DE AUTORES

- ABRAHAM, KARL, 83n., 122n., 174,
175n., 179n., 180n., 181, 182n.,
188, 193, 194, 199n., 206, 213n.,
223n., 230n., 263, 272n., 280n.,
317n.
- ALEXANDER, FRANZ, 207n.
- BENEDEK THERESE, 177n.
- BOEHM, FELIX, 102n., 183n., 314n.,
320n., 334.
- BUNSWICK, R. MACK, 216n., 217n.
- CHADWICK, MARY, 319n., 325n.
- DEUTSCH, HELENE, 56n., 262n., 268n.,
278, 281n., 287, 294, 297.
- FEDERN, PAUL, 317n.
- FENICHEL, OTTO, 95n., 186n., 191,
192, 198n., 209n.
- FERENCZI, SANDOR, 131n., 160n.,
197n., 200n., 207n., 222n., 230n.,
271n., 299n., 318n., 334n.
- FLUGEL, J. C., 130n., 246n.
- FREUD, ANNA, 20.
- FREUD, SIGMUND 19, 28n., 32, 38n.,
59, 60n., 80, 81n., 82n., 146n., 159,
170, 175, 177, 178n., 180n., 182,
187-188, 189-190, 191, 193, 194,
195n., 196n., 204n., 207n., 212,
213-219, 220, 221, 223n., 229-231
232, 237, 240, 243n., 248-249, 252,
257, 259, 261, 269, 271n., 297,
301n., 303, 305, 300-311, 334n.
- GLOVER, EDWARD, 174n., 175n., 178n.,
291n., 203n.
- HORNEY, KAREN, 261n., 280n., 281n.,
285-286, 314n.
- HUG-HELLMUTH, H. V., 19.
- ISAACS, SUSAN, 189.
- JEKELS, L., 208n.
- JONES, ERNEST, 98n., 186n., 291n.,
201n., 209n., 227n., 260, 267,
272n., 282n., 283, 284n., 286,
304n., 262n.
- LAFORGUE, RENÉ, 197n., 207.
- LEWIN, B. D., 294n.
- MICHAELIS, KAREN, 288n.
- OPHUIJSEN, J. H. W. V., 175, 198n.,
271n.
- RADO, SÁNDOR, 177n., 179n.
- RANK, OTTO, 180n.
- REICH, WILHELM, 141n., 191n., 318n.,
326n.
- REIK, THEODORE, 163n., 165n.
- RIVIERE, JOAN, 98n., 127n., 191n.,
283.
- ROHEIM, GÉZA, 198n., 203n., 217n.
- SACHS, HANNS, 158n., 169n., 279n.,
303n.
- SADGER, J., 180n., 334n.
- SCHMIDEBERG, MELITTA, 108n., 164n.,
197n., 198n., 199-200n., 273n.,
284n., 287n., 295n., 363n.,
- SEARL, M. N., 58, 149n., 165n., 182n.,
191n., 231n.
- SHARPE, ELLA F., 131n., 209n.
- SIMMEL, ERNEST, 199n.
- STARCKE, AUGUST, 77n., 198n., 271n.
- STRACHEY, JAMES, 91n.
- WEIS, EDOARDO, 326n.

ÍNDICE ANALÍTICO

- Acumulação obsessiva, 225, 226-227, 275, 276.
- Adaptação, interna, 149.
- à realidade, aparente, 35, 143.
- dificuldades da, 75, 143, 147-148.
- efetuada pela análise, 35, 86.
- excessiva, 96, 129, 147, 148, 251n.
- sucesso da, 35, 36, 148, 201, 202, 242.
- social, efetuada pela análise, 37, 57n., 84, 103n., 132, 134.
- perturbações da, 66, 128, 275n.
- Adultos, diferença entre a neurose da criança e a dos, 146-147.
- estabilização com os, 243.
- estado, transição para o, 85, 135.
- idiosincrasias dos, 140.
- Afanis, 260, 267, 304n.
- Afeto, ausência de, 104, 133, 147.
- sua expressão na análise, 87, 88.
- sua expressão na puberdade, 119.
- Agressão e conflito edípico primitivo, 28, 89, 98-99, 179, 187-188.
- origem da angústia e da culpa, 27, 28, 82n., 133, 177, 204.
- (Ver também *Impulsos destrutivos e sadismo*.)
- Alimentação, em equação com o objeto, 212.
- em equação com as substâncias corporais, 212.
- Amamentação, 301.
- angústia e cólera no momento da, 176.
- fobias da, 218.
- masturbação em relação à, 159.
- Ambiente e neurose, 26n., 36n., 116, 250n.
- Ambivalência, 53, 79, 122, 147, 175, 208, 264.
- Amnésia, 39, 167.
- Amor, capacidade de, 292, 357.
- condições do, 156, 255, 267, 268, 270, 288-290, 291-293, 325.
- perda de, 59, 188, 240, 254n., 303-304n.
- (Ver também *Relação afetiva*.)
- Amphimixis, 318.
- Anal, fantasia sádico-, (Ver *Fantasia*).
- estádio sádico-, (Ver *Estádio, sádico-anal*).
- relação afetiva de tipo. (Ver *Relação afetiva*.)
- Análise das crianças, ab-reação, na, 33n., 34, 87.
- abstinência na, 86n.
- ação na, 33, 34, 100, 101, 135-136.
- aceitação de uma terceira pessoa na, 53, 116.
- Base da, 360-364.
- comparada à do adulto, 39, 101, 102.
- comportamento sexual na, 360.
- duração da, 363.
- durante a puberdade, 119-123, 126-128, 137.
- interrupção da, 120, 136.
- em período de latência, 94-97.
- posição dos pais em face da, 113-118.
- princípios da, 37-39, 101.
- profunda, 58, 135-136, 360, 363.
- questões colocadas para a criança na, 109-111.
- relação direta com o inconsciente na, 36, 96, 111.
- relatos monótonos e sem imaginação na, 110-111.
- técnica especial, na, 104-109.
- técnica mista na, 100-104.

- terminada, 85, 150, 151.
 treinamento necessário na, 137.
 Análise das criancinhas, 33n., 35.
 como base da análise das crianças,
 134-135.
 técnica da, 36, 38, 47.
 Análise dos jogos, 25-113, 151-158.
 Analista, abstenção de medidas edu-
 cacionais da parte do, 19n., 20,
 37, 88, 116, 165, 166.
 arrumação do gabinete do, 41, 87n.,
 276n.
 atitudes do, 45n., 89.
 discrição profissional do, 114.
 formação do, 135, 137.
 relações entre os pais e o, 113-118.
 Analítica, estabelecimento da situa-
 ção, 37, 38, 56, 57, 93-94, 96.
 situação, 36, 44n., 45n.
 (Ver também *Transferência*.)
 Anatómica. (Ver *Diferença anatômica
 dos sexos*.)
 Angústia. (Ver também *Temor, Crises
 de angústia, Objetos de angústia, Si-
 tuações de angústia*.)
 e aumento da agressão, 163, 184-
 185, 197-198, 204, 227, 228, 271,
 275, 282.
 e aumento da introjeção, 195-196,
 265, 298, 318.
 e aumento do impulso epistemofí-
 lico, 240, 319.
 e desejo obsessivo de saber, 223.
 e domínio da. (Ver *Domínio*.)
 e exclusão da realidade, 217.
 extensão tomada pela, 199, 208.
 como fator de desenvolvimento, 192,
 193, 210, 238.
 como fator de inibição, 155, 192,
 238n.
 e formações reacionais, 223.
 grau de tolerância à, 81n., 283, 318
 347.
 e libido, 154, 165, 175-177, 265, 266,
 360.
 negação da, 197-198.
 sua origem na agressão, 27, 28, 82n.,
 205.
 e projeção, 193, 195-196, 199, 212,
 297, 298.
 projeção inibida, 107.
 e relações com a realidade, 199-201,
 241, 268n.
 seu término na análise, 32, 51, 58-
 59, 85, 127, 135, 136.
 e transferência negativa, 48.
 sua transformação em prazer, 245.
 Animal. (Ver *Fobias*.)
 Aniversários, significação dos, 144-
 145.
 Aprender, modos de, 51, 52, 238.
 Aprendizagem da higiene e da culpa,
 223.
 e hostilidade, 34, 71.
 e sedução, 80, 81.
 Aritmomania, 225.
 Associais, tipos, 134, 209, 363.
 Associações verbais, 30, 32, 39n., 49-
 50, 93, 101, 105, 107-109, 137,
 233.
 Ataques ao corpo da mãe. (Ver tam-
 bém *Interior da mãe*), 57, 107, 180,
 316.
 e impulso epistemofílico, 90, 99, 182,
 201, 232, 233, 239, 319.
 sádico-anais, 181.
 sádico-orais, 180, 181, 261, 275, 314.
 sádico-uretrais, 180, 181, 281.
 Ataques secretos, 194, 198.
 violentos, 184, 198.
 Atitude maternal, 79, 157-158, 244,
 254, 285, 296-302, 326.
 Atitude passiva com a menina, 199,
 265, 285n., 305, 307-308.
 Ato sexual, e dominação da angús-
 tia, 168, 266, 267, 278, 288, 292, 319,
 331, 332.
 estimulantes dos, 161-167, 266, 287,
 319, 321.
 e impulso epistemofílico, 319, 335.
 influência da análise sobre os 160,
 166, 167, 168, 360.
 obsessivos, 165, 167, 270, 360.
 em período de latência, 133-134,
 159, 160, 165, 169, 247, 248.
 e sadismo, 124, 125, 160, 162-164,
 168, 169-170, 265-267, 271, 294,
 300, 332, 346, 349.
 temor aos, 266-267, 270, 300, 321,
 349.
 e tendências reparadoras, 287, 322,
 323, 357.

- Automatismo de repetição.** (Ver *Compulsão à repetição*).
- Automutilação,** 28n., 143, 211.
- Aventura.** (Ver *Fantasia*s).
- "Bondade"** exagerada, 26, 131, 148, 242.
- Brincar.** (Ver também *Jogos*), de comprador e vendedor, 63, 70, 77, 98.
de construir casas, 63.
de dormir, 27.
de empregado de escritório, 46, 63, 97.
de mamãe, 63, 244.
de médico, 63.
de professor(ora), 34, 62, 67, 76, 97, 98.
de viajante, 63.
- Características,** 248-249, 251.
do adolescente, 245, 251, 254.
do adulto, 243.
da criança em período de latência, 132, 242, 249.
- Castração.** (Ver *Complexo de castração*.)
- Catatonia,** 198.
- Cena primária,** 26n., 33, 46, 47, 49, 69, 81, 90, 186.
- Censura,** temor à, 28, 213n.
- Cerimoniais,** 29, 103n., 140, 141, 219, 248.
- Cisão,** 208, 254, 291.
(Ver *Imagens, divisão da Imagem parental; Imagem materna, divisão da; e Imagem paterna, divisão da*.)
- Claustrofobia,** 316n.
- Clitoris,** 83, 279, 286, 294, 296n.
- Coito, anal,** 265.
como ato benéfico, 289, 323, 335-345.
conhecimento inconsciente do, 182.
oral, 182, 260, 310.
representações do, 49-50, 94.
sádico, 183, 265, 270, 294-295, 319, 328, 334, 352.
a três, 43, 46, 154, 289.
- Coito parental, agressão contra o,** 27, 46, 66, 67, 68, 78, 88n., 89, 90, 162, 163, 186, 229, 265-266, 332.
fantasias sobre o, 162.
reações ao, 42, 43, 45, 46, 71, 78, 82, 131.
representações do, 43, 46, 49, 60, 71, 83, 131, 162.
temor ao, 102, 184, 266, 274, 295, 308, 315, 320, 328, 330.
- Companhia.** (Ver *Ambiente*.)
- Complexo de castração,** no homem, 90, 124, 126, 245, 247, 319-320, 326, 328, 332, 343n., 349.
na mulher, 48n., 98, 126, 127, 261, 262n., 280-283, 295, 296.
e tendências restitutivas, 283, 284.
- Comportamento sexual,** desinibido, 100.
- Compulsão à repetição,** 33, 34, 165, 268n.
- Concepção, incapacidade para a,** 99, 300.
- Conduta vampíresca,** 179n.
- Conflito edípico, e agressividade,** 27, 179, 186-187, 229.
declínio do, 159-160, 188, 190n.
estádios ulteriores, 186, 290-293, 320-323.
fim do, 187-188, 190n.
início na fase narcisista, 230.
inícios devidos à frustração oral, 89, 173, 179.
precursores do, 204.
primeiros estádios do, 27, 27n., 28, 173, 184-189, 191, 260-265, 309-310, 314, 315.
- Conhecimento.** (Ver *Impulso epistemológico*.)
- Consciência mórbida.** (Ver *Doença*.)
- Constipação intestinal,** 227.
- Constituição.** (Ver *Fatores, constitucionais*.)
- Conteúdos do corpo.** (Ver também *Interior da mãe*.)
"bons", 274-277, 298, 299, 330, 353, 357.
em equação com o inconsciente, 273, 327, 331.
horror do conteúdo da mulher, 342, 343.
incerteza do indivíduo aos, 223, 226, 276, 277, 344.
"maus", 265n., 274-277, 298, 299, 328, 352, 353, 357.

- Corpo. (Ver também *Interior da mãe*), estrutura do, feminino, 277, 279, 303.
 intacto, 223, 245, 253-255, 303, 305.
 restauração do, 228, 288n., 352, 353, 357.
 suas substâncias em equação, 225, 316, 326, 344, 354, 355.
 (Ver também *Conteúdos do corpo*.)
- Corpo da mãe, ataques ao. (Ver *Ataques ao corpo da mãe*.)
 contendo objetos, 201, 260, 274, 275, 317, 324n.
 como figura combinada dos pais, 328.
 interior do, equacionado com o do indivíduo, 316, 327, 344, 354, 355.
 medo ao, 332, 343, 347.
 como mundo externo, 317-318.
 restauração do, 245, 275, 288, 349, 350-351, 352-353.
- Criança, dificuldades de sucção na, 175.
 equacionada com as fezes, 27, 297, 298, 299, 306.
 nascimento de uma, 71, 73, 300, 307.
 (Ver também *Irmãos e irmãs*.)
 em relação com o pênis, 297, 300, 306.
 em relação com um pênis pequeno, 298, 301n.
 relações com sua própria, 71, 79, 244, 254, 296-302.
- Crianças normais, análise das, 97, 124n. 147, 149.
 comparadas com as crianças neuróticas, 139, 149-150, 248.
 dificuldades neuróticas nas, 124n., 149.
- Criminal, comportamento, 162n., 196, 209, 363.
- Crises de angústia, 38, 53-59.
 e pavor nocturnus, 26, 56, 58n.
 sua prevenção na análise, 57-59.
- Culpa. (Ver *Sentimento de culpa*.)
- Cunnilinctus, 167.
- Defecação e angústia, 226.
 e sadismo, 27, 45, 186, 227.
- Defesa, 178, 195, 197, 207, 209, 321.
 e recalçamento, 193, 224, 240.
- Defloração, 278.
- Desejos de morte, 49n., 131, 183, 229, 334.
- Delírio. (Ver *Paranóia*.)
- Dentada. (Ver *Sadismo oral*.)
- Deuses, armas para atacar, 181, 266.
- Dentista, 120.
- Depressão, 26, 66, 75, 77, 78n., 80, 82n., 124n., 128, 150, 157, 211, 276, 341, 352, 356.
- Desconfiança no período de latência, 93.
 como sinal de angústia, 38.
 como sinal de transferência negativa, 51.
- Desenho obsessivo, 106, 111, 112, 122, 128, 129.
- Desenvolvimento do ego, e angústia, 192, 240-256.
 na menina, 253-257, 303-311.
 precocidade do, 81, 82n.
 e sentimento de onipotência, 256, 289.
 e superego, 244.
 e tendência reparadoras, 239, 240, 256, 289, 305, 327.
- Desenvolvimento sexual, sucesso final do, 289.
- Deslocamentos, de cima para baixo, 262n.
 em coisas insignificantes, 231, 232, do pênis do pai ao corpo da mãe, 183, 322, 330, 331, 343.
 do seio da mãe ao pênis do pai, 181n., 263, 330-331.
- Desmame, (Ver também *Amamentação*), 81, 89, 179.
- Destruição. (Ver *Impulsos destruidores*.)
- Diferença anatômica dos sexos, efeito da, 272, 277, 305.
- Diferenças sexuais, ignorância sobre, 347.
 preocupação com as, 94, 95, 107.
- Dificuldades na educação, 58n., 71, 76, 80, 81, 99, 102, 128-132.
 e dificuldades caracterológicas, 140, 141, 146.
 diminuídas pela análise, 26n., 36, 37, 42, 57n., 100n., 103n., 132, 133.
- Disciplina e culpa, 222,

- hostil, 34, 71.
sedução, 80, 81.
Doença, "o demônio da", 164n., 284n.
início da, 26n., 56, 81, 249, 251n., 351, 361, 362.
"insight" da, 30, 34, 66, 93, 96, 101, 103n., 109, 134.
física, 58n., 145, 167n., 228.
reação em face da, da mãe, 57, 58.
Domínio da angústia, 50, 237, 254-255, 256, 257, 316, 362.
e atividades sexuais, 255, 266, 267, 292, 293, 319.
através do jogo, 238.
durante o período de latência, 245, 246-251, 253.
durante a puberdade, 251, 255.
na menina, 244, 245, 253-255, 264-268, 298-302.
no menino, 245, 246, 316, 317-319.
modo feminino do, no menino, 253n.
modo masculino do, na menina, 253
patológico, 237, 243-245.
em relação com o objeto introjetado, 201, 208, 240.
em relação com objeto real, 50, 57, 208, 239, 240, 241, 251, 268n., 290, 316.
Dor, hipersensibilidade à, 143.
indiferença, 143.
Dormir, cerimônias para, 29, 56, 57, 140, 220.
Dúvida e angústia, 223, 226, 276, 277.
mania da, 242.
e obsessão, 23, 232, 276, 362.

Educação. (Ver *Dificuldade na educação, Medidas educativas.*)
Ego, e angústia, 175-177, 361.
nas crianças muito pequenas, 192.
formação do. (Ver *Desenvolvimento do Ego.*)
fortalecimento pela análise, 21, 36, 37, 133, 359.
seu grau de tolerância na angústia, 81n., 255, 283, 318, 347.
seu grau de tolerância no sadismo, 347.
e identificações, 305, 306, 308.
e impulsos destruidores, 177.
seu papel na análise, 20, 96, 111.

no período de latência, 20, 96, 192, 248n.
Ejecção. (Ver *Projeção.*)
Enemas, 309.
Enurese, 27, 37, 45n., 57, 186, 281, 282.
e queimadura, 62n., 180.
Envenenado, idéias de estar sendo, 71, 78n., 137n., 212, 333.
Epistemoilico. (Ver *Impulso epistemoilico.*)
Ereção, 317.
Esclarecimento sexual, 36, 94, 95, 106.
Escolar, (Ver *Trabalho escolar.*)
Escotomização, 197n., 207, 238n.
Esfíncter, moralidade do, 222n.,
Esperma, 69, 71, 212, 326n., 335, 357.
Esportes. (Ver também *Jogos*), 121, 122, 123, 124.
inibições nos, 140, 142, 250.
Esquizofrenia, 104, 196, 197.
Esquizóides, traços, 127.
Estabilização, no adulto, 243, 254.
no período de latência, 242, 247, 248.
Estádio genital, acesso ao, 187, 218, 328, 357.
Estádio oral de sucção, 174, 262, 329, 345.
e "boas" imagens, 274.
(Ver também *Imagens*.)
e estágio oral de mordida, 173-175, 179n., 206.
e heterossexualidade, 204, 205.
e homossexualidade, 204, 313, 348.
e libido, 175.
Estádio sádico-anal, primitivo, 181, 192, 193, 194, 198, 200n., 209, 218, 220.
ulterior, 194, 207, 209, 218, 219, 223.
Excrementos, ataques por meio dos, 77, 78, 90, 184, 198-200, 227, 271, 272, 299, 333, 344.
equacionados com outras substâncias, 212.
equivalentes à criança, 297-300.
equivalentes ao pênis, 70, 77n., 198n., 329, 343.
equivalentes aos perseguidores, 77n., 198n.

- medo de seus próprios, 198, 222, 229, 333.
 equivalentes a insetos, 77, 333.
 e menstruação, 295.
 onipotência, dos 271-273, 282, 305, 306, 347.
 perigosos, 184, 198, 300, 305, 306, 316, 342.
 em uma relação afetiva, 69, 73, 77, 78n.
 sublimação dos, 299.
 Exibicionismo, 44, 100.
 Experiências infantis, 27, 39, 44, 123, 125, 167, 345.
 Exteriores (externos), fatores. (Ver *Fatores*, exteriores.)
- Fadas, 211n.
 "mãe fada", 241n.
- Fantasiás, (Ver também *Teorias sexuais*).
 de inundação, 180.
 lúdicas e desenvolvimento, 155-158.
 masoquistas, 69, 83.
 masturbatórias. (Ver *Fantasiás masturbatórias*).
 megalomaniacas, 75, 152, 232, 333.
 orais, 55, 69-73, 82, 89, 96, 162, 164, 262, 274.
 sádicas, duas categorias de, 266.
 sádico-anais, 27, 45, 46, 77, 78, 90, 153, 181, 221, 222, 226, 227, 271, 299, 342-344.
 Fantasiás de aventura, 103, 121n.
 do coito parental. (Ver *Coito Parental*).
 Fantasiás forçadas, método ativo para, 131.
 Fantasiás masturbatórias e atividades comuns, 248.
 duas categorias de, 265, 266.
 e conflito edípico, 186.
 como defesa em face da realidade, 76.
 da menina, 265, 266, 278, 282.
 repressão das, 33, 160, 248.
 sádicas, 83, 126, 160, 162, 186, 270, 271, 278.
 e sublimações, 33, 158, 160, 161, 247, 248.
- Fase fálica, na menina, 280.
 pós-fálica, 285, 287, 310.
 Fase sádica, período inicial da, 198, ulterior, 198-200.
 Fatores constitucionais, 80, 81, 170, 175, 221, 291n., 318n., 329n.
 exteriores, externos, 174, 175, 290-294, 303, 360, 362.
 filogenéticos, 182.
Fellatio, 50, 141, 162, 167, 265, 271, 282n., 345.
 Feminina. (Ver *Posição feminina*).
 Festas, significação das, 144.
 Fezes. (Ver *Excrementos*).
 Figura mista dos pais, 101, 108, 183, 241n., 265, 266, 274, 289, 308, 315, 316, 321, 328.
 Figuras "protetoras", 201, 211n., 241n., 274, 291, 292, 300, 330, 362.
 Fixação, à mãe, 26, 28, 41, 53, 56, 58n., 66, 79, 128, 132, 133, 240, 241n., 275.
 pré-genital, 153, 155, 156, 174, 219, 240, 313, 359.
 reforçamento da, 166, 168, 228, 240, 360.
 resolução da, 39, 44, 78, 168, 361.
 Flatos, 271, 272n., 333.
 Fobias animais, 212-218, 321.
 (Ver também *Angústia e Temor*).
 Formação do caráter, 80, 141, 145, 162n., 175, 206.
 Formação do ego. (Ver *Desenvolvimento do ego*).
 Formações reacionais, 223, 249, 298, 299, 306.
 ausência de, 162n.
 Formação do superego 30, 173, 187-192, 193, 212, 221, 244.
 influência da fixação oral na, 206, 207.
 influência dos impulsos do id sobre a, 28, 189n., 191, 192, 195, 207, 264.
 na menina, 264, 302-308.
 e relações objetais, 191, 195, 196, 212, 290.
 Frigidez, 160, 270, 278, 286, 290, 293, 346.
 Frustração, incapacidade para tolerar, a, 26, 36, 41, 144, 149.
 oral, 98, 99, 174, 175, 182, 203,

- 260, 261, 262, 274, 275, 280, 310, 313, 345.
 como punição, 98, 144.
 "Fuga da realidade" ("Flight to reality"), 149n., 165n.
- Gravidez, 27, 29.
 Gratificação libidinal e domínio da angústia, 266, 267.
- Hans, o "pequeno Hans", 19, 214-218.
 Heterossexualidade, abandonada, 152, 216.
 aquisição da, 78, 124n., 133, 151, 153, 158, 204, 218, 286, 292, 324, 356, 357.
 e fixação oral, 204.
 Hipocondria, 197, 342, 352.
 Higiene. (Ver *Aprendizagem da Higiene*.)
 "Homem Lobo", o, 214-218.
 Homossexualidade, feminina, 76, 77, 78, 98, 99, 133, 280n., 282-284, 286, 289n., 323.
 e fixação oral, 203, 204, 313, 329-331, 345.
 masculina, 47, 151n., 152, 183, 203, 204, 216, 289n., 324, 331-363.
 e paranóia, 216, 217, 332, 333, 334, 341, 342.
 e sadismo, 76, 77, 78, 162, 163, 164, 216, 217, 282, 289, 330, 331, 334.
 Humor, 38n., 189n.
- Id, divisão do, 178.
 Idéias de referência, 341, 342.
 (Ver também *Temor e Paranóia*.)
 Idéias mórbidas, 66, 99, 102, 143.
 Identificações, 30n., 203n., 207, 249n., 305, 306, 308.
 primárias, 188n.
 Imaginação, e desenvolvimento sexual, 247.
 libertação da, 39, 111, 112.
 no período de latência, 93, 96, 110, 121n., 245.
 na puberdade, 119-123.
 recalcamento da, 93, 96, 110, 127, 128, 147, 245.
 Imago materna, "Boa", como base de uma "boa" imago paterna, 308.
 como base de um bom superego, 330.
 divisão da, 57, 208, 241, 291, 321, 346.
 em harmonia com a imago paterna, 308.
 primária, 273n.
 representada pelo seio, 206.
 Imago paterna, "boa", baseada em uma "boa" imago materna, 206, 308.
 divisão da, 121, 252.
 sob a forma de lobo, 316.
 sob a forma de pênis, 102, 264, 291.
 sob a forma de vendedor, 131.
 em harmonia com a imago materna, 308.
 primária, 188, 264.
 Imagos, benéficas, 208, 211, 267.
 distribuição das, 50, 209, 291, 346.
 equacionadas com o inconsciente, 327.
 exageradamente boas e más, 206.
 harmonia entre as, 308.
 heterogêneas, 242.
 dos pais. (Ver também *Figura mista dos pais*), 101, 162, 315, 320, 328, 330.
 relação com os objetos reais, 141, 189n., 201, 206, 208, 210, 264, 329n.
 separação da imago parental, 321, 328.
 terrificantes, 201, 209, 210, 222, 308, 330, 348.
 Impulso epistemofílico, e angústia, 95, 240, 319.
 atividade normal do, 149.
 e atos sexuais, 319.
 aumento do, 111, 112, 239, 324n.
 e o corpo da mãe, 201, 239, 308, 319.
 no menino, 324.
 obsessivo, 148, 149, 223.
 os primeiros infícios do, 98n. 233, 234.
 perturbações, do, 98, 99, 107, 124n., 130, 143, 145, 148, 233, 234.

- e sadismo, 90, 99, 183, 232, 233, 234.
e sentimento de culpa, 95.
- Impulsos destruidores, 47, 106, 252, 315.
e angústia, 82n., 163, 177, 178, 188, 196, 227, 228, 267.
desvio dos, 268, 269, 271.
e libido, 176, 204, 205, 207, 266, 360.
(Ver também *Agressão e Sadismo*.)
- Impulsos genitais, e conflito edípico, 77.
e fase de exacerbação do sadismo, 267.
e impulsos pré-genitais, 173, 185, 186, 262, 264, 279.
e modificação do sadismo, 206, 314, 357.
- Impulsos orais e superego, 206, 264.
- Incesto e impulsos destruidores, 186, 229.
- Inconsciente, contato com o, 32, 33, 39, 93, 96.
equacionado com os conteúdos do corpo, 273, 327, 331.
como fonte de energia criadora, 354n.
- Incontinência de urina. (Ver *Enurese*.)
- Incorporação, parcial, 83, 189, 264.
do pênis do pai pela mãe, 49, 89, 183, 260, 297, 314.
- Indicações para o tratamento analítico, 139-150.
- Infância, experiências na. (Ver *Experiências infantis*.)
"inocência" da, 301.
- Inibições, na aprendizagem, 66, 84, 90, 132.
na escrita, 110n.
no jogo, 26, 33, 41, 46, 61, 107, 142, 143, 148, 151, 156, 248n.
nos jogos ativos, 140, 250n.
na linguagem, 105, 107.
no trabalho, 90n., 232, 247, 341, 354.
- Instinto de morte, desvio do, 177, 179, 269.
e instinto de vida 205, 209.
- Instrutor (ora). (Ver *Professor, (ora) de escola*.)
- Interiorizado. (Ver *Introjeção e Objetos introjetados*.)
- Intérpretação, aceitação da, 31, 49n., 88n.
detalhada, 31.
efeitos da, 36, 54-56, 113, 129.
método da, 36, 37, 51, 58, 59, 109, 110.
profunda, 49, 50, 52, 58.
em relação com a angústia e o sentimento de culpa, 31, 55n., 57, 110, 111, 135.
resistência à, 35, 49n., 88n., 120.
em situação analítica, 31, 51, 56.
dos símbolos, 52.
em tempo oportuno, 47, 48, 51, 58, 94, 120, 129, 135.
- Introjeção interação da, com a projeção, 195, 201-202.
na menina, 264, 265, 303, 304, 318.
e relações sexuais, 265, 266.
- Introspecção, 344n.
- Intuição, 315.
- Inundação. (Ver *Fantasias de inundação*.)
- Inveja, 55, 69, 70, 78, 82, 89, 128, 131, 132, 182, 260, 263, 274, 280, 310, 329.
- Inveja do pênis, 261, 262, 263n., 280.
primária e secundária, 286.
- Irmãos e irmãs, melhora, através da análise, de suas relações, 42, 57, 58n., 124, 166, 167, 168.
nascimento de, 26, 54, 73, 74.
relações entre, 35, 42, 43, 74, 97, 151n.
relações sexuais entre, 49, 124, 126, 128, 134, 161-170.
- Jogo, desenvolvimento das fantasias nos, 155-158.
de faz-de-conta, 63, 96.
das meninas, 244.
dos meninos, 245.
típico, 63.
- Jogos, (Ver também *Brincar*), 28, 30-31, 34, 35n., 61, 150, 151, 153, 155, 156, 238, 244-246.
com a água, 31, 33, 50, 55, 61, 62, 68, 69, 96.

com bonecas, 29, 157, 158, 244, 254.
 com caminhões, automóveis etc.,
 42, 43, 45, 47, 66, 105, 106, 120,
 121, 151, 153-155, 322.
 c domínio da angústia, 238, 239,
 245.
 e fantasias masturbatórias, 33, 158,
 168, 247.
 inibições nos, 33, 61, 143, 148, 151.
 interpretação dos 36, 43.
 limitação dos, 105, 106, 122, 123,
 151, 157.
 mudança de, 31, 62, 99.
 obsessivos, 105, 106, 142, 158.
 personificação nos, 62, 96, 97, 163,
 201n., 241n.,
 relação das criancinhas com a rea-
 lidade nos, 74, 244.
 similitude dos, com o sonho, 30, 31,
 44, 152, 239, 244.

 Lamória, 26, 28n., 143.
 Latência, período de, análise no, 38,
 65, 85, 87n., 93-114, 127.
 atividades imaginativas no, 93, 96,
 110, 122, 245.
 comparado com a primeira infân-
 cia, 38, 93, 242, 243, 245.
 comparado com a puberdade, 119,
 132, 133, 251.
 dependência em face do objeto no,
 132, 133, 242, 250, 251.
 estabilização no, 242-244, 247, 251n.
 o jogo, no, 96, 245.
 padrões do, 132, 242, 247, 249, 251.
 precoce, 123.
 prolongamento do, 122, 126, 131,
 reserva no, 93, 94.
 Late, 55, 71, 355.
 "bom", 274, 281n., 302, 306.
 equacionado com as outras sub-
 stâncias do corpo, 212, 281, 282,
 302n., 326n.
 insuficiência de, 33, 174n., 281n.
 Libido, insatisfeita e angústia, 175-
 177.
 (Ver também *Situações de angús-
 tia.*)
 e instinto de morte, 176, 186, 187,
 205, 207, 267, 360.
 (Ver também *Instinto de morte.*)

Linguagem, e impulso epistemofílico,
 98n., 233, 234,
 perturbações da, 37, 105, 108.

Mãe, agressão contra a, 56, 57, 59,
 98, 181, 227, 266, 310.
 (Ver também *Ataques ao corpo da
 mãe e Interior da mãe.*)
 castradora, 49, 101, 183.
 corpo da, (Ver *Corpo da mãe.*)
 gratificante, 274, 289, 326.
 melhora das relações com a, 79,
 133, 153, 222, 227, 241, 295, 310.
 primeira ligação da menina à,
 309-311.
 real e imaginária, 29, 75, 79, 346.
 ressentimentos contra a, 233, 261,
 275, 285, 310.
 temor de ser abandonada pela, 56,
 57, 131, 238, 240, 241.
 temor de ser atacada pela, 57, 76,
 241.
 Magia, 209, 229, 272, 281, 317.
 varinha mágica, 69, 72, 317.
 Maldades (malvadezas), 26, 37, 134,
 140, 141.
 Mania, de contar. (Ver *Aritmomania.*)
 de dúvida, 242.
 Masoquismo, erógeno, 177, 268,
 fantasias. (Ver *Fantasias, maso-
 quistas.*)
 feminino, 269, 287, 290, 292n., 293.
 e impulso destruidor, 163, 164, 269.
 primário, 177n.
 Masturbação, do clitóris, 83, 279,
 294.
 na criança, 102, 229.
 desinibida, 159, 161n.
 durante a hora analítica, 75, 83,
 86n.
 como fenômeno normal, 161.
 interferência dos pais com, 104,
 116n.
 luta contra a, 93, 159, 160, 247,
 248, 355.
 e magia, 229, 317.
 mútua, 162.
 obsessiva, 47, 83, 84, 86, 122, 161.
 representação do ato de, 43, 49,
 101, 105, 123.

- da vagina, 83, 277, 286.
- Material, de análise, 50, 58, 112, 113, 129, 136.
- ponto de urgência no, 51, 52.
- representação do, 31, 32, 33, 39, 59-63, 95-97, 112, 122.
- Mecanismos obsessivos, e angústia, 225.
- no desejo de saber, 148, 149, 223.
- no desenho, 94, 111, 129.
- durante o coito, 270.
- da dúvida, 242.
- no estudo, 94, 104, 111, 130, 143.
- na maneira de contar, 225, 234.
- na masturbação, 47, 83, 84, 86, 122, 160-161.
- mudança do objeto, 270.
- de tomar e dar, 225, 228, 275.
- Medidas educativas, abstenção na análise de, 20n, 21, 37, 88, 115, 129n, 136, 166.
- Medicina, origem da, 164n, 284n.
- Medo. (Ver também *Angústia* e *Situações de angústia*.)
- dos ataques anais, 240.
- dos ataques da mãe, 48, 56, 59, 71, 76, 90, 101, 127, 240, 260, 277, 295.
- da auto-agressão, 103, 177, 250.
- de coisas inanimadas, 140.
- de estranhos, 53, 140.
- da figura mista dos pais. (Ver *Figura mista dos pais*.)
- de figuras fantásticas, 211.
- de ladrões e assaltantes, 65, 83, 282n.
- de morte, 125.
- da morte da mãe, 57, 59, 240, 351.
- dos objetos introjetados. (Ver *Objetos introjetados*.)
- do pai. (Ver *Complexo de castração*.)
- de peixe, 204n.
- do pênis do pai no interior do próprio pênis, 355.
- da perda do amor, 59, 187, 240, 254n., 303n.
- dos próprios excrementos, 198, 222, 333, 344.
- de ruas, 140.
- de ser abandonado, 56, 59, 131, 240, 244, 254.
- de ser devorado, 215, 309.
- de ser envenenado, 78n., 137n., 212, 233.
- de ser observado. (Ver *Paranóia*.)
- de ser sufocado, 281n., 344n.
- de telefone, 140.
- de viagens, 140.
- Megalomania. (Ver *Fantacias*, *megalomaniacas*.)
- Melancolia. (Ver *Depressão*.)
- Menstruação, 126, 294-296.
- Movimentos estereotipados, 105, 142.
- "Mulher com pênis", a, 100, 101, 102, 108.
- Mundo exterior (externo). (Ver *Realidade exterior*.)
- "Não saber", 99, 131, 226, 277, 347.
- Narcisismo, no homem, 276n.
- na mulher, 255, 272, 276n.
- Nariz, enfiar o dedo no, 75, 141.
- Neurose obsessiva, 26, 102, 218-232
- durante o período de latência, 219, 249.
- durante a puberdade, 252.
- fatores da, 175.
- história de um caso de, 65-91.
- mecanismos da, 218, 251n.
- ponto de partida da, 218-221, 249.
- primeira manifestação e angústia, 223.
- como processo de cura, 218n.
- e psicose, 149, 218, 224, 225.
- e sintomas isolados, 219, 220.
- Neuroses, e ambiente, 36n., 117.
- frequência das, 146, 147.
- e psicoses, 149, 194, 210-218, 321n.
- sem sintomas, 147, 148, 363.
- sintomas das. (Ver *Sintomas*, *neuróticos*.)
- tratamento profilático das, 124n., 150.
- Nutrição, condições de, 174, 175.
- Objeto de amor, escolha do, 79, 327, 331.
- mudança do, 270, 325.
- Objeto de angústia. (Ver também *Angústia*.)
- admiração pelo, 213.

- identificação com o, 82, 163, 282.
medo do, 188, 213, 218, 343.
modificação do, 213, 218.
- Objetos, de amor. (Ver *Objeto de amor*.)
de angústia. (Ver *Objeto de angústia*.)
dependência face aos, 133-134, 148, 242, 250, 251.
distanciamento dos, 208, 264n.
intercambiáveis, 214.
introjetados, interiorizados. (Ver *Objetos introjetados, interiorizados*.)
reais e imaginários, 206, 356.
relações de. (Ver *Relações objetais*.)
separação dos, 156, 168, 251n., 252, 342, 359.
- Objetos introjetados, interiorizados, amor aos, 197n., 299, 307.
ataques aos, 193, 196, 198.
como defesa contra os impulsos destruidores, 178.
e masoquismo, 163, 268.
medo dos, 30, 108, 163, 164, 196, 197, 199, 200, 264, 265, 282, 295, 351-357.
primitivos, 273.
projeção dos, 214.
- Obsessivo. (Ver *Dúvida, Jogo, Masturbação, Mania, Mecanismos, Neurose, Sintomas*.)
- Onipotência, sentimento de, construtivo, 231, 232, 273, 289, 306, 327, 328.
e desenvolvimento do ego, 256, 272n., 289, 306, 327.
destrutivo, 231, 232, 255, 272, 282, 289, 306, 327, 347.
dos excretas, 271-273, 281, 289, 304, 306, 317, 327, 347, 353n.
dos gestos, 230n.
das idéias, 229, 230, 264, 304, 305.
das palavras, 230n.
dos pênis, 272, 282, 303, 316, 317, 347.
do pênis introjetado, 282, 303, 307.
- Oral. (Ver *Fantacias, Impulsos, Sadismo, Estádio*.)
- Órgãos genitais, denominação dos, 29, 30, 42, 43, 44.
- Orgasmo alimentar, 179n.
- Pai, atitude para com o, baseada na atitude para com a mãe, 310, 329.
identificação da menina com o, 98, 99, 280-285.
instrumento do coito, 78, 264n.
medo em face do, 101, 153, 158, 189n.
melhora, através da análise, das relações com o, 57n., 79.
primitivo, o, 189, 203n.
representado pelo pênis, 83, 102; 183, 264, 287, 346.
(Ver também *Pênis do pai*.)
como superego, 189, 190.
- Pais, e análise infantil, 113-118.
coito dos. (Ver *Coito parental*.)
efeito das boas relações entre os, 291, 308.
figura mista dos. (Ver *Figura mista dos pais*.)
melhora, através da análise, das relações entre filhos e, 26n., 37, 57n., 58n., 79, 84, 86, 97n., 132, 153.
- Papai Noel, 211n.
- Paranóia, e ataques ao corpo da mãe, 76, 199, 225, 310.
e fobias, 212, 218.
e heterossexualidade, 293, 332.
e homossexualidade, 76, 77, 78, 91, 216, 217, 282, 333, 341-343.
e inibições na linguagem, 106-109.
e neurose obsessiva, 65-91, 149, 217, 218, 224, 225.
ponto de partida da, 91, 199, 224, 225.
e primeiras situações de angústia, 224.
e sadismo anal ou uretral, 77, 78, 198n., 271, 309, 310.
e sadismo oral, 77, 182n., 215-216.
temores paranóicos, 78n., 108, 109, 211, 212, 216.
(Ver também *Idéias*.)
- Parceiro sádico, 268, 270, 290, 292n.
- Paratímia, 26.
- Pavor nocturnus. (Ver *Terrores nocturnos*.)
- Pênis. (Ver também *Seio e Teorias sexuais*.)
como atributo de masculinidade, 261, 307.

- em equação com a criança, 297, 300, 306.
- em equação com os excrementos, 70, 77n., 198n., 333, 342, 343.
- idealização do, 343, 350, 355.
- como instrumento de sadismo, 180, 272, 347, 348.
- inveja do. (Ver *Inveja do pênis*.)
- "mau" em "bom", 284, 324, 345, 348.
- medo do próprio, 355.
- e narcisismo, 272n.
- onipotência do. (Ver *Onipotência*.)
- orgulho do, 325, 327.
- reação à ausência do, na mulher, 342, 342n.
- como representante do ego e do consciente, 273, 327, 331, 356.
- seguro, 277, 327, 331, 332.
- seu tamanho pequeno, estimado positivamente, 298, 301.
- Pênis do pai, agressão contra o, 89, 90, 91, 99, 263, 264, 270, 272, 314, 315, 318, 321, 322, 324, 335, 346.
- (Ver também *Teorias sexuais*.)
- como atributo da mãe, 183n., 263, 322, 343n.
- como superego, 264, 265, 307.
- desejo oral do, 89, 98, 260-265, 273, 280, 314.
- e desenvolvimento sexual, 260, 271, 274, 280-284, 289, 300.
- no interior da mãe, 49, 55, 89, 90n., 102n., 182, 183, 200, 274, 319-323.
- (Ver também *Interior da mãe e Teorias sexuais*.)
- introjeção do, 89, 261, 264, 265, 329.
- medo do, 184, 188, 263, 315, 316, 321, 343, 344.
- perseguidor, 198, 199, 333.
- reparação do, 348-350, 353.
- sobreestima do, 262, 263, 319.
- Perigo instintivo. (Ver também *Situações de angústia*), 177, 178.
- Período de sucção, 33, 80, 174, 329n., 344.
- Perseguição, delírios etc., de. (Ver *Paranóia e Medo*.)
- Personalidade, limitação da, 243.
- Polegar, sucção do, 27, 55, 58, 67, 75, 79, 82.
- Poluções noturnas, 355.
- Pontos de fixação, 194, 199, 210, 360, 361.
- Posição feminina, exagerada, na menina, 127.
- na menina, 97, 289-292.
- no menino, 152, 247n., 281, 313-314, 315, 324, 352.
- (Ver também *Complexo de castração*.)
- Posição masculina na menina. (Ver *Complexo de castração*.)
- Potência sexual, aquisição da, 156, 226.
- perturbações da, 155, 160, 180, 316, 331.
- Precocidade sexual, 66, 86.
- Presentes. (Ver também *Aniversários e Festas*), 78n., 144, 147.
- Professor(ora) de escola, representado no jogo, 33, 67, 97, 98.
- raiva contra, 121.
- Prognóstico, 84, 147, 158, 250, 251, 363n.
- Projeção, fatores estimulantes da, 193, 196, 199, 200, 265, 298, 316.
- inibição da, 197.
- em interação com a introjeção, 195, 201, 235, 240.
- mecanismo da, 177, 193, 196, 197-201.
- e mecanismos fóbicos, 212.
- nas mulheres, 304, 305.
- Prova da realidade, 86, 179, 239, 267, 268, 277, 279, 305, 317, 318.
- Psicoses, durante a puberdade, 251.
- e neuroses, 149, 194, 209-218, 321n.
- ponto de partida das, 200, 210, 211.
- e primeiras situações de angústia, 195, 197-200.
- sintomas. (Ver *Sintomas, psicóticos*.)
- Puberdade, análise durante a, 119-123, 126-128, 137.
- características da, 243, 251, 359.
- etapa da transição na, 84, 97, 132, 133.

- na menina, 126-134, 242, 243, 251, 252.
no menino, 119-126, 242, 243, 251, 252.
psicoses durante a, 251.
separação dos objetos durante a, 168, 252n., 252, 359.
- Queimadura, 62n., 180, 355n.
(Ver também *Enurese*)
- Raiva, 27, 71, 87, 102, 128, 176, 278.
- Realidade exterior (externa), adaptação à realidade. (Ver *Adaptação e Prova da realidade.*)
fuga da, 75, 76, 104, 129n., 197, 198, 212, 217.
intrapsíquica 197, 208, 238n., 298n.
sua introdução na análise, 75.
sua introdução no jogo, 96, 157.
sua introdução nas fantasias, 78. (Ver também *Fantasias.*)
reforço da, 96, 223, 246, 331.
relações com a, 34, 35, 75, 86.
recursos à, 86, 96, 149n., 165n., 179, 267, 268, 279, 306, 317, 318.
- Realizações, na menina, 253, 307.
no menino, 247, 252.
no período de latência 246, 250.
na puberdade, 252, 253
significação inconsciente das, 246.
das tendências creativas, 352, 353.
- Recortar papel, 31, 62, 68, 89, 106, 156.
- Regressão, nas fobias, 215
na formação do superego, 187.
(Ver também *Formação do Superego e Desenvolvimento do Ego.*)
na neurose obsessiva, 219.
- Relação afetiva de tipo anal. (Ver também *Estádio sádico-anal*), 73, 77, 78n., 153
- Relações objetais, fatores determinantes das, 206,
e formação do superego, 191, 195, 196, 201, 206, 290.
- Relações sexuais entre as crianças, 49, 123, 124, 126, 128, 134, 161-169, 220, 292, 331, 332.
- e cumplicidade, 164, 170, 292-294, 332.
e medidas preventivas, 169.
- Reparação, e atos obsessivos, 230.
e atos sexuais, 286-290, 322-324, 347, 349, 350.
e desenvolvimento do ego, 287, 288.
e dominação da angústia, 240.
incapacidade de, 223, 225-227, 231, 232, 276, 277, 350, 362.
mãe como objeto de, 322, 323, 325, 349.
mecanismos de, 208, 223, 231, 232.
modo feminino de, 275, 276, 277.
e posse do pênis, 283, 284.
e sentimento de onipotência, 231.
e superego, 209.
- Repetição. (Ver *Compulsão à repetição.*)
- Repressão, e defesa, 193, 207.
primária, 178.
recusa crítica em lugar de, 37.
"Ruins de pegar no peito", 174.
- Ruminação obsessiva. (Ver *Dúvida obsessiva.*)
- Sadismo, anal. (Ver *Estádio, sádico-anal.*)
e angústia, 184, 192, 266, 271, 282.
e conflito edípico primitivo, 26-28, 90, 185, 187.
fase de exacerbação do, 184, 185, 187, 200, 205, 210, 216, 222, 233, 266, 314, 327.
grau de tolerância do, 308, 347.
inconsciente, na criança de tenra idade, 205, 206.
medo do próprio, 103.
muscular, 178n., 180.
oral. (Ver *Sadismo oral.*)
e paranóia. (Ver *Paranóia.*)
primário, 269.
e superego primitivo, 188-192, 193, 206, 207.
uretral, 69, 199, 227, 281.
uretral e sadismo oral, 180, 262, 263.
- Sadismo oral, associado ao sadismo uretral, 180, 262, 263.
e desenvolvimento do ego, 81n., 275.

- e frustração, 174.
 e impulso epistemofílico, 99, 182, 232.
 e impulsos destruidores, 175.
 prematuro, 175, 330.
- Sangue**, 69, 302n.
- Sedução**, 125, 162, 163, 294n., 345.
- Seio**. (Ver também *Pênis*), ataques sádico-orais contra o, 89, 179, 273-301, 302, 313.
 ataques sádico-uretrais contra o, 180, 281, 302.
 equivalente de harpias, 345.
 como figura mista dos pais, 328.
 como mãe, 83, 201, 273, 328.
 e pênis. (Ver também *Pênis*), 89, 98, 181n., 203, 206, 262, 272, 273, 274, 310, 313, 326n., 329n., 345.
- Sentimento de culpa**, e agressão, 28, 187.
 e angústia, 209, 228.
 devido aos atos sexuais, 123, 124, 125, 134, 165, 166.
 e impulso epistemofílico, 233.
 inconsciente, 133, 162, 167, 209, 221, 229, 230, 309.
 ligado às tendências destruidoras, 159, 160.
 e tendências reparadoras, 209.
- Simbolização**, baseada em identificações, 200-201n.
- Sintomas**, remoção dos, através do medo, 250n.
- Sintomas neuróticos na criança**, 139-142.
 comparados aos dos adultos, 140, 141, 144, 146, 147, 148.
 comparados ao comportamento normal, 139, 148, 149, 150.
 reaparecimento dos, 84, 117, 141, 362.
- Sintomas obsessivos**, 29, 104, 356.
- Sintomas psicóticos**, 91, 198, 218, 363.
 ocorrência invariável dos, 211.
- Situações de angústia**. (Ver também *Angústia*), ação ulterior das, 257, 320, 361, 362.
 duas categorias de, 316.
 influência da realidade sobre as, 290, 361.
 na menina, 59, 90, 126, 260, 261, 267 270, 274, 277, 294, 304.
 no menino, 326, 327, 330n.
 modificação das, 240, 256, 257, 267, 321.
 primitivas, 59, 90, 176-179, 183, 184, 212, 218, 222, 223, 225, 256, 260, 265-267, 268n., 270n., 304, 309, 310, 315, 316, 318, 326-330, 350, 361, 362, 363.
 e psicoses, 195, 197, 200, 210, 224.
- Situações perigosas**. (Ver *Situações de angústia*.)
- Sonhos**, 35, 49, 101.
 neuróticos, 238.
 duas semelhanças com o jogo, 30, 31, 44, 152, 238.
- Sono**, perturbações do, 65, 79, 84, 139, 140.
 (Ver também *Terrorres noturnos*.)
- Sublimação**, acentuação pela análise da capacidade de, 155.
 e desenvolvimento sexual, 156.
 e dominação da angústia, 241, 248, 253n., 255.
 e fantasias masturbatórias, 33, 158 160, 247, 248.
 e fantasias reparadoras, 209, 275, 289.
 modo feminino de, no homem, 253n
 na mulher, 275, 299, 306, 307, 353n.
- Substâncias corporais**, equação entre as, 262, 326n.
- Sugar** e esvaziar, 179, 182.
- Suicídio**. (Ver *Tendências suicidas*.)
- Superego**, como animal terrificante, 212, 214.
 e aumento do sadismo, 72n., 164 197, 228.
 da criança comparado ao do adulto 191, 192.
 formação do. (Ver *Formação do superego*.)
 sua influência sobre os atos sexuais, 165, 294, 350.
 modificação de sua severidade, 207 208, 212, 218.
 modificação de sua severidade pela análise, 21, 37, 326n., 359.
 e neurose obsessiva, 219n., 221 224, 229, 249.

- núcleos do, 178n., 188.
 "precursores" do, 191.
 e primeiras situações de angústia, 192, 195, 196, 212, 213, 264, 347n.
 projeção do, 193, 207, 210, 212.
 seu papel na angústia, 192, 209, 221, 228, 294.
 seu papel no sentimento de culpa, 209, 221, 228,
 seu papel nos sonhos, 35n.
 sua relação com o ego, 191, 192, 207-210, 227, 243, 244, 247, 249, 359.
 sua relação com o id, 72n., 243, 248, 251, 359, 360.
 sua relação com o objeto, 210, 213, 291.
- Tendências destruidoras. (Ver *Impulsos destruidores*.)
 reacionais, 68, 96, 239, 322.
 suicidas, 211.
- Teorias sexuais. (Ver também *Fantasias*), coito contínuo entre os pais, 199n.
 e herança filogenética, 182.
 mãe repleta de pênis, 321, 329, 343.
 multiplicidade de pênis, 183, 199.
 pênis paterno no interior do pênis, 355n.
 pênis paterno no útero, 183n.
 e sadismo, 182-184, 266.
 e sentimento de culpa, 184, 266.
 "Terceira pessoa", a, 59, 68, 89, 155.
 Terrores noturnos, 26, 27, 56, 58n., 66, 140, 185.
 (Ver também *Crises de angústia*, de cólera.)
 Tique, 142, 161.
 Trabalho escolar, 130, 245, 246.
- aritmético, 90.
 dificuldades no, 97, 130, 131, 132, 247.
 escrita, 90, 130, 245, 246.
 leitura, 91, 245.
 Traços esquizóides, 127.
 Transferência, estabelecimento rápido da, 47, 50.
 índices da, negativa, 47, 51.
 negativa, 120.
 positiva, 52, 53.
 resolução da, negativa, 39, 48, 49, 50, 51, 54, 120.
- Unhas dos dedos, como armas de ataque, 181, 266.
- Uretral, erotismo, 280n., 286.
 sadismo. (Ver *Sadismo*, uretral.)
- Urina, "boa", curativa, 73, 284, 306, 323.
 equacionada com a alimentação, 212.
 instrumento do sadismo, 72, 180, 198n., 199, 227, 271, 281, 284, 302, 318.
 (Ver também *Queimadura*.)
 simbolizando o leite, 281.
 simbolizando o esperma, as fezes etc., 69.
- Vagina, e ânus, 278, 286.
 benéfica, 279, 289.
 e boca, 262n., 278, 286.
 conhecimento da, 277, 278.
 funcionamento da, 262n., 278.
 perigosa, 188, 270, 271, 278, 285.
 "Vagina, dentada", 188n.
 Vazio, sentimento do, 179n., 227, 352, 353.
 Violação, 124, 126, 162, 163, 165, 170, 278, 294n.

ÍNDICE GERAL

Prefácio à primeira edição.	9
Prefácio à terceira edição inglesa.	13
Nota da tradutora da edição inglesa.	17
Introdução.	19

PARTE I

A TÉCNICA DA ANÁLISE INFANTIL

1. Fundamentos Psicológicos da Análise Infantil.	25
2. A Técnica da Análise da Criança Pequena.	41
3. Neurose Obsessiva numa Menina de Seis Anos.	65
4. A Técnica da Análise no Período de Latência.	93
5. A Técnica da Análise na Puberdade.	119
6. A Neurose na Criança.	139
7. As Atividades Sexuais da Criança.	159

PARTE II

PRIMEIRAS SITUAÇÕES DE ANGÚSTIA E SEU EFEITO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

8. Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego. ...	173
9. As Relações entre a Neurose Obsessiva e os Primeiros Estádios do Superego.	203
10. O Significado das Primeiras Situações de Angústia no Desenvolvimento do Ego.	237
11. Os Efeitos das Primeiras Situações da Angústia sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina.	259
12. Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia sobre o Desenvolvimento Sexual do Menino.	313

APÊNDICE: Alcances e Limites da Análise Infantil . . .	359
Bibliografia	365
Lista dos Pacientes	373
Índice de Autores	375
Índice Analítico	377

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Fone: 209-5077
Av. Antônio Bardella, 280
Guarulhos - São Paulo - Brasil
Com filmes fornecidos pelo Editor

